

Ana Paula Figueira Banza de Figueiredo Santos

A Representação de Vieira: nos bastidores da obra profética.

Tomo I

Universidade de Évora

2000

Ana Paula Figueira Banza de Figueiredo Santos

A Representação de Vieira: nos bastidores da obra profética.



120 872

Tomo I

Universidade de Évora

2000

Ana Paula Figueira Banza de Figueiredo Santos

A Representação de Vieira: nos bastidores da obra profética.

Dissertação apresentada à
Universidade de Évora,
com vista à obtenção do
grau de Doutor em Linguística
Portuguesa Histórica

Tom I

Universidade de Évora

2000

*A meus pais, Augusto e
Teresa Banza , à minha
filha, Mafalda, e ao meu
marido, Rafael.*

Índice Geral

Introdução.....	1-3
-----------------	-----

Parte I - O Homem e a Obra

1- Vieira: o Homem e as suas Ideias.....	7-22
2- Vieira: o Homem e as suas Obras - Orador/Escritor, a fortuna da recepção.....	23-25
Apêndice: Tábua bio-bibliográfica.....	27-31

Parte II - A "Representação Terceira" do Padre António Vieira perante o Tribunal da Santa Inquisição de Coimbra

A Representação dos motivos que tive para me parecerem prováveis as Proposições de que tratava ou Defesa perante o Tribunal do santo Ofício de Coimbra

1- A importância da <i>Representação</i> no conjunto da obra completa de Vieira.....	35-36
2- O texto da <i>Representação</i> : a obra e sua fortuna editorial	
2.1.- Os Manuscritos.....	37
2.2.- O Manuscrito BN e o Manuscrito TT: relação genética entre dois manuscritos autógrafos.....	38-41
2.3.- A <i>Representação</i> na edição de Hernâni Cidade.....	41-46
3 - De BN a TT: análise de uma génese	
3.1.- A "Representação Primeira" ou como provar que Bandarra foi um verdadeiro Profeta.....	47-49
3.1.1.- De BN a TT: as alterações estruturais.....	49-51
3.1.2.- De BN a TT: as alterações linguísticas e estilísticas.....	51-67
3.1.3.- Auto-censura na "Representação Primeira"?.....	67-69
3.2.- A "Representação Segunda" ou como provar que as profecias de Bandarra acerca do Quinto Império estavam certas.....	69-70
3.2.1.- De BN a TT: as alterações estruturais	
3.2.1.1.- As "três" Representações.....	70-72
3.2.1.2.- Supressões e "aditamentos": uma reforma estrutural.....	72-84
3.2.2.- De BN a TT: as alterações linguísticas e estilísticas.....	84-121
3.2.3. - Auto-censura na "Representação Segunda"?.....	121-125
4- A importância da carta <i>Esperanças de Portugal</i> e da <i>Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»</i>	127-132

Parte III - A *Representação* e as obras de carácter profético: unidade ou pluralidade?

1- Da <i>História do Futuro</i> à <i>Clavis Prophetarum</i> , o percurso de uma génese gorada	135-138
1.1. - A <i>História do Futuro</i> e a <i>Apologia</i>	138-156
1.2. - <i>História do Futuro</i> (+ <i>Apologia</i>) / <i>Representação</i>	156-166
1.3. - A <i>Clavis Prophetarum</i> : chave da obra profética de Vieira.....	166-168
Apêndice: "Plano da História do Futuro"	169-176

Parte IV – Conclusões

1- A "retórica cativa"	179-180
2- A <i>Representação</i> possível.....	181-182
3- Uma génese laboriosa.....	183-185
4- A <i>Representação</i> e a auto-censura.....	187-188
5- A grande Obra incompleta.....	189-192

Parte V - Edição

O Manuscrito

1- O Manuscrito BN: descrição codicológica e paleográfica.....	195-201
Apêndice: 1- Manuscrito BN, fls. 120r e v.....	205-206
2- Inventário de Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa, secção XIII, Manuscriptos, cod. 680-681.....	207-208
2- A "norma" gráfica de Vieira: nota prévia aos Critérios de Transcrição.....	209-224
3 - Critérios de Transcrição.....	225-230
4 - Lista de Abreviaturas e símbolos.....	231
5 – O Texto.....	233-1157
6 – Anexo - Notas explicativas.....	1159-1223
7 – Índice de personagens históricas e bíblicas.....	1125-1245
8 - Índice de autores citados por Vieira.....	1247-1276
Bibliografia.....	1277-1293
Índice de autores citados na Bibliografia.....	1295-1297

“Interrogar a génese do discurso do Padre António Vieira e o que transforma uma personalidade histórica num autor literário exige uma investigação pluriorientada”.

Margarida Vieira Mendes

Introdução

A ideia de realizar o presente trabalho surgiu, no já longínquo ano de 1994, de uma conversa com o Professor Doutor Luiz Fagundes Duarte, que então nos falou do texto que constituía a defesa do Padre António Vieira perante o Tribunal da Inquisição de Coimbra e do manuscrito da Biblioteca Nacional, rascunho do editado por Hernâni Cidade em 1957, também autógrafa de Vieira e inédito.

Não sendo especialistas da prosa barroca ou da obra de Vieira e, mesmo no âmbito da linguística, nunca tendo trabalhado obras ou autores do séc. XVII, a ideia parecia arrojada. Porém, a possibilidade, rara, de penetrar no processo de produção textual de tão extraordinário autor e, simultaneamente, nos meandros da sua relação com a Inquisição, através de eventuais marcas de auto-censura identificáveis nos manuscritos, era aliciante; e uma primeira leitura do texto, que desconhecíamos, com a consequente constatação das profundas diferenças entre os dois manuscritos, acabaram por decidirmos a abraçar o projecto de edição e estudo do manuscrito da Biblioteca Nacional que nos era proposto.

No seguimento do plano inicial, procedemos à transcrição do manuscrito da Biblioteca Nacional e à sua edição, de acordo com critérios que procurámos fundamentar tão exhaustivamente quanto possível, tendo em conta todos os factores que consideramos importantes em matéria de decisões editoriais, e completando o trabalho de edição com a descrição codicológica e paleográfica do manuscrito. Ainda que inicialmente tal não estivesse previsto, pareceu-nos também essencial, dadas as características e matéria do texto em causa, acrescentar à edição alguns instrumentos de leitura, até ao presente inexistentes mas a nosso ver fundamentais para uma compreensão cabal do texto por parte do público não especialista: a tradução dos múltiplos passos em latim citados por Vieira; as notas explicativas, onde se fornece a explicação e/ou comentário das múltiplas alusões a factos históricos ou bíblicos e a alguns aspectos da língua em Vieira considerados de interesse para o leitor moderno; o índice de personagens históricos e bíblicos e o índice dos autores, e respectivas obras, citados por Vieira, acompanhados da informação que sobre eles nos foi possível recolher (Parte V).

Partindo do trabalho de edição do manuscrito da Biblioteca Nacional e da colação deste com o manuscrito da Torre do Tombo, através da edição de Hernâni Cidade, propusemo-nos, após a apresentação do autor, sua vida e obra (Parte I), descrever o processo de génese textual da *Representação* e provar o nosso primeiro ponto de tese: a existência de procedimentos de auto-censura no texto em causa, através da análise exhaustiva das variantes de autor. Neste ponto, o confronto da edição de Cidade com o manuscrito da Torre do Tombo, que, apesar da nossa opção inicial, não nos dispensámos de confrontar, reservava-nos algumas surpresas que, em última análise, seriam importantes para a nossa conclusão final (Parte II).

O nosso plano inicial terminava aqui, mas é certo, e este trabalho é prova disso, que os planos iniciais podem e devem ser alterados à medida que a investigação toma os seus rumos próprios. No presente caso, a nossa investigação sobre a *Representação* conduzir-nos-ia mais longe, na prossecução de pistas que insensivelmente nos iam

guiando para o estabelecimento de novas e importantes relações entre as várias obras de carácter profético do autor, todas elas, com excepção da *Representação*, fragmentárias e inacabadas (Parte III). Assim, à medida que líamos os fragmentos do *Livro Antepimeiro*, da *História do Futuro* e da *Apologia*, e os resumos da *Clavis*, e os comparávamos entre si e com o texto da *Representação*, surgia o desejo de contribuir para uma resposta positiva às dúvidas de António Sérgio e Hernâni Cidade: "Será um dia possível, em meio de tanta página dispersa e truncada, tentar a integração da obra do jesuíta num plano em que caiba e se ordene quanto se conhece e aqui temos publicado referente à grande utopia que lhe encheu a vida? Não o sabemos. Por enquanto, ficamos longe disso e assim impossibilitados de ver como se relacionariam na obra a *História do Futuro* com a *Clavis Prophetarum*, que neste volume lhe juntamos"¹.

O tratamento crítico dos materiais disponíveis da *Representação*, incluindo uma abordagem da problemática da génese e da transmissão do texto, bem como o seu relacionamento com os materiais das restantes obras proféticas, é, sem dúvida, fundamental para cumprir o objectivo enunciado, mas não tentado, por Sérgio e Cidade. Conscientes de que o nosso trabalho, na sua vertente de interrogação da génese da *Representação*, e ainda mais na de interrogação das relações entre as obras de carácter profético, toca inevitavelmente várias áreas do saber, que não podemos abarcar com a profundidade que desejaríamos, e algumas delas nem mesmo tocar, cremos, no entanto, que ele contribuirá para uma mais correcta percepção da figura de Vieira enquanto escritor de obras de carácter profético e, com a edição do manuscrito da Biblioteca Nacional e a ordenação e relacionamento que propomos das obras conhecidas, constituirá, esperamos, um dos últimos passos que faltava dar para a publicação da totalidade da obra profética de Vieira, a qual acreditamos poder beneficiar das conclusões a que aqui chegamos (Parte IV), fornecendo, desta forma, um contributo, não apenas para a área da Linguística Histórica, mas ainda para outras, nomeadamente os Estudos Literários e a Crítica Literária, na medida em que, cada vez mais, se reconhecem as vantagens, nomeadamente para a Linguística Histórica, de utilizar nos estudos diacrónicos sobre as línguas não apenas textos acabados, produto do mais variado tipo de condicionantes históricos, sociais e culturais, só indirectamente relevantes para os estudos linguísticos, mas também textos que permitam aceder ao seu processo de composição revelando os expedientes utilizados pelo autor na transformação do seu discurso espontâneo, mais próximo da oralidade, num discurso acabado, destinado a um público específico.

Finalmente, e porque qualquer trabalho beneficia sempre dos contributos de todos quantos, de alguma forma, apoiaram o autor na sua elaboração, queremos expressar o nosso especial agradecimento a algumas das pessoas que mais directamente contribuíram para a realização do trabalho que agora apresentamos:

Ao Professor Doutor Luiz Fagundes Duarte, pela ideia deste trabalho e pela orientação inteligente e solícita, bem como pelas manifestações de amizade e disponibilidade pessoal que sempre acompanharam os seus proveitosos ensinamentos e conselhos;

Ao Professor Doutor Aires Nascimento, pela solicitude com que atendeu às nossas dúvidas em matéria de teologia e religião;

¹ 1951-54, vol. IX, p. 274.

Ao Professor Doutor Arnaldo Espírito Santo, pela generosidade com que partilhou connosco alguns materiais ainda inéditos da edição crítica da *Clavis Prophetarum*;

Às Professoras Doutoradas Clotilde Murakawa e Filomena Gonçalves, pela amizade, pelo incentivo, e pelo importantíssimo apoio bibliográfico;

Ao Professor Doutor Manuel Rodrigues e à Mestre Cláudia Teixeira, pelo apoio na área da língua latina;

A todo o pessoal do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pela amizade, estímulo e apoio que sempre nos proporcionou;

Ao Rafael, pelo apoio e incentivo, mas sobretudo pela forma como, não estando ligado à área de investigação deste trabalho, o acompanhou atentamente e soube contribuir, com importantes opiniões e sugestões, para a sua realização.

Parte I - O Homem e a Obra.

"Não há maior comédia que a minha vida; e quando quero ou chorar ou rir, admirar-me ou dar graças a Deus ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim."

António Vieira, Carta a um Padre, Fevereiro de 1658,
Cartas, vol. I, p. 455.

1 - Vieira: o Homem e as suas Ideias

De si próprio, com bem justificadas razões, pôde Vieira já em 1658, então ainda a pouco mais de metade da sua tão longa como atribulada vida, dizer as palavras que reproduzimos em epígrafe a esta primeira parte do nosso trabalho. Com efeito, já por essa época experimentara todas as faces da fortuna: da infância modesta e da vida simples de obediência e humildade, a que voluntariamente se sujeitava enquanto membro da Companhia de Jesus, ascendera à glória de pregador afamado, político e diplomata influente e valido de D. João IV. À data da carta supra citada abatera-o a caprichosa "roda"¹, primeiro com a ingratitude de D. João IV que, aparentemente contra sua vontade, o mandara de volta ao Brasil², depois, com a morte do Rei, a humilhação da despromoção, de que então se queixava³. Em breve, no entanto, a situação se alteraria de novo dando continuidade à sucessão de altos e baixos que sempre fora, e continuaria a ser até ao fim, a sua vida.

Lúcio de Azevedo, que é consensualmente considerado o grande Biógrafo de Vieira⁴, divide a sua obra em seis períodos que, segundo ele, correspondem às grandes fases da vida do famoso Jesuíta: *o Religioso, o Político, o Missionário, o Vidente, o Revoltado e o Vencido*. Se atentarmos bem nestas designações não deixaremos de notar a divisão latente entre as três primeiras, que abrangem o período que vai de 1608 a 1661 (primeiro volume) e as três últimas, relativas ao período de 1662 a 1697 (segundo volume): aquelas deixam antever um período de intensa actividade, pelo uso de substantivos que remetem para actividades bem definidas, estas apontam para uma fase menos activa, pelo uso de substantivos que traduzem fundamentalmente actividades psíquicas (o Vidente) e estados de espírito (o Revoltado, o Vencido). Intencionalmente

¹ A roda, da fortuna, é imagem usada com alguma frequência por Vieira que por várias vezes refere nos seus escritos, citando Bandarra, a *roda triunfante* (Cf. *Trovas...*, [1520-30], Copla CXLIX).

² Veja-se a este propósito Azevedo, 1992, vol. I, p. 169-179 e Leite, 1938-1950, vol. IV, p. 34-37. Os dois autores defendem em relação a este facto da vida de Vieira teses opostas. Embora seja impossível determinar qual das duas se aproxima mais da verdade, parece-nos que a versão de Azevedo fica suficientemente documentada nas cartas citadas, sobretudo na de 25 de Dezembro de 1652, a D. Teodósio (*Cartas*, vol. I, pp. 282-284), em que a tristeza e a mágoa são claramente perceptíveis: "As velas se largaram, e eu fiquei dentro nela [na caravela] e fora de mim, (...) e agora parti contra a de S. M. e contra a minha [vontade], por mero caso ou violência..." (p. 283).

³ Após a morte de D. João IV, em 1656, Vieira foi temporariamente despromovido do cargo de superior da missão, regressando à condição de simples religioso. Cf. a este propósito a carta citada.

⁴ A importância decisiva da *História*, de Azevedo, é unanimemente reconhecida. A enumeração e análise qualitativa das biografias anteriores é feita pelo próprio autor na "Explicação Prévia" da sua obra. Sem embargo da excelência desta devem, no entanto, referir-se as numerosas e proficuas contribuições posteriores que a este domínio têm trazido obras como as de Cidade (1940), Cantel (1960), Saraiva (1972, reeditado em 1992) e Besselaar (1981), entre outras que igualmente acrescentam dados importantes em relação a aspectos particulares da vida de Vieira. Cite-se apenas como exemplo o Prefácio de Cidade ao volume VI das *Obras Escolhidas*: "Este Prefácio, na parte que procura resumir os Exames e a Defesa de Vieira, no processo que a Inquisição lhe moveu, completará, crêmo-lo, o que abreviadamente, segundo o exigia a economia de tais obras, desse longo drama se conta na História de António Vieira, de Lúcio de Azevedo, e nos Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa, vol. I, do Dr. António Baião" (p. LXVI).

ou não, o facto é que Lúcio de Azevedo introduz com esta divisão em seis fases ou períodos e respectiva classificação a imagem de um Vieira em ascensão até 1661, e de um Vieira mais meditativo e em claro declínio daí até à sua morte. Tal classificação, ainda que fundamentada, é, como qualquer outra, subjectiva e implica necessariamente uma deformação da realidade, a qual, na complexidade que lhe é inerente, dificilmente se conforma com classificações. A vida de António Vieira não é excepção, não podendo ser adequadamente descrita por uma curva ascendente seguida de uma descendente. Ela é antes, como acima dissemos, uma sucessão de altos e baixos, um entrelaçar constante de momentos de glória fulgurante com momentos de abatimento, por vezes quase total.

A primeira fase da sua vida, até ao regresso a Lisboa em 1641, terá porventura sido a mais calma e, conseqüentemente, a mais linear da sua vida. Talvez a única em que Vieira gozou, ainda em momentos de grandes atribulações exteriores⁵, a tranquilidade de uma vocação que então cria absoluta, única e definitiva. Com a Restauração, não foi apenas para Portugal que se virou uma página decisiva da História. Também a vida de Vieira deu, não uma volta completa, mas meia volta⁶. O regresso a Lisboa e a quase imediata audiência com D. João IV⁷ estavam destinados a mudar-lhe para sempre a vida e a vocação. Daí para a frente não mais haviam de cessar as lutas, exteriores, com os numerosos inimigos que a fama lhe grangearia, e interiores, entre as vocações de religioso e missionário e as de político e diplomata. Não mais haviam de cessar também as grandes vitórias, quase sempre seguidas de não menos grandes derrotas, estas sempre enfrentadas com galhardia ou contornadas com astúcia.

A vivência na corte, onde a amizade protectora de D. João IV lhe conferia uma posição de destaque, cedo despertou em Vieira uma faceta mundana, muito pouco adequada a um religioso, que havia de acompanhá-lo até ao fim da sua vida, impedindo-o de algum dia voltar a ser, de corpo e alma, o humilde jesuíta que fora na sua juventude, em tudo obediente aos preceitos da ordem. Na verdade, momentos há, e não raros, em que a leitura dos seus sermões, das suas cartas ou das obras que lhe dedicaram os seus biógrafos sobrepõe, diante dos nossos olhos, o homem do mundo, o político, o diplomata, ao religioso e ao missionário. Tais facetas nunca deixaram de se digladiar nele, mesmo quando, por força das circunstâncias, uma se sobrepunha à outra: quando valido de D. João IV, permanentemente ocupado dos negócios do Rei e do reino, muitas vezes exibindo um estilo de vida que em tudo contradizia a simplicidade jesuítica⁸, lembravam-lhe as críticas dos seus irmãos o hábito que professava; quando missionário,

⁵ Em 1624, tinha Vieira apenas 16 anos, a Baía foi tomada pelos Holandeses. Desta data até à Restauração o Brasil só por curtos períodos viveria em paz.

⁶ Uma das mais conhecidas anedotas sobre António Vieira, constante de um manuscrito bastante posterior que anda anexo ao processo de Vieira e foi editado em Apêndice por Azevedo (ob. cit., vol. II, p. 354) diz o seguinte: "Estava conversando o mesmo Padre Vieira com o Padre Bartholomeu do Quental a tempo que passou o veneravel Padre Frei Antonio das Chagas, e disse o Padre Quental para o Vieira: «Este homem deu hua volta inteira à sua vida.» Respondeu o Padre Vieira: «Não deu senão meya volta, porque se a desse inteira chegava ao ponto donde sahio, e ficava como de antes».

⁷ "Na audiência, que foi a 30 de Abril, começou de nascer a afeição de D. João IV pelo jesuíta; tão firme que jamais intrigas de émulos conseguiram arruiná-la, tão preciosa que, quando a rompeu a morte, o objecto dela não se contentava de nada menos que ressuscitar o amigo desaparecido" (Azevedo, ob. cit., vol. I, p. 48).

⁸ Desde a sua chegada à corte Vieira foi sempre objecto de reparos a este respeito. Entre várias outras manifestações de falta de humildade, consta que Vieira, regressando das missões diplomáticas, onde, por questões de segurança, usava traje secular de fidalgo, o mantivera, já em Lisboa, por vários dias. Além disso, teria também um criado ao seu serviço. (Cf. Rodrigues, 1922, p. 86 e Azevedo, ob. cit., vol. I pp. 137-138)

embrenhado na selva amazónica e enfrentando duríssimas condições de subsistência não o deixavam as lembranças e a saudade magoada dos gloriosos tempos na corte⁹.

Apesar da importância decisiva que a vivência de político e diplomata conceituado, não só na corte portuguesa como nas mais importantes cortes europeias, teve na vida, obra e ideias de Vieira, não se pode dizer que os empreendimentos que neste âmbito tomou a cargo tenham sido, ao menos maioritariamente, coroados de sucesso. Muito pelo contrário. Praticamente todas as suas ideias políticas e missões diplomáticas fracassaram, por um ou outro motivo. No tocante às grandes ideias políticas, ainda que protegidas pelo Rei, viriam, na sua maior parte, a soçobrar, ou pela excessiva audácia ou pelas fortes oposições que geravam por parte das pessoas ou facções que atingiam, ou ainda por um sem número de dificuldades práticas que a facilidade de concepção de Vieira nunca contemplava. Exemplo disso é a Companhia de Comércio dos cristãos-novos, uma das mais acarinhadas criações de Vieira e, simultaneamente, uma das mais odiosas ao Santo Ofício e a grande parte da população, tradicionalmente anti-semita. A sua concretização, só possível pelo forte empenho que nela colocou D. João IV contra todas as oposições, ficaria muito aquém das esperanças que nela depositara o seu autor. Além de acender um grave conflito entre o Santo Ofício e a coroa, os resultados foram, no mínimo, modestos perante a grandiosidade do projecto, pois o capital judaico que efectivamente entrou nos cofres da coroa, longe de resolver todos os problemas do reino, apenas minorou alguns deles, acabando finalmente a Companhia por se extinguir. Nas missões diplomáticas foi porventura ainda menos feliz. Da tentativa, em Haia, de reaver pela compra o território de Pernanbuco, ocupado pelos Holandeses, à de acordar um casamento favorável ao reino para D. Teodósio, primeiro em França e depois em Espanha, nenhuma das negociações empreendidas com tanto empenho e entusiasmo chegaria a bom termo. Esta incapacidade de concretização dos projectos que com tanta facilidade e brilhantismo concebia valer-lhe-ia o juízo implacável de D. Luís de Meneses no seu *Portugal Restaurado*, ainda actualmente obra de referência obrigatória para a história da conjuntura político-militar portuguesa da época da Restauração.¹⁰ Embora reconhecendo a influência literária de Vieira¹¹, em relação à sua actividade de político e diplomata, foi D. Luís bastante severo, quer no conteúdo, parco, quer nos termos, no mínimo pouco lisonjeadores. E, se é certo que, como ele próprio refere no Prólogo da sua obra, era espinhosa a tarefa de escrever sobre

⁹ Repetidas vezes, desde que a sua influência como político e diplomata afamado começa a esfriar, pela sucessão dos desaires, Vieira se queixa, no púlpito ou particularmente, em cartas aos amigos, da ingratidão régia. Citemos apenas como exemplo o "Sermão de S. Roque", de Agosto de 1652 (*Sermões*, vol. VIII, p. 106): "Os homens quando mandam (e mais se têm o mando supremo) ou seja ingratidão natural ou soberania, nem estimam, nem pagam os serviços que se lhe fazem, como deveram; porque cuidam que tudo se lhe deve."etc., ou "...os pés reais não pisam nem magoam; honram e autorizam" (idem, p. 89).

¹⁰ A obra recolheu, logo na época da sua publicação, críticas muito positivas. Veja-se a crítica reproduzida do *Journal des Scavants*, de 13 de Janeiro de 1681, por Machado, 1741-59, Vol. III, p. 117: "Tout est grand dans cette histoire, le sujet, la maniere de l' ecrire, et l' Auteur meme".

¹¹ "O de que fujo com grande cuidado hé de ideias poeticas, em que o exercicio me fas tropeçar; procuro levantar conseitos da mesma tesidura, seguindo a doutrina do Pe. Vieira que me disse desprezara sempre os que lha não ordião", Rau, (1970), p. 309. Em nota (32), a autora remete para as *Cartas do Conde da Ericeira, D. Luís, a Duarte Ribeiro de Macedo*, no prelo, de onde retira o excerto citado. No entanto, a obra parece não ter chegado a sair a lume, o que poderá eventualmente explicar-se pela morte da autora em 1973.

a sua época e sobre os seus contemporâneos¹², não o é menos que Vieira nunca lhe perdoou a afronta, que encarava como mais uma prova da injustiça dos homens¹³, mas que, na realidade, mais não era do que a apreciação fria e rigorosa do seu desempenho enquanto político e diplomata. Apesar de tudo, no entanto, esta terá sido a fase que na vida de Vieira mais amplamente o satisfizesse. Gozava então da protecção e amizade das mais influentes figuras da corte, que jamais dispensavam o seu conselho e colaboração nos mais importantes assuntos, e a vivência mundana permitia-lhe o contacto com as mais interessantes personalidades da cena intelectual da época, em Portugal e na Europa. A tudo isto acresciam os triunfos oratórios, única constante na sua atribulada vida. Não admira pois que, tendo vivido durante cerca de onze anos sob as luzes da ribalta, uma vez afastado - ainda em vida de D. João IV, que, talvez desiludido pelos seus fracassos políticos e diplomáticos ou receoso do enorme ascendente que Vieira parecia ter adquirido sobre D. Teodósio, lhe retirara, não a amizade, mas a confiança - nunca se tenha conformado com isso.

No que respeita ao seu percurso intelectual, o período em que Vieira viajou em negócios do Estado pelas mais brilhantes cortes da Europa não pode ter deixado de ser da maior relevância, em alguns aspectos mesmo determinante. É certo que nos escritos de Vieira poucas referências se encontram a essas viagens, com excepção de alguma breve descrição ou comentário¹⁴, dando a sensação de que os deslumbramentos das grandes metrópoles não produziam nele qualquer efeito. Seria no entanto errado acreditar em tal ideia. Embora os luxos e sumptuosidades materiais, com certeza notáveis para quem, como ele, provinha de uma corte bastante mais modesta e austera, só superficialmente o tenham tocado, marcaram-no com certeza profundamente a solidez e prosperidade das instituições, a liberdade e abertura das ideias e mentalidades e, mais concretamente, as conversas e discussões de natureza política, económica, social e teológica que teve com algumas das mais destacadas personalidades europeias. Em relação à Holanda, por exemplo, é clara a influência que na sua evolução mental exerceram o país e as gentes. Como bem defende e demonstra Besselaar¹⁵, apesar de serem poucas e fundamentalmente negativas as observações que sobre a Holanda e os Holandeses se encontram nas suas cartas e sermões, não podemos deixar de reconhecer em muitas das ideias políticas, económicas e sociais de Vieira a influência das organizações políticas, económicas e sociais holandesas, bem como o apreço e admiração de determinadas qualidades e virtudes dos Holandeses, tais como o espírito empreendedor e, acima de todas, a tolerância, que Vieira em vão se esforçou por incutir na mentalidade ainda medievista dos portugueses.

¹² "Encarecer os benemeritos sera inveja dos indignos: louvar os viciosos opprobrio dos benemeritos: contar todos os sucessos, he empenho invencível: callar alguns, pode ser queyxa dos interessados", Ericeira, 1679, Prólogo (pp. não numeradas).

¹³ Em carta de 18 de Agosto de 1688 ao Conde da Ericeira, expressa Vieira de forma irónica e acutilante o seu ressentimento: " Não me apliquei a ler a dita história, porque a parte dela que pertence ao Brasil vi-a com os olhos, e a outra parte das embaixadas passou-me pelas mãos", *Cartas*, vol. III, p. 568. Mais tarde, em 1689, haveria ainda de escrever uma réplica ao *Portugal Restaurado*, onde procura restabelecer aquilo que pensava ser a verdade dos factos, entendidos no seu conjunto.

¹⁴ Vejam-se, por exemplo a descrição que faz da Holanda no "Sermão de Santo António" (*Sermões*, VII, p. 48-49), anterior à viagem, mas provavelmente ampliado aquando da composição dos sermões para a imprensa (Cf. a este propósito Azevedo, ob. cit., Vol I, pp. 86-87 e Sérgio e Cidade, 1951 - 1954, vol. X, p. 30, nota, seguidos nesta opinião por muitos outros autores, entre os quais Besselaar, "António Vieira e a Holanda", 1971, pp. 8-9 e 30, nota 100), e o famoso comentário sobre Paris, "aquele mundo abreviado", no "Sermão de S. Roque" (*Sermões*, vol. VIII, p. 84).

¹⁵ Ob. cit.

O facto de ter vivido desde os seis anos no Brasil, no ambiente em tudo mais liberal das colónias, longe da Inquisição e dos ódios anti-herético e anti-semítico que em Portugal se adquiriam desde cedo, proporcionara-lhe a abertura de espírito suficiente para evoluir nas suas ideias e convicções e para discernir o que de positivo se pudesse encontrar, mesmo em hereges ou judeus. Pôde, assim, Vieira assumir em relação aos hereges holandeses, depois de com eles contactar, uma atitude de observação e admiração pelas suas qualidades, e em relação aos judeus e cristãos-novos a única atitude razoável para quem, como ele, não tinha o espírito toldado pelo fanatismo religioso. Imaginamos hoje quão bizarro e frustrante deveria parecer a António Vieira não verem os portugueses seus contemporâneos as evidentes vantagens económicas e sociais que ao reino poderiam advir de uma convivência pacífica com os judeus, bem como o absurdo de, por um lado, se pretender usar-lhes o ouro e, por outro, persegui-los e queimá-los. A defesa dos judeus não era para ele um simples desafio ao Santo Ofício, mas sim uma consciência, baseada na experiência pessoal, de que não seria através da violência, mas sim da tolerância, que se poderia dilatar a fé no mundo, e as viagens à Europa, nomeadamente a países como a Holanda, a França ou a Itália, vieram, neste aspecto, consolidar e em muitos casos alargar, com os respectivos exemplos, os seus horizontes ideológicos.

Um dos contactos mais importantes feitos durante as missões diplomáticas foi o de Menasseh ben Israel, na Holanda. Já anteriormente Vieira tivera a oportunidade de trocar ideias e opiniões com comunidades de judeus portugueses exilados, quase sempre em matérias de política e economia. Nunca, porém, encontrara um orador, teólogo e exegeta judeu à sua altura, com quem pudesse discutir os pontos divergentes das duas crenças. Desta disputa teológica, de incontestável importância na evolução da ideologia vieiriana, pouco se sabe, e esse pouco só indirectamente, através de um autor anónimo do séc. XVIII¹⁶, o que levanta inevitáveis dúvidas quanto à total autenticidade do relato. É, no entanto, legítimo acreditar que, entre dois esgrimistas de semelhante envergadura, o combate se tenha saldado por um empate inconclusivo em que, se nenhum venceu, ambos terão ficado mais ricos e mais esclarecidos.

A conversão universal a uma única fé terá certamente sido um dos temas debatidos na célebre disputa teológica de Vieira com Menasseh ben Israel, aspecto que, aliás, juntamente com a crença no regresso das dez tribos perdidas de Israel, seria um dos poucos em que os dois coincidiam. Não obstante, apesar da irreconciliabilidade fundamental entre as duas crenças para além dos escassos pontos em que convergiam, é fora de dúvida que Vieira fortaleceu com esta discussão a ideia, expressa mais tarde nas suas obras proféticas, de que Israel tinha um lugar de destaque na história da redenção da humanidade, o que de forma admirável se coadunava com a importância económica e social que já antes reconhecera aos judeus. Tais pontos de doutrina, no entanto, inseriam-se, para Vieira, numa tese mais vasta. Nesta época estava ainda apenas no domínio da congeminação a grande obra profética, a *História do Futuro*, da qual lançaria

¹⁶ *Crisis Paradoxa super Tractatu insignis P. Antonii Vieira...*, (1748). A obra tem sido atribuída a Frei Ignácio de Santa Teresa (Cf. Machado, ob. cit., vol. IV, p. 168). Tal atribuição não é, no entanto, consensual (Cf. Besselaar, 1971, p. 31, nota 102). O lugar de impressão é também desconhecido, avançando Besselaar (ibidem) a hipótese de a obra ter sido publicada em Londres, como, aliás, já antes o fizera Machado (ibidem): "do character se conhece ser impresso em Londres". Saraiva publicou em 1972 um artigo fundamental sobre este tema: "António Vieira, Menasseh Ben Israel e o Quinto Império", 1992, pp. 75-107.

no papel, em 1649, pouco depois das disputas de Amsterdão, as primeiras linhas, que só quinze anos depois continuaria.

Entretanto, estava prestes a findar a sua actividade de político e diplomata e, com ela, a sua influência na corte. O regresso ao Brasil e a intensa actividade missionária que aí desenvolveria haviam de afastá-lo por largo tempo da realização daquelas que acreditava haverem de ser as suas obras maiores. Antes, porém, de deixar a corte, Vieira protagonizaria ainda acontecimentos nacionais da maior relevância que, em última análise, seriam determinantes para o seu próprio futuro. Os sucessivos desaires diplomáticos e os projectos de política internacional, controversos, excessivamente ousados ou meramente fantasiosos, desde há muito abalavam o prestígio de Vieira, mas seria a sua posição de capitulação em relação à Holanda, defendendo a entrega de importantes territórios ao inimigo em troca da desejada paz, que definitivamente o desacreditaria nestas matérias. Perante a oposição de toda a nação, através dos Conselhos, D. João IV não se atreveu a sustentar a posição de Vieira, que assim sofria pesada derrota.

Não era, no entanto, ainda chegada a hora em que o próprio Rei abandonaria o seu valido e em breve lhe concederia o maior desagravo que Vieira poderia desejar: a admissão e execução das suas propostas relativas aos cristãos-novos. Concretizava-se, assim, finalmente, contra todas as oposições, a sua tão acarinhada ideia da criação de uma companhia de comércio, com capital dos cristãos-novos, isento de confiscação, mas, simultaneamente, declarava-lhe guerra o Santo Ofício, secundado pelos seus numerosos apoiantes.

Nunca como então reuniu Vieira em torno de si um tão grande número de inimigos. A juntar aos não escassos inimigos pessoais que o seu temperamento "colérico fioso"¹⁷ e as mal disfarçadas invejas do seu sucesso no púlpito e junto da família real lhe tinham grangeado até então, tinha agora praticamente toda a população do reino contra si, uns acusando-o de traidor, por ter querido entregar o Brasil aos Holandeses, outros de herético, por defender judeus e cristãos-novos. A própria Companhia de Jesus, assoberbada por queixas contra o comportamento pouco ortodoxo deste seu membro, o desamparou nesta ocasião, a tal ponto que só a intervenção providencial de D. João IV lhe terá evitado a expulsão¹⁸. Vieira defendia-se de todos com a intrepidez e violência que lhe eram características, usando muitas vezes o púlpito enquanto local de divulgação privilegiado, não apenas da palavra divina, mas das próprias ideias do orador, o que era, aliás, comum na época. Só em relação à Companhia assumiu Vieira uma atitude de submissão completa, revelando, apesar de tudo, o espírito de um verdadeiro jesuíta¹⁹.

Como não poderia deixar de suceder, começaram, por esta altura, a aparecer no cartório do Santo Ofício as primeiras denúncias contra Vieira, coisas de pouca monta, insuficientes para molestar quem, como ele, gozava, apesar de tudo, da protecção real e da amizade de pessoas poderosas e influentes. A Inquisição, no entanto, era paciente e, como era seu hábito, ia arquivando, com o maior cuidado, todos os depoimentos, enquanto buscava activamente o motivo decisivo e a ocasião propícia que lhe permitiriam aniquilar de vez o tão odiado e perigoso inimigo.

Vieira teria seguramente consciência da situação, mas sabia também que continuava a ser para D. João IV o amigo e conselheiro indispensável nas grandes questões de Estado, e esse era ainda o seu grande trunfo. Em breve, aliás, novas e importantes manifestações da preferência do monarca pelo controverso jesuíta voltariam

¹⁷ Catálogo manuscrito da Ordem, de 1665, citado por Rodrigues, ob. cit., p. 81 e nota 1.

¹⁸ Cf. Rodrigues, ob. cit., pp. 88-91.

¹⁹ *ibidem*.

a afastá-lo do alcance dos seus inimigos e perseguidores. Tratava-se de uma missão diplomática em Itália, com o objectivo oficial de negociar o casamento de D. Teodósio com a filha de Filipe IV de Castela. Além desta distinção, o monarca demonstraria ainda, nesta altura, a afeição protectora que votava a Vieira agraciando-o, na pessoa dos seus familiares, com importantes mercês.²⁰ No entanto, também esta missão se saldaria por um fracasso e, em 1651, desiludido da política e ferido pelo inesperado desamparo de D. João IV, regressava ao Brasil para aí cumprir finalmente os votos que havia feito na sua juventude.

Lúcio de Azevedo²¹ estabelece uma relação directa entre o desmoronar da carreira política de Vieira e o despontar das suas congeminações em relação aos destinos últimos da Humanidade, aparentemente baseado no facto de datarem desta época as primeiras linhas da *História do Futuro*, escritas ainda em Lisboa, mas já em plena decadência política do seu autor. A relação estabelecida nestes termos é aceitável apenas de um ponto de vista meramente factual. Efectivamente, desde que chegara a Lisboa, ainda jovem, pouco tempo teria tido para se dedicar ao desenvolvimento de tais ideias, mas seria errado acreditar, como se pode deduzir das afirmações de Lúcio de Azevedo, que só as desilusões da política teriam levado a "sua inteligência [a buscar] outro rumo, que mais longe o conduzia"²². A relação entre a faceta de político e a faceta de profeta em Vieira é apreendida de maneira bastante mais perspicaz por Besselaar, que não nos dispensamos aqui de citar: "Ao contrário do que se lê muitas vezes, acredito eu que não foi o pragmatismo político o originador do profetismo vieiriano, mas foi a sua visão profética da história a que lhe inspirou sua actividade política, como mais tarde lhe havia de inspirar também sua actividade missionária"²³.

Se é certo que só neste momento da sua vida Vieira começou a colocar no papel as suas ideias proféticas, é pelo menos bastante provável que as tenha começado a desenvolver mais cedo — possivelmente desde a época da Restauração, facto histórico que considerava um primeiro e inequívoco sinal da chegada próxima do Quinto Império — e que o momento mais tardio do início da redacção se tenha devido apenas a contingências meramente materiais, relacionadas com o trabalho aturado e minucioso que tal tarefa exigia e para o qual Vieira dificilmente encontraria tempo disponível nas suas andanças de político e diplomata, constantemente assoberbado com os problemas da corte e da política nacional e internacional. A sua visão profética do Mundo e da Humanidade está claramente presente em todas as fases da sua vida e é visível tanto na sua faceta de religioso e missionário como na de político e diplomata. A política e a religião assumem-se em Vieira como uma forma de pôr em prática essa visão profética do mundo e a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum* surgem como os tratados proféticos em que ela deveria ser divulgada, exposta e fundamentada.

Só desta perspectiva se podem compreender na sua globalidade algumas das mais importantes tomadas de posição de Vieira, muitas vezes em completa dissonância com o espírito da época. O mais flagrante destes casos será talvez a defesa dos judeus, que só se compreende adequadamente se tivermos em conta que, para Vieira, eles eram bastante mais do que indivíduos dotados de forte espírito de iniciativa e grande capacidade financeira e, portanto, fundamentais para o progresso de Portugal. Acima desse aspecto mais pragmático estava uma grande visão religiosa do futuro da Humanidade, no qual

²⁰ Cf. as portarias régias de 13 e 17 de Dezembro de 1649, citadas por Azevedo, 1992, vol. I, pp. 141-142.

²¹ 1992, pp. 155-156.

²² *Idem*, p. 155.

²³ *Ob. cit.* p. 22.

eles teriam um papel fundamental que urgia começar a preparar trazendo-os de volta a Portugal, de onde, depois de convertidos à fé universal, seriam restituídos à pátria. Esta mesma conversão universal perseguiria Vieira, mais tarde, através da sua acção de missionário, desta feita promovendo, com o ardor que lhe era característico, a conversão dos gentios e hereges do Novo Mundo. É ainda a visão profética dos destinos últimos do Mundo e da Humanidade que permite compreender as atitudes, à primeira vista pouco patrióticas, que Vieira assumiu em casos como o da entrega de vastos territórios portugueses ultramarinos à Holanda ou o do projecto de reintegração de Portugal no reino de Castela. A defesa de semelhantes ideias dificilmente se compreende se não tivermos em conta que, para além do pragmatismo evidente do político, estava, mais uma vez, a sua visão profética da história: estas concessões, pedidas pela necessidade do momento, perdiam para Vieira toda a importância no quadro de um futuro, já muito próximo, em que se daria a redenção universal do mundo e D. João IV, o Rei português predestinado para cumprir tão grandes feitos, assumiria a liderança da vertente temporal deste Quinto Império, universal. Não é possível imaginar maior demonstração de patriotismo que a de imaginar para o seu país e para o seu Rei um papel de tamanho protagonismo no estabelecimento do Império de Cristo na Terra

Importa aqui, no entanto, realçar que não é, apesar de tudo, o profetismo de Vieira, sem dúvida extraordinário para quem hoje lê as suas obras, que o transforma na figura singular que incontestavelmente é. Efectivamente, o profetismo e o messianismo de Vieira enquadram-se no espírito da época, a meio caminho entre o forte misticismo herdado do período medieval e o nascente cienticismo renascentista. Não faltava no tempo de Vieira, em Portugal e na Europa, quem partilhasse das suas esperanças messiânicas de redenção universal, baseadas muitas vezes em interpretações cabalísticas ou astrológicas, a par dos descrentes, vinculados aos novos movimentos filosóficos e científicos. Seria portanto errado pensar nas teorias vieirianas como isoladas dentro da cultura portuguesa e europeia da sua época. A singularidade do espírito de Vieira está sobretudo na sua paradoxalidade, na forma como, num período de transição, conciliou a herança medieval com os novos dados da modernidade. A base da sua cultura é eminentemente de raiz medieval, o seu estilo radica-se na escolástica seiscentista e a sua fé nas teorias que professa na abundante literatura profética do período da Restauração, mas é indiscutivelmente moderna a importância que atribui à experiência,²⁴ bem como muitas das suas ideias políticas e sociais, revelando uma personalidade mística, mas simultaneamente empreendedora, que acredita nos ocultos desígnios divinos sem deixar de acreditar que o homem representa neles um papel activo e fundamental. Ora, uma tal síntese só é possível em seres dotados de fortes atributos de inteligência, imaginação e lucidez. Tal era Vieira e tal é a personalidade que a sua obra reflecte.

É neste ponto que a parte menos conhecida da obra de Vieira, constituída pela *História do Futuro*, *Clavis Prophetarum* e pelos escritos relativos ao seu processo na Inquisição, se revela fundamental para um melhor conhecimento do homem e das ideias e, neste aspecto, mais interessante que os sermões ou as cartas, porque nela se revelam no seu expoente máximo, não a excelência do seu estilo ou sequer a sua fantástica capacidade de argumentação, mas a singular paradoxalidade do seu espírito. A propósito da *História do Futuro* diz-nos Besselaar:²⁵ "A tese de Vieira baseava-se em profecias de

²⁴ Há matérias em que importa mais ũa hora de vista e de experiência que muitos anos de especulação e estudo (...) Se eu estudara só dentro nas paredes da minha cela e, arrimado à banca, folheara com maior talento os intérpretes de S. Tomás e Escoto, pode ser que (...) discorrera o que outros discorrem e seguira o que seguem" (*Representação...*, Questão 33ª de BN).

²⁵ 1976, vol. I, p. 2.

carácter e valor muito heterogéneos. Era mais uma visão profética do que uma tese científica. Mostras de uma erudição respeitável nela se alternavam com devaneios de um patriotismo exaltado e com conjecturas levianas; observações realistas e penetrantes nela se confundiam com especulações quiméricas. Era uma visão fundada numa fé sobrenatural, mas uma fé sempre à procura de argumentos racionais e sempre exposta segundo as regras da arte dialéctica. Um aparato de engenho e ciência, posto ao serviço, não de uma questão meramente especulativa, mas de uma "causa existencial". A *História do Futuro* é uma calorosa profissão de fé, e a fé, no mundo ainda não secularizado em que Vieira vivia, tinha dimensões não só religiosas, mas também sociais e políticas". O mesmo se pode dizer de qualquer dos outros textos referidos, embora cada um deles tenha sido escrito em épocas e circunstâncias e com finalidades específicas.

Mas, retomando a relação cronológica estabelecida por Lúcio de Azevedo entre o final da carreira política de Vieira e o início da redacção da *História do Futuro*, parece-nos que, se algum facto concreto da vida de Vieira desencadeou a passagem para o papel das suas congeminações proféticas, esse facto terá sido a discussão com Menasseh ben Israel²⁶ e não o desengano e o despeito pelo cerrar de uma das mais importantes fases da sua vida. É fundamental para a compreensão deste facto ter em conta que, como acima referimos, nunca, até então, Vieira encontrara oportunidade e personalidade à altura para globalmente debater as suas ideias. Com certeza que desde há muito as viria debatendo parcialmente com outros teólogos e exegetas, mas, provavelmente, nunca com tal amplitude. Além disso, Menasseh representava um ponto de vista diferente, fundamental para a complementação e consolidação da sua tese. Assim, não é difícil imaginar que, depois de tão importante debate, Vieira tenha sentido que era chegado o momento de apresentar ao mundo a síntese escrita das suas ideias, o que, aliás, Menasseh já fizera com o *Conciliador*²⁷.

A ocasião de encetar tão extensa e laboriosa tarefa surgiu-lhe pouco depois, em 1649, quando o crescente descrédito da sua pessoa o afastou momentaneamente das múltiplas ocupações que usualmente tinha na corte. Em breve, porém, outras ocupações o afastariam do seu propósito, primeiro a viagem a Itália e depois o regresso ao Brasil.

Se na corte lhe faltava apenas o tempo, no Brasil faltavam-lhe também os meios. A nova vida de missionário que aí encetou era, sem dúvida, muito diferente da que até então vivera na corte, mas igualmente agitada e trabalhosa. Não lhe davam descanso as suas múltiplas actividades de missionário, nem sossego as constantes desavenças com os colonos, motivadas pela tenaz defesa dos índios, que então empreendia. Tal como antes acontecera em relação aos judeus, Vieira via, agora nos índios, ainda quase todos gentios, novas almas que deviam ser convertidas, pela evangelização, à fé universal e não brutalizadas e massacradas nos engenhos dos colonos. Não é pois de crer que Vieira possa ter escrito alguma parte da *História do Futuro* durante os anos que passou no Brasil.²⁸ No entanto, aí terá encontrado, nas horas mortas das longas viagens pelo sertão

²⁶ Cf. o artigo de Saraiva supra citado.

²⁷ Nesta época Menasseh trabalhava numa outra obra que haveria de sair a lume em 1650: *Esperança de Israel*.

²⁸ É esta também a opinião de Besselaar (1976, vol. I, p. 7 e nota 24) e de Azevedo (1992, vol I, p. 241). Cantel (1964), pp. 23-49, defende opinião diversa aduzindo argumentos com que procura provar que as primeiras páginas a seguir às duas primeiras (1649) teriam sido redigidas no Brasil: "C' est la preuve, très evidente nous semble-t-il, que cette page n' a pu être écrite qu' entre 1649 et 1657, comme le furent sans doute bien d' autres de l' *História do Futuro*" (pp. 34-35). Mais adiante (pp. 38-40), parte das palavras de Azevedo acima referidas ("O que Vieira construiu em tais ocasiões na sua mente di-lo na *História do Futuro*", ob. cit., p. 241) ampliando-lhes o sentido de forma que, como Besselaar (ob. cit., p. 8, nota 29), consideramos injustificada: " Nous pensons que, si Vieira le dit dans l' *História do Futuro*,

amazónico ou nos momentos de quietude na sua cela, o tempo e o ambiente propícios à reflexão e é de admitir que tenha então meditado algumas das ideias da *História do Futuro*. É provável ainda que a experiência do seu período de missionário por terras do Novo Mundo lhe tenha deixado, não apenas fortes impressões, mas também, possivelmente, notas e apontamentos, mais ou menos elaborados, que mais tarde viria a utilizar na redacção.

O período que passou no Maranhão decorreu, assim, sob o signo da evangelização e protecção dos índios e apenas essa causa o fez empreender uma viagem relâmpago a Lisboa (1654-55). Foi, no entanto, aí que sobreveio um acontecimento de grandes consequências para a sua tese e, em última análise, para a sua vida: a morte de D. João IV (1656). Depois da recente morte do Príncipe herdeiro, D. Teodósio, (1653), a de D. João IV era, talvez, o mais rude golpe que até então sofrera. Além de perder, ele próprio, o amigo e protector de todas as horas, ficava também o Quinto Império órfão daquele que estava destinado a ser o seu monarca temporal. Mas nem mesmo a morte era obstáculo suficiente para Vieira e, em breve, o seu espírito audaz encontraria o caminho para a resolução de tão nefasto e aparentemente inultrapassável acontecimento. Tal resolução expõe-a Vieira na célebre carta ao Bispo do Japão sob a forma acabada de um silogismo perfeito: "O Bandarra é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-Rei D. João o quarto há-de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando; logo, El-Rei D. João o quarto há-de ressuscitar."²⁹

Esta e outras arrojadas proposições constantes da sobredita carta haviam, desta vez, de custar-lhe mais caras do que talvez o ousado jesuíta possa ter previsto. Bem sabia Vieira que, mortos o Príncipe e o Rei, ficara desprotegido contra os seus inimigos. Mostram-no bem as palavras que dirige à rainha viúva em carta de 1658: "Com a falta de El-Rei e do Príncipe, que estão no Céu, tudo me faltou, e a benevolência que o seu respeito me conciliava com os ministros se sepultou toda com eles, e em seu lugar ressuscitaram os ódios e a inveja daquele favor que então se dissimulava."³⁰ Mas, apesar de tudo, estava ainda no Brasil, longe da alçada da Inquisição, e isso seria, provavelmente, para ele um importante factor de tranquilidade. Com efeito, não poderia ainda Vieira prever nessa altura o forçado regresso a Lisboa que em breve se verificaria.

No Maranhão, agudizava-se o conflito entre colonos e jesuítas, que culminaria com a expulsão destes últimos, em 1661. Na metrópole, o golpe de Estado de 1662 afastara do poder D. Luísa de Gusmão e colocara no trono D. Afonso VI. Ora, Vieira estava do lado da facção que apoiava a rainha regente e queria o infante D. Pedro para Rei. Nem outra posição, aliás, se poderia esperar dele. D. Afonso VI era um mentecapto e não era difícil prever as consequências nefastas que certamente adviriam ao reino do seu governo.

Assim, tomava a vida de Vieira um rumo pouco auspicioso. Pouco depois da subida de Afonso VI ao poder, os seus conselheiros, entre os quais se destacava o Conde de Castelo Melhor, trataram de o afastar da corte, bem como a todos quantos sabiam, ou julgavam saber, serem da facção oposta. Entre eles contavam-se quase todos os amigos e protectores de Vieira. Nestas circunstâncias, o desfecho dos negócios do Maranhão nunca poderia ser favorável ao jesuíta e, em 1663, decidia-se a causa de modo muito

c'est parce qu' il la rédige alors. Nous pensons que Vieira construit au Brésil l' architecture définitive de son ouvrage et qu' il prend d' abondantes notes, qu' il ébauche des développements, des chapitres. Tout ce matériel, de retour au Portugal, il ne fera que le compléter, l' articuler".

²⁹ "Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo", Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, p. 2 (ls. 6-11).

³⁰ *Cartas*, vol. I, pp. 464-465.

diferente das suas aspirações: os jesuítas eram autorizados a voltar às missões, embora muito diminuídos nos seus poderes, mas ele, especificamente, era proibido de regressar ao Maranhão.

Impedido de regressar ao Brasil, desterrado no Porto e desamparado pelas circunstâncias de praticamente todos os seus amigos e protectores, estavam finalmente criadas as condições que a Inquisição desde há muito esperava para definitivamente aniquilar tão temível adversário. Desde a morte de D. João IV que novas denúncias, sempre cuidadosamente arquivadas pelo Tribunal, engrossavam o processo de Vieira. Mas eram ainda minúcias que não legitimavam uma acção imediata. O pretexto definitivo para tal acção encontraram-no os Inquisidores na já referida carta ao Bispo do Japão. As principais ideias expressas na carta "Esperanças de Portugal" não eram novas, nem mesmo secretas. Desde que o agravamento do estado de saúde do Rei começara a fazer temer o pior, que Vieira não escondia a teoria sobre a sua ressurreição³¹ baseando-se para tal nas profecias de Bandarra, que aceitava como verdadeiro profeta. A carta era apenas a prova documental de que o Tribunal precisava para desencadear o processo. Poucos meses antes de morrer, em 1660, tinha o Bispo do Japão sido chamado à Mesa da Inquisição de Lisboa para entregar a sobredita carta, mas nessa época gozava ainda Vieira de algum favor político, que lhe vinha dos seus tempos de conselheiro e valido do Rei, junto da Rainha regente, e o Tribunal esperaria ainda então por ocasião mais propícia. Tal ocasião forneceu-a a reviravolta política acima referida. Pôde assim, finalmente, a Inquisição chamar pela primeira vez à Mesa o jesuíta, então desterrado, já não no Porto, mas em Coimbra.

Começa aqui o longo calvário dos interrogatórios, em que Vieira procura explicar e provar, com a energia que lhe é característica, a legitimidade das proposições que lhe eram censuradas, cujo número, no final, ascendia a 104. No entanto, só as primeiras nove são, de facto, importantes e é a elas, fundamentalmente, que Vieira procura responder. Devido à vastidão e dificuldade das matérias, ou talvez apenas para ganhar tempo, solicita, logo em 1663, a possibilidade de o fazer por escrito. De qualquer modo, é facto que não era a sua defesa que nessa altura lhe ocupava o espírito, como se pode ver pela sua correspondência pessoal relativa a este período³². Aproximava-se a passos largos o ano de 1666, que Vieira, como muitos outros, esperava com ansiedade, pois, de acordo com interpretações cabalísticas, anunciava nos números de que se compunha grandes e maravilhosas coisas. Urgia, por isso, avançar a *História do Futuro*, para que as profecias não fossem ultrapassadas pelos próprios acontecimentos que deviam prenunciar. Assim, quando, em 1664, foi chamado à Mesa para apresentar a apologia que se propusera redigir, apenas pôde mostrar aos Inquisidores algumas partes da *História do Futuro*, na sua maioria em fase de rascunho ou ainda incompletas. Para Vieira isso não tinha, de facto, a menor importância, pois em breve os extraordinários acontecimentos de 1666 viriam mostrar e provar o verdadeiro sentido das proposições que agora lhe eram censuradas e, na redenção universal, terminariam todos os

³¹ Cf. além da referida carta (Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, pp. 1-66), o sermão de Salvaterra e o "Sermão das Exéquias de El-Rei D. João IV". O Sermão de Salvaterra "...segundo anos depois declarou, não foi nunca escrito; improvisou-o no púlpito (...). O mesmo afirmou do sermão das exéquias, no Maranhão, por D. João IV..." (Azevedo, ob. cit., vol. I, p. 219). Este último, no entanto, pode ler-se na edição por nós utilizada, ainda que com muitas "faltas e lacunas" (*Sermões*, vol XV, pp. 303-321). A propósito, esclarece-nos o editor: "Este sermão apareceu (...) em papéis avulsos depois da morte do genial orador e faz parte dos que o padre André de Barros publicou no volume de título *Vozes Saudosas*. Tem muitas faltas e lacunas sobre as quais Vieira nunca pôde passar a última lima" (idem, p. 303, nota).

³² *Cartas*, vol. II.

sofrimentos e humilhações que agora padecia. Essa esperança terá sido a que lhe manteve o ânimo que, apesar de tudo, evidencia na sua correspondência desta época³³.

A realidade, porém, era bastante diferente. A paciência dos Inquisidores começava a esgotar-se e, conseqüentemente, agravava-se perigosamente a situação do jesuíta sem que este parecesse importar-se ou sequer aperceber-se de tal facto. Desta feita, logrou ainda o alargamento do prazo que o Santo Ofício lhe tinha concedido por mais cerca de três meses, depois prolongados por motivo de doença. Mas, ainda então, o seu espírito continuava ocupado com a *História do Futuro* e quando, quase um ano depois do pedido de prorrogação do prazo, foi intimado a apresentar à Mesa o que tivesse escrito, terminado ou não, continuava a não ter mais para mostrar do que capítulos mais ou menos concluídos da referida obra. Desta vez, porém, os Inquisidores não transigiram: apreenderam-lhe o material apresentado e, menos de um mês depois, ordenaram a sua prisão.

Só então Vieira começou a redigir a prometida apologia, sob a forma de duas extensas Representações que viria a entregar à Mesa em Julho de 1666. Na verdade, não se afastava com isto dos grandes temas da *História do Futuro*. Obrigado pela pressão dos Inquisidores ou, talvez mais, pela pressão do tempo, via-se na necessidade de abreviar nas Representações as matérias a que havia pensado dar larguíssimo desenvolvimento na grandiosa obra há tanto planeada. Ficamos sem saber qual o peso relativo que cada um dos referidos factores terá tido na elaboração das Representações, mas, tratando-se de Vieira, parece legítimo imaginar que a impossibilidade, então já definitiva, de acabar a tempo a *História do Futuro* terá pesado mais que o risco da própria vida, não só na decisão de escrever as Representações, mas também na rapidez da redacção.

O ano de 1666 correu sem que algum acontecimento maravilhoso ou sequer extraordinário viesse confirmar as esperanças de Vieira. Em vez disso, agravou-se ainda mais a sua já precária situação. As Representações não convenceram os Inquisidores e a sentença, em 1667, limitou-se a confirmar a culpa do réu, condenando-o, em consequência, a ser "privado para sempre de voz activa e passiva e do poder de pregar, e [a ficar] recluso no Colégio ou Casa de sua religião, que o Santo Ofício lhe assinar, de onde sem ordem sua não sairá; e que por termo por ele assinado se obrigue a não tratar mais das proposições de que foi arguido no discurso de sua causa, nem de palavras nem de escritos, sob pena de ser rigorosamente castigado".³⁴ Tão pouco lhe valeu a redacção de uma segunda defesa³⁵, bastante mais breve, na qual pretendia que, em relação às duas extensas Representações, se visse "brevemente o dilatado, distintamente o confuso e claramente o escuro e mal declarado"³⁶, mas que lhe foi recusada pouco antes de ouvir a sentença.

Não consta que Vieira tenha sido fisicamente maltratado em qualquer momento do processo; pelo contrário, atendendo aos conhecidos "estilos" da Inquisição, parece até ter usufruído de grande benevolência. Esta ideia geral necessita, no entanto, de ser matizada. É facto que Vieira não foi torturado nem supliciado, como tantos, cujas histórias dramáticas se podem ler na obra do Dr. António Baião³⁷, mas seria ingenuidade acreditar que tal benevolência tenha ultrapassado estes limites. Das duríssimas condições

³³ *ibidem*.

³⁴ "Sentença que no Tribunal do Santo Ofício de Coimbra se leu ao Padre António Vieira", Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, p. 235, ls. 14-22.

³⁵ "Defesa do livro intitulado «Quinto Império», Sérgio e Cidade, idem, vol. VI, pp. 97-179.

³⁶ *ibidem*, p. 99.

³⁷ *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, 1936-53.

de subsistência que Vieira terá enfrentado no cárcere dá conta um jesuíta italiano, de nome José Mucciarelli, em carta ao Geral da Ordem, que Francisco Rodrigues traduz do latim.³⁸ Muito embora não haja nenhuma referência segura a este respeito, parece lícito acreditar que, ainda que a sua fama e notoriedade, bem como a segurança e galhardia, completamente atípicas nos réus da Inquisição, suscitasse uma certa moderação por parte dos Inquisidores, as condições enfrentadas no cárcere terão com certeza sido em extremo penosas para Vieira. Mesmo não sofrendo sevícias e gozando até de algumas regalias em relação aos presos comuns, atormentá-lo-ia, provavelmente mais do que o sofrimento físico, o simples facto de estar confinado à estreiteza de quatro paredes enquanto, lá fora, o mundo palpitava de vida e, talvez, estariam já em curso os grandes eventos que esperava para breve. Além disso, atormentá-lo-ia ainda sobremaneira a privação dos livros e outros meios necessários à prossecução da sua obra, bem como à preparação dos interrogatórios. Somavam-se ainda a estas penas as doenças e a humilhação da própria situação em que se encontrava, desprestigiada para si e para a Ordem, que prezava acima de si próprio. De tudo isto deveriam os Inquisidores ter plena consciência e a prová-lo está a escolha das penas, cinicamente seleccionadas para atingir o réu da forma mais cruel.

Não durou muito, porém, o suplício de Vieira. Em breve, uma nova reviravolta na situação política lhe devolveria a liberdade. O afastamento de D. Afonso VI e a tomada do poder por D. Pedro pareciam abrir de novo a Vieira as portas da corte, mas essa breve ilusão desfar-se-ia rapidamente. D. Pedro era muito diferente do pai e em nada inclinado a escutar os conselhos do jesuíta. De qualquer forma, o tempo de Vieira na corte tinha passado e ele, no fundo, deveria sabê-lo. Surgiu-lhe então a ocasião de partir para Itália, onde, a pretexto de tratar da canonização dos mártires do Brasil, pretendia obter a revisão do seu processo na Inquisição portuguesa e a isenção perpétua da sua jurisdição.

O período que passou em Itália foi, sem dúvida, importante, pela glória de pregador que aí alcançou, pregando em português e em italiano com a mesma energia, e pelos contactos que estabeleceu com muitas das mais importantes personalidades da política e da cultura europeias da época. Roma era então o centro de todo o mundo católico e uma verdadeira capital da cultura e talvez em nenhum outro lugar como ali pudesse Vieira satisfazer o seu gosto pela mundaneidade. Entre os aplausos do púlpito e a frequência dos mais importantes centros culturais e mundanos, como a corte de Cristina da Suécia, onde tudo acontecia e tudo se sabia, encontrava ainda tempo para se corresponder com importantes personalidades, portuguesas, como D. Rodrigo de Meneses e Duarte Ribeiro de Macedo, e estrangeiras, como Cosme III de Médicis.³⁹ Dessa correspondência, nomeadamente da que se destinava a Portugal, pode-se no entanto concluir que, apesar de tudo, o despeito pela ingratidão do Príncipe e pelas circunstâncias em que saíra da pátria continuavam a magoá-lo e nem as honras de que era alvo em Roma atenuavam o desejo de regressar. Apenas o receio de uma revindicta por parte da Inquisição e, não menos, a ausência de qualquer manifestação clara de D. Pedro nesse sentido o impediam de concretizar tal desejo.

Só em 1675 Vieira regressa a Lisboa, mas não sem antes ter obtido o Breve de Clemente X que o isentava para sempre da jurisdição da Inquisição portuguesa. A atitude do Regente, porém, não mudara e, em breve, o jesuíta perderia todas as

³⁸ Ob. cit. p. 98.

³⁹ Cf. *Cartas*, vol. III. Sobre as relações de Vieira com Cosme III de Médicis vejam-se os artigos de Aníbal Pinto de Castro "O Padre António Vieira e Cosme III de Médicis", 1962 e "Correspondentes portugueses de Cosme III de Médicis", 1967.

esperanças que poderia ter acalentado de voltar a estar na graça da família real. Durante os cerca de cinco anos que passou em Lisboa só uma vez lhe foi dado papel de alguma relevância nos negócios públicos e todas as atitudes de D. Pedro para com ele revelavam ingratidão e desamor. Nem mesmo quando, em 1681, partiu, desta vez para sempre, para o Brasil, o Regente mostrou, sequer por cortesia ou respeito pela sua já proveccta idade, qualquer interesse em conservá-lo junto de si.

Iniciava-se, assim, sob o signo do mais profundo desengano, a última fase da vida de Vieira. A idade e as muitas doenças de que padecia não lhe permitiam já esperar vir ainda a reverter a situação. Uma após outra, todas as suas grandes esperanças se haviam revelado ilusões que o tempo e a ingratidão dos homens se tinham encarregado de desfazer. Das vaidades e glórias do mundo bem deveria saber Vieira que já se despedira definitivamente, mas, no que tocava às esperanças de redenção universal, nunca, até ao último momento da sua vida, as abandonou. É certo que as interpretações que fizera das *Trovas* de Bandarra se tinham revelado, até então, falsas. Mas, para ele, o erro estava apenas no quem, como e quando, e não nos factos em si, que continuava a ter como certos⁴⁰.

A maior prova da persistência desta esperança encontramos-na no empenho com que, nos seus últimos anos, tentou terminar aquela que considerava a grande obra da sua vida e que meditara durante grande parte dela: a *Clavis Prophetarum*. Era esta algo diferente da *História do Futuro*, embora em muitos aspectos a continuasse e expandisse. De carácter mais erudito e escrita em latim, por se dirigir a um público constituído pelos teólogos e exegetas de todo o mundo, a *Clavis* não se afastava do tema da *História*: o reino consumado de Cristo na terra, ainda que tratado de forma mais teórica e liberta de interpretações lusocêntricas, em que a política e o misticismo andavam de mãos dadas.⁴¹ Idêntico viria a ser também, além do tema, o destino das duas obras: ambas concebidas como monumentais tratados proféticos e ambas deixadas incompletas, a primeira porque os acontecimentos a haviam ultrapassado e a Inquisição proibido, a segunda porque a morte calou para sempre o seu autor antes de a poder dar por terminada.

Não se julgue, no entanto, que a *Clavis* foi, para Vieira, a única ocupação de uma velhice remansosa. Mesmo nos seus últimos anos, doente e já de idade bastante avançada, a vida de Vieira foi sempre agitada e ocupada por múltiplos afazeres. Além das tarefas de religioso e missionário, que continuava a cumprir na medida das suas forças e saúde, tomou ainda a de dar à estampa os seus sermões, em doze tomos. Era esta uma obra laboriosa, que o obrigava, tão contra a sua natureza, ávida de novidades, a rebuscar nos antigos fragmentos e notas e em lugares recônditos da sua memória os elementos para reconstituir os sermões, que, na maior parte dos casos, eram improvisados sobre as linhas temáticas previamente esboçadas, bem ao gosto barroco. Ao contrário das obras proféticas acima referidas, pôde ainda Vieira concluir os *Sermões*, embora o décimo segundo tomo tenha sido ultimado *in extremis*, viajando para Lisboa juntamente com a notícia da morte do seu autor.

De Vieira ficaram, assim, como principais manifestações do seu génio e carácter os *Sermões* e, de forma indirecta, as *Cartas*. Pouca coisa para quem, como ele, sonhou deixar à posteridade monumento de muito maior grandeza, através do qual seria lembrado pelas gerações vindouras. Ao longo de toda a sua vida, aliás, sempre as

⁴⁰ "Peu d' hommes ont vécu aussi totalement que Vieira la théologie de l' histoire dominée par l' attente de la fin des temps. Partageant l' impatience et l' imprudence des millénaristes, il a cru plusieurs fois avoir rendez-vous avec l' objet de son espérance, et, déçu, il a cru chaque fois qu' il s' était trompé d' heure, jamais que l' heure n' était pas proche", Bataillon, [1964], p. 19.

⁴¹ Cf. Besselaar, ob. cit., p. 17 e nota 93.

circunstâncias ou o destino malograram as obras em que pôs maior empenho, como político e diplomata, como religioso e missionário e, finalmente, como escritor, teólogo e exegeta. Não pôde, pois, Vieira ficar na história da época da Restauração como político e diplomata eminente, nem na história da religião e da literatura religiosa como grande pensador e exegeta ou, sequer, como missionário de excepção que pela vida ou pela morte se destacasse dos seus irmãos. Ficou sim, ao contrário de tudo o que pudera prever ou sonhar, como expoente máximo da eloquência sagrada, graças aos *Sermões*, que considerava como obra menor.⁴²

As suas obras proféticas, no entanto, são fundamentais, ainda hoje, para quem queira conhecer melhor a personalidade e cultura vieirianas. Besselaar que, como ninguém até hoje, estudou de forma abrangente e com profundo rigor a *História do Futuro*, ressalta-lhe as falhas: "Nosso exame das fontes e da sua utilização pelo autor virá patentear alguns pontos fracos da cultura vieiriana, não só o seu insuficiente preparo linguístico..."⁴³ Ao contrário de muitos outros estudiosos de Vieira⁴⁴, Besselaar reconhece-lhe os pontos fracos que, à primeira vista, deitam por terra a imagem de erudito com pretensões a abrir caminhos novos na exegese⁴⁵. É certo que Vieira não dominava bem o grego, muito menos o hebraico e o caldaico e que, muitas vezes, revela conhecimentos apenas superficiais ou indirectos em muitas matérias, mas, como também reconhece o mesmo Besselaar⁴⁶, se não foi um grande pensador e exegeta, foi, sem dúvida, um grande artista, capaz de animar com o génio da sua inspiração qualquer ideia ou facto, ainda que não fosse ele o seu autor. É curioso verificar como, neste aspecto, Vieira cai, muitas vezes, nos vícios que condena noutros: no célebre Sermão da Sexagésima, por exemplo, condena o estilo em voga na sua época, mas, ele próprio se deixa muitas vezes enredar pela sedução das alegorias, antíteses e trocadilhos; na *Representação*, condena aqueles que "[tomam] a água nos regatos, por se não cançarem de a ir buscar à fonte."⁴⁷, mas ele próprio o faz diversas vezes, por necessidade ou apenas por comodidade⁴⁸.

Assim, fica Vieira, no universo literário seiscentista, como uma figura ímpar, indubitavelmente genial em muitos aspectos, mas, em muitos outros cheio de contradições e fraquezas a vários níveis, em parte produto da sua época, em parte

⁴² Veja-se, como exemplo, a conhecida carta que, já no final da vida (27 de Junho de 1696), escreve a Sebastião de Matos e Sousa: "...querendo que em lugar de palácios altíssimos me ocupasse em fazer choupanas, que são os discursos vulgares que até agora se imprimiram", *Cartas*, vol III, p. 701 e nota (3), em que Azevedo esclarece que a antítese se refere à *Clavis Prophetarum* e aos *Sermões*, respectivamente.

⁴³ ob. cit., vol I, p. 63.

⁴⁴ Cf., por exemplo, Cidade, 1957, vol. II, p. V do "Posfácio": "...saliente-se a surpreendente erudição do teólogo. É todo um conclave de escritores eclesiásticos e laicos que êle convoca, em apoio de quanto afirma, além das centenas de passos de textos sagrados, que parece conhecer como aos seus dedos (...) Mas não são apenas eclesiásticos os escritores de quem cita nomes e aproveita o saber. Não faltam, como já dissemos, leigos dos mais notáveis, a começar pelos antigos (...) e a terminar pelos seus contemporâneos...", ou, no mesmo sentido, Rodrigues (ob. cit. p. 81): "A intelligencia era aguda e penetrante, prompta e remontada, de vastissima comprehensão e capaz de abranger a todas as materias com a profundidade e exactidão de quem tivesse feito estudos especiaes".

⁴⁵ Cf. a este propósito os artigos do autor intitulados respectivamente "António Vieira e Paulo Sherlogo", [1972], pp. 17-41 e "Erudição, Espírito Crítico e Acribia na *História do Futuro* de António Vieira", 1974-75, pp. 45-79.

⁴⁶ 1976, vol I, pp. 63-64.

⁴⁷ *Defesa...*, ed. de Cidade, 1957, vol. I, p. 227. O passo citado não se encontra no manuscrito BN.

⁴⁸ "Sua erudição era, no mais das vezes, de segunda mão, não sendo o fruto de uma pesquisa pessoal e crítica das fontes.", Besselaar, [1972], p. 17. Cf também, idem, pp. 18 e 38-39.

transcendendo-a. Dele diz Francisco Rodrigues⁴⁹ as seguintes palavras, fundamentais para quem, de alguma forma, pretenda retratá-lo: "No retrato desta singular personagem, se prescindimos do sobrenatural, que animava suas acções, e se damos á sua multiplice actividade impulsos e intuitos meramente humanos, ou condemnaveis em si mesmos, ou admissiveis ou ainda louvaveis, não lançaremos ao quadro as linhas verdadeiras do original, nem esboçaremos pintura fiel que nos represente a envergadura desse genio, mas traçaremos talvez uma caricatura de Vieira, faremos delle um caprichoso ou ambicioso vulgar, e não o homem, que, apesar das deficiencias e excentricidades provenientes da complexidade do seu character, a historia nos obriga a appellar grande".

⁴⁹ Ob. cit. p. 92.

2 - Vieira: o Homem e as suas Obras

Orador/Escritor, a fortuna da recepção

Vieira surge no universo seiscentista português como a figura literária que melhor o representa, e esse será seguramente um dos motivos que têm levado tantos autores, portugueses e estrangeiros, a interessarem-se pela sua obra. No entanto, Vieira não era, por natureza, um escritor, mas antes um orador: à palavra escrita preferia a palavra dita; à recepção diferida preferia a recepção imediata, e, enfim, à concentração e ao longo e aturado trabalho necessários à elaboração de obras escritas de grande extensão e complexidade preferia o desenvolvimento pontual e *ad hoc* de determinados temas em textos orais de pequena e média extensão: os sermões.

Assim se explica, antes de mais, a relutância, manifestada em várias ocasiões, inclusive no Prólogo dos *Sermões*, em "reduzir a estilo" os sermões pregados no púlpito e, quase sempre, apenas esboçados sob a forma de apontamentos escritos: "...obrigação, porque começo a tirar da sepultura estes meus borrões, que sem a voz que os animava, ainda ressuscitados são cadáveres"⁵⁰. Como grande orador que era, fama da qual, como vimos, sempre gozou, Vieira tinha a perfeita consciência, cabalmente expressa nas palavras citadas, das enormes diferenças entre a palavra dita, e ainda mais a palavra pregada, e a palavra escrita. Assim, a "exumação" destes "cadáveres" era-lhe duplamente penosa: por um lado, custava-lhe um longo e meticuloso trabalho de "lima", exigindo grande aplicação e persistência, com a agravante de que escrever o já dito em nada empolgava o seu espírito; por outro, o resultado de tamanho labor nunca poderia ressuscitar, de facto, os sermões pregados, perdidos para sempre entre a voz do pregador e os ouvidos cristãos do seu público, que enchia qualquer recinto onde Vieira pregasse. Daí que só por obediência ao Rei e ao Geral da sua Ordem se tenha obrigado a empreender e, o que mais importa, a concluir a edição dos *Sermões*.

A mesma preferência pelo oral em detrimento do escrito, relacionada, cremos nós que de bastante perto, com a dificuldade de concentração exigida pelos textos escritos de longa extensão, estará também na base, juntamente com as vicissitudes da vida do autor (cf. I, 1), do estado fragmentário e inacabado em que ficaram as suas grandes obras proféticas, planeadas e concebidas para serem monumentais mas que, ao contrário dos sermões, que puderam passar do discurso interior ao discurso oral e deste à fixação pela escrita, nunca passaram, na sua maior parte, da fase de elaboração mental.

Apesar da preferência, e até, aparentemente, de uma maior aptidão, pelo púlpito, Vieira encarava os seus sermões, no que toca à recepção, como simples manifestações de oralidade, destinadas a perdurar apenas na memória dos seus ouvintes, e era bem diferente, a todos os níveis, a obra pela qual desejava ser conhecido pelos vindouros. Esta sim teria de ser uma obra escrita, por forma a perdurar no tempo, e de grande extensão e magnificência, dadas as características da matéria a abordar. Vieira considerava-se incumbido de uma espécie de "missão" que consistia em interpretar e divulgar as profecias que preconizavam a chegada iminente do Quinto Império e a grande obra idealizada deveria ser o meio pelo qual daria a conhecer tais esperanças. Tal

⁵⁰ *Sermões*, "Prólogo do Autor", vol. I, p. LVII.

obra seria primeiro a *História do Futuro* e, depois, a *Clavis Prophetarum*, concebidas e encetadas em épocas diferentes, com objectivos diferentes e para públicos diferentes, mas substancialmente idênticas. A *Representação* surge cronologicamente entre ambas, fruto de uma circunstância específica da vida do seu autor (cf. I, 1).

Das três obras, chamadas de carácter profético porque nelas se apresenta uma visão profética da História, a *História do Futuro* e a *Clavis* ficariam ambas incompletas, fragmentárias e conhecidas apenas de um círculo muito restrito de amigos e admiradores de Vieira, enquanto a *Representação*, dada como concluída pelo seu autor por força das circunstâncias, permaneceria também confinada a um público muito restrito e, neste caso, pouco predisposto a uma recepção favorável, os Inquisidores.

Os *Sermões*, pensados para serem apenas ouvidos, acabaram, a pesar do autor, por ser a mais conhecida das obras vieirianas, não só na sua época, mas para a posteridade, através do processo de fixação pela escrita a que, como vimos, o seu autor os submeteu, tendo sido várias vezes editados, em Portugal e no estrangeiro, e trabalhados por vários autores. O mesmo sucedeu com as *Cartas*, documentos escritos, em princípio de carácter privado e, como tal, destinados a permanecerem na intimidade das escrivatinhas dos seus destinatários, mas que acabariam por tornar-se públicas, tendo também conhecido várias edições.

Assim, a Obra de Vieira só é actualmente conhecida da generalidade do público através de manifestações literárias não previstas pelo seu autor para permanecerem como tais através do tempo. As obras de carácter profético, às quais se aplicou como escritor, com vista à elaboração de uma obra de grandes dimensões que o projectasse para a posteridade como arauto do Reino de Cristo consumado na terra, foram, no seu tempo, como vimos, apenas conhecidas de um círculo restrito de pessoas e são hoje, ainda que editadas, no estado em que chegaram até nós, conhecidas de um círculo talvez ainda mais restrito de estudiosos de Vieira ou da temática quinto-imperial.

As razões para a desigual fortuna das obras de Vieira no tocante à recepção, tão contrária às expectativas do seu autor, são de vária ordem: a mais evidente será o facto de os *Sermões* e as *Cartas* serem as únicas obras de Vieira efectivamente concluídas, face ao estado fragmentário e inacabado em que ficaram as obras de carácter profético. No entanto, este não será seguramente o único factor determinante nos diferentes tipos de recepção das obras em causa, até porque a *Representação*, apesar de concluída, partilha com as restantes obras proféticas, inacabadas, o insucesso ao nível da recepção. As diferentes natureza, extensão e estilo dos escritos constituirão provavelmente outros dos factores determinantes neste aspecto.

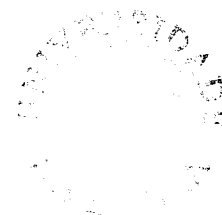
As obras de carácter profético, incomparavelmente mais extensas do que os sermões ou as cartas, versando sobre temas de grande complexidade e, por vezes, quase inevitavelmente obscuros, sobretudo para o leitor moderno, mas mesmo para o leitor seiscentista leigo, e escritas no estilo austero e despojado, por vezes quase árido, que convém aos tratados de Teologia, bem como às apologias, dificilmente poderiam exercer sobre o leitor uma atracção semelhante à exercida pelas cartas, que revelam o Homem em escritos breves, claros e fluentes, ou pelos sermões, que revelam o genial Escritor em todo o seu virtuosismo, em textos que, pelo facto de serem originalmente orais e destinados a um público heterogéneo, são relativamente breves e marcadamente didácticos.

Finalmente, há que considerar os diferentes graus de adequação de cada uma das obras em causa às expectativas do público. De um padre jesuíta, no séc. XVII, esperava-se o ensinamento da palavra de Deus através do sermão, de grande prestígio na época, onde o pregador, quando exímio como o era Vieira, aliava o interesse unânime suscitado

pelos conteúdos à exuberância e ao requinte da forma, ao gosto barroco de seiscentos, e que hoje, ainda que de uma perspectiva diferente, continuamos a admirar. Pelo contrário, a divulgação de profecias, muitas das quais não canônicas, aliada a uma exegese frequentemente heterodoxa ou vista como tal, tendia a suscitar a desconfiança e, ainda que muitas personalidades relevantes da Igreja, incluindo vários Santos, tivessem, em várias épocas, redigido escritos proféticos, a verdade é que a teoria quinto-imperial de Vieira era nova em muitos aspectos e, se por um lado colidia com a ortodoxia religiosa, por outro colidia com o sebastianismo mais conservador e, desde a morte de D. João IV, também com o poder político vigente. No contexto do sermão, em que o pregador se reveste de uma autoridade espiritual que lhe vem da sua condição de ministro de Deus, podia Vieira aspirar a fazer passar a sua mensagem, ainda que, muitas vezes, ela não fosse inteiramente ortodoxa e consensual, mas, fora do púlpito, deixava de ser o divulgador da palavra divina e passava a ser o divulgador de profecias de origem e valor heterogêneos perdendo, assim, a mais valia que o sacerdócio lhe grangeava.

Não podia, pois, por todos os motivos aduzidos, a fortuna da grande Obra ser a que para ela esperava o seu autor. De qualquer forma, acreditamos que, ainda que as circunstâncias tivessem sido diferentes, dificilmente poderia ela alguma vez ser concluída, porque, para além do mais, a sua natureza e extensão não eram compatíveis com a índole de Vieira. Besselaar, que tão bem apreendeu e compreendeu o espírito de Vieira, explica o inacabamento e, em última análise, a fortuna da malograda Obra desta forma, que lapidariamente retrata, num único traço, o Homem e o Escritor: "Vieira necessitava de uma forte pressão externa para poder se dar com assiduidade a um trabalho de largo fôlego. Sentindo uma certa coacção, era capaz de levar a cabo uma tarefa imposta; não a sentindo presente, deixava-se facilmente distrair do seu assunto, sempre propenso a tomar atalhos floridos e pitorescos, em vez de seguir a estrada régia; além disso, era homem extremamente activo, que não suportava por muito tempo a atmosfera bolorenta de uma biblioteca. A vida lá fora era tão cativante e arrebatadora! No fundo, Vieira não tinha nem a paciência nem a disciplina de um erudito."⁵¹

⁵¹ Besselaar, 1983, p. 11.



Apêndice

Tábua bio-bibliográfica

Tábua bio-bibliográfica⁵²

Datas	Acontecimentos	Obras
1608	Nascimento em Lisboa	
1614	Partida para o Brasil	
1623	Entrada na Companhia de Jesus	Pregação do primeiro sermão, da série dos que pregou na Baía até 1641: <i>S. Nascimento Menino Jesus</i> (Baía, antes de 1633)
1640	Restauração	
1641	Regresso a Lisboa e audiência com D. João IV. Actividade política e diplomática	Pregação do <i>S. Bons Anos</i> (Lisboa, 1642), que abre um período de intensa actividade sermonária em Lisboa, entre 1642 e 1651; Redacção das primeiras páginas da <i>História do Futuro</i> (1649)
1651	Regresso ao Brasil e retoma da actividade religiosa e missionária	Pregação do primeiro sermão da série dos que pregou no Maranhão, entre 1653 e 1659: <i>S. 1ª D. Quaresma</i> (Maranhão-1653)

⁵² A selecção de datas, acontecimentos e obras é nossa e tem em conta apenas aqueles que consideramos como marcos no percurso de Vieira. No tocante à cronologia dos sermões, seguimos Mendes, 1989, pp. 547-561. Para um levantamento cronológico bio-bibliográfico completo veja-se o apresentado em Leite, 1938-50, vol. IX, Apêndice H, pp. 402-412.

1653	Morte do Príncipe herdeiro, D. Teodósio	Pregação do <i>S. Exéquias D. Teodósio</i> e do <i>S. S. António (aos peixes)</i> , ambos no Maranhão (1654) e do <i>S. Sexagésima</i> (Lisboa ⁵³ -1655)
1656	Morte de D. João IV e regência de D. Luísa de Gusmão	Pregação do <i>S. Exéquias D. João IV</i> (Maranhão-1657); Redacção da carta <i>Esperanças de Portugal</i> (1659)
1661	Expulsão dos Jesuítas do Brasil e regresso a Lisboa	Retoma da actividade sermonária em Lisboa, com o <i>S. Epifania</i> (Lisboa-1662) ⁵⁴ , e da redacção da <i>História do Futuro</i> (1661-65) ⁵⁵
1662	Golpe de Estado que depõe D. Luísa de Gusmão e eleva ao poder D. Afonso VI; Afastamento da Corte ⁵⁶	
1663	Abertura do Processo na Inquisição	Pregação do <i>S. S. Catarina</i> (Coimbra-1663)
1665	Prisão	Redacção do <i>Livro Antepimeiro da História do Futuro</i> (1665) ⁵⁷ ; Redacção da <i>Representação...</i> (1665-66); Redacção da <i>Defesa do Livro intitulado Quinto Império</i> (1666-67) ⁵⁸

⁵³ Entre 1654 e 1655 Vieira deslocou-se a Lisboa, em negócio relacionado com a situação dos índios do Brasil, tendo, nesse período, pregado vários sermões.

⁵⁴ São poucos os sermões pregados neste período, facto que se relacionará de muito perto com a situação política, em tudo desfavorável a Vieira: D. João IV, seu protector, morrera já (1656) e a rainha regente, que partilhava da afeição do marido pelo jesuíta, é deposta pouco depois da chegada de Vieira a Lisboa, subindo ao trono D. Afonso VI, que Vieira não apoiava.

⁵⁵ Embora só em 1664 Vieira tenha retomado as primeiras páginas da obra iniciada em 1649, alterando-lhe a data, é de crer, pela sua correspondência deste período (cf. *Cartas*, vol. II), que tenha tornado a ela pouco depois do seu regresso a Lisboa, eventualmente aproveitando algumas notas e reflexões feitas no período da sua estada no Brasil (cf. I, 1, pp. 12-13).

⁵⁶ Vieira é, nesta ocasião, deportado para o Porto e, mais tarde, para Coimbra.

⁵⁷ O *Livro Antepimeiro* é ainda escrito em liberdade, ao contrário da *Representação*, totalmente redigida em situação de clausura e como consequência dela.

1667	Leitura da sentença; Abdicação de D. Afonso VI e Regência de D. Pedro II; Libertação	Retoma da actividade sermonária com o <i>S. Gratulatório e Panegírico</i> (Lisboa-1669) ⁵⁹
1669	Partida para Itália	Início da redacção da <i>Clavis Prophetarum</i> (1671 ⁶⁰ -96); Pregação de vários sermões em italiano (1672-74)
1675	Regresso a Lisboa	Publicação do primeiro tomo dos <i>Sermões</i> (1679)
1681	Partida definitiva para o Brasil	Início da última série de sermões, na Baía ⁶¹ , com a pregação do <i>S. SS. Nome Maria</i> (Baía-1683);
1697	Morte na Baía	Pregação do último sermão datável: <i>S. Felicíssimo Nascimento</i> (1696)

⁵⁸ Este texto pretendia ser uma síntese da *Representação...* foi apresentado ao Tribunal depois dela e antes da sentença, entre 1666 e 1667, mas não foi tida em conta pelo Tribunal.

⁵⁹ Este é o primeiro sermão efectivamente pregado por Vieira depois da libertação. De 1668 data o "S. Histórico e Panegírico Anos da Rainha", que nunca chegou a ser pregado nem inserido por Vieira nos tomos dos *Sermões*, por razões que se prenderão provavelmente com a frieza que caracterizava a atitude de D. Francisca de Sabóia para com o jesuíta (cf. Cidade, [1979], pp.171-174).

⁶⁰ As opiniões quanto à data de início da redacção da *Clavis* não são consensuais: Cidade (ob. cit., p. 213) pretende que Vieira terá iniciado a redacção da *Clavis* logo após a sua libertação, em 1667, tendo-a continuado em Roma e, depois, no Brasil; Besselaar, por seu turno, situa a redacção, de forma global, na última fase da vida do autor, 1681-97, (cf. Besselaar, 1983, p. 11), enquanto Mendes situa o início da redacção no período que Vieira passou em Roma, entre 1669 e 1675 e a sua continuação na Baía (cf. Mendes, 1997, p. 32 e ss.). Seguimos esta última opinião por ser a mais documentada e solidamente fundamentada.

⁶¹ Desta série destacam-se os trinta "Sermões do Rosário" (Baía, 1685-86), muitos dos quais, de acordo com Mendes (ob. cit., p. 559), não terão chegado a ser pregados.

Parte II - A "Representação Terceira" do Padre António Vieira perante o Tribunal da Santa Inquisição de Coimbra.

"...assi como nos embriões, antes de animados com a forma racional, se pode julgar da simetria e proporção dos membros imperfeitos, se os ordenava a natureza a produzir homem ou monstro, assi espero que se veja deste papel mais do que nele se ler e que dos fundamentos toscos e rudes (que é somente o que poderei apontar) ou se julgue a firmeza do edificio, que só estava delineado no pensamento, ou, quando menos, que teve bastante ocasião o mesmo pensamento para se enganar consigo e cuidar que não ia mal fundado."

Manuscrito BN, fl. 120r.

A Representação dos motivos que tive para me parecerem prováveis as Proposições de que tratava ou Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício de Coimbra.

1. - A importância da *Representação* no conjunto da obra completa de Vieira.

A expressão "Representação Terceira", não autógrafa, introduzida aqui por analogia com as duas representações que constituem a defesa escrita de Vieira perante o tribunal da Santa Inquisição de Coimbra, encerra aquele que, para nós, é o primeiro grande motivo de interesse da *Representação* e simultaneamente a sua primeira originalidade. "Representação Terceira" é metáfora da "representação" correspondente ao discurso espontâneo do autor. As particulares circunstâncias de redacção da obra e a existência de pelo menos dois testemunhos autógrafos da mesma permitem, à partida, adivinhar entre as múltiplas correcções de autor uma outra "representação", reveladora de um eventual processo de auto-censura potencialmente bastante interessante.

O mesmo conjunto de circunstâncias permite ainda esperar encontrar nesta obra, pelo confronto entre os seus testemunhos, novos dados que confirmem, infirmem ou acrescentem os que temos sobre Vieira enquanto Homem e enquanto *scriptor*, naturalmente integrado no contexto sócio-económico, político e cultural que era o do Portugal de seiscentos.

Enquanto Homem, e também enquanto *scriptor*, esperamos, à partida, encontrar na *Representação* o Vieira da *História do Futuro* e da *Clavis*, que, num estilo mais sóbrio que o dos *Sermões* e *Cartas*, mistura uma inteligência e um sentido prático notáveis com uma ingenuidade e irracionalidade que parecem assumir as suas maiores proporções na *História do Futuro*.¹ No entanto, o decurso do processo e o seu desfecho, descritos pelos seus biógrafos, permitem-nos adivinhar na *Representação* a prevalência da lucidez, erudição e inteligência sobre a irracionalidade, o devaneio, a conjectura e a especulação. Com efeito, uma vez caído em desgraça, teria sido fácil aos Inquisidores condená-lo a uma pena bem mais pesada. A "brandura" da sentença, tão pouco usual no Santo Ofício, tê-la-á Vieira, pelo menos em parte, devido à argúcia demonstrada, primeiro na forma como conseguiu ganhar tempo protelando sucessivamente a sua entrega e depois na forma como concebeu e redigiu a *Representação*.

Por outro lado, o que se lê na *Representação* é, por imposição das circunstâncias e não por opção, uma exposição, tão sucinta quanto possível, das teses que pretendia expor, explicar e fundamentar longa e copiosamente na *História do Futuro*, como prova, antes de mais, a notável correspondência entre o plano daquela obra² e o da *Representação Segunda*. Esta relação entre as duas obras apresenta dois tipos de implicações, que constituem para nós outros tantos motivos de interesse da

¹ Cf. Besselaar, 1976, vol I, p.2.

² "Plano da História do Futuro", Sérgio e Cidade, 1951-1954, vol. IX, pp. 161-170.

Representação sendo a primeira delas que, mais do que em qualquer outro escrito seu, as prodigiosas capacidades intelectuais e de memória de Vieira se revelam aqui, pois só tendo clara e perfeitamente delineadas na sua cabeça as teses que defendia e começara já a redigir para a elaboração da *História do Futuro* poderia, em situação de clausura, transpor-las para o papel sem outros auxiliares para além do *Breviário* e da *Bíblia*³; por outro lado, a situação pessoal particularmente delicada em que se encontrava traz à superfície uma faceta menos conhecida de Vieira, a do homem que pleiteia, já não pela causa dos índios ou dos judeus, mas em causa própria, o que poderá eventualmente afectar a natureza da sua argumentação.

A segunda implicação desta relação entre a *História do Futuro* e a *Representação* é a de nos colocar perante a necessidade de averiguar, não apenas a natureza exacta das relações entre aquelas duas obras, mas também entre elas e as restantes obras, ou fragmentos de obras, proféticas conhecidas, porquanto a temática quinto-imperial é uma constante em todas.

É esta análise da *Representação*, nos múltiplos aspectos inéditos que o estudo do seu processo genético e do seu relacionamento com as demais obras proféticas poderá revelar, que falta realizar e que nos propomos aqui tentar, partindo da edição do testemunho da *Representação* que permanece inédito, na medida em que tal trabalho nos parece constituir um contributo fundamental para realizar da melhor forma a urgente tarefa de "avançar na publicação das obras completas e consolar finalmente Vieira"⁴.

³ O escasso apoio bibliográfico de que Vieira dispôs para a redacção da *Representação* é por ele várias vezes referido ao longo deste texto, em tom de queixa ou de desabafo. Esta circunstância da redacção da *Representação*, que se enquadra nos "estilos" do Santo Ofício, é também sobejamente referida na bibliografia sobre Vieira.

⁴ Mendes, 1997, p. 32.

2 - O texto da *Representação*: a obra e sua fortuna editorial.

2.1. - Os Manuscritos.

A *Representação* chegou até nós completa, através de um manuscrito autógrafo, correspondente à versão final do texto, que se encontra incluído no processo de Vieira, actualmente na Torre do Tombo (Inquisição de Lisboa, Processo 01664, Rolo 1427 a 1427c), dentro do qual constitui a peça mais extensa, mas simultaneamente a mais interessante. Do extenso rol de documentos cuidadosa e diligentemente coligidos e arquivados pelo Tribunal cumpre destacar — entre um grande número de denúncias, mandatos de prisão, exames e depoimentos de testemunhas, admoestações, pareceres, cartas e papéis vários, de interesse e importância muito heterogéneos — alguns documentos que, para além da *Representação*, marcam as fases mais decisivas do processo, entre os quais se podem citar, a título de exemplo, a carta *Esperanças de Portugal* (1659); a carta em que os Inquisidores instam Vieira a que apresente a prometida apologia; a lista e análise das 99 proposições qualificadas pela Inquisição; os exames feitos no decorrer do processo; e, finalmente, a sentença.

O manuscrito da Torre do Tombo (TT) não é, contudo, o único manuscrito da *Representação*. Na Biblioteca Nacional de Lisboa (COD. 681 - [B-11-11]) encontra-se — incluído num volume a que algum incógnito catalogador deu o sugestivo título de *Vieira cahido*, no qual se coligiram documentos vários relativos ao processo de Vieira na Inquisição e onde, além de manuscritos autógrafos, se encontram cópias do séc. XVII, de diferentes mãos — um outro manuscrito autógrafo de Vieira (BN), lacunoso, cujo texto terá constituído uma primeira versão do texto do manuscrito da Torre do Tombo.

TT constitui, em relação a BN, uma segunda versão, que podemos considerar a final, uma vez que passa a limpo e, em muitos casos, altera, através de vários acrescentos, cortes e substituições, a primeira, sendo o número, extensão e relevância das variantes entre os dois manuscritos, documentados por abundantes marcas de manipulação autoral, bastante significativos: a par de numerosas e variadas diferenças estilísticas, verificam-se também importantes alterações estruturais; várias porções de texto, incluindo questões inteiras, foram suprimidas ou deslocadas no decurso do processo de cópia a limpo, entre BN e TT, correspondendo-lhe, em vários casos, não menos substanciais porções de texto acrescentadas em TT, às quais Vieira deu o nome de aditamentos e numerou através de um sistema misto de número árabe e letra (por exemplo "aditamento 8, littera H"). Finalmente, o manuscrito BN comporta ainda algumas anotações pontuais que dão conta das alterações estruturais de maior monta introduzidas entre BN e TT.

Esta situação textual é privilegiada para a elaboração de uma edição do tipo "crítico-genética", até ao presente não tentada, cujo grande aliciente estará em permitir revelar, por detrás das correcções de autor feitas entre os dois manuscritos, facetas diversas, não apenas de António Vieira Autor, pela análise do seu *modus scribendi*, mas também de António Vieira Homem, com ideias e convicções próprias, condicionadas pelo particular contexto de redacção em grau que convirá averiguar.

2.2. - O Manuscrito BN e o Manuscrito TT: relação genética entre dois manuscritos autógrafos.

Os manuscritos BN e TT constituem, como vimos, um complexo de manuscritos autógrafos em que, como também fica dito, BN constitui uma primeira versão, transitória, e TT a cópia a limpo e simultaneamente o texto final.

Ambos os documentos terão sido produzidos nas mesmas condições físicas e materiais — Vieira encontrava-se encarcerado e dispunha, como acima referimos, do escasso apoio bibliográfico proporcionado pela *Bíblia* e pelo *Breviário* — e com escassa separação cronológica — o espaço de tempo entre a redacção da versão transitória e a da versão final terá sido de apenas oito meses, entre 16 de Novembro de 1665 e 23 de Julho de 1666, durante os quais, "em solidão completa (...) sem apontamentos, sem livros, sem amanuense, entre os assaltos da doença dispôs, passou ao papel e tirou a limpo a apologia."⁵ Esta datação, que Lúcio de Azevedo baseia em dados biográficos apoiados pela datação de TT, é confirmada, a nível textual, por variantes como a seguinte, em que, a partir da data da batalha referida (1665), se podem datar e ordenar cronologicamente os dois manuscritos:

<i>BN</i> (fl. 108v) - O sucesso do ano presente , na Batalha de Montes claros...
<i>TT</i> (vol I, p. 75)- O sucesso do anno passado , na batalha de Montes claros...

Partindo do princípio de que BN e TT, pelas razões supra expostas, constituem dois testemunhos, sucessivos, do mesmo processo genético e os estados de texto neles contidos dois "momentos genéticos", é ainda possível averiguar, através de uma primeira análise da tipologia das marcas de manipulação autógrafa, a existência de vários "momentos" de intervenção autoral em cada um dos testemunhos considerados.

Em BN, testemunho A, são identificáveis: um primeiro momento, de escrita (A1) e correcção em curso de escrita (A1a), e um segundo momento, de leitura produtiva (A2), em que o autor procede a operações de eliminação, acrescento, transformação, correcção, deslocamento, etc.

Em TT, testemunho B, são identificáveis: um terceiro momento, o da passagem a limpo, que se revela, pelas várias alterações introduzidas entre BN e TT e não notadas em BN, uma cópia produtiva (A→B), e um quarto momento, o da escrita, propriamente dita, de TT (B1) e correcção em curso de escrita (B1a), não sendo possível, face à escassez de marcas de manipulação autoral em TT, identificar aqui a eventual existência de um momento de leitura produtiva, que só uma análise pormenorizada deste manuscrito poderia revelar.

Finalmente, há ainda a considerar o conjunto de anotações, feitas nas margens e nas entrelinhas, as quais, como acima referimos, dão conta das alterações estruturais do texto a que Vieira terá procedido entre os dois testemunhos.

⁵ Azevedo, 1992, vol II, p. 57.

As referidas alterações, que, como também referimos, são substanciais e abrangem áreas bastante extensas de texto, são marcadas no texto de BN através de três tipos de anotações:

- 1- Indicações de confirmação de exclusão: "não vai no papel dos autos";
- 2- Indicações de confirmação de acrescento: "aqui entra o aditamento x littera y";
- 3- Indicações de alterações, quase sempre relativas à numeração das questões, resultantes de deslocamentos de elementos textuais: "no papel dos autos *Questão x*".

Em relação a este conjunto de anotações, coloca-se, à partida, o problema de as situar no processo de construção textual, apresentando-se como possíveis duas situações distintas:

1ª- As anotações em causa terão sido feitas antes da redacção de TT, no momento de leitura produtiva, correspondendo desta forma a uma decisão prévia do autor. Neste caso integrariam o segundo momento de construção textual (correspondente ao testemunho A2).

2ª- As referidas anotações terão sido feitas depois da redacção de TT. Neste caso constituiriam um quinto momento, posterior ao estabelecimento do texto final, o que provaria que Vieira teria revisitado o primeiro manuscrito, que guardava, para ele transpondo alterações textuais que introduzira no segundo (B→A).

Os aspectos materiais do texto fornecem-nos aqui um argumento decisivo em favor da segunda hipótese, pelo menos para os casos das notas de confirmação de exclusão e de alteração da numeração das questões entre BN e TT: a tinta usada nestes dois tipos de acrescentos é diferente da do resto do texto⁶, o que, desde logo, exclui a hipótese de integração deste grupo de anotações no segundo momento, apontando assim a segunda hipótese como sendo aquela que mais adequadamente descreve e explica esta situação textual.

As notas de confirmação de acrescento, pelo contrário, apresentam, no geral, tinta idêntica à usada no corpo do texto, o que deixa prever que, se não a redacção, ao menos a concepção dos aditamentos e sua anotação em BN terão ocorrido no momento de leitura produtiva.

Outros elementos, de diferente natureza, corroboram ainda a hipótese de existência de um quinto momento neste processo, nomeadamente os objectivos e destinatários do texto. Assim, há que ter em conta que:

- 1- TT constitui o texto entregue à Mesa, o qual nunca voltou às mãos de Vieira, tendo sido arquivado, com os restantes elementos do processo, pela Inquisição, e figura hoje entre os arquivos daquele Tribunal.
- 2- BN ficou, ao que tudo indica, na posse de Vieira, tendo chegado à Biblioteca Nacional de Lisboa através da Biblioteca dos Jesuítas⁷.

⁶ Veja-se a este propósito, na Parte V do presente trabalho, a descrição codicológica do manuscrito BN.

⁷ Idem.

Considerados estes aspectos em conjunto, é verosímil que as alterações de que as referidas notas dão conta tenham ocorrido em momento situável entre a redacção de BN e a de TT e que Vieira as tenha posteriormente anotado no manuscrito que ficou em sua posse, isto é BN, transformando-se assim este manuscrito, que, numa primeira fase, constituía um simples "rascunho", numa cópia de salvaguarda que deverá ter sido de grande utilidade a Vieira quando, chamado à Mesa, era instado a fornecer esclarecimentos sobre a matéria das Representações⁸.

Abona ainda em favor desta hipótese um outro tipo de anotações, que, pela própria natureza do seu conteúdo, aparentam ter sido redigidas, em BN, já depois de concluído TT. Parece-nos paradigmático como exemplo desta situação um caso em que, no fl. 109r, a propósito de uns versos de Bandarra, o autor declara: "Não repito os versos porque os não tenho de memória", frase que passa *ipsis verbis* para TT. No entanto, por cima da palavra *versos*, pode ver-se em BN um asterisco que remete para uma nota na margem: "*são da trova 3ª: O sumagre com a cal/ faz os couros ser mociços/ ha, quantos há maus noviços/ nessa ordem episcopal.*"

Identificam-se ainda na "Representação Primeira" outros casos de anotações que, tal como a acima referida, terão, com toda a probabilidade, sido redigidas em BN depois de concluído TT, funcionando como anotações, correcções e especificações, que poderiam ser úteis a Vieira em futuros exames na Mesa. Estão neste caso as anotações abreviadas com função de localização de lugares citados, que, não tendo sido inicialmente identificados em BN nem em TT, são identificados posteriormente, em BN:

BN (fl. 113r) - TT (vol. I, p. 95) - ...Quando S. Pedro, em dia de Pentecostes...quia musti pleni sunt isti... — **Act. 2** (abrev. de *Actos dos Apóstolos*, capítulo 2º, (na margem em BN)
- ...experimentou S. Paulo em Roma...a mane usque ad vesperam...— **Actos 28** (Abrev. de *Actos dos Apóstolos*, capítulo 28º, (na margem em BN)

A par de casos como o referido, em que a indicação de localização é acrescentada em BN, outros há em que encontrando-se a localização errada em BN e transitando inalterada para TT é posteriormente corrigida em BN:

BN (fl. 118v) - TT (vol. I, p. 119) - ...salmo 73... (corrigido em BN sobre a forma original "salmo 72", que é também a lição de TT).

Conclui-se assim, pelas razões aduzidas, pela existência de um quinto momento em que, retornando à versão de rascunho, Vieira procede à anotação das alterações efectuadas entre BN e TT que considera de maior importância, bem como ao acrescento ou correcção de alguns lapsos ou lacunas comuns aos dois manuscritos.

No conjunto da situação textual que temos vindo a descrever, a peça que, por falta de dados, resulta de mais difícil encaixe é a que é constituída pelo conjunto dos aditamentos, que comportam as extensas porções de texto acrescentadas em TT, das quais não temos mais do que a referência em nota em BN e o texto final de TT. No enquadramento do processo descrito, afigura-se-nos altamente provável que a redacção destes aditamentos seja resultado da leitura produtiva (momento 2) ou da cópia produtiva (momento 3). Se resultantes da leitura produtiva de BN, é provável que estes aditamentos tenham sido inicialmente redigidos numa versão de rascunho, provavelmente

⁸ Vejam-se os autos do processo, publicados por Muhana (1995).

em folhas soltas, apenas a BN, que se terão perdido juntamente com outras partes do texto de BN que a numeração lacunar dos fólhos prova terem existido⁹. Se resultantes da cópia produtiva, poderão eventualmente os aditamentos em causa ter sido redigidos directamente em TT, no decurso da cópia, embora a hipótese de redacção transitória em folhas soltas seja, também neste caso, uma possibilidade.

O facto de TT quase não apresentar marcas de manipulação sugere como mais provável que, à semelhança do que acontece no resto do texto, também os aditamentos tenham conhecido uma versão transitória, cujo testemunho se terá perdido. No entanto, a existência de vários casos de reordenamento de texto entre BN e TT, nomeadamente no que diz respeito à abertura e numeração de parágrafos, sem qualquer marca em BN que os revele como resultado do processo de leitura produtiva, revelam que, pelo menos em alguns casos, Vieira terá procedido a alterações directas na cópia de BN para TT, que é, por esse motivo, como acima referimos, uma cópia produtiva, o que, à partida, deixa em aberto a hipótese de redacção directa.

De acordo com o que fica dito, as relações entre os testemunhos da *Representação* e a sua ordenação dentro do processo de produção textual pode ser sintetizada da seguinte forma, sendo os aditamentos, na sua condição de testemunho desconhecido e conjecturado, indicados por "α":

Testemunhos do processo	Processo	Momentos genéticos
Ms. BN] A1; A1a	Escrita de BN; correcção em curso de escrita	1
Ms. BN] A2	Leitura produtiva	2
α	Escrita de aditamentos	2/3
Ms. TT] A→B	Passagem a limpo/cópia produtiva	3
Ms. TT] B1; B1a	Escrita de TT; correcção em curso de escrita	4
Ms. BN] B→A	Retrocópia do diferencial TT ≠BN	5

2.3.- A *Representação* na edição de Hernâni Cidade.

Quando, em 1956, Hernâni Cidade decidiu editar a *Representação*, até então inédita, a qual viria a publicar um ano depois sob o título de *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício de Coimbra*, escolheu, correctamente, o manuscrito TT, na sua qualidade de versão final do texto, a qual apresentava ainda a vantagem adicional de se encontrar completa, deixando de parte a versão transitória documentada no manuscrito BN que, desta forma, tem permanecido inédito. Por outro lado, a edição de Hernâni Cidade, para além de pioneira, permaneceu desde então a única existente, que aliás se

⁹ Veja-se a este propósito a descrição codicológica do manuscrito BN, vol II do presente trabalho.

encontra desde há muito esgotada sem que qualquer outra edição ou mesmo reimpressão tenham feito jus aos merecimentos da obra e do seu autor.

Acreditamos que, como refere o próprio Cidade, a publicação da *Representação* tenha correspondido à primeira leitura integral do texto¹⁰ e, acrescentamos nós, é altamente provável que, após a edição, só de forma esporádica e parcelar o manuscrito TT tenha voltado a ser lido, por estudiosos de Vieira ou do tema do Quinto Império, sendo a principal consequência desta situação transformar a edição de Cidade em algo de indiscutido e indiscutível, apanágio de que, à partida, nenhuma edição se pode gabar. Pareceu-nos, por isso, importante questionar esta edição.

A colação entre a edição e o manuscrito TT, que lhe serviu de base, acabaria efectivamente por revelar-se surpreendente a vários níveis, antes de mais ao nível da correcção da leitura. Não são raros os erros de leitura na edição do manuscrito TT, nem as intervenções "correctivas" não assinaladas, com implicações de importância variável ao nível do sentido.

Vejam-se apenas alguns casos¹¹, a título de exemplo:

1 - Ms. (fl. 159v) - ...Mas como **excellente he genero commum de dous; e excellento he genero Masculino**; deo este novo genero e esta nova terminação à palavra...

Ed. (vol. I, p. 63) - ...Mas como *excellento* he genero masculino, deo este novo genero & esta nova terminação à palavra...

Trata-se de um caso típico de *homotelêuton*, ou salto de igual para igual, neste caso para a frente, produzindo assim uma lacuna, com importantes implicações ao nível do sentido.

2 - Ms. (fl. 258r) - ...ha de ser muy **comiã** entre todos a observancia...

Ed. (vol. II, p. 162) - ...ha de ser muy **commum**, entre todos, a observancia...

Estamos, neste caso, perante uma "correcção" morfológica não assinalada, a qual não leva em conta que a forma feminina do adjectivo "comum" é usada sistematicamente por Vieira e foi usada geralmente até ao séc. XVIII.

3 - Ms. (fl. 234r) - ...quem **spiritus** domini cogit...

Ed. (vol. II, p. 58) - ...*quem spiritu. Domini cogit*...

A omissão de <-s>, que, à partida, poderia constituir uma simples gralha, aqui, tratando-se de uma palavra latina, em que a omissão da consoante final altera o caso, introduz significativas alterações a nível sintáctico e semântico.

4 - Ms. (fl. 164v) - ...Vox in **Ramá** audita est...Raquel...

Ed. (vol I, p. 87) - ...Vox in **Roma** audita est...Raquel...

É evidente a banalização. Ainda que as semelhanças fonéticas e gráficas sejam significativas, nenhum outro tipo de semelhança permite confundir a Ramá do Antigo Testamento, palco de acontecimentos tão antigos como o referido na citação bíblica, que

¹⁰"Publica-se a *Representação* pela primeira vez, e porventura pela primeira vez terá sido integralmente lida.", Cidade, 1957, vol. I, p. VII.

¹¹ Os erros de leitura da edição de Cidade encontram-se abundantemente documentados nas páginas par da edição do manuscrito BN que apresentamos na Parte V do presente trabalho.

sendo protagonizado por Raquel terá tido lugar cerca do séc. XVII a.c., e situada a norte de Jerusalém, com a conhecida cidade italiana, fundada apenas no séc. VIII a.c.

5 - Ms. (fl. 273v) - ...encarecido e **appertado**...

Ed. (vol II, p. 231) - ...encarecido & **apressado**...

Finalmente, casos como o do exemplo 5 resultam de leitura defeituosa que, em casos como este, poderia facilmente ser evitada por recurso ao contexto.

Acresce a casos como os citados a quase total ausência, nesta edição, de referência aos critérios de transcrição utilizados. As palavras de Cidade a este respeito surgem a par de algumas informações relativas ao códice e são breves: "O modo como o tratámos [o códice] não foi rigorosamente diplomático, antes procurou aproximar-se da ortografia dos sermões publicados em sua vida (...) Permitimo-nos atualizar tal grafia [a das maiúsculas], assim como resolver tôdas as abreviaturas, assim como modernizar a pontuação..."¹².

Independentemente da validade deste tipo de critérios, que são comuns a outras edições das obras de Vieira, nomeadamente as mais antigas¹³, sobre a qual não nos cabe aqui tecer quaisquer considerações, o que importa salientar é que, para além dos escassos critérios enunciados por Cidade, a edição revela, no confronto com o manuscrito, a aplicação de outros, não enunciados, e, em relação a estes últimos, é notória a assistemática na sua aplicação, de que salientaremos apenas alguns exemplos:

1- Nos casos em que, no manuscrito, se encontram porções de texto na margem, ou entrelinhadas, Cidade indica em aparato estes acidentes. No entanto, não são raros os casos em que acidentes de tipo semelhante não são indicados, ou são indicados de forma errónea.

Exs.: - (ms. fl. 273r - ed. vol II, p. 231) - ...fim & **consumação** do Mundo...:

"consumação" encontra-se na margem, no manuscrito, acidente de que Cidade dá conta em nota.

- (ms. fl. 167r - ed. vol. I, p. 98) - ...*pia afeição (como ensina a Theologia) quanto mais...*: o texto entre parênteses encontra-se também na margem, no manuscrito, mas Cidade não dá, neste caso, qualquer indicação desse facto.

¹² Cidade, ob. cit., vol. II, p. 2.

¹³ As variadas edições que a obra de Vieira, sobretudo os *Sermões* e as *Cartas*, têm conhecido são, quase sempre, de divulgação, não havendo, regra geral, qualquer preocupação de informação ao público sobre os critérios de transcrição seguidos. Vejam-se apenas, entre muitos outros casos, o exemplo das edições dos *Sermões*, com notas de M. Gonçalves Viana, 1939, sem qualquer referência a critérios, e o das *Cartas*, de Seabra e Antunes, 1855, em que os editores interferem em aspectos significativos do texto original, (ex. substituição do nome das pessoas a quem as missivas são endereçadas por perifrases do tipo "a certo ministro da Côrte de Lisboa") sem qualquer indicação ao leitor. O mesmo se passa com as edições do *Livro Antepimeiro da História do Futuro* anteriores à de Besselaaar, em que, além do mais, o texto "...andava muito deturpado e mutilado..." (Besselaar, 1983, p. 16), o que é, aliás, bastante frequente, e com as edições setecentistas da *História do Futuro*. Só nas edições mais recentes, e nomeadamente nas edições críticas, é comum encontrar na "Introdução" um capítulo dedicado ao trabalho de edição.

- (ms. fl. 200v - ed. vol. I, p. 246) - ...*sicut relatu paternae traditionis instruimur...*: trata-se de um acrescento na margem que Cidade descreve erradamente, em nota, como "palavras intercaladas".

2- Outros acidentes, como palavras riscadas ou emendadas, nunca são referidos.

Exs: - (ms. fl. 173r -ed. vol. I, p.124) ...sendo de fee que escreveu por inspiração divina...: no manuscrito, a seguir a "escreveu", pode ler-se "foy" riscado, sem qualquer nota.

- (ms. 161r - ed. vol I, p. 71) ...& *residia na Praça de armas de Penamacor...*: a palavra "Penamacor" encontra-se emendada e quase ilegível em TT, mas Cidade não faz qualquer nota a esse respeito.

3- Em relação aos lapsos de Vieira deparamo-nos com um variado leque de comportamentos possíveis:

a) Cidade faz correcções indicando-as em nota:

ex: no manuscrito (fl. 207v) pode ler-se ...*S. Paulo no capitulo 2º. da Epistola ad Ephesios...* A indicação de Vieira encontra-se errada, trata-se, de facto, do capítulo 1: 22, e Cidade (vol. I, p. 276) corrige-a indicando o facto em nota;

b) Cidade faz correcções sem nota:

ex: no manuscrito (fl. 205r) pode ler-se ...*E no Psalmo 24...* A indicação de Vieira encontra-se errada, trata-se de facto do salmo 21, e Cidade (vol. I, p. 265) corrige-a sem qualquer indicação;

c) Cidade não corrige nem dá conta do erro em nota:

ex: no manuscrito (fl. 268r) lê-se ... *E no capitulo 22 [de Isaías]: et erit opus...* "22" é erro de Vieira, por "32", não referido nem corrigido por Cidade (vol. II, p. 206).

d) Em casos de erro evidente Cidade não faz qualquer correcção ou nota:

ex. (ms. fl. 206r/206v - ed. vol. I, p. 271) ...como as as que ainda...

Dignos de nota são ainda "critérios" de difícil explicação como a utilização generalizada de & para transcrever a conjunção copulativa, uma vez que nada no manuscrito justifica esta opção, ou, no que diz respeito à acentuação, a supressão de alguns dos escassos acentos usados por Vieira em casos em que o acento exerce uma função opositiva, como em *Esau*, transcrito na edição por *Esau*¹⁴, em vez de *Esau*, quando o comportamento editorial de Cidade neste aspecto deixa perceber uma opção de modernização do tipo de acento (ex: ^ > ´), mas não do seu lugar.

¹⁴ Trata-se de um comportamento recorrente. Confronte-se, a título de exemplo, o fl. 205v do manuscrito TT com Cidade, ob. cit., vol. I, p. 268.

Deixamos muitos outros comportamentos editoriais discutíveis de Hernâni Cidade, por não caberem neste trabalho a sua identificação e comentário exaustivos.

Editar uma obra com as características da *Defesa* é, sem dúvida, um empreendimento grandioso, sobretudo quando pioneiro. No entanto, as falhas, mais numerosas do que seria de esperar e, em alguns casos, com importantes implicações ao nível do sentido, detectadas no trabalho de Hernâni Cidade, exigiam uma explicação que acabaríamos por encontrar na sua correspondência pessoal, inédita, com o Professor Hélio Simões, relativa ao período de elaboração da edição da *Defesa*¹⁵.

Em 1956, Hernâni Cidade aceitava o convite do então Reitor da Universidade da Baía, Professor Edgar Santos, para editar o manuscrito da *Representação* (TT), "...autógrafo de Vieira, com sua letrinha regular e meúda quase sem rasuras, escrita em *in-folio* de 52 linhas, ao longo de 284 páginas cerradíssimas"¹⁶. Este convite representava, sem dúvida, uma oportunidade privilegiada, uma vez que todas as despesas relacionadas com a edição ficavam a cargo da Universidade da Baía, bem como as não tão directamente relacionadas com a edição...: "Reconheço que o empreendimento é grandioso, tanto mais que, para realizar a edição, até agora não tentada, além do custo da tipografia, há as despesas que a Universidade ... fazer com a minha hospedagem e de minha mulher e a minha viagem, sem esquecer os 20.000 cruzeiros de ordenado de professor."¹⁷

Tal facto por si só — se exceptuarmos o custeamento das despesas da esposa do editor pela Universidade da Baía — nada teria de extraordinário para a questão que aqui nos interessa, se essas despesas não incluíssem também o preço da longuíssima transcrição do manuscrito. Se, à partida, nos causava algumas dúvidas a rapidez com que Hernâni Cidade conseguiu elaborar a edição, pioneira, de tão extenso manuscrito, que publicou cerca de um ano depois de lhe ter sido dirigido o convite, a explicação para tais dúvidas não poderia apresentar-se mais clara: a transcrição do texto do manuscrito não fora feita por Cidade.

Esta circunstância da história da edição é de suma importância para a compreensão de muitas das suas características. Antes de mais, explica a rapidez da sua elaboração, uma vez que Cidade confiou, afinal, a transcrição do manuscrito, sem dúvida a tarefa mais morosa no trabalho de edição, a uma paleógrafa, Maria Isabel Albuquerque, que terá sido ajudada por uma outra paleógrafa não identificada¹⁸. Por outro lado, conduz-nos à conclusão de que Cidade não terá sequer chegado a contactar com o manuscrito, uma vez que, para além da transcrição, Cidade confiou também a Maria Isabel Albuquerque o trabalho de revisão: "...são 7.103 escudos. Falámos aqui em dar-lhe uma gratificação atendendo a que ela fez, a meu pedido, um abatimento substancial e a que ajuntou o trabalho de revisão de que ela própria se encarregou."¹⁹; "... [a cópia

¹⁵ Arquivo Hélio Simões, Série "Correspondência", Coleção Hernâni Cidade, Instituto de Estudos Portugueses, Universidade da Baía. As siglas e números que apresentamos entre parênteses correspondem à numeração do arquivo (Arquivo Hélio Simões - AHS); Série Correspondência (Cor.); Coleção Hernâni Cidade (HC); número do documento (quatro dígitos) e número da pasta (três dígitos).

¹⁶ Carta inédita de Hernâni Cidade a Hélio Simões, Director do Instituto de Estudos Portugueses da Universidade da Baía, datada de Lisboa, 13/11/56 (AHS/Cor - HC 0033-001).

¹⁷ *ibidem*

¹⁸ A paleógrafa é identificada por Cidade, entre outras, na carta supra citada (AHS/Cor - HC 0033-001). A existência de uma segunda paleógrafa pode ser deduzida de referências dispersas na correspondência que citamos a "copistas", no plural, na mesma carta.

¹⁹ *idem*, Lisboa, 11/5/57 (AHS/Cor - HC 0041-002).

manuscrita] se pode mandar para a tipografia, sem receio de ininteligibilidade..." sendo assim "... imediatamente utilizável pelo tipógrafo..."²⁰.

Este conjunto de circunstâncias permite-nos assim perceber praticamente todos os aspectos problemáticos da edição do manuscrito TT que vão para além dos saltos de linha, palavra ou letra, comuns em cópias de grande extensão. A transcrição e revisão realizadas em regime de empreitada por outrem que não o editor, associadas ao facto de Cidade não ter, ao que parece, tido acesso ao manuscrito, explicam de forma bastante clara todas as deficiências da edição, mesmo aquelas que o perfil científico do editor e a sua experiência em matéria de edição de textos vieirianos tornavam, à partida, de mais difícil compreensão.

Assim, a intervenção do editor limitou-se, neste caso, à revisão das provas tipográficas, quase toda feita à distância, do Rio ou de Lisboa para a Baía: "...Mando hoje por avião as provas, quero dizer, a *corrigenda* e *addenda* aos 2 vols..."²¹ e à elaboração da introdução e notas, as quais, importa salientar, ainda que escassas, são, em alguns aspectos, preciosas.

O que acima é dito, ainda que extraordinário para o filólogo actual, deve, no entanto, ser visto no contexto da época em que a referida edição foi realizada, herdeira dos métodos oitocentistas de edição, em que o procedimento seguido por Cidade era considerado perfeitamente natural e legítimo, como, aliás, facilmente se depreende do conjunto da sua correspondência com Hélió Simões. Citem-se apenas como exemplo as seguintes passagens: "...não hesitei e mandei começar o trabalho, porque, se a Universidade da Bahia o achar [o preço] exorbitante, nada se perderia, porque seria aqui aproveitado. Assim esta minha resolução não impõe constrangimento algum à aceitação do que combinei com as copistas e apressa o trabalho da cópia, que é longuíssimo²² e "Repito que, se a Universidade achar exorbitante, o trabalho não é perdido. Há aqui quem o aproveite e o pague".²³

O que importa de facto reter é que, ao considerar-se dispensado de revelar as circunstâncias em que a edição foi elaborada, Cidade assumiu como seus, perante o público da sua edição, não apenas o trabalho, mas também os erros da/s pessoa/s a quem confiou a transcrição e revisão do texto. Estes, acrescentados aos de sua própria responsabilidade (como, por exemplo, as "correções" ao texto de Vieira, frequentemente não indicadas em nota) dão-nos uma imagem diferente desta edição, até agora inquestionada, mas, como pensamos ter demonstrado, questionável, tornando assim clara a necessidade de, por um lado, editar o manuscrito BN (numa edição interpretativa), trabalho a que agora procedemos, e, por outro, de proceder a uma revisão da edição de Cidade, revisão essa que fica feita no presente trabalho para as partes do texto que apresentam testemunho duplo, mas que importará completar com vista a uma futura edição crítica para a qual a edição agora apresentada constituirá uma necessária etapa prévia.

²⁰ idem, Lisboa, 13/11/56 (AHS/Cor - HC 0033-001).

²¹ idem, Lisboa, 14/10/57 (AHS/Cor - HC 0042-002).

²² e apressa...longuíssimo] entrelinhado ibidem .

²³ idem, post scriptum de uma segunda carta também datada de Lisboa, 13/ 11/ 56 (AHS/Cor - HC 0034-001).

3 - De BN a TT: análise de uma génese.

3.1. - A "Representação Primeira" ou como provar que Bandarra foi um verdadeiro Profeta.

Provar que Bandarra, também ele suspeito aos olhos da Inquisição e por ela perseguido, era dotado de espírito profético constituía, sem dúvida, a primeira e mais difícil tarefa de Vieira. Com efeito, dessa teoria, assumida como verdade irrefutável, decorriam todas as acusações de que era alvo, uma vez que todos os acontecimentos futuros que esperava para a humanidade, em geral, e para o povo português, em particular, na pessoa do seu Rei, se baseavam nos ditos proféticos do sapateiro de Trancoso. Havia, pois, antes de mais, que provar a autenticidade das profecias de Bandarra através de argumentos de autoridade irrefutável e, simultaneamente, desmontar os argumentos em contrário.

É esta a tarefa que Vieira assume na "Representação Primeira", mas não sem antes proceder a um breve, mas suficientemente claro, acto de retractação, que, em semelhantes circunstâncias, a Prudência exigia, ainda que com grave prejuízo do heroísmo e da bravura que, eventualmente, o leitor moderno, admirador do genial autor dos *Sermões*, poderia esperar. Tal como o próprio Bandarra o tinha feito, também Vieira renega, pelo menos em intenção, não só as ideias defendidas nos seus escritos de carácter profético, mas a própria "Representação" delas, declarando-a como uma mera explicação (é esse, efectivamente, o sentido do termo *representação* nesta época e neste contexto) e não como uma defesa. Este é nitidamente o discurso do cativo que, abdicando nas palavras de um heroísmo porventura glorificante mas sem dúvida inútil, opta por, fugindo ao martírio certo, conservar a vida e com ela a possibilidade de voltar a exercer a sua liberdade de pensamento e de expressão.

É, pois, à luz desta declaração de intenções que Vieira pretende e espera que os Inquisidores leiam a sua "Representação" e é tal a sua preocupação de vincar o propósito de sujeição ao Santo Tribunal que, ainda na breve apresentação que faz, antes da "Representação Primeira", do que a seguir se vai ler, se precavê contra eventuais marcas discursivas reveladoras de qualquer vestígio de convicção. Vale a pena transcrever essas palavras:

"E porque os motivos da probabilidade que reconheci ou imaginey nas ditas proposiçoens, se não podem sufficientemente representar sem disputar muitos pontos fundamentaes dellas, em que necessariamente se hão de assentar conclusoens, inferir consequencias, responder argumentos, interpretar textos & refutar opinioens; & em todas estas cousas he forçoso uzar muitas vezes das palavras verdade, certeza clareza, evidencia; expressão & outros termos doutrinaes semelhantes, de que poderá parecer que aquellas proposiçoens se defendem, ou que ainda se seguem ou se approvão, declaro, antes de todas ellas, que o que somente digo & quero dizer he que assy mo pareceo ou parecia, antes de estarem duvidadas ou calificadas pello Sancto Officio, cuja resolução, como fica dito, he a que só hey de seguir & sigo, hey de venerar &

*venero, como verdadeira & certa. Mas porque seria couza impossivel, impertinente & intoleravel repetir em tudo o que ouver de dizer a dita clausula ou restricção, de que assy mo parecia, a ponho & supponho aqui de huma vez e por huma vez, para que da mesma maneira se supponha & entenda em tudo o que disser, assy nesta como na seguinte representação, como se em todas as partes de cada huma dellas fora repetida & expressa."*²⁴

Não é difícil, no entanto, pressentir, por detrás de expressões como *de huma vez e por huma vez*, a impaciência e o agastamento de quem agia coagido e não de livre vontade, atitude que perpassa também ao longo de todo o texto. Apesar das cautelas tomadas, não é uma simples explicação e retractação o que se lê ao longo das duas extensas representações, mas antes, a pesar do autor, ou pelo menos das suas intenções expressas, uma, por vezes mal disfarçada, persistência na defesa das proposições censuradas, facto que, naturalmente, não escapou aos Inquisidores, que viriam a considerar insuficiente e não "lisa" a sua retractação, submetendo-o ainda, na sequência da qualificação das "Representações", a uma série de exames na Mesa²⁵, os quais se revelariam igualmente inconclusivos. A reflexão aturada e o árduo trabalho textual, documentados em ambas as Representações, evidenciam, no confronto entre a organização rigorosamente lógica do discurso e os percursos da génese do texto, a luta entre o esforço consciente para ir ao encontro dos desejos do Tribunal e a genuína fé nas ideias censuradas.

A tábua de matérias da "Representação Primeira" permite avaliar a importância das lacunas do manuscrito BN pondo em relevo o carácter de fragmento desta parte do manuscrito, que abrange apenas parte da 4^a. Proposição:

- 1- Representação Primeira (Introdução);
- 2- 1^a. Proposição: Que a verdadeira profecia se prova pelo efeito das coisas profetizadas;
- 3- 2^a. Proposição: Que só o efeito e cumprimento das coisas profetizadas é prova da verdadeira profecia e não há outra;
- 4- 3^a. Proposição: Que o efeito das coisas profetizadas é sinal dado por Deus para prova de verdadeira profecia e do verdadeiro profeta;
- 5- 4^a. **Proposição: Que o Bandarra foi verdadeiro profeta ⇒ BN/TT;**
- 6- 5^a. Proposição: Que das predições de Bandarra se infere a ressurreição d'el Rei D. João;
- 7- Epílogo das proposições de que se me fez cargo, em que brevemente se lhe responde, com remissão aos lugares em que se faz mais largamente.

A parte do texto que sobreviveu em testemunho duplo permite, no entanto, em conjunto com as partes de testemunho simples, identificar, desde logo, muitos dos

²⁴ Cidade, 1957, vol. I, pp. 7-8.

²⁵ Cf. Muhana, 1995.

processos de construção textual que se revelarão recorrentes ao longo das duas Representações.

3.1.1. - De BN a TT: as alterações estruturais

Ao nível da estrutura, a "Representação Primeira" encontra-se organizada por Proposições, em número de seis, subdivididas, em alguns casos, em conclusões ou em silogismos, apresentando-se, em seguida, os motivos e, quando existem, as objecções e respectivas respostas e ainda, por vezes, confirmações dos mesmos motivos.

A modificação estrutural mais directamente observável entre os manuscritos BN e TT diz respeito à abertura e numeração de parágrafos, a qual surge substancialmente alterada entre os dois manuscritos, sem que, na maior parte dos casos, exista em BN qualquer indicação destas alterações.

O manuscrito BN, provavelmente devido às suas características de versão transitória, apresenta-se em mancha bastante mais compacta que a do manuscrito TT. Com efeito, revela-se claramente no terceiro momento de construção textual identificado na *Representação* — o da cópia a limpo de BN para TT — uma preocupação de reorganização visual da mancha de texto, com nítidas motivações de ordem psicológica, que passam, com toda a probabilidade, pela necessidade de, através de uma maior clareza e nitidez da mancha visual, tornar as ideias expressas mais claras e acessíveis ao leitor.

O processo desenrola-se, quase invariavelmente, no sentido de um desdobramento dos parágrafos de BN, verificando-se a correspondência directa apenas num número restrito de casos (8 em 21). Cf. infra Quadro 1.

Manuscrito BN	Manuscrito TT
(lacuna →) Parágrafo 42	Parágrafos 1 - 94
Parágrafo 42	Parágrafos 95 - 99
Parágrafo 43	Parágrafos 100 - (?)
Parágrafo 44 (?)	Parágrafos (?) - (?)
Parágrafo 45	Parágrafos 123 - 133
Parágrafo 46	Parágrafos 134 - 138
Parágrafo 47	Parágrafos 139 - 142
Parágrafo 48	Parágrafos 143 - 149
Parágrafo 49	Parágrafo 150
Parágrafo 50	Parágrafos 151 - 163
Parágrafo 51	Parágrafo 164
Parágrafo 52	Parágrafo 165
Parágrafo 53	Parágrafo 166
Parágrafo 54	Parágrafo 167
Parágrafo 55	Parágrafos 168 - 176

Manuscrito BN	Manuscrito TT
Parágrafo 56 (?)	Parágrafo (?)
Parágrafo 57	Parágrafos 177
Parágrafo 58	Parágrafo 178
Parágrafo 59 (?)	Parágrafo (?)
Parágrafo 60	Parágrafos 179 - 181
Parágrafo 61	Parágrafos 181 - 182
Parágrafo 62	Parágrafo 183
Parágrafo 63	Parágrafos 184 - 189
Parágrafo 64 (lacuna →)	Parágrafos 190 - 192

Quadro 1: BN] A — TT] B - Correspondência de parágrafos.

A abertura de novos parágrafos é, por vezes, ainda que relativamente raras, marcada em BN através de traços ou mesmo sinais de parágrafo, mas esse procedimento, fruto muito provavelmente do segundo momento de produção textual, o de leitura produtiva, é, ao que tudo indica, substancialmente expandido durante o terceiro momento. Este tipo de alteração insere-se num grupo mais vasto, também identificável nos segundo e terceiro momentos de produção textual, do qual fazem parte outros procedimentos, por vezes simultâneos, como, por exemplo, o acrescento de subtítulos e outras alterações de carácter visual, de que se encontram alguns casos nos vários momentos da génese textual e em ambas as Representações, e das quais damos aqui apenas alguns exemplos:

<p>1: <i>BN] A (fl. 109r)</i> - Contra o deduzido na prova desta menor se oferecem duas objecções, ùa contra as predicções sobreditas outra contra o efeito e cumprimento delas. A primeira diz assi: As obras ou trovas do Bandarra...</p>	
<p><i>TT] A→B (ms. fl. 162v - ed. vol. I, p. 78)</i> - Contra o deduzido na prova desta menor se offerecem duas objecçoens: hũa contra o texto das predicçoens sobreditas, outra contra o effeito e comprimento dellas.</p> <p style="text-align: center;"><i>1ª Objecção</i></p> <p style="text-align: center;">As obras ou trovas do Bandarra...</p>	
<p>2: <i>BN] A1 (fl. 106v)</i> - Não tema o Turco não nesta cesão</p>	<p><i>BN] A1a</i> - Não tema o Turco não nesta cesão.</p>
<p>3: <i>BN] A1 (fl. 106v)</i> - A escritura não erra que</p>	<p><i>BN] A1a</i> - A escritura não erra que</p>
<p>4: <i>BN] A1 (fl. 108r)</i> - diz: Vejo o lobo faminto</p>	<p><i>BN] A1a</i> - diz: Vejo o lobo faminto</p>

5: BN] A1 (fl. 109v) - por muitos princípios. 1º	BN] A1a - por muitos princípios. 1º
6: BN] A1 (fl. 111r) - intérprete de todas. Outra regra...	BN] A2 - intérprete de todas. Confirma-se a verdade ou probabilidade das mesmas explicações Outra regra.

Para além da mancha gráfica, que, como acima notámos, apesar de constituir um aspecto de superfície em relação à construção textual, tem incontestáveis implicações ao nível da recepção do texto, Vieira intervém abundantemente, em várias fases e com motivações de diversas ordens, no processo de construção textual da *Representação*.

A própria existência de uma cópia a limpo indicia desde logo, pelo menos neste caso, o perfeccionista, preocupado com os aspectos visuais e estilísticos do texto, mas as marcas de manipulação autógrafa, que permitem documentar quatro momentos distintos de génese textual²⁶, revelam também outro tipo de preocupações, nomeadamente a procura de uma coerência e rigor lógico que se queriam irrepreensíveis e, mais ainda, de uma lógica que coincidissem com a lógica inquisitorial. É essencialmente neste aspecto que a *Representação*, no processo da sua génese e na sua versão final, se poderá afastar da restante obra de Vieira, nomeadamente dos *Sermões*.

Assim, a par das formas que o perfeccionismo estilístico e o rigor linguístico assumem na *Representação*, e que serão com certeza adequadas ao género desta e diferentes das assumidas nas *Cartas* ou nos *Sermões*, importa apurar na *Representação*, de acordo com o que acima fica dito, a esperável existência de marcas textuais de um processo que poderemos designar como de auto-censura, imposta pelo contexto em que as *Representações* são redigidas.

3.1.2. - De BN a TT: as alterações linguísticas e estilísticas.

Não era, pois, Vieira um "génio inspirado", a quem as mais brilhantes páginas saíssem de rajada, fruto da pura inspiração do momento, mas antes um laborioso artífice, cujo pensamento, mais veloz que a pena, necessitava de ser trabalhado, limado e apurado, primeiro através da reflexão aturada e, depois, através das palavras que lhe davam expressão.

O momento de reflexão é, naturalmente, em parte anterior à redacção de BN e em parte simultâneo em relação à totalidade do processo, mas o momento de trabalho da palavra subdivide-se em vários momentos, como temos vindo a demonstrar. Assim, após o primeiro momento, de redacção e correcção em curso de escrita, Vieira procede a uma primeira campanha de revisão do texto, o segundo momento, mas muitas das alterações referidas ocorrem ainda em curso de escrita, antes, portanto, do segundo momento, de leitura produtiva. Referimo-nos, nomeadamente, às correcções na linha, que envolvem diversos procedimentos: exclusão e, simultaneamente, substituição ou deslocação na linha ou ainda correcção sobre a redacção original. Nos casos de exclusão de palavras ou

²⁶ O quinto momento genético, de retrocópia do diferencial TT≠BN, não é já um momento de intervenção modificadora do texto, pelo que não o mencionamos aqui.

partes de frases não substituídas nem deslocadas, não é, na maior parte dos casos, possível determinar com exactidão se ocorreram no primeiro ou no segundo momento de construção textual, até porque, em grande parte dos casos, são ilegíveis. No entanto, é provável que tenham ocorrido em curso de escrita, uma vez que, caso tal não acontecesse, a exclusão teria provavelmente acarretado, em alguns casos, alterações no resto da frase. Estes dois primeiros momentos (o da escrita propriamente dita e correcção em curso de escrita, A1 e A1a, e o da leitura produtiva, A2) são, sem dúvida, os mais ricos ao nível das alterações de natureza linguística e estilística.

a) Correccção em curso de escrita: BN] A1 > BN] A1a

BN] A1	BN] A1a
1: (fl. 106v) e assi é	e assi foi
2: e o oficial conforme	e o oficial mecânico conforme
3: e o castigo dos conjurados. E porque é...	e o castigo dos conjurados. Também o predisse
4: (fl. 107r) em defensõ de sua liberdade	em defensa de sua liberdade
5: (fl. 107v) mas essa bandeira ass.	mas essa Bandeira, depois de assi
6: (fl. 108r) fortificou e outros lugar...	fortificou e devastou outros lugares
7: e no capítulo	e ao império
8: E para que expliquemos Bandarra	E para que expliquemos e defendamos a Bandarra
9: (fl. 108v): Chama-lhe lobo faminto	Chama lobo faminto ao Turco
10 : Vejo quarenta e um ano pelo correr do planeta	Vejo quarenta e um ano pelo ferir do cometa pelo correr do planeta
11: grã dan.	grã dano
12: Vila Vi...	Vila Viçosa
13: (fl. 109v): em que estão referidas fo...	em que estão referidas são tiradas
14: e tão exacto	e tão diligente
15: (fl. 110r): que s...	que em semelhante
16: (fl. 110v): Que cousa mais clara que /	Que cousa mais clara / que
17: A 1ª é a circunstância de	A 1ª é a circunstância e pontualidade do tempo
18: (fl. 113r): lhe sucedeu a S. Paulo o mesmo, não faltando /	lhe sucedeu a S. Paulo o mesmo, / não faltando
19: (fl. 114r): por mui diferentes estradas	por mui diversas estradas
20: os Judeus haviã de ser tão cegos	os Judeus seriam tão cegos
21: (fl. 115r): só por revelação de Deus o podem alcançar	só por revelação de Deus e luz do Espírito Santo o podem alcançar
22: a quem o padre ou o filho	a quem o padre, por si ou pelo filho

BNJ A1	BNJ A1a
23: (fl. 115v): senão aqueles a quem só Deus os quisesse revelar	senão só Deus e aquele a quem Deus os quisesse revelar
24: sábios e feiticeiros de reino	sábios e feiticeiros de seus reinos
25: senão por revelação	senão por espírito de Deus e revelação
26: (fl. 116r) d' el Rei de Portu...	d' el Rei D. Manuel
27: (fl. 116v) nenhum dos que as obraram era q	nenhum dos que as obraram era nacido
28: (fl. 117v) Daniel conheceu por revelação de	Daniel conheceu por revelação, como consta do capítulo 5º
29: (fl. 117v): consta do 2º Livro dos Reis	consta do 3º Livro dos Reis
30: (fl. 118r): 26	16
31: porque menos dificultoso era conhecer	porque menos dificultoso era antever
32: digo que	digo outra vez que
33: da primeira proposição	da primeira premissa
34: (fl. 118v): com Isa...	com Isaías
35: não impida	não seja impedimento
36: (fl. 119r) como Daniel	como foi aquele ... do qual diz o profeta Daniel
37: aplicou Deus a Judas	aplicou Cristo a Judas
38: daquela terra	daquela mesma terra
39: (fl. 119v): Profeta e que	Profeta e o
40: quanto ao	quanto à

Quadro 2: BNJ A1 — BNJ A1a - Alterações de natureza linguística e estilística.

As alterações efectuadas no primeiro momento de construção textual, em curso de escrita, podem, de acordo com as variantes apresentadas no Quadro 2, ser classificadas em quatro tipos diferentes:

1- Riscado seguido de regresso ao mesmo (exs. 11, 12, 16, 18, 34).

Trata-se de um processo relativamente pouco frequente, que traduz fundamentalmente a hesitação.

2- Correção directa sobre a forma inicial, por transformação de alguns ou de todos os seus elementos (exs. 4, 7, 10, 19, 29, 30, 33, 40).

Este tipo de alteração tem quase sempre como primeira finalidade a correção de lapsos, e só raramente serve fins puramente estilísticos (ex. 19).

Em alguns casos, este tipo de correção é aplicado apenas a uma parte do texto alterado, conjugando-se, em muitos deles, com outros procedimentos, nomeadamente a anulação, o acrescento, a deslocação e a substituição à frente (exs. 7, 10, 30).

3- Riscado seguido de acrescento, sendo a(s) palavra(s) riscada(s) deslocada(s) para depois do acrescento (exs. 2, 5, 6, 8, 15, 21, 23, 24, 25, 32, 36, 38).

Este é nitidamente o caso em que a alteração corresponde a uma necessidade de completar, explicar, clarificar ou reforçar uma ideia pelo acrescento de novos elementos.

Tal acrescento pode implicar diferentes recursos, dos quais se destacam, pela sua frequência e/ou relevância: a duplicação de formas verbais (exs. 6,8), a duplicação de complementos (ex. 21), o acrescento de adjectivos (ex. 2) ou ainda a introdução de elementos gramaticais omitidos por lapso e essenciais à correcção e compreensão da construção sintáctica (exs. 5, 15). Em casos como o atestado no exemplo 23, o acrescento pode implicar operações adicionais de reestruturação da ordem dos constituintes.

4- Riscado não retomado e substituído à frente (exs. 1, 3, 9, 13, 14, 17, 20, 22, 26, 27, 28, 31, 35, 37, 39).

Neste caso o procedimento é de correcção ou ainda de inflexão do rumo do discurso ou da construção sintáctica escolhida, por substituição do texto anulado.

Entre os elementos textuais afectados por este tipo de processo, decorrente de necessidades várias como a correcção, a expressividade ou outras, destacamos: as formas verbais, que apresentam modificações ao nível do tempo, modo e aspecto, e da própria selecção do verbo (exs. 1, 13, 20, 31, 35); os adjectivos (ex. 14) e os nomes (exs. 26, 37). Pode também ocorrer a substituição de pronomes por nomes (ex. 9).

Outras vezes, porém, deparamos com alterações desencadeadoras de mudanças mais profundas, que se traduzem em novas opções ao nível da ideia a desenvolver e/ou da construção sintáctica escolhida para a expressar (exs. 3, 17, 22, 27, 28, 39).

Finalmente, o último grupo de alterações efectuadas no decorrer do primeiro momento de produção textual é o que envolve apenas o processo de exclusão (cf. infra Quadro 3), sendo o riscado, em grande parte dos casos, ilegível, pelo que não é possível determinar aí as razões da exclusão. Nos casos em que tal é possível, verifica-se que, na "Representação Primeira", a anulação de palavras, expressões ou mesmo de porções mais significativas de texto se prende também, regra geral, com questões de natureza linguística e estilística e só raramente com questões de economia textual (exs. 4, 8, 11).

Os riscados abrangem, em alguns casos, acrescentos, na margem ou na entrelinha, previamente incluídos na zona de texto riscada, o que faz supor que, nestes casos, terão ocorrido no segundo momento de produção textual e não no primeiro. Tais casos, porém, são raros e pouco significativos.

BN] A1	BN] A1 a
1: (fl.106v) de pessoas eclesiásticas, de nobres e do povo	de pessoas eclesiásticas, nobres e do povo
2. (fl.107r) os sinais de Portugal que houve	os sinais que houve
3: (fl.108r) de Portugal, que nesta ocasião o aplicasse	de Portugal, nesta ocasião o aplicasse

BN] A1	BN] A1 a
4: (fl. 108v) chama castrenses, e segundo a opinião dos mais doutos e experimentados ainda não está apagado, sendo comum	chama castrenses, sendo comum
5: (fl.109v) e tantos escritos, e dizemos	e tantos escritos, dizemos
6: nos ditos lugares lugares	nos ditos lugares
7: nem discrepância algũa, excepto somente	nem discrepância, excepto somente
8: (fl.111r) são de todos os Evangelistas, excepto S. Marcos, que, como abreviador de S. Mateus, não cita profecias, em que temos	são de todos os Evangelistas, em que temos
9: (fl.113v) que toque aos reinos e às coroas:	que toque aos reinos e às coroas
10: (fl.114r) na autoridade e no número e no conhecimento	na autoridade, no número e no conhecimento
11: (fl.115r) o conhecimento dos futuros, diz Deus, não por outrem	o conhecimento dos futuros, não por outrem
12: do nosso sigilogismo	do nosso silogismo
13: (fl. 116r) ter algum reparo e na matéria	de ter algum reparo na matéria
14: (fl. 117v) conheceu por revelação que o tempo	conheceu por revelação o tempo
15: (fl. 118v) S. Isidoro e S. Ireneu	S. Isidoro, S. Ireneu
16: o Messias; e contudo	o Messias, e contudo
17: descendentem ille et manem	descendentem et manem
18: os Profetas que alegam Bandarra	os Profetas que alega Bandarra
19: lugares e pessoas	lugares, pessoas
20: no que escrevem, porque sendo	no que escrevem, sendo

Quadro 3: BN] A1 — BN] A1a - Exclusões.

b) Leitura produtiva: BN] A1 > BN] A2

Ao segundo momento de produção textual é atribuível outro tipo de alterações, entre as quais assumem particular relevância os acrescentos — na margem os de maior extensão e na entrelinha os mais curtos — regra geral em substituição de texto riscado na linha. Em alguns casos, os acrescentos são de tal forma extensos que, caso tenham sido redigidos no decurso da leitura produtiva, terão necessariamente sido redigidos em folhas soltas, razão pela qual não figurariam em BN, sendo nele referidos sob a designação de "aditamentos", cada um dos quais identificado simultaneamente por um algarismo árabe e por uma letra. Subsiste, no entanto, pelos motivos acima aduzidos (cf. I, 2.2.), a possibilidade de terem estes aditamentos sido redigidos directamente em TT, no decurso da cópia a limpo. Por outro lado, verificam-se também, como contraponto a

estes acrescentos, vários casos de riscados, ocorridos em curso dos primeiro e segundo momentos, por vezes de extensão considerável e não substituídos.

No que respeita aos aditamentos, só é, naturalmente, possível identificar os que se localizam na parte do texto da "Representação Primeira" que sobreviveu em testemunho duplo e esses são apenas dois. No entanto, é possível inferir a existência de vários outros nas zonas que se encontram lacunosas em BN. Na zona da lacuna inicial situar-se-ão quatro aditamentos (1º, *Littera A* a 4º, *Littera D*), uma vez que o primeiro documentado em BN é o *Aditamento 5º Littera E*. Na zona da lacuna correspondente ao final desta Representação situar-se-á ainda um outro aditamento (7º, *Littera G*), uma vez que o primeiro aditamento documentado na "Representação Segunda" é o *Aditamento 8º, Littera H*.

O *Aditamento 5º* é um acrescento simples, cuja finalidade é a de fortalecer a argumentação que vinha sendo desenvolvida, em favor da legitimidade da autoria dos versos de Bandarra, através de um novo e último argumento.

O *Aditamento 6º* substitui quatro linhas de texto riscado:

Per cumulo de todas estas razões, exemplos, escrituras e autores, que falam geralmente em casos semelhantes, quero acrescentar a autoridade dos que, falando individualmente no nosso caso e nas mesmas predicções referidas de Bandarra, as entendem e interpretam no próprio sentido em que nós as interpretamos, os quais, posto que se não podem nomear por sua multidão, sendo que são...

Neste caso, acrescenta-se, no local considerado mais adequado, um novo motivo em prova da opinião de que as profecias de Bandarra estavam já, em parte, cumpridas em factos da história recente. Este novo motivo, que Vieira intitula *2º Motivo com que se prova mais a mesma menor deste 1º Silogismo*, vem, como os próprios termos do título indicam (*2º, mais, mesma*) reforçar os já apresentados, acrescentando a "*opinião geral e voz comum de todo o reino*" às já referidas "*razões, exemplos, escrituras e autores*" e à "*opinião geral das pessoas mais graves do reino, eclesiásticas e seculares*", sendo esta última mantida, na condição de argumento maior, como cúmulo dos motivos apresentados, mas, desta feita, inserida num *2º Motivo*. Assim, para além da intercalação de um acrescento, o *Aditamento 6º* representa também uma reestruturação do texto, na medida em que, com a introdução de um novo título, se obtém, para além do reforço da ideia, directamente decorrente do acrescento de um novo motivo, uma mais clara estruturação da mesma, que passa também, como vimos, pelo aspecto visual.

Os acrescentos de menor extensão (cf. infra Quadro 4) ocorrem maioritariamente na entrelinha e apresentam diferentes funções, quase sempre de natureza linguística e estilística, nomeadamente funções de correcção de lapsos linguísticos ou melhoramento estilístico, por vezes com implicações ao nível do sentido, e de precisão, clarificação ou reforço de termos ou ideias já expressos no texto. Apenas num número restrito de casos (exs. 17, 24, 25, 27, 30, 37, 40, 43, 54, 59, 75, 77) se pode considerar, efectivamente, a existência, frequentemente a par das funções acima citadas, de um acrescento de informação, ao contrário do que acontece nos Aditamentos.

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
1: (fl.106r) E nota que deixou o estado da Índia	E nota que deixou o Viso-Rei o estado da Índia	Acrescento entrelinhado
2: e o mesmo da China	e o mesmo comércio da China	Acrescento entrelinhado
3: com se fechar o Japão	com se fechar o do Japão	Acrescento entrelinhado
4: e a fazenda de todo o estado	e a fazenda e riqueza de todo o estado	Acrescento entrelinhado
5: (fl. 106v) com maior suavidade	com a maior suavidade	Acrescento entrelinhado
6: para que se formou	para o que se formou	Acrescento entrelinhado
7: também são mais e em maior número	também são os mais e em maior número	Acrescento entrelinhado
8: o que chama com discreta haver grã confusão	o que chama com discreta equivocação haver grã confusão	Acrescento entrelinhado
9: (fl. 107r) que nunca houve mundo)	que nunca houve no mundo)	Acrescento entrelinhado
10: mas assi é	mas assi foi e assi é	Acrescento na margem
11: (fl.107v) levantou gloriosamente	Levantou tão gloriosamente	Acrescento entrelinhado
12: ficam perto da vila	ficam muito perto da vila	Acrescento entrelinhado
13: que, muitos anos a esta parte	que, de muitos anos a esta parte	Acrescento entrelinhado
14: (fl. 108r) pendão cabeça do dragão	pendão na cabeça do dragão	Acrescento entrelinhado
15: Leão, nome tão próprio	Leão, nome militar tão próprio	Acrescento entrelinhado
16: e em outras ao mesmo Turco	e em outras partes ao mesmo Turco	Acrescento entrelinhado
17: em favor da Cristandade e sua defesa bem justo é	em favor da Cristandade e sua defesa, como diz a fama , bem justo é	Acrescento entrelinhado
18: (fl.108v) e como foi admirado	e como tal foi admirado	Acrescento entrelinhado
19: ardeu no incêndio	ardeu quasi todo no incêndio	Acrescento entrelinhado
20: (fl.109r) as chamadas Profecias ou Predições , sendo de futuros	as chamadas Profecias ou Predições de Bandarra , sendo de futuros	Acrescento na margem
21: depois tanta	depois de tanta	Acrescento entrelinhado
22: (fl.109v) não corrupção	não há corrupção	Acrescento entrelinhado
23: não eram, mas os que	não eram, mas eram os que	Acrescento entrelinhado

BN] A1	BN] A2	Classificação
24: (fl.110r) mandando Deus escrever em verso certas predições , e que as aprendessem de memória	mandando ... predições denunciadas por Moisés , e que as aprendessem todos de memória	Acrescento na margem e entrelinhado
25: algüas poucas profecias que estão declaradas no Testamento Novo , a cujas explicações devemos dar crédito	algüas ... no Testamento Novo ou por tradição e consenso comum da Igreja , a cujas explicações devemos dar crédito	Acrescento na margem
26: (fl. 111r) Schelogo	Scherlogo	Acrescento entrelinhado
27: Ribeira e geralmente todos	Ribeira, Hortulano, Benedito Pereira, Alcaçar e geralmente todos	Acrescento na margem
28: que são os mais escuros de todos os Livros Sagrados , porque neles é tão dificultosa	que são ... de todos os Livros Sagrado;s e por isso mesmo são os mais escuros , porque neles é tão dificultosa	Acrescento na margem
29: prova do verdadeiro da profecia	prova do verdadeiro sentido da profecia	Acrescento na margem
30: Nas profecias metafóricas e figurativas seguem o mesmo estilo os Evangelistas	Nas profecias metafóricas e figurativas (em que pudera haver mais dúvida) seguem o mesmo estilo os Evangelistas	Acrescento na margem
31: também seu cumprimento	também que teve seu cumprimento	Acrescento na margem
32: (fl. 111v) Senor	Senhor	Acrescento entrelinhado
33: estão provadas com o efeito e verdadeiramente cumpridas	estão provadas com o efeito e verdadeiramente interpretadas e cumpridas	Acrescento na margem
34: da narração dos sucessos dela	da narração somente dos sucessos dela	Acrescento na margem
35: e sendo conforme a ela	e sendo assi mesmo certo, conforme a ela	Acrescento na margem
36: interpretação das profecias, aquela que	interpretação das profecias é aquela que	Acrescento entrelinhado
37: as que mais calificam a certeza e verdade de qualquer profecia . A 1ª é a circunstância	as que mais ... profecia e fazem indubitavel a interpretação dela se concorda com o sucesso . A 1ª é a circunstância	Acrescento na margem

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
38: o havia de negar três, acrescentou	o havia de negar três vezes , acrescentou	Acrescento entrelinhado
39: (fl. 112v) E, finalmente , a diferença	E, finalmente , nota a diferença	Acrescento entrelinhado
40: o qual deixaria mui diminuído , concluindo	O qual deixaria mui diminuído de suas antigas riquezas , concluindo	Acrescento na margem
41: E, concordando tudo com o sucesso	E concordando tudo isto com o sucesso	Acrescento entrelinhado
42: grandíssimas esperanças e governando conforme a elas	grandíssimas esperanças e governando alguns conforme a elas	Acrescento entrelinhado
43: as interpretaram na mesma forma	as interpretaram conforme a ele, e os que depois se foram seguindo até hoje, na mesma forma	Acrescento na margem
44: (fl. 113r) das que Festo chama loucuras	das que Festo chamava loucuras	Acrescento entrelinhado
45: (fl. 113v) não entendo os mesmos textos	não entendendo os mesmos textos	Acrescento entrelinhado
46: (fl. 114r) alguns deles dos mesmos que podem muito voto	alguns deles sejam dos mesmos que podem ter muito voto	Acrescento entrelinhado
47: porque os mesmos Profetas	porque se os mesmos Profetas	Acrescento entrelinhado
48: (fl. 114v) os mesmos que estão cumprindo	os mesmos que as estão cumprindo	Acrescento entrelinhado
49: e assi o diz Deus	E assi o diz o mesmo Deus	Acrescento na margem
50: (fl. 115r) com outros sábios de Babilónia	com os outros sábios de Babilónia	Acrescento entrelinhado
51: porque que só	porque aquilo que só	Acrescento entrelinhado
52: (fl. 115v) Os supostos, argumento assi	Os quais supostos, argumento assi	Acrescento entrelinhado
53: scitatur	suscitatur	Acrescento entrelinhado
54: conhecendo todos que só Daniel o pode fazer	conhecendo todos que o que eles, por arte humana e diabólica, não podiam alcançar só Daniel o poderia fazer	Acrescento na margem e entrelinhado
55: (fl. 116r) Quem lhe disse que a causa ou ocasião	Quem lhe disse que havia de ser a causa ou ocasião	Acrescento entrelinhado
56: em um momento havia declarar	em um momento se haviam de declarar	Acrescento entrelinhado

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
57: (fl. 116v) Isaías, capítulo 45	Isaías, no capítulo 45	Acrescento entrelinhado
58: onde o não ambos requerem	onde o não há , ambos requerem	Acrescento entrelinhado
59: potência e perfeição infinita . A 2ª confirmação	...infinita. E como a perfeição de todas as criaturas seja finita e limitada, bem se conclui que, quando algũa delas criasse ou conhecesse os futuros, necessariamente havia de ser por comunicação do poder ou da sabedoria divina. A 2ª confirmação	Acrescento na margem
60: (fl. 117r) pode haver algũa conjectura	pode haver algũa razão ou conjectura	Acrescento entrelinhado
61: acrecenta ùa das mais notaveis	acrecenta o mesmo Cristo ùa das mais notaveis	Acrescento entrelinhado
62: (fl. 117v) havia de passar dos Persas e Medos	havia de passar ao dos Persas e Medos	Acrescento entrelinhado
63: que estava vivo, que antever	que estava vivo, do que antever	Acrescento entrelinhado
64: sem haver nem distinguir diferença	sem haver nem se distinguir diferença	Acrescento entrelinhado
65: (fl. 118r) o castigo e mais o delicto futuros	o castigo e mais o delicto, ambos futuros	Acrescento entrelinhado
66: havia um infante	havia de ser um infante	Acrescento entrelinhado
67: que, na prova do primeiro silogismo	que, na prova da menor do primeiro silogismo	Acrescento na margem
68: (fl. 118v) revelação divina	revelação ou inspiração divina	Acrescento na margem
69: como já provou	como já respondeu e provou	Acrescento na margem
70: consta que são	consta que os alegados são	Acrescento na margem
71: (fl. 119r) no capítulo 9, já alegado : In anno primo	no capítulo 9, já alegado, que o entendeu no 1º ano do reinado de Dario : In anno primo	Acrescento na margem

BN] A1	BN] A2	Classificação
72: quia ego sum . Assi explicam	... sum . De sorte que explicar e aplicar em particular a profecia antiga que falava em comum era prova de ciência divina, porque só por ciência divina se podia aplicar com certeza . Assi explicam	Acrescento na margem
73: senão no mesmo	senão ainda no mesmo	Acrescento entrelinhado
74: estava já mundo	Estava já no mundo	Acrescento entrelinhado
75: era movida por outrem , como a pena	era movida por outrem (isto é, por Deus) como a pena	Acrescento na margem
76: (fl. 119v) como se o estivera lendo por outro , porque	como se o estivera lendo por outro livro , porque	Acrescento na margem
77: porque ùas vezes	porque (como ensinam todos os Teólogos, assi escolásticos como expositivos) ùas vezes	Acrescento na margem
78: o mesmo santo , o qual	o mesmo santo Doutor , o qual	Acrescento entrelinhado

Quadro 4: BN] A1 — BN] A2 - Acrescentos

Estes acrescentos passam, de uma maneira geral, para TT, sendo poucos os acrescentos ou correcções anulados, por vezes ilegíveis, antes da passagem a limpo de BN para TT. Verifica-se, nestes casos, um processo de regresso à versão inicial semelhante ao identificado em curso de escrita, desta feita durante o momento de leitura produtiva. Os motivos subjacentes à alteração são, mais uma vez, de natureza linguística e estilística e traduzem uma hesitação quanto à correcção do discurso:

1:BN] A1 (fl. 112r) - como do conhecimento do sucesso, o qual
BN] A2 - como do conhecimento do sucesso profetizado , o qual (acresc. entrelinhado)
TT] A→B - como do conhecimento do sucesso, o qual
2:BN] A1 (fl. 108r) - teve a fortuna de lhe pôr o pendão (risc.)
BN] A1a - teve a fortuna de lhe pôr o pendão (subst. entrelinhado risc.)
BN A2 - teve a fortuna de pôr o pendão

3:BNJ A1 (fl. 114v) - ajudaram a cumprir a profecia que não a entenderam
<i>BNJ A1a</i> - ajudaram a cumprir a profecia e não a entenderam
<i>TTJ A→B</i> - ajudaram a cumprir a profecia que não entenderam

Para além dos acrescentos, há ainda a considerar, no segundo momento de produção textual, os casos de substituição de texto riscado na linha (cf. infra Quadro 5), quase sempre ilegível, os quais, tal como os acrescentos, podem também localizar-se na entrelinha ou na margem, sendo, neste caso, mais frequentes os marginais, facto que parece relacionar-se directamente com a extensão dos mesmos. O processo de substituição, nos casos em que o riscado é legível, tem como motivação de base a alteração da forma do discurso (exs. 6, 7, 8, 10, 12, 16, 19, 20, 27, 33) ou da ideia que lhe subjaz (ex. 22) ou ainda o acrescento de informação (ex. 2), substituindo-se, neste caso, uma forma ou expressão de significado mais restrito por outra que a altera e amplia.

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
1: (fl.106v) com que se havia de conservar ... dinheiro	com que se havia de conservar, tirando-se o dinheiro	Substituição na margem
2: E os mais serão taxados. Os mais refere-se aos Comendadores	E os mais serão taxados. A palavra e os mais é relativa e exclusiva dos Comendadores	Substituição na margem
3: (fl. 107r) a ùa mulher ... indignos	a ùa mulher, as mercês feitas a indignos	Substituição entrelinhada
4: carga de ... tributos	carga de tantos tributos	Substituição entrelinhada
5: (fl.107v) e misericórdia divina ... para dar vitórias	e misericórdia divina, a qual , para dar vitórias	Substituição entrelinhada
6: que quase se não via cousa algũa , circunstância	que quase se não via nem divisava nada , circunstância	Substituição na margem
7: E , de qualquer dos lugares	Assi que de qualquer dos lugares	Substituição na margem
8: pela grande quantidade	pelo grande número e multidão	Substituição na margem
9: (fl.108r) na cabeça ... senão o fronteiro	na cabeça do dragão senão o fronteiro	Substituição na margem
10: que por este o nomea	que assi o nomea	Substituição entrelinhada
11: (fl. 108v) e em muitas partes ... ardeu	e em muitas partes mais remotas do reino, o qual ardeu	Substituição entrelinhada
12: passaram de sessenta mil os que dele acabaram	passaram de sessenta mil vidas as que dele se acabaram	Substituição entrelinhada
13: grã cabana, que é o Paço de Vila Viçosa	grã cabana. Grã cabana é o Paço de Vila Viçosa	Substituição na margem

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
14: (fl. 109r) que ... de ser	que havia de ser	Substituição entrelinhada
15: (fl. 110r) assi o sentem ... os curiosos	assi o sentem geralmente os curiosos	Substituição entrelinhada
16: (fl.111r) são o verdadeiro cumprimento da profecia	são o verdadeiro cumprimento dela	Substituição entrelinhada
17: (fl.112r) E todos os sucessos	E todos estes sucessos	Substituição entrelinhada
18: com que se prova esta.	com que se prova esta circunstância.	Substituição na margem
19: antes dos ditos sucessos	antes dos sobreditos sucessos	Substituição entrelinhada
20: E sendo certo	Sendo pois certo	Substituição entrelinhada
21: (fl.113r) E o que ... que o lêem?	E o que nele acham e interpretam os que o lêem?	Substituição na margem
22: (fl.114r) para fazer aptidão	para fazer multidão	Substituição entrelinhada
23: no número ... não só eram iguais	no número e no conhecimento de todas as cousas a este ponto necessárias , não só eram iguais	Substituição na margem
24: (fl.115r) conhecer os futuros. ... em Marco Tulio	conhecer os futuros. Assi o lemos em Marco Tulio	Substituição na margem
25: o acto de conhecer ...	o acto de conhecer e antever as cousas futuras e confessaram ser próprio da divindade.	Substituição na margem
26: (fl. 115v) atqui ... pois os predisse	atqui hoje faz cento e vinte cinco anos Bandarra sabia os ditos sucessos , pois os predisse	Substituição na margem
27: e que havia de Portugal ser	e que havia Portugal de ser	Substituição/Deslocação entrelinhada
28: a causa ou ocasião ... o ser	a causa ou ocasião de tamanha mudança o ser	Substituição na margem
29: (fl.117r) e lhes ... as cousas futuras	e lhes anunciaria as cousas futuras	Substituição na margem.
30: mais notaveis ... de todo	mais notaveis proposições de todo	Substituição na margem
31: (fl.117v) como consta ... conheceu	como consta do seu capítulo 19 , conheceu	Substituição na margem
32: de tantos ... ?	de tantos povos, cidades e províncias?	Substituição na margem

BN] A1	BN] A2	Classificação
33: (fl.118r) e aos mais rebeldes	e aos outros rebeldes	Substituição entrelinhada
34: não é mais ... menos difícultoso	não é mais senão menos difícultoso	Substituição entrelinhada
35: nem predisse futuros ... o sentir universal	nem predisse futuros, contra o sentir universal	Substituição entrelinhada
36: (fl.119r) desde o ventre de sua mãe ... que estava	desde o ventre de sua mãe sabia que estava	Substituição entrelinhada

Quadro 5: BN] A1 — BN] A2 - Substituições.

c) Cópia produtiva: BN] A > TT] B

No terceiro momento de construção textual, o da passagem a limpo de BN a TT e cópia produtiva, a acção modificadora do autor é significativamente menor do que a registada no momento de leitura produtiva, facto que é claramente visível na colação entre os manuscritos BN e TT e consequente inventariação de variantes. Assim, embora o processo de cópia seja, também ele, produtivo, as intervenções tornam-se menos frequentes, indiciando a aproximação do estado final do texto. Ainda assim, as correcções e substituições ao nível da forma, de natureza linguística e estilística, continuam a ser predominantes, denotando, nesta como nas restantes fases do processo de construção textual, uma assinalável procura de rigor e perfeição linguística e estilística traduzida, antes de mais, na melhoria do aspecto visual do texto, mas também em pequenas correcções, substituições, exclusões e acrescentos. Estão neste caso as alterações transcritas no Quadro 6: BN → TT - Alterações de natureza linguística e estilística (cf. infra). Assim, encontramos casos de reorganização do texto acompanhada de rearranjo gráfico nos exemplos 11, 46, 62 e 64; casos de acrescento com vista a uma clarificação ou reforço do sentido nos exemplos 5, 6, 24, 36, 43, 54, 55, 58, 60, 67, 71 e 72; casos de exclusão de partes de texto ou de expressões consideradas supérfluas nos exemplos 27, 45, 47, 50, 70.

No exemplo 47, ressalva-se a possibilidade de a exclusão ser acidental, uma vez que o elemento especificador excluído em TT havia sido acrescentado em BN na margem. A hipótese de ter este acrescento sido redigido em fase posterior à da redacção de TT também não pode ser completamente colocada de lado, embora, neste caso, a natureza da variante em questão não aponte nesse sentido.

No exemplo 38, coloca-se a hipótese de estarmos perante uma correcção, em BN, (*diversas é* correcção sobre uma forma inicial *diferentes*) seguida de regresso ao mesmo em TT, procedimento que traduziria um tipo de hesitação documentado noutras fases do processo de construção textual.

Nos restantes casos, as alterações prendem-se com questões particulares de correcção ou aperfeiçoamento, ao nível da pontuação, do léxico e da construção sintáctica, por vezes acabando por introduzir em TT erros, de concordância, por exemplo, que não figuravam em BN (exs. 20, 30). As implicações deste tipo de

alterações ao nível do sentido, nos poucos casos em que ocorrem, são pouco significativas (exs. 15, 28, 29).

BNJ A	TTJ B
1 (fl. 106r): de aclamar. E esta dúvida , reparo e suspensão	de acclamar. Esta duvida , reparo & suspensão
2 (fl. 106v): o castigo dos conjurados. Logo também o predisse Bandarra	o castigo dos conjurados. Também o predisse Bandarra
3 (fl. 107r): presságio, como então se entendeu , de que o reino	pressagio (como então se entendeo) de que o Reyno
4: e as pancadas que (...) foram ouvidas	& os golpes que (...) forão ouvidos
5 (fl. 108r): a cavalaria, superior em número à nossa e na qual trazia posta	a cavallaria, tam superior em numero à nossa, na qual trazia posta
6: (que é o nome com que ordinariamente o significa)	(que he o nome com que mais ordinariamente o significa)
7(fl. 108v): e tudo lhe saiu certo	e tudo lhes sahio certo
8: foi no fim do ano de 618	foy no fim do anno de 1618
9: onde vivia o pastor	adonde vivia o pastor
10 (fl. 109r): quando o Turco, que é Sichem , afrontar (...) a Dina, que é a Igreja , então Levi, que é o Pontífice , se há-de unir (...) a Simeão, que é o Rei .	quando o Turco (que he Sichem) affrontar (...) a Dina (que he a Igreja) então Levi (que he o Pontifice) se ha de unir (...) a Simeão (que he o Rey).
11: ùa contra as predições sobreditas (...) cumprimento delas. A primeira diz assi: As obras ou trovas	hũa contra o texto das predicçoens sobreditas (...) cumprimento dellas. 1ª Objecção As obras ou trovas
12 (fl. 110r): porque a primeira parte	porquanto a primeyra parte
13: e treslado muito legítimo	& treslado muy legitimo
14: e que as aprendessem todos de memória	& que as aprendessem tambem de memoria
15: como acima dissemos	como acima mostramos
16 (fl. 110v): já temos provado esta parte	já temos provada esta parte
17: ùas sejam claras e outras escuras	hũas sejam claras, outras escuras
18 (fl. 111r): e exemplar antevisto, pelo qual	& exemplar antevisto pella qual
19 (fl. 111v): se os Judeus desfizessem o templo, ele o reedificaria	se os Judeos desfizessem o templo, o reedificaria
20: a resposta que lhe deu	a resposta que lhes deo
21. E esta foi	Esta foy
22: a circunstância dos tempos (...) quão ligados e atados estão os sucessos com elas	a circunstancia dos tempos (...) quam ligados & atados estão os sucessos com elles
23: (e as causas porquê)	& as causas porquê
24 (fl. 112v): Diz em geral a presteza	Diz em geral a vontade & presteza
25: aquele o tempo e a seção	aquelle o tempo nem a cesão

BN] A	TT] B
26: ordem em que as mesmas cousas	ordem com que as mesmas cousas
27: até hoje na mesma forma em que nós as deixámos declaradas , imprimindo-se	até hoje, imprimindo-se
28: e segundo a torrente dos doutos	& segundo a torrente dos doutos
29: se responde que	se replica que
30 (fl. 113r): nem das interpretações delas	nem das interpretaçoens della
31: de pela manhã até noite	de pella manhã até a noite
32: quae Prophetae locuti sunt (...) o efeito que estas profecias	quae Prophetae loquuti sunt (...) os efeitos que estas profecias
33: no capítulo 10	no capº 10º
34: predições de Bandarra	prediçoens do Bandarra
35 (fl. 113v): no capítulo 2	no capítulo 2º
36: pia afeição , quanto mais para crer	pia afeição (como ensina a Theologia) quanto mais para crer
37: instituição de nossas armas	instituição das nossas armas
38 (fl. 114r): por mui diversas estradas	por diferentes estradas
39: se acaso lhe chegar aos olhos, que os ponham em Deus	se acaso lhes chegar aos olhos, os ponhão em Deus
40: (antes da declaração da dita censura)	antes da declaração da dita censura
41 (fl. 114v). E dos discípulos	E os discipulos
42: a profecia e não a entenderam	a profecia que não entenderão
43: são os fundamentos com que	são os fundamentos ou motivos com que
44: Profecias do Bandarra	Profecias de Bandarra
45: Motivos do segundo Silogismo	2º Syllogismo
46: os que se seguem. Primeiramente	os que se seguem. 1º Motivo Primeiramente
47: assi o diz o mesmo Deus	assi o diz Deos
48 (fl. 115r): conhecendo mal ao verdadeiro Deus	conhecendo mal o verdadeiro Deos
49: da sua Epístola segunda	da sua 2ª Epistola
50: ensinado pelo mesmo Cristo no capítulo 10 de S. Mateus	ensinado no Evangelho pello mesmo Christo
51 (fl. 115v): E assi o entendeu	E assi a entendeo
52: misteria quiam tu	mysteria quia tu
53: falando com os do Conselho	fallando com os Conselheiros
54 (fl. 116r): tudo o que dissera.	tudo o que dissera <i>Ostendit tibi Deus omnia quae loquutus es.</i>
55: as cousas representadas e verificadas no sonho eram	as cousas representadas no sonho & verificadas no successo erão
56: a causa ou ocasião	a causa ou a ocasião

BN] A	TT] B
57: agudo que se chamasse	agudo & que se chamasse
58 (fl. 116v): muitos Filósofos)	muitos Filosofos & Theologos)
59: e conhecer	& de conhecer
60: consta das Escrituras.	consta das Escrituras em muitos lugares.
61 (fl. 117r): in vobis , o mesmo	in vobis sit , o mesmo
62: comunicação divina. E para que	comunicação divina. 4º Motivo E para que
63 (fl. 117v): soberano Senhor que só tem os tesouros	soberano Senhor, cujos sam os thezouros
64: é servido. Finalmente,	he servido. 5º Motivo Finalmente,
65: capítulo 37 do Genesis	capitulo 37, dos Genesis
66: menos dificultoso é (...) do que antever	menos difficultoso he (...) que antever
67 (fl. 118r): 3º Silogismo	Motivos do 3º Syllogismo
68 (fl. 118v): lugares dos Profetas	lugares de Profetas
69: que foram as suas predicções	que forão suas predicçoens
70: cheo do Espírito Santo	cheo do spirito , como diz
71 (fl. 119r): aplicou Cristo a Judas	applicou Christo à treição de Judas
72: e energia destas palavras , como se pode ver	& energia destas palavras de Christo , como se pode ver
73: se não podem saber com certeza senão	se não podião saber ao certo senão
74 (fl. 119v): o que havia de ditar, ele somente pronunciava	o que avia de ditar & elle somente
75: escritores canónicos, e daqui nace	Escritores canonicos; donde nace
76: com que lhe pediu	com que lhes pedio

Quadro 6: BN] A — TT] B - Alterações de natureza linguística e estilística.

3.1.3. - Auto-censura na "Representação Primeira"?

No que respeita à "Representação Primeira", as alterações de conteúdo, que à partida poderiam revelar um procedimento de auto-censura, são pouco significativas e ocorrem maioritariamente nos momentos de escrita (A e A1) e de leitura produtiva (A2). No momento de passagem a limpo e cópia produtiva são ainda mais escassas. Há, no entanto, que distinguir aqui dois grupos, que apresentamos nos Quadros 7 e 8: o Grupo 1 (Quadro 7) é o das alterações que visam a correcção de afirmações erradas, as quais, nesta fase, parecem ser já apenas as resultantes de dúvidas que o *Breviário* e a *Bíblia* não podiam suprir mas a memória iria colmatando; o Grupo 2 (Quadro 8) é o das alterações que revelam um último esforço para não trair no ardor das palavras o propósito inicialmente afirmado de não persistir na defesa das suas convicções.

BN] A	TT] B
1 (fl. 107v): casacas vermelhas com as águias grifas do Império bordadas de amarelo	cassacas amarellas com as aguias grifas do Imperio bordadas de vermelho
2: residia na praça de armas de Almeida	residia na Praça de Armas de Penamacor

Quadro 7: TT] A → B - Alterações de conteúdo - Grupo 1

BN] A	TT] B
1 (fl. 106r): a inconfidência da Marquesa e a deslealdade de seus filhos	a inconfidencia da Marqueza & seus filhos
2 (fl. 109v): que bastava às predições de Bandarra e à verdade de serem suas	que bastava às predicçoens & à verdade de serem suas
3 (fl. 112v): imprimindo-se muitas das ditas declarações e pregando-se	imprimindose muitas das ditas interpretaçoens & pregandose
4: interpretando o Bandarra, e concordando na interpretação dele , e sendo tantos	interpretando o Bandarra & concordando em que suas predicçoens estão cumpridas & sendo tantos
5 (fl. 113r): ainda que têm esta opinião	ainda que tenham esta opinião
6 (fl. 114r): outros oráculos menos aprovados ou menos experimentados	outros oráculos menos provados & menos experimentados
7 (fl. 114v): foi e se deve chamar verdadeiro Profeta	foy & se pode chamar verdadeiro profeta
8: Os fundamentos que tive	Os motivos que tive
9 (fl. 116r): Abulense e os demais	Abulense & outros
10 (fl. 118r): o Bandarra foi e se deve chamar verdadeiro Profeta	Bandarra foy & se pode chamar verdadeiro profeta
11: Bandarra foi e se deve chamar verdadeiro Profeta	Bandarra foy & se pode chamar verdadeiro profeta
12 (fl. 119r): se colhe claramente que foram deste modo , porque	se colhe claramente que forão deste modo, ao menos algumas dellas , porque
13 (fl. 119v): que tudo o que escreveu foi por inspiração divina	que escreveo por inspiração divina

Quadro 8: TT] A → B - Alterações de conteúdo - Grupo 2

O processo de auto-censura, visível neste segundo grupo de alterações, revela-se essencialmente na moderação de afirmações que poderiam denunciar convicção impugnável. É esse o caso em praticamente todos os exemplos do Quadro 8, com excepção dos dois primeiros, em que a censura se faz, de forma mais radical, pela omissão de palavras ou expressões consideradas perigosas ou excessivas. São particularmente ilustrativas do tipo de auto-censura predominante no texto da "Representação Primeira" substituições como as documentadas nos exemplos 7, 8, 10 e 11, onde a substituição de *deve* por *pode* e a de *fundamentos* por *motivos* não deixa

qualquer dúvida em relação às motivações a elas subjacentes. Vieira temia, de alguma forma, não conseguir dominar as palavras e deixar que elas traíssem a sua impulsividade natural, denunciando assim o vigor das suas convicções e deitando a perder a sua defesa. Estas alterações devem, pois, ser vistas em conjunto com a declaração de intenções que precede a *Representação*, constituindo com elas um conjunto de "precauções linguísticas" que revelam bem o peso da situação, que obrigava a medir as palavras, em confronto com o conhecido temperamento de Vieira e com o vigor não menos conhecido que punha em tudo aquilo em que acreditava.

3.2. - A "Representação Segunda" ou como provar que as profecias de Bandarra acerca do Quinto Império estavam certas.

Se, na "Representação Primeira", se tratava de provar o espírito profético de Bandarra, na "Representação Segunda" vamos encontrar uma explanação sistemática do tema do Quinto Império ou Reino consumado de Cristo na terra, organizada, desta feita, sob a forma de questões.

Nenhum dos dois temas, porém, era, na verdade, novo para Vieira: o da "Representação Primeira", o espírito profético de Bandarra, pensara-o para a "questão 60"²⁷ do *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, seguramente projectada e, como adiante se verá, muito provavelmente, em parte também redigida, ainda que de forma muito incompleta e embrionária; o da "Representação Segunda", o Quinto Império, era o seu Tema, por excelência, desde a época da Restauração, quando, em virtude desse facto histórico, começara a acreditar que estava para chegar, em breve, o Reino de Cristo e procurara, através da *História do Futuro*, dar a conhecer a Portugal e ao Mundo a esperança messiânica num futuro de fraternidade e paz universais que as profecias prometiam e os acontecimentos recentes pareciam começar a confirmar.

Efectivamente, reencontramos nas duas Representações matéria em parte já previamente pensada e debatida, ainda que para diferente obra, diferente público e em diferentes circunstâncias. Tais diferenças, porém, viriam a reflectir-se mais no modo de desenvolvimento dos temas do que na sua estruturação, que, no caso da "Representação Segunda", procura abarcar e sintetizar todas as questões da *História do Futuro*, enquanto a "Representação Primeira" elege, como aspecto introdutório e base de sustentação de toda a teoria desenvolvida na "Representação Segunda", a prova de que Bandarra foi verdadeiro Profeta. O raciocínio subjacente a esta estruturação é, evidentemente, de natureza silogística: tudo o que Bandarra profetizou foi com verdadeiro espírito de profecia; Bandarra profetizou muitas coisas sobre o Quinto Império; logo, é verdadeiro, ou pelo menos provável, que tais coisas se cumpram.

Assim, depois da legitimação do Profeta, na "Representação Primeira", a "Representação Segunda" surge como um compêndio da *História do Futuro*, isto é, das coisas por ele profetizadas.

Na impossibilidade, já evidente em 1665, de concluir a *História do Futuro* e o *Livro Antepimeiro*, a *Representação*, mais concretamente a sua "Representação Segunda", surge como uma oportunidade de sintetizar os pontos chave da grande Tese, permitindo-lhe simultaneamente defender-se das acusações que lhe eram feitas, pela

²⁷ Cf. Besselaar, 1983, p. 12.

explicação dos aspectos sobre os quais elas incidiam, e, ainda que não na forma monumental que planeava, divulgar os grandes acontecimentos antes que chegassem.

Apesar de "herdeira" da *História do Futuro*, há, no entanto, que ter em conta que, na *Representação*, Vieira teve de proceder, por um lado, à reorganização e sintetização de algumas matérias já antes redigidas ou apenas pensadas e, por outro, a uma redacção de primeiro jacto, para aquelas, seguramente em número muito superior, nunca redigidas e, em alguns casos, talvez apenas indicadas e nunca efectivamente pensadas. É seguramente este facto que leva a que, apesar de notavelmente elaborado, para rascunho, o manuscrito BN apresente ainda tantas correcções de natureza linguística e estilística, como vimos na "Representação Primeira", e, o que é talvez mais significativo, mas só verificável na "Representação Segunda" por só esta se encontrar completa em BN, Vieira proceda ainda, em momento situável entre os dois manuscritos, BN e TT, a profundas operações de alteração estrutural. Pela sua extensão e importância, é por elas que começaremos.

3.2.1. - De BN a TT: as alterações estruturais.

3.2.1.1. - As "três" Representações.

Ao contrário do que sucede com a "Representação Primeira", a "Representação Segunda" chegou até nós na sua totalidade (exceptuando os aditamentos) em testemunho duplo, o que permite esperar, à partida, resultados que confirmem (ou infirmem) e acrescentem de forma significativa os obtidos na análise da "Representação Primeira".

A primeira alteração estrutural verificável no texto da "Representação Segunda" regista-se logo no seu título e primeiras linhas: a fls. 120r de BN e 194r de TT encontram-se as seguintes lições divergentes:

Manuscrito BN	Manuscrito TT
Representação Terceira	Representação Segunda
Representação chamo também a este papel, como aos dous antecedentes	<i>Representação</i> chamo também a este papel, como ao primeyro

às quais se junta, em BN, ao lado do termo "terceira", a seguinte nota, a tinta de cor diferente da usada no resto do manuscrito: *é a 2ª no papel dos autos*, leia-se em TT, a cuja redacção é lícito supor, a partir da análise da tinta e da referência directa a TT, que terá sido posterior, situando-se assim, de acordo com o exposto no ponto 2.2., no momento 5 de produção textual: BN] B → A.

Este conjunto de dados coloca-nos, assim, perante a possibilidade de Vieira ter redigido uma outra representação, a qual se situaria antes das duas conhecidas ou entre elas. Redigida em BN, tal representação teria sido suprimida pelo autor, ao que tudo indica no momento de passagem a limpo e cópia produtiva, de BN para TT, o que explica o facto de não existir qualquer marca de exclusão de "terceira" nem a sua substituição por "segunda", em BN, mas sim uma nota posterior que dá conta da alteração.

Das razões que poderão ter levado à supressão de uma representação na sua totalidade — facto que, aliás, não é estranho em Vieira, que, como adiante se verá, suprime com frequência questões inteiras, substituindo-as, ou não, por outras — só a

eventual, mas muito pouco provável, descoberta dos fragmentos de BN actualmente dados como perdidos permitiria ajuizar, pela análise do seu conteúdo. O mesmo, no entanto, já não se passa quanto à sua extensão e localização. É possível, a partir da numeração original do manuscrito BN, da mão de Vieira, feita página a página — e que não é, recorde-se, a que seguimos na edição de BN, por ser, naturalmente, lacunosa e apresentar alguns erros²⁸ — e por comparação com a numeração apócrifa de TT, usada por Hernâni Cidade e correspondente à localização da *Defesa* no *corpus* do processo inquisitorial, avaliar qual teria sido a extensão aproximada desta "terceira Representação" e qual teria sido a sua posição relativa no corpo do texto.

Consideremos primeiro a possibilidade de esta Representação virtual ter sido concebida como a primeira de um conjunto de três, hipótese para cuja verificação importa ter em conta os seguintes factos: a numeração autógrafa do manuscrito BN permite avaliar a lacuna inicial deste manuscrito como sendo de 32 páginas, uma vez que a primeira página disponível está numerada 33. Ora, sendo os suportes de BN e de TT de idênticas dimensões, torna-se possível calcular a extensão da "terceira Representação" em função da diferença entre o número de páginas de TT correspondente ao da lacuna inicial de BN e o número de páginas desta mesma lacuna. Assim, sendo a lacuna inicial de BN de 32 páginas, como vimos, e o número de páginas que lhe corresponde em TT de cerca de 24 (fls. 147r a 159v - 12 fôlios ou 24 páginas), esta "terceira Representação" ocuparia o número de páginas correspondente à diferença entre ambos, isto é, cerca de 8, aproximadamente, número de longe inferior ao das duas Representações conhecidas. Se tivermos ainda em conta que o carácter de cópia a limpo de TT implica uma ocupação de página tendente a uma maior clareza visual, que pressupõe concretamente, no caso da *Representação*, e para referir apenas alguns dos aspectos que nos parecem mais relevantes, um significativo desdobramento dos parágrafos de BN e um maior número de títulos e subtítulos, bem como um maior destaque destes em termos espaciais, tal facto poderia, quanto muito, vir a acrescentar a este número uma ou duas páginas, o que faria oscilar o número apresentado entre as 8 páginas que terá tido em BN e as cerca de 10 que provavelmente viria a ter em TT se não tivesse sido suprimida.

A segunda possibilidade que apontámos quanto à localização da "terceira Representação", a de esta ter sido concebida como a segunda de um conjunto de três, é completamente descartada pelo mesmo tipo de análise das paginações de BN e de TT.

Para a consideração desta segunda hipótese há que ter em conta os seguintes factos: existe em BN, no final da "Representação Primeira", uma outra lacuna onde, à partida, poderia também ter figurado esta outra representação, que nesse caso teria sido a segunda. A análise da paginação dos dois manuscritos, porém, infirma claramente esta hipótese: a lacuna de BN estende-se, neste caso, por 47 páginas (pp. 61 a 108) correspondentes, no respectivo lugar de TT, a cerca de 49 páginas (fls. 173r a 198r), o que revela claramente a impossibilidade de ter existido entre as duas representações conhecidas qualquer porção de texto significativa e, muito menos, uma representação inteira, por curta que fosse, uma vez que as zonas da lacuna de BN e do texto correspondente de TT se sobrepõem quase na totalidade, com uma ocupação de apenas mais duas páginas em TT certamente devida, como acima referimos, às características de ocupação de página deste manuscrito na sua qualidade de cópia a limpo.

Conclui-se assim, pelas razões aduzidas, que efectivamente é possível conjecturar a existência, em BN, de uma "terceira Representação", ainda que bastante curta, que

²⁸ Veja-se a este propósito a descrição codicológica e paleográfica do manuscrito BN, que apresentamos na Parte V do presente trabalho.

Vieira terá suprimido no decorrer do processo de cópia para TT. A sua curta extensão, evidente em absoluto, torna-se ainda mais notória quando comparada com a das duas restantes: respectivamente com cerca de 93 e 197 páginas aproximadamente, face às 8 a 10 páginas que os cálculos apresentados permitem conjecturar para a "terceira Representação".

Para além da existência e extensão desta Representação, a análise efectuada permite também conjecturar a sua localização no manuscrito BN: antes das duas conhecidas. Finalmente, decorre destes factos que a "Representação Primeira" de TT terá figurado em BN como "Representação Segunda" e a "Representação Segunda" como "Representação Terceira".

A supressão desta Representação, que se prende com razões que ignoramos, não é contudo inédita ou inesperada quando vista no contexto do processo genético da *Representação*, onde, como acima referimos e adiante provaremos, Vieira altera substancialmente, nos vários momentos genéticos, a estrutura do texto, o que explica que, em momento certamente posterior à redacção de TT (momento 5), tenha sentido a necessidade de anotar em BN as alterações efectuadas entre os dois manuscritos, o que aliás faz de maneira bastante regular em todos os casos de alterações estruturais significativas, nomeadamente em relação à supressão de questões e subsequentes alterações na sua numeração.

Desta forma, é ainda possível conjecturar, no manuscrito BN, lacunoso, a existência junto dos títulos das duas Representações de notas de natureza muito semelhante à daquela que encontramos documentada. Com a supressão da primeira Representação ter-se-á, desencadeado uma alteração em cadeia que Vieira terá anotado em BN no momento em que, voltando ao manuscrito de rascunho, BN, nele anota as alterações introduzidas durante o processo de passagem a limpo e cópia produtiva: *Representação Primeira [não vai no papel dos autos] ; Representação Segunda [1ª no papel dos autos]; Representação Terceira: 2ª no papel dos autos.*

Finalmente, se associarmos a curta extensão desta Representação perdida à sua original localização relativa dentro da *Representação*, poderemos ainda adivinhar-lhe um possível carácter introdutório em relação às duas seguintes e que poderia, eventualmente, incluir a breve apresentação, dirigida aos Inquisidores, que precede as duas Representações. Tal hipótese, porém, não poderá ser testada, a menos que, como acima referimos, se venham a encontrar os fragmentos perdidos do manuscrito BN.

3.2.1.2. Supressões e "aditamentos": uma reforma estrutural.

Organizada em várias questões, como a *História do Futuro*, e não em proposições, como a "Representação Primeira", a "Representação Segunda" partilha, no entanto, com a primeira o encadeamento lógico do discurso, cuidadosamente estruturado, dentro de cada proposição ou questão. De uma maneira geral, a estrutura argumentativa das várias questões compreende uma explanação do tema da questão acompanhada de prova exaustiva das posições assumidas e, quando é caso disso, a apresentação dos argumentos em contrário, sua refutação e conclusão, em que invariavelmente se confirmam as posições iniciais.

Para além do rigor lógico, as duas representações partilham ainda, ao nível da estrutura, as diferenças, assinaladas para a "Representação Primeira", entre os manuscritos BN e TT no que concerne à distribuição da mancha de texto na página. Efectivamente, é visível ao longo de toda a *Representação* uma mancha bastante

compacta no manuscrito BN face a um abundante desdobramento de parágrafos, acompanhado de outros fenómenos, também já analisados, de reestruturação da mancha visual em TT, entre os quais assumem particular relevo os títulos inseridos, acrescentados na margem ou nas entrelinhas de acordo com o espaço disponível. Na maior parte dos casos em que a abertura de novos parágrafos se encontra anotada em BN — e que são relativamente poucos em relação ao número total de novos parágrafos abertos entre BN e TT — essa anotação é feita através do uso de barras, oblíquas ou verticais, ou mesmo do sinal de parágrafo.

As anotações referidas terão resultado, provavelmente, como atrás referimos, do processo de leitura produtiva (momento 2) e serão, portanto, anteriores a TT, tendo o número de parágrafos abertos sido ainda bastante ampliado durante o processo de cópia, uma vez que, caso constituíssem uma alteração efectuada durante o processo de cópia (momento 3) e anotada posteriormente em BN, não se compreenderia por que razão só alguns, poucos, dos novos parágrafos teriam sido anotados em BN.

São exemplo deste tipo de alterações na "Representação Segunda", assinaladas em BN através de vários tipos de anotações, casos como os que a seguir se apresentam:

- fl. 121r - 1ª Objecção; 1ª Reposta em que se nega...argumento: abertura de parágrafo; inserção de título na entrelinha e abertura de parágrafo
- fl. 122r - § 37, 38 de TT: abertura de parágrafo
- fl. 123v - Responde-se a duas objecções/ 1ª objecção: inserção de título na entrelinha
- fl. 185r - § 379, 381, 382 de TT: abertura de parágrafo
- fl. 185v - § 385, 386 de TT: abertura de parágrafo
- fl. 188v - § 405 de TT: abertura de parágrafo
- fl. 210r - § 600 de TT: abertura de parágrafo, etc.

Em alguns casos, muito raros, o parágrafo aberto em BN não passa para TT, contrariando, assim, a tendência dominante. É o que acontece, por exemplo, entre os parágrafos 385 e 386 de TT.

Não é, no entanto, a este nível que se situam as alterações estruturais mais significativas e que nos importa aqui particularmente analisar, mas antes ao nível da macro-estrutura da "Representação Segunda". Efectivamente, a simples comparação dos títulos e da numeração das questões entre BN e TT evidencia, desde logo, a existência de profundas alterações estruturais, ocorridas entre os dois manuscritos. Tais alterações passam, como veremos, pela supressão de várias questões na sua totalidade e consequentes alterações de numeração, bem como pelo deslocamento, reelaboração e reorganização profundas de algumas questões, e estão na sua maioria intimamente relacionadas com a redacção de aditamentos, alguns dos quais abrangem questões inteiras.

Esta observação desmonta, desde logo e definitivamente, a possibilidade de TT ser uma simples cópia a limpo de BN, em que o autor procedesse apenas a um ou outro retoque. Por outro lado, acrescenta significativamente os dados apurados em relação à "Representação Primeira", onde verificámos a existência de sete aditamentos, mas em que apenas dois são localizáveis e identificáveis, por se encontrarem na zona de texto abrangida pelo fragmento de BN — a existência dos cinco restantes, quatro situados na zona da lacuna inicial e um na zona da lacuna correspondente ao final da "Representação Primeira" de BN, é identificável apenas pela numeração dos mesmos — o que restringia grandemente as nossas possibilidades de análise do valor e funcionalidade dos

aditamentos no processo de génese da *Representação*, até porque ambos os aditamentos identificáveis na "Representação Primeira" constituíam meros acrescentos de informação.

A tabela resultante da referida análise comparativa das questões que constituem a "Representação Segunda" não poderia ser mais eloquente, revelando uma descoincidência quase total na numeração das questões, resultado, aparentemente, da supressão na íntegra de sete das questões que figuravam em BN e da supressão da primeira parte de uma outra.

BN] A	TT] B
<i>Representação Segunda - Introdução</i>	<i>Representação Segunda - Introdução</i>
-----	Questão 1ª: Se na Igreja e Reino de Cristo há-de haver algum novo estado diverso do presente; e quais sejam geralmente os fundamentos desta opinião?
-----	Questão 2ª: Porque razão esta sentença não seja comum de todos os autores, assim antigos como modernos?
Questão 3ª: Se está revelado ou profetizado na Sagrada Escritura algum reino, monarquia ou império que se deva chamar o quinto?	Questão 3ª: Se está revelado ou profetizado na Sagrada Escritura algum reino, monarquia ou império que se deva chamar o quinto?
Questão 4ª: Que Império seja este profetizado a que chamamos quinto?	Questão 4ª: Que Império seja este profetizado a que chamamos quinto?
Questão 5ª: Se o Quinto Império (que resolvemos ser de Cristo) é império do céu ou da terra?	Questão 5ª: Se o Quinto Império, que resolvemos ser de Cristo, é império do céu ou da terra?
Questão 6ª: Se este Império de Cristo na terra é espiritual ou temporal?	-----
[Questão 7ª: Se no Reino e Império de Cristo se distinguem os tempos do domínio e da posse e se é diversa cousa em Cristo o ser Rei e o reinar e esse reinar de Cristo em que consista?]	Questão 6ª: Em que consiste o reino e reinar de Cristo?
Questão 6ª: Se o Quinto Império é o reino presente que Cristo hoje tem no mundo ou se é outro diverso e futuro que haja de ter noutro tempo?	Questão 7ª: Se o Quinto Império é o reino presente que Cristo hoje tem no mundo ou se é outro diverso e futuro que haja de ter noutro tempo?
Questão 7ª: Se este império completo e consumado de Cristo se prova mais que pelos textos alegados de Daniel?	-----
Questão 9ª: Se teve Cristo neste mundo ou há-de ter em algum tempo o uso ou administração pessoal deste seu Império?	-----

BN A	TT B
Questão 10ª: Como se há-de governar no mundo este império consumado de Cristo e se há-de ter ùa ou muitas cabeças?	-----
Questão 11ª:-----	-----
Questão 12ª: Se este Monarca que governar o império temporal de Cristo se poderá chamar Vigário seu, assi como se chama Vigário de Cristo o Monarca que governa o espiritual?	-----
Questão 13ª: Se a dignidade e jurdição temporal deste Monarca será de direito humano ou divino?	-----
Questão 14ª: Quanta será a grandeza e até onde se estenderá o império consumado de Cristo?	Questão 8ª: Quanta será a grandeza e até onde se estenderá o império consumado de Cristo?
Questão 15ª: Se esta grandeza e extensão universal do Império consumado de Cristo há-de ser toda junta em o mesmo tempo ou sucessiva e repartida em diversos?	Questão 9ª: Se esta grandeza e extensão universal do Império consumado de Cristo há-de ser toda junta no mesmo tempo ou sucessiva e repartida em diversos?
Questão 16ª: Se, nesta extensão universal e permanente do Império consumado de Cristo, há-de ser todo o mundo cristão?	Questão 10ª: Se, nesta extensão universal e permanente do Império consumado de Cristo, há-de ser todo o mundo cristão?
Questão 17ª: Se os dois povos, Gentílico e Judaico, se hão-de unir universalmente na fé de Cristo?	Questão 11ª: Se os dois povos, Gentílico e Judaico, se hão-de unir universalmente na fé de Cristo?
Questão 18ª: Se é este o sentido daquelas palavras de Cristo: fiet unum ovile et unus Pastor; e se nelas se significa a união total de ambos os povos na mesma fé e conversão universal do mundo?	Questão 12ª: Se é este o sentido daquelas palavras de Cristo: fiet unum ovile et unus Pastor; e se nelas se significa a união total de ambos os povos na mesma fé e conversão universal do mundo?
Questão 19ª: Se a conversão universal do Povo Gentílico e Judaico hão-de ser juntamente, ou ùa primeiro, outra depois?	Questão 13ª: Se a conversão universal do Povo Gentílico e Judaico hão-de ser juntamente no mesmo tempo ou ùa primeiro e outra depois?
Questão 20ª: Se se pode provar a mesma conversão universal do mundo pela extinção de todas as espécies de infidelidade?	Questão 14ª: Se se pode provar a mesma conversão universal do mundo pela extinção de todas as espécies da infidelidade?
Questão 21ª: Se esta conversão universal do mundo, assi como se entende de todas as espécies de infieis, se há-de entender também de todos os indivíduos dos homens?	Questão 15ª: Se esta conversão universal do mundo, assi como se entende de todas as espécies de infieis, se há-de entender também de todos os indivíduos dos homens?

BN] A	TT] B
<i>Questão 22ª:</i> Se esta universalidade da fé de Cristo há-de ser sucessiva em diversos tempos e lugares ou juntamente e no mesmo tempo em todo o mundo?	<i>Questão 16ª:</i> Se esta universalidade da fé de Cristo há-de ser sucessiva em diversos tempos e lugares ou juntamente no mesmo tempo em todo o mundo?
<i>Questão 23ª:</i> Por que meios se há-de conseguir no mundo esta conversão universal dele à fé de Cristo?	<i>Questão 17ª:</i> Por que meios se há-de conseguir no mundo esta conversão universal dele à fé de Cristo?
[Questão 22ª. Por que razão esta sentença da conversão universal do mundo não é comã de todos os autores, assi antigos como modernos?]	Questão 18ª: Quais serão os principais instrumentos desta consumada obra da conversão e sujeição universal do mundo a Cristo?
-----	Questão 19ª: Como se responde aos fundamentos da contrária suposição?
<i>Questão 25ª:</i> Se os Judeus, universalmente convertidos à fé de Cristo, hão-de ser outra vez restituídos à sua pátria?	<i>Questão 20ª:</i> Se os Judeus, universalmente convertidos à fé de Cristo, hão-de ser outra vez restituídos à sua pátria?
<i>Questão 26ª:</i> Se nesta universal conversão e restituição dos Judeus hão-de entrar também os dez tribos perdidos?	<i>Questão 21ª:</i> Se nesta universal conversão e restituição dos Judeus hão-de entrar também os dez tribos perdidos?
<i>Questão 27ª:</i> Se podem os Judeus de nosso tempo esperar licitamente haverem de ser restituídos à sua pátria na forma sobredita, e se esta esperança se pode concordar com a verdadeira fé, e como?	<i>Questão 22ª:</i> Se podem os Judeus de nosso tempo esperar licitamente haverem de ser restituídos à sua pátria na forma sobredita e se esta esperança se pode concordar com a verdadeira fé e como?
<i>Questão 28ª:</i> Se é conveniente ao bem comum da Cristandade e à promoção da fé e conversão do Judaísmo pôr-se em prática a concordata da sobredita opinião?	<i>Questão 23ª:</i> Se é conveniente ao bem comum da cristandade e à promoção da fé e conversão do Judaísmo pôr-se em prática a concordata da sobredita opinião?
<i>Questão 29ª:</i> Se, no estado consumado da Igreja e Império completo de Cristo, assi como temos dito que todos universalmente hão-de ser cristãos, serão também justos e santos?	<i>Questão 24ª:</i> Se, no estado consumado da Igreja e Império completo de Cristo, assi como temos dito que todos universalmente hão-de ser cristãos, serão também justos e santos?
<i>Questão 30ª:</i> Se, no dito tempo do império consumado de Cristo e da Igreja, há-de haver paz universal em todo mundo?	<i>Questão 25ª:</i> Se, no dito tempo do império consumado de Cristo e da Igreja, há-de haver paz universal em todo mundo?
<i>Questão 31ª:</i> Se a duração do Império completo de Cristo e estado consumado da Igreja há-de ser por muitos anos?	<i>Questão 26ª:</i> Se a duração do Império completo de Cristo e estado consumado da Igreja há-de ser por muitos anos?
<i>Questão 32ª:</i> Se o tempo do dito império e estado consumado da Igreja há-de ser antes ou depois do Ante-Cristo?	<i>Questão 27ª:</i> Se o tempo do dito império e estado consumado da Igreja há-de ser antes ou depois do Ante-Cristo?

BN] A	TT] B
<i>Questão 33^a</i> : Se antes da vinda do Antecristo é provável, em qualquer opinião, que se passem ainda muitos anos?	<i>Questão 28^a</i> : Se antes da vinda do Antecristo é provável, em qualquer opinião, que se passem ainda muitos anos?
<i>Questão 34^a</i> : Em que tempo há-de começar esta mudança do mundo e da Igreja em ordem ao novo estado do império completo de Cristo?	<i>Questão 29^a</i> : Em que tempo há-de começar esta mudança do mundo e da Igreja em ordem ao novo estado do império completo de Cristo?
<i>Questão 35^a</i> : De que terra ou nação será o Emperador que Deus há-de tomar por instrumento desta empresa?	<i>Questão 30^a</i> : De que terra ou nação será o Emperador que Deus há-de tomar por instrumento desta empresa?
<i>Epílogo</i> desta Segunda Representação, em que resumidamente se responde às proposições notadas que a ela pertencem	<i>Epílogo</i> desta Segunda Representação, em que resumidamente se responde às proposições notadas que a ela pertencem

Na realidade, as alterações estruturais entre BN e TT são um pouco mais complexas; envolvem as questões 6(a)²⁹, 7 (a), 6 (b), 7 (b), 9³⁰, 10, [11], 12, 13, 22 (b) e [24] de BN, e podem ser descritas e visualizadas da seguinte forma:

BN] A	TT] B
Questão 6^a (a)	∅
Questão 7^a (a)	∅ da primeira parte. Manutenção da segunda parte do título, com número de 6 ^a .
Questão 6 ^a (b)	Questão 7 ^a
Questão 7 ^a (b)	Questão 1 ^a (remodelada e com título diferente).
Questão 9^a	∅
Questão 10^a	∅
[Questão 11^a]	∅
Questão 12^a	∅
Questão 13^a	∅
Questão 22 ^a (b)	Questão 2 ^a
[Questão 24^a]	Questões 18 ^a e 19 ^a

A questão 6^a(a) de BN não coincide com a questão 6^a de TT, constituindo a primeira grande descoincidência entre o texto dos dois manuscritos: os títulos são diferentes, as temáticas são diversas e o texto é naturalmente diferente de um manuscrito para o outro.

Para além disso, o título desta questão é acompanhado, em BN, por uma nota de anulação: "esta questão não vai no papel dos autos...", o que, à partida, levaria a crer

²⁹ Para facilitar a referência, notamos por a) e b) todas as questões que apresentam número repetido.

³⁰ O salto na numeração parece ser lapso de Vieira decorrente das várias alterações efectuadas nesta zona do texto.

tratar-se de uma exclusão simples. No entanto, desta feita a nota de exclusão é completada por uma outra informação: "...e só a supõem na questão 18 deles". Efectivamente, esta questão não figura em TT, mas a sua conclusão, que o reino consumado de Cristo será simultaneamente espiritual e temporal, é explicitamente dada como pressuposto para a questão 18 de TT e nela apresentada de forma muito resumida, em dois parágrafos: "Supõe esta conclusão, não necessariamente, senão para maior propriedade dela e do fio de todo este discurso, que o Reino e Império e o domínio universal de Cristo sobre todo o mundo não é espiritual senão também temporal..."³¹. Tendo em conta que a questão 18^a é parte de um aditamento a BN, o aditamento 16, littera R, temos de concluir que a anulação desta questão 6 (a) tal como fora inicialmente concebida está interrelacionada com a redacção do referido aditamento e é provavelmente consequência dele, pelo que a supressão e a nota que, em BN, dá conta desta transformação são necessariamente posteriores à redacção do aditamento e, no que diz respeito à nota, ao próprio manuscrito TT.

O aditamento 16, que, como veremos, corresponde à questão 24 de BN e 18 e 19 de TT, acaba também por substituir, para além da questão 6 (a) de BN, as questões 9^a - 13^a, também suprimidas, verificando-se que as duas novas questões de TT, para além de suporem a primeira, e apesar de não existir em BN qualquer indicação a esse respeito, resumem acentuadamente as restantes, retirando a estas últimas o protagonismo que nelas é atribuído ao futuro Monarca do Império temporal.

A questão 7 (a) ilustra uma outra variante de intervenção autoral. Anulada na sua totalidade a questão 6 (a), seguia-se à questão anulada a questão 7 (a), intitulada "Se no Reino e Império de Cristo se distinguem os tempos do domínio e da posse e se é diversa cousa em Cristo o ser Rei e o reinar e esse reinar de Cristo em que consista?"³², cujo título e primeira parte, numa extensão de cerca de um fôlio (128r - 128v), Vieira viria também a anular, procedimento que, ao eliminar o título e indicação relativos a esta questão, criaria uma ilusória continuidade entre o texto da questão 6^a (a) e o texto da questão 7^a (a). No entanto, o destino das duas questões ocasionalmente unidas seria diverso: a questão 6^a (a) seria, como vimos, totalmente eliminada sendo o seu conteúdo tomado como pressuposto e a esse título resumido na questão 18; a primeira parte da questão 7^a (a) seria também eliminada e apenas referida de forma bastante resumida, desta feita na segunda parte da mesma questão; a qual, substituído o título e feitas algumas alterações — nomeadamente ao nível da ordenação dos primeiros parágrafos, motivadas, naturalmente, pela supressão do texto cuja continuidade este constituía — viria a transformar-se na questão 6^a de TT: "Em que consiste o Reino e reinar de Cristo?".

A questão 6^a (b) é a única que, neste grupo, se mantém em TT, com o número de 7^a, apenas com pequenas alterações e é a partir daqui que Vieira parece revelar alguma hesitação. Todas as questões, até aqui e na generalidade dos casos, apresentam uma alteração sistemática da numeração para dois números acima. Ora, depois de anulada a questão 6 (a), primitiva questão 4^a, e a primeira parte da questão 7 (a), primitiva questão 5^a, a questão que designamos por 6 (b) coloca-nos algumas dúvidas. Não é possível determinar com certeza se a correcção que faz, neste caso, na numeração de BN é um 7 sobre um 6 primitivo, o que estaria certo em função das alterações dos números das questões anteriores (1^a > 3^a; 2^a > 4^a; 3^a > 5^a; 4^a > 6^a (a); 5^a > 7^a), ou de um 6 sobre um 7,

³¹ § 279 de TT (HC, ob. cit., vol. II, p. 61).

³² e esse reinar de Cristo em que consista] [na margem]

como parece indicar a análise do lugar textual em causa, razão pela qual a apresentamos como 6 (b).

De qualquer forma, a questão seguinte, a 7ª (b), não apresenta, ao contrário das anteriores, alteração em relação à numeração original. O seu título e primeiras oito linhas de texto surgem anulados e acompanhados da nota: "Desta questão se há-de passar à seguinte por ficar já escrita no princípio deste discurso conforme o aditamento 8º". Deslocada para o início da Representação, passa a figurar, com diferente título, em TT como Questão 1ª, naturalmente com adaptações que se resumem, para além do título, praticamente apenas à redacção de dois parágrafos introdutórios e um final.

A questão seguinte surge numerada como 9ª, visivelmente depois de várias correcções, o que parece, como acima referimos, revelador de alguma hesitação, motivada pelas importantes alterações efectuadas nesta zona do texto. Para além das supressões da questão 6 (a) e da primeira parte da questão 7 (a), Vieira suprimiria ainda, como vimos, as questões 9, 10, [11], 12, e 13, cuja temática se reencontra, ainda que de forma bastante dispersa, nas questões 18 e 19 de TT (aditamento 16, correspondente à questão 24ª de BN).

A questão 11ª é uma questão meramente virtual, na medida em que é legítimo supor que terá existido sob a forma de um aditamento (tal como a 24ª), o aditamento 12º, Littera N, perdido como todos os outros, o qual, de acordo com nota do autor, deveria entrar "antes da questão 12". Da sua sorte, e muito menos do seu conteúdo, não é, naturalmente, possível ajuizar, sendo possível que, com a anulação das três questões que a antecediam e das duas que a seguiam, ela não tenha sequer chegado a ser redigida. Se o foi, terá sido, com toda a probabilidade, também anulada, pois não figura em TT.

Finalmente, as duas últimas questões envolvidas nas substanciais alterações estruturais a que Vieira procede relacionam-se com o "Aditamento 16º, Littera R", que, de acordo com nota do autor, deveria entrar antes da questão 25ª, constituindo a questão 24ª de BN, o que explica o salto da questão 23ª (primitiva questão 21ª) para a 25ª (primitiva questão 23ª), em BN. No entanto, o caso é, também aqui, bastante complexo. O cotejo entre BN e TT revela, neste caso, que: o final da questão 23 de BN (primitiva 21ª) foi eliminado sem que qualquer nota ou sinal neste manuscrito dê conta do facto; a primitiva questão 22ª (b) não sofre alteração de número, para 24ª, antes passa a questão 2ª de TT, de acordo com o aditamento 8º já referido; em TT, na zona correspondente ao texto do aditamento, encontramos não uma mas duas questões: a 18ª e a 19ª.

Os factos mencionados revelam que, no momento em que Vieira procede à elaboração do aditamento 8º, alterando em consequência toda a numeração original, à qual se acrescentam as duas questões iniciais, o autor anota também a deslocação da questão 22ª (b) para a 2ª, como já o fizera em relação à deslocação da questão 7ª (b) para a 1ª, razão pela qual, também neste caso, não lhe altera o número, criando ilusoriamente uma segunda questão 22, (b), cujo título e aquelas que seriam as suas primeiras 8 linhas se encontram riscadas. O texto que se segue não está riscado, mas assinalado por uma nota: "Toda esta questão se há pôr na 2ª. conforme se aponta no aditamento 8º. Littera H". Efectivamente, o título e o texto anulados correspondem, com excepção das referências à conversão universal do mundo, que têm, naturalmente a ver com o contexto, e de pequenas alterações ao nível da forma, aos da questão 2ª de TT.

Os dados referidos trazem assim novas e decisivas informações sobre o processo e momento de génese dos aditamentos que importa sintetizar e observar no seu conjunto. A deslocação das primitivas questões 7ª (b) e 22ª (b), respectivamente para as questões 1ª e 2ª, e a não alteração do número das questões deslocadas, ao contrário das restantes, cuja numeração é alterada em função da deslocação destas para posição anterior à da

primitiva 1ª, mostra que o momento destas alterações é o da leitura produtiva. O próprio teor das notas: “*Desta questão se há-de passar à seguinte por ficar já escrita no princípio deste discurso conforme o aditamento 8º*” e “*Toda esta questão se há pôr na 2ª conforme se aponta no aditamento 8º. Littera H*” indiciam que o referido aditamento 8º, provavelmente à semelhança dos restantes, ainda não estaria redigido mas apenas pensado quando, no decurso da leitura produtiva, e ao que tudo indica como resultado dela, o autor procede a estas alterações, então indicando-as apenas, em BN e reservando a sua redacção para momento situável entre a leitura produtiva e a cópia a limpo, o que se coaduna com o facto de as notas que remetem para os aditamentos, e, em particular, as citadas, se encontrarem em tinta idêntica à do resto do manuscrito

Por outro lado, as questões 1 e 2, correspondentes, ao "Aditamento 8, Littera H" (o qual, de acordo com nota de Vieira, entraria antes da primitiva questão primeira de BN, acarretando, assim, as alterações de numeração que afectam todas as questões originais) não são consideradas quando Vieira se refere, no corpo do texto, a questões anteriores, fazendo-o, nesses casos, sistematicamente em função da numeração original. Ainda na redacção do Epílogo, em BN (fl. 212v), Vieira, ao referir-se ao número total de questões da "Representação Segunda", fala em 33 e não em 35 questões, número que teria só depois de acrescentadas as novas questões 1 e 2 — mas contando com as questões que posteriormente viriam a ser anuladas — o que parece comprovar a teoria supra exposta.

Quanto às exclusões das questões 6 (a), primeira parte da questão 7 (a) e questões 9ª a 13ª, o facto de Vieira as incluir no cômputo total apresentado no Epílogo, como acima fizemos notar e o de serem afectadas pela alteração em cadeia provocada pela deslocação das questões constantes do aditamento 8º, e, finalmente, o facto de as notas que dão conta da exclusão se encontrarem em tinta de cor diferente da usada no corpo do texto, leva-nos a concluir que, ao contrário das questões deslocadas as questões suprimidas tê-lo-ão sido em momento posterior ao do deslocamento das questões 7 (b) e 22 (b), possivelmente no momento da redacção dos aditamentos, quando a organização do texto, aproximando-se da sua fase final as terá sugerido, por motivos diversos, que a seguir se analisarão.

As alterações efectuadas entre BN e TT incluem assim, nestes casos, para além de alterações meramente circunstanciais e de alterações estilísticas, que se abordarão no ponto 3.2.2., importantes e profundas alterações que passaram, para além da alteração do título das questões 7 (a) e 7 (b), por operações de supressão (questão 6 (a), primeira parte da questão 7 (a) e questões 9-13), e ainda por operações de deslocamento: de parágrafos na segunda parte da questão 7 (a) _ como aliás em muitos outros casos (cf. por exemplo Questão 16ª) _ envolvendo extensas porções de texto (cf. Quadro 7, infra); da questão inteira no caso das questões 7 (b) e 22 (b), operações claramente reveladoras do intenso e pormenorizado trabalho a que Vieira submetia os seus textos.

BN] A	TT] B
§ 29	§ 70
§ 29	§ 69
§ 29	§ 68
§ 29	§ 69
§ 29	§ 70

Questão 7 (a) de BN → Questão 6 de TT - Operações de deslocamento

De acordo com o que temos vindo a expor, e retomando as hipóteses por nós formuladas em relação ao momento de redacção destes aditamentos no ponto 2.2., embora se mantenha como teoricamente possível que estes tivessem sido redigidos directamente em TT, não tendo conhecido qualquer versão transitória, não parece provável que tal tenha acontecido, por vários motivos: 1º, porque as partes de texto a eles correspondentes em TT revelam um grau de elaboração difícil de aceitar numa escrita de primeiro jacto; 2º, porque os dados referidos mostram, de forma bastante clara, que a concepção dos aditamentos terá sido fruto da leitura produtiva de BN (isto é, no momento 2 de produção textual), resultando, primeiro em anotações em BN e, depois, muito provavelmente, na sua redacção em folhas soltas, que terão permanecido apenas a BN até ao momento em que se perderam juntamente com a Representação inicial e com grande parte daquela que viria a ser a "Representação Primeira" em TT. Finalmente, a própria referência e identificação dos aditamentos só faria sentido tendo eles uma existência física autónoma que tornasse necessária a sua escrupulosa identificação para que no momento da passagem a limpo e cópia produtiva não ocorressem lapsos.

Se, deixando agora de lado as questões estruturais, nos ativermos ao conteúdo das extensas porções de texto deslocadas, acrescentadas ou suprimidas, verificaremos que estas operações obedecem à procura de uma melhor adequação do discurso linguístico ao discurso interior, na medida em que procuram dotar o texto de uma sequência lógica que o torne facilmente compreensível pelo receptor, acrescentando-lhe elementos considerados importantes, deslocando partes de texto em função da lógica discursiva e expurgando-o de outros redundantes e não necessários para obviar aos fenómenos de "ruído" linguístico.

É esse, claramente, o espírito do acrescento/deslocação das duas questões iniciais, de natureza introdutória, as quais coincidem com o tema do primeiro volume projectado da *História do Futuro*, que, de acordo com o plano que chegou até nós, deveria também introduzir o leitor na questão do Quinto Império "mostra[ndo] que há-de haver no mundo um novo Império", sem o nomear, e, naturalmente, apresentando os fundamentos desta opinião e procurando desmontar à partida as eventuais objecções que se lhe poderiam colocar. Só então o leitor estaria apto para entrar no problema que na *História do Futuro* deveria corresponder ao segundo volume: "*que império há-de ser*" e que na *Representação* corresponde *grosso modo* às questões 3 - 7, que versam sobre a identidade e características do Quinto Império.

No caso da questão 7ª (b), inicialmente concebida, quanto ao tema, como um prolongamento da questão 6ª (b), mantida como questão 7 de TT, terá sido considerada redundante ou desnecessária naquele ponto do discurso uma questão em que "*Tudo quanto, com o favor divino, esperamos dizer largamente neste discurso serão novas e cumuladas provas e repetidas e continuadas confirmações deste futuro império...*"³³, provas e confirmações essas que consistiriam na "*suma ou catálogo*" dos autores que defendem o "Império consumado de Cristo", dividindo-os inicialmente em quatro classes: Profetas e escritores canónicos; Profetas e escritores não canónicos; Santos e Padres antigos e Teólogos e Doutores modernos, cuja primeira acabaria por anular, procedendo, para tal, às correcções necessárias (ex: quatro classes > três classes). Assim, o Autor terá considerado mais apropriado o seu deslocamento para o início da

³³ Manuscrito BN, fls. 131v-132r.

Representação, onde passaria a funcionar como fundamentação da futura existência no mundo de um novo Império, o Quinto.

No caso da questão 22^a (b) a deslocação, intimamente relacionada com a da questão 7 (b) terá obedecido a imperativos de ordem puramente lógica: a partir do momento em que se apresentavam na questão primeira os fundamentos da opinião defendida, importava, em seguida, apresentar e desmontar as objecções, também aqui de acordo com o plano do primeiro volume da *História do Futuro*.

O Aditamento 8^o Littera H, que viria a abranger as questões 1^a e 2^a. de TT, revela-se desta forma, pelo que fica exposto, não exactamente um acrescento, mas antes uma deslocação, com algumas adaptações, de texto já redigido em BN, sendo que a questão 2^a, já escrita como 22^a (b), deveria apenas mudar de lugar na redacção da versão final, enquanto que a 1^a, também já parcialmente redigida como questão 7^a (b), deveria, na sua nova condição de questão introdutória sofrer algumas adaptações.

As questões acrescentadas 18^a e 19^a de TT (24^a de BN) vêm desenvolver e explicitar o tema da questão 17^a, que corresponde ao tema daquele que seria o quarto volume da *História do Futuro*: "*os meios por que se há-de introduzir [o Quinto Império]*", acrescentando aos meios os instrumentos e desmontando os argumentos em contrário.

Quanto às questões excluídas há que distinguir diferentes motivações que, quanto a nós, terão estado subjacentes à decisão de exclusão. No caso da questão 6 (a), bem como no da primeira parte da questão 7 (a) — ambas pressupostas e resumidas, a primeira na questão 18 de TT e a segunda na segunda parte da questão 7 (a) (6^a em TT) — é evidente, pela própria natureza dos processos envolvidos, a procura da economia.

Algo diferente destas é o caso das restantes questões excluídas (9^a - 13^a). Entre estas há uma unidade temática que não é, com certeza, fruto de uma mera coincidência. Este bloco de questões tem como tema a "*pessoa*" em que se havia de estabelecer o Quinto Império, tema correspondente ao do sétimo e último volume da *História do Futuro* e o único dos temas previstos para essa ambiciosa obra que não tem desenvolvimento sob a forma de questão/ões autónoma/s na versão final da *Representação*. Embora nunca se refira o nome de D. João IV, é evidente que estas questões se destinavam a comprovar a sua eleição para cabeça do império temporal de Cristo através de uma sequência temática que, ponto por ponto, convergia para essa conclusão implícita: primeiro, provando que Cristo há-de voltar à terra a dar início ao seu império consumado, ao qual "não faltará também perfeito e consumado governo"³⁴ (questão 9^a); depois, que o Reino de Cristo será espiritual e temporal e que, sendo Cristo o supremo Rei e o supremo Sacerdote no céu, e estando, desde sempre, na terra, o governo do império espiritual entregue ao Sumo Pontífice romano, haverá também um Monarca que assumirá o governo do Império Temporal de Cristo na terra (questão 10^a), o qual será Vigário de Cristo temporal e não se confundirá com o Vigário de Cristo espiritual, que é o Papa (questão 12^a); e, finalmente, apontando as formas e os sinais de eleição desse monarca (questão 13^a). Ora, todos os sinais, segundo Vieira, apontavam para a "*pessoa*" do Rei morto, D. João IV, e essa era a questão central da célebre carta ao Bispo do Japão, que o levara à prisão.

Assim sendo, é pelo menos provável que tenha intervindo na supressão destas questões um processo de auto-censura. É preciso lembrar que fazia parte dos estilos da Inquisição não dar a conhecer aos réus as acusações de que eram alvo, o que, naturalmente, dificultava muito a sua defesa. Mas Vieira não era um réu comum e sabia

³⁴ Manuscrito BN, fl. 135r.

bem que as suas ideias, de uma maneira geral, não eram simpáticas ao Santo Ofício, particularmente a de identificar o Encoberto com D. João IV, contra o sentimento, não só da Igreja, mas também dos Sebastianistas, que, à época, constituíam uma importante facção da sociedade. Para além disso, Vieira tinha conhecimento de que fora a referida carta ao Bispo do Japão que desencadeara o processo cuja defesa empreendia, como se prova pelo teor da introdução à "Representação Primeira": "*Foi feito unicamente aquele papel para alívio da Rainha nossa Senhora, na ocasião da morte d' el Rei (...) e sobretudo que a galantaria ou cortesia do assunto, por sua matéria, havia de ser também tomada por galantaria, e não tão seriamente como exprimento*"³⁵. Vieira sabia ainda concretamente que uma das proposições censuradas, a quinta³⁶, era precisamente que das predições de Bandarra se infere a ressurreição d'el Rei D. João, qualificada pelos Inquisidores como "temerária".

Desta forma, somos levados a crer que, inicialmente, Vieira terá pensado desenvolver na *Representação* este tema do Monarca temporal do Império de Cristo na terra, cobrindo desta forma, ainda que em síntese, todos os temas que tinha previsto para a *História do Futuro* e transformando aquela num verdadeiro compêndio da grande obra projectada e, naquela altura, já impossível de concluir. No entanto, num momento que terá mediado entre a leitura produtiva e a cópia a limpo ou mesmo no decurso da cópia a limpo, a prudência tê-lo-á aconselhado a retirar a esse tema, particularmente delicado, o protagonismo que lhe era conferido pelo desenvolvimento em várias questões autónomas, protagonismo que poderia ameaçar seriamente a sua tentativa de retractação, bem como algumas matérias, não menos delicadas, focadas nestes capítulos, de que é exemplo a crença dos Milenários, referida na questão 9^a.

A matéria desenvolvida nestas questões, no entanto, não é completamente abandonada, nem poderia sê-lo, sob pena de incoerência e incompletude da explicitação do seu pensamento. Vamos reencontrá-la, como acima referimos, ainda que de forma muito resumida, nas questões 18 e 19 de TT, sobre os instrumentos da conversão universal do mundo a Cristo, isto é, sobre os Príncipes eclesiástico e secular, e já não só sobre o secular, que Deus escolherá, respectivamente, para cabeças do seu império espiritual e temporal na terra. Estas questões, como vimos, constituem um aditamento a BN e terão sido redigidas em fase posterior à da sua redacção, acabando o seu desenvolvimento por decretar a exclusão das questões 9 a 13 de BN e constituindo assim também um factor de economia.

Desta forma, e resumindo o que aqui temos procurado demonstrar, é possível concluir que Vieira terá submetido a "Representação Segunda", e muito provavelmente também a primeira, a profundas alterações estruturais que abarcam procedimentos de supressão, síntese, deslocação e acrescentamento, as quais, pela sua extensão e profundidade constituem uma verdadeira reforma estrutural. Tais reformulações terão ocorrido, quanto à concepção, no decorrer do momento a que chamámos "de leitura produtiva", do texto na sua totalidade, e estão, na sua maior parte, intimamente relacionadas com a redacção de aditamentos ao manuscrito BN, correspondentes à supressão ou deslocamento de significativas porções de texto em BN.

Assim, o aditamento 8^o, correspondente às questões 1^a e 2^a de TT, terá levado ao deslocamento das questões 7^a (b) e 22^a (b) de BN, cujos desenvolvimentos terão sido,

³⁵ Manuscrito TT, fl. 147v.

³⁶ Quinta Proposição da Representação Primeira. Cf. HC, ob. cit. vol. I, pp. 219-220.

no primeiro caso, reformulados e deslocados para a questão 1ª de TT e, no segundo caso, simplesmente deslocados para a questão 2ª de TT.

No entanto, é o aditamento 16 aquele que desencadeia as alterações mais notáveis entre BN e TT, levando à supressão das questões 6ª (a) e 9ª - 13ª de BN (onde se inclui um outro aditamento, o 12º, correspondente à questão [11ª]), pressupostas e/ou resumidas nas duas questões novas correspondentes ao referido aditamento (18ª e 19ª de TT).

A supressão da primeira parte da questão 7ª (a) corresponde a um complexo processo de reformulação, aparentemente relacionado com a redacção de um aditamento 10º, Littera L, que envolve quatro procedimentos distintos:

- Anulação do título e de toda a primeira parte da questão.
- Aproveitamento da segunda parte da questão, onde se resume a primeira.
- Reorganização dos primeiros parágrafos do texto não anulado.
- Atribuição de um novo título e de um novo número à questão reformulada.

As alterações estruturais analisadas parecem, assim, corresponder, de uma maneira geral, a preocupações relacionadas com a organização lógica do discurso e, provavelmente, também com a economia narrativa, exceptuando-se desta ordem de motivações a supressão das questões 9 - 13, onde, pelas razões supra mencionadas, nos parece haver razões para colocar a hipótese de um procedimento de auto-censura.

3.2.2. - De BN a TT: as alterações linguísticas e estilísticas.

A "Representação Segunda", enquanto continuação da "Representação Primeira" e com ela formando um todo coerente, ainda que estruturado em duas partes autónomas, não apresenta, naturalmente, em matéria de comportamentos auto-correctivos do autor ao nível da língua e do estilo, alterações muito significativas. Porém, a sua extensão permite-nos, sem dúvida, uma análise mais alargada, uma maior recolha de dados e, conseqüentemente, a obtenção de resultados mais representativos sobre o *modus scribendi* de Vieira.

Já tivemos ocasião de verificar que Vieira é, a este nível, um perfeccionista, que, muito embora — por inegável mestria, mas também, em parte, pelas razões acima referidas — atinja, na escrita de primeiro jacto, uma notável perfeição, não deixa de, num segundo momento de escrita, a que chamámos de leitura produtiva, corrigir e/ou reformular muito do que anteriormente escrevera.

Também nesta segunda Representação se verifica que tanto as correcções como as reformulações são feitas, maioritariamente, em curso de escrita, isto é, nos momentos que classificámos como 1 e 1 a) e no momento de leitura produtiva (momento 2), com especial incidência neste último.

a) Correcção em curso de escrita: BN] A1 > BN] A1a

As correcções em curso de escrita são, por natureza, feitas na linha e envolvem, como vimos, processos de exclusão, acompanhada ou não de substituição ou deslocamento, e de correcção sobre a redacção original, aproveitando-a parcialmente.

De acordo com a tipologia estabelecida para a "Representação Primeira", distinguem-se, também aqui, excluindo naturalmente os riscados ilegíveis e os que abrangem apenas partes de palavras, quatro tipos de processos de reformulação em curso de escrita:

- Riscado seguido de regresso ao mesmo (Quadro 1)
- Correção sobre a forma inicial (Quadro 2).
- Riscado seguido de acrescento à frente com deslocação da/s palavra/s riscada/s (quadro 3)
- Riscado substituído à frente (Quadro 4)

Na "Representação Segunda", o elevado número de casos de manipulação textual, identificados e classificados de forma exaustiva, não permite, naturalmente, manter, na exemplificação destes e de todos os que a seguir se analisarão, um critério permanente de exaustividade, idêntico ao usado na "Representação Primeira" em praticamente todos os casos, pelo que os quadros apresentados resultam, sempre que a quantidade o justifica, de uma selecção das variantes que consideramos mais significativas.

1- Riscado seguido de regresso ao mesmo.

Os riscados seguidos de regresso ao mesmo continuam, aqui, a ser muito pouco frequentes e a abranger quase exclusivamente casos pontuais de hesitação linguística. A baixa frequência destes casos denota em Vieira a existência de um acentuado trabalho de elaboração mental que lhe permite, ao fixar pela escrita um discurso interior, ter já encontrado, na maior parte dos casos, a forma ideal ou "quase ideal" para os conteúdos a transmitir (cf. infra Quadro 1).

BNJ A1	BNJ A1a
1: (fl. 123r) ser este	ser <u>este</u> este
2: (fl. 129r) legítimo Rei	legítimo <u>Rei</u> Rei
3: (fl. 141v) estes que David ... chama Deuses são	estes que David ... chama Deuses <u>são</u> são os Reis...
4: (fl. 142v) 1°. Tal foi	1°. <u>Tal foi</u> Tal foi a eleição...
5: (fl. 144r) toda ela; conspectu eius	toda <u>ela</u> ela, conspectu <u>eius</u> eius
6: (fl. 144v) tinha já	tinha <u>já</u> já David profetizado
7: (fl. 145v) a este	a <u>este</u> este supremo império
8: (fl. 146v) significativos do que	significativos <u>do que</u> do que
8: (fl. 155v) de Crist-	de <u>Crist-</u> Cristo
9: (fl. 156v) ...a pergunta. Se	a pergunta. <u>Se</u> Se
10: (fl. 157r) no capítulo	no <u>capítulo</u> capítulo
11: (fl. 161v) em pensamentos e	em pensamentos <u>e</u> e se persuadirá
12: (fl. 173v) fala nos	fala <u>nos</u> nos Ciro
13: (fl. 188v) escravos de	escravos <u>de</u> de Senhores
14: (fl. 198r) Estes são	Estes <u>são</u> são aqueles
15: (fl. 200r) tenha vindo	tenha <u>vindo</u> vindo

BN] A1	BN] A1a
16: (fl. 210v) desejando muito Pio Quinto <u>que</u>	desejando muito Pio Quinto <u>que</u> <u>que</u>
17: (fl. 213v) seja também muito	seja também <u>muito</u> muito diverso

Quadro 1: BN] A1 — BN] A1a - Riscado seguido de regresso ao mesmo

2- Correção sobre a forma inicial

Os casos de correção sobre uma forma inicial são também relativamente pouco frequentes, na medida em que implicam uma semelhança parcial ao nível da forma gráfica entre o elemento anulado e o substituto, circunstância que, naturalmente, ocorre apenas de forma muito ocasional.

Assim, verifica-se que a maior incidência deste tipo de correção se faz sobre as formas gramaticais, sendo as formas lexicais afectadas em número bastante mais reduzido, visto constituírem uma lista aberta e apresentarem, em relação às formas gramaticais, uma maior variedade ao nível dos significantes gráficos.

Analisando os vários tipos de exemplos recolhidos e apresentados no Quadro 2 (infra), verifica-se que no grupo 1 encontramos formas em que se aproveita uma parte da palavra inicial, cancelando a restante. Regra geral, estes casos não implicam qualquer transformação dos grafemas pré-existentes mantidos. Deste tipo de alteração partilham também as formas do grupo 7, que envolvem trocas singular/plural, quase todas as formas do grupo 10, que implicam alterações de tempos e modos verbais e ainda as formas dos grupos 8 e 9, relacionadas, respectivamente, com alterações de pontuação e com a correção de formas latinas.

Nos restantes casos, bastante menos frequentes, verifica-se efectivamente uma alteração, mais ou menos significativa, dos grafemas pré-existentes, que pode ir até à alteração total, como acontece no exemplo do grupo 12 e no segundo exemplo do grupo 11. No entanto, a tendência predominante é para a alteração do menor número de elementos possível. É este o caso das alterações de algarismos (grupo 2), da alteração de grafemas isolados por anulação ou transformação de alguns dos seus traços (grupo 3), das alterações latim/português (grupo 4) e masculino/feminino (grupo 6), em ambos os sentidos, e ainda das alterações de natureza estilística e/ou semântica (grupo 11, exemplo 1).

Este tipo de alteração surge, assim, como particularmente económico, na medida em que, resultando de um aproveitamento, que se procura que seja máximo, da forma a corrigir ou a alterar, evita o maior dispêndio de energia requerido pela anulação e substituição e, provavelmente o factor mais importante nas circunstâncias particulares de redacção da *Representação*, permite uma economia do espaço gráfico.

BN] A1	BN] A1a
1: (fl. 123r) donde; (fl. 131v) esta; (fl. 151r) Porque; (fl. 168r) inteiramente; (fl. 179r) dantes; (fl. 180v) conhecidamente; (fl. 184r) pode; (fl. 188v) porque; (fl. 195v) hũa; (fl.207v) dos; (fl. 209v) dilatadamente; (fl. 211r) Reino	de; a; que; inteira; antes; conhecida; de; por; a; os; dilatada; Rei;
2: (fl. 132r) 2 ^a ; (fl. 168v) 4 ^a ; (fl. 175v) 2 ^a ; (fl. 183r) 145, etc.	1 ^a ; 3 ^a ; 4 ^a ; 185
3: (fl. 134r) d; ab	a; a P...
4: (fl. 138r) Hierusalem; (fl. 151v) Rey; (fl. 156r) Hireneu; (fl. 193r) esposa; (fl. 208v) Rei de França	Ierusalem; Rex; Ireneu; sponsa; Rex Franciae
5: (fl. 126v) naquele; (fl. 143v) seus; (fl. 147v) desta;(fl. 155v) as quais; (fl. 202r) com	este; os; da; que; em;
6: (fl. 144r) de	Da
7: (fl. 149v) seus; (fl.154r) pelas; (fl. 156r) dizemos; (fl.156v e 164r) as; Heregias; (fl. 176r) outras; (fl.176v) nas quais; (fl. 162r) correspondem; (fl. 179r) confundem; (fl. 199v) tirados; (fl. 181r) nos; (fl. 192v) das; (fl. 194r) ditos; (fl. 195v) tinham; (fl. 196r) dizem; (fl. 199r) estão; (fl. 204r) podem; (fl. 207v) estes; (fl. 209r) desdizem; (fl. 209v) aos; (fl. 212r) falam; (fl. 212v) bastam; (fl. 213v) graças; as	seu; pela; diz; a; Heregia; outra; na qual; corresponde; confunde; tirado; no; da; dito; tinha; diz; está; pode; este; desdiz; ao; fala; basta; graça; a
8: (fl. 156r) , / (fl. 169r, fl. 180v, fl. 200v, fl. 210r, 211v) ;	: / .
9: (fl. 152r) unum; (fl. 185v) adversus; (fl. 182r) relinquerim	unus; aversus; reliquerim
10: (fl. 152v) na qual se virão encontrar e unirão; (fl. 153r)um só povo de que sejam; (fl. 183v) andara; (fl. 192r) crecer; (fl. 209r) convoca-se; (fl. 210r) diz-nos	na qual se virão encontrar e unir; um só povo de que serão; anda; crece; convoca; diz
11: (fl. 183v) dispersos; (fl. 195r) deceu	divididos; veo
12: (fl. 181v) o mais	tam

Quadro 2: BN] A1 — BN] A1a - Correção sobre a forma inicial

3- Riscado seguido de acrescento à frente com deslocação da/s palavra/s riscada/s

Ao contrário dos casos anteriores, o processo em causa apresenta elevada frequência (cf. infra Quadro 3). Podemos identificá-lo como sendo directamente motivado pela necessidade de acrescentamento de elementos, regra geral de carácter

explicativo e/ou especificador, com vista a explicar, clarificar, reforçar ou ainda completar uma ideia.

Tal como na "Representação Primeira", identificam-se diferentes tipos de acrescento, sendo comuns a esta os seguintes:

- duplicação de verbo (exs. 21, 24, 36, 44, 56, 59)
- acrescento de adjectivos (exs. 12, 16, 17, 19, 23, 30, 33, 46, 47, 49, 53, 55, 57, 62)
- acrescento de elementos, regra geral gramaticais, omitidos por lapso (exs. 1, 15, 34, 51, 67)

Entre os tipos identificados apenas na "Representação Segunda", destacam-se os de:

- duplicação de adjectivo (exs. 13, 38)
- acrescento e duplicação de advérbio (exs. 3, 22, 28, 29, 35, 48)
- explicitação de sujeitos e de complementos (exs. 5, 40, 41, 42, 52, 60, 68, 69, 70)
- duplicação de substantivos (exs. 10, 13, 24, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 47, 54, 58, 64, 70)
- acrescento ou duplicação de complementos (exs. 2, 7, 10, 11, 16, 20, 32, 52, 62, 63, 65, 66)
- acrescento de elementos conectores (exs. 8, 14)
- acrescento de novas orações (exs. 4,6, 9, 18, 20, 24, 25, 26, 34, 37, 42, 51)
- acrescento de citação latina (ex. 50)
- explicitação de verbo subentendido (ex. 48)

Para além dos casos acima indicados, destacam-se ainda outros, menos comuns, tais como os atestados nos exemplos 39, em que a intenção de precisar uma data acarreta simultaneamente uma supressão e um acrescento: *há mais de dous mil anos > há dous mil e duzentos anos*; e 45, em que o parêntese é anulado iniciando-se uma nova frase, constituída pela explicação suplementar que deveria figurar entre parênteses, e reservando-se os parênteses para uma nova oração explicativa dentro da nova frase.

BNJ A1	BNJ A1a
1: (fl.122v) sit die ipse	sit die noverit ipse
2: (fl.123r) porque não	porque nesta obra não
3: (fl.186v) absolutamente; (fl. 187r) total; (fl. 189v) perfeitamente; consumadamente; (fl. 148r) verdadeiramente; (fl. 150v) inteiram...	absoluta e indistintamente , total e essencialmente ; perfeita e executivamente ; consumado e plenariamente ; verdadeira e absolutamente ; inteira e unicamente
4: (fl.128r) na visão do capº 2º, diz	na visão do capº 2º, explicando os efeitos do 5º Império , diz
5: (fl.129r) mas não	mas a posse não logo
6: (fl.130r) e seguiram suas partes (...partes, conhecendo já que Deus o tinha ungido (como consta...
7: (fl.131r) dos dedos	dos pés e dos dedos
8: (fl.134v) consta que	consta ora tudo que
9: (fl.135r) este Império de Cristo, assi	este Império de Cristo enquanto espiritual, assi

BNJ A1	BNJ A1a
10: (fl.137v) Consta pois que, dando Deus; ...falando do Emperador que; conseguir e lograr o principal	Consta pois dos Livros do Êxodo e Levítico que, dando Deus; falando do Emperador e Monarca temporal que Deus; conseguir e lograr, com a eficácia e suavidade que temos dito , o principal
11: (fl.139v) a Assuero, a Augusto	a Assuero, a Alexandre , a Augusto
12: (fl.140r) seu império	seu espiritual império
13: (fl.142r) diverso modo; Se a jurisdição	diverso e universal modo; Se a dignidade e jurisdição
14: (fl.142v) na Inscrição da sua Epístola aos Gálatas: P...	...aos Gálatas, onde começa : Paulus...
15: (fl.143v) <i>es</i> não é do tempo e indicativo	<i>Es</i> não é do tempo e modo indicativo
16: (fl.144r) o homem; e se lançou por terra	o mesmo homem; e se lançou, com toda a mesma cidade , por terra
17: (fl.145r) não haverá gente que	não haverá gente algũa que
18: (fl.145v) a nenhum daqueles buscaram porque	...buscaram senão a este , porque
19: (fl.146v) do Padre	Do doutíssimo Padre Salazar
20: (fl.148v) virtus et potestas; como dizem sem discrepância todos os Padres e intérpretes, que	virtus et regnum dei nostri et potestas Christi; ...e intérpretes, e como se colhe da ordem do mesmo contexto , que
21: (fl.149v) sujeitasse uns	sujeitasse e sopeasse uns
22: (fl.150r) diz que	diz, finalmente , que
23: (fl.152r) basta só a fé da	basta só a fé simples daqueles termos
24: (fl.152v) os Pastores e; consta em geral que todo; que antigamente e ho...	Os Pastores, os Doutores e os demais; consta em geral que há-de haver tempo em que todo o mundo; que antigamente teve e hoje tem
25: (fl.155r) senão em ambos, porque	senão em ambos, como tinha profetizado Zacarias, no capítulo 9º , porque
26: (fl.157r) porque não	porque fazer a Igreja aquela pergunta é não
27: (fl.157v) não haverá erro na mesma	não haverá erro nem variedade na mesma fé
28: (fl.160r) receberão a fé	receberão universalmente a fé
29: (fl.160v) lhe quadra bem	lhe quadra igualmente bem
30: (fl.163v) rebanhos dos; fazem vacilar na fé	rebanhos e seitas dos Heresiarcas; fazem vacilar na mesma fé
31: (fl.164r) o melhor expositor deste	o melhor expositor e comento deste grande texto

BNJ A1	BNJ A1a
32: (fl.167r) o mistério que; como deixamos provado, 12	O mistério e segredo da Providência divina que revelou; como deixamos provado na questão 12
33: (fl.172r) mistério e; Cristo	mistério, propriedade e expressão; o mesmo Cristo
34: (fl.172v) prudentiae illo; dizer que	prudentiae ostendit illo; dizer, como nós dizemos , que
35: (fl.176v) promete que	promete absolutamente que
36: (fl.177v) sendo tão	sendo e tendo sido tão
37: (fl.179r) o diverso e novo reino de Israel	O diverso e novo reino chamado vulgarmente de Israel
38: (fl.179v) sagradas e	sagradas, eclesiásticas e profanas
39: (fl.181r) há mais de dous mil anos	Há dous mil e duzentos anos
40: (fl.183v) E acrescenta que	E acrescenta o Profeta que
41: (fl.184r) se contentará que	Se contentará pois o Reino... que
42: (fl.184v) profetizado a restituição; como os dez tribos são	profetizado o perdão do de Samaria e a restituição; como os dez tribos estão fechados e são
43: (fl.185r) o reino dos	o reino e obediência dos
44: (fl.185v) quebrando-se-lhe	quebrando-se e desfazendo-se-lhe entre as mãos
45: (fl.187r) dos Judeus de nosso tempo (...tempo. Falo daqueles com que disputei... (poderá haver outros
46: (fl.188r) da res...	Da futura restituição
47: (fl.189r) servindo-se a Graça	servindo-se a Providência divina e a mesma Graça da suavidade
48: (fl.190r) E, mais abaxo, que; quando univ..	E, mais abaxo, diz que; quando também universalmente
49: (fl.192r) se edificará e consumará a Igreja	Se edificará e consumará o edificio da mesma Igreja
50: (fl.192v) assi como....corpo, assi; que é a mão dos predestinados, e porque	assi como...corpo: in virum perfectum...Christi , assi; que é a mão dos predestinados: mittite...rete ; e porque
51: (fl.193r) diz hão; com Cristo; maior a entrega e	diz que hão-de; com a Igreja e a Igreja com Cristo; maior a entrega, maior a posse e maior a união
52: (fl.193v) por esta causa que; doutrina geral de tod...	por esta causa querem que; doutrina geral de Salmeirão... e de todos os mais doutos..
53: (fl.195r) como esposa no dia	como esposa preparada no dia
54: (fl.196v) evidências e	evidências, experiências e exemplos
55: (fl.199r) na paz de Cristo	Na paz universal de Cristo

BN] A1	BN] A1a
56: (fl.202v) dizer do vu...; dizem que	dizer e entender do vulgo; dizem as vozes que
57: (fl.203v) Reino d.	Reino consumado de Cristo
58: (fl.204r) gentes do; Malvenda, Lessio	gentes, nações e línguas do mundo; Malvenda, De Ante Cristo , Lessio
59: (fl.204v) todas lhe	todas a servem e lhe servem
60: (fl.205r) as gentes de mundo	As gentes de todo o mundo
61: (fl.205v) instada e; Polacos, Franceses; costa de Goa; Bárbaros não	instada, assistida e continuada; Polacos, Italianos , Franceses; costa do norte e sul de Goa; Bárbaros, posto que não
62: (fl.206r) ou ilha e todas; vencem com; com testemunhos	Ou ilha grandíssima e todas; vencem ainda com; com virtude sobrenatural e testemunhos
63: (fl. 207r) na era de 1666	Na era de 1660 ...neste ano de 1666
64: (fl.207v) império do	império ou domínio do
65: (fl.208r) cair de	cair ou dentro ou ao redor d...
66: (fl.209r) as palavras de todo o texto são estas	as palavras...texto, no capítulo 24 , são estas
67: (fl.210r) acrecento do	acrecento a do
68: (fl.210v) assaltar a casa de	assaltar por empresa a casa de Meca
69: (fl.212r) ofertar a cavalo ou em carroças e em liteiras e	ofertar, não a pé, cheos de pó e de lodo, senão a cavalo, em carroças e em liteiras
70: (fl.213v) renovadas em nossos dias e seguidas e estampadas; as ditas proposições	renovadas em nossos dias por modernos muito doutos e seguidas e estampadas por eles; as ditas opiniões e proposições

Quadro 3: BN] A1 — BN] A1a - Riscado/Acrescento/Deslocação

4- Riscado substituído à frente

Este é, sem dúvida, o tipo mais frequente de reformulação em curso de escrita (cf. infra Quadro 4). Os casos incluídos neste grupo implicam, regra geral, uma mudança mais substancial ao nível da ideia desenvolvida e/ou da construção sintáctica escolhida, acarretando, assim, um processo de anulação e substituição total ou parcial do/s segmento/s de texto anulado/s, verificando-se ainda, em alguns casos, a anulação simples.

As motivações subjacentes a este tipo de alteração não são fundamentalmente diferentes daquelas que encontramos nos dois grupos anteriores: a anulação, seguida ou não de substituição, neste caso, é também ditada pela necessidade, surgida em curso de escrita, de reformular o discurso mental previamente delineado, dependendo os meios usados em tal reformulação apenas das características da alteração a introduzir. A diferença fundamental entre os casos de substituição agora analisados e os de reescrita sobre uma forma original ou os de deslocamento, constantes dos dois grupos anteriores, reside, assim, em dois aspectos básicos: por um lado, a extensão e/ou diversidade dos elementos novos em relação aos elementos subjacentes, não comportáveis pela reescrita;

por outro, o carácter de amplificação ou redução, e não de explicitação como no grupo anterior, que não permite o retomar das formas anuladas. É este o caso em muitos dos exemplos identificados. Outros há, porém, em que a opção poderia ter sido outra, nomeadamente em casos como o do exemplo 4, em que, à partida, a reduzida extensão e a similaridade dos significantes faria prever uma correcção directa sobre a forma inicial.

Os casos de anulação prendem-se, de uma maneira geral, com questões de correcção, em sentido lato, do discurso — é esse o caso na eliminação de palavras ou expressões redundantes a vários níveis (exs. 1, 5, 6, 11, 16, 36, 37, 38, 43, 52, 66, 72, 77, 82, 91, 95) — ou ainda com questões relacionadas com a estrutura e economia do discurso. Entre estas últimas destacam-se: a anulação de elementos gramaticais que, por si sós, produzem alterações na estrutura da frase — como acontece no exemplo 3, em que o elemento anulado introduziria uma oração explicativa, ou no exemplo 8, em que uma construção analítica é substituída por uma sintética, e ainda em vários outros exemplos (33, 34, 51, 54, 58, 74) — e a anulação de desenvolvimentos previamente pensados, mas considerados dispensáveis já em curso de escrita (exs. 14, 28) ou ainda de palavras ou expressões também anuladas por desnecessárias (exs. 59, 60, 62, 70, 73, 87, 88).

Os casos que implicam substituição podem prender-se com duas ordens principais de motivações: nomeadamente, a correcção (exs. 7, 9, 10, 20, 22, 25, 35, 40) e, maioritariamente, o aperfeiçoamento estilístico, estando este muito frequentemente relacionado com questões de natureza semântica (exs. 15, 18, 19, 23, 26, 27, 29, 30-32, 39, 41, 42, 44-50, 53, 56, 57, 61, 63-65, 67, 68, 71, 76, 78-81, 83, 86, 89, 92-94).

Alterações como a atestada no exemplo 2, podem ainda ter como motivação, directa ou indirecta, a auto-censura que, como temos vindo a verificar, ainda que não tenha uma presença muito visível, se manifesta subtilmente em vários momentos da *Representação*, muitas vezes apenas ao nível da precisão semântica de palavras ou expressões. Neste caso, a supressão de *pode* retira à expressão qualquer intenção de defesa ou legitimação da opinião em causa, que passa de geral (pelo uso de um sujeito indeterminado) a particular (com o uso de um *nós* majestático) e de legítima (*pode chamar-se*) a neutra (*chamamos*).

Não é, porém, este o momento de produção textual mais favorável à eclosão de processos de auto-censura, que, tendencialmente, se verificam nos momentos de revisão do texto, consubstanciados, no caso presente, nos momentos 2, o de leitura produtiva, e 3, o de cópia a limpo, e que, regra geral, se traduzem essencialmente em modificações estruturais, por vezes bastante profundas, como é o caso da anulação de determinadas questões, e só muito secundariamente em alterações de natureza linguística e estilística. Daí que os casos que, com mais ou menos evidência, podem ser relacionados com procedimentos de auto-censura se encontrem, também na "Representação Segunda", em número muito reduzido, ao nível do momento de escrita. Para além do caso referido no exemplo 2, podemos ainda colocar tal hipótese nos seguintes:

- (fl. 204v) não tendo mais calidade, **até agora**, que de provaveis > não tendo mais calidade que de provaveis;

- (fl. 208r) aquele **infelice** [autor] > aquele **autor idiota e infelice**.

Efectivamente, sendo embora alterações de sinal contrário, uma supressão e um acrescentamento, podem ser vistas, ambas, como obedecendo a um mesmo tipo de motivação, a de evitar possíveis conotações comprometedoras ou a de clarificar posições

de sujeição ao Santo Ofício: no primeiro caso, a supressão da locução adverbial de tempo *até agora*, anulando a possibilidade aí subentendida de as opiniões em causa, ou alguma delas, virem a tornar-se certas, revela, à partida, uma disponibilidade para a aceitação da opinião contrária à sua, ainda que, no seguimento da questão, se perceba claramente a sua parcialidade; no segundo exemplo, o acrescento de um novo adjetivo que vem juntar à qualidade de desafortunado a de homem de pouquíssima instrução facilita a desculpabilização do autor, Bandarra, e, conseqüentemente, de Vieira, que o alega.

Menos subtil é o exemplo seguinte, em que a supressão do termo *censurada*, de evidente conotação negativa, anula qualquer eventual conotação de rebeldia em relação à censura das Proposições:

- (fl. 211r et passim) Proposição **censurada** > Proposição

De qualquer forma, com excepção do exemplo 2, que nos parece bastante evidente, qualquer dos restantes casos pode corresponder apenas a questões estilísticas relacionadas com a economia sintagmática, no primeiro e último casos, e com a necessidade de reforço da caracterização de determinada personagem, no segundo, permanecendo, assim, a questão da auto-censura como mera hipótese.

BNJ A1	BNJ A1a
1: (fl. 123r) outros muitos	outros impérios
2: mas pode [chamar-se]	mas chamamos
3: no 3º Império que incluiu	no 3º Império incluiu
4: (fl. 123v) Epístola ad	Epístola a
5: o Quinto Império (dizem)	o Quinto Império é o do Ante-Cristo
6: (fl. 125r) juízo de Deus	juízo
7: também espiritual	também temporal
8: argumentos principais que são: 1º	argumentos principais. 1º
9: (fl. 126r) havia as notícias	havia notícias
10: (fl. 126v) a História Sagrada que	A História Sagrada no capítulo 4º
11: (fl. 127r) tão próprio, tão	tão próprio e inseparavel
12: é do	é no mundo
13: Nega-se contudo que [não haja]	Nega-se contudo não haver
14: e ungido Sacerdote. Este	e ungido Sacerdote.
15: (fl.129v) que lhe faltava a Cristo para reinar, sendo tão legítimo e verdadeiro Rei	que lhe faltava a Cristo para reinar sendo tão legítimo, respondo
16: (fl.130r) Deus o tinha ungido como Rei	Deus o tinha ungido (como consta
17: (fl.130v) pelos pelos que ainda seguiam	pelos herdeiros de Saul e pelos que seguiam
18: (fl.131v) e nas torres se fecha	e nas torres se remata e aperfeiçoa
19: (fl.132v) Finalmente , os que chamo	Os que chamo
20: (fl.133r) é o dos porcos dos Genesarenos, porque	é o dos porcos dos Genesarenos, quando

BN] A1	BN] A1a
21: A qual perda que	A qual perda, avisada a cidade
22: o 3º acto, e mais claro e manifesto de todas	o 3º acto, e mais claro e manifesto por todas suas circunstâncias
23: (fl.133v) e replicando-lhe... que	e replicando-lhe... como permitia que
24: Emperador do Mundo	Emperador do Universo
25: (fl.135r) é verdade certa e indubitavel não	é verdade certa e indubitavel haver a pessoa de Cristo de estar
26: (fl.136v) porque se falasse	porque se o texto fala
27: E entre este	E entre o dito Pontífice
28: (fl.137r) electa ut sol, porque	electa ut sol. E tal
29: estado, em [que]	estado, no qual
30: (fl.138r) depois de conseguido	depois de alcançado
31: (fl.138v) a facilidade e pouca [resistência]	a facilidade sem resistência
32: a discórdia e desunião que há en[tre]	a discórdia e desunião que eles têm entre si
33: (fl.139r) certa controvérsia que	certa controvérsia entre ele e o de Espanha
34: suas mudanças, o que [tudo se experimenta]	suas mudanças. Tudo se experimenta
35: não instituiu Deus	não instituiu Cristo
36: (fl.140r) e se não tivessem	e não tivessem
37: (fl.140v) assi também assi também	assi também
38: (fl.141r) a própria formalidade própria	a própria formalidade
39: (fl.142r) também dissemos	também mostrámos
40: (fl.144r) responderei à questão por duas conclusões	responderei à questão por três conclusões
41: (fl.145r) e como vendo	e como prometendo o que havia de ser
42: (fl.146r) falando o mesmo Profeta	descrevendo o mesmo Profeta
43: (fl.146v) o não conheçam ... e obedeçam a Cristo	o não conheçam....e obedeçam
44: do seu	do Império de Cristo e sua Igreja
45: do Abade Joaquim sobre	do Abade Joaquim nos Comentários de Jeremias
46: (fl.147v) há-de haver na terra	há-de haver em toda a terra
47: (fl.148r) que ainda estão por su[jeitar]	que ainda estão por conquistar
48: (fl.149v) rendidas e sujeit[as]	rendidas e obedientes
49: (fl.151v) porque o outro [dilúvio]	porque o dilúvio de Noé
50: (fl.152r) conhecido e adorado por Deus	conhecido por Deus
51: (fl.152v) ùa só fé que é a [de Cristo]	ùa só fé de Cristo
52: que hão[de ter]	que havam de ter

BN] A1	BN] A1a
53: (fl.154v) E que nestas palavras signifique	E que nestas palavras de Isaías estejam profetizadas
54: disse que viera	disse que aquele minino era
55: (fl.157v) os louvores dos homens	os louvores dos Profetas
56: (fl.158r) devia de [dizer]	devia dizer
57: (fl.158v) quando disse	quando deu por ordem
58: (fl.159r) a qual primeiro foi	a qual primeiro recebeu
59: Assi o comenta S. Jerónimo neste lugar	Assi o comenta S. Jerónimo e o prova
60: (fl.160r) fé de Cristo	Fé
61: juntamente e por meio deles	juntamente com eles
62: (fl.161v) pela vileza...de seu autor, Mafoma,	pela vileza...de seu autor
63: que tanta parte dele tem todo	que tanta parte dele tem já ocupado
64: (fl.162r) autores dest[a]	autores da interpretação referida
65: (fl.163r) unin[do-se]	concordando-se
66: estas raposas pequenas	estas raposas
67: (fl.165r) falta dar	falta concederem
68: (fl.166r) e todos	e os demais
69: (fl.169r) a primeira parte	a primeira das quais partes
70: (fl.170r) e isto é o que Cristo faz hoje	e isto é o que faz hoje
71: (fl.172r) Cristo que	o mesmo Cristo que
72: (fl.172v) nunca fez	nunca tinha feito
73: (fl.174r) aos mais	aos modernos
74: (fl.176v) notificada por	notificada 2 vezes
75: (fl.177r) pelo pecado de sua cegueira	pelo pecado de cegueira
76: (fl.179r) el Rei	Salmanasar, Rei dos Assírios
77: (fl.181v) se não-de ajuntar em um só	se não-de ajuntar em um
78: (fl.184v) aquela costa de África, que	aquela costa de África, a qual
79: (fl.185v) deve de	Deve
80: (fl.187r) Judeus modernos	Judeus de nosso tempo
81: (fl.188v) e assi	E este era
82:(fl.189r) conversão dos Brâmanes, na Índia,	conversão dos Brâmanes
83: (fl.190r) depois [que]	quando
84: (fl.191r) se desfizerem	se acabarem os maus, desfazendo-se
85: (fl.192r) assi o da Igreja há-de [crecer]	assi o da Igreja crece
86: (fl.198v) posto que	quando fosse verdadeiro
87: (fl.201v) pureza e fremosura da graça	pureza da graça
88: (fl.202v) desta vulgar apreensão	desta apreensão
89: não se infe[re]	não se segue daí

BN] A1	BN] A1a
90: (fl.205r) pregada e recebida e dilatada	pregada e recebida
91: (fl.206r) A Cítia Boreal ou Hiperborea, além do ponto euxino	A Cítia Boreal ou Hiperborea, que divide o monte Tauro da outra parte da Ásia
92: (fl.207v) a era e ano em que estamos	a era e ano presente
93: (fl.208r) há-de ser	há-de ter ùa grande perseguição
94: se cumprem	se enchem
95: (fl.208v) aquele grande e angélico Sumo Pontífice	aquele grande e angélico Pontífice
96: (fl.212r) Isaías, que só alegado naquele lugar	Isaías, alegado no sobredito papel

Quadro 4: BN] A1— BN] A1a - Riscado substituído à frente.

Nem todas as alterações, porém, são claramente classificáveis de acordo com o procedimento seguido e situáveis num momento determinado do processo de gênese. Casos há em que os processos de alteração são mistos e, em alguns casos, duvidosos quanto ao momento da sua ocorrência. Estão neste último caso as supressões que não acarretam outras alterações e que, por isso, tanto podem ter sido efectuadas em curso de escrita, momento 1a, como no decorrer da leitura produtiva, momento 2. São mistos casos como os dos exemplos 17 e 84, em que parte da alteração é feita por supressão, seguida de acrescento, sendo os elementos anulados retomados à frente, mas apenas parcialmente ou sob diferente forma, ou ainda outros, como: *de Deus > da mão de Deus* (fl. 144r), em que se misturam a correcção sobre uma forma inicial *de>da* e a supressão seguida de acrescento, sendo os elementos suprimidos retomados à frente, mas já num outro contexto ou *reinos de Cristo > reinos do mundo* (fl. 147v) em que se conjugam a correcção sobre uma forma inicial e a supressão seguida de substituição.

Particularmente interessantes são os casos em que podemos seguir, passo a passo, nas sequências de múltiplas supressões, substituições e acrescentos dentro de uma mesma frase ou oração, o processo, por vezes assaz moroso e laborioso, de busca, em curso de escrita, da estrutura signficante mais adequada aos significados a transmitir:

- (fl. 129r) logo **foi** constituido por ele Rei > logo **foi logo** constituido por ele Rei > logo **foi por ele herdado e** constituido por ele Rei > **logo foi herdado e** constituido por ele Rei;

- (fl.146v) a nenhum **destes** > a nenhum **daqueles** buscaram porque> a nenhum **daqueles** buscaram **senão a este**, porque;

- (fl.147v) aniilou e **su** > aniilou **ou sujeitou** não > aniilou ou sujeitou **quando encheu a terra** não;

- (fl.181r) há **mais de dous mil anos** > há dous mil e **duzentos** anos;

- (fl. 184r) que **ao menos** > que **se contentará** que > que se contentará, **pois o reino de Israel é tão infiel e idólatra, que ao menos**³⁷ o de Judá o não seja;

- (fl.191r) No capítulo 33 **diz o mesmo**, falando da Igreja (a qual então...como o mesmo mundo) e toda naquele tempo **diz que há-de estar cheia** > No capítulo 33, falando o **mesmo Profeta** da Igreja (a qual então...como o mesmo mundo) **diz que** toda naquele tempo há-de estar cheia;

- (fl.207r) na era de **666** > na era de **1666** > na era de **1660 e particularmente neste ano de 1666**;

Há ainda a considerar alguns casos, ocorridos, com toda a probabilidade, nos momentos 1a e 2, em que uma alteração acarreta várias outras, em cadeia:

- (fl.132r) **quatro classes. Na 1ª, os Profetas e escritores canónicos** > **três classes. Na 1ª, os Profetas não canónicos.**

A supressão de todo um parágrafo, correspondente a um núcleo temático, acarreta aqui, por sua vez, várias alterações em cadeia no parágrafo anterior, na medida em que este servia de introdução aos seguintes. Tais alterações traduzem-se, nomeadamente: no acrescento entrelinhado de *três*, a substituir *quatro*, riscado, uma vez que a anulação de uma das classes, desenvolvida no parágrafo anulado, reduz o número inicialmente previsto; na supressão da designação da classe anulada e na correcção sobre a forma inicial do ordinal (...Na 2ª, os Profetas não canónicos > Na 1ª, os Profetas não canónicos), uma vez que, com a supressão da primeira classe, a segunda passa a primeira. Os ordinais seguintes não sofrem, porém, qualquer correcção: de 3ª para 2ª e de 4ª para 3ª, o que parece revelar que a supressão do parágrafo relativo à classe dos "Profetas e escritores canónicos", terá sido efectuada em momento anterior à redacção do parágrafo cuja numeração (2ª) permanece inalterada (1ª classe > Ø; 2ª classe > 1ª classe; 2ª classe; 3ª classe).

b) Leitura produtiva: BN] A1 > BN] A2

Já claramente no momento de leitura produtiva, assumem particular destaque os acrescentos, na entrelinha, na margem ou sob forma de aditamento, em função basicamente da extensão do acrescento em causa e as supressões de grande dimensão, que, em muitos casos, interferem na macro-estrutura do texto. Todas estas formas de alteração do texto, que correspondem a uma fase já relativamente avançada do processo de génese, se encontram também, como vimos, na "Representação Primeira".

Existem, no entanto, outros tipos de alteração, também localizáveis neste momento genético, que representam uma novidade em relação aos identificados na "Representação Primeira". Referimo-nos, nomeadamente, à troca de constituintes de frase através do uso de numerais (ex. 1,2,3 > 2,3,1), procedimento que, embora maioritariamente empregue no interior de porções de texto menores do que a frase, abrange, por vezes, porções de texto de maior extensão (cf., por exemplo fl. 194v ou 181r).

³⁷ Acrescento entrelinhado

Exs:

- *nas mesmas palavras se declara admiravelmente > se declara admiravelmente nas mesmas palavras;*

- *e sendo deixado dela esta nação > esta nação, e sendo deixado dela;*

- *o Profeta chama > chama o Profeta;*

- *chamando-se os cristãos santos > chamando-se santos os cristãos;*

- *Cristo concluiu > concluiu Cristo;*

- *são diversas gentes estas do Gog e Magog de Ezequiel > estas gentes do Gog e Magog de Ezequiel são diversas;*

- *depois de várias instâncias, o partido > o partido, depois de várias instâncias;*

- *e que este reino fosse o de Portugal e este Príncipe > e que este reino e este Príncipe fosse o de Portugal.*

Em outras ocasiões, Vieira usa, com a mesma finalidade, o acrescento entrelinhado, como em *segunda visão > visão segunda*, em que a posposição do ordinal ao nome é levada a cabo, não pela fórmula matemática de indicação de troca, mas pela supressão de *visão* na linha e à sua transferência sob forma de acrescento entrelinhado para uma posição anterior ao nome, que, por ser de uso menos comum, assume particular valor estilístico. A divergência nos meios utilizados para um mesmo fim, parece aqui, tal como na tipologia dos acrescentos, prender-se com a extensão dos elementos afectados, que, neste caso, envolvendo apenas um nome e um seu determinante, torna mais económico e porventura mais eficaz a efectivação da troca *in loco*, ao invés de a remeter, através de uma nota, para o momento da cópia.

Os acrescentos, desde os de pequena dimensão, na entrelinha ou na margem, com motivações linguísticas e estilísticas e com ou sem implicações semânticas, até aos acrescentos de grandes dimensões, os aditamentos, que podem ou não atingir a macro-estrutura do texto, são claramente alterações situáveis no momento de leitura produtiva, que, como temos vindo a ver, é particularmente activo em Vieira.

O acrescento, associado ou não à substituição de fracções de texto suprimidas, é um dos procedimentos mais produtivos entre todos os que pudémos identificar em ambas as Representações. Em qualquer dos três tipos de acrescento, há a distinguir, antes de mais, os acrescentos simples daqueles que visam a substituição de elementos anulados no decorrer da leitura produtiva.

Do primeiro tipo são casos como os que a seguir se apresentam (cf. infra Quadro 5), em que os acrescentos podem servir finalidades de anulação de lapsos (exs. 1, 2, 19, 24, 26) ou modificações linguísticas de vária ordem, regra geral com implicações estilísticas e/ou semânticas (exs. 3, 10, 27, 29), destacando-se os que visam a explicitação e clarificação do discurso (exs. 4 - 9. 11-18, 20-23, 25, 28, 30).

BN A1	BN A2	Classificação
1: (fl.120r) ordena	Ordenava	Acrescento entrelinhado
2: que bastante ocasião	que teve bastante ocasião	Acrescento entrelinhado

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
3: (fl.120v) tão feroz que sua braveza	tão feroz que por sua braveza	Acrescento entrelinhado
4: (fl.121r) Apóstolo do Império Romano	Apóstolo do mesmo Império Romano	Acrescento entrelinhado
5: em Álvaro Pelágio	em o Bispo Álvaro Pelágio	Acrescento na margem
6: senão temporal directo	senão também temporal directo	Acrescento entrelinhado
7: (fl.121v) No capítulo 24 de S. Mateus: Praedicabitur	No capítulo 24 de S. Mateus, diz Cristo: Praedicabitur	Acrescento na margem
8: logo imediatamente depois	logo imediatamente depois da pregação universal	Acrescento na margem
9: para que o sepultassem	para que logo o sepultassem	Acrescento entrelinhado
10: (fl.122r) não duvidou falar...nem escrever	não duvidou de falar...nem de escrever	Acrescento entrelinhado
11: (fl.122v) impérios tão grandes	impérios diversos , tão grandes	Acrescento na margem
12: desde a fundação de Roma	desde a fundação de Roma e sua República	Acrescento na margem
13: (fl.123r) qual é o Quinto Império	qual é ou há-de ser o Quinto Império	Acrescento na margem
14: (fl.124r) este modo de contar	porém , este modo de contar	Acrescento entrelinhado
15: E posto que fala	E posto que, na visão 2ª , fala	Acrescento entrelinhado
16: o reino que neste Juízo	o reino e império que neste Juízo	Acrescento na margem
17: (fl.129r) e herdeiro legítimo que era de seu pai	e herdeiro legítimo que era o mesmo Cristo de seu pai	Acrescento entrel
18: (fl.133r) querem alguns Teólogos	querem alguns Teólogos e Juristas	Acrescento na margem
19: o castigo e castigados	o castigo e os castigados	Acrescento entrelinhado
20: depois de convertido em carvão, o tornou a restituir	depois de convertido em carvão, para doutrina e temor dos circunstantes , o tornou a restituir	Acrescento na margem
21: (134r) no capítulo 20	no capítulo 20 do Êxodo	Acrescento na margem
22: (fl.134v) as quais deixou, como em testamento	as quais deixou apontadas , como em testamento	Acrescento entrelinhado
23: (fl.138r) o templo de Jerusalém, mas	o templo de Jerusalém, que era casa estavel e firme , mas	Acrescento na margem
24: (fl.148r) não senão simultânea	não foi senão simultânea	Acrescento na margem

BN] A1	BN] A2	Classificação
25: (fl.159r) trocaram-se os lugares	trocaram-se os nascimentos e os lugares	Acrescento na margem
26: (fl.159v) aplicação	aplicação	Acrescento entrelinhado
27: (fl.160v) diz o texto	diz, pois , o texto	Acrescento entrelinhado
28: (fl.206r) tem sido descoberta	tem sido modernamente descoberta	Acrescento na margem
29: (fl.206v) por sua distância e desconhecimento	por sua distância e pelo desconhecimento	Acrescento entrelinhado
30: (fl.213r) sendo todo sagrado	sendo todo sagrado e divino	Acrescento na margem

Quadro 5: BN] A1 — BN] A2 - Acrescentos.

Se é certo que, em muitos casos, acrescentos de pequena extensão, que poderiam, à partida, ser feitos na entrelinha acabam por figurar na margem, é um facto que a margem é o local privilegiado dos acrescentos de extensão média, muito numerosos, invariavelmente com finalidade explicativa ou de clarificação pelo acrescento de informação nova, os quais podem corresponder a várias linhas de texto e apresentar, eles próprios, correcções de vária ordem, incluindo acrescentos menores:

-(fl.124r) depois dos quatro primeiros. E, posto que > depois dos quatro primeiros, **como se vê na pedra da primeira visão, que derrubou e desfez a estátua.** E, posto que

-(fl.126r) O Rex gentium et desideratus earum. E, se alguém > O Rex gentium et desideratus earum. **De maneira que Cristo era desejado e esperado de todas as nações para Rei e Senhor universal de todas, o qual desejo e expectação necessariamente supõem a aceitação, também universal, que dizemos.** E, se alguém

-(fl.138v) Leam-se...> **Deixemos as antigas Histórias Eclesiásticas, em que são tantos os exemplos como os capítulos, e e leam-se**

Este tipo de acrescentos pode também ter por finalidade a substituição de palavras ou expressões riscadas na linha, as quais são, em grande parte, ilegíveis e podem, também neste caso, atingir extensões bastante significativas, verificando-se, regra geral, a substituição de uma extensão de texto menor por uma maior que acrescenta ou desenvolve a primeira (cf. infra Quadro 6).

Tal como no caso anterior, os acrescentos que substituem partes de texto anuladas podem servir objectivos vários, entre os quais se destacam, também aqui, as modificações com motivações estilísticas e/ou semânticas (exs. 1,2, 4,5,7-9, 11-14, 17-20, 24, 30-33, 36-38, 41, 43-45, 49, 53-55, 57, 58), bem como as que visam a explicitação e/ou clarificação do discurso (exs. 3, 10, 16, 22, 25-29, 34, 35, 39, 40, 47, 51, 52, 56, 59, 60). Só minoritariamente surgem casos de correcção (exs. 6, 15, 21, 23, 42, 46, 48).

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
1: (fl.12v) deu Deus	deu	Substituição entrelinhada
2: (fls.121r, 128r) diz	afirma	Substituição na margem
3: que não siga	que Soarez não siga absolutamente	Substituição na margem
4: (fl.122r) princípio	Origem	Substituição entrelinhada
5: (122v) Império Romano	Império quarto	Substituição entrelinhada
6: (fl.123r) aos quatro primeiros	aos três primeiros	Substituição entrelinhada
7: no qual	Onde	Substituição entrelinhada
8: sobre que assentamos	em que assentamos	Substituição entrelinhada
9: (fl.124v) não se segue	não se infere	Substituição entrelinhada
10: (fl.125r) no juízo de Daniel	Neste juízo de Daniel	Substituição entrelinhada
11: (fl.127v) à União Hipostática não era necessário	à União Hipostática não era, contudo, necessário	Substituição na margem
12: reino espiritual	Império espiritual	Substituição na margem
13: (fl.130r) escapar ao ódio e perseguição de Saul	para escapar ao ódio e fereza de Saul	Substituição entrelinhada
14: (fl.137r) sobre outro estado	em outro estado	Substituição entrelinhada
15: (fl.137v) em tal fora	em tal forma	Substituição entrelinhada
16: (fl.138r) os rebeldes	alguns rebeldes	Substituição entrelinhada
17: (fl.138v) dizer	Escrever	Substituição entrelinhada
18: todo	em suma	Substituição entrelinhada
19: os estragos	o muito mal	Substituição entrelinhada
20: ũa das partes	ũa delas	Substituição entrelinhada
21: (fl.141r) Gentios	Emperadores	Substituição entrelinhada
22: (fl.141v) que são	as quais palavras...são	Substituição na margem
23: (fl.142v) a dignidade juntamente e os poderes foi	a dignidade juntamente e os poderes serão	Substituição entrelinhada
24: (fl.144r) o diz por termos	o representa por termos	Substituição na margem
25: (fl.144v) será sujeita	será inteira e universalmente sujeita	Substituição na margem
26: (fl.146v) que o Império de Cristo	que a sobredita grandeza e extensão do Império de Cristo	Substituição na margem
27: (fl.147r) sem contradição nem repugnância algũa	sem contradição nem repugnância e sem para isso nos pedir conselho ou cabedal	Substituição na margem

BNJ A1	BNJ A2	Classificação
28: (fl.148r) grandeza do reino	grandeza do Império de Cristo	Substituição na margem
29: (fl.151v) esta porta, a qual se há-de dilatar	esta porta: Nisi...dei. A qual porta se há-de dilatar	Substituição na margem
30: (fl.152v) que é o dos Cristãos	que é o católico	Substituição na margem
31: (fl.154v) de Isaías	suas	Substituição entrelinhada
32: (fl.156r) quer dizer somente	quer dizer simplesmente	Substituição na margem
33: (fl.156v) onde seja de buscar	onde se haja de buscar	Substituição entrelinhada
34: (fl.159r) mas o pai	mas Jacob	Substituição na margem
35: (fl.161r) a Deus	ao verdadeiro Deus	Substituição na margem
36: (fl.162v) diz	descreve	Substituição entrelinhada
37: refere	conta	Substituição entrelinhada
38: (fl.164r) fora da Igreja e longe dela	fora da Igreja e tão longe dela	Substituição entrelinhada
39: (fl.165r) disse ele	disse o Profeta	Substituição na margem
40: o da esperança que se declara	o da esperança. O qual erro da esperança se declara	Substituição na margem
41: (fl.173r) nos quis ensinar e assi nos ensinou	nos quis ensinar como nos ensinou	Substituição entrelinhada
42: e se estes	e se aqueles	Substituição entrelinhada
43: (fl.180r) converter e extinguir	converter e mudar	Substituição entrelinhada
44: (fl.180v) como se diz na língua latina	como se chamam na língua latina	Substituição entrelinhada
45: havia de deixar o mesmo nome	havia de deixar antes o próprio nome	Substituição entrelinhada
46: (fl.182v) cativoiro dos doze	cativoiro dos dez	Substituição entrelinhada
47: (fl.184v) Porque , como os dez tribos	Começando por esta última cláusula, quer dizer que , como os dez tribos	Substituição na margem
48: (fl.185r) Livro dos Reis	Livro dos Macabeus	Substituição na margem
49: 185v verá	experimentará isto	Substituição na margem
50: (fl.187r) como se vê	como se verá	Substituição entrelinhada
51: (fl.193r) das quais	destas vodas	Substituição na margem
52: (fl.195r) opiniões, que as explicam	opiniões, porque uns as explicam	Substituição na margem
53: (fl.198v) depois que Constantino	quando Constantino	Substituição entrelinhada.

BN] A1	BN] A2	Classificação
54: (fl.202v) brados	clamores	Substituição entrelinhada
55: (fl.205v) cujos fins ainda se ignoram	cujos fins últimos se ignoram	Substituição entrelinhada
56: (fl.206r) decerto muitas outras igualam as da China	algũas, como as do grão Mogor, igualam as da China	Substituição na margem
57: (fl.207v) só de trinta dias	precisamente de trinta dias	Substituição entrelinhada
58: (fl.208r) em 1499... em 1501	no ano de 1499... no de 1501	Substituição entrelinhada
59: (fl.208r) esta alegoria	a mesma alegoria	Substituição entrelinhada
60: (fl.209r) até agora	em todo este discurso	Substituição na margem

Quadro 6: BN] A1 — BN] A2 - Substituições.

A substituição de texto riscado na linha pode também, em casos mais raros, envolver simultaneamente os dois tipos de acréscimo, entrelinhado e na margem, como no exemplo que se segue: (fl. 173r) *estudando pelo já escrito e estudado e tomando a água nos regatos* > *estudando o já estudado e escrevendo o já escrito e tomando a água nos regatos*; ou modificação na linha e acréscimo, neste caso na margem: (fl.152v) *na qual se unirão* > *na qual se virão encontrar e unir*; pode ainda fazer-se em local diferente do do segmento anulado: (fl.174r) *os quais Doutores navegando* > *Navegando, pois, estes Doutores*, com acréscimo na margem; (fl.161v) *foi queimado e destruído* > *foi entregue ao fogo e queimado*; (fl. 177r) *desta sua futura conversão* > *desta futura conversão do Povo Judaico*.

Há que ressaltar que, ainda que os acréscimos na entrelinha e na margem sejam típicos do momento de leitura produtiva, em alguns casos, a comparação do substituído com o substituto permite supor que alguns acréscimos poderão ter sido redigidos em curso de escrita tendo, nesse caso, o autor voltado um pouco atrás para proceder à alteração. Parece ser esse o caso em: *guerras que finalmente que o cavalo branco* > *guerras da Cristandade. Finalmente, que o cavalo branco* (fl. 160v), em que o acréscimo, na margem, a ser posterior ao momento de escrita, vem substituir uma construção inaceitável, parecendo mais provável que, a meio da frase, o autor tenha voltado atrás e procedido à substituição, só depois continuando a frase interrompida.

Os acréscimos de maior extensão, a que Vieira chamou aditamentos e que são indicados em BN pelo uso de notas, têm, muitas vezes, implicações estruturais que já analisámos, supra, no ponto 3.2.1.2.. Existem, no entanto, alguns aditamentos, de extensão média, que, não interferindo na macro-estrutura do texto, surgem como acréscimo ou substituição, quase sempre ampliando o texto original, por vezes, ainda que mais raras, resumindo-o ou, simplesmente, reescrevendo-o.

Enquanto na totalidade da "Representação Primeira" apenas se identificam sete aditamentos, na "Representação Segunda" este número cresce para doze, dos quais apenas os três que já analisámos (adit. 8º, Litt. H; adit. 12º, Litt. N; adit. 16º, Litt. R) representam alterações profundas ao nível da macro-estrutura desta Representação. Os restantes nove (adit. 9º, Litt. I; adit. 10º, Litt. L; adit. 11º, Litt. M; adit. 13º, Litt. O; adit.

14º, Litt. P; adit. 15º, Litt. Q; adit. 17º, Litt. S; adit. 18º, Litt. T; adit. 19º, Litt. V) interferem, de uma maneira geral, ao nível das sub-estruturas, isto é, no interior de cada questão, alterando-a pelo acrescento de texto novo ou pela substituição de determinado fragmento por outro.

O aditamento 9º, Littera I é um aditamento à questão 4ª, neste caso acrescentando-lhe uma nova objecção, que se estende pelos parágrafos 52 a 57 de TT. O acrescento provoca no manuscrito BN apenas pequenas alterações destinadas a introduzir o texto acrescentado: acrescento de dois títulos antes da primeira objecção (*Responde-se a duas objecções/ 1ª objecção*) e supressão da primeira linha de texto que a introduzia como única: *Resta o argumento...*

A objecção acrescentada é a dos que acreditavam que o império de Cristo seria o quarto e não o quinto, por representar uma continuação do Império Romano. Esta objecção vem acrescentar-se à de que o Império de Cristo seria posterior ao do Anti-Cristo, e, portanto, seria o sexto. Com o acrescento da resposta a esta nova objecção, que, provavelmente, Vieira teria esquecido na redacção inicial, ficam descartadas todas as opiniões contrárias à sua: de que o Império de Cristo seria o quinto por suceder imediatamente ao quarto, o Romano, e vir antes do do Anti-Cristo.

O aditamento 10º, Littera L é aditamento à Questão 7ª (a) e corresponderia, ao que tudo indica, às alterações sofridas por esta questão, que permanece em TT, ainda que substancialmente alterada (cf. supra ponto 3.2.1.2.), como 6ª.

O aditamento 11º, Littera M é um aditamento à questão 6ª(b) (7ª em TT), que acrescenta cerca de dois parágrafos à segunda de três conclusões: que o império de Cristo é futuro. O texto acrescentado prova que não é passado nem presente, com o que sublinha e reforça a referida conclusão. Este aditamento vem substituir uma extensão de texto riscado de cerca de 38 linhas, correspondente ao final da segunda conclusão. A diferença de extensão entre o texto substituído e o substituto faz supor que este terá vindo resumir aquele e não o inverso, que é o procedimento mais comum.

O aditamento 13º, Littera O é um aditamento à Questão 20ª (14ª em TT) e entra no final de um fragmento de texto suprimido (cf. anexo 20), o qual vem substituir. Este aditamento desenvolve, basicamente, numa extensão correspondente a três parágrafos de TT, os lugares do texto sagrado que, no fragmento suprimido, apenas se enunciavam reservando-se o seu desenvolvimento para questão posterior, razão pela qual parece corresponder a uma alteração da vontade autoral.

O aditamento 14º, Littera P é um aditamento à questão 22ª (16ª em TT), o qual vem acrescentar novos argumentos à prova 7ª, numa extensão de dois parágrafos. Trata-se, neste caso, de um acrescento simples.

O aditamento 15º, Littera Q é aditamento à questão 23ª (17ª em TT) e constitui um remate de parágrafo (relativo ao 6º meio pelo qual se há-de conseguir a conversão universal do mundo à fé de Cristo), que apresenta em BN a particularidade de ter sido deixado incompleto, apenas acompanhado da nota que introduz o aditamento. Parece provável, neste caso, que Vieira não dispusesse, no momento da redacção, da informação necessária relativa aos passos da Sagrada Escritura que pretendia citar, remetendo, por isso, a redacção do final do parágrafo para momento posterior.

O aditamento 17º, Littera S é um aditamento à questão 25ª (20ª em TT), que vem substituir apenas algumas palavras riscadas. O aditamento em causa acrescenta um novo parágrafo, que se integra num conjunto mais vasto de alterações envolvendo uma troca da ordem de parágrafos de BN, a qual corresponde, na prática, à troca da ordem das provas aduzidas.

O aditamento 18º, Littera T constitui um aditamento à questão 26ª (21ª em TT) e vem substituir um fragmento de texto riscado (cf. anexo 26). Neste caso as extensões dos fragmentos, substituído e substituto (cerca de meio parágrafo), equivalem-se, constituindo assim o segundo, ao que tudo indica, uma mera reescrita do primeiro.

Finalmente, o aditamento 19º, Littera V é aditamento à questão 35ª e última (30ª em TT) substituindo cerca de onze linhas de texto risc. O aditamento abrange quase todo o parágrafo 586 e na totalidade os parágrafos 587 a 589 de TT, que constituem basicamente uma reformulação e desenvolvimento do texto anulado em BN

Das supressões de grande dimensão, substituídas ou não, quase todas situáveis no momento de leitura produtiva, já falámos, uma vez que é ao nível estrutural que elas actuam (cf. ponto 3.2.1.2.); quanto às supressões de pequena e média dimensão, substituídas ou não, elas são maioritariamente situáveis em curso de escrita, e a esse nível foram tratadas, sem prejuízo de, em alguns casos de supressão simples na linha, poderem ser fruto do momento de leitura produtiva.

Os casos de supressão com motivações de natureza linguística e/ou estilística que nos parece corresponderem, com toda a probabilidade, ao momento de leitura produtiva são, assim, exceptuados os que envolvem um processo de substituição por acrescento, relativamente poucos e correspondem àqueles em que o próprio texto riscado abrange acrescentos na entrelinha ou na margem, e, portanto, será posterior a eles. Nestes casos, os fragmentos de texto riscado apresentam, regra geral, dimensões que se situam entre as das pequenas e médias exclusões efectuadas em curso de escrita e as das grandes exclusões que acarretam profundas alterações estruturais, abrangendo porções de texto significativas.

Tais casos são, porém, regra geral, pouco significativos, na medida em que correspondem maioritariamente a questões de economia narrativa, podendo em alguns casos, como os dos excertos suprimidos apresentados nos anexos 10 e 15 da edição de BN (Parte V do presente trabalho), ter como motivação a auto-censura, uma vez que o texto do anexo 10 faz parte de uma questão que viria a ser totalmente anulada, possivelmente por razões idênticas: versar sobre a controversa questão do monarca temporal, e o do anexo 15, que, embora inserido em diferente questão, foca ainda o mesmo tema.

Em alguns casos, como os do texto dos anexos 15, 15 a), 16 a), 25 e 31, a supressão simples é apenas aparente, sendo o texto suprimido substituído por outro, acrescentado na margem, sobre o mesmo tema, mas substancialmente alterado, quer ao nível da forma quer ao nível do conteúdo, pelo que estes casos se inserem no grupo dos apresentados no Quadro 6.

Apresentam, no entanto, estes fragmentos uma particularidade interessante em relação aos de menor extensão, apresentados no referido Quadro 6: o texto substituído é, nestes casos, geralmente mais curto que o substituído e, regra geral, resume-o, o que parece confirmar a intenção de economia narrativa presente nos casos de supressão absoluta. Constitui excepção a esta tendência o texto do anexo 31, em que o acrescento na margem que o substitui desenvolve largamente o texto cancelado.

O texto suprimido apresentado em anexo ao Epílogo, apesar de apresentar acrescentos, o que levaria, à partida, a situar a sua supressão no momento de leitura produtiva, parece ter sido suprimido em curso de escrita, uma vez que é substituído na linha e não na margem, como a maioria dos fragmentos de extensão média. Neste caso, o procedimento deverá ter passado por quatro fases sucessivas de elaboração:

- redacção
- acrescentos na entrelinha e na margem
- anulação do texto e respectivos acrescentos
- substituição na linha do texto suprimido.

c) Cópia produtiva: BN] A > TT] B

O momento de cópia a limpo (momento 3) é ainda em Vieira, como vimos, um momento de intensa actividade genética, no qual, depois das múltiplas e, por vezes, profundas alterações a que submete o texto no momento de leitura produtiva, procede ainda a alterações pontuais, maioritariamente relacionadas com a língua e o estilo, mas também, em alguns casos, com processos menos evidentes, nomeadamente com questões de auto-censura.

O primeiro tipo de alteração identificável entre BN e TT é o que inclui pequenas modificações, operadas por exclusão, acrescento ou substituição, que implicam escolhas entre palavras, elementos gramaticais ou mesmo entre construções sintácticas possíveis, frequentemente com implicações semânticas (cf. infra Quadro 7).

Entre as alterações deste tipo que apresentam maior recorrência, identificam-se, antes de mais, as modificações predominante ou exclusivamente formais, entre as quais se podem apontar, a título de exemplo, os casos de substituição de parênteses por vírgulas, ou vice versa, em orações intercaladas, ou o acrescento de títulos.

O acrescento ou complementação de citações latinas (exs. 31, 34) ou, menos frequentemente, a sua supressão, no todo ou em parte, (ex. 47), bem como o acrescento ou supressão de orações explicativas e de exemplos (ex. 153), prendem-se, de uma maneira geral, com uma procura de equilíbrio ao nível da clarificação do discurso, acrescentando ou completando algumas citações, exemplos e explicações e suprimindo outras, em função das necessidades discursivas.

Ao nível das alterações especificamente linguísticas e estilísticas, apesar da sua grande variedade, é possível identificar alguns comportamentos modificadores recorrentes, nomeadamente:

- inversões da ordem dos constituintes (exs. 15, 16, 33, 72);
- substituição de palavras ou expressões em latim pelas suas correspondentes em vernáculo e vice-versa (ex. 23, 161);
- acertos de concordância (exs. 1,2, 43, 144);
- substituições de tempo e modo verbal (ex. 64, 84, 136, 151);
- acrescento de formas nominais (exs. 76, 89, 112, 114, 129, 132);
- acrescento de elementos especificadores, do nome ou do verbo, com particular relevo para os adjectivos (exs. 8, 12, 25, 32, 37, 54, 60, 66, 71, 75, 100, 142, 147, 154, 162);
- acrescento de formas verbais (exs. 10, 26, 50, 82, 109, 156, 170);
- substituição de elementos lexicais (exs. 6, 21, 27, 30, 36, 40, 41, 45, 52, 73, 78, 79, 86, 94, 97, 102, 117, 119, 122, 124,126, 127, 135, 137, 138, 139, 143, 152, 163, 171, 172, 176-178);
- substituição de formas sintéticas por perífrases (exs. 14, 35, 38, 77, 113, 107, 140) e vice-versa (ex. 145);
- substituição de pronomes por elementos nominais (exs. 28, 56, 60, 61);
- trocas entre adjectivos e advérbios (ex. 116, 150);
- hesitação na construção de comparativos (ex. 166);

- pequenas correcções contextuais (exs. 18, 88, 90, 123, 180³⁸);

e ainda múltiplas alterações ao nível da escolha dos elementos gramaticais, denotando alguma hesitação quanto ao seu uso, nomeadamente:

- trocas entre a forma simples das preposições *de* e *em* e a forma contraída com o artigo definido, *do/da, no/na* (ex. 13, 59);
- supressão ou acrescento de conjunções (ex. 7, 11, 44, 46, 51);
- supressão ou acrescento do artigo definido (ex. 3, 24, 42);
- trocas entre conjunções e entre preposições: (ex. 104);
- trocas entre pronomes demonstrativos e relativos: *este, que/o qual* (ex. 179);
- trocas entre adjectivos e pronomes (ex. 83, 99, 149);

Em exemplos como os numerados 4, 5, 17, 20, 53, 55, 58, 74, 76, 81, 93, 98, 103, 105, 111, 118, 120, 121, 131, 143, 153, 155 e 174 verifica-se um propósito de explicitação, através do acrescento de informação complementar, em alguns casos substituindo informação redundante ou menos específica (exs. 76, 118, 120), ou através de procedimentos de reforço da informação (exs. 53, 93, 98, 103, 174). Esta tendência, que se apresenta como dominante, é, no entanto, contrabalançada pela supressão, mais frequente, ou substituição (ex. 22) de elementos considerados redundantes, sejam eles nomes, regra geral sinónimos em que se opta apenas por um, eliminando o outro (ex. 9), pronomes (exs. 57, 128), advérbios (ex. 91) ou outros (ex. 157), e por alguns casos de generalização (exs. 96, 130, 133, 148, 175).

Ainda que menos frequentes, é também possível identificar como recorrentes ao longo de todo o texto algumas alterações relacionáveis com situações específicas, tais como a redução de numerais à sua forma extensa (ex. 165), a substituição de formas do pretérito por formas do presente do indicativo em casos em que se justifica o uso de um presente histórico, como, por exemplo, nos passos relativos a lugares da Escritura (ex. 85, 92, 87), o acrescento de nomes de autores em relações de autoridades favoráveis a determinada opinião (ex. 29, 158) e ainda a substituição de formas ou designações populares pelas suas correspondentes cultas, nomeadamente em *Cantares > Cânticos* (ex. 95) ou *costa da pescaria > Costa de Choromandel* (ex. 168).

Finalmente, e excluindo os casos que resultam visivelmente de lapsos de escrita ou de memória (exs. 19, 48, 108, 110, 167), uma parte significativa destas alterações, que, como temos vindo a verificar, visam quase sempre um aperfeiçoamento estilístico do discurso e só mais raramente a sua correcção (ex. 30), são, muitas vezes, esporádicas e dificilmente tipificáveis, até porque, em muitos casos, envolvem um conjunto de modificações simultâneas e, por vezes, apresentam repercussões na estrutura da oração ou mesmo da frase (exs. 39, 49, 62, 63, 65, 80, 101, 106, 115, 125, 134, 141, 146, 159, 160, 164, 169, 173). Dentro deste conjunto de alterações contam-se ainda casos que envolvem contextos mais alargados, como o exemplo 67, em que a substituição do nome do continente pelo do país tem a ver com uma simples questão de coerência discursiva, de acordo com os restantes exemplos apresentados em paralelo: "*O Nilo pode alagar a África, o Eufrates a Pérsia e o Ganges a Índia...*" > "*O Nilo pode alagar o Egipto, o Eufrates a Pérsia e o Ganges a Índia...*".

³⁸ Neste caso não é possível saber com certeza absoluta se se trata de uma correcção. Partimos, no entanto, do princípio de que, tratando-se de um aspecto de grande importância na teoria exposta, a lição de TT corresponderá a uma revisão e conseqüente correcção da lição de BN.

BNJ A	TTJ B
1: (fl.120r) do que nele se ler	do que nelle se lê
2: a firmeza do edificio que só estava delineado no pensamento	a firmeza do edificio que só estava delineada no pensamento
3: (fl.120v) é a exposição literal	é exposição literal
4: (fl.121r) Esdras, no capítulo 12	Esdras, no capº 12 do 4º Lº
5: da visão	da visão de Zacharias
6: quatro impérios	Quatro reynos
7: E assi o entendem	Assy o entendem
8: o quasi Filho do Homem	o Filho do Homem
9: o título ou nome...que damos	o nome...que se dá
10: seguem o contrário	seguem ou suppoem o contrario
11: (fl.122r) Se algum	E se algum
12: no capítulo 2º	no seu capitulo 2º
13: de verdadeira tradição	da verdadeyra tradição
14: (fl.122v) tradição paterna	tradição dos Padres
15: dizem ferunt	ferunt, dizem
16: ainda que se admita e conceda a dita menor	ainda que se conceda & admitta a mesma menor
17: para se chamar a quinta	para se chamar Quinta Monarchia
18: das questões seguintes	da questão seguinte
19: (fl.123r) e depois	e pois
20: Dominus Iustus	Dominus justus – Senhor justo
21: como se lê	Assy se lê
22: (fl.123v) exprimindo ainda mais	exprimindo mais
23: Epístola a Filemon	Epistola ad Philemonem
24: (fl.124r) acrescentar o número	acrecentar numero
25: (fl.124v) Cristo	o mesmo Christo
26: de receber e descansar no prémio	de descansar no prémio
27: Responde-se aos argumentos	Responde-se aos fundamentos
28: são tirados delas	são tirados das mesmas profecias
29: de Cornélio e Sanchez sobre os Profetas.	de Cornélio e Sanches sobre os Profetas, & outros.
30:(fl.125r) o Profeta Malaquias	o Profeta Micheas
31: et alteri non tradetur	et alteri populo non tradetur
32: (fl.129v) onde diz:	onde diz assy:
33: O Rei e Criador e Senhor do Mundo	o Rey & Senhor & Criador do mundo
34: convertentur omnes fines terrae	convertentur ad dominum universi fines terrae
35: Cristo	o mesmo Senhor
36: (fl.130r) disse a S. Paulo	disse a Saulo
37: peregrinando por terras	peregrinando desterrados por terras
38: estava oculto	foy achado...oculto

BN A	TT B
39: (fl.130v) a parte em que já reina é a melhor dele	a parte em que já reyna he o melhor delle
40: (fl.131r) é representado no ferro	he significado no ferro
41: A esta divisão sucedeu outra	a esta divisão se seguio outra
42: (fl.131v) não é comparação minha	não he a comparação minha
43: o reino e império...só se distinguem	o Reyno & Império... só se distingue
44: (fl.144v) Porque descrevendo	Descrevendo
45: ou Daniel os explicara	ou Daniel os comentara
46: assi o torna a repetir o último verso	E assi o torna a repetir no ultimo verso
47: (fl.145r) Regi nostro psallite	Regi psallite
48: factum est regnum	Facium est Regnum
49: e sujeitar. Assi o notaram	& sogeitar a sy, como notarão
50: que o serviriam	que o servirão ou servirão
51: (fl. 145v) No psalmo 85	E no Psalmo 85
52: E finalmente	E ultimamente
53: quando conseguir	Quando elle conseguir
54: Neste sentido	Neste mesmo sentido
55: como já citámos, e se dirá em seu lugar	como se dirá em seu lugar
56: obedecessem ao seu reino	obedecessem ao Reyno de Christo
57: lhes há-de tirar a todos o título	lhes ha de tirar aquelle titulo
58: (fl.146v) a nenhum daqueles buscaram, senão a este	a nenhum daquelles buscarão nem adorarão, senão só a este
59: em o mesmo	no mesmo
60: isto ... Daniel ... lugares	esta simuldade ... o mesmo Daniel ... lugares supremos
61: (fl.147v) debaixo dele	Debaxo do ceo
62: Monarca. É o que disse	Monarcha, conforme ao que disse
63: (fl.148v) termos dela	Termos com que se descreve
64: até agora teve	até agora tem
65: nem canta nem pode cantar toda a terra...nem louva nem sabe louvar a Deus toda a terra	nem toda a terra canta nem toda a terra pode cantar...nem toda a terra louva nem toda a terra sabe louvar a Deos
66: universalidade do Reino de Cristo	universalidade simultanea do Reyno de Christo
67: (fl.149r) alagar a África	allagar o Egypto
70: (fl.150r) o Eterno Padre, isto é, Deus	o Eterno Padre
71: (fl.150v) implicação	implicação manifesta
72: os reinos e gentes do mundo	as gentes & reynos do mundo
73: ũa só adoração	huma só humilhação
74: (fl.151r) 2ª visão de Daniel, capítulo 7º	2ª visão de Daniel

BN] A	TT] B
75: em toda sua universalidade e extensão	em sua universalidade & extensão
76: diz David, neste salmo, que o domínio universal	diz David & o Ecclesiastico que o dominio & herança universal
77: (fl.151v) há-de confirmar	ha de acabar de confirmar
78: conhecerá	reconhecerá
79: acções que Deus	cousas que Deos
80: (fl.152r) fazendo que uns sejam mui diversos dos outros	fazendo que os seculos & os tempos sejam huns muy diversos dos outros
81: no capº 14	no já citado capº 14
82: dividido e repartido	dividido
83: (fl.152v) quando não houvera tantos	quando não ouvera outros
84: se duvida ou poderá duvidar	se duvida ou pode duvidar
85: (fl.154v) E para que se não duvidasse que... entrava também	E para que se não duvidasse que... entra também
86: (fl.155r) aos discípulos	aos dous discipulos
87: Cristo falava	Christo falla
88: (fl.155v) assi Gentios como Cristãos	assy Gentios como Judeos
89: a dita parede	a dita parede & divisão
90: (fl.156r) Salazar sobre os Provérbios	Salazar sobre os Canticos
91: exprimindo mais	exprimindo
92: que significava a Igreja	que significa a Igreja
93: (fl.156v) um senhor e um pastor	hum só senhor & hum só pastor
94: É admiravel prova	He excellente prova
95: 1º capítulo dos Cantares	1º Capº. dos Canticos
96: apascentes os teus cabritos	apascentes o teu gado
97: (fl.157r) estas admiraveis palavras	estas grandes palavras
98: (fl.157v) último e consumado fim	Ultimo & consumadissimo fim
99: ponderar muitas vezes	ponderar outras vezes
100: (fl.158r) à Lei e fé de Cristo	à Ley & verdadeira fee de Christo
101: que não têm a verdadeira fé católica	que não seguem a fee catholica
102: natural e genuíno sentido	natural & germano sentido
103: juntamente	juntamente no mesmo tempo
104: (fl.159r) segundo a ordem	conforme a ordem
105: (fl.159v) a aplicação	a applicação de S. Gregório
106: todos os Padres cujas autoridades	todas as authoridades que
107: Epístolas de S. Paulo	Epistolas do mesmo Apostolo
108: vodas de Cristo	vidas de Christo
109: (fl.160r) adorarão a Cristo	abraçarão & adorarão a Christo
110: (fl.161r) tanto...quanto	tanto...tanto
111: (fl.161v) Bento Fernandes	o Padre Bento Fernandes
112: (fl.163r) Sobre a verdade das quais palavras	Sobre a verdade ou verificação das quaes palavras

BN] A	TT] B
113: (fl.163v) chamando-se cristãos	tendo nome de cristãos
114: (fl.164r) defender com guerras	defender com guerra & armas
115: (fl.164v) Contudo a rede não se rompeu	comtudo que a rede se não rompeu
116: mais vezes e mais especialmente	muitas vezes & mais especialmente
117: (fl.165v) onde se vê também que há-de ser	onde se vê claramente que esta ha de ser
118: por essa causa	por seu peccado
119: (fl.166v) De sorte que	De modo que
120: (fl.167v) sem violência algũa podiam admitir	sem violencia do que soão, podião admittir
121: (fl.168r) em que se devem notar	em que de novo se devem notar
122: todo este edificio	toda esta fábrica
123: (fl.168v) aperfeiçoar o consumado edificio	aperfeiçoar & consumir o edificio
124: (fl.171r) em seu templo	em sua Igreja
125: como se pode ver em Belarmino...	de que se pode ver Belarmino..
126: (fl.172r) desatar os dous jumentos	desatar os dous animaes
127: (fl.175r) se contém expressamente	se contem declaradamente
128: (fl.175v) todos totalmente se extinguiram	totalmente se extinguirão
129: à fidelidade deste mesmo pacto	à fidelidade & verdade deste mesmo pacto
130: (fl.176v) disposição última da sua conversão	disposição ultima de tudo
131: (fl.177r) por seu mandado	por seu mandado & em seu nome
132: graça de Deus	graça & obediencia de Deus
133: (fl.177v) como notam os expositores	como notão alguns Santos
134: (fl.178r) depois de reduzidos e convertidos a Cristo bastava a razão	depois de penitentes & convertidos bastava a mesma razão
135: (fl.178v) De maneira que	De modo que
136: (fl.179r) A corte do Reino de Judá se chama Jerusalem	A corte do Reyno de Juda se chamava Jerusalem
137: (fl.180r) industria para os mudar nem o mesmo fogo para os extinguir	industria para os extinguir nem o mesmo fogo para os acabar
138: só falta dizer ou inquirir	só falta saber ou inquirir
139: (fl.180v) ficou totalmente impedida	foy totalmente impedida
140: lhes proibem	lhes estão proibindo
141: (fl.181r) como logo sucedeu	E assy soccedeo logo
142: ossos secos	ossos seccos & mirrados
143: (fl.181v) consta da inscrição da tábua em que eles eram significados	consta da interpretação da taboa em que elles forão escritos & erão significados
144: as dez tribos ... restituídas todas ... separadas e divididas	os dez tribus ... restituidos todos ... separados e divididos

BN] A	TT] B
145: (fl.182r) primeiro que tudo	primeiramente
146: (fl.183r) a restituição dos dous tribos foi ãa só e em um só tempo	a huma restituição dos dous tribus foy só em hum só tempo
147: (fl.184r) em suas terras	em suas proprias terras
148: (fl.184v) além do Rio Eufrates	alem daquelles rios
149: (fl.186v) a nossa desconfiança	a humana desconfiança
150: (fl.187v) faz frequente menção	faz frequentemente menção
151: (fl.188v) esta gente...conseguirem	esta gente...conseguir
152: (fl.189v) em sua cegueira	em sua perfidia
153: (fl.191r) que são os que obram mal	que são (como diz Christo) os que obrão mal
154: (fl.191v) tronco	tronco duro & aspero
155: (fl.192v) trabalhando muito	trabalhando muito & muito tempo
156: (fl.193r) hão-de estar em graça	hão de estar & andar em graça
157: o texto do Génesis, falando da formação de Eva	o texto, fallando da formação de Eva
158: (fl.193v) Salmeirão, Maldonado	Salmeirão, Jansenio, Maldonado
159: (fl.194r) Cristo, quando na cruz venceu	Christo na Cruz, quando nella venceu
160: (fl.195r) do texto referido	do texto que himos ponderando
161: (fl.195v) no livro intitulado Imagem do 1º século dela	no livro intitulado: <i>Imago Primi Saeculi Societatis</i>
162: (fl.197v) o entendimento próprio da dita sentença	o entendimento proprio & germanissimo da dita sentença
163: (fl.198v) soberania da terra	soberania do Mundo
164: (fl.203r) interpretar este texto	explicar & entender este texto
165: (fl.204r) 12000	doze mil
166: (fl.205r) tanto como	tanto quanto
167: (fl.205v) no ano de 1500 descobriu Pedro Alvrez Cabral o Brasil	no anno de 1501 descobriu Pedralvrez Cabral o Brasil
168: costa da pescaria	Costa de Choromandel
169: (fl.206r) desde o Ponto Euxino até os fins da China	desde os fins do Ponto Euxino até os da China
170: o Império da China, o qual só tem cinquenta milhões	o qual só tem e sustenta cinquenta milhões
171: (fl.206v) vestes sacerdotais	ornamentos sacerdotais
172: (fl.207v) tinha determinado a Providência	tinha decretado a Providência
173: (fl.209v) Eram estes filhos de Noé três: Sem, Cam e Jafet, e na benção de Jafet	...três, o primeyro dos quaes se chamava Sem, o segundo Cham & o terceyro Japhet; & na benção deste ultimo
174: seu avô	seu avô, Noé,
175: (fl.210r) ano de 605 e 606	annos de 605 & os seguintes
176: sinaladissimos Matemáticos	sinaladissimos astrologos

BN] A	TT] B
177: discorrem os Padres	filosofam os Padres
178: caça de altenaria	cassa de volateria
179: (fl. 212r) aplauso e triunfo (que , quando fora deles	applauso & triunfo (o qual , quando fora delles
180: (fl.212v) a 1ª das quais dá ainda de duração ao mundo 2340 anos, a 2ª 1340	a 1ª das quaes dá ainda de duração ao mundo 2.240 annos, a 2ª 1240

Quadro 7: TT] A→B - Alterações de natureza linguística e estilística (pequena extensão)

Por outro lado, há a considerar as alterações de maior extensão (cf. infra Quadro 8), bastante menos frequentes do que as de pequena e média extensão, que documentam, ainda nesta adiantada fase de construção textual, uma marcada preocupação com factores como a lógica discursiva e a economia narrativa, bem como, de forma recorrente ao longo de todas as fases do processo de construção textual, a perfeição estilística e linguística. Também nestes casos, as alterações podem prender-se com processos de exclusão, acrescento ou substituição.

De acordo com as preocupações de rigor lógico e de economia narrativa, verifica-se que as exclusões — simples ou por substituição de segmentos mais extensos por formulações de menor extensão — (exs. 1, 2, 7, 9, 12, 15, 16, 20, 22, 24-28, 31, 36, 40, 43, 44, 45, 49, 56, 57, 59, 63, 65) são contrabalançadas pelos acrescentos — que podem ser simples ou envolver processos de reformulação — resumindo-se estes praticamente apenas a questões de precisão de informação (exs. 3-6, 8, 10, 11, 13, 14, 17-19, 21, 23, 29, 30, 32-35, 39, 46, 47, 50-53, 55, 61, 62, 64, 66-70, 72-75 , 77-79).

Registam-se ainda alguns casos de substituição simples, com motivações várias, entre as quais se destacam as questões relacionadas com o aperfeiçoamento estilístico e com necessidades de clarificação e especificação (exs. 37, 38, 41, 42, 48, 58, 60, 71, 76), ainda que, no segundo caso, por vezes, a opção seja a inversa, a da generalização (ex. 54).

Em casos como o da Questão 6, em que se verificam alterações estruturais profundas no interior do respectivo texto, tais alterações, por implicarem trocas na ordem dos parágrafos, acarretam, naturalmente, modificações linguísticas e estilísticas decorrentes das respectivas necessidades de adaptação, ainda que a um nível mais amplo.

BN] A	TT] B
1: (fl.120v) algum sucesso. Não é advertência ou comento dos intérpretes, senão documento e regra do mesmo texto sagrado no capítulo 41 dos Génesis, por boca de José. Porque, referindo Faraó a José	algum sucesso. Consta do capº 41 dos Genesis, onde, referindo Faraó a José
2: (fl.120v) Mas esta queixa (como a que se faz de outras interpretações) não é bem fundada	Mas esta queixa não he demasiadamente bem fundada

3: (fl.122v) mistérios... acrescenta logo	mysterios...sicut relatu paternae traditionis instruimur, acrescenta logo
4: queriam e esperavam e persuadiam os Espanhois que fosse	dezião, querião & esperavão os Hespanhoes que fosse, & assy o escrevião, imprimião & persuadião.
5: (fl.131v) Ad Ephesius 2	diz o mesmo S. Paulo no capítulo 1º. da Epistola ad Ephesius
6: (fl.144r) nas gentes e seus Reis. Em um e outro sentido responderei à questão por três conclusões	nas gentes, ou nos reys & senhores dellas; em todos estes três sentidos responderey à questão por outras três conclusões
7: (fl.144v) universalmente sujeita ao quinto e último império, que dissemos ser o império consumado de Cristo e dos Cristãos. É expressa	universalmente sogeita a este supremo Imperio. He expressa
8: o quinto e último império, como declarou	o quinto & ultimo Imperio, que he o de Cristo, como declarou
9: no texto já alegado, e que ainda se tornará a alegar, do capítulo 14	no famoso texto do capitulo 14
10: (fl.146r) de que a orla da sua púrpura se verá bordada e escrita	de que a orla da sua purpura se verá (como neste mesmo lugar a vio S. João) bordada & escrita
11: (fl.146v) O título <i>Rex Judeorum</i>, em Saul	Porque se deve notar que o titulo <i>Rex Judeorum</i>, em Saul
12: como bem notou S. Agostinho, Sermone 2º de Epiphania	Como bem notou S. Agostinho
13: ...Cânticos; e de Scherlogo	...Cânticos, onde, referindo esta opinião & a contraria, diz: <i>huic ego adhaereo</i>; e de Scherlogo
14: (fl.147r) como se as entendera melhor quem as interpreta	como se as entendera melhor, & o que nellas se quis dizer, quem as interpreta
15: toda esta consumada grandeza sobre todos os Reis, sobre todas as gentes e sobre todas as terras do mundo, não sucessivamente	toda esta consumada grandeza, não sucessivamente
16: a pedra que derrubou a estátua, depois de crescer, encheu toda a terra	a pedra que derrubou a estatua encheo toda a terra
17: tivera muitas partes vazias	tivera (como hoje tem) muitas partes vazias
18: reinos e impérios que o império de Cristo desfez	reynos & imperios ou mais ou menos antigos que o Império de Christo desfez
19: (fl.147v) há-de estar chea toda da majestade de Cristo e da grandeza de seu império, bem se conclui que há-de ser grandeza permanente, simultânea e no mesmo tempo, e não em diversos e sucessivos.	ha de estar chea toda do Império de Cristo & de sua magestade, como diz David: <i>Replebitur majestate ejus omnis terra</i>, bem se conclue que esta grandeza ha de ser permanente...em diversos e successiva

<p>20: ...grandeza. Por isso David lhe chama: Rex Magnus super omnem terram, e à sua corte: civitas Magni Regis. Grande Rei, grande corte, grande reino, e se fosse menor sua grandeza não seria grande.</p>	<p>...grandeza.</p>
<p>21: erit dominus unus; não se pode verificar</p>	<p>erit dominus unus et nomen ejus unum: não se pode</p>
<p>22: as gentes de todos os fins da terra, isto é, de todas as partes do mundo. Carlos Quinto</p>	<p>as gentes de todos os fins da terra. Carlos Quinto</p>
<p>23: (fl.148r) que antigamente lhe foram sojeitos, mas esses mesmos</p>	<p>que antigamente lhe foram sojeitos, & que quando acquire huns na Asia & na America, perca outros na Africa & na Europa; mas esses mesmos</p>
<p>24: a consumada posse de sua herança. E esta é, sem dúvida, a posse inteira, universal e simultânea que o Eterno Padre lhe tem prometido, e não a posse sucessiva, imperfeita, mutilada e indigna do nome de posse, que tanto contra a majestade e grandeza do Império de Cristo e tão fora do sentido natural deste texto se tem inventado.</p>	<p>a consumada posse de sua herança.</p>
<p>25: e não a significação. De futuro, disse Deus a Abraão que daria a seus descendentes a terra dos Cananeus: Semini tuo dabo terram hanc, e sendo trinta e um os Reis que habitavam e dominavam aquela terra, como se lê no livro de Josué, nem por isso se entenderia bem que a posse dela pelos descendentes de Abraão havia de ser sucessiva, como não foi, senão simultânea, total, inteira e no mesmo tempo, por muitos séculos de anos. Porque havemos logo</p>	<p>& não a significação. Porque avemos logo</p>

<p>26: (fl.149r) no mesmo tempo. Assi advertiu o mesmo David, como tão grande músico no Cântico de Acção de Graças sobre as misericórdias de Deus (que é o salmo 107), no qual, convocando diversas vozes, advertiu que todas haviam de cantar juntamente e no mesmo tempo: Dicat nunc Israel quoniam bonus quiam in saeculum misericordia eius. Dicant nunc qui timent Dominum quoniam in saeculum misericordia eius. As vozes eram três, e três vezes repetiu David Dicat nunc, porque se Israel canta há-de ser nunc, e se Arão canta há-de ser nunc, e se os que temem a Deus cantam há-de ser nunc, so pena de não fazerem consonância nem harmonia se não cantarem todos no mesmo tempo. E assi cantará também toda a terra quando Cristo reinar em toda ela: cantate domino omnis terra quoniam Rex omnis terrae Deus. Ainda é mais irrefragável</p>	<p>no mesmo tempo. Ainda é mais irrefragável</p>
<p>27: subiecit ei omnia. Eum autem subiecta fuerint ei omnia, tunc et ipse filius subiectus erit ei qui subiecit sibi omnia vere Deus omnia in omnibus. Quer dizer S. Paulo</p>	<p>subiecit ei omnia. Quer dizer S. Paulo</p>
<p>28: (fl.150v) Esta questão é ùa das principais e mais importantes de todo este discurso, a que satisfarei por duas conclusões. E ùa das quais será explicação da outra. Em 1º lugar, digo que no estado perfeito da Igreja e império consumado de Cristo todo o mundo universalmente há-de ser cristão</p>	<p>Respondo que, no dito estado do Império de Cristo & augmento & perfeição consumada de sua Igreja, todo o mundo universalmente ha de ser christão</p>
<p>29: (fl.151r) até os fins da terra. Ao que se responde</p>	<p>até os fins da terra: et a flumine usque ad terminos orbis terrarum? Ao que se responde</p>
<p>30: E por isso no salmo 28 compara com bem discreta propriedade o bautismo do mesmo mundo ao dilúvio: dominus</p>	<p>Em confirmação deste bautismo universal do Mundo, o compara o mesmo Profeta com bem discreta propriedade ao diluvio de que já acima fizemos menção: Dominus</p>
<p>31: (fl.151v) o Ecclesiástico, não em um só, senão em dous lugares, no capítulo 39: Benedictio</p>	<p>o Ecclesiastico, no capítulo 39 onde diz: Benedictio</p>

32: adorassem os ídolos , dali por diante	adorassem os idolos & lhe não dessem a elle a devida reverencia , dally por diante
33: Deus e Senhor. E que esta grande mudança	Deos & Senhor: quoniam omnes gentes venient et adorabunt in conspectu tuo. E a esta grande mudança
34: (fl.152r) lhe chamam nomeadamente: Rex saeculorum , Rei dos séculos e dos tempos, conhecendo	lhe chamão nomeadamente <i>Rey dos seculos & dos tempos</i> : justae et rectae sunt viae tuae, Rex saeculorum ; conhecendo
35: um só nome , que é o do mesmo Cristo chamando-se cristão	hum só nome_nomen ejus unum_ que he o nome do mesmo Christo chamando-se todo Christão
36: (fl.152v) ũa só fé de Cristo e conhecimento de sua divindade. É texto	hũa só fee de Christo. He texto
37: Deste texto e de todos os outros consta em geral	Dos quaes textos & fundamentos todos, consta em geral
38: (fl.153r) Antes de provar directamente esta conclusão, para que se veja quão maravilhosa obra será da omnipotência divina a união do Povo Judaico e Gentílico na mesma fé, mostrarei brevemente a dificuldade dela.	Este he aquelle novo povo que avia de nascer & Deos avia de fazer no mundo, como profetizou David no <i>Psalmo 21</i>, que todo he da Paxão de Christo & dos efeitos della: <i>Annuntiabitur Domino generatio ventura; populo qui nascetur, quem facit Dominus.</i>
39: (fl.154r) E quando assi estiverem dominados então estarão	E quando assy estiverem dominados & sogeitos a Christo então estarão
40: (fl.154v) <i>venite et ambulemus</i> , denotando a união e conformidade que há-de haver entre um e outro povo, e acrescentam <i>in lumine domini</i> para significar a luz da fé e a cegueira do Povo Judaico	<i>venite et ambulemus in lumine Domini</i> , denotando a união & conformidade que ha de aver entre hum & outro Povo alumiados e para significar a luz da fé em a mesma fee.
41: (fl.155r) falando Cristo dos Judeus em metáfora de pastor com nome de ovelhas	fallando Christo de sy & dos homens em metáfora de pastor & de ovelhas
42: (fl.155v) não só foi tirar e desfazer a parede entremea que dividia os dous Povos Gentílico e Judaico (como dizia, pouco há, S. Paulo aos Efésios) mas significar	não só foy tirar e desfazer a parede entremea (como diz S. Paulo) & a distinção & diferença que dividia os dous Povos Gentílico & Judaico, mas significar

43: (fl.157r) ũa só cabana. Esta foi também a ignorância de Pedro em querer fazer três cabanas (que é o <i>tabernaculum pastorum</i>) quando viu a Cristo resplandecente como o sol, não advertindo que naquele Meio Dia de sua glória nem Moisés nem Isaías hão-de ter cabana, e que a de Cristo (como ali era) há-de ser o mundo. Agora ponderemos	huma só cabana. Agora ponderemos
44: (fl.158r) succidi tres pastores in mense uno, havendo-se endurecido a minha alma contra eles (diz Deus) porque as havia variado contra mim. Estes três pastores	succidi tres pastores in mense uno. Estes três pastores
45: Cristo não devia dizer naquelas palavras senão o que determinava fazer...e decreto é o que acabamos de mostrar que está revelado nos Profetas e por muitos outros textos de todos eles que já temos referido e ainda alegaremos	Christo disse naquellas palavras o que avia & determinava fazer...& decreto he o que está revellado nos Profetas, como acabamos de mostrar & pellos textos que allegaremos
46: (fl.161r) foi o mesmo que o dos Reis, os quais começaram em Menrod, neto de Cam, filho 3º de Noé.	foy o mesmo que o do reynar ou o dos reys; os quaes começarão em Nemrod, neto de Cham, filho segundo de Noé.
47: do baptismo, o qual por isso, como diz S. Paulo, é figura da morte e ressurreição de Cristo, porque entrando e saindo dele o mesmo homem, morre ali com toda a verdade um Gentio e nace de novo um Cristão.	do baptismo, o qual juntamente he morte & ressurreição dos que o recebem. Por isso disse S. Paulo que no baptismo eramos sepultados & ressuscitavamos com Christo, porque com huma morte & ressurreição mais breve que a sua, entrando & saindo do baptismo, o mesmo homem morre assy com toda a verdade.
48: A mesma conversão universal dos Gentios e extinção da Idolatria	A mesma extinção da Gentilidade & conversão universal dos Gentios
49: (fl.162r) Beato Sulpitio Severo, discípulo de S. Martinho Bispo	Beato Sulpitio Severo
50: daquela opinião comum tomaram motivo	daquella opinião commum, ajudada não pouco com a de que o mundo se acabava, tomárão motivo
51: (fl.162v) defende eruditamente Madeira	defende erudita & copiosamente o Doutor Madeira
52: deixada a seus discípulos	deixada a seus discipulos & conservada entre elles
53: o Irmão Alonso Roiz, religioso	o Irmão Alonço Rodriguez, religioso da Companhia de Jhesus

54: (fl.163v) como se pode ver em Glislerio, Almonacirio, Cornélio e nos demais	como se pode ver em muitos dos Expositores deste lugar
55: (fl.165v) explicando a amargura deles com a célebre metáfora de caliz, o qual diz que Deus finalmente lho há-de tirar da mão: Elevare	explicando a amargura delles dabaxo da metáfora de caliz, conclue que ha de vir tempo em que Deos lhe tire da mão o dito caliz para sempre, espertando & levantandose aquelle povo do sono & cegueira em que jaz: Elevare
56: Deixo outros muitos textos de Isaías, e só refiro o do capítulo 54, em que Deus, com nome e metáfora de esposo, promete ao Povo Judaico que o tornará a receber	No capº. 54 do mesmo Profeta torna elle a prometter ao Povo Judaico, no estado presente, que Deos o tornará a receber
57: (fl.166v) argumenta com ella...ó Romanos (diz S. Paulo) no tempo	argumenta S. Paulo com ella...ó Romanos, no tempo
58: sucedendo a sua fé e unindo-se com a vossa	soccedendo a sua fee à vossa & unidos com ella
59:(fl.168r) Respondo brevissimamente que a fé...do mundo, em cuja prova e confirmação gastámos as questões passadas, e a extinção	respondo que a fee...do Mundo, & a extinção
60: dissemos nas duas questões, 15 e 16	dissemos nas três questões _ 11, 12 & 13
61: (fl.168v) estado de mininos	estado de mininos (que he o presente em tanta parte do mundo)
62: (fl.169r) Esta explicação é de todos os Doutores. E não me detenho agora em refutar a opinião diversa porque o farei adiante.	Esta explicação, sobre ser tam natural das palavras do texto, he de todos os Doutores acima citados; & adiante tornaremos a fallar neste mesmo texto.
63: (fl.171v) aquae operientes terram, que são as águas do Baptismo com que o mundo então todo há-de ser coberto, renacido ex aqua et spiritu sancto, em figura do qual mistério quando a terra naceu foi toda coberta de águas, mas de águas sobre as quais o mesmo Espírito Santo assistia e infundia: spiritus Domini ferebatur super aquas.	aquae operientes terram. Assy entende estes textos, alem de outros Autores, & os pondera mais copiosamente, Hortollano, afirmando que ainda não estão cumpridos, como parece, mais que inchoada ou incompletamente.
64: (fl.178r) a restituição dos Judeus à sua pátria, depois de reduzidos	a restituição dos Judeos a sua Patria & a suspensão de qualquer outro castigo, depois de penitentes
65: (fl.178v) hão-de cumprir a condição com tanta exacção e inteireza como acabamos de dizer, também	hão de cumprir a condição, tambem
66: como tantas vezes está prometido	como nestes & noutros muitos lugares está prometido

67: (fl.182r) a qual é tão absoluta como consta	a qual he tão absoluta como suppoem todos os doutores & como consta
68: (fl.183r) não se sabe deles	não se sabe delles, nem o caminho que levarão
69: (fl.184r) ex sabatho, em que também se declara que todo o mundo então será Cristão: Veniet	ex sabbato: às quaes ajunta logo que naquelle tempo todas as naçoens do mundo conhecerão a Deos, & todos serão christaons: ...veniet
70: (fl.186r) os autores acima citados. Mas	os autores acima citados, & outros sobre cuja authoridade fique a applicação dos presentes textos. Mas
71: (fl.188v) mas os livros sagrados e divinos, ditados pela boca	mas as Escrituras Sagradas & divinas ditadas pela Boca
72: os meios de que Cristo usava, concedendo...quando pregava aos homens	os meyoys de que Christo usava (pregando ao mesmo povo) concedendo...quando exhortava aos homens
73: (fl.190r) possuidores do Reino universal, são os habitadores	possuidores de quanto cobre o ceo (como ally se diz), são os habitadores
74: a que fazem aos metais vis os metais mais preciosos, e finalmente, sem metáfora, diz claramente que naquele tempo não haverá maldades	a que fazem aos lenhos os metaes, & aos metaes vis os preciosos, & aos preciosos os preciosissimos; & por fim diz, claramente & sem metáfora, que por aquelle tempo não averá maldades
75: (fl.191v) e consumada da Igreja de que falamos	& consumada da Igreja, que o <i>Ecclesiastico</i> diz deixa profetizada, só para aquelles que buscão a sabedoria.
76: (fl.195r) e que escrevesse o Evangelista que estas suas palavras	& lhe mandou que escrevesse que esta sua promessa & palavras
77: (fl.196v) de serem muitas. E no exemplo	de serem muitas as ditas salvaçoens, pois tiverão tal Redentor & tem tal Protector. E se confirma com o exemplo
78: (fl.205v) com nome de Antilhas e desde	com nome de Antilhas como tudo refere João de Barros na 1ª. Decada da Asia, Osorio, Espondano & todos, & desde aqueles
79: (213r) supponho nele a contrária. Se o fundamento	supponho nelle a contraria, & accreento que basta que de cada vinte homens seja hum só predestinado, para se seguir a consequencia do dito argumento. Se o fundamento

Quadro 8: TT] A→B: Alterações de natureza linguística e estilística (média e grande dimensão)

Neste grupo incluem-se ainda supressões, substituições e acrescentos de maior extensão, que, naturalmente, não transcrevemos, mas que se podem facilmente seguir na nossa edição:

- (fl.149v) supressão de texto relativo ao Império de Cristo consumado enquanto simultâneo e permanente, com referência ao Rei temporal que há-de ser o instrumento desta conquista;
- (fl.153r) substituição por frase resumo da narração de várias pasagens dos *Actos dos Apóstolos* relativos à união dos povos Gentílico e Judaico na fé de Cristo, indicando-se apenas alguns dos lugares e excluindo-se outros;
- (fl.158r) supressão de texto sobre o mesmo tema, relativo à Carta de S. Paulo aos Efésios, suprimido, talvez por se repetir em relação ao final da questão anterior;
- (fl.165r/v) supressão de passos relativos à conversão do Povo Judaico, por misericórdia divina e não por merecimento próprio: capítulo 28 de Isaías e parte do cap 51, também de Isaías;
- (fl.166r) acrescento em TT de três parágrafos sobre a conversão universal do Povo Judaico, os quais vêm possivelmente substituir os parágrafos anulados atrás em BN sobre o mesmo tema (fl 165) e substituem directamente nove linhas de texto anulado em BN;
- (fl.175v) acrescento de um parágrafo em TT, relativo a *Sabedoria*, 12, sobre o pacto de restituição dos Judeus;
- (fl.178v) acrescento em TT de um parágrafo, também sobre a restituição dos Judeus, que substitui e desenvolve uma frase anulada e não substituída em BN, provavelmente no momento de cópia;
- (fl.184v) desenvolvimento em TT do lugar citado de Miqueias, explicando o significado da expressão "Relíquias de Israel";
- (fl.187v/188r) supressão de fragmento sobre as identidades do Messias, o qual, na realidade, apenas sublinha o que é dito antes e depois;
- (fl. 209r) substituição de pequeno fragmento sobre o destino de Portugal e do seu Rei para imperador do mundo.

3.2.3. - Auto-censura na "Representação Segunda"?

O processo que temos vindo a classificar como auto-censura é, na "Representação Segunda", não propriamente mais abundante, mas essencialmente mais "visível", na medida em que os exemplos deste tipo de comportamento assumem, nesta Representação, proporções que a natureza dos casos detectados na "Representação Primeira" não nos permitiria esperar (cf. infra Quadro 9).

A par de casos idênticos aos já identificados, essencialmente de moderação de afirmações, encontramos agora, e também em maior número, casos bastante mais típicos de auto-censura, que se traduzem, nomeadamente, na supressão de palavras e expressões

que poderíamos classificar como comprometedoras e que, por vezes, assumem, no manuscrito BN, que, pela sua natureza de rascunho, está bastante mais próximo do discurso interior de Vieira, proporções de verdadeiros desabafos, em que é possível auscultar todos os sentimentos que tumultuosamente dominariam o seu espírito enquanto redigia a *Representação*.

Os exemplos 3, 5, 9, 11, 12 e 17 entram no grupo, mais numeroso e já identificado na "Representação Primeira", dos casos de simples moderação de afirmações. Neste caso, tal moderação assume formas diferentes das registadas naquela Representação e apresenta uma interessante homogeneidade de meios: dos seis casos identificados, quatro consistem na substituição, ou apresentação em alternativa, de formas verbais no presente (exs. 3, 5, 12) ou no futuro do presente (ex. 17) por, ou com, idênticas formas no pretérito imperfeito, reflectindo a substituição de formas de presente por formas do pretérito o pretense abandono das ideias defendidas. No momento de redacção da *Representação*, Vieira pretendia apresentar tais ideias aos Inquisidores como pertencendo já ao passado, de acordo com a declaração de intenções inicial³⁹, isto é, pretendia apresentá-las como pertencendo ao tempo em que tais proposições ainda não tinham sido qualificadas pelo Santo Ofício e, como tal, ainda eram legítimas. A estes casos, que ocorrem no decorrer da cópia a limpo, junta-se um outro, idêntico mas resultado aparentemente do momento de leitura produtiva, em BN: (fl. 173r) "...sentença que imos seguindo > sentença que tivemos pensamento de seguir. Ainda que por diferentes meios, os dois exemplos restantes juntam-se a estes mesmos fins: o exemplo 9 porque reflecte uma concessão à opinião contrária à sua (*possa haver > possa haver e haja*) e o exemplo 12 porque, em sentido inverso ao do exemplo anterior, assume a sua própria opinião apenas como *mais provável* em vez de *verdadeira*, verificando-se, em ambos os casos, uma pretensa flexibilidade de opiniões muito ao gosto do Sagrado Tribunal.

Um segundo grupo de exemplos que consideramos como manifestações de auto-censura é o das alterações que visam a legitimação das opiniões defendidas, sempre por idêntico processo: sublinhar a autoria de tais opiniões como sendo, não sua, mas de autoridades absolutamente indiscutíveis e consensuais, tais como *os Padres* ou *S. Paulo* ou as *Escrituras*. Nos exemplos 1, 8 e 13 é particularmente evidente a busca de apoios sólidos para as opiniões defendidas. Em casos como os dos exemplos 6 e 16 o mesmo propósito manifesta-se de forma mais subtil: no exemplo 6, suprimindo, juntamente com a repetição de uma dessas atribuições a outrem de opiniões por ele defendidas, o potencialmente comprometedor inciso em que admitia a hipótese de, em determinados casos, a sua própria opinião ser suficiente para fazer fé; no exemplo 16, suprimindo uma referência, não personalizada mas eventualmente personalizável, aos opositores de determinadas ideias de S. Jerónimo.

Bastante mais personalizável é a censura, presente em BN e só muito superficialmente velada, àqueles que, do grande edifício que Vieira pretendia erguer *primeiro quiseram ver as ruínas do que a fábrica* (ex. 2). Tão clara alusão aos seus perseguidores exigia, naturalmente, uma contenção que Vieira ensaia na passagem para TT, ao substituir a mal disfarçada censura aos juizes humanos por uma pretensa atitude de submissão cristã aos desígnios divinos.

Finalmente, o grupo mais significativo entre os que temos vindo a referir é o que é constituído pelos exemplos 4, 7, 10, 14 e 15. Nestes cinco casos, com particular incidência no exemplo 10, encontramos mais visível do que em qualquer dos restantes

³⁹ Cf. HC, ob. cit., vol. I, pp. 3-6.

lugares referidos a mal contida revolta de Vieira misturada com a mais amarga desilusão, expressa tanto nos desabafos dos exemplos 4, 7, 10 e 15 como na ironia do exemplo 14.

BNJ A	TTJ B
1: (fl.129r) (como dissemos)	(como dizem os Padres)
2: (fl.129v) este infelice edificio em que primeiro se quiseram ver as ruínas do que a fábrica.	este infelice edificio em que primeyro permitio Deos que se vissem as ruinas do que a fabrica
3: (fl.146v) a mesma probabilidade que reconhecemos	a mesma probabilidade que reconhecemos, ou reconheciamos
4: (fl.148v) as balizas que Deus lhe tem posto? Queira o mesmo Deus que não seja culpa o querer-lhas sustentar e defender. Os três textos	as balizas que Deos lhe tem posto? Os três textos
5: (fl.150v) tenho por mais provavel	tinha por mais provavel
6: todo o mundo há-de ser cristão. Traga-se à memória o que dissemos na dita questão 5ª, e ver-se-á como esta consequência não é nossa (posto que bastava que o fosse, sendo tão formal), mas que é suposição certa e assentada e linguagem comum e corrente de todas as Escrituras, vindo pois a prova da nossa conclusão, em que dissemos que no império consumado de Cristo todo o mundo universalmente há-de ser cristão. Prova-se 1º	todo o mundo ha de ser christão. Prova-se 2º.
7: (fl.152v) porque as dependências (quando não sejam repugnâncias) desta gloriosa verdade	porque as dependencias desta gloriosa verdade
8: (fl.166v) Ao qual texto podemos ajuntar	Ao qual texto (cuja interpretação depois de a dar S. Paulo he de fee) podemos ajuntar
9: (fl.185v) Não nego que nela e sobre ela possa haver diversas alegorias	Não nego que nella e sobre ella possa aver & haja diversas allegorias
10: (fl.188v) desta nossa concordata, de cujo estudo e zelo esperávamos bem diferentes efeitos dos que experimentamos, sendo companheiros dos Judeus nas afrontas quando cuidávamos que havíamos de ser o instrumento de sua conversão. O maior	desta nossa concordata. O mayor
11: (fl.190r) por ser a verdadeira	por ser a verdadeira ou mais provavel
12: (fl.194r) tenho os fundamentos seguintes	tenho, ou tinha, os fundamentos seguintes

BNJ A	TTJ B
13: (fl.195v) segundo a mais comum opinião	segundo a mais commum opinião & mais conforme às <i>Escrituras</i>
14: (fl.199r) das almas, assi que na interpretação destes autores, todos aqueles instrumentos bélicos de que tão miúda e expressamente falam as profecias são arcos espirituais e escudos espirituais e lanças e espadas espirituais e também arados espirituais. Mas esta espiritualíssima opinião	das almas. Mas esta opinião
15: que fora mais coerente conceder. Mas isto mesmo acontece em todas as ciências. A lei	que fora mais coerente conceder. A Ley
16: (fl.206v) S. Jerónimo...mais pelo que peregrinou, e havendo quem impugne muitas das cousas que discorreu este grande Doutor, ninguém há que não siga e crea as que exprimentou e viu. Por isso	S. Jeronimo...mais pelo que peregrinou. E se elle se confessa discipulo de Symacho, de Santo Hilario, de S. Gregorio Nazianzeno & de Arrabano, a França, a Grecia & a Palestina o fizerão Mestre. Por isso
17: (fl.213r) é ou há-de ser Príncipe Português	he ou avia de ser Principe Portuguez

Quadro 9: TTJ A→B - Alterações de conteúdo

Juntando os casos de provável auto-censura acima apresentados aos identificados na "Representação Primeira" e àqueles que, na "Representação Segunda", envolvem alterações estruturais, somos levados a concluir que a censura, enquanto processo consciente de controlo dos significantes linguísticos em função de determinados significados a veicular para um determinado receptor, existe, de facto, na *Representação* e se concentra nos momentos de revisão do texto e de passagem a limpo do mesmo, sendo este último momento, ele próprio, também um derradeiro momento de revisão.

Este processo não é, contudo, tão visível como à partida se poderia esperar, em função dos condicionalismos externos que envolvem a redacção do texto. Há, no entanto, que ter em conta que, muito provavelmente, terão sido esses mesmos condicionalismos os responsáveis pela escassez de marcas de auto-censura no manuscrito. Para explicar este aparente paradoxo bastará lembrar que, encontrando-se preso, Vieira não poderia garantir que mesmo os seus rascunhos não lhe viessem a ser confiscados e usados contra si, o que, aliás, já anteriormente acontecera⁴⁰. Este facto, por si só, deverá ter sido suficiente para levar o autor a transpor quase todos os procedimentos de auto-censura para o momento de elaboração mental do texto, restando assim, no manuscrito, apenas escassos, mas ainda assim esclarecedores,

⁴⁰ Cf. "Defesa do Livro intitulado «Quinto império», Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, p. 108: "O terceiro papel foram os cadernos de apontamentos...sendo-me ordenado que os deixasse, contra minha vontade e tenção o fiz..."

vestígios do intenso processo prévio de auto-censura a que a *Representação* terá sido submetida.

4 - A importância da carta *Esperanças de Portugal* e da *Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»*.

A *Representação* surge, como vimos, no universo da obra completa de Vieira, como a única exposição completa, ainda que muito abreviada, da temática quinto-imperial que influenciou toda a sua vida e obra, com particular relevância desde a Restauração, sendo esse um dos motivos do grande interesse desta peça bibliográfica. No entanto, tratando-se, como é sabido, de um texto redigido em situação de clausura, com todas as limitações materiais daí advenientes, e dirigido em primeira mão ao tribunal da Inquisição, há inevitavelmente que colocar, para além da questão da auto-censura visível nas marcas de manipulação textual, que acima analisámos, uma outra: a da sinceridade das opiniões e argumentos nele expendidos, isto é, a da auto-censura ao nível da elaboração mental do texto, que terá sido, como também vimos, predominante.

É neste ponto que se torna fundamental a análise de duas peças bibliográficas, intimamente relacionadas com a *Representação*, as quais consideramos um complemento fundamental da análise genética por nós efectuada com vista à compreensão da *Representação* enquanto fruto de uma situação tendencialmente geradora de auto-censura: referimo-nos à carta *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo* e à *Defesa do Livro intitulado «Quinto império»*.

A primeira constitui o móbil do processo movido contra Vieira e pode resumir-se, como o faz o próprio autor no início da carta, neste extraordinário silogismo, já referido em I, 1, que virá a constituir a matéria central da primeira *Representação*: "*O Bandarra é verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que El-rei D. João o quarto há-de obrar muitas cousas que ainda não obrou, nem pode obrar senão ressuscitando; logo, El-rei D. João o quarto há-de ressuscitar*"⁴¹.

No desenvolvimento do silogismo, segue-se, em primeiro lugar, a prova da consequência: "...*se Bandarra é verdadeiro profeta, como se supõe, segue-se que infalivelmente se hão-de cumprir suas profecias, e que há-de obrar El-rei D. João as cousas que o Bandarra tem profetizado dele; e como estas cousas não as pode obrar El-rei estando morto, como está, segue-se com a mesma infalibilidade que há-de ressuscitar*"⁴², através da polémica comparação da situação em causa com a de Abraão, quando Deus, depois de lhe prometer que Isaac seria o fundamento da sua descendência, lhe ordenou que o sacrificasse, tendo Abraão concluído daí que, se Deus lhe tinha prometido coisas que haviam de ser realizadas por Isaac, as quais ainda não estavam cumpridas, e lhe mandava matar o mesmo Isaac, então Deus haveria de o ressuscitar para que pudesse cumprir os feitos que lhe tinha profetizado⁴³. A ousadia da prova é evidente na comparação implícita que estabelece entre o próprio Vieira e Abraão, por um lado: "*Esta foi a consequência de Abraão, e esta é a minha...*"⁴⁴, e, o que é mais gravoso para a ortodoxia religiosa, entre as promessas de Deus e as trovas do sapateiro. Este mesmo ponto constitui uma das nove proposições censuradas e qualificadas em Roma e

⁴¹ "*Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*", idem, p. 2, ls. 6-11.

⁴² ibidem, p. 3.

⁴³ Cf. Hebreus 11: 17 e 18.

⁴⁴ "*Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*", Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI. p. 3, l. 15.

mencionadas na Sentença como sendo "*umas contra o comum sentido católico, fátuas, temerárias e escandalosas, e outras que ofendiam as orelhas dos pios e fiéis católicos e eram erróneas e injuriosas aos Santos Padres e Escritura Sagrada, e tinham sabor de heresia*"⁴⁵.

Provada a consequência do silogismo, o resto da carta é dedicado a provar, nos limites da extensão permitida no género epistolar, as duas proposições: que Bandarra é verdadeiro profeta: "*A verdadeira prova do espírito profético nos homens é o sucesso das cousas profetizadas (...) Não se pode logo negar que Bandarra foi verdadeiro profeta, pois profetizou e escreveu tantos anos antes tantas cousas, tão exactas, tão miúdas e tão particulares, que vimos todas cumpridas com nossos olhos...*"⁴⁶; que o instrumento dos grandes feitos profetizados e ainda não cumpridos será D. João IV: "*Resta agora ver se profetizou Bandarra alguma cousa de El-rei D. João que ainda não esteja cumprida, que é o segundo fundamento da nossa consequência*"⁴⁷. Em ambos os casos a prova depende exclusivamente da interpretação das *Trovas*, que o próprio Vieira admite não ser, em muitos casos, consensual: "*Bem vejo que haverá quem duvide alguma das explicações que dou aos textos referidos...*".

Na realidade, é praticamente impossível uma interpretação única e consensual de textos desta natureza, que, dado o seu carácter metafórico, se prestam invariavelmente a múltiplas interpretações. No caso das *Trovas*, acrescia a esta dificuldade o facto de, nos manuscritos disponíveis na época de Vieira, estas circularem frequentemente "*viciadas e corruptas...*"⁴⁸. A estas e outras objecções, porém, respondia Vieira com a sua conhecida facilidade de concepção, argumentação e expressão, resumidamente na carta *Esperanças de Portugal* e, mais tarde, na 1ª Representação da sua defesa, de forma substancialmente mais alargada e fundamentada.

Na base das convicções defendidas estava uma fé genuína, inabalável, mesmo quando os acontecimentos pareciam querer desmenti-las. Nesta mesma carta, a propósito de uma das suas interpretações das *Trovas*, em que identificava o "Fronteiro do Reino de trás da serra", referido por Bandarra, com Joane Mendes de Vasconcelos, então Fronteiro de Trás-os-Montes, encontramos um bom exemplo da forma como Vieira contornava os escolhos que se opunham às suas interpretações. Embora reconhecendo que "*parece errou minha conjectura na explicação ou na aplicação destes versos...*", em virtude da então recente prisão do dito Fronteiro por suspeitas de traição, facilmente readapta as palavras da copla, fornecendo, não uma, mas duas novas explicações possíveis para os mesmos versos.⁴⁹ Esta mesma facilidade de adaptação dos factos às suas próprias interpretações das profecias está presente em toda a obra profética de Vieira, em relação a uma série de aspectos fulcrais da sua visão quinto-imperial, que vão sendo sucessivamente adaptados e readaptados entre 1649, data da redacção das primeiras páginas da *História do Futuro*, e 1671-1696, na *Clavis Prophetarum*.

Um dos aspectos mais salientes na interpretação vieiriana das profecias sobre o Quinto Império é precisamente o da identificação do Encoberto com D. João IV, a quem estariam predestinados os grandes feitos que conduziriam à instauração do Quinto Império ou Reino consumado de Cristo na terra. É particularmente esclarecedora quanto

⁴⁵ Cf. "Sentença que no Tribunal do Santo Officio de Coimbra se leu ao Padre António Vieira", *idem*, pp. 180-236 (pp. 181-182).

⁴⁶ "Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo", *idem*, pp. 4 -5.

⁴⁷ *ibidem*, p. 18.

⁴⁸ 1ª Representação, fl. 109r de BN.

⁴⁹ Cf. "Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo", *idem*, pp. 14 - 16.

à facilidade de concepção de Vieira a evolução registada no seu pensamento em relação a esta personalidade, a quem, como é sabido, o ligavam fortes laços pessoais.

Quando, em 1659, escreve a carta *Esperanças de Portugal*, ao bispo do Japão, é evidente a convicção de que o instrumento temporal do Império de Cristo haveria de ser D. João IV, chegando tal convicção a ponto de lograr contornar o único obstáculo normalmente incontornável, a morte: "*Assim o disse em sua vida, assim o preguei em suas exéquias, assim o creio e espero; e assim o devem crer e esperar, por infalível consequência, todos os que tiverem a Bandarra por verdadeiro profeta*"⁵⁰. Tratando-se de uma carta particular, dirigida ao confessor da rainha, não há razões para duvidar da profunda e genuína convicção destas palavras, tão eloquentemente expressa através da construção anafórica. Aliás, a ideia já não era nova, como se depreende das próprias palavras de Vieira, e os factos confirmam; era um dos aspectos a focar na *História do Futuro* (em elaboração pelo menos desde 1649, mas provavelmente pensada desde a Restauração) e fora publicamente sustentada no "Sermão de Salvaterra", quando o Rei se encontrava já gravemente enfermo e com poucas hipóteses de recuperação, e, depois da sua morte, no "Sermão das Exéquias".⁵¹

Em 1665-66, porém, reinando D. Afonso VI, quando, já réu do Santo Ofício e encarcerado, escreve a *Representação*, é outra a sua posição: "*Foi feito unicamente aquele papel [a carta Esperanças de Portugal] para alivio da Rainha nossa Senhora, na ocasião da morte d' El-rei e remetido em segredo por mãos de seu Confessor (...) a galantaria ou cortesia do assunto, por sua matéria, havia de ser também tomada por galantaria, e não tão seriamente como experimento*"⁵², reiterada ainda em termos mais claros na defesa abreviada, *Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»*, que apresentou, sem conseguir que lhe fosse aceite pelos Inquisidores, em 1666-67: "*...satisfazendo ao fortíssimo argumento da sua morte [de D. João IV], com exemplos e razões que mandei à Rainha nossa Senhora, no papel deste assunto [a carta], por ser o que naquela ocasião podia servir de alívio a S. M., sendo, porém, certo que o meu intento não era resolver, por último, que o Senhor Rei D. João fosse ou houvesse de ser o prometido Imperador (...) verdade era dedicar eu este livro [a História do Futuro] a El-rei D. Afonso VI, que Deus guarde, e concluir, por remate de tudo, haver S. M. ser o futuro Imperador (...) provando esta final resolução com a cláusula do mesmo juramento do Rei e promessa de Cristo (...) o relativo — in ipsa — não se referia à décima sexta geração, que foi El-rei D. João IV, senão à prole da décima sexta geração, que é El-rei D. Afonso*"⁵³. Tudo muda entre a carta e as defesas: a pessoa do futuro imperador temporal deixa de ser o rei morto e passa a ser o rei vivo e reinante e a fundamentação da tese passa a ser feita, já não pelas *Trovas* do Bandarra, mas pelas palavras que a lenda de Ourique põe na boca de Cristo: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire (...) usque ad decimam sextam generationem in qua atenuabitur proles, et in ipsa sic atenuata respiciam et videbo*⁵⁴.

Naturalmente, e ao contrário das afirmações feitas na carta, estas, pelas circunstâncias peculiares em que são redigidas, devem ser encaradas com alguma

⁵⁰ *ibidem*, p. 3.

⁵¹ Estes sermões, de acordo com declarações do próprio Vieira, nunca terão sido escritos, mas apenas improvisados no púlpito. No entanto, o segundo anda impresso na edição que usamos, ainda que de forma muito imperfeita, visivelmente não lapidada.

⁵² 1ª *Representação*, Cidade, ob. cit., vol. I, p. 7.

⁵³ "*Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»*", Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, p. 103.

⁵⁴ Cf. *Crónica de Cister*, (1602), Liv. III, cap. II, e também *Monarquia Lusitana*, (1630-32), Parte III, Liv. X, cap. V.

precaução. É, pelo menos, bastante provável que não correspondam ao pensamento de Vieira, mas sim ao que os Inquisidores queriam ouvir, numa demonstração clara daquilo a que Silva⁵⁵ chama a transformação da "retórica barroca" em "retórica inquisitorial". A auto-censura é, nestes casos, uma hipótese altamente provável e é verosímil que, nesta altura, ainda nas imediações do ano fatídico de 1666, para o qual eram esperados extraordinários sucessos, Vieira continuasse, no seu íntimo, que nunca poderia ser expresso em textos escritos destinados às mãos daqueles que condenavam as suas ideias, a acreditar que o imperador temporal havia de ser D. João IV. Aliás, é conhecida a desafeição de Vieira por D. Afonso VI, que o levou a tomar partido a favor de D. Pedro, facto que, à partida, destrói as hipóteses de sinceridade das declarações citadas ajudando a revelá-las como resultado de um processo consciente de auto-censura, ditado pelas circunstâncias.

No entanto, mais tarde, ao redigir a *Clavis*, numa época em que já nada tinha a temer da Inquisição, não volta a mencionar D. João IV, nem qualquer outro Rei, português ou não. Só então a desistência da ideia de ressurreição do Rei seu protector terá sido sincera. O ano de 1666 tinha passado há muito sem que nada de extraordinário acontecesse a confirmar as suas interpretações das profecias e, nessa altura, forçado pelos próprios acontecimentos, Vieira terá capitulado. Não desiste, porém, da sua visão profética da História, nem da crença num futuro temporal de paz e fraternidade universais; antes reformula a sua tese em aspectos que, sendo embora de grande importância, não são fulcrais: em quem, onde e quando se estabeleceria o Quinto Império. Assim como, antes de 1666, fora forçado a reformular alguns pontos, de importância menor, nas suas interpretações das *Trovas*, como no caso do "Frenteiro de Trás da serra" acima citado, reformula, com a mesma facilidade de concepção, os aspectos em que a sua visão quinto-imperial tinha entretanto sido ultrapassada pelo tempo e pelos acontecimentos, reformulação que passa pela substancial atenuação do papel da mediação portuguesa e pelo desaparecimento de previsões cronológicas para o estabelecimento do império temporal de Cristo.

A evolução do pensamento vieiriano, moldada pelos factos históricos e servida pela referida facilidade de concepção e expressão, reflecte-se, de forma semelhante à identificada em relação à figura de D. João IV, na forma como passa da *História do Futuro* à *Clavis Prophetarum*. Também em relação à grande obra que deveria divulgar as interpretações vieirianas das profecias sobre o Quinto Império, o momento de desistência em relação à primeira, tal como a concebera inicialmente, não coincide com o momento em que Vieira a declara por escrito, desta feita na defesa abreviada: "*Que o dito chamado livro, verdadeiramente de nenhum modo é, nem foi, nem se pode chamar livro, senão pensamento de livro, e pensamento retratado e totalmente deixado, por haver mais de onze anos que tinha desistido do sobredito pensamento*"⁵⁶. Ora, a sua correspondência pessoal do período que medeia entre o regresso a Portugal e a prisão (1661-1665)⁵⁷ é prova eloquente do contrário, bem como o facto de, em 1664, retomar a primeira página da *História do Futuro*, redigida quinze anos antes, alterando-lhe a data e retomando a redacção, e ainda a decisão de, em 1665, redigir o *Livro Antepimeiro*. Neste caso, tudo leva a crer que a redacção da *História do Futuro* só terá sido realmente abandonada em finais de 1665, quando, encarcerado, sem qualquer possibilidade de acesso às obras de que necessitaria para a continuar, e vendo aproximar-se a passos

⁵⁵ Silva, 1992, p. 522.

⁵⁶ "Defesa do Livro intitulado «Quinto Império», Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, p. 105.

⁵⁷ Cf. *Cartas*, vol. II.

largos o ano de 1666, terá optado, adequando os seus objectivos às circunstâncias, por redigir a *Representação* com a dupla finalidade de explicar as suas ideias e de funcionar como um resumo da *História do Futuro*, esse sim exequível antes da data fatal, para além da qual a sua conclusão perderia todo o sentido, deixando de ser uma história do futuro e passando a ser uma convencional história do passado. Mais uma vez, aqui, Vieira faz, perante os Inquisidores, afirmações que os factos desmentem, mas, também aqui, o abandono fingido acaba por converter-se, por força dos acontecimentos históricos, em abandono real. Passado o ano de 1666, a *História do Futuro*, enquanto obra de divulgação de uma peculiar visão quinto-imperial, estruturada sobre interpretações que, em parte, haviam já revelado ser falsas, deixa de fazer sentido. É, pois, pelas mesmas razões e no mesmo momento, posterior às defesas, que, como procuraremos provar no ponto seguinte, Vieira terá reformulado a sua tese em relação aos aspectos que se tinham tornado insustentáveis e empreendido a sua divulgação em novos moldes: em latim e sob um novo título, o de *Clavis Prophetarum*.

Também Bandarra perde o seu lugar de destaque como profeta do Quinto Império. Era em Bandarra que Vieira fundava a sua crença de que o futuro imperador temporal do Reino de Cristo seria D. João IV e não D. Sebastião⁵⁸, bem como os cálculos cronológicos que apontavam para a era de 1660, e particularmente para o ano de 1666⁵⁹. Não é pois de estranhar, antes é prova de grande coerência, que o profeta português perca, na *Clavis*, o protagonismo de que gozava na *História do Futuro*. Se o tempo é o melhor intérprete das profecias e a verdadeira prova do espírito profético nos homens é o sucesso das coisas profetizadas, como repetidamente afirma Vieira em quase todos os seus escritos sobre esta temática, não podia este continuar a insistir na "teima"⁶⁰ do Bandarra.

A carta *Esperanças de Portugal* é, pois, uma peça fundamental para seguir o percurso mental de Vieira em relação à temática quinto-imperial, como temos vindo a ver, e não o é menos para a compreensão do processo de auto-censura a que, nas defesas, submete as afirmações nela feitas com a maior convicção. É essencialmente neste último aspecto que a defesa abreviada se revela um complemento de extraordinária importância, quando lida em conjunto com a carta e com o próprio texto da *Representação*. Extremamente rico em informação biográfica sobre o seu autor, é nessa qualidade que reside um dos aspectos de maior interesse deste documento. No entanto, embora assumido pelo autor como um "*breve memorial do processo*"⁶¹, em que nada de novo se acrescentaria à *Representação* entretanto entregue, esta defesa abreviada acaba por não se limitar apenas a resumir e clarificar os principais pontos expostos na *Representação*, mas fornece, em muitos casos, informação nova, na substância, sobretudo nos aspectos biográficos já referidos, ou, o que não importa menos, na forma, que é o segundo aspecto de grande interesse neste "papel", como lhe chama Vieira. Independentemente da questão da sinceridade, há que notar que todo este interessantíssimo documento é muito mais do que um "*menor e mais abreviado processo, no qual a possa compreender toda junta de uma vez, [a causa] dividindo-a para isso em partes certas e determinadas, onde se veja brevemente o dilatado,*

⁵⁸ Cf. "Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo", Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, pp. 56 - 58.

⁵⁹ idem, pp. 59 - 65.

⁶⁰ "Este Rei mui excelente, com quem tomei minha teima", *Trovas...*, [1520-30], Sonho Primeiro, Copla LXXII.

⁶¹ "Defesa do Livro intitulado «Quinto Império», Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, p. 99.

distintamente o confuso e claramente o escuro e mal declarado..."⁶². Longe de ser um mero resumo da primeira defesa, esta, para além de fornecer interessantes dados sobre o réu, reflecte, até pela necessidade da sua redacção, uma última tentativa de satisfazer a exigência do Tribunal de uma retractação "lisa", qualificativo que Vieira sabia bem não se poder aplicar à primeira. Esta última tentativa de mover os Inquisidores em favor da sua causa é talvez o mais eloquente testemunho da submissão a que quase dois anos de reclusão e exames na Mesa sem que nenhum acontecimento sobrenatural o restituísse à glória perdida haviam finalmente vergado o Padre Vieira. Cansado da longa disputa com os Inquisidores, submetia-se enfim às censuras do Santo Ofício, primeiro desistindo até da redacção desta defesa abreviada, depois, insistindo nela, mas em termos que, de forma bem mais clara que na *Representação*, pretendem mostrar a desistência total de coisas em que desde há muito fazia fé, de que são exemplo a ressurreição de D. João IV ou a própria *História do Futuro*, acima referidos. É bastante provável, pela vivacidade da argumentação e até pela velada ironia de algumas passagens, que Vieira não tivesse, nesta altura, desistido ainda das suas esperanças, tal como as mantinha, intactas, desde a Restauração, mas teria desistido pelo menos de tentar convencer os Inquisidores da sua exequibilidade. A abreviação da *Representação* não representa, cremos, uma insistência em convencer o Tribunal das suas ideias, uma vez que, de facto, não são acrescentados argumentos novos, mas sim uma última tentativa de se retractar completamente em relação a algumas acusações e de se defender de forma bastante mais directa do que o havia feito na *Representação* em relação a outras. Porém, só o correr inexorável do tempo se encarregaria de fazer o que o Tribunal não tinha conseguido: levá-lo a reformular a sua tese, ainda que apenas em relação a alguns dos aspectos censurados.

A *Representação* e a *Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»* representam pois um complexo de documentos que, quando comparados com a carta *Esperanças de Portugal*, podem ser classificados como auto-censurados, não podendo a leitura de nenhum dos dois deixar de estar sujeita a uma filtragem da informação por eles veiculada, uma vez que as afirmações aí feitas estão, em muitos casos, longe de constituir uma fixação directa de um discurso interior correspondente ao pensamento do autor.

⁶² *idem.* p. 99.

Parte III - *A Representação* e as obras de carácter profético: unidade ou pluralidade?

"A ciência dos futuros, disse Platão, é a que distingue os deuses dos homens, e daqui lhe veio sem dúvida aos homens aquele antiquíssimo apetite de serem como deuses."

António Vieira, *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, Besselaar, 1983, p. 21.

1 - Da *História do Futuro* à *Clavis Prophetarum*, o percurso de uma génese gorada.

A *Representação*, em função das suas características e situação editorial, é, como vimos, praticamente desconhecida do grande público e, mesmo entre os vieiristas, poucas vezes terá sido lida na íntegra. Quem a tenha lido, porém, como Lúcio de Azevedo, Besselaar ou Muhana, para citar apenas alguns exemplos, fê-lo quase sempre, de acordo com os respectivos objectivos específicos, no âmbito estrito do processo de Vieira na Inquisição, realçando apenas, em alguns casos e de acordo com a natureza dos trabalhos, a evidente relação temática existente entre esta obra e as restantes também consideradas "de carácter profético" pela sua temática, em torno da visão profética vieiriana do futuro, e quase tão pouco conhecidas como a *Representação*.

No entanto, se pensarmos nesta, não enquanto peça principal do processo de Vieira na Inquisição, mas enquanto peça pertencente a um conjunto de obras sobre uma temática comum, parece-nos haver algo mais a dizer do que os editores de tais obras têm dito. Referimo-nos à necessidade de averiguar a referida identidade temática, apontada por vários autores mas nunca provada, e eventualmente uma identidade formal, ao que sabemos nunca referida, sequer a título de hipótese, entre obras que têm sido sempre consideradas isoladamente, até por efeito perverso das edições que delas têm sido realizadas até ao presente.

De acordo com o nosso propósito de analisar o processo de génese textual na *Representação* em particular e, caso a relação entre as obras em causa o justifique, na obra profética em geral, torna-se imprescindível para uma melhor compreensão da personalidade de Vieira enquanto *scriptor* tentar perceber a posição relativa de cada uma das obras em causa, *História do Futuro*, *Apologia das coisas profetizadas*, *Representação dos motivos que tive...* e *Clavis Prophetarum*¹, e, em última análise, concluir se estamos perante várias obras sobre um mesmo tema — em que se analisem aspectos diferentes, os mesmos aspectos sob perspectivas diferentes ou em que se revele uma evolução do pensamento do autor em relação ao tema — ou se, afinal, estaremos perante uma única obra, sucessivamente adiada, retomada sob forma parcialmente diversa, de novo adiada e nunca concluída.

A leitura atenta da *Representação*, na perspectiva referida de relacionamento com as restantes obras proféticas, coloca-nos — partindo do facto, que como vimos é reconhecido por vários estudiosos de Vieira, que a temática da *Representação* é exactamente a mesma da *História do Futuro*², e ainda a mesma, embora aí já substancialmente alterada, por força dos próprios acontecimentos históricos, em alguns dos seus pontos fundamentais, na *Clavis Prophetarum* — perante a necessidade de uma análise, que julgamos nunca ter sido tentada, a qual permita averiguar a existência, para

¹ Das obras referidas, a *História do Futuro* (e o *Livro Antepimeiro*) e a *Representação* têm edições relativamente antigas. A *Apologia* foi recentemente editada por Muhana, 1994, enquanto a *Clavis* aguarda ainda o momento de sair a lume.

² Besselaar reconhece isso mesmo nas introduções a ambas as suas edições (1976 e 1983) do *Livro Antepimeiro*, ao referir-se à *Representação* como um "compêndio" da *História do Futuro*.

além da identidade temática, que importa comprovar, de traços indiciadores de uma mais estreita relação entre estes textos, até ao presente sempre considerados isoladamente, como obras autónomas.

A vida de Vieira desde a Restauração e do seu quase imediato regresso a Portugal, onde conheceu D. João IV, foi marcada, e em grande parte regida, por uma grandiosa e magnífica utopia: a do Quinto Império ou Reino consumado de Cristo na terra. Tal utopia traduzia-se numa visão profética do futuro, baseada na interpretação de profecias antigas, como as de S. Frei Gil, e recentes, como as de Bandarra, que Vieira se considerava encarregado de propagar e de acordo com as quais o Quinto Império estaria prestes a chegar (várias dessas previsões apontavam mesmo o ano de 1666, em que é redigida a última versão da *Representação*). De tal utopia fazia também parte a crença, nada ortodoxa, mesmo para as significativas camadas da população que acreditavam no "Encoberto", de que este não seria D. Sebastião, mas sim D. João IV. Este Príncipe português seria o escolhido por Deus para aniquilar os inimigos da fé, nomeadamente os Turcos, tornando todo o mundo cristão e preparando-o, assim, para a chegada do Quinto Império, entendido como um reino de fraternidade universal que duraria mil anos e uniria todos os homens sob um único império em que o poder espiritual seria assumido pelo Papa de Roma e o poder temporal por D. João IV. Só então chegaria o Anti-Cristo, a batalha final entre as forças do bem e do mal e a consumação dos séculos. Era esta, de uma forma naturalmente muito resumida, a extraordinária utopia que Vieira começou a conceber à época da Restauração e como consequência directa dela, na medida em que este acontecimento histórico era por ele visto como inequívoco sinal de que estavam já a cumprir-se as profecias que culminariam no estabelecimento do Quinto Império.

A elaboração de tal tese, no entanto, exigia uma disponibilidade de tempo e uma dedicação de espírito que a vida atribulada de Vieira, mas, sobretudo, o seu temperamento instável e inquieto, pouco dado à quietude e solidão da cela e ao longo e paciente trabalho essencial para tal tarefa, nunca permitiram. Só assim se explica que, mesmo tendo em conta a enormidade da tarefa, Vieira não tenha conseguido erguer nos quase sessenta anos que mediaram entre a Restauração e a sua morte, em 1697, o *opus magnum* em que toda a vida laborou. Com efeito, se é certo que a grande obra ideada por Vieira nunca ultrapassou fases genéticas ainda embrionárias e, na sua maior parte, não chegou sequer a passar da fase de elaboração de um discurso interior, não é menos certo que, de acordo com os dados recolhidos por Besselaar para a elaboração da edição crítica do *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, data de 1649 a primeira tentativa de início do processo de transformação do discurso interior em discurso linguístico, que podemos identificar como constituindo o início do processo de génese daquela que, esperava Vieira, seria a grande obra profética em que os destinos do mundo seriam revelados, a qual, nesta fase, tinha como título *História do Futuro* e, para que pudesse ser efectivamente profética, deveria estar terminada antes de 1666. Porém, as vicissitudes da vida do autor³ não permitiram que assim acontecesse e em 1665 encontramos-lo encarcerado na Inquisição de Coimbra, obrigado a interromper a *História do Futuro* para se dedicar à redacção da *Representação*, cujo objectivo primeiro era o de se justificar perante o Santo Ofício, mas que acaba por ser também, como vimos, uma síntese da *História do Futuro*, com a qual Vieira, consciente ou inconscientemente,

³ Tais vicissitudes podem ser acompanhadas em Azevedo, 1992, ou, de forma mais resumida, na Parte I, 1 do presente trabalho.

pretenderia ainda suprir a impossibilidade, então já evidente, de terminar a tempo aquela obra.

Pelo meio ficava uma primeira tentativa de defesa, solicitada em 1663 por Vieira e que Muhana identifica com os fragmentos por ela editados sob o título de *Apologia das coisas profetizadas*, documento ao qual atribui uma "gênese dupla"⁴, gorada, redigido, segundo a referida autora, com o duplo intuito de se defender das acusações que pendiam sobre ele e de expor e divulgar a sua grande tese, objectivos que, como acima referimos, estão presentes também na *Representação*, mas que viriam a revelar-se irreconciliáveis. A *Apologia*, tal como Muhana a apresenta, seria assim uma primeira tentativa de defesa, falhada, que só viria a concretizar-se na *Representação*, a qual precede e cujos dois grandes temas, o espírito profético de Bandarra e o Quinto Império, são coincidentes, pelo que, a verificarem-se como certas as afirmações de Muhana, estas duas obras constituiriam, dentro do grupo das obras proféticas, um subgrupo de textos a que podemos chamar "apologéticos".

Partindo dos factos que temos vindo a expor, colocam-se-nos duas hipóteses, que importa testar:

- A *Representação* poderá não ser uma obra autónoma em relação à *História do Futuro* e à *Apologia*, correspondendo as três, em tal caso, a três momentos genéticos correspondentes a três versões de uma mesma obra, verificando-se que as duas últimas representariam, não o, à partida, esperável desenvolvimento da primeira, mas sim um resumo e conseqüente reelaboração dela, facto que é duplamente explicável: estava a chegar o ano de 1666 e já não era possível pensar em terminar uma obra com as dimensões inicialmente previstas; por outro lado, era necessário apresentar aos Inquisidores, de forma resumida, a explanação dos principais temas dessa grande obra, explanação que deveria funcionar como defesa de Vieira enquanto réu da Inquisição, na medida em que este acreditava que as acusações que sobre ele pendiam derivavam apenas de uma deficiente compreensão das suas ideias.

Nesta linha, faz sentido considerar que o *opus magnum* de Vieira viria a conhecer a sua última versão na *Clavis Prophetarum*, esta última revelando já uma elaboração algo alterada da temática inicial, entretanto completamente ultrapassada pelo tempo e pelos acontecimentos, que obrigaram Vieira a emendar a mão reformulando a sua teoria num sentido transnacional e transtemporal.

- A *Apologia*, a verificar-se a sua autonomia em relação à *História do Futuro* e à *Representação*, poderá constituir uma primeira versão desta, formando, nesse caso, com ela uma unidade parcial dentro do processo genético acima referido, uma vez que ambas versam sobre os mesmos dois temas, que, por sua vez, constituem as duas grandes linhas de desenvolvimento da *História do Futuro*.

A investigação destas duas hipóteses oferece a possibilidade de obtenção de novos dados fundamentais para uma cabal compreensão do processo de gênese da(s) obra(s) profética(s) de Vieira, nomeadamente em relação a alguns aspectos de difícil explicação, dos quais poderá servir de exemplo o carácter relativamente elaborado do manuscrito BN. Atendendo à sua comprovada condição de rascunho em relação ao

4 Cf. Muhana, 1994, pp. XII-XIII.

5 Cf. "Plano da História do Futuro", Sérgio e Cidade, 1951-54, vol. IX, pp. 161-170.

manuscrito TT, não pode deixar de surpreender a ordenação e clareza das ideias expostas e até o grau de correcção e mesmo de elegância estilística. No entanto, se se comprovar que as ideias expostas na *Representação*, em 1665 (manuscrito BN) já viriam sendo elaboradas, ao nível do discurso interior, desde a época da Restauração, que as primeiras tentativas de passagem desse discurso interior a discurso linguístico datam de 1649, com a *História do Futuro*, e ainda que a *Apologia* poderá representar uma fase genética mais embrionária em relação à *Representação*, tal estranheza deixa de ter razão, uma vez que, a confirmarem-se estas hipóteses, o longo período de elaboração interior e de desenvolvimento dos temas abordados, na tentativa gorada de redacção da *História do Futuro*, por um lado, e a existência de um eventual primeiro ensaio de síntese desses temas, na *Apologia*, por outro, seriam mais do que suficientes para justificar o carácter já relativamente elaborado de BN, difícil de aceitar se supusermos BN como uma escrita de primeiro jacto.

Da *História do Futuro* apenas se conhece o plano e alguns capítulos iniciais, relativamente elaborados; a *Apologia*, tal como Muhana a editou, compõe-se maioritariamente de fragmentos cuja ordenação resulta de opções, fundamentadas embora, da editora, mas que, como a própria admite, pouco terão a ver com a ordenação que Vieira lhes teria dado originalmente e, muito menos, com a ordenação, forma e desenvolvimento que lhes teria vindo a dar num nível final se tais fragmentos tivessem chegado a atingir tal nível e a integrar uma obra completa; a *Representação*, embora dada por concluída pelo autor no manuscrito TT e, por esse motivo, a única a apresentar uma sequência lógica com princípio, meio e fim, não representa mais do que uma síntese do tema a que Vieira desejaria dar outro tipo de desenvolvimento e mais copiosa ilustração; finalmente, a *Clavis*, cronologicamente a última das quatro, apresenta-se também, tal como a *História do Futuro*, em estado embrionário, tendo chegado até nós apenas alguns fragmentos inacabados de uma obra concebida para ser monumental.

1.1. A *História do Futuro* e a *Apologia*.

É a obra intitulada *História do Futuro* que, em 1649, tinha já Vieira 41 anos (n. 1608), abre na sua vida literária um novo caminho: o dos escritos de natureza profética, fundados eles próprios em profecias antigas e modernas que procuravam interpretar. A este novo rumo não eram, como vimos, alheias as circunstâncias históricas da Restauração e da privança com D. João IV tendo, no entanto, sido o encontro que em 1648 tivera em Amsterdão com o famoso rabino Menasseh ben Israel 6o factor que terá determinado mais directamente o início do processo de redacção desta obra, que, com certeza, viria já sendo mentalmente elaborada desde cerca de 1640. Atendendo à sequencialidade dos factos e à personalidade de Vieira, cujos traços de impetuosidade e " vaidade " intelectual são sobejamente salientados pelos seus biógrafos, não é difícil, como acima referimos (I, 1), conjecturar que de tal discussão, entre dois teólogos e exegetas de tão vasta erudição, tenha resultado em Vieira o desejo, impetuoso e não ponderado, de exteriorizar através da escrita a grandiosidade e alcance das suas ideias;

6 Cf. Saraiva, ob. cit., pp. 75-106.

tanto mais que Menasseh já o havia feito, sob diferente perspectiva, no *Conciliador*.

Serão pois, ao que tudo indica, resultado desse ímpeto as primeiras páginas da *História do Futuro*, datadas de 1649 mas em breve interrompidas para serem reencetadas apenas 15 anos depois, em 1664.⁸ Ora, nessa data, as circunstâncias sócio-económicas e políticas eram substancialmente diferentes das de 1649: D. João IV falecera (em 1656) e o Santo Ofício, logo que a deposição da Rainha Regente lho permitira, declarara guerra ao Jesuíta, usando como pretexto a célebre carta ao Bispo do Japão.

No entanto, não obstante o contexto manifestamente desfavorável ao autor e à obra, Vieira só terá abandonado efectivamente a *História*, na linha em que inicialmente a concebera, quando se viu obrigado a redigir a *Representação*. Apesar de, na defesa abreviada⁹ — que entregou depois de Julho de 1666, data de entrega da *Representação*, e antes de Dezembro de 1667, data da *Sentença* — declarar, como vimos no ponto precedente, nunca ter a *História do Futuro* passado de um mero projecto, "*pensamento de livro*"¹⁰, abandonado há cerca de onze anos, i. é, por volta de 1656 quando se encontrava no Brasil, e cujo tema retomara nas defesas apenas e só por exigência do próprio Tribunal: "...depois que, pelos cargos que se me deram no Santo Ofício fui obrigado a explicar o dito assunto do Quinto Império e questões dele, para mostrar os fundamentos e motivos por que o tivera por provável..."¹¹, sabemos, como também saberia o Santo Ofício, que tal não correspondia à verdade.

É facto que Vieira interrompera o projecto logo nas primeiras páginas para, entre outras coisas, se dedicar, no Maranhão, à "conversão das gentes", mas, daí a declarar que, com o abandono da redacção, abandonara também a ideia, corre um longo e sinuoso caminho. Se não está provado que durante a estada no Maranhão tenha, ainda que em condições muito difíceis, aproveitado para tomar apontamentos para a sua obra¹², é pelo menos bastante provável que tenha continuado a meditá-la e a elaborá-la mentalmente, pois só assim se compreende que, quinze anos depois, emendando a data, a retome como se nunca a tivera interrompido e se refira a ela, em correspondência pessoal entre 1663 e 1665,¹³ como obra em curso e de finalização urgente.

Este renegar da obra acarinhada tem, naturalmente, uma explicação, que é comum ao renegar da crença na ressurreição de D. João IV, que acima analisámos, a qual é assunto expresso da 5ª Proposição da *Representação* e se encontra subentendida em muitos outros lugares dela: pressionado pelo temor ao Santo Ofício e provavelmente

7 Nesta obra, Menasseh concilia os passos contraditórios do Antigo Testamento.

8 Seguimos neste ponto as informações fornecidas por Besselaar em "Antônio Vieira e sua *História do Futuro*", 1968 e na introdução à edição crítica de 1976 do *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*, que são coincidentes com as de outros autores, nomeadamente com as do seu mais conhecido biógrafo, Lúcio de Azevedo (ob. cit.). Posteriormente, na introdução à edição de 1983 do *Livro Antepreimeiro*, Besselaar fala de 14 anos, o que poderá estar relacionado com o facto de que, embora a nova data, escrita sobre 1649, seja 1664, Vieira refere-se à obra como estando já adiantada, em carta a D. Rodrigo de Meneses, ainda em Dezembro de 1663. Cf. *Cartas*, vol. II, pp. 18 - 20.

9 *Defesa do Livro intitulado "Quinto Império"*, Sérgio e Cidade, ob. cit., vol. VI, pp. 97 - 179. Este documento não consta do Processo e não foi tido em conta na *Sentença*.

10 idem, p. 105.

11 ibidem, pp. 105-106.

12 Cf. a este propósito as opiniões defendidas por Besselaar, 1976, vol. I, pp. 7 - 8 e Azevedo, 1992, vol. I, p. 241 e a opinião divergente de Cantel, 1964, pp. 23-49, referidas supra, no presente trabalho, I, 1, p. 12, nota 28.

13 Cf. *Cartas*, vol II.

desesperando já, com o correr inalterado do ano, supostamente fatídico, de 1666, de uma intervenção divina iminente, nega muito daquilo que defendera ainda na *Representação*, recentemente entregue à Mesa, sob a capa da justificação.

Voltando às peripécias da *História do Futuro*, podemos assentar como muito provável que, embora tomando como referência a data em que retoma a sua primeira página se possa concluir que Vieira teria reencetado a redacção em 1664, o facto de, em carta de Dezembro de 1663, a D. Rodrigo de Meneses¹⁴, se referir à obra como estando já adiantada leva-nos a colocar como bastante provável a hipótese de que, desde o seu regresso a Portugal, em finais de 1661, Vieira tenha retomado a grande obra, apenas encetada em 1649 e logo interrompida por múltiplos afazeres e, principalmente, pela ida para o Maranhão em 1652. Nela terá trabalhado afincadamente até Outubro de 1665, data em que, já preso, iniciou a redacção da *Representação* (a qual viria a concluir apenas em Julho de 1666).

No período, em que, supostamente, estaria a redigir a *Apologia*, solicitada em finais de 1663 depois de declarado réu pelo Santo Ofício e concedida em Abril de 1664, teria, pois, Vieira, em nossa opinião e como também defende Besselaar¹⁵, continuado a trabalhar na *História do Futuro*, obra em que, apesar dos seus esforços, não teria conseguido ir além da redacção de partes soltas dos dois primeiros volumes, dos sete planeados.

Muhana¹⁶, mais recentemente, reconhece também que, de facto, *História do Futuro* e *Apologia* se confundem numa duplicidade genética de difícil destrição, mas sustenta, contra a opinião da generalidade dos autores, entre os quais o já citado Besselaar¹⁷, que, apesar da referida duplicidade genética, Vieira ter-se-á, de facto, empenhado em escrever a apologia solicitada e teria, à época, abandonado já a redacção da *História do Futuro*, o que equivale a acreditar na sinceridade das declarações por ele feitas na petição de 1665¹⁸ e posteriormente na defesa abreviada¹⁹.

Não nos parece que os factos apontados por Muhana — e que se baseiam em grande parte em não ver a referida autora razões para duvidar da sinceridade das declarações de Vieira na petição de 1665 — sejam suficientes para sustentar tal opinião. É, de facto, teoricamente possível que, como refere a autora citada na introdução que faz à sua edição, Vieira tenha, em 1664, retomado a sua *História do Futuro* sob uma "traça, método e disposição"²⁰ completamente diferentes daquelas que concebera em 1649, mantendo-lhe o título, mas redigindo-a de forma diferente, agora com meras intenções de defesa, às quais se misturariam insensivelmente as ideias da *História do Futuro*. Cremos, no entanto, ao contrário de Muhana, que existem razões para duvidar de tais declarações de Vieira, a primeira das quais é, sem dúvida, a própria situação em que o autor redigia a petição, fortemente pressionado pela Inquisição, a cujo Conselho Geral se dirigia e a quem, naturalmente, importava agradecer. Para além da questão do "fingimento", as hipóteses avançadas por Muhana têm ainda contra si algumas incongruências de difícil explicação e, o que mais importa, factos, que, como tais, não podem merecer dúvida:

14 Cf. *Cartas*, vol. II, p. 19.

15 Cf. as introduções às edições de 1976 e 1983 do *Livro Antepreimeiro*.

16 Cf. ob. cit., pp XII e ss. da Introdução.

17 Cf. supra nota 15.

18 Petição ao Conselho Geral da Inquisição, 1665, Sérgio e Cidade, ob cit., p. 81.

19 vide supra nota 9.

20 Petição ao Conselho Geral da Inquisição, 1665, ibidem.

É incongruente a manutenção do título e de partes já escritas de uma obra da qual pretendia ter desistido naquela que pretendia ser a sua defesa.

É incongruente, no âmbito de uma apologia, a redacção de um *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*, com as suas inegáveis características de livro introdutório, ainda no início de 1665.

É de difícil explicação que, tendo Vieira redigido, depois, a *Representação* — essa sim um compêndio da *História do Futuro* e efectivamente redigida como uma apologia, com início, meio e fim — em cerca de oito meses, não tivesse conseguido redigir a *Apologia* em quase dois anos.

São factos iniludíveis as abundantes referências, na correspondência pessoal deste período, nomeadamente com D. Rodrigo de Meneses e com o Marquês de Gouveia, protectores, amigos e conselheiros de Vieira nestas matérias, à Obra e ao assunto dela, em termos de grande urgência e empenhamento, obra que, pela natureza das referências, não podia ser a Apologia, e assunto que, pelos mesmos motivos, não podemos acreditar que tivesse abandonado, como pretende fazer crer nos escritos que dirige ao Santo Officio.

Vale a pena percorrer os múltiplos passos das *Cartas*, dos quais citamos apenas os mais expressivos, em que é possível acompanhar os sentimentos de Vieira em relação ao Quinto Império, de cuja chegada iminente via sinais de esperança em todos os acontecimentos contemporâneos, e o andamento da obra que deveria anunciá-los: inequivocamente a *História do Futuro*, sempre referida como obra de divulgação dos grandes acontecimentos que esperava para breve e nos quais, não menos inequivocamente, continuava a acreditar.

1- *"O certo é que as profecias se vão cumprindo por seus passos contados, e que, segundo elas, por meio destes grandes trabalhos e calamidades da Igreja, lhe podemos esperar a ela e ao nosso reino as grandes felicidades que lhe estão prometidas..."*²¹

2- *"Não me fale V. S^a em sermões, porque estas regras, e as que remeti no correio passado, são o maior excesso a que me tem dado lugar o sangue, dor e fraqueza ou total desmaio do peito; mas ainda neste estado, quando o espírito se sente com algum alento, o que discorre e vai ditando é sobre aquela obra de que últimamente falei a V. S^a, a qual está muito adiante e é necessário adiantar-se, para que os sucessos não cheguem primeiro (...) quem viver terá tudo o que pode desejar, em todo o género de felicidades (...) se Deus me emprestar a vida por mais alguns dias, e senão espero em sua divina misericórdia que verei do Céu o muito que haverá que ver na terra. Bem parece que me confesso a V. S^a, pois tenho manifestado toda a minha consciência: se forem erros, V. S^a me absolva deles."*²²

3- *"Se assim é, parece que se cumpre a profecia: Uma porta se abrirá num dos reinos africanos (...) Tudo se vai encaminhando ao castigo da cristandade, que, segundo as profecias, é a última disposição das felicidades que se esperam."*²³

4- *" Não quero ressuscitar com Lázaro, senão com a ressurreição universal do género humano; porque tenho por certo que há-de ser muito cedo o nosso dia de juízo, com muita glória de Portugal e de el-rei que Deus guarde. Na demonstração deste*

21 Ao Marquês de Gouveia, 1663 - Dezembro, 19, *Cartas*, vol. II, p. 17.

22 A D. Rodrigo de Meneses, 1663, Dezembro, 24 *Cartas*, vol. II, pp. 19-20.

23 Ao Marquês de Gouveia, 1663 - Dezembro, 26, *Cartas*, vol. II, p. 21.

assunto vou trabalhando quanto me permite o frio e a fraqueza, e está muito adiante aquela obra, a que por conselho e mandado de V. S^a. tinha lá dado princípio. A livraria deste colégio tem tesouros de que se tiram antiguidades de muito preço; mas a seu tempo me valerei também dos livros e documentos, que V. S^a naquela ocasião foi servido comunicar-me.

Ao presente me eram mui necessárias as profecias do Beato Amadeu e a relação de um livro que dizem tem fechado na mão, com uma inscrição notável acerca do tempo em que se há-de abrir. Também tenho notícia de um expositor do Apocalipse, chamado Serafino de Razis, que não posso descobrir por esta parte, e estimaria muito que V. S^a encomendasse a alguma pessoa (...) V. S^a me não estranhe o atrevimento, de empenhar a pessoa de V. S^a nesta obra, porque, como ela é e há-de ser toda de V. S^a, à grandeza de V. S^a pertence acudir-lhe, não só com o patrocínio mas também com os instrumentos."24

5- *"Aquele papel se vai fazendo quanto o permite a frieza do tempo e a fraqueza da saúde, mas não o verá o mundo sem que V. S^a o veja e emende primeiro. Aqueles documentos em que falei na carta passada não dêem cuidado a V. S^a, porque ainda depois do Entrudo virão a tempo. A obra há-de ser larga, e já o começa a ser e ainda não é obra."25*

6- *"Se aquela obra chegar a merecer este nome, será uma grande prova, e pode ser que admirável, disto que digo."26*

7- *"Mas, tornando aos sermões (...) poderei remeter outros e todos, e assim o prometo, tanto que a isso der lugar a obra com que estou entre mãos, a qual é necessário que se apresse, porque não venha depois do tempo: trabalho nela quanto posso e mais do que posso.*

As profecias de S. Frei Gil estimei muito. O livro de Serafino de Razis procurei por terceira pessoa..."27

8- *"...se atrasou a saúde; mas nem por isso levantei a mão da nossa obra, cujo sucesso depende tanto do tempo, que poderá ser se apresse mais do que alguns cuidam.*

Na livraria de el-rei há um comento do abade Joaquim sobre o Apocalipse (...) V. S^a me fará mercê mandá-lo entregar ao padre reitor para que mo remeta."28

9- *"Por agora quisera ver se posso levar a cabo esta obra que, para que seja obra, é necessário saia a tempo ou antes do tempo."29*

10- *"eu vou continuando na minha mediocridade, sem perder as horas que Deus me dá de maior alento (...) quando considero no mesmo que vou escrevendo, que até agora são escrituras e promessas divinas, assim como por uma parte me assombra o que Deus*

24 A D. Rodrigo de Meneses, 1664 - Janeiro, 14, *Cartas*, vol. II, pp. 26-27.

25 idem - Janeiro, 28, *Cartas*, vol II, pp. 33 - 34.

26 idem - Março, 3, *Cartas*, vol. II, p. 39.

27 idem - Março, 31, *Cartas*, vol. II, p. 44.

28 idem - Abril, 14, *Cartas*, vol. II, pp. 46 - 47.

29 idem - Abril, 28, *Cartas*, vol. II, p. 50.

*quer fazer entre nós, assim me admira igualmente o pouco que os Portugueses fazemos por merecer estas misericórdias."*³⁰

11- *"... o trabalho com que lido, do descobrimento das nossas esperanças e felicidades (...) O roteiro do abade Joaquim ainda nos não faz falta na altura em que imos."*³¹

12- *"A relação impressa em Sevilha folguei e folgaram muito todos de ver: fica guardada com os mais papéis. As profecias do abade Joaquim não vieram ainda. Os anagramas e tudo o mais deste género estimarei; e certo que é grande a mortificação com que me vejo atalhado, porque ia a obra de vento em popa, e cada vez mais se descobriam maiores e mais firmes esperanças; mas ainda as não perco de que Deus me não há-de matar antes de chegar ao porto desejado."*³²

13- *"A melhoria de que já dei conta a V. S^a vai continuando, posto que lentamente, sentindo muito não me dar lugar à continuação daquela obra, que, depois que V. S^a a tem recebido debaixo de sua protecção, a considero como cousa de V. S^a, e a quisera ver já muito adiantada e que não se lhe antecipasse o tempo."*³³

14- *"Fico esperando aquele papel, e ainda sem alento para poder dar penada no outro, com que algum dia, se Deus for servido, poderei dar a V. S^a alguma hora de entretenimento, como agora dou tantas de enfado."*³⁴

15- *"Já disse a V. S^a que é dobrada mortificação para mim ver correr o tempo, e temer que se antecipem os sucessos à esperança, e ao gosto de os ver primeiro escritos; e, posto que algumas vezes arremeti à continuação daquele papel, é tão pouco o alento que não pode acompanhar o desejo. Se fora matéria capaz de se encomendar a terceiro, já o tivera feito (...) enfim, se Deus quiser que se faça, Ele dará saúde, e se a der este ano, e nos princípios do que vem, ainda virá a tempo."*³⁵

16- *"...que é a obra que está reservada para V. S^a sòmente, e para com a aprovação e censura de V. S^a, ou se sepultar para sempre ou sair à luz a seu tempo, se Nosso Senhor der saúde e o espaço que para ela é necessário."*³⁶

17- *"...as demais [novas] não me dão cuidado, porque as creio e espero por fé, e não pode Deus faltar às suas promessas..."*³⁷

18- *"Os dois sermões, como quase todos os outros, estão em apontamentos, e é necessário reduzi-los de novo a estilo: nisso fico trabalhando, pois V. S^a assim o ordena, e descansará entretanto a outra tão cansada obra;"*³⁸

30 idem - Maio, 19, *Cartas*, vol. II, pp. 53-54.

31 idem - Junho, 2, *Cartas*, vol. II, pp. 59 - 60.

32 idem - Junho, 23, *Cartas*, vol. II, pp. 66 - 67.

33 idem - Julho, 5, *Cartas*, vol. II, p. 72.

34 idem - Agosto, 3, *Cartas*, vol. II, p. 74.

35 idem - Agosto, 11, *Cartas*, vol. II, pp. 75 - 76.

36 idem - Agosto, 25, *Cartas*, vol. II, p. 81.

37 idem - Setembro, 1, *Cartas*, vol. II, p. 83.

38 idem - Setembro, 22, *Cartas*, vol. II, p. 88.

19- *"tudo são fatalidades e tudo demonstrações de se chegarem ou estarem muito perto já os tempos do remédio prometido."*³⁹

20- *"O sermão do Maranhão bem entendo qual é, mas não poderá ir com tanta brevidade, porque é força trabalhar em outro papel, que também irá a V. S^a, porque há cousas que se lhe passa o tempo."*⁴⁰

21- *"Não alimpo os outros sermões, porque todos os instantes, que me deixam livres os meus achaques, emprego naquela outra obra, que bem vejo quanto importa sair a tempo."*⁴¹

22- *"Passo estes dias em Vila Franca só comigo e com os livros, e se Deus for servido que continuem os alentos com que me acho, aquela obra se porá em estado que possa ir a tempo às mãos de V. S^a."*⁴²

23- *"é tal a minha fortuna, que até para não ser ingrato me acho com as mãos atadas, sem poder levantar a pena da obra que tenho avisado a V. S^a, na qual há maior segredo.*

*Lembre-se V. S^a de certo negócio, em que, estando eu nessa terra, me fez mercê o Sr. Marquês de querer ter parte, e daqui inferirá V. S^a qual pode ser a matéria e inevitável o impedimento."*⁴³

24- *"Beijo a mão a V. S^a pelos fragmentos de S. Isidoro: também me chegou quase no mesmo tempo o livro do abade Joaquim..."*⁴⁴

25- *"Eu apresso o livro quanto posso, por sinal que, escarrando vermelho, como avisei a V. Ex^a, o encubro, só porque os médicos me não tirem a pena da mão."*⁴⁵

26- *"Eu passo como permite o rigor do tempo, escarrando vermelho, que não é boa tinta para quem está com a pena na mão; mas a tudo obriga não só o gosto, senão também a necessidade (...) mas a matéria, sendo para muito papel, não é para este."*⁴⁶

27- *"...me importa tanto ser ouvido naquele negócio de maior cuidado (...) A obra se vai já copiando quanto ao primeiro tomo, que eu quisera se não retardara muito; mas a matéria tem em portugal as dificuldades que experimentam outras menos novas, e para tudo era necessária a presença."*⁴⁷

39 idem - Setembro, 29, *Cartas*, vol. II, p. 91.

40 idem - Outubro, 20, *Cartas*, vol. II, p. 94.

41 idem - Novembro, 10, *Cartas*, vol. II, p. 97.

42 idem - Novembro, 17, *Cartas*, vol. II, p. 99.

43 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Janeiro, 26, *Cartas*, vol. II, p. 112.

44 idem - Fevereiro, 15, *Cartas*, vol. II, p. 121.

45 Ao Marquês de Gouveia, 1665 - Fevereiro, 23, *Cartas*, vol. II, p. 125. Note-se a referência de Vieira ao estado precário da sua saúde, indiciando uma doença grave, o que não o impedia de prosseguir a sua obra.

46 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Fevereiro, 23, *Cartas*, vol. II, p. 127.

47 idem - Março, 16, *Cartas*, vol. II, p. 138.

- 28- *"Acerca do papel que V. S^a viu naquela mão (...) este pequeno retalho da peça, para que o principal comprador julgasse se lhe servia ou o servia. Por esta causa fiz eleição daqueles capítulos mais capazes, por sua matéria, de aceitação de S. M. (...) para saírem à luz têm a dificuldade que já representei a V. S^a, que só se poderá vencer com a presença, e ainda com a autoridade real, que é também um dos fins por onde me pareceu aceitável a abertura deste caminho."*⁴⁸
- 29- *"Já confessei ao padre reitor que fora melhor terem ido os primeiros cadernos que aquele remendo, mas fiz eleição dele pela matéria..."*⁴⁹
- 30- *"...que o Turco tinha quebrado a trégua: se é verdade, tudo são disposições muito próximas do que se espera."*⁵⁰
- 31- *"Tudo são sinais e prodígios que solenizam as vésperas do ano fatal, por cujas maravilhas nenhum há já tão incrédulo que não espere."*⁵¹
- 32- *"se Deus conceder saúde para a continuação da obra; e, quando a primeira parte dela esteja acabada, que poderá ser sem grande dilação, então se podia pedir abertamente a licença para o prelo.
Saem por esta banda novos prodígios..."*⁵²
- 33- *"Os prodígios continuam (...) com que o Céu e a Terra parece começam a solenizar as vésperas e expectação do ano de 66."*⁵³
- 34- *"...sendo obrigado por obediência a mandar uns cadernos, resultou da vista deles mandar S. M., por um decreto do secretário de Estado, que o padre provincial me assistisse com tudo o que me fosse necessário para a continuação e breve conclusão da obra; mas Deus, que me pôs nesta cama, parece que tem decretado outra cousa (...) Muito haverá que ver em pouco tempo."*⁵⁴
- 35- *"O certo é, senhor, que ele vem chegando, e que os sinais do céu e as disposições da terra prometem que não pode tardar muito (...) Mas eu me não posso persuadir senão que, debaixo destes acidentes, se encobre grande substância, a qual se manifestará brevemente, quando já hoje o não esteja;"*⁵⁵
- 36- *"...acabe de conhecer Europa e o Mundo o que é Portugal, enquanto não chega brevemente o tempo do que há-de ser."*⁵⁶
- 37- *"Tudo nos convida a crer que são estas as vésperas das maiores felicidades que esperamos ..."*⁵⁷

48 idem - Março, 23, *Cartas*, vol. II, p. 143.

49 Ao Marquês de Gouveia, 1665 - Março 23, *Cartas*, vol. II, p. 145.

50 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Abril, 26, *Cartas*, vol. II, p. 157.

51 idem - Maio, 4, *Cartas*, vol. II, p. 158.

52 Ao Marquês de Gouveia, 1665 - Maio, 4, *Cartas*, vol. II, p. 160.

53 A João Nunes da Cunha, 1665 - Maio, 6, *Cartas*, vol. II, p. 162.

54 A D. Teodósio de Melo, 1665 - Maio, 8, *Cartas*, vol. II, p. 165.

55 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Junho, 15, *Cartas*, vol. II, pp. 174 - 175.

56 idem - Junho, 29, *Cartas*, vol. II, p. 184.

38- *"O texto da profecia depende da inteligência do tempo ou ano de que fala (...) entendo que ainda se há-de cumprir, ou seja dentro ou fora de Portugal, em ordem porém às suas maiores felicidades."*⁵⁸

39- *"...estou certo e firmíssimo em que se não há-de conseguir por esses meios, enquanto o tempo não trazer outros de mais alta providência, por que estas e outras dificuldades de maior importância se facilitem."*⁵⁹

40- *"...o mistério deste segredo. Não falta quem espere a revelação dele neste mesmo ano em que estamos, e ainda neste mesmo mês. Do seguinte se afirma constantemente que é fatal (...) Aqui chegam agora uns padres de Itália, e dizem que para o ano que vem se esperam lá grandes mudanças no mundo."*⁶⁰

41- *"Se V. S^a puder haver as profecias de Santa Hildegardis, que andam em livro particular de sua vida, far-me-á V. S^a grande mercê, porque, tanto que o permitirem os primeiros alentos, quisera tornar à antiga teima, antes que o tempo chegue e lhe tire a graça."*⁶¹

42- *"...as flores do ano de 1666 pode ser que produzam mui diversos frutos dos que até agora deu França a Portugal."*⁶²

43- *"Aqui se diz que o conde de Castriho se chama "Garcia" e se dá essa explicação ao último verso da décima de Bandarra. Sirva-se V. S^a de me dizer se é assim. E também disseram uns frades da serra de Ossa que a casa, que os duques de Bragança têm na Tapada, se chama "a Cabana". Espero que tudo o mais se cumpra e que seja muito cedo."*⁶³

44- *"A minha esperança não limita lugar nem elemento. De qualquer parte e com qualquer nome que Deus mande à Igreja o remédio da cristandade, o aceitarei com igual acção de graças."*⁶⁴

45- *"...em tudo o mais me conformarei, esperando o benefício do tempo, que por todas as vias vai confirmando as esperanças que nos tem dado."*⁶⁵

46- *"...e é o impedimento de qualidade que o não posso eu manifestar a V. S^a, e muito menos por papel."*⁶⁶

57 idem, 1665 - Julho, 6, *Cartas*, vol. II, p. 191.

58 A D. Teodósio de Melo, 1665 - Julho, 16, *Cartas*, vol. II, p. 198.

59 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Julho, 27, *Cartas*, vol. II, p. 203.

60 A D. Teodósio de Melo, 1665 - Agosto, 7, *Cartas*, vol. II, p. 209.

61 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Agosto, 10, *Cartas*, vol. II, p. 215.

62 A D. Teodósio de Melo, 1665 - Agosto, 22, *Cartas*, vol. II, p. 222.

63 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Agosto, 24, *Cartas*, vol. II, pp. 224 - 225.

64 idem - Agosto, 31, *Cartas*, vol. II, pp. 227 - 228.

65 idem - Setembro, 7, *Cartas*, vol. II, p. 236.

66 A D. Teodósio de Melo, 1665 - Setembro, 10, *Cartas*, vol. II, pp. 241 - 242.

47- *"Já o mês de Setembro não acabará de todo livre dos trabalhos e fatalidades que nele se prognosticam. Queira Deus que parem as ameaças de Sua ira só em lágrimas particulares (...) É a matéria de sumo segredo (...) de tudo se me fez cargo. A tudo prometi responder e satisfazer, e sobre matérias (que são infinitas e não tratadas até agora pelos doutores) tenho escrito muito, mas falta muito mais por escrever, e tudo por concluir, porque as pedras deste edifício estão lavradas a pedaços e sem nenhuma ordem, como acontece em todas, e muito mais nas deste género, de que V. S^a pode bem ser testemunha, pela mercê, que me tem feito, de descobrir e me mandar tantos livros (...) represento e requeiro que, ou se me dê tempo suficiente para responder por escrito, ou que me permitam responder verbalmente, ao que me ofereço desde logo (...) dos excessos que fiz, sendo obrigado a estudar e escrever de dia e de noite, vim a lançar muito sangue pela boca..."*⁶⁷

48- *"Senhor. - A ocasião, de que avisei a V. S^a no correio passado, me tem tomado o tempo de maneira que mal me deixa lugar de escrever estas duas regras (...) Espero com cuidado a resposta de V. S^a, e de todas as notícias que V. S^a puder colher me importará muito o roteiro, para saber como hei-de navegar em mar tão tempestuoso e noite tão escura."*⁶⁸

49- *"...os meus trabalhos, cujos mistérios são os que me têm mais confuso, experimentando nos efeitos o maior rigor, e não podendo descobrir nas causas a menor culpa (...) Se não fora o impedimento acima referido, que há muitos tempos começou, não era necessária segunda lembrança de V. S^a para ir o sermão. Querera Deus que me veja desembaraçado dele, e não só o sermão do Maranhão, mas todos se porão logo em ordem de ir às mãos de V. S^a."*⁶⁹

Os numerosos excertos citados da correspondência de Vieira — que, por ser pessoal e dirigida a amigos íntimos, se aproxima seguramente mais do seu discurso interior, não auto-censurado, do que qualquer outro escrito seu — não deixam dúvidas de que, particularmente nos anos de 1663 a 1665, apesar do processo que lhe movia o Santo Ofício e das pressões daí decorrentes, Vieira mantinha, mais do que nunca, viva a esperança na chegada, muito em breve, do Quinto Império e trabalhava afincadamente para poder acabar a tempo a obra que deveria precedê-lo, preparando, assim, a Humanidade para a sua chegada.

Sabendo-se que Vieira era réu desde 1663 e que de finais desse mesmo ano datava o pedido para a redacção de uma defesa, a Apologia, não se pode deixar de considerar significativo que só esporadicamente se encontrem na sua correspondência pessoal referências a este texto, enquanto as referências à *História do Futuro* e às esperanças na chegada iminente das felicidades profetizadas se multiplicam ao longo de todo este período. Fica, aliás, claro, ao confrontar as datas das cartas em que tais referências surgem com o historial do processo, que os momentos que Vieira terá dedicado ao pensamento e/ou elaboração de uma apologia se resumem a períodos muito próximos das suas idas à Mesa, as quais envolviam uma natural pressão para que entregasse a Apologia que se comprometera a redigir: a primeira ocorre em Dezembro de 1664, passados oito meses sobre o deferimento do pedido de defesa escrita; e, em Janeiro de 1665, eis que, na sua correspondência, encontramos Vieira preocupado com a

67 A D. Rodrigo de Meneses, 1665 - Setembro, 14, *Cartas*, vol. II, pp. 243 - 246..

68 idem - Setembro, 21, *Cartas*, vol. II, p. 250.

69 idem, 1665 - Setembro, 28, *Cartas*, vol. II, pp. 259 - 260.

redacção da Apologia. Em breve, porém, voltamos a vê-lo empenhado na redacção da *História do Futuro* e na interpretação dos "prodígios", que considerava indicadores da proximidade dos grandes acontecimentos. Só em Setembro de 1665, nas vésperas de nova ida à Mesa, e desta vez também da sua prisão, voltamos a encontrá-lo preocupado com o processo e com a sua defesa.

Da consideração destes dados resulta como evidente que tão gigantesca tarefa como a *História do Futuro*, tal como a concebera desde 1649 ou ainda antes, para cuja conclusão dispunha já de tão pouco tempo, não lhe deixava ocasião para se dedicar à *Apologia*, que, no íntimo, Vieira esperaria não vir a ser necessária por, entretanto, haverem de sobrevir os "grandes acontecimentos".

Besselaar estava, pois, com toda a probabilidade, certo ao defender que, de facto, a *Apologia* não terá sido mais que um estratagema para ganhar tempo e, assim, poder continuar a redacção da grande obra que importava concluir antes de 1666. Era, no entanto, desmesuradamente grande o objectivo face às circunstâncias de tempo ainda disponível e de saúde do autor e terá sido essa a razão do estado fragmentário em que nos chegaram a *História do Futuro*, o *Livro Antepimeiro* e os fragmentos que Muhana agrupou sob a designação de *Apologia* e que, de facto, não serão mais que fragmentos da *História do Futuro*, em estado bastante embrionário, e alguns esboços daquilo que Muhana acredita ser uma verdadeira defesa, mas que nós, pelos motivos expostos, cremos não serem mais do que fragmentos elaborados *ad hoc* nas circunstâncias em que, pressionado pelo tribunal, Vieira se viu obrigado a organizar os materiais dispersos da *História do Futuro* de forma a que os Inquisidores pudessem aceitá-los como parte da prometida Apologia que, quanto a nós, terá sido sempre uma obra virtual.

Por outro lado, os fragmentos editados por Muhana mostram que Vieira terá, ainda que sob a forma fragmentária de apontamentos a desenvolver, redigido matéria que deveria pertencer aos livros III e IV da *História do Futuro*. Dessa matéria é provável que alguma se tenha perdido e certo que a retenção e posterior arquivamento destes fragmentos pelo Santo Ofício, provavelmente sem qualquer critério de ordenação, terá definitivamente impossibilitado a reconstituição da sua ordenação e organização originais.

De qualquer forma, é inegável que a "*Apologia*" é, pelo menos tematicamente, uma continuação da *História do Futuro*, fragmentária, desordenada e estilisticamente não lapidada. Assim a descreve o próprio Vieira na já referida defesa abreviada quando, em relação aos "papéis de que se tiraram as culpas de que fui arguido"⁷⁰ — em número de quatro: a carta ao bispo do Japão, a Petição ao Conselho Geral, a *Representação* e os papéis relativos à *História do Futuro* que entregou em vez da prometida apologia — diz, em relação a estes últimos: "... os cadernos de apontamentos ... os quais eu de nenhum modo ofereceria em resposta ou defesa das proposições ... eu não afirmava, nem ainda sabia o que nos ditos papéis estava escrito, porque não tivera tempo para os ler, e quando os escrevera ainda não estava resoluto no que havia de dizer ou de seguir, sendo somente lançados a pedaços naqueles cadernos o que estudava ou me ocorria informe ou irresolutamente sem a última eleição ... nos sobreditos cadernos ... não há parte ou discurso algum que esteja concluído, havendo muitos riscados e outros prosseguidos por diferentes modos e razões, para que depois se elegeisse o mais conveniente..."⁷¹.

⁷⁰ *Defesa do Livro Intitulado "Quinto Império"*, ob. cit. p. 106

⁷¹ idem, pp. 108-109

Estas observações de Vieira sobre aquilo a que chama "cadernos de apontamentos" vêm juntar-se a todas as razões que vimos aduzindo, reveladoras, a nosso ver, de que a *Apologia*, enquanto documento autónomo, nunca terá existido. Ora, sendo assim, a edição destes fragmentos sob o título de *Apologia das coisas profetizadas* tem, quanto a nós, um efeito perverso que importa salientar: falseia os dados disponíveis, uma vez que, na realidade, os fragmentos inéditos publicados por Muhana nunca terão sido a *Apologia*, tantas vezes solicitada e nunca entregue, mas sempre, como vimos, a continuação da redacção, ainda embrionária, da *História do Futuro*. Mesmo o "tom defensivo" presente nas duas primeiras consequências é facilmente justificado pela situação em que foram redigidos estes fragmentos. É evidente que, mesmo prosseguindo no objectivo de avançar a *História do Futuro*, Vieira sabia que, em algum momento, teria de entregar alguma coisa à Mesa, como efectivamente aconteceu. Não espanta pois que, ao menos, tenha esboçado o referido "tom defensivo", que, no entanto, não ilude o claro "rumo da *História do Futuro*", também reconhecido por Muhana. A verdadeira *Apologia*, essa, só seria redigida quando, já encarcerado e vendo esgotar-se o tempo sem que nenhum acontecimento transcendente o livrasse da perigosa situação em que se encontrava, se viu obrigado a redigi-la sob o título de *Representação dos motivos que tive para me parecerem prováveis as proposições de que tratava*.

Finalmente, se compararmos o plano da *História do Futuro* com a tábua de matérias da *Apologia*, verificaremos que oito dos doze fragmentos que a compõem correspondem ao plano da *História do Futuro*, o que confirma também a opinião por nós avançada. Os quatro primeiros fragmentos, porém, não se relacionam de forma tão evidente com aquela obra. Não é, no entanto, difícil adivinhar tais ligações. A *História do Futuro*, tal como Vieira a concebeu, é uma obra Bandarrista, uma vez que tudo aquilo que Vieira pretendia demonstrar ao longo dos sete volumes previstos se fundava em profecias canónicas e não canónicas e, entre estas últimas, assumiam particular relevo as de Bandarra. Daí que, na concepção, não da *História do Futuro* propriamente dita, mas na do *Livro Antepimeiro*, Vieira tenha planeado um capítulo, o sessenta, em que falaria precisamente sobre o espírito profético do Bandarra⁷². Besselaar pensa que "o tal capítulo nunca existiu senão no intento do autor"⁷³, é, no entanto, provável, acrescentamos nós, que os quatro fragmentos referidos contivessem, em estado embrionário, matéria a ser posteriormente incluída no sobredito "capítulo sessenta", uma vez que a referência a um capítulo tão adiantado logo no capítulo VIII do livro faz supor que Vieira já o teria pensado, posicionado no interior do plano da obra e, muito possivelmente, começado a redigir.

Assim, é possível concluir que os fragmentos apresentados por Muhana como *Apologia das coisas profetizadas* não deverão ser vistos como tal, enquanto obra autónoma, antes têm fortes probabilidades de fazer parte do conjunto de "apontamentos" de Vieira para a *História do Futuro* e para o *Livro Antepimeiro*, apontamentos esses que, como vimos na citação, *supra*, da defesa abreviada, o próprio Vieira admite serem "...somente lançados a pedaços naqueles cadernos o que estudava ou me ocorria informe ou irresolutamente sem a última eleição...". Nesses papéis, que seriam, assim, uma continuação daqueles, mais elaborados, que Lúcio de Azevedo editou como fazendo parte da *História do Futuro* e que contêm matéria dos dois primeiros volumes, encontrar-se-ia, maioritariamente, matéria dos volumes III e IV, um fragmento com matéria relativa ao volume I e, finalmente, quatro fragmentos com matéria do *Livro*

⁷² Vieira faz referência a este capítulo no capítulo VIII do *Livro Antepimeiro*.

⁷³ Besselaar, 1983, p. 12.

Anteprimeiro, não dos capítulos editados por Besselaar a partir do célebre "retalho" enviado por alturas da Páscoa de 1665 para a corte de Lisboa, mas do projectado capítulo sessenta.

A colação, por amostragem, dos planos, tábuas de matérias e texto das várias "obras", que a seguir se apresenta sinteticamente sob a forma de quadro, permite, antes de mais, ao visualizar os resultados da colação, confirmar a identidade e continuidade temática entre estes materiais, confirmando também, conseqüentemente, as conclusões parciais acima apresentadas. O referido quadro permite ainda visualizar com alguma clareza os percursos de elaboração temática do autor, claramente condicionados pelo seu próprio percurso pessoal e pelo inexorável curso do tempo e dos acontecimentos históricos, não só entre a *História do Futuro* e a "*Apologia*", mas também entre estas e a *Representação* e, finalmente, entre as três e a *Clavis*⁷⁴.

<i>História do Futuro</i>	<i>"Apologia"</i>	<i>Representação</i> (manuscrito TT)	<i>Clavis</i> <i>Prophetarum</i>
[<i>Livro Anteprimeiro Capítulo 60 (sobre o espírito profético de Bandarra)</i>]	1- Quando São Paulo em Atenas: (Mostra-se que Bandarra foi Profeta e que no Livro das suas chamadas profecias falou com espírito verdadeiramente profético)	<i>Representação Primeira: 4ª</i> Proposição: Que o Bandarra foi verdadeiro Profeta.	-----
[<i>Livro Anteprimeiro Capítulo 60 (sobre o espírito profético de Bandarra)</i>]	2- Prova-se directamente que o Bandarra escreveu com verdadeiro espírito profético	4ª Proposição: Que o Bandarra foi verdadeiro Profeta.	-----
[<i>Livro Anteprimeiro Capítulo 60 (sobre o espírito profético de Bandarra)</i>]	3- Responde-se às dúvidas e argumentos em contrário	4ª Proposição: Que o Bandarra foi verdadeiro Profeta. (Responde-se a duas objecções)	-----

⁷⁴ Por questões meramente práticas de uniformização, usamos neste quadro em todos os títulos e fragmentos citados das várias obras os critérios de transcrição por nós adoptados na edição do manuscrito BN. Na tábua de matérias da *Representação*, seguimos naturalmente a ordem e numeração do manuscrito TT, por ser este o único que se encontra completo. As questões inéditas de BN são indicadas pelo uso de negrito.

Para a *História do Futuro* e para a *Clavis Prophetarum* (tradução do resumo feito por Casnedi) seguimos as edições das *Obras Escolhidas do Padre António Vieira*, com prefácio e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, 1951-54, Vol. IX.

[<i>Livro Antepimeiro Capítulo 60 (sobre o espírito profético de Bandarra)</i>]	4- Prova-se que do discurso passado se infere bem haverem-se de cumprir todas as coisas que nos escritos de Bandarra estão preditas	5ª Proposição: Que das predições de Bandarra se infere a ressurreição d'el Rei D. João	-----
Livro Primeiro- Nome, verdade e fundamento deste Império	-----	<i>Representação Segunda:</i> Questão 1ª: Se na Igreja e Reino de Cristo há-de haver algum novo estado diverso do presente; e quais sejam geralmente os fundamentos desta opinião?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso
Livro Primeiro- Nome, verdade e fundamento deste Império	-----	Questão 2ª: Porque razão esta sentença não seja comum de todos os autores, assim antigos como modernos?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso
Livro Primeiro- Nome, verdade e fundamento deste Império	9- Consequência quinta: (...com a destruição do Império Otomano se há-de levantar no mundo um novo império e monarquia...)	Questão 3ª: Se está revelado ou profetizado na Sagrada Escritura algum reino, monarquia ou império que se deva chamar o quinto? Questão 27ª: Se o tempo do dito império e estado consumado da Igreja há-de ser antes ou depois do Ante- Cristo?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso
Livro Segundo- Definição do Quinto Império e declaração dele	-----	Questão 4ª: Que império seja este profetizado a que chamamos quinto?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso

Livro Segundo- Definição do Quinto Império e declaração dele	-----	Questão 5ª: Se o Quinto Império, que resolvemos ser de Cristo, é império do céu ou da terra?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso
Livro Segundo- Definição do Quinto Império e declaração dele	-----	Questão 6ª: Em que consiste o reino e reinar de Cristo? Questão 6ª: Se este império de Cristo na terra é espiritual ou temporal?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso
Livro Segundo- Definição do Quinto Império e declaração dele	-----	Questão 7ª: Se o Quinto Império é o reino presente que Cristo hoje tem no mundo ou se é outro diverso e futuro que haja de ter noutra tempo?	Livro Primeiro- Natureza e qualidade do Reino de Cristo, Senhor nosso
Livro Terceiro- Grandeza e felicidade do dito Império	11- Parte 3ª: (grandezas e felicidades da quinta monarquia...exten- são)	Questão 8ª: Quanta será a grandeza e até onde se estenderá o império consumado de Cristo?	Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra
Livro Terceiro- Grandeza e felicidade do dito Império	12. Disse Santo Agostinho: (grandezas e felicidades da quinta monarquia...tempo)	Questão 26ª: Se a duração do Império completo de Cristo e estado consumado da Igreja há-de ser por muitos anos?	Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra
Livro Terceiro- Grandeza e felicidade do dito Império	8- Duração do 5º Império	Questão 26ª: Se a duração do Império completo de Cristo e estado consumado da Igreja há-de ser por muitos anos?	Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra

<p>Livro Terceiro- Grandeza e felicidade do dito Império</p>	<p>10- Quem foram os Milenários, e quais seus erros</p>	<p>Fragmento da Questão 9ª: Se teve cristo neste mundo ou há-de ter em algum tempo o uso ou administração pessoal deste seu império?</p>	<p>Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra</p>
<p>Livro Quarto- Causas, meios e instrumentos com que se há-de conseguir o estado consumado do dito Império</p>	<p>5- Primeira consequência em que se confirma dizer Bandarra que todas as seitas do mundo se hão de fazer Cristãs</p>	<p>Questão 8ª: Quanta será a grandeza e até onde se estenderá o império consumado de Cristo? Questão 9ª: Se esta grandeza e extensão universal do império consumado de Cristo há-de ser toda junta no mesmo tempo ou sucessiva e repartida em diversos? Questão 14ª: Se se pode provar a mesma conversão universal do mundo pela extinção de todas as espécies de infidelidade? (Prova-se em particular a extinção do Gentilismo e Idolatria)</p>	<p>Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra</p>

Livro Quarto- Causas, meios e instrumentos com que se há-de conseguir o estado consumado do dito Império	6- Tira-se a 2ª. consequência, e prova-se a conversão dos Judeus	Questão 14ª: Se se pode provar a mesma conversão universal do mundo pela extinção de todas as espécies de infidelidade?(Prova-se em particular a extinção do Judaísmo) Questão 13ª: Se a conversão universal do Povo Gentílico e Judaico hão-de ser juntamente no mesmo tempo ou ùa primeiro e outra depois?	Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra
Livro Quarto- Causas, meios e instrumentos com que se há-de conseguir o estado consumado do dito Império	7- Tira-se a 4ª. consequência: mostra-se como os dez Tribos hão de aparecer no mundo convertidos à fé de Cristo	Questão 21ª: Se nesta universal conversão e restituição dos Judeus hão-de entrar também os dez tribus perdidos?	Livro Segundo- Da consumação do Reino de Cristo sobre a terra
Livro Quinto75- Tempo, duração e ordem do dito Império	-----	Questão 27: Se o tempo do dito império e estado consumado da Igreja há-de ser antes ou depois do Ante-Cristo?	Livro Terceiro- Tempo em que se há-de consumir e tempo que deve durar depois da consumação
Livro Quinto- Tempo, duração e ordem do dito Império	-----	Questão 28ª: Se antes da vinda do Ante-Cristo é provável, em qualquer opinião, que se passem ainda muitos anos?	Livro Terceiro- Tempo em que se há-de consumir e tempo que deve durar depois da consumação

75 A ordem apresentada por Vieira no parágrafo inicial do capítulo terceiro do *Livro Antepimeiro* é diversa: "no quinto, em que terra, no sexto, em que tempo". Como a ordem não é relevante para as questões aqui abordadas, seguimos, por uma questão de coerência, a ordem apresentada na edição de Sérgio e Cidade que seguimos, a qual se baseia no manuscrito da Biblioteca Nacional *Maquinações do Padre António Vieira, jesuíta*, tomo II, p. 89.

Livro Quinto- Tempo, duração e ordem do dito Império	-----	Questão 29ª: Em que tempo há-de começar esta mudança do mundo e da Igreja em ordem ao novo estado do império completo de Cristo?	Livro Terceiro- Tempo em que se há-de consumir e tempo que deve durar depois da consumação
Livro Sexto- Terra em que se há-de fundar o dito Império enquanto temporal e qual há- de ser a cabeça dele	-----	Questão 30: De que terra ou nação será o emperador que deus há-de tomar por instrumento desta empresa?	-----
Livro sétimo- Pessoa que será o primeiro Imperador, instrumento temporal do dito Império	-----	Questão 18ª: Quais serão os principais instrumentos desta consumada obra da conversão e sujeição universal do mundo a Cristo?	-----
Livro sétimo- Pessoa que será o primeiro Imperador, instrumento temporal do dito Império	-----	Questão 19ª: como se responde aos fundamentos da contrária suposição? Questões 9ª-13ª.	-----

Quadro 1: As obras proféticas de Vieira: correspondência temática

Entre a *História do Futuro* (e o *Livro Antepreimeiro*) e a *Apologia* cremos estar, assim, suficientemente provada a identidade e a complementaridade. A ideia não é, aliás, completamente nova. Lúcio de Azevedo também se apercebeu da provável relação entre estes fragmentos e os capítulos mais ou menos elaborados que editou e, em nota final à sua edição da *História do Futuro*, afirma, certamente referindo-se aos fragmentos posteriormente editados por Muhana: "Termina o manuscrito. Dispersos entre os restantes papéis se encontram fragmentos, muito plausivelmente para entrarem a seu tempo nesta mesma obra, mas que por não terem ligação imediata com estes capítulos deixam de se transcrever"⁷⁶. Pena é que à lucidez da hipótese avançada não tenha correspondido a percepção da importância de tais fragmentos, ainda que muito dispersos e embrionários, para um melhor conhecimento daquilo que deveria ter sido uma obra magnífica em vários aspectos. Muhana, por sua vez, tendo embora o mérito de os ter exumado do amálgama de papéis soltos arquivados no volumoso processo de Vieira e de

⁷⁶ Sérgio e Cidade, ob. cit., Vol. IX, p. 160, nota (b), atribuída a Lúcio de Azevedo.

os ter trazido à luz, não o fez, a nosso ver, da forma mais adequada à situação textual que agora esboçamos. Mais do que atribuir-lhe uma duplicidade genética, que, dadas as circunstâncias de redacção, é aceitável, vê neles fragmentos de uma obra pelo menos parcialmente autónoma, redigida prioritariamente com uma intenção defensiva, apologética, e publica como sendo a *Apologia*, que nunca existiu, fragmentos da *História do Futuro*, que, como tal, deveriam ter sido publicados como apêndice a esta obra e não separadamente, sob título diferente, como obra autónoma.

Assim, pensamos poder assentar, a partir dos dados aduzidos, que, até Setembro de 1665, mau grado a insistência do Tribunal para que redigisse, em sua defesa, o documento solicitado em 1663, em que pretendia explicar as suas ideias, Vieira terá trabalhado incessantemente na *História do Futuro* e só de forma muito esporádica, provavelmente nas ocasiões em que foi obrigado a apresentar-se à Mesa com o que tivesse escrito, terá esboçado uma tentativa de adaptar os papéis que andava redigindo para aquela obra a algo que se parecesse com uma defesa minimamente estruturada, pelo que, ao contrário do que defende Muhana⁷⁷, parece-nos mais provável que a "Apologia" tenha surgido esporádica e circunstancialmente no meio daquilo que era a *História do Futuro* do que o contrário.

1.2. *História do Futuro* (+ "Apologia") / Representação.

A persistência, para não dizer teimosia, de Vieira em continuar, contra tudo e contra todos, a *História do Futuro* não podia, no entanto, manter-se por muito mais tempo. A "paciência e benevolência" inquisitoriais haviam-se esgotado e nada nem ninguém pôde impedir que recolhesse ao cárcere em Outubro de 1665. Tratava-se, é certo, de um "cárcere de custódia", daqueles reservados aos réus de menores culpas e de maior prestígio, mas, ainda assim, terá certamente sido este duro embate com a periculosidade da sua situação que o terá finalmente obrigado a desistir da *História do Futuro* na forma em que até ali a concebera. Com a dupla consciência de que, por um lado, o tempo urgia e já não era possível terminar a obra antes que os acontecimentos lhe tirassem o carácter profético; e, por outro, de que a sua situação se complicava, Vieira redigiu então, finalmente, em apenas oito meses, a apologia que intitulou *Representação dos motivos que tive para me parecerem prováveis as proposições de que tratava*, a qual, num extraordinário exercício de síntese, aborda toda a temática da *História do Futuro*, a já encetada e aquela, bem mais extensa, ainda por encetar.

Recorrendo, de novo, às tábuas de matérias das duas obras, é evidente a identidade entre ambas. Nas três primeiras Proposições da "Representação Primeira" — 1ª. Proposição: Que a verdadeira profecia se prova pelo efeito das coisas profetizadas; 2ª. Proposição: Que só o efeito e cumprimento das coisas profetizadas é prova da verdadeira profecia e não há outra; 3ª. Proposição: Que o efeito das coisas profetizadas é sinal dado por Deus para prova de verdadeira profecia e do verdadeiro profeta — encontramos material tematicamente semelhante ao do *Livro Antepimeiro*, mais particularmente ao da terceira parte, dedicada à "verdade" da *História do Futuro*, a qual se fundamenta nas profecias canónicas e não canónicas e respectivas interpretações. Pertencem a esta parte da obra os capítulos 9º a 12º:

⁷⁷ "Descobre-se então que quase insensivelmente ele se embrenhou na *História do Futuro*. A partir daí, no meio do que era uma "apologia", insere capítulos que anteriormente redigira da *História do Futuro*...". Ob. cit. p. XIII da Introdução.

- Capítulo 9º: Verdade desta história: declara-se o modo com que se podem conhecer os futuros.
- Capítulo 10º: Resposta a uma objecção: mostra-se que o melhor comentador das profecias é o tempo.
- Capítulo 11º: Declara-se qual seja a novidade desta história, e se prova que as cousas novas, por novas, não desmerecem o crédito de sua verdade.
- Capítulo 12º: Dá-se a razão por que em algumas partes desta história se não alegarão Padres e se seguirão exposições de escritores modernos.

Esta coincidência, no entanto, é pouco mais que superficial, uma vez que só o tema geral é o mesmo, sendo o seu tratamento divergente em função dos diferentes objectivos perseguidos em cada um dos casos.

Nas Proposições 4ª e 5ª — 4ª. Proposição: Que o Bandarra foi verdadeiro profeta; 5ª. Proposição: Que das predições de Bandarra se infere a ressurreição d'el Rei D. João — porém, encontramos matéria que podemos considerar reformulada a partir dos materiais para o projectado capítulo 60º, do qual, como mostrámos, se encontram quatro fragmentos redigidos entre os editados por Muhana e no qual Vieira deveria falar sobre o Profeta não canónico de maior peso nas suas teorias: Bandarra. Aqui, sim, encontrava-se matéria que, pela sua especificidade, poderia aproveitar directamente a Vieira e, efectivamente, as afinidades entre os referidos fragmentos e determinadas passagens das proposições 4ª e 5ª da *Representação* são bastante significativas: para além do tema, tais afinidades vão desde a sequência discursiva, à escolha e apresentação dos textos ilustrativos das teses apresentadas e à própria identidade de construções sintácticas e do vocabulário utilizado.

Vejam-se, por exemplo, os parágrafos em que, na *Apologia*, se mostra que Bandarra foi profeta e nos seus livros de profecias falou com espírito verdadeiramente profético e, na *Representação*, se desenvolve a 4ª objecção contra o verdadeiro espírito profético de Bandarra.

"Apologia"	Representação
"A 1ª. razão, ou apreensão em que os desprezadores de Bandarra fundam sua desafeição e desprezo, é a desestimação do sujeito, ou a indignidade da pessoa. Foi Bandarra um homem de pátria, geração e officio humilde, natural de <uma> aldeia no termo de Trancoso, official de sapateiro de obra grossa, tão leigo e idiota que não sabia ler nem escrever, e não Religioso, ou Anacoreta, senão casado, com mulher e filhos: e parece a alguns não só impróprio, senão ainda indecente considerar ilustrações sobrenaturais e verdadeiro espírito profético em semelhante sujeito..." ⁷⁸	"A quarta e última objecção é um composto ou complexo de muitas, as quais todas se fundam no desprezo e desestimação da pessoa do Bandarra, reputando-se por muito indigna e desproporcionada de que Deus pusesse nela o dom e graça da profecia. Porque, sendo Bandarra um homem leigo, casado, idiota e de baxo officio e condição, a que fim (dizem) lhe havia Deus de comunicar ùa cousa tão rara e grande como é o espírito profético..." ⁷⁹

Quadro 2: *Apologia/Representação*: correspondência textual

⁷⁸ Apol. p. 4, ls. 23-30.

⁷⁹ Repres. § 232.

A referida objecção funda-se numa série de características de Bandarra que encontramos enunciadas e depois desenvolvidas quer na *Apologia* quer na *Representação*, ainda que com alterações várias entre uma e outra ao nível da forma. Tal como acontece para a enunciação, o desenvolvimento destas características é também feito de forma paralela nas duas obras, embora nem sempre a ordem de apresentação seja idêntica:

"Apologia"	Representação
<p>"E se este crédito se concede tão facilmente a mulheres de espírito, posto que pareça bom ainda não provado, por que se há de negar a um homem depois de tantas e tão qualificadas provas, sendo o sexo feminino por sua natural fraqueza, ou vaidade tão sujeito a enganar, como <a> ser enganado? A primeira mulher que houve no mundo foi a primeira ilusa e a primeira que teve pacto com o demónio, e a primeira que enganou ao homem mais sábio, tudo debaixo de espécie de divindades ... E até os Apóstolos que ouviram a relação [do que tinham visto] as Marias, o que tiraram dela foram receios, e não esperanças; e assim disseram os que iam para Emaús: <i>mulieres nostrae terruerunt nos, dicentes se visionem Angelorum vidisse</i>: e o que não creram a três mulheres pelo serem (ainda que santas), creram logo a um só homem [ainda que] na mesma noite tinha negado três vezes a Cristo: <i>Surrexit Dominus vere et apparuit Simoni</i>."⁸⁰</p>	<p>"...nas profecias, visões e revelações de mulheres, se deve proceder com muito maior cautela, pela fraqueza daquele sexo e vaidade dele. A 1ª mulher que houve no mundo foi a 1ª ilusa, e a primeira a quem o Demónio enganou com promessa de futuros falsos. Os discípulos de Emaús, referindo a visão que tiveram as Marias no sepulcro, disseram: <i>Mulieres nostrae terruerunt nos, dicentes visionem Angelorum vidisse</i>, como refere S. Lucas, no capítulo 24; e no mesmo capítulo se diz: <i>Surrexit Dominus vere et apparuit Simoni</i>. De maneira que mais crédito deram a um homem que três dias antes tinha negado três vezes a Cristo que a três mulheres santas, devotas e constantes que o tinham acompanhado na cruz e buscado na sepultura."⁸¹</p>

80 Apol. p. 5, ls. 1-6; 10-16.

81 Repres. § 234.

<p>"Quanto à excepção de casado, bem conheço que a profissão da virgindade é grande disposição para o espírito da profecia ... Assim como se viu em Eva que a primeira mulher foi a primeira ilusa, assim se vê em Adão que o 1º casado foi o primeiro Profeta. e de tal maneira que [no mesmo tempo] em que Deus da costa lhe formava a mulher, lhe infundia no entendimento o lume da profecia. Tal foi na sentença de todos os Padres aquele misterioso sono, de que diz o texto sagrado: <i>immisit soporem in Adam</i>. Casados foram aqueles dois grandes profetas, Moisés e David, e Jacob, que passava as noites inteiras com os Anjos, não só era casado, senão com quatro mulheres..."⁸²</p>	<p>"Assi como disse que a primeira mulher foi a primeira ilusa, assi digo que o primeiro casado foi o primeiro profeta. Profetizando estava Adão, como dizem comumente os Padres, quando Deus do lado lhe estava formando a Eva, e a esta revelação que teve dormindo se seguiram depois tantas outras, acordado e vigiando. Casado era Noé, a quem Deus revelou aquele grande segredo do castigo universal do mundo...Moisés foi profeta e casado ... Deixo os exemplos de quasi todos os Profetas canónicos, que eram casados..."⁸³</p>
---	--

Quadro 3: *Apologal Representação*: correspondência textual

Exemplos semelhantes, de correspondência parcial a nível temático e formal, aos encontrados nos passos citados, relativos às condições de ser "homem" e "casado", podem ser encontrados nos restantes fragmentos, relativos ao espírito profético de Bandarra, que nos abstermos de citar por demasiado longos. Podem, no entanto, confrontar-se ainda, a título de exemplo, vários outros passos, dos quais apontamos apenas alguns: na sequência das características de Bandarra, os passos relativos à "humildade de sua Pátria, geração e ofício"⁸⁴, à condição de "idiota"⁸⁵, ao "fim" a que lhe teria sido atribuído o espírito profético⁸⁶ e à suspeição de "ser da nação Hebreia"⁸⁷; quanto ao verdadeiro espírito profético das suas obras, os passos relativos ao sucesso das coisas profetizadas como prova da verdadeira profecias⁸⁸. Finalmente, quanto à dedução, na sequência dos desenvolvimentos anteriores, de que se hão-de cumprir as profecias de Bandarra ainda não cumpridas, os passos relativos à ressurreição de D. João IV⁸⁹.

Se na "Representação Primeira" encontramos matéria de carácter introdutório em relação ao grande tema do Quinto Império, relativa, portanto, a parte da matéria pensada para o *Livro Antepimeiro*, na "Representação Segunda" é toda a matéria da *História do Futuro* que ali encontramos, abreviada, reformulada e completada, em ordem a dois objectivos, já enunciados, cuja prioridade relativa não nos atrevemos a propor: Suprir através de uma síntese a necessidade de dar a conhecer os grandes acontecimentos que

⁸² Apol. p. 5, ls. 19-20; 25-34.

⁸³ Repres. § 236.

⁸⁴ Apol., p. 6, ls. 20-23, 32-33; p. 7, ls. 1-12 / Repres., § 238.

⁸⁵ Apol., p. 7, ls. 12-22; p. 8, ls. 6-13 / Repres. § 237.

⁸⁶ Apol., p. 8, ls. 21-33; p. 12, ls. 10-13, 19-22, 27-33 / Repres., §239.

⁸⁷ Apol., p. 13, ls. 34-38; p. 14, ls. 7-10 / Repres. § 242 e Apol., p. 14, ls. 16-26 / Repres., § 243.

⁸⁸ Apol., p. 31, ls. 1-3, 8-12, 20-22 / Repres. § 73 e Apol. p. 57, ls. 25 e sgs. / Repres. § 123, 124.

⁸⁹ Apol., p. 73, ls. 4-6 / Repres. § 248; Apol. p. 73, ls. 15 e sgs.; p. 74, ls. 9 e sgs. / Repres. § 245, etc.

se aproximavam antes que chegassem e, expondo de forma abreviada as suas teorias e fundamentando-as convenientemente, defender-se perante a Inquisição das acusações que julgava, cremos que genuinamente, derivarem de uma errada compreensão das suas ideias.

O tipo de relacionamento por nós identificado entre os materiais disponíveis da *História do Futuro* (os publicados por Lúcio de Azevedo e os publicados por Muhana) e a matéria da "Representação Segunda" é idêntico ao identificado na "Representação Primeira" entre os materiais disponíveis do *Livro Antepimeiro* (os publicados por Besselaar e os publicados por Muhana) e a matéria desta Representação. Neste caso, porém, a divisão da matéria por questões, cuja tábua completa chegou até nós através do manuscrito das *Maquinações*⁹⁰, torna bastante mais evidente o carácter de compêndio da *Representação* em relação à *História do Futuro*, verificando-se, para além das correspondências acima exemplificadas apenas com recurso ao tema de cada um dos volumes previstos, uma correspondência quase total entre as 59 questões desta e as 30 questões daquela. A diferença de 29 questões, aparentemente significativa em termos numéricos, esbate-se, no entanto, com a verificação de que tal diferença numérica tem a ver, na esmagadora maioria dos casos, apenas com o carácter de síntese da *Representação*, onde frequentemente se juntam, ou simplesmente pressupõem, temas que, na *História do Futuro*, estava previsto serem tratados com grande desenvolvimento numa ou em várias questões.

<i>História do Futuro</i> ⁹¹	<i>Representação</i> ⁹²
<i>Livro Primeiro</i> : Questões 1 ^a e 3 ^a -5 ^a	Questão 3 ^a
Questão 2 ^a	Questão 7 ^a
<i>Livro Segundo</i> : Questão 1 ^a	Questão 4 ^a
Questão 2 ^a	Questão 5 ^a
Questão 3 ^a	Questão 6^a ⁹³
Questões 4 ^a -5 ^a	Questão 7^a
Questões 6 ^a -7 ^a	Questão 6 ^a
Questões 8 ^a -10 ^a	Questão 9^a
Questões 11 ^a -13 ^a	Questões 10^a-13^a
<i>Livro Terceiro</i> : Questões 1 ^a -2 ^a	Questão 1 ^a
Questão 3 ^a	Questão 2 ^a
Questão 4 ^a	Questão 8 ^a
Questão 5 ^a	Questão 9 ^a , 16 ^a
Questão 6 ^a	Questão 10 ^a
Questão 7 ^a	Questão 24 ^a
Questão 8 ^a	Questão 25 ^a
<i>Livro Quarto</i> : Questões 1 ^a -2 ^a e 4 ^a -5 ^a	Questão 14 ^a

90 Esta tábua de matérias, que em grande parte não passou do plano, é publicada por Sérgio e Cidade, 1951-54, Vol. IX, pp. 161-170.

91 Cf. o "Plano da *História do Futuro*", reproduzido a partir do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa intitulado *Maquinações de António Vieira, jesuíta*, tomo II, p. 89, editado por Sérgio e Cidade, 1951-54, Vol. IX, pp. 161-170, apresentado em apêndice.

92 Cf. supra o quadro comparativo das questões que compõem a "Representação Segunda" nos manuscritos BN e TT, II, 3.2.1.2.

93 Indicam-se pelo uso de negrito as questões que, tendo sido redigidas na versão transitória da *Representação*, representada pelo manuscrito BN, foram excluídas ou substituídas na passagem à sua versão terminal, representada pelo manuscrito TT.

Questão 3 ^a	Questão 15 ^a
Questão 6 ^a	Questão 21 ^a
Questão 7 ^a	Questão 20 ^a
Questão 8 ^a	Questão 22 ^a
Questão 9 ^a	Questão 23 ^a
Questão 10 ^a	Questão 11 ^a
Questão 11 ^a	Questão 12 ^a
Questões 12 ^a -14 ^a	Questão 17 ^a
Questões 15 ^a -17 ^a	Questões 18 ^a -19 ^a
Questão 18 ^a	Questão 12^a
<i>Livro Quinto: Questão 1^a</i>	Questão 27 ^a
Questão 2 ^a	Questão 13 ^a
Questão 3 ^a	Questão 26 ^a
Questão 4 ^a	Questão 29 ^a
Questão 5 ^a	Questão 28 ^a
<i>Livro Sexto: Questões 1^a-3^a</i>	Questão 30 ^a
<i>Livro Sétimo: Questões 1^a-4^a</i>	Questão 30 ^a
Questões 5 ^a -7 ^a	<i>Representação Primeira: 5^a Proposição</i>

Quadro 4: *História do Futuro/Representação*: correspondência de questões

Para além da identidade temática, é possível, também aqui, identificar uma série de passagens onde a identidade formal, aos vários níveis já acima indicados, é notória. Tal como fizemos para a "Representação Primeira", apresentaremos apenas alguns exemplos dos muitos que ilustram esta identidade.

Começando pelos textos editados por Lúcio de Azevedo, que contém matéria relativa aos dois primeiros livros, podemos citar, por ser particularmente ilustrativo do que pretendemos provar, o passo relativo à demonstração de que está profetizado nas Escrituras um Quinto Império, ou Quinta Monarquia, feita, em ambos os casos, através dos mesmos lugares: 1^a Profecia de Daniel (a estátua dos quatro metais), que citamos; 2^a Profecia de Daniel (as quatro bestas); Profecia de Zacarias (as quatro carroças). Esta demonstração, dividida em três capítulos, um por cada demonstração, abrange, juntamente com o fragmento editado por Muhana sob o título de "Consequência Quinta", toda a matéria redigida que chegou até nós do Livro Primeiro da *História do Futuro*, matéria esta que é resumida na Questão 3^a da *Representação*.

<i>História do Futuro</i>	<i>Representação</i>
"...vias defronte de ti uma estátua grande, de estatura alta e sublime e de aspecto terrível e temeroso. A cabeça desta estátua era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre até os joelhos de bronze, dos joelhos de ferro, os pés de ferro e de barro. Estando assim suspenso no que vias, viste mais que se arrancava uma pedra de um monte, cortada dele sem mãos, e que, dando nos pés da estátua, a derrubava. Então se desfizeram juntamente o barro, o ferro, o bronze, a prata, o ouro, e se converteram em pó e cinza, que foi levada dos ventos, e nem aqueles metais apareceram mais, nem o lugar onde tivessem estado; porém a pedra que tinha derrubado a estátua cresceu, e fazendo-se um grande monte, ocupou e encheu toda a terra." ⁹⁴	"Tinha a estátua a cabeça de ouro, os peitos de prata, o ventre de bronze, uma e outra perna de ferro, e os pés de ferro e barro. E enquanto Nabucodonosor estava admirado do que via (porque a estátua, como diz o texto, era grande e de aspecto terrível) viu mais que de um monte caía ou se arrancava, sem mãos, uma pedra, a qual deu um golpe nos pés da estátua com tão maravilhoso efeito que a estátua e seus metais se desfizeram todos em pó e cinza; e a pedra, crescendo, se converteu em um monte de tão imensa grandeza que cobriu toda a terra." ⁹⁵

Quadro 5: *História do Futuro/Representação*: correspondência textual

A descrição do primeiro sonho (supra, Quadro 5) é idêntica em ambos os textos. Todos os elementos nucleares da história estão presentes nos dois casos, por vezes com grande similaridade ou mesmo identidade de expressão. As únicas diferenças significativas entre as duas descrições dizem respeito ao carácter sintético da descrição da *Representação* face ao carácter analítico da da *História* e a diferença de ponto de vista na narração do sonho (o de Daniel, na primeira pessoa, na *História* / o de Vieira, na terceira pessoa, na *Representação*).

A este primeiro sonho profético seguem-se os outros dois⁹⁶, pela mesma ordem, verificando-se nitidamente, neste caso, um processo de síntese que permite, pela eliminação de todos os pormenores supérfluos e manutenção apenas dos elementos nucleares da narração, transformar três capítulos em apenas alguns parágrafos, sem prejuízo da demonstração.

O fragmento relativo a esta matéria editado por Muhana não se sobrepõe aos três capítulos referidos, pertencentes ao Livro I, Questão 1⁹⁷, antes os completa. Partindo do segundo sonho de Daniel, identifica o *cornu parvum* da quarta besta com o Império do Turco, de cuja destruição há-de resultar o estabelecimento do Quinto Império, e não com o do Anti-Cristo, que só há-de ser depois do Império consumado de Cristo. Este fragmento, que completa as informações fornecidas pela análise das profecias constante

⁹⁴ *História do Futuro*, Livro I, cap. 1, Sérgio e Cidade, 1951-54, pp. 9-10.

⁹⁵ *Repres.* § 24.

⁹⁶ *História do Futuro*, Livro I, caps. I,II,III, ob. cit, pp. 6-38 / *Repres.* § 24-30.

⁹⁷ Se na Sagrada Escritura está revelado algum Império que se deva chamar o quinto?

dos referidos capítulos I, II e III, faria, ao que tudo indica, parte da Questão 4ª do Plano da *História do Futuro*⁹⁸. Na *Representação*, esta discussão é remetida para a Questão 27ª.

Os restantes capítulos da *História do Futuro* publicados por Lúcio de Azevedo pertencem todos ao Livro II, nomeadamente às Questões 1ª, 2ª e 3ª, esta última elaborada com grande desenvolvimento e aparentemente concluída. Na *Representação*, as Questões 1ª e 2ª correspondem, respectivamente às Questões 4ª e 5ª; a 3ª corresponde a uma questão, a 6ª, redigida em BN mas anulada antes da passagem para TT e simplesmente suposta na Questão 18ª deste manuscrito.

As correspondências continuam a ser evidentes. A título de exemplo, vejam-se, na Questão 1ª, passagens como as que encontramos nos passos relativos às provas de que o Quinto Império é o de Cristo, das quais citamos aqui apenas duas, onde, exceptuando a ordenação de sintagmas e frases, se apresentam idênticas provas e idênticas conclusões⁹⁹:

<i>História do Futuro</i>	<i>Representação</i>
"É conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos ..."100	"O Império profetizado a que chamamos Quinto é o Império de Cristo e dos Cristãos. Esta conclusão é certa e indubitável, e comum de todos os Padres e expositores..."101
"Primeiramente aquela pedra que derrubou a estátua e desfez as quatro monarquias figuradas nos quatro metais, e depois cresceu e a sua grandeza ocupou e encheu toda a terra, é Cristo, o qual em outros muitos lugares da Escritura se chama <i>Pedra</i> ... Ele foi a pedra com que David derrubou ao gigante, em significação de que por meio e virtude de Cristo havemos de vencer o mundo e o Demónio."102	"Prova-se 1º com o 1º lugar de Daniel, onde a pedra que derrubou a estátua significa a Cristo, o qual foi também a pedra de David que derrubou o gigante; e em muitos lugares da Escritura se chama <i>Pedra</i> ."103

Quadro 6: *História do Futuro/Representação*: correspondência textual

Muitas outras, porém, à semelhança dos casos anteriores, poderiam ser citadas. Veja-se ainda, na Questão 2ª da *História do Futuro*, correspondente à Questão 5ª da *Representação*, toda a argumentação contra a teoria de Tertuliano e Teodoro de que o Império de Cristo havia de ser no céu e não na terra, cujo desenvolvimento da argumentação e consequente conclusão apresentam uma correspondência notável. A Questão 3ª, que é, como dissemos, a mais desenvolvida, não só do Livro II, senão também de todos os capítulos e fragmentos conhecidos da *História do Futuro*, segue, no

98 Se no capítulo I de Daniel é significado o império do Anticristo na figura do chamado *Cornu parvulum*? ou o do Anticristo, ou o do Turco?

99 Hist. do Fut. Livro II, cap. I, ob cit, pp. 39-46 / Repres. Questão 4ª, § 45 e sgs.

100 Hist. do Fut. Livro II, cap. I, ob cit, p. 39

101 Repres. § 45.

102 Hist. do Fut. Livro II, cap. I, ob cit, p. 39.

103 Repres. § 46.

entanto, ainda que de forma muito resumida, o mesmo percurso argumentativo, e por vezes com passagens bastante semelhantes, da Questão 6ª do manuscrito BN.

Os fragmentos editados por Muhana — com exceção dos que já vimos constituírem, com toda a probabilidade, matéria do *Livro Anteprimeiro* e da Questão 4ª do Livro Primeiro da *História do Futuro* — inserir-se-iam, a julgar pela temática que desenvolvem, nos Livros III e IV, mais concretamente na Questão 4ª do Livro III e nas Questões 1ª, 5ª e 6ª do Livro IV:

<i>"Apologia"</i>	<i>História do Futuro</i>
-Parte 3ª: (grandezas e felicidades da Quinta Monarquia...extensão) -Disse Santo Agostinho: (grandezas e felicidades da Quinta Monarquia...tempo) -Duração do Quinto Império -Quem foram os Milenários e quais seus erros	Livro III - Questão 4ª: Quanta haja de ser a grandeza do Império de Cristo no dito estado.
-Primeira consequência em que se confirma dizer Bandarra que todas as seitas do mundo se hão-de fazer Cristãs	Livro IV - Questão 1ª: Se o primeiro meio da consumação do dito estado seja a conversão universal de todos os homens à Fé de Cristo e a extirpação de todas as heresias do mundo?
-Tira-se a 2ª consequência, e prova-se a conversão dos Judeus	Questão 5ª: Como se prova em especial a conversão dos Judeus e a extirpação do Judaísmo?
-Tira-se a 4ª consequência: mostra-se como os dez Tribos hão-de aparecer no mundo convertidos à fé de Cristo	Questão 6ª: Se nesta conversão dos Judeus hão entrar também os Dez Tribos perdidos?

Quadro 7: *Apologia/História do Futuro*: correspondência temática

Na *Representação*, estas matérias estendem-se por várias questões, por nós identificadas no Quadro 1 e, também aqui, as correspondências ao nível da temática, do esquema argumentativo, dos autores e lugares citados, etc, são abundantes e evidentes. Sirva de exemplo o tratamento dado em ambos os textos à questão da posse do império de Cristo pelo mesmo Cristo, na qual, com pequenas diferenças relativas, por exemplo, à personalização do exemplo escolhido (um príncipe herdeiro de Castela > Filipe Segundo), partindo do mesmo texto (o do salmo 2º), se desenvolve a mesma ideia (a da totalidade e simultaneidade do domínio de Cristo), se prova com o mesmo exemplo (o do príncipe de Castela) e se chega à mesma conclusão (a extensão universal do Império de Cristo há-de ser junta e no mesmo tempo)¹⁰⁴:

¹⁰⁴ Comparem-se ainda, para além do citado, os seguintes passos: Apol. p. 101-102 / Repres. Questão 14ª § 195; Apol. p. 102 / Repres. Questão 14ª § 200; Apol. p. 109 / Repres. Questão 14ª § 225; Apol. p. 112-114 / Repres. Questão 14ª § 234-235; Apol. p. 118 / Repres. Questão 14ª § 244; Apol. p. 124 / Repres. Questão 14ª § 241; Apol. p. 125 e 127 / Repres. Questão 14ª § 242-243; Apol. p. 129-130 / Repres. Questão 13ª § 191; Apol. p. 137-142 / Repres. Questão 21ª § 344-345; Apol. p. 142 / Repres. Questão 21ª § 352; Apol. p. 143 / Repres. Questão 21ª § 354; Apol. p. 177 / Repres. Questão 26ª § 506; Apol. p. 181 / Repres. Questão 26ª § 509; Apol. p. 251-252 / Repres. Questão 9ª (BN); Apol. p. 285-286 / Repres. Questão 8ª § 96-98, entre outros.

"Apologia"	Representação
<p>"E como o mesmo Eterno Padre tem prometido a Cristo que lhe há-de dar a posse da dita sua herança, conforme o texto já alegado do salmo 2º...segue-se que há-de haver algum tempo em que Cristo não só tenha o direito e domínio, senão a posse de todas as nações e terras do mundo, porque doutra maneira nunca a posse seria igual ao domínio, nem verdadeiramente se pudera verificar que estava <Cristo> entregue da herança de seu Padre. Ponho exemplo. Se um príncipe herdeiro de Castela lhe forem dando a herança de seu pai sucessivamente, de tal sorte que quando lhe entregarem o Reino de <Leão> lhe tirem o de Galiza; e quando lhe entregarem o de Navarra lhe tirem o de Aragão; e quando lhe entregarem <o de> Granada lhe tirem Valença e Catalunha, será verdadeiro dizer que este príncipe nunca foi inteiramente metido de posse da herança de seu Pai, porque nunca possuiu inteiramente todos os Reinos de que ele era Senhor."¹⁰⁵</p>	<p>"O texto do salmo 2º...também não admite dominação que em algum tempo não haja de ser total, inteira, junta e permanente; porque doutra maneira nunca a herança de Cristo se reduziria a posse, contra o que diz o texto, no qual promete o Eterno Padre expressamente a seu Filho que lhe dará a inteira e universal posse da sua herança, que são as gentes de todos os fins da terra. Carlos Quinto, em sua vida, deu a posse de toda sua herança a seu primogénito Filipe Segundo, e porque foi a posse de toda sua herança, senão porque simultaneamente lhe deu todos os Reinos e Estados de sua Monarquia, para que simultaneamente e no mesmo tempo os possuísse e lograsse? Mas se Carlos, quando deu a Filipe o Reino de Castela, lhe não dera o de Aragão, e quando lhe deu o de Leão, lhe tirara o de Granada, de nenhum modo se verificava que lhe dera a posse de toda sua herança. E ainda que sucessivamente em diversos tempos dominasse Filipe todos quantos reinos e estados possuísse seu pai, se nunca os dominasse e possuísse todos juntamente, nunca se podia verificar que tivera e lograra a inteira posse da sua herança."¹⁰⁶</p>

Quadro 8: *Apologia/Representação*: correspondência textual.

A natureza das variantes textuais apresentadas e as próprias circunstâncias de redacção da *Representação* — é sabido que Vieira se encontrava encarcerado e não tinha, obviamente, consigo os papéis que fora redigindo para a *História do Futuro* — invalidam a possibilidade de a utilização destes fragmentos na redacção da *Representação* ter sido directa, mas exemplos como estes mostram, a nosso ver claramente, que terá havido uma utilização, ainda que indirecta, por força das circunstâncias, desses papéis, já relativamente elaborados, através da extraordinária memória que Vieira revela ter ainda, perto dos 60 anos, quando, ao redigir a *Representação* sem qualquer auxiliar de memória para além do *Breviário*, consegue citar uma imensidade de autores, mesmo que, por vezes, apenas lhes refira o nome ou a obra. Efectivamente, se, por vezes, encontramos nos papéis da *História do Futuro* referências que na redacção da *Representação* a memória não lhe permitiu recuperar (Apol. "o Profeta Isaías no cap. 61" / Repres. "o mesmo Profeta Isaías no capº...")¹⁰⁷, outras,

¹⁰⁵ Apol. p. 95, ls. 5-19.

¹⁰⁶ Repres. Questão 9ª § 122.

¹⁰⁷ Apol. p. 12 / Repres. § 239.

porém, a mesma memória retoma o fio de ideias já desenvolvidas e de argumentos já expostos, e, por vezes, até de construções sintácticas particularmente conseguidas em matéria de eficácia argumentativa (Apol. Quantas vezes ouvimos...? quantas vezes ouvimos...? etc. Quem lhe disse....? Quem lhe disse...? etc. / Repres. Quem lhe disse...? etc.)¹⁰⁸, o que tudo aponta para uma relação entre as "obras" até aqui analisadas que poderemos esquematizar da seguinte forma:



Se é inegável, como acima referimos, que a *Representação* se apresenta, à primeira vista, como obra autónoma em relação à *História do Futuro*, pelo tempo e circunstâncias em que foi redigida e pelas suas características de obra completa, parece-nos que os exemplos analisados permitem encarar os fragmentos da *História do Futuro*, os que conhecemos através das edições de Lúcio de Azevedo e de Muhana e os que certamente se terão perdido, como estando na base de significativas partes da *Representação*, o que permite perceber o carácter relativamente elaborado do rascunho desta última, o manuscrito BN. A matéria sintetizada nesta obra já fora em muitas partes redigida e quando não chegara a ser redigida fora pelo menos longamente pensada e estudada, numa espécie de rascunho mental, o que leva a crer que da elaboração mental à fixação pela escrita faltaram apenas à *História do Futuro* o tempo, a paciência e as condições materiais que a actividade física da escrita requer.

1.3. A *Clavis Prophetarum*: chave da obra profética de Vieira.

A *Clavis Prophetarum* fecha, como é sabido, o ciclo das "obras proféticas". E, ao falarmos de ciclo, fazemo-lo aqui no sentido biológico do termo, na medida em que a *Clavis*, fecha, de facto, um ciclo, mas não no sentido de uma sequência de transformações em que o ponto de chegada coincide com o de partida, antes no sentido de ciclo de vida, em que a *Clavis* representa o último estado de evolução da grande "obra" que, nascida sob o nome de *História do Futuro*, acabaria, incompleta, mas substancialmente modificada em relação ao seu primeiro estado, sob o de *Clavis Prophetarum*.

¹⁰⁸ Apol. pp. 33-34 / Repres. § 174.

Poderia objectar à consideração da *Clavis* como parte do processo genético que temos vindo a procurar descrever e analisar o facto de esta última estar escrita em latim, ser dirigida a um público mais alargado que as anteriores¹⁰⁹ e, principalmente, representar uma considerável evolução no pensamento do autor. Efectivamente, como faz notar Borges — um dos poucos autores que têm analisado a *Clavis* com base numa leitura integral da mesma — é inegável uma evolução do pensamento do autor entre as obras anteriores, a *História do Futuro* e a *Representação*, e a *Clavis*: "naturalmente que, até pela mesma atenção ao sentido literal dos acontecimentos históricos — tão marcante em Vieira —, a ulterior evolução do seu pensamento tende a depurar-se do insustentável peso de uma mediação — a portuguesa — que, tal como inicialmente concebida, se inclina a substituir-se ao fim para o qual se assume ou, ao menos, a absorver em si substancial parte das suas qualidades. Explicar-se-á assim a ascética contenção da *Clavis Prophetarum*, na qual o horizonte lusocêntrico quase se desvanece por completo ... O sentido geral da exegese, na qual as descobertas continuam a ser o desvelamento das profecias e dos mistérios bíblicos ...evolui para uma maior atenção à fenomenologia do «incremento da Igreja» da qual os povos ibéricos — «fide, sanguine, et regione socii» — são discretos agentes históricos. Continuando a propugnar-se o reino temporal de Cristo, dissipam-se os cálculos cronológicos do seu estabelecimento e a determinação da figura do seu detentor. Quanto ao Quinto Império, a referência é mais comedida ..."110

Os acontecimentos históricos que marcam a evolução do pensamento de Vieira são, naturalmente, os que rodeiam o ano fatídico de 1666, pondo em evidência a inadequação de muitas das suas interpretações dos textos proféticos, particularmente daquelas que se relacionavam com a "mediação portuguesa", pela mão de D. João IV, no estabelecimento do Quinto Império e com os cálculos cronológicos que apontavam 1666 como o ano do início das grandes transformações que assinalariam a chegada do Império de Cristo.

Os aspectos mais salientes da evolução do pensamento profético vieiriano, sintetizados por Borges, são também parcialmente visíveis no Quadro 1, onde a temática dos volumes planeados revela, desde logo, por comparação com a das obras anteriores, o desaparecimento da figura do profeta nacional, Bandarra, e de referências específicas à "terra em que se há-de fundar o Quinto Império enquanto temporal e qual há-de ser a cabeça dele", Portugal e Lisboa, respectivamente, e à "pessoa que será o primeiro Imperador, instrumento temporal do dito Império", o Rei português D. João IV, o que, naturalmente, deixa prever profundas alterações em relação a um dos aspectos fulcrais da *História do Futuro*: o acentuado lusocentrismo que subjaz a toda a temática quinto-imperial, alterações essas confirmadas e ampliadas aos aspectos acima referidos quando se analisam os conteúdos dos capítulos desta obra que chegaram até nós.

Porém, o mesmo quadro e os mesmos capítulos da *Clavis* revelam, a par das referidas alterações — importantes, é certo, mas ditadas de forma muito clara e directa pelo tempo e pelos acontecimentos — a manutenção da mesma tese de base e da mesma estrutura de explanação, expurgada apenas dos elementos de cariz lusocentrista que entretanto se tinham tornado insustentáveis e ampliada em relação aos elementos de cariz universalista.

109 Podemos considerar que a *História do Futuro*, pelo seu acentuado pendor nacionalista, seria dirigida aos Portugueses, a *Representação* directamente à Inquisição, mas indirectamente também aos Portugueses e a *Clavis* a toda a Cristandade, razão pela qual terá sido escrita em latim e não em qualquer língua nacional.

110 Borges, 1995, p. 259.

Reencontram-se, assim, na *Clavis*, muitas das questões da *História do Futuro*.¹¹¹ Aspectos fundamentais como a prova da existência do Reino de Cristo, a sua espiritualidade e temporalidade simultâneas, a sua legitimidade, as suas qualidades, a conversão universal ou os seus meios e instrumentos emergem, uma vez mais, reformulados, ampliados em determinados casos, reduzidos ou substituídos noutros, fundamentalmente, porém, os mesmos, reutilizando, ainda, argumentos já expostos, citações já feitas, metáforas e analogias já concebidas.

Parece-nos, assim, poder considerar a *Clavis* como a última e a maior reformulação do *opus magnum* sobre o Reino consumado de Cristo na terra, reformulação que, ultrapassando embora os níveis estrutural, linguístico e estilístico e atingindo o das próprias ideias expostas, representa, a nosso ver, mais do que uma profunda evolução do pensamento de Vieira, a única possibilidade de sobrevivência das suas ideias sobre o futuro da Humanidade, um futuro de paz e fraternidade universais em que, afinal, a identificação da figura do Mediador e da sua origem eram questões secundárias. Liberta dos factores de tempo, pessoa e lugar, que o tempo, o melhor comentador de todas as profecias¹¹², havia desmentido, e fixada numa língua que era, então, eficaz instrumento de comunicação entre a Cristandade, a quem agora se dirigia, a magnífica utopia de Vieira podia continuar, projectada, como todas as utopias, num futuro infinitamente adiável.

¹¹¹ Embora não possamos indicar aqui, sinteticamente, na sua totalidade as questões abordadas na *Clavis*, por não se dispor, neste caso, de qualquer tábua de matérias, estas podem ser seguidas facilmente pelo confronto das sinopses da *Clavis* realizadas pelo Padre Casnedi sobre a tradução de Francisco Vieira com a tábua de matérias da *História do Futuro* que vimos usando e reproduzimos em apêndice.

¹¹² Esta ideia surge repetidamente nos escritos de natureza profética de Vieira. É o tempo que, trazendo o sucesso das coisas profetizadas, revela o verdadeiro profeta e, conseqüentemente, o distingue do falso, cujas profecias não se cumprem.

Apêndice

Plano da história do futuro

Plano da História do Futuro¹¹³

História do Futuro; Esperança de Portugal, Quinto Império do Mundo

Livro Primeiro

Nome, verdade e fundamento deste Império

QUESTÃO 1ª

Se na Sagrada Escritura está revelado algum Império, que se deva chamar o V?
Resp. afirm.

QUESTÃO 2ª

Se o dito Império é diverso e totalmente distinto do IV Império do Mundo, que foi o Romano? Resp. afirm.

QUESTÃO 3ª

Se o Império Romano há-de durar até a vinda do Anticristo? Resp. afirm.

QUESTÃO 4ª

Se no Capítulo I de Daniel é significado o Império do Anticristo na figura do chamado — *Cornu parvulum* ou o do Anticristo, ou o do Turco? Resp. afirm.

QUESTÃO 5ª

Se na suposição que o Império Romano há-de durar até o Anticristo, pode haver no Mundo outro Império que se chame o Quinto? Resp. afirm.

Livro Segundo

Definição do V Império e declaração dele

QUESTÃO 1ª

Que império seja este, a que chamamos o Quinto? Resp.: Até o de Cristo.

QUESTÃO 2ª

Se o Império de Cristo, que dizemos ser o Quinto, é o Império do Céu ou da Terra? Resp. que da Terra.

QUESTÃO 3ª

Se o Império de Cristo na Terra é espiritual ou temporal? Resp. que é espiritual e temporal juntamente.

¹¹³ Sérgio e cidade, 1951-54, vol. IX, pp. 161-170.

QUESTÃO 4ª

Se no dito império espiritual e temporal de Cristo se distingue o domínio, posse, exercício? Resp. afirm.

QUESTÃO 5ª

Qual seja o dito domínio do Império de Cristo, e quando começou? Resp., que é, que tem sobre todo o Mundo e sobre todos os homens, e começou desde o primeiro instante da sua encarnação.

QUESTÃO 6ª

Em que consiste a posse do dito Império? Resp. que consiste em ser conhecido por fé e obedecido.

QUESTÃO 7ª

Quando começou, e como se continuou a dita posse? Resp. que começou desde os primeiros que creram em Cristo, e vai continuando em todos os que têm a mesma fé.

QUESTÃO 8ª

Se teve Cristo exercício do dito Império em quanto espiritual? Resp. afirm.

QUESTÃO 9ª

Se teve Cristo exercício do dito Império em quanto temporal? Resp. problem.

QUESTÃO 10ª

Se tem Cristo hoje exercício do dito Império temporal e espiritual, e qual seja? Resp. que tem o exercício, imediato não, mas o mediato.

QUESTÃO 11ª

Por que pessoa ou pessoas tem Cristo o exercício mediato do Império espiritual? Resp. que pelo Sumo Pontífice e mais ministros da Igreja.

QUESTÃO 12ª

Por que pessoa ou pessoas tem Cristo o exercício mediato do Império temporal? Resp. que pelos príncipes temporais cristãos.

QUESTÃO 13ª

Se há-de Cristo ainda ter alguma hora o exercício do dito Império, assim espiritual como temporal, por sua própria pessoa, ou se é possível? Resp. que é possível, mas que nunca há-de ter o dito exercício pessoal.

Livro Terceiro **Grandeza e felicidades do dito Império**

QUESTÃO 1ª

Se este Reino e Império de Cristo há-de continuar sempre no estado presente, ou há-de ter outro e mais perfeito? Resp. que há-de ter outro estado mais perfeito, completo e consumado.

QUESTÃO 2ª

Como se prova este estado mais perfeito e consumado do Império de Cristo? Resp. que pelas Escrituras, por autoridade e por razão.

QUESTÃO 3ª

Porque a opinião do dito estado não é comum de todos os Padres e Doutores? Resp. que por muitos fundamentos.

QUESTÃO 4ª

Quanta haja de ser a grandeza do Império de Cristo no dito estado? Resp. que universal, sobre todas as gentes e sobre todos os reinos.

QUESTÃO 5ª

Se a dita grandeza há-de ser simultânea e permanente ou sucessiva? Resp. que simultânea e permanente.

QUESTÃO 6ª

Se hão-de ser todos cristãos no dito estado? Resp. afirm.

QUESTÃO 7ª

Se hão-de ser todos pela maior parte justos no dito estado? Resp. afirm.

QUESTÃO 8ª

Se há-de haver no dito estado paz universal? Resp. afirm.

Livro Quarto

Causas, meios e instrumentos com que se há-de conseguir o estado consumado do dito Império

QUESTÃO 1ª

Se o primeiro meio da consumação do dito estado seja a conversão universal de todos os homens à Fé de Cristo e a extirpação de todas as heresias do mundo? Resp. afirm.

QUESTÃO 2ª

Como se prova em especial a conversão de todos os Gentios e a extirpação da Idolatria? Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 3ª

Como se prova em especial a conversão, a extinção do Turco, a extirpação da seita de Mafoma? Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 4ª

Como se prova em especial a conversão de todos os hereges, e a extirpação de todas as heresias? Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 5º

Como se prova em especial a conversão dos Judeus e a extirpação do Judaísmo?
Resp. que pelas Escrituras e Doutores.

QUESTÃO 6ª

Se nesta conversão dos Judeus hão-de entrar também os Dez Tribos perdidos?
Resp. afirm.

QUESTÃO 7ª

Se convertidos universalmente os Judeus hão-de ser restituídos à sua Pátria?
Resp. afirm.

QUESTÃO 8ª

Se podem os Judeus licitamente esperar esta restituição mediante a Fé de Cristo?
Resp. afirm.

QUESTÃO 9ª

Se é conveniente ao bem da Igreja que a opinião da dita esperança se pratique?
Resp. afirm.

QUESTÃO 10ª

Se por meio da dita conversão universal se há-de consumir a união dos dois povos, gentílico e judaico? Resp. afirm.

QUESTÃO 11ª

Se então se cumprirá a profecia do texto — *et erit unum ovile et pastor?* —
Resp. afirm.

QUESTÃO 12ª

Se a causa principal eficiente da dita conversão universal será o Eterno Padre?
Resp. afirm.

QUESTÃO 13ª

Se concorrerá para a dita conversão o Espírito Santo com especial e nova unção da divina graça? Resp. afirm.

QUESTÃO 14ª

Que parte terá nesta obra a autoridade e intercessão de Cristo e da Virgem Santíssima? Resp. que muito grande.

QUESTÃO 15ª

Se o instrumento principal humano da dita conversão será o Sumo Pontífice santo e muitos pregadores evangélicos? Resp. afirm.

QUESTÃO 16ª

Se concorrerá para a dita conversão algum príncipe temporal, com a sua autoridade, o seu poder e as suas armas? Resp. afirm.

QUESTÃO 17ª

Se este príncipe temporal será imperador e monarca universal do Mundo? Resp. afirm.

QUESTÃO 18ª

Se o dito imperador universal se poderá chamar Vigário de Cristo no temporal? Resp. afirm.

Livro Quinto

Tempo, duração e ordem do dito Império

QUESTÃO 1ª

Se o estado consumado do Quinto Império há-de ser antes ou depois do Anticristo? Resp. que antes.

QUESTÃO 2ª

Qual dos dois povos se há-de converter primeiro universalmente, para a consumação do dito Império, se o gentílico, se o judaico? Resp. que o gentílico.

QUESTÃO 3ª

Quanta seja a duração do dito Império, depois de consumado? Resp. que até o fim do Mundo.

QUESTÃO 4ª

Quando há-de começar a dita consumação do Império de Cristo? Resp. que na extinção do Império turco.

QUESTÃO 5ª

Se do tempo presente até o da vinda do Anticristo pode e há-de correr um grande número de séculos? Resp. afirm.

Livro Sexto

Terra em que se há-de fundar o dito Império em quanto temporal, e qual há-de ser a cabeça dele?

QUESTÃO 1ª

Se o dito Império temporal há-de ser na Europa ou em alguma das outras quatro partes do Mundo? Resp. que há-de ser na Europa.

QUESTÃO 2ª

Em que província da Europa se há-de fundar o dito Império temporal de Cristo? Resp. que em Espanha.

QUESTÃO 3ª

Em que reino de Espanha se há-de fundar o dito Império? Resp. que em Lisboa.

Livro Sétimo

Pessoa que será o primeiro Imperador instrumento temporal do dito Império

QUESTÃO 1ª

Se a dita pessoa que seja imperador será o imperador de Alemanha? Resp. negativ.

QUESTÃO 2ª

Se a dita pessoa há-de ser El-Rei Cristianíssimo de França? Resp. negativ.

QUESTÃO 3ª

Se a dita pessoa há-de ser El-Rei Católico de Espanha? Resp. negativ.

QUESTÃO 4ª

Se a dita pessoa há-de ser o Sereníssimo Rei de Portugal? Resp. afirm.

QUESTÃO 5ª

Se o Rei de Portugal há-de ser El-Rei D. Sebastião? Resp. negativ.

QUESTÃO 6ª

Se o dito Rei de Portugal há-de ser El-Rei D. João IV? Resp. problem.

QUESTÃO 7ª

Se o dito Rei de Portugal há-de ser El-Rei D. Afonso ou o Infante D. Pedro?
Responde-se:

*Vejo subir um Infante
No alto de todo o lenho.*

Bandarra

Estes são os livros e questões de que consta o livro intitulado *Clavis Prophetarum*¹¹⁴.

¹¹⁴ O título resulta seguramente de um equívoco do escriba que copiou o Plano. A confusão é aliás, como vimos, grandemente facilitada pela semelhança das matérias. Sérgio e Cidade (ob. cit., vol IX, p. 274) são de idêntica opinião.

Parte IV - Conclusões

"Depois de me ter ocupado durante muitos anos com o *Livro Antepimeiro*, com todo o amor que lhe tenho, reconheço-lhe as falhas, não conseguindo ver nele uma obra-prima de valor transcendente. Mas não nos esqueçamos de que elas são bastante raras em toda e qualquer literatura. E cumpre lembrarmos também que o livro merece plenamente o interesse e — por diversos motivos — também a admiração do leitor moderno, não como monumento de estrutura perfeita ou de pensamento profundo, mas por causa do seu estilo inconfundivelmente vieiriano (o emprego da palavra certa, frases lapidares, remoques espirituosos, metáforas admiráveis, descrições pitorescas, narrativas encantadoras, etc.) como também por causa de algumas teses desenvolvidas com brio e originalidade;"

Besselaar, 1983, p. 15.

1 - A "retórica cativa".

As palavras de Besselaar, no final da introdução à sua edição de 1983, sobre o *Livro Antepimeiro da História do Futuro* aplicam-se de forma notável aos nossos próprios sentimentos em relação à *Representação* e cremos não andar longe da verdade ao supor que tal sentimento terá sido comum a todos os editores e estudiosos que têm dedicado alguns anos da sua vida ao estudo das obras proféticas de Vieira. Efectivamente, se em relação aos *Sermões* é unânime a sua classificação como obra-prima da literatura portuguesa, as suas obras proféticas, e entre elas a *Representação*, são o exemplo acabado de que os livros, tal como os homens, têm os seus destinos, por vezes substancialmente diferentes daqueles que para eles previam ou esperavam os seus autores.

No conjunto da obra profética, a *Representação* ocupa, como procurámos mostrar ao longo do presente trabalho, um lugar não negligenciável; antes de mais porque com ela partilha o tema, que desenvolve e completa de forma sintética, adequando os meios aos objectivos, sem perder o virtuosismo que caracteriza a utilização da língua em Vieira. Participando embora de determinadas qualidades literárias comuns a toda a obra do autor, a *Representação* surge, não só no contexto da obra completa como também no próprio contexto das obras de carácter profético, como um texto ímpar e absolutamente singular, tal como ímpar e singular era o objectivo com que a redigia e o público a quem a dirigia, pelo menos prioritariamente.

Situável, à partida, no domínio de um género a que temos chamado "apologético", a *Representação* partilha, em grande parte, as características dos tratados seiscentistas de teologia e exegese. Assim, por um lado, por razões óbvias relacionadas com o público e com a finalidade primeira do texto, assiste-se na *Representação* a uma transformação da retórica barroca dos *Sermões* naquilo a que Silva¹ chama a "retórica inquisitorial", que se traduz, na sua forma mais visível, numa maior sobriedade de estilo e no abandono quase total dos artificios do discurso barroco ao serviço de uma intenção expressa de submissão aos desejos do Santo Ofício; por outro, tratando-se de um texto em relação ao qual é inegável uma dupla génese e no qual se encontra de forma muito visível a *História do Futuro*, enquanto tratado teológico e exegético, a *Representação* participa naturalmente também das características deste género, nomeadamente da contenção, por vezes raiando a aridez, que caracteriza os tratados seiscentistas desta natureza.

Não podem pois, por este motivo, as características do discurso da *Representação* ser encaradas como uma transformação linear da "retórica barroca" dos sermões numa "retórica inquisitorial". Ainda que esta última esteja subjacente a todo o texto enquanto apologia, convergem, como vimos, no discurso da *Representação* características dos dois géneros referidos: a apologia, que se pretendia uma resposta em espelho àquilo que os Inquisidores queriam ouvir, e o tratado teológico e exegético, que se pretendia dotado da maior clareza e rigor expositivo, servidos por um forte aparelho argumentativo .

¹ Silva, 1992, p. 522.

A "retórica barroca" dos sermões, onde se aliam o pedagógico e o lúdico, é substituída aqui por um discurso explicativo de base argumentativa que serve o duplo objectivo da *Representação*, mas onde, mantendo-se embora a vertente pedagógica, a vertente lúdica é completamente anulada. Da situação de pregador que, ao comentar a palavra de Deus, deveria atrair o seu público para ela, lançando para isso mão dos abundantes recursos que lhe fornecia a "retórica barroca", Vieira passa à de réu e simultaneamente intérprete e divulgador de profecias, canónicas e não canónicas, sobre o futuro da Humanidade. Nesta situação dúplice, cabia-lhe, enquanto réu, o papel de explicar e retractar, e enquanto intérprete e divulgador de profecias o de expor e argumentar. A ambos os objectivos convinha um texto onde não poderia haver lugar para um discurso susceptível de leituras múltiplas, que permitisse qualquer tipo de dúvida.

Se no recolhimento ao cárcere e na obrigatoriedade de uma defesa escrita, com todos os condicionalismos que conhecemos, podemos encontrar algum aspecto positivo, este será, sem dúvida, o de ter proporcionado a Vieira as condições de tempo e de concentração necessárias à conclusão de uma obra que, já não tanto pela sua extensão como na *História do Futuro*, mas sobretudo pelas evidentes dificuldades que a conciliação de dois objectivos tão diversos, para não dizer opostos, acarretava, exigia uma minuciosa elaboração. Ainda que em condições difíceis, nomeadamente quanto ao apoio bibliográfico, Vieira beneficiava, em virtude do desfazamento espacial e temporal entre os interlocutores deste "diálogo", de algumas das vantagens que a escrita tem sobre a oralidade, nomeadamente tempo para pensar, reflectir, voltar atrás, corrigir, anular, acrescentar; e de tais vantagens aproveitou quanto lhe era possível. É essencialmente essa laboriosa construção que se revela na análise da génese da *Representação*. As abundantes marcas de manipulação textual revelam o trabalho do artífice e os caminhos da sua reflexão; revelam também, por vezes, por detrás de uma aparente submissão, que o autor aliás declara de forma inequívoca logo no prólogo da primeira *Representação*, o pensamento "subversivo" que o conduziu aos cárceres da Inquisição e, de forma bem reveladora do seu temperamento, o agastamento em relação às censuras e argumentos dos seus adversários; revela, finalmente, o extremo cuidado da forma ao serviço de um conteúdo que não deixava margem para jogos de palavras e de sentidos e, por essa via, o discurso da *Representação* é também um "discurso engenhoso"², porquanto tem em vista uma inegável "agudeza", que prepara e serve.

Assumindo-se embora como uma tentativa de exposição e justificação das ideias do autor sobre o futuro do Mundo e dos Homens, mesmo daquelas que, aos olhos da Inquisição, nunca poderiam ser defendidas, a *Representação* revela o empenhamento e a paixão de quem as queria ver entendidas e aceites por um outro público, virtual, mais vasto, a quem a dirigia enquanto obra de divulgação. No entanto, dela dependia, em última análise, a sua vida e a sua liberdade, facto que não podia deixar de condicionar fortemente o seu discurso. É, por isso, a retórica da *Representação*, mais do que uma "retórica do cativo" uma "retórica cativa", cativa dos seus objectivos e do seu público, cativa, enfim, da imperiosa necessidade de conciliar dois objectivos inconciliáveis: defender e divulgar ideias que eram as de um livre-pensador, cidadão do mundo, disfarçando-as por detrás de uma conveniente máscara de submissão.

² Saraiva, 1996.

2 - A *Representação* possível.

A situação textual da *Representação* é, como vimos, relativamente simples, na medida em que é constituída por apenas dois testemunhos, em que o primeiro em termos cronológicos, BN, representa o nível de rascunho, e o último, TT, o nível final, como tal entregue pelo seu autor ao Tribunal da Inquisição, a quem o dirigia. No entanto, as palavras do autor, na introdução à "*Representação Segunda*" parecem contradizer o dado, à partida adquirido, de que o manuscrito TT corresponderia àquilo a que podemos chamar a última vontade expressa do autor.

Ao comparar a *Representação* a um "*embrião*", ainda não animado com a "*forma racional*" e aos "*fundamentos toscos e rudes*" de um "*edifício que só estava delineado no pensamento*", usando ainda expressões, não menos eloquentes, como "*imperfeitíssimo discurso*", no qual os "*Doutos*" a cujas mãos chegasse teriam "*muito que suprir*"³, Vieira revela uma "*insatisfação autoral*" que permite ao leitor penetrar no íntimo domínio dos sentimentos do autor para com a sua obra..

A menos que consideremos este discurso de Vieira como uma encenação por ele montada para o seu público, os Inquisidores — hipótese plausível dadas as circunstâncias de génese deste texto e as bem conhecidas capacidades oratórias de Vieira, que não podem deixar de se associar às de "*fingimento*" — teremos que aceitá-lo, pelo menos ao nível das probabilidades, como expressão linguística do "*discurso espontâneo*" do autor, na medida em que, efectivamente, esta hipótese é também bastante plausível. Senão, vejamos: a complexidade das matérias tratadas torna óbvia a necessidade de uma sólida fundamentação teórica, que só poderia ser obtida pela consulta directa de um variadíssimo número de autores e obras; por outro lado, é facto sobejamente conhecido que Vieira, ao escrever a *Representação*, se encontrava encarcerado, e sem mais apoio bibliográfico do que o do *Breviário* e de uma *Bíblia* sem concordância. Em tais condições, o texto que entregou à Mesa nunca o poderia de facto satisfazer, permanecendo nessa medida como um texto "*virtual*", no sentido em que Duarte⁴ usa esta expressão a propósito de textos inacabados pelo seu autor aos quais este nunca pôde deitar a última mão. Com efeito, embora a situação da *Representação* se revista de contornos particulares que, à partida, a afastam da dos textos inacabados, uma vez que, apesar de insatisfeito, neste caso o autor entregou, por mão própria, ao seu público um texto acabado, não podemos deixar de encontrar algum paralelismo entre casos em que um autor decide não editar um texto que não o satisfaz, mas este acaba por ser editado sem seu consentimento, e o caso de Vieira enquanto autor da *Representação*, na medida em que, embora tenha entregue o texto ao seu público, fê-lo sob coacção, e naturalmente uma vontade coagida não é uma verdadeira "*vontade*". É legítimo pensar que se Vieira tivesse redigido esta obra em condições diferentes, em liberdade e para um público que não fosse o famigerado Tribunal da Santa Inquisição, provavelmente nunca ela teria saído da intimidade da sua gaveta no estado em que foi apresentada à Mesa, não por não estar terminada, em absoluto, mas por não estar terminada a seu contento, sendo certo, pelo conhecimento que temos do autor e pelas suas próprias palavras, que seria com

³ Manuscrito BN, fl. 120r.

⁴ cf., a título de exemplo, Duarte, 1988.

certeza substancialmente mais extensa, não só pelo previsível acrescento de novos argumentos e porventura de novas questões, mas também pela mais copiosa ilustração dos argumentos expostos.

É facto que, de uma maneira geral, todo o autor escreve sob coacção, do público, da língua, da sociedade, do tempo, e de uma série de outros factores, que fazem com que muitas vezes a obra que entrega ao seu público não seja aquela que desejaria, mas sim a obra possível. Em Vieira, porém, neste caso, a sua insatisfação parece-nos ter mais latas e profundas implicações. Na realidade, a obra que, em 1665-66, Vieira queria escrever era a *História do Futuro*, em relação à qual a *Representação*, nas circunstâncias em que foi escrita, não poderia ser mais que os "fundamentos toscos e rudes" do "edifício, que só estava delineado no pensamento".

Assim, a *Representação* surge como fruto de uma dupla coacção: por um lado, em relação à *História do Futuro*, representa uma primeira reelaboração do tema, sintética por força da coacção do tempo; por outro, por força da coacção das circunstâncias em que se encontrava o autor — encarcerado, sem acesso à bibliografia necessária e obrigado a defender-se por escrito — representa a síntese possível, que, não sendo embora um texto final enquanto texto profético é-o enquanto defesa. Mais tarde, com a *Clavis Prophetarum*, Vieira voltaria ainda a tentar, desta feita coagido pelo rumo dos próprios acontecimentos históricos, reerguer, com as necessárias adaptações, o monumental "edifício", que, no entanto, estava destinado a não atingir as proporções e perfeição para ele previstas pelo seu autor.

3- Uma génese laboriosa.

A análise conjunta das variantes de autor no manuscrito BN e entre os manuscritos BN e TT foi realizada faseadamente, primeiro na "Representação Primeira" — cujo tema é o espírito profético de Bandarra — e depois na "Representação Segunda" — cujo tema é o Quinto Império ou Reino consumado de Cristo. Tal análise permitiu-nos, logo na primeira Representação, menos rica em material para a análise do processo genético em causa devido às extensas lacunas que BN apresenta nesta zona do texto, encontrar pistas não negligenciáveis, que os dados da "Representação Segunda" viriam confirmar e ampliar significativamente, facto que naturalmente se prende com a homogeneidade da *Representação* que, embora estruturada em duas grandes representações com temáticas e estruturas internas diversas, não deixa de constituir um todo, pensado e elaborado como tal.

A existência dos dois manuscritos, BN e TT, respectivamente rascunho e cópia a limpo, revela, por si só, a existência de dois momentos genéticos, sendo no entanto provável, dada a extensão do texto, que em cada um dos manuscritos tenham ocorrido vários momentos de escrita. A sua identificação é, contudo, extremamente dificultada pela homogeneidade do suporte e material de escrita, determinada pelas condições físicas em que o texto foi redigido. A análise das variantes de autor, abundantemente documentadas em BN enquanto versão transitória, atestam as várias campanhas de correcção a que Vieira submeteu o seu texto.

O trabalho de escrita é, em Vieira, como vimos, decomponível em vários momentos (cf. II, 2.2.) durante os quais, mesmo no momento de cópia a limpo, à partida já não produtivo, o autor altera o seu texto inicial, introduzindo-lhe modificações substanciais que vão desde o aperfeiçoamento de determinadas construções, quase sempre acrescentando-lhe informação, clareza e precisão, até grandes alterações estruturais, ao nível da macro-estrutura do texto — por exemplo, com a redução de três para duas representações ou com a exclusão, acréscimo ou deslocação de questões inteiras na "Representação Segunda" — ou ao nível das micro-estruturas de cada representação, deslocando e reformulando parágrafos inteiros.

O grande número de variantes documentado em BN e entre BN e TT revela, assim, um intenso trabalho textual, desmistificando a ideia relativamente comum que se faz de Vieira como um orador inspirado, no sentido em que *inspiração* se opõe a *elaboração*. Por outro lado, a natureza das variantes mostra que, mais do que de um trabalho sobre as ideias, é de um trabalho sobre a forma que se trata. A evidente predominância de variantes linguísticas e estilísticas é prova da constante preocupação em ajustar as palavras às ideias, essas sim naturalmente ordenadas por um raciocínio lógico ímpar servido por inegáveis qualidades intelectuais. Efectivamente, nas várias campanhas de correcção, só raramente se detectam alterações de conteúdo, e ainda assim determinadas apenas por questões relacionadas com os objectivos e com o público alvo do texto (cf. II, 3).

A *Representação* fornece-nos, assim, uma imagem, que podemos considerar inédita, de Vieira enquanto escritor. Efectivamente, a existência, neste caso particular, não de um, mas de dois manuscritos autógrafos, correspondentes a duas fases

cronologicamente distintas, embora próximas, do processo de elaboração textual, fornece-nos uma oportunidade única de penetrar no atelier do autor ou, mais propriamente, na intimidade da sua escrivania.

Os traços que dão vida a esta imagem não têm o colorido daqueles com que os seus biógrafos o têm pintado enquanto homem nem a exuberância de formas característica do seu retrato enquanto autor dos *Sermões*. Trata-se antes, neste caso, de um esboço, a carvão, uma vez que, ao invés de mostrar a obra acabada, revela, de forma necessariamente mais prosaica, os meandros do trabalho prévio do autor, destruindo assim aparentemente a imagem, bela mas ilusória, do autor genial e da obra perfeita surgida da pura inspiração. Não nos parece, no entanto, que o conhecimento do processo de elaboração de uma qualquer obra de arte, literária ou não, lhe possa destruir a beleza ou minimizar a genialidade do seu autor; pelo contrário, acreditamos que o conhecimento do processo genético de uma obra, juntamente com o das circunstâncias externas que a envolveram, permitirá sempre uma mais cabal compreensão, e conseqüentemente uma mais adequada apreciação da mesma. Foi com este espírito que empreendemos a edição e estudo do manuscrito BN da *Representação*, não para invadir a intimidade do escritor, trazendo à luz um rascunho cujo destino era, naturalmente, o de permanecer inédito, ou, muito menos, para lhe apoucar a indiscutível genialidade, apontando-lhe os lapsos, as dúvidas e as hesitações, mas sim pelo que este tipo de trabalho pode revelar sobre Vieira enquanto escritor, em geral, e, em particular, enquanto escritor de obra(s) profética(s) e enquanto réu da Inquisição.

Após o estudo e comparação das duas versões conhecidas da *Representação*, o esboço que podemos traçar de Vieira escritor revela-o, seguramente à imagem de outros autores da sua época, como um trabalhador minucioso, deles se distinguindo pelo produto e não propriamente pelo método ou pelos instrumentos do seu trabalho. Na escrita, como nos vários aspectos da sua vida, Vieira é indiscutivelmente um homem cuja principal virtude se encontra, não na originalidade da forma ou do pensamento, mas no extraordinário talento com que os elabora, acabando assim por conferir a toda a sua obra um inconfundível toque pessoal.

Os "bastidores" da *Representação* mostram assim, como julgamos ter revelado, o trabalho insistente sobre a forma, caracteristicamente barroco, mas modificado em função do público e dos objectivos, ambos dúplices, como procurámos demonstrar. Ainda que menos artificioso do que o discurso dos *Sermões*, de acordo com as características dos géneros apologético e tratadístico, que partilha, o discurso da *Representação* não é, como referimos, menos "engenhoso", no sentido que Saraiva dá a este termo, e é esta "engenhosidade" que a observação do trabalho de escrita permite, em parte, desmontar.

Se, por um lado, é de suma importância para o conhecimento de Vieira *scriptor* a observação da forma e dos processos pelos quais ele transforma substancialmente o seu texto entre a versão de rascunho e a versão final, não o é menos a apreciação da forma como utiliza o material linguístico disponível, bem como as possibilidades fornecidas pela gramática, na construção dos seus enunciados. Vieira não limita as suas hesitações e escolhas aos elementos que comumente designamos por lexicais, por pertencerem a listas abertas, e que, por esse motivo, fornecem amplas possibilidades de escolha. Mesmo entre os elementos gramaticais, o autor procura a estreita margem de liberdade que a língua lhe permite e aproveita-a escrupulosamente, hesitando e optando entre duas

5 Saraiva, 1996.

preposições ou entre duas conjunções do mesmo modo que hesita na escolha de um nome ou de um adjectivo.

Esta exploração exaustiva dos limites e potencialidades da língua, visível em todos os níveis da sua estrutura, serve, quase sempre, a precisão, reforço ou clarificação das ideias, traduzida no acrescento ou substituição de elementos como na supressão de elementos redundantes.

De qualquer forma, independentemente dos procedimentos adoptados, que não são, na realidade, originais, é evidente, não só a procura de uma adequação óptima entre o conteúdo e a forma, mas também um pensamento em constante progressão, que acaba por produzir uma obra também ela em constante progressão, facto que, como vimos, apresenta, na realidade, mais complexas implicações.

Entre uma redacção de primeiro jacto, como a do manuscrito BN, e a respectiva versão final, neste caso correspondente ao manuscrito TT, verifica-se que, para além de trabalhar o discurso a nível linguístico e estilístico, Vieira suprime e reordena trechos, por vezes significativos, já redigidos, acrescentando outros, o que revela um método de trabalho que provavelmente será, no conjunto da obra completa de Vieira, exclusivo das obras de carácter profético e que explica tanto o carácter fragmentário e descontínuo da *História do Futuro* e da *Clavis Prophetarum* como as grandes alterações estruturais a que submete a *Representação* e a que provavelmente viria a submeter também aquelas obras se as tivesse concluído. Tal método consiste, não numa redacção linear, mas numa redacção dispersa de fragmentos, relativos a determinados temas, os quais só posteriormente, no decorrer do trabalho de organização e estruturação da obra, viriam a ser alterados, acrescentados ou mesmo suprimidos.

Este método, que o estudo do processo de génese da *Representação* atesta, encontramos-lo descrito pelo próprio Vieira quando, na *Defesa do livro intitulado Quinto Império*, se queixa de lhe terem sido confiscados e usados contra ele papéis ainda não submetidos aos apertados processos de revisão e organização, muito além do simples aperfeiçoamento linguístico e estilístico, essenciais à finalização da obra. Neste caso referia-se aos papéis da *História do Futuro*, mas a descrição pode ser generalizada a todas as obras proféticas conhecidas, incluindo a *Representação*, e constitui um interessante testemunho do autor sobre o seu próprio processo de génese textual, permitindo assim, quase duzentos anos antes de Edgar Allan Poe o propor, "dar uma espreitadela aos seus bastidores".

*"...sendo sòmente lançados a pedaços naqueles cadernos o que estudava ou me ocorria informe ou irresolutamente sem a última eleição, assim como fazem todos os compositores de livros, os quais, depois de toda a matéria estudada e junta, e depois de mui ponderadas e examinadas as dificuldades, então resolvem no que absolutamente hão-de dizer, e, conforme a dita resolução, ou moderam ou ampliam ou mudam, prosseguem ou tiram ou acrescentam, e muitas vezes riscam e retratam as mesmas conclusões que determinavam seguir, não havendo cousa alguma tão exactamente escrita no primeiro correr da pena, que não tenha sempre que emendar."*⁷

6 Poe, 1846, pp. 36 - 37.

7 *Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»*, Sérgio e Cidade, 1951 - 1954, vol. IV, pp. 108 - 109.

4 - A *Representação* e a auto-censura.

A questão da auto-censura, por nós levantada e analisada, é na realidade uma questão retórica, uma vez que, à partida, em função das circunstâncias que envolveram a sua redacção, a resposta a esta questão só poderia ser positiva e, por isso, o que procurámos averiguar foi, não propriamente a existência de auto-censura, mas antes as formas que ela assume na *Representação*.

Redigida em situação de clausura e incorrendo o seu autor em penas que poderiam revelar-se bastante pesadas, a *Representação* surge como a única arma de que Vieira dispunha para fazer face aos ataques do Tribunal, alimentados pelas denúncias que, em semelhante situação, não paravam de crescer. O uso da palavra como arma não era uma novidade para Vieira, desde há muito habituado aos combates do púlpito. O que, de facto, era novo para o afamado orador era o uso da palavra como arma exclusivamente defensiva. Para quem estava habituado essencialmente a atacar, com a poderosíssima arma que lhe fornecia a retórica barroca, a situação de réu, e réu de um tribunal tão perigoso como o da Inquisição, obrigava naturalmente a uma revisão profunda da estratégia a seguir. Tal revisão deveria reger-se, antes de mais, pela finalidade em causa e pelo público, muito particular, a quem se dirigia, adaptando-se simultaneamente às circunstâncias materiais, que lhe impediam o acesso às obras e aos autores necessários à fundamentação das suas opiniões.

No âmbito de uma estratégia defensiva, não havia, como vimos, lugar para os artificios característicos da oratória barroca e, muito menos, para as verdadeiras constelações de sentidos que ela proporcionava aos seus mais virtuosos artífices, entre os quais Vieira se incluía. Uma defesa exigia um esforço de unicidade significativa - significado onde não restasse lugar para quaisquer dúvidas de interpretação ou perspectivas escondidas. Tais exigências, para um livre-pensador como Vieira, implicavam, como é evidente, um fortíssimo esforço de auto-censura que acaba por fazer a diferença entre a *Representação* e as restantes obras do autor.

A auto-censura surge assim na *Representação* como princípio estruturador do discurso, actuante ao nível estratégico e, como tal, em momento prévio ao da exteriorização do discurso interior, como prova a comparação da *Representação* com a carta *Esperanças de Portugal* e com a *Defesa do Livro intitulado Quinto Império*. Não obstante, é possível, como vimos, encontrar em ambas as *Representações* algumas marcas, ainda que escassas e dispersas, de um processo que, sendo fundamentalmente interior, se completa, já ao nível do texto escrito, nos momentos de releitura, revisão e fixação definitiva.

Na sua fase externa, em que actua, já não ao nível da estruturação do discurso interior, mas sim ao nível da elaboração do texto escrito, a auto-censura assume todas as características da censura alheia ao autor, manifestando-se ao nível da revisão de texto e essencialmente através de procedimentos de supressão e substituição. Dir-se-ia que, ao rever e passar a limpo o seu texto, Vieira assumiu o papel dos censores, neste caso os Inquisidores, procurando, ao colocar-se no seu lugar, prever os possíveis lugares censuráveis e, numa jogada de antecipação, anulá-los ou, transformando-os, torná-los aceitáveis à luz dos critérios inquisitoriais.

Este esforço de adaptação à lógica inquisitorial, que atinge, como vimos, aspectos que vão desde as alterações estruturais a questões de grande pormenor, seria, no entanto, como sabemos, em grande parte vão. Apesar do evidente cuidado na elaboração da sua estratégia defensiva, era manifestamente impossível a um cidadão do mundo, de espírito aberto, como Vieira, compreender profundamente os espíritos inquisitoriais, em cujas mãos se encontrava, para poder defender-se adequadamente deles. Mais do que a sua afamada impetuosidade natural, a sua vasta experiência e conhecimento do mundo e a sua controversa mas a nosso ver inegável erudição impediam-no no seu íntimo, e apesar dos esforços a que como vimos não se poupou, de se retractar "lisamente" de ideias nas quais, mais do que acreditar, tinha verdadeira fé. A sua lucidez, inteligência e experiência de vida, neste caso particular, se, por um lado, lhe deram o pragmatismo necessário para empreender, com a *Representação*, uma tentativa de abjuração das suas ideias, ao invés de assumir uma atitude heróica de defesa dessas mesmas ideias, que provavelmente o teria conduzido ao suplício e à morte, por outro, impediram-no, paradoxalmente, de conseguir levá-la a bom termo. Não terá sido difícil aos Inquisidores, particularmente aos mais doutos e perspicazes como Alexandre da Silva, encontrar matéria censurável onde Vieira nunca seria capaz de a prever.

Desta forma, e pelas razões expostas, acreditamos que a auto-censura terá estado constantemente presente, não apenas na *Representação*, mas ao longo de todo o Processo, desde a decisão de redigir um documento onde não pretendia sustentar mas sim explicar e retractar as suas ideias até aos exames na Mesa e à Sentença. Ao cativo da Inquisição só restava um de dois caminhos: o do heroísmo ou o da submissão; o do heroísmo conduzia ao suplício e à morte, o da submissão conduzia à humilhação da pessoa através da negação dos princípios e ideais estruturantes da sua personalidade. Vieira escolheu o último. Sem conseguir uma retractação "lisa", conseguiu escapar ao sofrimento físico e, quem sabe, à morte e, a médio prazo, recuperar a liberdade do corpo e da palavra. Acreditamos que, por detrás da sua escolha terá estado sempre, não o medo, mas a convicção de que valia a pena retroceder tacticamente para poder prosseguir a sua tarefa de anunciar ao mundo a próxima consumação do Reino de Cristo na Terra e, muito provavelmente, a esperança de que, entretanto, os grandes acontecimentos profetizados chegassem finalmente reabilitando-o, não pessoal e individualmente, mas juntamente com toda a Humanidade:

"Não quero ressuscitar como Lázaro, senão com a ressurreição universal do género humano;"⁸

⁸ Carta a D. Rodrigo de Meneses, 14 de Janeiro de 1664, *Cartas*, vol. II, p. 26

5 - A grande Obra incompleta.

O percurso por nós efectuado através da "obra profética" vieiriana com vista a apurar a natureza e extensão das suas relações com a *Representação*, objecto do presente trabalho, acabou por revelar, como pensamos ter demonstrado, alguns aspectos que, se não são completamente novos — porque grandes estudiosos de Vieira, como Lúcio de Azevedo, Cidade ou Besselaar, chamaram, de alguma forma, a atenção para eles — nunca foram, de facto, desenvolvidos.

A primeira conclusão que se nos oferece a partir dos dados apresentados e analisados diz respeito ao estatuto da *Apologia*. Cremos ter conseguido provar convenientemente que os fragmentos editados por Muhana sob o título de *Apologia das coisas profetizadas* não são, como defende a autora da edição e o título leva a pensar, parte da apologia solicitada em 1663, mas antes fragmentos, em muitos casos pouco mais que apontamentos longe ainda de uma redacção final, da *História do Futuro*, cujo lugar provável no plano da mesma apontámos. Os dados existentes, que procurámos analisar, não nos permitem pensar que Vieira tenha chegado alguma vez a redigir outra apologia ou defesa que não a *Representação*, e mesmo essa, se exceptuarmos a introdução e o epílogo, é na realidade mais um compêndio da *História do Futuro* do que uma verdadeira apologia.

Assim sendo, não vemos razões para uma publicação autónoma destes fragmentos, separados dos capítulos da *História do Futuro* editados por Lúcio de Azevedo, antes nos parece de toda a conveniência juntá-los a esses capítulos mais elaborados, naturalmente sob forma de apêndice, uma vez que o seu estado embrionário e fragmentário e a ausência de ligação imediata com os restantes capítulos não permitiria outro tipo de opção editorial.

A segunda conclusão, de maior alcance, a que os dados analisados nos permitiram chegar prende-se com a hipótese por nós colocada de as diferentes "obras proféticas" poderem corresponder, na realidade, a fases distintas de elaboração de uma mesma obra. Efectivamente, a análise comparativa entre as várias obras de carácter profético, para além de confirmar uma identidade temática quase absoluta entre elas, revela ainda uma identidade, bastante mais surpreendente, no tratamento dos temas, identidade essa que, como vimos, vai desde aspectos mais genéricos relacionados com a organização e desenvolvimento das matérias até, em alguns casos, ao pormenor da construção sintáctica. Apenas a *Clavis*, por ser escrita em latim e apresentar alguma evolução da tese vieiriana sobre o Quinto Império, ainda que apenas em aspectos não nucleares da mesma, se afasta um pouco deste panorama. No entanto, a manutenção dos temas essenciais permite, a nosso ver, integrá-la no conjunto analisado.

Assim, parece-nos dispormos de dados suficientes para concluir que Vieira não terá apenas, como comumente se supõe, escrito várias obras subordinadas a um mesmo tema, o do Reino consumado de Cristo na terra ou Quinto Império do mundo, mas sim uma única "Obra", virtual, nunca terminada e constantemente reformulada em outras

"obras", materiais e caracterizadas por diferentes intencionalidades pragmáticas, ao longo de quase cinquenta anos, em função das mais variadas circunstâncias.

Se tivermos em conta que, tanto ao nível dos significantes como ao nível dos significados e respectivas estruturas, sobretudo entre a *História do Futuro* e a *Representação*, encontramos uma notável correspondência, somos levados a considerar que Vieira iniciou em 1649 uma "Obra", provavelmente em elaboração mental desde a época da Restauração, que nunca mais abandonou e que se construiria em quatro períodos genéticos fundamentais, identificáveis através de elementos intra-textuais e extra-textuais, que correspondem às quatro "obras" proféticas conhecidas:

1649-1665 — *História do Futuro* (incluindo a "Apologia")

1665 — *Livro Antepimeiro*

1665-1666 — *Representação dos motivos que tive...*

1671-1696 — *Clavis Prophetarum*

Desta forma, parece-nos de toda a conveniência encarar estas obras, em matéria de edição e de estudo, não de forma autónoma, como geralmente tem sido feito, mas como uma espécie de tetralogia (ou trilogia, se considerarmos o *Livro Antepimeiro* como parte da *História do Futuro*), na medida em que, por um lado, o fio temático condutor se mantém, na sua essência, o mesmo ao longo das quatro obras e as afinidades formais são em muitos casos evidentes e, por outro, as diferenças entre elas correspondem a necessidades circunstanciais específicas, nomeadamente:

- A *História do Futuro* representa a primeira tentativa de exposição da grande tese;
- O *Livro Antepimeiro*, a necessidade de lhe explicar os fundamentos;
- A *Representação*, a síntese da tese e dos seus fundamentos, duplamente requerida, pela proximidade do tempo para o qual estavam previstos os grandes acontecimentos e pela necessidade de defesa perante a Inquisição;
- A *Clavis*, finalmente, a reformulação parcial da mesma tese acompanhada por uma mudança do instrumento de comunicação, mudanças exigidas pela evolução dos acontecimentos históricos, que, entretanto, haviam tornado insustentáveis vários aspectos da grande tese tal como fora inicialmente concebida, apesar da correcção e força da argumentação .

Assim, impõe-se, no caso da obra profética vieiriana, a consideração de dois tipos distintos de texto: por um lado, o texto material, que encontramos documentado nos manuscritos que chegaram até nós da *História do Futuro*, do *Livro Antepimeiro*, da *Representação* e da *Clavis*; por outro, o texto mental, correspondente à grande Obra virtual sucessivamente reciclada entre a *História do Futuro* e a *Clavis*.

Nesta perspectiva, a *Representação* surge naturalmente como subsidiária dos materiais da *História do Futuro*, o que explica o carácter já relativamente elaborado do seu rascunho, o manuscrito BN. De facto, não há "coisa alguma tão exactamente escrita no primeiro correr da pena que não tenha sempre que emendar"¹⁰, e o manuscrito BN é

⁹ Seguimos para a datação da *Clavis* as indicações fornecidas por Mendes, 1997, p. 32.

¹⁰ *Defesa do Livro intitulado "Quinto Império"*, Sérgio e Cidade, ob. cit., Vol. IV, pp. 108-109.

já visivelmente fruto de muitas "emendas" anteriores, e não de um "primeiro correr da pena".

Por outro lado, a *Representação* assume um duplo estatuto que se coaduna com a duplicidade da sua génese, surgindo como texto final enquanto defesa entregue por Vieira ao Tribunal, mas como texto terminal em relação à grande Obra que, no seu conjunto, nunca chegou a conhecer o nível final.

A "obra profética" de Vieira, sempre publicada fragmentariamente, porque fragmentário e inacabado é o estado em que ficou, conheceu um destino bem diferente daquele que para ela pensara o seu autor. Entre os *Sermões*, que Vieira considerava "choupanas"¹¹ e a monumental "obra profética", os "palácios altíssimos", a posteridade elegeu as "choupanas" e foi por elas que Vieira se imortalizou como "Imperador da Língua Portuguesa"¹² e expoente máximo da nossa oratória sagrada, e não como um grande Teólogo ou Exegeta.

Vale, no entanto, a pena o empreendimento, ele próprio monumental, de uma edição conjunta, elaborada com critérios crítico-genéticos, da "Obra" profética de Vieira, a qual, pelas suas características particulares, beneficiará grandemente de uma edição conjunta, com critérios específicos, que venha, por um lado, divulgá-la junto do grande público que praticamente a ignora, e por outro, a revele na sua dimensão virtual de grande Obra inacabada, da qual as obras conhecidas, sempre encaradas como livros inteiros dotados cada qual de uma intencionalidade específica, são apenas fases circunstanciais de elaboração num percurso genético fortemente influenciado pela vida e personalidade do autor.

Tal tarefa encontra-se actualmente facilitada pela existência de uma excelente edição crítica do *Livro Antepreimeiro*, a de Besselaar; e muito em breve a edição e tradução da *Clavis Prophetarum*, de Arnaldo Espírito Santo¹³, virá colmatar o vazio editorial que esta obra tem padecido até hoje. Só a *História do Futuro* e a *Representação* exigirão uma nova edição: a primeira porque tem uma edição antiga, elaborada com critérios que desconhecemos, mas que não são seguramente críticos, e não inclui os fragmentos editados por Muhana; a segunda porque a edição de Cidade, por nós analisada (cf. II, 2.3.), para além de única e esgotada, revelou vários problemas ao nível da correcção da leitura e dos critérios de edição utilizados, para além de, não sendo também uma edição de natureza crítica, não tomar em consideração o manuscrito BN, perdendo-se assim material importantíssimo ao nível da crítica genética. Uma nova edição destas obras, porém, encontra-se agora também muito facilitada pelo trabalho de Muhana, no caso da *História do Futuro*, e pelo nosso próprio, de edição do manuscrito BN e colação com o manuscrito TT, que aqui se apresenta (Parte V), no caso da *Representação*.

Atendendo à evidente unidade que representam, e que cremos ter demonstrado, parece-nos que só uma edição conjunta do tipo referido — precedida de uma substancial introdução explicativa e seguida, em apêndice, dos documentos que mais de perto se

¹¹ *Cartas*, vol. III, p. 701.

¹² A conhecida expressão é de Pessoa, no poema que dedica a Vieira n' *A Mensagem*. Pessoa refere-se-lhe, aliás, também em outras obras suas, sempre em termos de grande admiração. Veja-se ainda o *Livro do Desassossego* (1982, pp. 16-17). No entanto, é provável que à admiração e ao conhecimento que concertiza Pessoa teria dos *Sermões* não correspondesse um conhecimento profundo da teoria quinto-imperial de Vieira, uma vez que, no mesmo poema d' *A Mensagem*, identifica o Encoberto com D. Sebastião.

¹³ Tanto quanto sabemos esta edição deverá sair à luz a qualquer momento.

relacionam com as quatro obras, nomeadamente, a *Carta ao Bispo do Japão* e a *Defesa do Livro intitulado «Quinto Império»*, bem como os Autos do Processo¹⁴ — permitirá tirar do injusto anonimato em que tem permanecido uma parte tão significativa da obra de Vieira, que o autor tanto estimava ver publicada e conhecida, e que, ainda que fragmentária e incompleta, se não vale, como os *Sermões*, pela beleza e plasticidade literária, vale seguramente, pelo que representa enquanto peculiar visão vieiriana do tema do Quinto Império, como documento da maior relevância para a compreensão da cultura e do pensamento portugueses da época de Vieira.

¹⁴ Muhana, 1995.

Parte V - EDIÇÃO

" Assim que não escreve (...) o António Vieira que foi, senão o que é, ou o que deixou de ser, para que (...) se não admire da diferença do seu estilo..."

Carta ao Duque do Cadaval - 16 de Janeiro de 1668
Cartas, vol. II, p. 265.

11-11-11

O Manuscrito

1 - O Manuscrito BN: descrição codicológica e paleográfica

1.1. Conteúdo

O manuscrito da *Representação* que actualmente se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa (COD. 681) faz parte de um conjunto de documentos relativos ao processo do Padre António Vieira na Inquisição de Coimbra, encadernados juntamente num único volume com 235 fls. intitulado, provavelmente pelo catalogador, *Vieira cahido*. Nele se encontram, de mistura com originais de Vieira, várias cópias, do séc. XVII, de mãos diferentes. As dimensões das folhas encadernadas neste volume são também bastante variáveis.

A descrição e distribuição dos vários documentos que integram o códice encontram-se no *Inventário* de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa¹, que reproduzimos em apêndice (2), tal como a cópia reduzida do primeiro fólio da *Representação* 2^a (apêndice 1), a única que se encontra completa em BN.

1.2. Suporte material

No que diz respeito à encadernação, esta é, pelas circunstâncias acima expostas, certamente posterior à redacção da *Representação*, que aqui nos ocupa. As capas e a lombada são em cartão grosso, de cor castanha, lisas. As capas (220 mm. x 320 mm.) encontram-se em precário estado de conservação, nomeadamente nas zonas de manuseamento directo. A lombada apresenta o título e alguns motivos decorativos em dourado. Os extremos superior e inferior encontram-se reforçados com papel de cor mais clara. No extremo inferior, sobre este papel, pode ver-se um autocolante com a cota. Ao contrário das capas, a lombada encontra-se em considerável estado de conservação e perfeitamente unida ao lombo. São perceptíveis através da lombada cinco veios em relevo, constituídos por um ou dois fios de corda.

As contra-capas são de papel e encontram-se em bastante mau estado apresentando mesmo alguns buracos e um remendo, também em papel. De notar é ainda o facto de a contra-capa inicial ter escrito a tinta o título e uma indicação sintética do conteúdo do volume: *Vieira cahido, Papeis varios relativos ao processo do P. A. Vieira*. A letra destas anotações é datável do séc. XVIII-XIX, provavelmente contemporânea da encadernação e não muito posterior à entrada destes "papeis" na já então chamada Biblioteca Nacional de Lisboa (o que só aconteceu em 1836), a avaliar pelos carimbos que os documentos contidos no volume apresentam. A lápis, em algarismos árabes, encontram-se duas cotas, uma riscada, a outra não riscada: B/11/11. A cota actual

¹ Secção XIII, Manuscriptos, COD. 1 a 739, Lisboa, 1896.

encontra-se também em algarismos árabes e escrita a lápis de cera azul sendo repetida na primeira página do códice.

Não existem fólhos de guarda nem folha de rosto.

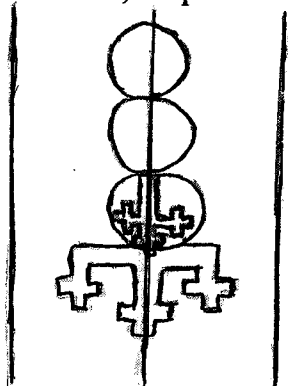
Quanto ao códice propriamente dito, o material utilizado é o papel, o qual se encontra bastante amarelado e em mau estado de conservação. Os extremos das folhas, sobretudo os inferiores, encontram-se quase todos esfarelados (ex: fl. 108), tendo alguns sido cortados (ex: fl. 137, no canto superior e fl. 148, no canto inferior).

1.2.1. Marcas de água

São visíveis no papel utilizado no documento que aqui nos ocupa três tipos diferentes de marcas de água. O primeiro encontra-se apenas na folha em branco (fl. 105) que antecede a *Representação* e a separa do documento anterior.

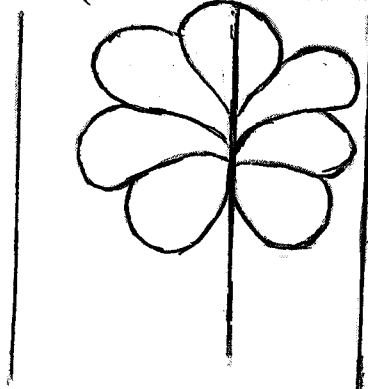
Tipo 1: Três círculos com uma cruz cada e encimados por uma outra cruz (ao centro).

Este tipo de marca de água apresenta numerosas variantes e aparece com muita frequência a partir do séc XVII. Os três círculos são claramente italianos. São conhecidos por *Tre Mondi* (três mundos), *Tre Lune* (três luas) e, em França, por três O e terão sido exportados de Itália para Espanha, mais concretamente de Génova, sendo, possivelmente, uma forma simplificada das armas da cidade. Briquet e Heawood identificam numerosas variantes deste tipo². Esta marca, que não torna a aparecer ao longo da *Representação*, é, no entanto, frequente noutros documentos do códice.



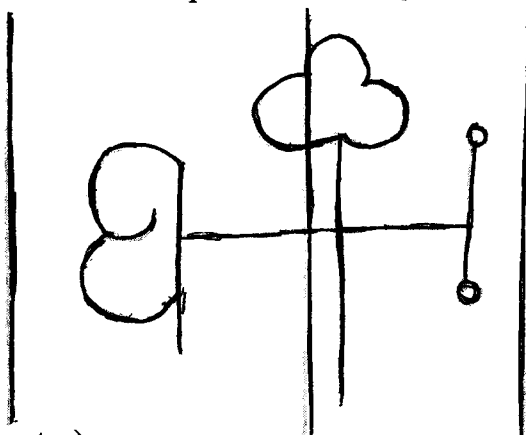
Os dois outros tipos de marcas de água encontram-se alternadamente, e aparentemente de forma aleatória, ao longo de todo o documento.

Tipo 2: Flor de sete pétalas (ao centro) e marca não identificada (na margem).



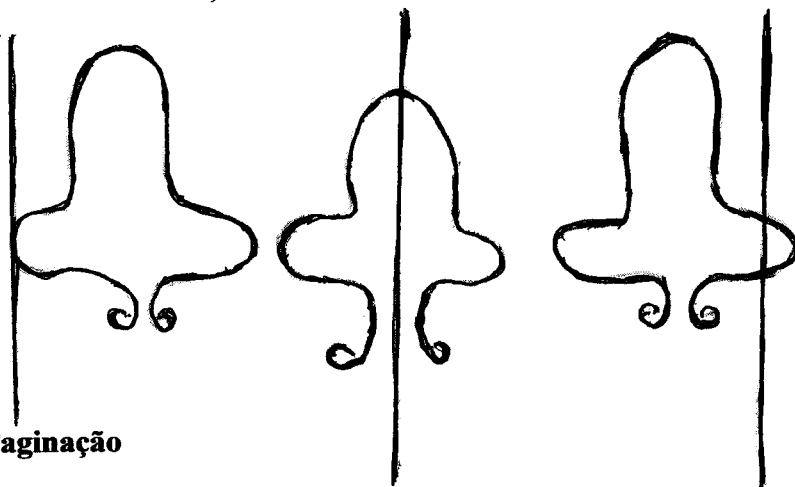
² Cf. *The Nostitz Papers*, 1956, p.101; Briquet, 1923, vol. I, 3245-3270 e Heawood, 1950, 249-323.

A flor de sete pétalas é identificada por Briquet³ como sendo de proveniência italiana, na maior parte dos casos lombarda. Mošin-Traljic⁴ identificam alguns casos de flor de seis pétalas com marca complementar no bordo da página. Tais casos, ainda que semelhantes, não são, porém, idênticos aos identificados por nós, nem quanto ao tipo da flor, nem quanto à marca complementar. Outros repertórios de marcas de água, como, por exemplo, Eineder, 1960, identificam marcas complementares semelhantes à identificada por nós, ainda que associadas a diferentes marcas, que não a flor de sete pétalas. As marcas por nós identificadas parecem, no conjunto do códice, ser exclusivas da *Representação*.



Tipo 3: Três chapéus (ao centro).

Heawood apresenta oito espécies diferentes, a maioria das quais são aparentemente italianas, de cerca de 1690⁵. Esta marca é comum a vários documentos do códice.



1.3. Paginação

O manuscrito da *Representação* apresenta duas numerações distintas, ambas em números árabes: a primeira, do punho de Vieira, é feita página a página e começa no número 33, uma vez que o manuscrito apresenta uma lacuna inicial, terminando no 286. O total de 286 páginas que indica a numeração não é, no entanto, exacto. A ele devem acrescentar-se 10 páginas referentes a um lapso de numeração do Autor: à página 172 segue-se a 163, resultando assim um total de 296 páginas, uma das quais repetida (p. 147), o que nos dá um total de 295 páginas no documento original. Actualmente, o manuscrito de Vieira apresenta duas lacunas de extensão significativa: a inicial, de 32

³ Briquet, 1923, vol. II, pp. 372-373/ 6552-6572.

⁴ Mošin-Traljic, 1957, vol. II, 4019-4026.

⁵ Cf. *The Nostitz Papers*, 1956, p. 121 e Heawood, 1950, 2597. Cf. ainda Eineder, 1960, 689-702.

páginas, e uma segunda, no final da "Representação Primeira", de 47 páginas (p.61 - p.108).

A segunda numeração data certamente da época da compilação e encadernação dos vários documentos referentes ao processo e deve-se com grande probabilidade ao catalogador, uma vez que faz uma numeração seguida de todos os documentos do volume, por fôlio e não por página. A *Representação* começa no fl. 106 r e termina no fl. 214 r. Tal como a primeira numeração, de Vieira, esta encontra-se na margem de cabeceira, do lado direito, mas é feita a lápis. Por outro lado, não tem em conta as lacunas do documento, o que prova que, à data da catalogação e encadernação, aquele já se encontrava lacunoso.

1.3.1. Outras particularidades

- A página 244 foi, por lapso, numerada como 344, mas a numeração correcta é retomada logo na página seguinte, não introduzindo assim qualquer alteração.

- Na primeira página do documento podem ver-se quatro numerações: 33, de Vieira; 106, do catalogador; 11 e 2. Estas últimas, de função indeterminada, não têm seguimento.

- Na página 111, encontram-se também no canto superior direito um 10 e um 3, da mão de Vieira, riscados.

1.4. Cadernos

A organização do códice, em geral, e do manuscrito da *Representação*, em particular, é impossível de determinar com alguma fiabilidade, uma vez que, como acima dissemos (Cf. 2: Suporte Material), a lombada se encontra solidamente unida ao lombo. Acresce a isto o facto de não existirem quaisquer reclamos nem assinaturas de final de caderno que ajudem na sua identificação. No entanto, uma vez que estamos perante uma compilação de vários documentos, possivelmente em papéis soltos, com diferentes datas de redacção, origens e, inclusive, dimensões, podemos deduzir que a organização será irregular.

Encontram-se vestígios de fôlios cortados entre os fl. 128 e 129, 130 e 131 e 147 e 148.

Com excepção do fôlio de guarda inicial (105), não há no manuscrito da *Representação* outros fôlios em branco.

1.5. Regramento

1.5.1. Plano de página

O texto encontra-se escrito a uma só coluna, frente e verso. Não há preparação de página (picotagem, marcação de linhas, margens, etc.) visível. No entanto, a regularidade da mancha gráfica é notável. O espaço interlinear é de cerca de 5mm de altura.

A ocupação de página é irregular, variando o número de linhas de texto por página entre as 51 (ex: fl. 144r) e as 62 (ex: fl. 194v), com evidentes implicações nas dimensões das margens de pé e de cabeceira. A justificação à direita é quase sempre respeitada. Em virtude desta flutuação, optou-se por apresentar apenas, a título de exemplo, as dimensões do primeiro fôlio, que apresenta dimensões médias em relação aos restantes. A mancha de texto é, neste caso, de 150 mm. x 300 mm, correspondente a 56 linhas de texto, sendo as margens, com excepção da de goteira, bastante reduzidas: margem de cabeceira – 10 mm. - margem de pé - 5 mm. - margem de dorso - 10 mm. (+ cerca de 5 mm. ocupados pela encadernação) - margem de goteira – 50 mm.

1.6. Dobragem e dimensões de suporte

A estreita ligação entre a lombada e o lombo, já referida (Cf. 4: Cadernos), impede-nos também de determinar o processo de feitura e organização dos cadernos. Por outro lado, a inexistência de marcas de continuidade entre os fôlios não permite a determinação da fórmula de dobragem. Também não é possível determinar se os vários documentos compilados estariam eles próprios previamente organizados em cadernos ou se, pelo contrário, seriam apenas folhas soltas posteriormente organizadas para efeitos de encadernação.

As dimensões dos fôlios da *Representação* são das maiores, entre os vários documentos compilados neste volume: 210 mm. (+ cerca de 5 mm. ocupados pela encadernação) x 315 mm. Apesar de pequenas variações de fôlio para fôlio observadas nas dimensões das margens, a margem de cabeceira é praticamente sempre maior que a de pé, por vezes quase inexistente, e a de goteira sempre maior que a de dorso. As dimensões da caixa de texto variam também muito pouco, apesar das diferenças no número de linhas.

1.7. Escrita

1.7.1. Morfologia e módulo

O manuscrito da *Representação* é, como acima dissemos, autógrafo de Vieira, em letra cursiva.

No que diz respeito ao módulo, visto que, apesar de todos os esforços feitos até à data no sentido da objectivação de critérios, não é possível obter mais que valores médios, aproximativos, abstermo-nos aqui de qualquer cálculo da relação modular. Podemos, no entanto, classificar a letra de Vieira como sendo de módulo pequeno (no sentido que Mallon (1952) atribui a esta expressão: menos de 5mm. de altura), bastante regular e bem desenhada, de leitura relativamente fácil.

1.8. Tinta, rubricação e decoração

A cor da tinta usada no texto da *Representação* é acastanhada (provavelmente preta desbotada) e bastante homogénea. Algumas das correcções (ex: alteração no número das questões) e notas (ex: "*não vai no papel dos autos*", escrita ao lado do

número de algumas questões) encontram-se escritas em tinta mais carregada, o que indica que serão posteriores ao primeiro momento de redacção do documento.

O manuscrito não apresenta qualquer marca de rubricação e a decoração é inexistente.

1.9. Pontuação, acentuação e uso de maiúsculas

A pontuação usada por Vieira é escassa e, não raro, insuficiente para uma boa compreensão do texto por parte do leitor actual, o que tem levado a esmagadora maioria dos seus editores a actualizá-la ou, pelo menos, a alterá-la, em maior ou menor grau.

Além do ponto, com valor forte e fraco, e da vírgula, usada frequentemente em posições onde actualmente o seu uso é inadmissível, Vieira recorre ao uso dos dois pontos e do ponto e vírgula, normalmente em situações em que hoje usariamos a vírgula.

A acentuação é rara. Encontram-se apenas dois tipos de marcas de acentuação: o acento circunflexo e o acento agudo, sendo o primeiro bastante mais comum. Tanto o acento circunflexo como o acento agudo ocorrem, regra geral, em posições onde actualmente se usaria o acento agudo e, aparentemente, apenas em casos de homofonia ou de pronúncia duvidosa, como por exemplo em *Esau*, onde a não utilização do acento poderia levar o leitor a tomar as duas vogais por um ditongo.

O uso de maiúsculas é também bastante diferente do actual, sendo a sua assistemática facilmente verificável.

Os parágrafos são marcados como actualmente, com excepção de alguns casos em que não é dado o espaço de abertura de parágrafo. Na margem é feita uma numeração, seguida e não questão a questão. Os títulos surgem em destaque.

1.10. Erros e correcções

São frequentes as rasuras, normalmente ilegíveis, revelando uma escrita rápida e uma constante elaboração e reelaboração do texto. Pela mesma razão, as notas e acrescentos, na margem ou entrelinhados, sempre acompanhados das respectivas marcas identificadoras, são também frequentes sendo perceptíveis, neste caso, pelo menos duas fases diferentes: a primeira, contemporânea da redacção, a segunda, nitidamente posterior, em tinta diferente, mais escura.

1.11. Estado de conservação

O estado de conservação do manuscrito da *Representação* pode ser considerado, de uma maneira geral, bastante bom, tendo em conta que o texto está perfeitamente legível na sua totalidade, com uma ou outra raríssima excepção. Apesar de o amarelado do papel e as pontas esfareladas denotarem uma longa exposição ao uso e a diversos outros factores naturais de deterioração, não se encontram marcas de tinta repassada, rasgos no papel ou outros acidentes gravemente lesivos da integridade do manuscrito.

Os restantes manuscritos que integram o volume apresentam estados de conservação diversos, que vão desde a total legibilidade até à quase total ilegibilidade motivada pelo repassamento das tintas.

1.12. Conclusão

De uma maneira geral, os dados recolhidos corroboram os que possuímos acerca das circunstâncias que rodearam a elaboração deste manuscrito. Assim, aspectos como a aparente ausência de preparação de página, a irregularidade da sua ocupação, a escassez das margens e a ausência de rubricação e decoração coadunam-se perfeitamente com as condições em que Vieira o redigiu - preso na Inquisição de Coimbra sem mais material de escrita que a tinta e o papel, e este provavelmente escasso, a julgar pelo aproveitamento das páginas - e com a própria natureza do documento - particular, dirigido à Mesa da Inquisição e do qual dependia todo o seu futuro, não havendo, por isso, margem para grandes preocupações de ordem estética. Por outro lado, o grande número de rasuras, correcções, notas e acrescentos coaduna-se com o carácter de "rascunho" do manuscrito da Biblioteca Nacional, por oposição ao da Torre do Tombo, que é, tanto quanto se sabe, a versão definitiva entregue à Mesa, praticamente sem rasuras nem acrescentos.

A análise das numerações da *Representação*, da encadernação e do conteúdo do volume permite-nos reconstituir, pelo menos em parte, a história do documento. Assim, a numeração de Vieira, lacunosa, permite-nos avaliar a extensão das actuais lacunas, enquanto a numeração do catalogador, seguida, nos dá a indicação clara de que o manuscrito já terá chegado lacunoso à Biblioteca Nacional ou, pelo menos, já estaria lacunoso à data da compilação e encadernação. Se considerarmos que a Real Biblioteca Pública (1796) é herdeira directa da livraria da Real Mesa Censória e que esta, por sua vez, é herdeira das livrarias dos Jesuítas, de que o estado se apropriara, teremos um esboço do provável percurso da *Representação* e dos restantes documentos compilados sob o título de *Vieira cahido*. Por outro lado, a análise da letra do catalogador, datável dos séculos XVIII-XIX, e os carimbos com a designação moderna de Biblioteca Nacional de Lisboa (em uso desde 1836), levam-nos a datar, com alguma probabilidade, a compilação, numeração e encadernação da primeira metade do séc. XIX, provavelmente aquando da transferência desta instituição para o antigo convento de S. Francisco.

Finalmente, um outro dado de natureza codicológica com particular interesse diz respeito à tinta usada no manuscrito. Com efeito, são visíveis duas tintas diferentes: uma usada no corpo do texto e em alguns acrescentos, outra, mais escura, usada apenas em algumas notas, facto que, por si só, leva a crer que Vieira terá revisitado o manuscrito em momento provavelmente posterior ao da redacção da versão final (inserida no processo de Vieira actualmente na Torre do Tombo), uma vez que a ela se refere directa ou indirectamente em muitos casos (ex: *não vay no papel dos autos*).

Quanto aos fólhos perdidos, ao seu desaparecimento não será estranho o facto de que, aparentemente, Vieira terá redigido a *Representação* em folhas soltas e estas mesmas folhas terão permanecido sem encadernação perto de duzentos anos, com a agravante de nesse período terem mudado várias vezes de lugar. Não é assim de excluir a hipótese de se vir a encontrar estes fragmentos, que a encadernação tardia já não pôde recuperar, em alguma ou algumas bibliotecas de Jesuítas ou particulares.

Apêndice

- 1- Manuscrito BN, fl. 120r e v.*
- 2- Inventário de Manuscritos da
Biblioteca Nacional de Lisboa,
Secção XIII, Manuscritos, cod.
680-681.*

Vieira (P. Antonio). — Vieira cahido. Miscellanea de papeis varios relativos ao processo do padre A. Vieira.

Sem titulo geral. No exterior do vol. tem o lettreiro «Vieira cahido». Contém varias peças extrahidas do processo, commentarios, cartas, etc. Alguns d'estes papeis parece terem sido enviados de Coimbra por D. Duarte de Santo Agostinho a D. Verissimo de Lencastre, inquisidor. Originaes e copias do sec. XVII. — 1 vol. in-fol. de 235 fl. encad. (B. 11—11)

681

Processo do P. Antonio Vieira. Notas summarias e analyse de varias peças d'este processo. — Difficuldade que se poz, e reposta que se deu. — Segunda razão da difficuldade proposta.

Enumeram algumas partes do processo, indica datas de exames, interrogatorios, analysa profecias do Bandarra, etc.

4 peças originaes de tres letras diversas, do sec. XVII. — 15 fl. in-fol. — A fl. 1, 5, 10, 14. (B. 11—11)

681

Processo do P. Antonio Vieira da Comp.^a de Jesus. Breve resumo. Para o sr. D. Verissimo de Lencastre. — S. d. (sec. XVII).

É um summario enviado por pessoa que assistiu a todo o processo; o que não poude copiar é narrado de memoria; promette enviar o processo pelo correio seguinte. O A. não assignou; vê-se que fez parte da mesa do Santo Officio.

Original, da epoca. — 10 pag. in-fol. — A fl. 16. (B. 11—11)

681

Processo do P. Antonio Vieira. «Proposições por que foi arguido.» — S. d.

São 100 proposições copiadas do processo.

Copia do sec. XVII. — 18 pag. in-fol. — A fl. 22. (B. 11—11)

681

Processo do P. Antonio Vieira. Resposta ás proposições por que foi arguido. — Respostas ao censurado do declarante. — S. d.

Letra do sec. XVII, parecendo original, com adicionamentos e correções. — 15 pag. in-fol. — A fl. 32. (B. 11—11)

681

Replica a certo emulo do P.^e Vieira contra o tratado cujo titulo he «Esperanças futuras de Portugal; quinto imperio do mundo, primeira e segunda vida delRey D. João o 4.^o».

Começa por uma exposição: «Ao leitor. Justifica se este papel com o nome de replica...» — Acaba com poesia, terminando: «... com que embair a gente.» Insete varios versos satyricos, e commenta 16 capitulos.

Copia do sec. XVII. — 8 pag. in-fol. — A fl. 40. (B. 11—11)

681

Informationis pro causa Patris Antonii Vieira. Pars 1.^a Facti species. Omnia quae in ista informatione dicuntur, vel publica sunt et notoria...

Começa o texto: «Anno 1643 cum Hollandi in America totum Pernambucum...» — Acaba: «... oporteret bis dicere.»

Copia do sec. XVII. — 22 pag. in-fol. — A fl. 46. (B. 11—11)

681

Santo Agostinho D. Duarte de — Carta a «Sñr. meu...» enviando papeis que lhe ficaram acerca das proposições do P. Antonio Vieira, constantes do processo d'este na Inquisição. (Coimbra) Santa-Cruz 5.^a feira s. d.

Acompanha as proposições citadas.

Original do sec. XVII. — 1/8 de fl. — A fl. 58. (B. 11—11)

681

Processo do P. Antonio Vieira. Proposições por que foi arguido, respondidas e commentadas.

S. tit. — Começa a fl. 60: «Diz o proferente na proposição primeira...» — Acaba a fl. 104 v.: «... hum prelado não se podia salvar.» — Daí, no fim, noticia de como o reu ouviu sentença nos 23 de dezembro de 1667. Estes papeis foram enviados a D. Verissimo de Lencastre com uma carta do seu auctor D. Duarte de S. Agostinho.

Original autogr. — 88 pag. in-fol. — A fl. 60. (B. 11—11)

681

Vieira P. Antonio — Defeza de varias arguições no processo que lhe foi movido pela Inquisição.

É um fragmento original sem titulo, constando de 153 pag. numeradas, desde pag. 33 até 236. Começa em phrase truncada, analysando um trecho das trovas de Bandarra: «Sendo elle o instrumento...» (materia contida no papel «Esperanças de Portugal». — A pag. 109: «Representação terceira (he a 2.ª do papel dos autos). Dos fundamentos e motivos que tive para me parecer prova o livro que tratava de escrever ácerca do Quinto Imperio &c.»...» — Seguem-se muitos outros capitulos, acabando na pag. n. 286: «É isto illustrissimo sr. o que peço e se me offerece representar... do mundo em todo o qual eu seu conhecido.»

O texto tem muitas alterações e emendas da letra do auctor, notando nos periodos a numeração com que entraram nos autos. — Parece ser uma minuta d'onde se apurou o trabalho a limpo.

Original todo autographo, inedito nunca citado. — 153 pag. in-fol. — A fl. 106. (B. 11—11)

681

Parecer de um theólogo sobre algumas doutrinas expendidas nos escriptos do P. Antonio Vieira. — Em latim. S. d.

Começa: «Ante evertionem Antechristi in fine mundi...» — Termina com uma conclusão em portuguez: «...era eu de paresser que se levasse ao S.º Officio para considerarem o que deve fazer nesta materia.»

Original do sec. XVII. — 14 fl. in-fol. — A fl. 215. (B. 11—11)

681

Sentença do Santo Officio contra o P. Antonio Vieira.

Noticia summaria sem tit., contendo as proposições, etc. — Começa: «Ouvio sua sentença na salla do Santo Officio...» — Acaba: «...do S. Officio e seus ministros.»

Original, da epoca. — 3 1/4 pag. in-fol. — A fl. 231. (B. 11—11)

681

Informationis pro causa Patris Antonii Vieira. Pars. 1.ª Facti species. Omnia quae in ista informatione dicuntur vel publica sunt, et notoria...

Começa o texto: «Anno 1643 cum Hollandi in America totum Per-nambucum...» — Acaba truncado: «... quam omnia multis quoque libris...»

É um papel avulso, appenso a este volume.

Copia do sec. XVIII, não concluida. — 4 1/2 pag. — A fl. 233.

(B. 11—11)

681

2 - A "norma" gráfica de Vieira: Nota prévia aos Critérios de Transcrição

"Não procuraremos tomar partido contra modernizadores nem contra conservadores, porque cremos que ambas as posições têm lugar na publicação dos textos antigos. O segredo está em saber escolher a mais adequada à ocasião."

Castro e Ramos, 1986, pp. 99 -100.

A necessidade, incontornável para quem se propõe editar textos antigos, de estabelecer critérios de transcrição adequados à natureza e finalidade do texto em causa conduz, antes de mais, à não menos incontornável necessidade de definir aquilo a que Ivo Castro e Mariana Ramos chamam "estratégia" da transcrição: "O terreno (...) onde se dão as opções iniciais do editor (...) é o terreno a que se poderá chamar da *estratégia* da transcrição. Esta terminologia supõe uma distinção prévia entre os aspectos estratégicos da transcrição, que consistem em grandes decisões prévias e muito gerais quanto ao plano da edição e quanto ao espírito da transcrição, e os aspectos táticos, que concretizam esse espírito sob a forma de normas de comportamento específicas para cada caso"¹.

Na presente edição, importa considerar para o estabelecimento de tal estratégia vários factores, o primeiro dos quais é que estamos perante um texto do Padre António Vieira, pelo que, tratando-se de um autor de indiscutível relevância cultural e literária, se justifica plenamente a perspectiva de divulgação junto de um público não especializado, apesar de ser este um texto de interesse mais histórico e cultural do que literário. Por outro lado, existe uma edição, da responsabilidade de Hernâni Cidade², que pode ser considerada como "suficientemente conservadora"³, ainda que, como vimos (II, 2.3.), não isenta de falhas. De considerar também é o facto de que o manuscrito agora editado (BN) constitui a primeira versão da *Representação*, sendo a última, correspondente à "intenção do autor", a editada por Hernâni Cidade (manuscrito TT); logo, existindo duas versões do texto em causa, genealogicamente relacionadas e apresentando em muitos casos grafias diferentes, não faz, aparentemente, sentido conservar as grafias da primeira versão quando existe uma edição conservadora do manuscrito corespondente à versão final do texto. Finalmente, há ainda que ter em conta que se trata de um texto da segunda metade do século XVII e que "em textos do português clássico a relativa estabilização linguística e os métodos para conhecer com alguma segurança a relação entre fonema e grafo habilitam o editor a realçar, na transcrição, o que já há de moderno no texto, em vez de insistir nos seus aspectos arcaicos."⁴. Da conjugação destes factores surge como opção coerente a de uma estratégia de modernização, que é confirmada pela análise do

¹ Castro e Ramos, 1986, p. 100

² Cidade, 1957.

³ Castro e Ramos, ob. cit., p. 101.

⁴ Castro e Ramos, ob. cit. p. 108.

campo bibliográfico do texto, do qual consta apenas a edição acima referida (não crítica e que não leva em linha de conta o manuscrito BN, que agora editamos), de carácter conservador e actualmente esgotada, portanto apenas acessível, em bibliotecas, a um público restrito.

No entanto, o perfil do autor em causa — que leva um ortografista como D. Luís Caetano de Lima (1736)⁵ a elegê-lo entre os "bons autores" como autoridade maior em matéria de usos gráficos a seguir como norma — e o facto de, como faz notar Marquilhas⁶, se verificar alguma correspondência, ainda que indirecta, entre os grandes movimentos culturais e as ortografias contemporâneas justificam, a nosso ver, ao nível "táctico" do estabelecimento dos critérios de transcrição decorrentes da opção estratégica inicial, uma interrogação da *scripta* de Vieira, sob pena de podermos incorrer numa modernização excessiva cujo principal perigo seria o de falsear a relação grafema / fonema na língua de Vieira.

Desde que a Ocupação Filipina se tornara iminente — com a morte de D. João III, em 1557, e as desastrosas consequências que daí advieram ao reino, primeiro com a regência de D. Catarina e depois com o jovem rei D. Sebastião — assistia-se à afirmação progressiva de uma ortografia latinizante, favorecida pelo despertar dos estudos humanísticos, que, por um lado, dignificava a língua portuguesa enquanto língua directamente filiada na latina e muito próxima dela⁷ e, por outro, a afastava do movimento foneticista predominante na vizinha Espanha⁸ deixando para trás a época áurea dos Descobrimientos portugueses, em que Fernão de Oliveira (1536), provavelmente influenciado pelos movimentos ortográficos renovadores então surgidos em Itália⁹, mas essencialmente levado pelo furor nacionalista da época¹⁰, defendia, com alguma exaltação, uma ortografia fonética, moderna e afastada da latina¹¹.

É neste contexto cultural, em sentido lato, que é necessário situar Vieira quando pretendemos auscultar a sua *scripta*. Nascido em 1608, já em plena época Filipina, a sua formação ortográfica insere-se nitidamente no "período etimológico"¹², influenciado essencialmente pelas propostas de ortografistas como Duarte Nunes de Leão (1576), Magalhães Gândavo (1574), Álvaro Ferreira de Vera (1631) ou Amaro de Roboredo

⁵ Lima, 1736.

⁶ Marquilhas, 1987, p. 103.

⁷ "...ainda vos provarey que a nossa [língua] he mais chegada ao latim que a vossa...Ficarão todos tão enleados quanto nestes versos virão a perfeição desta língua, que não podéram deixar de a confessar por melhor, & mais chegada ao latim de todas." Gândavo, 1574, pp. 66 e 69.

⁸ "Pelo que, vendo eu em minha mocidade, o descuido e falta dos homens de Espanha, em seu escrever, e a diligência que alguns estrangeiros nisto mostraram em suas línguas, com o desejo que sempre tive de ilustrar as coisas da Nação Portuguesa, tentei ensinar a meus naturais o que eu de outrem não pude aprender." Leão, 1576, p. 46.

⁹ "No que diz respeito aos gramáticos portugueses do Renascimento _ Fernão de Oliveira e João de Barros _ a influência dos Italianos, pioneiros da gramática moderna nascente, parece indiscutível. E, contudo, nem no primeiro nem no segundo essa influência se manifestou ditatorialmente." Buescu, [1984], p. 17.

¹⁰ "La Renaissance avait appris aux peuples de l' Europe que les Grecs, ayant bien réglé leur langue, l'avaient introduite à Rome, et que les Romains, à leur tour, avaient imposé leur idiome aux peuples vaincus: c' est ainsi que les grammairiens en venaient à admettre qu' une langue bien codifiée est un excellent moyen d' expansion nationale." Kukenheim, 1952, p. 202.

¹¹ Cf. Marquilhas, ob. cit., p. 104.

¹² Cf. Williams, 1991, p. 40.

(1615)¹³ e já mais afastado das de João de Barros — apesar de este preconizar, em muitos aspectos em que manifesta maior conservadorismo, as posições de Gândavo e Leão — e mais ainda das de Oliveira¹⁴. Tais influências, no entanto, estavam longe de constituir uma linha de orientação ortográfica uniforme a nível nacional. Mesmo entre os ortografistas deste período não existia consenso em relação a todos os problemas ortográficos e as posições assumidas, ainda que tendencialmente latinizantes, variavam de autor para autor, convergindo em alguns aspectos, afastando-se noutros. Por outro lado, não é difícil encontrar nos seus textos casos de subversão das mesmas regras que apontavam como boas¹⁵, o que, provavelmente, não se justificaria apenas como estratégia de aproximação a um público alvo. Para além de todos estes factores, há ainda a considerar que, como nota Tavani, é notória, em todo este período e até ao princípio do nosso século, a "tendência dos escritores para forjar ortografias individuais..."¹⁶.

Para a compreensão dos comportamentos gráficos de Vieira, há ainda que ter em conta o facto de que, de acordo com Buescu¹⁷, já no século XVI se debatiam entre as elites intelectuais os problemas da linguagem e se ministrava o ensino gramatical da língua materna com base em "*cartinhas*, a que se daria também a designação de *Gramáticas*, cujas noções seriam desenvolvidas mais tarde ao sabor da inclinação, da competência e do saber de cada mestre. O ensino far-se-ia, com toda a certeza, a partir da Gramática Latina, tomada como ponto de referência e comparação". A iniciação de Vieira aos problemas gramaticais e estilísticos, feita no Brasil, entre os Jesuítas, não terá provavelmente sido muito diferente, seguindo o percurso normal na época, que passava, logo depois das primeiras letras, pelo estudo da gramática latina e, só depois, pela transposição dos conhecimentos adquiridos para a língua portuguesa, uma vez que embora já há muito houvesse quem defendesse o percurso inverso¹⁸, só no séc. XVIII é que as reformas pombalinas do ensino viriam concretizar esta opção pedagógica.

A ortografia de Vieira é pois, na sua estrutura, etimologista, de acordo com a tendência dominante na sua época e que se conservaria até 1911 como um dos pólos da "Questão Ortográfica", tendência que, na realidade, não é totalmente nova pois, como faz notar Rebêlo Gonçalves¹⁹, "uma das provas melhores, que todos os gramáticos mais ou menos dão, da sua devoção clássica, está no tratamento da matéria ortográfica..." e se encontra não só em autores assumidamente seguidores dos preceitos clássicos de escrita, mas também, em muitos aspectos, em autores como Oliveira que, criticando embora a

¹³ As *Regras da Ortografia da Linguagem Portuguesa*, encontram-se hoje, como se sabe, perdidas, só se conhecendo a variante reelaborada de 1738, razão pela qual não dispomos de dados que nos permitam referir-nos às ideias de Roboredo em matéria de ortografia.

¹⁴ Não nos parece serem de considerar no que respeita à formação ortográfica de Vieira as obras de Bento Pereira (1666) e de João Franco Barreto (1671) que, embora ainda contemporâneas de Vieira, já não terão podido afectá-lo nos seus comportamentos gráficos, então já desde há muito adquiridos.

¹⁵ Cf., por exemplo, as palavras de Nogueira, 1933, nos "Comentários finais" a propósito da gramática de Oliveira (pp. 123 - 126), as quais se poderiam aplicar a outros gramáticos e ortografistas posteriores, apesar da progressiva tendência para a regularização: "Disse-nos Fernão de Oliveira, em um dos seus capítulos, que era necessário que se seguisse uma certa regra de escrever, e sempre a mais fácil. Observando bem a ortografia usada pelo gramaticógrafo não é difícil confessar que ela nos apresenta já uma certa simplicidade. Porém, a regularidade é que nem sempre é notável."

¹⁶ Tavani, 1987, p. 201.

¹⁷ Buescu, ob. cit., p. 64.

¹⁸ Cf. Buescu, ibidem, a propósito do pioneirismo de Barros nesta matéria, expresso no *Diálogo em louvor*....

¹⁹ Gonçalves, 1936 pp. 8-9.

imitação dos latinos, se vê obrigado a segui-los em "particularidades da nomenclatura gráfica" e em "juízos que eles já formulavam sobre a simplificação da escrita".

Esta estrutura etimologista de base que enforma a escrita de Vieira e, simultaneamente, espelha uma das características gráficas mais significativas do seu tempo, não sendo nele absolutamente regular, mas apresentando, ainda assim, uma regularidade notável em vários aspectos, coloca-nos perante uma primeira questão: Justificar-se-á por razões linguísticas, estilísticas ou outras a manutenção de grafias etimológicas (em casos de étimo latino e em casos de étimo grego)? A resposta só pode encontrar-se no comportamento de Vieira em relação a estas grafias, que abordaremos caso a caso avaliando o seu grau de desvio em relação às normas estipuladas por gramáticos e ortógrafos e àquilo que nos é dado saber sobre o que seria o uso da época, com vista a averiguar um eventual valor específico destas grafias que justifique a sua manutenção numa edição de carácter regularizador e modernizante.

1- Consoantes duplas e grupos consonânticos:

As consoantes duplas, sem qualquer correspondência na pronúncia, são repelidas como "ociosas" por Oliveira, sendo tal posição confirmada, ainda que de forma menos radical, por Barros, mas defendidas ou pelo menos aceites por todos os seus sucessores, contemporâneos de Vieira, de forma mais ou menos extensa, nomeadamente "quando a origem do vocábulo as pedir ou quando algum nome ou verbo for composto"²⁰, sendo Leão o mais acérrimo defensor das consoantes dobradas (por "natureza", "derivação", "significação", "corrupção", "variação" e "composição")²¹.

Vieira faz largo uso de consoantes duplas empregando-as nos casos em que são etimológicas, por "natureza" ou "derivação" (ex: *peccado*, *occultamente*), nos casos em que resultam de evolução fonética regular de grupos consonânticos latinos, "corrupção", (ex: *noster* > *nosso*, *ipse* > *esse*, *persona* > *pessoa*) ou em casos de "composição", em que, de acordo com a regra latina seguida no tempo de Vieira, se duplica a consoante entre duas vogais ou entre vogal e consoante líquida (ex: *sinallar*, *appoucando*, *soppeasse affronta*, etc.). Só em casos relativamente pouco frequentes se encontram consoantes duplas em palavras que não integram nenhum dos grupos referidos (ex: *elleição*, *estabellecer*, *revellação*, *acrece*).

No entanto, e apesar de esta característica ser claramente dominante, não faltam os casos de oscilação entre a grafia simples, coincidente com o uso actual, e a dupla (ex: *Summo* / *Sumo* (*Pontífice*), *supposição* / *suposição*, *commum* / *comum*, *degollados* / *degolados*).

O que acima fica dito aplica-se de igual modo à conservação de grupos consonânticos latinos em palavras como *sanctos*, *victoria*, *praticos* ou *baptizar*, em que, a par da forma culta, se encontra quase sempre, em alternância, a forma popular, mais próxima da pronúncia: *santos*, *vitoria praticos* e *bautizar*.

Marquilhas²² estabelece uma interessante correspondência entre os acentos e as consoantes cultas que a escrita de Vieira não desmente na medida em que, efectivamente, à escassez dos primeiros corresponde a abundância das segundas: "Os acentos e as consoantes cultas sempre variaram (em termos de quantidade) em razão inversa: à

²⁰ Gândavo, ob. cit., pp. 28-31.

²¹ Leão, ob. cit., p. 113.

²² Marquilhas, ob. cit., p. 108.

pluralidade dos primeiros correspondeu sempre a redução das segundas; e onde se limitavam os acentos floresciam as grafias cultas". (Cf. 8- Acentuação).

2- Vogais duplas:

Em 1536 Oliveira preconiza o uso de vogais duplas apenas para indicar o som aberto das vogais²³, no que parece não ter sido seguido por nenhum outro gramático ou ortografista. Barros reprova, por desnecessária, a duplicação das vogais, considerando que duas vogais só são admissíveis na mesma sílaba em caso de ditongo²⁴. Leão, como vimos acima, defende um amplo uso de "letras dobradas" que inclui as vogais quando etimológicas, isto é, em palavras que sofreram queda de consoante intervocálica. Vera²⁵, à semelhança de Leão, defende o uso de vogais dobradas quando etimológicas. Gândavo não faz qualquer referência a esta questão referindo-se apenas, em geral, às "letras superfluas que se hão de vedar nas partes onde não forem necessarias (...) salvo quando a origem do vocabulo as pedir, ou quando algum nome ou verbo for composto"²⁶.

Em Vieira, as vogais duplas são de uso pouco frequente e irregular e, regra geral, etimológicas (ex: *fee*), embora, ainda mais raramente, se encontrem algumas não etimológicas (ex: *ribeiro*), alternando em ambos os casos com vogal simples. Assim, o uso de vogais dobradas por Vieira parece não corresponder, pelo menos de forma regular, a nenhum dos propostos, surgindo como uma idiosincrasia, de uso escasso e irregular, talvez, em alguns casos, um vestígio da ortografia arcaica, em que, para além daqueles em que as vogais duplas resultavam da queda de consoantes intermédias, passaram estas também a ser usadas, muito depois de se haverem contraído na pronúncia, como "recurso gráfico para indicar uma vogal nasalizada ou uma vogal tónica"²⁷.

3- e- protético:

Nos casos em que, ainda em latim vulgar, se registou o acrescentamento de *e-* em início de palavra, isto é, em palavras começadas por *s-* mais uma ou duas consoantes²⁸, os gramáticos e ortógrafos da época defendem a grafia latinizante²⁹.

Vieira respeita com assinalável regularidade a grafia latinizante, não sendo tal regularidade, no entanto, absoluta. Assim, podemos encontrar várias formas com *e-* na situação descrita, das quais citamos apenas algumas a título de exemplo: *espaço*, *esposa*, *estado*, *estava*. Encontram-se também frequentemente casos de alternância na mesma palavra ou radical: *espírito* / *spírito*, *especialmente* / *special*, *espécies* / *spécies*.

²³ "O remédio que eu a isto posso dar é este: que nas vogais grandes dobreemos as letras...e os pequenos nas formas acostumadas." Oliveira, 1536 b), p. 49.

²⁴ Barros, 1540, p. 375: "...mas cada vogál fáz ua sílaba àçerca deles e nós queremos que ambas as vogáes façam ùa só sílaba, ô que nam póde ser pois nam sam ditongos."

²⁵ Vera, 1631, cap. III: "Das letras que se podem dobrar".

²⁶ Gândavo, ob. cit., p. 28.

²⁷ Tavani, ob. cit., p. 202. Cf. também Williams, ob. cit., p. 38.

²⁸ Williams, ob. cit., p. 76.

²⁹ Leão, ob. cit., pp. 137 - 138, condena expressamente na Regra VI o acrescentamento desta letra: "Que não sigamos o abuso de acrescentar a todas as dicções latinas que começam em *s* um *e*, fazendo-as sempre de mais ùa sílaba do que têm da sua colheita."

4- Uso de h:

Todos os gramáticos (excepto Oliveira) parecem concordar com o uso de *h*, a que chamam "aspiração", nos seguintes casos: nas interjeições, quando é etimológico, e, para alguns autores, como Gândavo, junto de *a* e *e* para distinguir, respectivamente, o artigo e a conjunção das formas dos verbos *haver* e *ser*: *a/ha* ; *e/he*, uso para o qual o autor prefere esta letra ao acento, "pouco usado" e que "muitas pessoas (...) averão por novidade, ignorando pela ventura o que o tal acento denota"³⁰. Gândavo admite ainda o uso do *h* em vocábulos de origem grega e em algumas formas que não se incluem nas já referidas "por razão de se entenderem & significarem melhor"³¹ (ex: *hum, hua, hia, hi*). Para além destes casos, todos os autores consagram o uso de *h* nos dígrafos *ch, lh* e *nh*, tipicamente portugueses.

Vieira utiliza o *h* em todas as situações referidas e, para além destas, também numa outra, que não encontramos mencionada em nenhum gramático ou ortografista, embora seja frequente na época e o seu uso se estenda até ao século XX: como marca de hiato conservado (ex: *cahido*)³². Neste, como nos restantes casos referidos, o uso de *h* nas situações previstas pelos gramáticos ou consagradas pelo uso é claramente maioritário na *scripta* de Vieira, mas não totalmente regular, não sendo difícil encontrá-lo em casos onde é falsamente etimológico, como em *authoridades*, ou em falsos hiatos, como em *redarguhio*, e notar a sua falta onde, regra geral pela etimologia, esperaríamos encontrá-lo, como em *avia*. Para além disso, verifica-se que, em grande parte dos casos, o *h* alterna com a sua ausência (ex: *Holanda/Olanda; cahirão e cahida*, mas *caídos*).

Em relação aos dígrafos portugueses é ainda de notar que, embora em casos relativamente raros, encontramos vestígios de grafias arcaicas e não etimológicas, completamente anacrónicas, como *Sennor*.

5- Uso de y:

Em todos os gramáticos e ortografistas do tempo de Vieira, inclusive Oliveira, se considera legítimo o uso de *y* em casos de étimo grego e com função de semivogal, embora Oliveira e Barros o defendam apenas no segundo caso³³ e Leão e Vera apenas no primeiro³⁴. Gândavo, embora defenda o uso de *y* apenas com função de semivogal, parece admitir também o seu uso em casos de étimo grego³⁵.

³⁰ Gândavo, ob. cit, p. 34.

³¹ Gândavo, ibidem.

³² Cf. a título de exemplo, Leão, ob. cit. p. 88: "O terceiro ditongo é *ai*, como *gaita*...as quais vogais *a* e *e* podem concorrer em ùa mesma dicção sem formar ditongo e fazer cada ùa sílaba por si, como *rainha*..."

³³ Cf. nas gramáticas de Oliveira e Barros os passos relativos ao uso desta letra: "Esta letra *y* que chamamos grego (...) eu lhe darei officio na escritura das nossas dicções próprias, e é este: que as mais das vezes, quando vem uma vogal logo trás outra, nós, pronunciamos entre elas uma letra como em *meio, seio, moio, joio*, e outras muitas. A qual letra a mim me parece ser *y*, e não *i* vogal (...) E nestes lugares poderá servir esta figura de *y* e senão é ociosa." Oliveira, ob. cit. p. 56. e "y grego tem dous offiços: sérve no meo das dições, às vezes, como: *mayór, veyo*. E sérve no fim das dições, sempre, como: *páy, áy, tomáy, etc.*", Barros, ob. cit., p. 378.

³⁴ Cf. Leão e Vera nos passos relativos ao uso desta letra: "Pelo que fique por regra, que toda a dicção escrevamos por *i* latino, tirando os vocábulos gregos, em que entra *y* porque da mesma maneira os escreveremos.", Leão, ob. cit. p. 80. e "Basta dizer que sempre escreveremos per *i* as dicções

Em Vieira, é este um grafema de uso bastante frequente em casos de étimo grego e, mais frequentemente, com função de semivogal (ex: *Assyrio, Egypto, Rey, Reyno*), encontrando-se ainda, por vezes, em formas onde não corresponde a nenhum desses usos (ex: *asy*). Em qualquer dos casos, no entanto, o seu uso não é regular encontrando-se em alternância com os grafemas *j* e *i* (ex: *Egipto, Reino, Rejnar*), que, muitas vezes, chegam a coincidir na mesma página ou até na mesma linha, como é o caso em "...*debaxo da mesma metáfora de Rey, Reino e Rejnar...*".

Para além das grafias etimológicas importa também interrogar outros comportamentos gráficos de Vieira, nomeadamente em relação a alguns dos aspectos mais problemáticos da ortografia da época, para o que seguiremos o mesmo método de averiguação usado para as grafias etimológicas.

6- Vogais nasais:

Este assunto não é, em geral, abordado de forma sistemática pelos gramáticos e ortografistas. No entanto, Gândavo, por exemplo, faz notar a necessidade de distinguir as terminações de pretérito perfeito das de futuro, para as quais prescreve as terminações *-am* e *-ão*, respectivamente, problema que Vera, por seu lado, resolve através do uso de acento (circunflexo) nas formas de pretérito oposto à sua ausência nas formas de futuro. Leão, em capítulo de extensão considerável dedicado aos ditongos, discorre mais longamente sobre o assunto e chama a atenção para o facto de que " O quarto ditongo é *ão*, o qual é o mesmo frequentado na nossa língua, e sobre que há mais opiniões e dúvidas em que lugares se há-de usar. Porque uns indistintamente o usam e o confundem com esta terminação *am*, não fazendo de um a outro diferença algũa. O que é erro manifesto"³⁶, prescrevendo o uso da terminação *-am* apenas nos casos de vogal nasal simples e o de *-ão* nos casos de ditongo, de acordo com a pronúncia, tal como também defende Oliveira, embora formulando a questão de um ponto de vista diferente³⁷.

Em Vieira regista-se uma considerável flutuação ao nível das marcas de nasalidade (*m*, *n* e *til*, este último marca de abreviatura daquelas consoantes³⁸) sendo relativamente frequentes formas como *triumfo* — onde o uso de *m* pode ter a ver com uma forma alternativa com *ph*, *triumpho* — *emfim* — em que a ausência de base etimológica torna esta explicação pouco provável — ou ainda formas abreviadas como *homës*.

Portuguêsas; & somente per y, as que temos Gregas; & as Latinas, que dellas tem orijem; & mais não:" Vera, ob. cit., fl. 22r.

³⁵ "Este y grego se seguirá sempre e meyo de dicção, quando acontecer entre duas vogaes, & nunca tera pronunciação de consoante, assi como, joya, mayor, moyos, etc. E noutra nenhua parte se deve vsar, nem sera sofrível, salvo se for em cabo de dição diante vogal, assi como, Rey, darey, foy, muy, etc. que parece bem em semelhantes lugares, & não offende â pronunciação da linguagem. Não trato dos vocabulos que o tem de sua origem, porque esses de seu se está não lho negarmos quando se offerecerem, & nos vierem á noticia." Gândavo, ob. cit., pp. 35-36.

³⁶ Leão, ob. cit., p. 89.

³⁷ "Queremos aqui repetir quanto é necessária esta letra ou sinal *til* para os ditongos, porque se em *cidadão* e *escrivão* e outros desta voz e outras escrevemos *m* ou *n* no meio, diria *vilamo* ou *vilano*." Oliveira, ob. cit., p. 66.

³⁸ "E *m* (...) quando em lugar dele se pode poer *til*, como nesta diçám pães." Barros, ob. cit., p. 371.

No que respeita às terminações nasais, Vieira, como outros autores da sua época, entre os quais Barros, oscila entre as terminações *-am* e *-ão* (ex: *tam*, *não*, *compreendião*) utilizando no entanto sempre, no plural, a terminação arcaica *-oens* (ex: *significaçoens*).

7- Vogais átonas e semivogais:

As dificuldades gráficas relativas ao valor dos grafemas *e* e *o* em sílaba átona ou às semivogais não são referidas, de uma maneira geral, pelos gramáticos e ortógrafos do tempo de Vieira sendo Oliveira a única, mas a nosso ver significativa, exceção. Assim, para além de registar a dificuldade, este autor faz algumas observações interessantes que merecem citação: "Das vogais, entre *u* e *o* pequeno há tanta vizinhança, que quase nos confundimos, dizendo uns *somir* e outros *sumir*, e *dormir* ou *durmir* e *bolir* ou *bulir* e outras muitas partes semelhantes. E outro tanto entre *i* e *e* pequeno, como *memória* ou *memórea*, *glória* ou *glórea*. Ainda que eu diria que quando escrevemos *i* na penúltima, sempre ponhamos o acento nessa penúltima, seguindo-se logo a última, sem interposição de consoante, como *aravia* e se a tal penúltima, assim de vogais puras, não tiver o acento, não a escreveremos com *i*, senão com *e*, como *glórea* e *marmórea*"³⁹. Se, baseados na formulação do autor ("e outro tanto"), admitirmos para *o* / *u* a mesma regra formulada para *e* / *i*, teremos como regra geral para as vogais átonas mediais o uso de *e* e *o* "pequenos" por oposição a *i* e *u*, que seriam usados na mesma posição quando tónicos. Ao retomar o assunto algumas páginas mais adiante⁴⁰, Oliveira estende ainda esta regra à posição final: "...porque eu tenho que a penúltima pura ou a última, qualquer que se escreve com *i*, sempre tem o acento da dicção, como *Maria* e *ouvir*, e as que não têm esse acento da dicção escrevem-se com *e* pequeno, e não com *i*, como já dissemos. Outro tanto dizemos de *u* vogal como dissemos de *i*...". Em relação à semivogal [j] formula ainda este autor a seguinte regra a propósito da formação do plural em nomes terminados em *-l*: "Dei a estes nomes, no plural, estes ditongos *ai* e *oi*, com *i* e não com *e*, porque as minhas orelhas assim o julgam. E não é muito enganar-me, pois *i* e *e* pequeno são mui vizinhos. Mas, contudo, os verbos se escreverão com *e*, e assim *soes*, *roes*, *tomae*, *tomaes* e *andaes*"⁴¹. " Para a semivogal [w] não formula qualquer tipo de regra.

Em Vieira, tal como temos visto noutros casos, impera a irregularidade. Assim, no que diz respeito às vogais átonas em posição medial, a oscilação criticada por Oliveira é relativamente frequente e claramente visível em formas como *sogeitos* / *sugeitos* ou *molher* / *mulher*. Encontram-se ainda formas como *histórias* ou *pátria*, que vão contra a regra defendida por Oliveira em casos semelhantes ("*glórea*", "*marmórea*" etc.)⁴².

Quanto às semivogais, verifica-se que o lúcido princípio de Oliveira, revelador de uma aguda consciência fonética que se manifesta em toda a sua *Gramática*, não é seguido por Vieira, que oscila entre *o* e *u* e entre *e* e *i* como grafia das semivogais, pelo que são bastante frequentes os casos de oscilação, inclusive numa mesma palavra: *quaes* / *quais*, *taes* / *tais*, *generaes* / *gerais* e *Deos* / *Deus*, *Judeos* / *Judeus*, *vio* / *viu* ou

³⁹ Oliveira, ob. cit., p. 64.

⁴⁰ Oliveira, idem, p. 73.

⁴¹ Oliveira, idem, p. 118.

⁴² Não nos referimos às vogais átonas finais por se tratar de uma questão que não tem reflexos na ortografia. Para esta problemática vejam-se autores como Hart, 1955 e 1957 ou Carvalho, 1962, entre outros que apresentam posições complementares ou divergentes dos citados e cuja doutrina se pode encontrar resumida em Martins, 1985, pp. 1 - 9.

inferio / inferiu. Também não é respeitada por Vieira a terminação *-aes* para as formas verbais (ex: *ajuntais, estais*).

8- Acentuação:

Nos nossos dois primeiros gramáticos o critério de utilização do acento é nitidamente fonético. Em Barros, o acento agudo marca o timbre aberto (*á, ó*) e o circunflexo o fechado (*â, ô*), para as vogais *a* e *o*, sendo a proposta de diferenciação gráfica entre *e* aberto e *e* fechado diferente: *e/e*⁴³. Nos gramáticos mais próximos de Vieira, Gândavo, Leão e Vera, e que este, de uma maneira geral, parece seguir, o critério fonético é substituído por um critério semântico, em que o acento passa a ser utilizado apenas para desfazer homografias, como se vê claramente pelo título dado por Gândavo ao capítulo que nas suas *Regras* dedica a este assunto: "Dos accentos que se hão de vsar em algumas letras, ou vocabulos que teuerem duuidosa a significação", no qual assinala apenas como exceção a este princípio alguns casos, que não especifica, em que o acento seria necessário para indicar a correcta significação e pronúnciação.

Ao acento grave, praticamente não é dada expressão gráfica: segundo Vera⁴⁴ "sômmente delle usão os Latinos em adverbios, para tirar dũvida, se o sãõ, pondose sempre no fim da dicção: como *màl, muitò (...)* & nas preposições, como quando dizem: *Cùm dicis à patre: & nestas quãm, quòd, quid: com que se distinguem, & mostrão não serem os relativos, que se escrevem da mesma maneira, mas sem o ditto accentò*"; para Leão, o acento grave apenas marcaria as sílabas átonas, pelo que não seria usado na escrita.

Os acentos tornam-se assim, na prática, opcionais considerando-se caso a caso a sua necessidade em casos de ambiguidade semântica. Gândavo⁴⁵, por exemplo, propõe como alternativa ao acento na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito e do futuro o uso de terminações diferentes (ex: *louváram / louvaram* ou *louvaram / louvarão*). Não é, no entanto, aceite, pelo menos por Leão⁴⁶ que o condena expressamente, o uso de vogais dobradas como forma de marcar o acento, que encontramos, ainda que esporadicamente, em Vieira (Cf. 2- Vogais duplas).

No que respeita ao uso que Vieira faz dos acentos, estes são escassos e apresentam quase sempre, de acordo com o uso da época, função opositiva ou distintiva, o que é contrabalançado, como acima referimos (Cf. 1- Consoantes duplas), pelo amplo uso de grafias cultas. Tal uso, no entanto, não é absolutamente conforme ao preconizado pelos gramáticos e ortógrafos do seu tempo, na medida em que se revela, para além de restrito, irregular (ex: *â, âqueles, estâ, acharâ, mas dominará ou reinará / reinarâ*).

⁴³ Em Oliveira, embora o critério seja semelhante ao de Barros, traduzir graficamente a diferença fonética entre vogais de timbre aberto e de timbre fechado, a solução para a distinção gráfica entre vogais "grandes" e "pequenas" não passa pelo uso de acentos, mas sim pelo de caracteres gregos e latinos, respectivamente.

⁴⁴ Vera, ob. cit., fl. 42r.

⁴⁵ Gândavo, ob. cit., p. 27

⁴⁶ Leão, ob. cit., p. 156.

9- Pontuação:

A pontuação é talvez o aspecto das ortografias antigas que maiores problemas causa nas edições de texto, uma vez que, por um lado, as diferenças, em muitos aspectos bastante significativas, de uso dos sinais de pontuação facilmente causam no leitor actual dificuldades e erros de leitura e, por outro, as evidentes implicações da pontuação no sentido dos enunciados obrigam a um cuidado extremo quando se pretende adaptar a pontuação original usada pelo autor de forma a tornar o texto acessível a leitores actuais não especializados.

De uma maneira geral, a descrição dos sinais de pontuação e do uso que deles se deve fazer encontra-se já em Barros (Oliveira não dedica nenhum capítulo a este assunto) e é depois retomada pelos seus sucessores com uma ou outra supressão ou acrescento. Assim, encontramos como sinais a usar, "porque às vezes fica a òraçám anfibológica sem eles, donde náçem dúvidas"⁴⁷, os seguintes: "*coma, cólo, verga, parêntesis, interrogaçám*. Coma é vocábulo grego a que podemos chamár cortadura, porque ali se córta a cláusula em duas pártes. Éstas duas partes se córtam em vírgulas que sam ùas distinções das pártes da cláusula. Colo é o termo ou márco em que se acaba a cláusula. (...) As vergas sam éstas zeburas, ao módo dos Gregos. Na coma parece que descansa a vóz, mas nam fica o intendimento satisfeito, porque deseja a outra páрте, com que a òraçám fica perfeita e rematada com este ponto, cólo.

Estám antre as cortaduras que sam estes dous pontos(:) uas zeburas assi (,) a que chamamos distinções das partes da cláusula. Este só ponto (.), como já disse, se chama cólo. As palávras que jázem antre dous cólos se chamam cláusula, ao nósso módo, e, segundo os Gregos, período, a que os Latinos chamam termo. Os dous árcos () que fázem éstas palávras (como já disse) usam os Latinos quando cométem uma figura a que chamam entreposiçám e os Gregos parêntesis (...) interrogativos, por serem sinál que interrogamos e perguntamos alguma cousa"⁴⁸.

Em Vieira, o uso de sinais de pontuação é, tal como o de sinais de acentuação, relativamente escasso e bastante irregular, embora utilize os sinais prescritos pelos gramáticos e ortografistas da época, mais concretamente os prescritos por Vera, uma vez que, para além do ponto (colon ou cólo), da vírgula (verga, incisio, coma ou meio ponto), dos dois pontos (coma ou colon perfeito), do parêntese e da interrogação, referidos por todos, Vieira usa também da "admiração" (!), referida por Leão e Vera e, muito largamente, do ponto e vírgula (colon imperfeito), apenas referido por Vera.

Assim, para além dos sinais descritos por Barros, assumidamente de inspiração clássica, há a considerar, como acima referimos, a "admiração" e o ponto e vírgula: "Da nota de admiração usamos no fim da clausula, que pronunciamos com algum espanto, ou indinação"⁴⁹; " Da virgula & ponto (a que chamamos colon, ou Membro imperfeito) usamos, quando fecha sentença imperfeita (...) Assi que usaremos da virgula & ponto aonde não basta virgula, nem tampouco convê dous pontos:..."⁵⁰, o que acontece, concretamente, de acordo com Vera, antes de conjunção coordenativa adversativa e entre "palavras, & sentenças contrarias". O ponto e vírgula surge, desta forma, por um lado, como um sinal intermédio, entre o ponto e a vírgula, valor que se mantém ainda actualmente e lhe confere uma certa imprecisão de utilização, variável em função do

⁴⁷ Barros, ob. cit., p. 387.

⁴⁸ Barros, idem, pp. 387-388.

⁴⁹ Vera, ob. cit., fl. 39r.

⁵⁰ Vera, idem, fl. 38r.

contexto⁵¹, e, por outro, como intermédio entre os dois pontos e a vírgula. Assim, numa escala hipotética de valores pausais e melódicos, teríamos a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos e o ponto. Actualmente, a vírgula cobre algumas das funções seiscentistas dos dois pontos e do ponto e vírgula, nomeadamente a de separação de orações coordenadas, em que hoje usamos a vírgula ou, mais raramente, o ponto e vírgula, mas nunca os dois pontos.

No entanto, apesar de os gramáticos e ortografistas delimitarem de forma clara o uso correcto dos sinais de pontuação, parece verificar-se em Vieira alguma indecisão e irregularidade no seu uso, surgindo frequentemente uns onde seria de esperar outros, bem como sinais diferentes em situações idênticas e vice-versa ou ausência de sinal em situações em que o seu uso seria esperável e vice-versa. Vejam-se apenas, a título de exemplo, alguns casos:

"...et nomen eius unum: diz o Profeta Zacarias no capítulo 14 falando de Cristo: E assi como o mundo todo..."

"...nem se há-de invocar no mundo outro nome mais que aquele do qual diz S. Pedro non est aliud..."

"Virão (diz) todas as gentes a adorar o Senhor: e porque se não duvidasse quantas e quaes; explicou..."

Caso idêntico sucede com o uso de maiúsculas que, apesar de regulamentado em várias gramáticas e ortografias da época de forma muito semelhante à actual⁵², surge em Vieira de forma bastante irregular podendo encontrar-se, por exemplo, *deus* a par de *Povo* ou *Última* (*cláusula*). Para além disso, é frequente a flutuação no uso de maiúscula na mesma palavra em circunstâncias idênticas (ex: *Profeta* / *profeta*).

10- Marcas de fronteira silábica e intervocabular:

O uso de hífen, tal como o de apóstrofo, é de uso pacífico em todos os gramáticos e ortógrafos que a ele se referem expressamente, embora só se tenha generalizado no séc. XVIII⁵³: é recomendado nas palavras compostas e nos casos de translineação "de maneira que é sinal de união e ajuntamento e como ùa solda, e ferruminação de sílabas"⁵⁴; o apóstrofo substitui na escrita a vogal elidida na oralidade em casos de encontro intervocabular. De notar, em Leão, a curiosa sobreposição de hífen e apóstrofo em compostos como *Mont' - graça*.

Em Vieira o uso destas marcas é bastante irregular: une frequentemente o pronome átono ao verbo, como em *seguia-se*, ou os elementos de um composto, como em *Bispodaguarda*, da mesma forma que elide, com bastante frequência, as vogais em situação de encontro intervocabular, como em *desdo* ou *dentre*; no entanto, só raramente usa o apóstrofo e ainda mais raramente o hífen, este último só usado, pontualmente, como marca de translineação. Incorre, assim, frequentemente no uso condenado por

⁵¹ Cf. Cunha e Cintra, 1984, pp. 648-650.

⁵² Cf. Gândavo, ob. cit., "Dos lugares onde se hade vsar destas letras maiusculas, & das pausas & distinções que se requerem no discurso das escripturas".

⁵³ Cf. Marquilhas, ob. cit., pp. 113 - 114.

⁵⁴ Oliveira, ob. cit., p. 182.

Leão a propósito do uso de apóstrofo⁵⁵: "E confundindo tudo, e ajuntando-o na escritura, como fazemos na pronúncia, seria cousa feia e que causaria dúvida no significado...".

Do que acima fica dito ressaltam algumas conclusões que, ainda que necessariamente não absolutas nem definitivas — porque não resultam de um levantamento exaustivo dos comportamentos ortográficos de Vieira na *Representação* e não levam em conta a restante obra do autor, tarefas que não caberiam no âmbito deste trabalho — respondem às questões por nós formuladas no início deste capítulo, para além de contribuírem para um melhor conhecimento de Vieira enquanto *scriptor*.

A primeira, e a mais geral, é a de que, em matéria de usos gráficos, como aliás em muitas outras que ao longo deste trabalho se referem, Vieira se revela nitidamente um homem culto do seu tempo. Assim, encontramos naturalmente em Vieira uma "norma" ortográfica que, no geral, corresponde às regras apontadas pelos gramáticos e ortografistas seus contemporâneos e ao uso da época. Certamente que Vieira os conheceria bem, tal como conhecia a língua latina, essencial entre os Jesuítas como língua de comunicação quotidiana — a par do tupi-guarani, língua geral do Brasil, e do português — e entre as camadas cultas da população de Portugal e das colónias como condição *sine qua non* para escrever bem a língua portuguesa⁵⁶. Tal não invalida, no entanto, de acordo com o que acima fica exposto, a existência de aspectos particulares na *scripta* de Vieira, que, no entanto, nos parece deverem ser entendidos, não como uma originalidade do autor correspondente a uma reflexão sobre as questões ortográficas, que ocupavam muitos espíritos cultos do seu tempo, mas tão só como manifestações de uma "mera opção gráfica pessoal"⁵⁷, uma vez que, tanto quanto se sabe, não há notícia de quaisquer reflexões sistemáticas e organizadas de Vieira sobre estas questões. Apesar da sua conhecida curiosidade, que o levou a reflectir, ainda que de forma fragmentária, sobre praticamente todas as questões do seu tempo, e apesar de uma experiência de vida que o pôs em contacto com variadíssimas línguas, as reflexões de natureza linguística que se encontram um pouco por toda a sua obra são relativamente pouco abundantes, fragmentárias e não particularmente originais: "On trouve dans son oeuvre l' ébauche d' une histoire providentialiste des langues, qui est plus intéressante par la précision des idées de Vieira et par l' application qu' il en a fait que par l' originalité de telle ou telle de ses vues."⁵⁸ De qualquer forma, tais reflexões prendem-se com problemas como a origem e evolução das línguas ou a diversidade das suas características e nunca com questões de ortografia.

Assim, apesar de se inserir no "espírito" ortográfico da época, Vieira, tal como a generalidade dos escritores e indivíduos cultos do seu tempo, acaba por constituir uma ortografia individual, que adapta as regras prescritas pelos gramáticos ao seu estilo individual, não se coibindo de adoptar comportamentos gráficos por eles considerados como errados ou, pelo menos, deselegantes. Sirvam de exemplo casos como o acima referido (Cf. 10- Marcas de fronteira intervocabular) de junção de formas que na

⁵⁵ Leão, ob. cit., p. 157

⁵⁶ Cf. Gândavo, ob. cit., p. 8: "...não avia de aver pessoa que se prezasse de si, que não trabalhasse por saber algu latim, que nisso consiste o falar bem Portugues:" ou, mais tarde, João Franco Barreto, que introduz explicitamente como última regra da sua *Orthographia da Lingua Portugueza*, 1671, o bom conhecimento da língua latina para escrever bem a portuguesa.

⁵⁷ Marquilhas, ob. cit., p. 103.

⁵⁸ Cantel, 1961, vol. II, p. 75.

oralidade sofrem queda de vogal em posição de encontro intervocabular, em detrimento do uso de apóstrofo como marca de elisão; o uso de grafias arcaicas como <nn> em vez de <nh>; a troca de grafias nas consoantes fricativas⁵⁹ (assunto só tratado por Gândavo e Leão), decorrente da neutralização da oposição fonológica entre as apicoalveolares e as predorsodontais, de que destacamos casos como o de *Pariz*, resultado de uma falsa regressão⁶⁰; o uso de <c> por <qu> em formas como *cincoenta* e *coalidade* e o uso de *H* inicial em alternância com *J* em formas como *Hieronimo* / *Jerónimo*, entre outros, igualmente condenados pelos gramáticos e ortografistas da época e dos quais o mais significativo é, talvez, a irregularidade que deixa entrever grafias já modernas a par das tipicamente seiscentistas.

Vieira revela, assim, em relação às questões ortográficas, como em relação às questões políticas, económicas e sociais do seu tempo, um comportamento individual que, sem deixar de ser o de um homem culto de seiscentos, tem, inevitavelmente numa figura como a de Vieira, um cunho de originalidade que confere à sua escrita um colorido particular no qual aspectos como a irregularidade, o carácter arcaizante de algumas grafias e moderno de outras e a subversão de regras estabelecidas surgem naturalmente como reflexos da sua personalidade.

Esta será talvez a principal conclusão a retirar da prospecção por nós realizada na "primeira versão" da *Representação*. Importa, no entanto, para além desta primeira e mais geral conclusão, extrair dos comportamentos gráficos que referenciámos em Vieira conclusões particulares em relação aos aspectos abordados.

Começando pelas grafias cultas (consoantes e vogais duplas, grupos consonânticos latinos, *e-* protético e *h e y* etimológicos) verifica-se que, nos três primeiros casos, para além de não terem valor fonético e, na maior parte dos casos, não se coadunarem com o uso actual, estas grafias, sendo embora quase sempre etimológicas e claramente maioritárias, alternam em muitos casos com a forma reduzida correspondente ao uso actual apresentando assim uma irregularidade que justifica a sua regularização sistemática. Exceptuam-se casos esporádicos como o de *baptizar* / *bautizar* em que, tratando-se de uma forma que, depois do séc. XVI, sofreu regressão ao nível da norma, mas se manteve a nível popular e dialectal até aos nossos dias⁶¹, a regularização pelo uso actual induziria em erro quanto à pronúncia da época, pelo que se opta por manter a oscilação, que se considera reflectir, neste caso, uma oscilação ao nível da pronúncia.

Nos casos de *e-* protético, para além de este ser o resultado de um fenómeno muito antigo, verifica-se que as formas latinizantes, defendidas pelos gramáticos e ortógrafos e usadas maioritariamente por Vieira, alternam também com a forma vulgar, com *e-*, correspondente à pronúncia, muitas vezes na mesma palavra. Tais factos, juntamente com o de que a ortografia latinizante poderia facilmente induzir o leitor em erro quanto à pronúncia destas formas, legitimam a regularização de acordo com o uso actual.

⁵⁹ "Que tenhamos grande tento nos vocábulos em que entra *c, s, e z*. Porque a mais da gente, e não só a vulgar, se engana na escritura, confundindo estas letras, e pondo ãas por outras, sem distinção, sendo elas diferentes e distantes na pronunciação e natureza, assim como o são na figura." Leão, ob. cit., p. 142.

⁶⁰ Cf. Williams, ob. cit. p. 40.

⁶¹ Cf. por exemplo, Neto, 1957, p. 478, em que o autor inclui as formas *bautismo* e *bautizado* entre os "vocábulos da linguagem popular, geralmente usados no século XVI e alguns ainda hoje vivos", de que são exemplo os referidos.

No que respeita aos grafemas *h* e *y*, nos casos em que o seu uso é etimológico, a situação é semelhante à dos casos acima referidos: estamos perante grafemas de uma maneira geral sem valor fonético, em muitos casos com emprego divergente do actual e apresentando alternância com formas que coincidem com o uso actual, pelo que, também aqui, se justifica a regularização pela forma presente no texto correspondente à actualmente adoptada. No entanto, como vimos nos pontos 4 e 5 deste capítulo, existem dois casos em que estes grafemas assumem valor fonético, justificando por isso especiais precauções em relação às decisões a tomar a seu respeito. No primeiro caso, o de *h* utilizado como marca de hiato em casos em que este ainda actualmente se mantém, tendo embora em conta que se trata de um hábito gráfico que subsistiu até ao princípio do nosso século e que, embora possa causar alguma estranheza, não levanta, à partida, problemas de leitura, o facto de o seu uso não ser sistemático e de, em alguns casos, se registar flutuação na mesma forma legítima, de acordo com o critério que seguimos, a sua regularização, sendo a função anti-hiática assumida pelo acento de acordo com o uso actual. No que diz respeito ao segundo caso, o de *y* com valor de semivogal, embora de uso maioritário, registam-se formas com alternância entre este grafema e os grafemas *j* e *i*, pelo que, se considerarmos que <*y*> caiu em desuso e que <*j*> tem actualmente um valor fonético e fonológico específico, o que poderia causar problemas de leitura, e ainda que estes dois grafemas alternam com o grafema *i*, actualmente usado com este valor, cremos poder justificar a regularização de todos os casos deste tipo de acordo com o uso actual.

A notação das vogais nasais apresenta, como vimos (6- *Vogais nasais*), uma acentuada flutuação que pode produzir dificuldades de leitura, o que aliás já acontecia na época⁶², e não tem qualquer valor fonético, pelo que a opção é necessariamente, neste caso, a de regularizar estas formas de acordo com o uso actual.

O artigo indefinido representa um caso especial na medida em que este princípio é aplicável às formas do masculino, mas não às do feminino, onde, atendendo à cronologia dos fenómenos de desenvolvimento de consoante nasal e subsequente desnasalização da vogal⁶³, a forma *uma* seria anacrónica implicando a articulação de uma consoante então não existente, pelo que se mantém a forma *ũa*, que, aliás, se conserva ainda hoje, a nível dialectal, em registos de oralidade.

No caso das terminações nasais, a necessidade prioritária de prevenir ambiguidades ao nível da pronúncia e do significado leva-nos, também aqui, a optar pela regularização, de acordo com o uso actual, uma vez que a flutuação registada não tem também significado fonético⁶⁴, o mesmo acontecendo com a terminação arcaica de plural em *-oens*, em que o <*n*> funciona apenas como marca de nasalidade do ditongo e constituiria para o leitor actual um factor de perturbação da boa leitura.

A questão das vogais átonas, nomeadamente a das átonas pretónicas, reveste-se de particular dificuldade e não caberia no âmbito do presente trabalho, embora pudesse porventura revelar-se proveitoso, qualquer levantamento de dados ou consideração mais ou menos aprofundada sobre o problema. No entanto, o objectivo que nos propusémos neste capítulo levou-nos, como nos restantes casos, a averiguar o comportamento de Vieira em relação a este aspecto e, também como nos restantes casos, verificámos a

⁶² Cf. Oliveira, ob. cit., p. 66 (ponto 6- *Vogais nasais*).

⁶³ Cf. Williams, ob. cit., p. 83.

⁶⁴ Quanto à cronologia deste fenómeno podemos citar Williams, ob. cit., p. 181: "Que êsses finais [-am, -om e -ão] se tinham todos tornado idênticos pela segunda metade do século XV se prova pelo fato de que rimam entre si no *Cancioneiro Geral*..."

alternância com as formas de uso actual. Tal alternância revela-se porém esporádica⁶⁵ e em casos considerados particulares, explicáveis por fenómenos antigos como a harmonização vocálica, em casos como os apontados por Oliveira (ex: *sumir, bulir, dormir*), a inflexão de vogal pretónica condicionada pela semivogal da sílaba tónica⁶⁶ (ex: *sugeitos*), a disimilação (ex: *deziamos*) ou outros fenómenos, nem sempre consensuais (ex: *mulher*, forma explicada por alguns autores por um presumível efeito assimilatório do iode do grupo latino - Lj -)⁶⁷. Assim, considerando a datação do fenómeno de elevação generalizada das vogais átonas pretónicas (paradigmático) — que é necessário diferenciar dos casos de elevação condicionada, bastante mais antigos — para a qual podemos citar Teyssier⁶⁸, que o situa na primeira metade do século XVIII com a ressalva de que poderá ter começado no século anterior, seríamos tentados a manter as grafias *e* e *o*, regularizando apenas os casos de elevação condicionada, que, para além de reconhecidamente muito antigos⁶⁹, alternam, como vimos, na *Representação*, se não em todos pelo menos em alguns casos. No entanto, e reconhecendo embora que as formas referidas a título de exemplo não são por si só e pelas razões apontadas indicadoras de uma generalização do fenómeno já na época de Vieira, cremos que, atendendo a que a produção do texto da *Representação* se situa na segunda metade do séc. XVII — época em que mesmo os autores que mais avançam a data do fenómeno admitem já a sua existência — e aos objectivos da presente edição, de carácter predominantemente regularizador e modernizante, os custos da utilização de critérios diferentes em casos que, para o leitor actual não especializado, são em tudo idênticos seriam excessivamente elevados e talvez não justificados quando comparados com as vantagens filológicas que daí adviriam. Mantêm-se, no entanto, formas como *deziamos*, que, ainda actualmente, alternam, em registos orais e a nível dialectal com a forma da norma.

A questão da representação gráfica das semivogais é de bastante mais fácil resolução, na medida em que, ao contrário da evolução do vocalismo átono medial, o fenómeno de resolução dos hiatos do português antigo é consensualmente dado por terminado à entrada do século XVI⁷⁰, não sendo esta cronologia desmentida pelos exemplos encontrados na *Representação*, onde a alternância registada, a par da cronologia do fenómeno, autoriza a regularização de acordo com o uso actual, que é, aliás, coincidente, excepto no que respeita às formas verbais, com o defendido por Oliveira (Cf. ponto 7, nota 41). Ressalvam-se apenas os casos de ditongação de [e], esporádicos no séc. XVI e só predominantes na língua escrita do século XIX⁷¹, em relação aos quais a regularidade observada na manutenção do hiato (ex: *alhea, lea, semea*) impede a regularização pelo uso actual, que, à semelhança do que acima foi dito sobre as formas do feminino do artigo indefinido, seria anacrónica. De notar, no entanto, alguns casos esporádicos, em verso, nomeadamente *cheio* (que rima com *meio*) e *arreio* e *nomeio*, que rimam entre si.

⁶⁵ Note-se que, como atrás se referiu, neste, como nos restantes casos abordados, não se recorre a um levantamento exaustivo pelo que as formas apontadas são-o apenas a título exemplificativo e têm como único objectivo a fundamentação dos critérios de transcrição adoptados.

⁶⁶ Esta hipótese é apresentada por Martins, ob. cit., p. 42, para um caso semelhante, *e > i* no caso, registado no *Testamento...: direito*.

⁶⁷ Cf. Martins, ob. cit., p. 43.

⁶⁸ Teyssier, ob. cit. p. 61.

⁶⁹ Martins, ob. cit., pp. 41 - 44, encontra-as no *Testamento...*

⁷⁰ Para a cronologia deste fenómeno cf. Teyssier, ob. cit. pp. 40 - 47.

⁷¹ Cf. Teyssier, ibidem.

No que respeita à acentuação, atendendo ao facto de que, actualmente, o uso dos acentos, para além de bastante mais frequente que o registado, se rege por normas completamente diferentes das referidas e com vista a evitar dúvidas e erros de leitura por parte de leitores não especialistas, optamos por acentuar sempre, de acordo com o uso actual, as palavras oxítonas e proparoxítonas, mas não as paroxítonas, acentuando-se estas últimas apenas quando tal é necessário para desfazer homografias.

Quanto à pontuação, atendendo à discrepância entre o uso que se fazia da pontuação no séc. XVII e o actual e entre o de Vieira e o proposto pelos gramáticos e ortografistas seus contemporâneos e dada a importância que este aspecto da ortografia assume ao nível do significado do texto, optamos por adaptar a pontuação à actual, procurando, no entanto, sempre que possível, manter os lugares de pontuação do autor.

Finalmente, no que respeita ao uso de maiúsculas e marcas de fronteira silábica e intervocabular, tratando-se de casos que apresentam um elevado grau de irregularidade apesar de claramente regulamentados já na época de Vieira, e que constituem para o leitor actual um considerável factor de perturbação, optamos por uma intervenção moderada, apenas ao nível dos casos considerados indispensáveis ou pelo menos aconselháveis, no sentido da regularização, de acordo com o uso actual, pelo que se separam as palavras unidas graficamente e se restituem as vogais elididas.

Confirmamos, desta forma, ao nível dos aspectos "tácticos", a pertinência e adequação da opção "estratégica" por uma edição de carácter regularizador e modernizante, uma vez que, para além de adequada aos objectivos que se propõe e ao público a que se destina, tal opção se coaduna também, no geral, como cremos ter demonstrado, com as características do texto e do autor em questão, sem prejuízo de uma opção de compromisso em relação a alguns, poucos, aspectos considerados de relevância linguística ou estilística.

Estamos assim, finalmente, em condições de aplicar a estratégia por nós definida e justificada ao estabelecimento dos critérios de transcrição. Embora o factor risco seja uma constante para o editor, que não pode nunca aspirar a produzir uma edição indubitável e definitiva, acreditamos que o único aspecto realmente fundamental em qualquer edição, crítica ou não, é o "rigor textual" e que este "não depende obrigatoriamente da conservação da «superfície» gráfica do exemplar, mas antes depende da coerência entre eventuais operações de «toilette» textual e um critério previamente exposto, que as justifique"⁷². É essa coerência que pretendemos para os "Critérios de Transcrição" que a seguir se apresentam e, em última análise, para a edição do texto a que se aplicam.

⁷² Castro, 1980/81, p. 336.

3 – Critérios de Transcrição

1. Critério geral:

A presente edição, tendo em vista um público eventualmente mais vasto do que o de especialistas da obra de Vieira a quem prioritariamente se destina, é de cariz regularizador e modernizante. Regularizam-se as grafias do texto de acordo com o uso actual, excepto nos casos em que tal regularização implicaria a anulação de características fonéticas e morfossintácticas da língua da época. De acordo com este critério, conservam-se apenas as grafias e estruturas dotadas de valor linguístico e estilístico, sendo as oscilações gráficas regularizadas de acordo com a forma presente no texto mais próxima da actualmente adoptada.

2. Aspectos particulares:

Além do critério geral importa dar conta de decisões mais específicas nos seguintes casos:

2.1. Vocalismo:

a) *Vogais elididas*: são restituídas as vogais iniciais ou finais elididas em situação de encontro vocálico intervocabular (ex: *atequi* > *até aqui*, *desdo* > *desde o*, *dentre* > *de entre*). Exceptua-se o caso de *d' el Rey*, onde, por se tratar de uma forma cristalizada, se assinala a elisão por introdução de apóstrofo, de acordo com o uso actual.

b) *e- protético*: São restituídas de acordo com o uso actual as vogais iniciais de palavras como *spelho* e *special*.

c) *Vogais duplas*: são reduzidas a simples mesmo quando são etimológicas (ex: *Ribeeiro* > *Ribeiro*, *mas também fee* > *fê*).

d) *Vogais nasais*: são marcadas de acordo com o uso actual (ex: *homës* > *homens*, *compoem* > *compõe*, *triumfo* > *trunfo*).

No que diz respeito às terminações nasais, regulariza-se, no singular, a distinção entre *-ão*, em posição tónica e *-am*, em posição átona (ex: *tam* > *tão*, *compreendião* (pret. imperf. do ind.) > *compreendiam*). Nos casos de dúvida, assinala-se o facto em nota. No plural, regulariza-se a terminação *-oens* > *ões*, de acordo com o uso actual (ex: *significaçoens* > *significações*).

No par *hü* / *hüa*, embora se regularize a forma do masculino (*hü* > *um*), mantém-se o til da forma do feminino (*hüa* > *üa*).

e) *Vogais átonas e semivogais*: *e* e *o* em posição átona e as semivogais [j] e [w] são transcritas de acordo com o uso actual mesmo nos casos em que <e> e <o> são

etimológicos (*sogeição* > *sujeição*, *Judeos* > *Judeus*, *recebeo* > *recebeu*, mas também *tais*, *animais*).

2.2. Consonantismo:

a) *Consoantes fricativas*: são eliminadas, de acordo com o uso actual, as confusões gráficas decorrentes da neutralização da oposição fonológica entre fricativas apicoalveolares e predorsodontais (ex: *fes* > *fez*, *dis* > *diz*, *Afonço* > *Afonso*), bem como as confusões gráficas na notação da palatal sonora (*magestade* > *majestade*, *sogeito* > *sujeito*).

b) *Consoantes mudas*: a consoante muda <h> é eliminada ou restituída de acordo com o uso actual (ex: *he* > *é*, *hum* > *um*, *ouve* > *houve*, *aver* > *haver*), inclusive nos casos em que se trata de étimo grego, regra geral chegado ao português através do latim (ex: *Christo* > *Cristo*, *Methódio* > *Metódio*, *mechanicos* > *mecânicos*) e ainda quando assinala um hiato conservado, sendo, neste caso, a sua função assegurada pelo acento de acordo com o uso actual (ex. *cahido* > *caído*).

c) *Consoantes duplas*: são reduzidas a simples mesmo quando são *etimológicas* (ex. *pellejar* > *pelejar* e *elleição* > *eleição*, mas também *della* > *dela* e *successo* > *sucesso*).

2.3. Abreviaturas:

Desenvolvem-se todas as abreviaturas sem qualquer indicação, uma vez que se trata de um número pouco significativo de casos afectando quase sempre as mesmas palavras (ex: *p.^a* > *para*, *q* > *que*, *porq* > *porque*, *Ds* > *Deus*, *pensamto* > *pensamento*, *imperiu* > *imperium*). Exceptuam-se os casos em que ainda hoje são usadas, em posição de próclise (ex: *S.* em *S. Agostinho*, *D.* em *D. João*), bem como o caso dos numerais ordinais (ex. *1^o*, *9^o*).

2.4. Acentuação:

Acentuam-se, de acordo com o uso actual, as palavras proparoxítonas e oxítonas, onde a ausência de acento poderia provocar dúvidas de leitura. As palavras paroxítonas são acentuadas apenas quando tal é necessário para desfazer homografias (ex: *acabámos*) ou noutros casos em que a ausência do acento possa provocar dúvidas de leitura. Nos casos em que o autor usa algum sinal de acentuação (ex: ^ e ´, mais raro), ele é mantido, sempre que possível, com as necessárias adaptações (ex. *serâ* < *será*).

2.5. Pontuação:

São utilizados os sinais de pontuação considerados necessários para tornar o texto claro e acessível a leitores não especializados. No entanto, são mantidos, sempre que possível, os lugares de pontuação marcados pelo autor adaptando apenas, quando tal é necessário à inteligibilidade do texto, o sinal utilizado pelo autor ao sinal moderno (ex: : > ,)

2.6. Marcas de fronteira intervocabular:

2.6.1. Uso de hífen.

a) Os clíticos são separados e marcados com hífen em posição de ênclise e separados sem qualquer marca em posição de próclise, de acordo com o uso actual. Os casos especiais são devidamente anotados (ex: *seguia-se* > *seguia-se*).

b) Nas lexias que, no contexto, funcionam como nomes próprios mas cujos elementos estão juntos no manuscrito, separam-se estes por meio de hífen (ex. *Bispodaguarda* > *Bispo-da-Guarda*)

2.6.2. Uso de apóstrofo.

Cf. 2.1. a) Vogais elididas.

2.7. Maiúsculas:

Adopta-se o sistema actual de uso de letras maiúsculas, excepto quando se entende que o seu uso se reveste de especial significado no texto. (ex: *profeta* > Profeta).

2.8. Correções, conjecturas e lugares ilegíveis:

As correções e conjecturas, da responsabilidade do editor, restringem-se a casos considerados evidentes e são apenas assinaladas em nota. Os lugares ilegíveis ou de leitura duvidosa são marcados por [...]. Os riscados ilegíveis são apenas assinalados em nota.

2.9. Marcas de destaque:

As partes de texto postas em destaque pelo autor através do uso de traços verticais são transcritas em itálico. Proceda-se de forma idêntica em casos considerados idênticos, mesmo quando o destaque não se encontra assinalado.

Os pontos usados como forma de destaque de numerais são eliminados, com vista a evitar possíveis confusões com o sinal de pontuação (ex: *47.* > 47).

2.10. Marcas de recusa, acrescentos e substituições:

São respeitadas todas as marcas de recusa de elementos da responsabilidade do autor (riscados ou partes de texto canceladas), excepto quando a palavra riscada ou parte de texto cancelada não foram substituídas e se revelam indispensáveis para assegurar a continuidade do texto de forma inteligível. Nestes casos, o texto riscado é inserido, mas destacado do resto do texto, em itálico e a negro. Nos restantes casos as partes de texto canceladas são apenas transcritas em nota ou, quando o texto cancelado é demasiado extenso, em anexo a cada uma das "Questões". Aceitam-se também todos os acrescentos e substituições. Todos estes acidentes, incluindo os riscados ilegíveis, são assinalados em nota, caso a caso.

2.11. Comparação entre os manuscritos BN e TT:

Sempre que a lição de TT é divergente da do manuscrito agora editado (BN), que ocupa as páginas ímpar, a lição de TT é apresentada a negro, na página par com que faceia, ao nível da mesma linha.

2.12. Marcação de parágrafos:

A marcação e numeração de parágrafos em BN é respeitada, excepto nos casos de início de capítulos ou partes de texto claramente identificadas, em que se usa o parágrafo de acordo com o uso actual.

Apresenta-se em aparato a numeração dos parágrafos de TT, por ser substancialmente diferente da de BN, interessando assim aos objectivos em causa.

2.13. Acrescentos à margem e na entrelinha:

No manuscrito, todos os acrescentos autógrafos à margem ou na entrelinha são assinalados respectivamente pelos sinais † e ^ ; o lugar de colocação do acrescento na linha é marcado pelo autor com os mesmos sinais. Por se tratar de comportamento sistemático, estes sinais não são referidos em nota.

2.14. Casos omissos: todos os casos problemáticos que não estão previstos nestes critérios são assinalados e argumentados em aparato.

3. Outros:

É nossa íntima convicção que não é possível ler, e sobretudo fruir, adequadamente Vieira se não percebermos o universo linguístico, literário e cultural em que os seus textos se inserem. No caso da *Representação*, a sua própria natureza e características, que, como vimos, afastam significativamente este texto dos sermões e das cartas, tornam, a nosso ver, esta necessidade absoluta, na medida em que, a cada passo, o leitor moderno depara com obstáculos que dificultam ou impedem a sua cabal compreensão: obstáculos de natureza linguística, em virtude das inevitáveis diferenças entre estados pretéritos da língua e o seu estado actual, mas sobretudo obstáculos que se prendem com as particulares circunstâncias contextuais da sua produção; referimo-nos nomeadamente ao contexto sócio-económico e cultural que enforma a *Representação* enquanto apologia e enquanto tratado teológico e exegético.

Desta forma, os auxiliares de leitura que juntamos ao texto devem ser vistos como parte activa da edição do manuscrito da Biblioteca Nacional, aos quais, numa futura edição da obra profética completa, deverão ser acrescentados idênticos auxiliares de leitura para cada um dos textos que vierem a ser editados.

3.1. Traduções:

A primeira e mais significativa barreira impeditiva da compreensão é, no texto da *Representação*, constituída pelas numerosas e extensas citações em latim, as quais, de uma maneira geral, são apresentadas como fundamento dos pontos de vista expostos. Só por si, esta característica – típica, não só da época, em que o latim era ainda o

instrumento de comunicação privilegiado nos meios intelectuais, mas também do género do texto, que exigia numerosas citações, predominantemente das Sagradas Escrituras e de Padres e Doutores da Igreja – é um obstáculo significativo à adequada recepção do texto por um leitor contemporâneo. Assim, considerámo-lo indispensável, de acordo com a nossa intenção de contribuir para uma futura edição da “Obra profética” de Vieira, a tradução dos passos em latim, sem a qual a recepção destes textos estará sempre prejudicada junto da generalidade do público, mesmo de algum público culto, para quem o latim é hoje uma língua morta.

Nas traduções dos textos bíblicos, que tomámos a nosso cargo, a especificidade que envolve os textos sagrados e os particulares e delicadíssimos problemas relacionados com a sua tradução, levaram-nos a optar por fornecer uma tradução oficial, para o que recorreremos à recente edição da *Bíblia Sagrada Interconfessional*, elaborada com a colaboração da Sociedade Bíblica de Portugal. Esta escolha, ainda que nos pareça a mais adequada, não é naturalmente isenta de alguns problemas. Vieira usa a Vulgata latina de S. Jerónimo, que seguimos através de uma edição, também oficial, daquele texto; e o primeiro problema que se coloca, ainda que apenas em alguns casos, é o da descoincidência entre o texto latino da Vulgata e a sua tradução. Naturalmente, no caso dos textos bíblicos, a interpretação, relacionada com questões teológicas, por vezes de grande complexidade, é determinante na tradução, o que leva a que em alguns dos passos citados a tradução portuguesa não permita apoiar da mesma forma que o texto da Vulgata a interpretação fornecida por Vieira, a qual, importa salientar, é ela própria frequentemente heterodoxa. Por outro lado, a Vulgata incluía, como é sabido, vários textos deuterocanónicos, ou apócrifos, cuja fortuna tem sido assaz conturbada, mas que, na época de Vieira, constavam, ainda que em anexo, das Bíblias Sagradas. O mais importante dos deuterocanónicos citados por Vieira é, sem dúvida, o Apocalipse de Esdras, também conhecido por Esdras IV, que não figura entre os deuterocanónicos incluídos na edição da qual nos servimos, pelo que usámos neste caso a edição de Manuel J. Gandra, responsável pela introdução e notas, com tradução de Frei Francisco Sarmiento. Finalmente, para os textos não bíblicos, regra geral de Doutores da Igreja, pudémos contar com a colaboração do Professor Doutor Manuel Rodrigues e da Mestre Cláudia Teixeira.

As traduções dos passos latinos são apresentadas sob a forma de notas de final de capítulo (Representação ou Questão), distinguindo-se, assim, das notas filológicas, em rodapé. Como forma de remissão no texto usa-se a numeração ordinal, entre parênteses rectos (ex: [Trad. 1]).

3.2. Notas explicativas:

Outro aspecto que dificulta sobremaneira a adequada compreensão do texto em causa são as múltiplas referências a factos ou acontecimentos, regra geral históricos — na época contemporâneos ou pelo menos conhecidos do público a quem Vieira se dirigia, mas hoje, na sua maioria, desconhecidos da generalidade do público ao qual desejaríamos que esta parte da obra de Vieira chegasse — ou a passos bíblicos, também eles actualmente pouco conhecidos do leitor moderno; pelo que consideramos da maior utilidade fazer acompanhar o texto, para além das traduções dos passos em latim, por notas explicativas que elucidem o leitor acerca dos aspectos referidos, sem o que, em muitos casos, não é possível compreender os fundamentos da interpretação e a agilidade da argumentação.

Em termos linguísticos e estilísticos o texto da *Representação* é um bom exemplar de um estado da língua portuguesa que, do ponto de vista do leitor moderno, apresenta algumas particularidades que merecem alguma explicação e comentário. Da mesma forma, em termos estilísticos, e ainda que o presente texto não seja um dos exemplares mais significativos do Barroco literário em Portugal, justificam-se, a nosso ver, algumas chamadas de atenção para os comportamentos estilísticos mais recorrentes de Vieira na *Representação*.

Estas notas apresentam-se em anexo, sendo a forma de remissão no texto para este tipo de notas um asterisco junto ao início da palavra, expressão ou frase que é objecto da nota. A organização do anexo é feita por capítulo (*Representação* ou *Questão*) e, dentro de cada capítulo, por ordem de aparecimento no texto, identificada por página e linha.

3.3. Índice de personagens históricas e bíblicas citadas por Vieira:

O que fica dito para os factos e acontecimentos históricos e bíblicos é igualmente válido para as personagens com eles relacionados, que, por razões de ordem prática, se apresentam organizadas em índice, por ordem alfabética, fornecendo-se, não apenas a sua identificação, mas, sempre que possível, os aspectos da sua biografia que mais de perto se relacionam com a citação, ou citações, que deles faz Vieira.

3.4. Índice de Autores citados por Vieira:

Finalmente, apresenta-se um índice dos autores citados por Vieira, organizado também por ordem alfabética, onde estes são identificados fornecendo-se relativamente a cada um deles a informação possível sobre a sua vida e obra.

4 – Lista de Abreviaturas e Símbolos

marg. - Margem.

entrel. - Entrelinhado.

risc. - Riscado.

rep. - Repetido.

ms. - Manuscrito.

ed. - Edição.

TT - Manuscrito da Torre do Tombo [Processo 01664 / Rolo 1427 - 1427c].

BN - Manuscrito da Biblioteca Nacional [COD. 681 / B-11-11].

HC - Edição do manuscrito *TT* da autoria de Hernâni Cidade.

§ - Parágrafo.

[...] - Lugar ilegível.

Nota- Por dificuldades impostas pelo programa informático utilizado, substitui-se o til das vogais *e*, *i* e *u* por trema: *ë*, *ï*, *ü*.

5 - O TEXTO

5

10

15

20

...a inconfidencia da Marqueza, & seus filhos...

25

30 Mas como *excellento* he genero masculino,¹ deo este novo genero & esta nova
terminação á palavra...

35

40

45

¹ Mas como *excellento* he genero masculino...] [*leitura errada da lição de TT* Mas como excelente he genero comum de dous; e excellento he genero Masculino...].

5

[Representação Primeira]

¹*Não acho ser deteúdo o Agudo. O Agudo é o Marquês de Montalvão, e sabem os que bem o conheceram quão propriamente definido e retratado está nesta só palavra, porque era agudo no entender, no traçar, no inventar, no introduzir os negócios e no introduzir-se, e até no gesto, no modo, nas feições e nas acções, por extremo agudo e vivo. E diz que não acha ser deteúdo o agudo, porque só ele não foi deteúdo, nem detido, nem conservado no governo em que estava, como foram conservados todos os mais, senão tirado como fica dito.*

10

² *Sendo ele o instrumento.* Foi o Marquês de Montalvão no Brasil o instrumento de ser o novo Rei recebido e aclamado naquele estado, no qual era necessário um instrumento de grande resolução e valor por haver no mesmo estado e na mesma cabeça dele, onde o Marquês residia, um grande presídio de soldados Castelhanos e Napolitanos, que compunham três terços de Infantaria pagos; e pondera o Bandarra muito que sendo ele o instrumento foi tirado, quando ficaram e se conservaram por muito tempo outros que não foram o instrumento. Mas como a ocasião de o Marquês ser tirado foi, como fica dito, a inconfidência da Marquesa e *a deslealdade de seus filhos*, acrescenta:

15

20

³ *Não acho (segundo sento) o excelente ser falso no seu escudo.* *Na província donde era natural Bandarra, aos tredores e desleais chamam falsos; e diz que não acha ser falso nem desleal o Marquês no seu escudo, isto é, por sua parte, aludindo nesta última cláusula à Marquesa e aos filhos que pela sua parte o foram. E deve-se notar muito a palavra *excelento*, não só por ser o primeiro Marquês e o primeiro Viso Rei que governou o Brasil, e por conseguinte a primeira excelência que lá houve, senão também pela terminação desusada de *excelento*, devendo ser *excelente*. Mas **como excelente é género comum de dous, e excelente é género masculino**, deu este novo género e esta nova terminação à palavra para distinguir e aludir com ela à diferença com que falava,

25

30

¹ [o ms. BN está incompleto faltando vários fólhos do início do documento, que começa no fl.106 r, parágrafo 42. A extensão da lacuna pode ser avaliada, quer pela numeração de fólhos e de parágrafos que consta do ms., quer pelo confronto com o ms. TT, editado por Cidade, que se encontra completo. Com vista a assegurar a continuidade necessária ao bom entendimento do texto, transcreve-se do manuscrito TT o início do parágrafo, que introduz o verso de Bandarra comentado. A lacuna do manuscrito BN neste ponto abrange a introdução, as três primeiras proposições (1ª Que a verdadeira profecia se prova pelo efeito das coisas profetizadas; 2ª Que o efeito e cumprimento das coisas profetizadas é prova da verdadeira profecia e não há outra; 3ª Que o efeito das coisas profetizadas é sinal dado por Deus para prova de verdadeira profecia e do verdadeiro profeta) e o início da quarta proposição (Que o Bandarra foi verdadeiro profeta), o qual compreende a apresentação do silogismo sobre o qual se funda a proposição censurada e o comentário, verso a verso, de várias trovas de Bandarra em que, de acordo com a interpretação de Vieira, se previam acontecimentos entretanto sucedidos, nomeadamente acontecimentos relacionados com a Restauração. A trova apresentada no parágrafo 93 de TT e comentada a partir do parágrafo 94, onde começa o manuscrito BN (§ 42), é a seguinte: Não acho ser deteúdo/o Agudo,/sendo ele o instrumento./Não acho (segundo sento)/o Excelente/ser falso no seu escudo,/mas acho que o Lanudo/mui sisudo/que arrepelará o gato/e fa-lo-á murar o rato,/de seu fato/leixando-o todo desnudo. Cf. Cidade, 1957, vol. I, pp. 3-62.]

² [§ 95 na ed. de HC.]

³ [§ 96 na ed. de HC.]

5

10

15 ...o impeto do povo & soldados de Goa, que logo tratarão de acclamar. **Esta duvida,**
reparo & suspensão...

20

25

**...& o mesmo comercio da China, com se fechar o do Japão por industria dos
Holandeses, ficou tambem quasi perdido;²**

30

35

40

45

²...& o mesmo...quasi perdido;] [*leitura errada da lição de TT*...e o mesmo Comercio da China, com se fechar o do Japão por industria dos Holandeses, e o de Manilla pella divisão das Coroas, ficou tambem quasi perdido;].

como se dissera: quando digo que não foi desleal, entendo do Marquês e não da Marquesa, do *excelento* e não da *excelenta*. E porque não bastou a acção do Brasil nem os procedimentos de Portugal para que o Marquês não vivesse e morresse com suspeitas de inconfidência, estas suspeitas e esta dúvida não deixou de significar Bandarra naquela misteriosa suspensão com que disse: não acho (segundo sento). O *sento* em lugar de *sinto* também é palavra da Pátria.

⁴ Depois de dizer em particular do Brasil, passa também a dizer em particular da Índia.⁵ *Mas acho que o lanudo mui sisudo*. O lanudo mui sisudo foi o Conde de Aveiras: lanudo porque todo com grandíssimo extremo era coberto de cabelo, e mui sisudo porque verdadeiramente o era por dentro e por fora. E os que o viram e bem conheceram acham grande propriedade e energia nesta breve definição.

Que arrepeará o gato e far-lhe-á murar o rato. Como o Conde era tão sisudo, quando à Índia chegou a nova da *Aclamação, teve suas dúvidas e reparos no que havia de fazer em caso tão grande, com que por algum espaço suspendeu e retardou o ímpeto do povo e soldados de Goa, que logo trataram de aclamar; e esta dúvida, reparo e suspensão explica Bandarra pelo termo e metáfora de arrepear o gato e de lhe fazer murar o rato, que é quando o gato, ainda que desejoso da presa, está como suspenso e duvidando *se remeterá ou não remeterá, não sendo a dúvida sobre a resolução de *empolgar no rato, mas sobre a oportunidade da ocasião e do tempo. Finalmente, concluindo com o sucesso que o Conde teve na Índia e o estado em que a deixou no fim do seu governo, diz:

⁶ *De seu fato leixando-o todo desnudo*. *Fato é palavra própria da Índia e significa o mesmo que *fazenda*, assi como em Itália a fazenda se chama *Roba*. E nota que deixou o Viso Rei⁷ o estado da Índia desnudo de seu fato, porque em seu tempo se perdeu parte de Ceilão e tomaram os Holandeses Malaca, com que se diminuiu muito o comércio da canela e se dificultou e quasi impossibilitou o da China, e o mesmo comércio⁸ da China, com se fechar o do⁹ Japão **por indústria dos Holandeses, e o da Manila, pela¹⁰ divisão das coroas, ficou também quasi perdido;**¹¹ e por todas estas perdas e acidentes os direitos reais e o comércio e contrato dos particulares¹² e a fazenda e riqueza¹³ de todo o estado teve grandíssima quebra.

¹⁴ Isto é precisa e ordenadamente o que Bandarra predisse acerca da restauração do reino e levantamento do novo Rei, assi dentro como fora de Portugal. E porque o assunto principal do seu livro passa adiante, predizendo e prometendo que o fim¹⁵ e intento de Deus na restituição da coroa portuguesa não é só este, senão a conquista da Terra Santa e destruição do Turco, para que não se cuidasse que o tempo desta conquista era o mesmo que o da restauração do reino, acrescenta logo imediatamente:

⁴ [§ 97 na ed. de H.C.]

⁵ Índia] [segue-se um espaço em branco, que poderá representar uma forma de destaque ou início de parágrafo. Optamos pela segunda hipótese uma vez que, ao longo do texto, a transcrição de cada verso a comentar implica, regra geral, a abertura de um novo parágrafo.]

⁶ [§98 na ed. De HC.]

⁷ o Viso Rei] [entrel.]

⁸ comércio] [entrel.]

⁹ do] [entrel.]

¹⁰ pela] [segue-se uma palavra risc.]

¹¹ [fls. 160 em TT.]

¹² particulares] [seguem-se várias palavras risc.]

¹³ e riqueza] [entrel.]

¹⁴ [§ 99 na ed. de HC.]

¹⁵ [fl. 106 v.]

5

10

15

...em toda sorte de estados.³

20

25

30

35

40

45

³ ...em toda sorte de estados.] [*leitura errada da lição de TT* ...em toda a sorte de estados.].

Não tema o Turco não ¹⁶
nesta *sezão.

5 E ainda que esta predição é negativa, também se tem provado com o efeito, do modo que as negativas se podem provar.

*Predições de Bandarra confirmadas com o efeito
depois da aclamação d'el Rei D. João.*

10

¹⁷ A primeira cousa em que se entendeu depois de levantado o nosso Rei, foi tratar dos meios com que se havia de conservar, tirando-se o¹⁸ dinheiro necessário para a guerra com a¹⁹ maior suavidade e igualdade, para o²⁰ que se formou a *Junta dos Três Estados, da qual falou Bandarra com grande expressão.

15

²¹ Comendadores, Prelados que as Igrejas comeis, traçareis e volvereis por honra dos três estados,	e os mais serão taxados. Todos contribuirão, haverá gram confusão em <i>toda a sorte</i> de estados.
--	---

20

Comendadores, Prelados etc. Os Comendadores significam e representam o estado da nobreza, e os Prelados o eclesiástico, e parecendo que estes dous estados haviam de tratar só de sua honra, chamando-se a seus privilégios e imunidades, e carregando os tributos e contribuições somente sobre o estado do Povo, louva-os Bandarra de que traçarão os meios da dita contribuição de maneira que não só ficassem com honra os dous estados senão todos três; e assi²² foi, porque a Junta dos Três Estados se compõe de pessoas eclesiásticas, de nobres e do povo.

25

²³ *E os mais serão taxados.*²⁴ A palavra *e os mais* é²⁵ relativa e exclusiva²⁶ dos Comendadores e Prelados, isto é, dos nobres e eclesiásticos, os quais se assentou que pagassem conforme suas rendas, comendas, ordenados, salários; e os mais, que são os do povo (que verdadeiramente também são os²⁷ mais e em maior número), diz que seriam taxados, como com efeito são, porque o lavrador é taxado conforme a sua lavoura, e o *oficial²⁸ mecânico conforme o seu officio, e o mercador conforme o seu meneo, etc.

30

Todos contribuirão. Assi é que todos contribuem não ficando isentos os títulos, as mitras, as religiões, nem estado ou calidade algũa, cedendo todos de seus foros e imunidades para acudirem igualmente ao comum, e por isso diz:

35

¹⁶ não] [segue-se nesta sezão, risc.]

¹⁷ [§ 100 na ed. de HC]

¹⁸ tirando-se o] [na marg., em substituição de texto risc. na linha.]

¹⁹ a] [entrel.]

²⁰ o] [entrel.]

²¹ [43 em BN.]

²² e assi] [segue-se é risc.]

²³ [§ 101 na ed. de HC.]

²⁴ *E os mais serão taxados.*] [segue-se os mais refere-se risc.]

²⁵ é] [segue-se palavra risc.]

²⁶ A palavra *e os mais* é relativa e exclusiva] [na marg. Segue-se palavra risc.]

²⁷ os] [entrel.]

²⁸ oficial] [segue-se conforme risc.]

5

Hum dos mayores successos depois da Acclamação foy *acclamado em Dezembro de 1640, & neste tempo diz que*

10

Hum dos três que vem arreyo
demostra ser gram perigo

em gente que não nomeyo.⁴

15

20

25

...presagio (como então se entendeo) de que o Reyno...

30

35

40

45

⁴ Hum dos mayores...em gente que não nomeyo.] [*leitura errada da lição de TT* Hum dos mayores successos depois da Acclamação foy a Conjuração do Anno de 41 e o castigo dos conjurados. Tambem o predisse Bandarra nestes versos Hum dos tres que vem arreyo Demostra ser gram perigo Avera açoute e castigo Em gente que não nomeyo:].

²⁹ *Haverá gram confusão em toda a sorte de estados.* Porque os³⁰ estados que antigamente se distinguem,³¹ contribuindo uns e outros não, agora todos estão confusos e indistintos, porque todos sem distinção contribuem. E isto é o que chama com discreta equivocação³² *haver gram confusão em toda a sorte de estados*, porque não há sorte
5 algũa de estado que se distinga no contribuir³³, pagando confusamente e de mistura o eclesiástico com o secular e o nobre com o plebeu.

³⁴ Um dos maiores *sucessos depois da Aclamação foi a *conjuração do ano de 41*³⁵ e o castigo dos conjurados.³⁶ *Também o predisse Bandarra nestes versos.*

10	Trinta dous anos e meio haverá sinais na terra. A Escritura não erra ³⁷ que aqui faz o conto cheio.	Um dos três que vem *arreio demostra ser gram perigo. <i>Haverá açoute e castigo</i> em gente que não nomeio.
----	---	--

15 Torna a tomar o seu ponto fixo do ano de quarenta por outro modo de somar muito ajustado e certo.³⁸

Trinta dous anos e meio. Trinta dous são sessenta, e meio dous é um, que vem a ser sessenta e um anos, e tantos foram cabalmente os que Portugal esteve sem Rei, porque El Rei D. Henrique morreu em Janeiro de 1580³⁹ e El Rei D. João foi aclamado
20 em Dezembro de 1640.⁴⁰ E neste tempo diz que:⁴¹

⁴²*Haverá sinais na terra.* Os sinais começaram no princípio dos trinta e dous anos e meio com *o cometa⁴³ funesto que acendeu o céu⁴⁴, no mesmo tempo pronóstico da morte do Rei e ruína do Reino, como notam todos os autores estrangeiros⁴⁵ que escreveram do mesmo cometa. Foi também notavel sinal (e diz Keplero que o mais
25 notavel que nunca houve no⁴⁶ mundo) a nova estrela que na ocasião da conjunção máxima apareceu no serpentário no mesmo ano em que naceu⁴⁷ El Rei D. João, restaurador da coroa que por morte d'el Rei D. Henrique se perdera. *Outro sinal, e nunca visto nem lido nas histórias, foi o menino que nasceu em Lisboa armado de armas brancas com a cruz vermelha no peito, presságio, *como então se entendeu*, de que o
30 reino havia de vestir as armas em defesa⁴⁸ de sua liberdade. Assi mesmo foi muito

²⁹ [§ 102 na ed. de HC.]

³⁰ os] [no orig. o.]

³¹ distinguem,] [segue-se uma palavra risc.]

³² equivocação] [entrel.]

³³ contribuir] [segue-se uma palavra risc.]

³⁴ [§ 103 na ed. de HC.]

³⁵ 41] [sublinhado no original.]

³⁶ conjurados.] [seguem-se várias palavras risc.]

³⁷ erra] [segue-se que risc.]

³⁸ [segue-se uma palavra risc.]

³⁹ 1580] [sublinhado no original.]

⁴⁰ 1640] [segue-se uma palavra risc.]

⁴¹ que:] [seguem-se três linhas de texto cancelado no final do fl. 106 v, mudando depois para o fl. 107 r.]

⁴² [§104 na ed. de HC.]

⁴³ cometa] [segue-se uma palavra risc.]

⁴⁴ céu] [segue-se uma palavra risc.]

⁴⁵ [fls. 160 v em TT.]

⁴⁶ no] [entrel.]

⁴⁷ naceu] [segue-se uma palavra risc.]

⁴⁸ defesa] [Vieira escreveu defensão tendo posteriormente cancelado o o e a marca de nasalidade.]

**..& os golpes que de dentro do sepulchro do mesmo Rey...
... forão ouvidos...**

5

10

15

20

25

**...se compunha; & sem armas, sem aliados, sem firmeza & pior que sem governo,
grande perigo pello estado em que o Rey & o Reyno se achava por estar em grande
parte nas mãos dos mesmos conjurados. Nem pareça...⁵**

30

...hum dos filhos de Isayas⁶...

35

40

45

⁵ ...se compunha...Nem pareça...] [*leitura errada da lição de TT* ...se compunha; e grande perigo pello estado em que o Rey e o Reyno se achava sem armas, sem aliados, sem firmeza, e pior que sem governo; por estar em grande parte nas mãos dos mesmos conjurados. Nem pareça...].

⁶ Isayas] [*leitura errada da lição de TT* Isai]

notavel e notado o raio de luz que deceu sobre a estátua d' el Rei D. Afonso Henriques quando a collocaram na fachada do Convento de Alcobaça, e *as pancadas* que dentro do sepulcro do mesmo Rei foram *ouvidas*, como em pronóstico de que ainda aquelas cinzas não estavam de todo mortas, e que delas havia de renascer algum descendente que restaurasse o reino que Deus nele fundara. Finalmente, deixando outros muitos sinais, foi também notavel e raro o dos seixos que lançou o mar nas praias da foz do Tejo com letras formadas de relevo em que clara e distintamente se lia *O Duque*, como assinalando com este nome a pessoa do Rei restaurador. Estes foram os sinais ⁴⁹ que houve na terra de a mesma terra tornar outra vez ao domínio de seus legítimos senhores. *E não faltaram também outros sinais que não menos pronosticavam havê-lo de perder Castela. Estes foram as tréguas de Holanda, tão em dano de Portugal e suas conquistas, a perda de Ormuz e de tanta parte da Índia, a tomada da Bahia e Pernambuco, o governo do reino entregue a ùa mulher, as mercês feitas a⁵⁰ indignos, o desprezo dos beneméritos, a introdução de ministros castelhanos, e sobretudo a demasiada e repetida carga de tantos⁵¹ tributos e opressões, que propriamente são sinais da terra, conforme aquele texto: *Erunt signa in sole et luna et in terris pressurae gentium* [Trad. 1]. Todos estes sinais se continuaram pelo espaço dos trinta dous anos e meo, do qual algarismo diz seu autor:

⁵² *A Escritura não erra, que aqui faz o conto cheo.* Porque a soma dos trinta dous, e do meio dous, ajustadamente e sem erro se vinha a rematar e cumprir no conto cheio e completo do fatal ano de quarenta, tão repetido e celebrado nesta sua história. Contando pois sobre este ano e sobre este conto cheio de quarenta, diz: ⁵³*Um dos três que vem arreio demonstra ser gram perigo.* Tal foi o perigo da conjuração sucedida em um dos três anos seguintes, convém a saber, no ano de quarenta e um. Grande perigo pelas *pessoas grandes e grandíssimas, eclesiásticas e seculares, de que a dita conjuração se compunha; ***e grande perigo pelo estado em que o Rei e o reino se achava, sem armas, sem aliados, sem firmeza, e pior que sem governo, por estar em grande parte nas mãos dos mesmos conjurados.*** Nem pareça menos crédito desta predição não sinalar determinadamente em qual dos três anos arreio havia de ser o perigo, porque muitas vezes faz Deus as suas revelações com esta indeterminação: *a Abraão disse que lhe sacrificaria a Isaac em um dos montes, não sinalando por então qual monte, e *a Samuel disse que ungiria em Rei um dos filhos de Isaí, não sinalando por então qual filho. Mas quem quiser dizer que a palavra *um* significa o primeiro também tem por si a frasi comum das Escrituras. O primeiro dia da semana se chama na Escritura *um*: **Una sabattorum*, e o primeiro da criação do mundo se chamou também *um*: *Factus est vespere et mane dies unus* [Trad. 2]. Neste *um* ou neste primeiro dos três que vem arreio foi o perigo do Rei e do reino, mas o castigo foi dos autores do perigo.

⁵⁴ *Haverá açoute e castigo em gente que não nomeo.* O açoute e o castigo, posto que o Rei esteve quasi rendido à clemência, houve-o e executou-se. E em não querer Bandarra nomear a gente em que se executou, mostra bem a gente que era, e de quão grande nome.

⁴⁹ sinais] [segue-se de Portugal risc.]

⁵⁰ as mercês feitas a] [entrel. a substituir duas palavras risc. na linha.]

⁵¹ tantos] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁵² [§ 105 na ed. de HC]

⁵³ [§ 106 na ed. de HC.]

⁵⁴ [§ 107 na ed. de HC.]

5

10

15

20

25

30

35

40

45

⁵⁵ *Outro sucesso notavel e não esperado foi a morte do Príncipe e d'el Rei, e suceder um Infante na Coroa, mas assi foi e assi⁵⁶ é (que seja por muitos anos) e assi disse Bandarra que havia de ser.

5 Vejo subir um Infante no alto de todo o lenho.⁵⁷

A nau em frasi poética chama-se lenho, e o mais alto de todo o lenho é o lugar do Piloto. Dizer pois Bandarra que via subir um Infante no alto de todo o lenho foi dizer que o via subir a reinar e a tomar o ceptro⁵⁸ e leme do reino.

10 ⁵⁹ *A Batalha do Cano ou do Canal⁶⁰, sucesso tão notavel por si mesmo e por suas consequências, também foi antevisto por Bandarra e⁶¹ mui esperado e⁶² praticado antes que sucedesse em fé daquele texto ou trova sua:

15 Vejo um alto Rei humano Vejo como por peneira
 levantar sua bandeira. a Grifa morrer no Cano.

⁶³De tal maneira conta o sucesso felicíssimo da batalha que também alude e supõe o antecedente menos felice, e em razão dele diz:

20 ⁶⁴ *Vejo um alto Rei humano levantar sua bandeira.* Com *a tomada e entrega de Évora ficou a bandeira de Portugal tão caída, quanto levantados os ânimos e esperanças de seus inimigos, mas essa bandeira ⁶⁵depois de assi caída viu Bandarra, ou diz que viu, que um alto Rei humano a levantava outra vez, como com efeito levantou tão⁶⁶ gloriosamente.⁶⁷E não carece de mistério o epíteto de Rei humano, para mais engrandecer⁶⁸ a mercê do céu e a bondade e misericórdia divina, a qual⁶⁹, para dar vitórias aos Reis⁷⁰ que quer favorecer, defender e levantar, não repara em que eles talvez sejam humanos, isto é, que paguem à idade e à humanidade aquelas pensões de que David, sendo Rei santo, pedia a Deus se não lembrasse.

25 ⁷¹ *Vejo como por peneira a Grifa morrer no Cano.* Bem se entendia pouco mais ou menos, antes do sucesso, o que significava haver de morrer a Grifa no Cano, mas a energia de dizer Bandarra *Vejo como por peneira*, ninguém a entendeu, senão depois do mesmo sucesso, quando se soube que o maior rigor e furor da batalha foi a horas do sol posto, e que quando a vitória se acabou de declarar pela nossa parte era o ar já tão pardo

⁵⁵ [§108 na ed. de HC.]

⁵⁶ foy e assi] [na marg.]

⁵⁷ [fl. 107 v.]

⁵⁸ ceptro] [no original scetro, et passim]

⁵⁹ [§109 na ed. de HC.]

⁶⁰ Canal] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁶¹ e] [segue-se uma palavra risc.]

⁶² e] [fls. 167 em TT. Trata-se certamente de um lapso, pois, uma vez que o fl. anterior é o 160 v e o seguinte o 161 v, este será concerteza o fl. 161r do ms. TT.]

⁶³ [palavra risc. no início da linha.]

⁶⁴ [§ 109 [sic] na ed. de HC.]

⁶⁵ bandeira] [segue-se ass risc.]

⁶⁶ tão] [entrel.]

⁶⁷ gloriosamente] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶⁸ engrandecer] [no original engradecer.]

⁶⁹ a qual] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁷⁰ Reis,] [segue-se uma palavra risc.]

⁷¹ [§ 110 na ed. de HC.]

5

10 ...& as Companhias da sua guarda todas vestião **cassacas amarellas com as aguias
grifas do Imperio bordadas de vermelho nas costas**,...⁶

15

...*E* ha de pôr o pendão...⁷

20

25

...& residia na Praça de Armas de *Penamacor*⁸ sita bem no coração de Trás da Serra, &
diz Bandarra que via sahir *dellas*⁹ o seu fronteiro,...

30

35

40

⁶ a lição de TT foi copiada de BN e só posteriormente alterada.

⁷ ...E ha de pôr o pendão... [leitura errada da lição de TT ...que ha de por o pendão...].

⁸ Penamacor] [palavra emendada e quase ilegível em TT].

⁹ dellas] [leitura errada da lição de TT della.].

que quasi se não via nem divisava nada;⁷² circunstância verdadeiramente admiravel para se ver desde Trancoso cento e trinta anos antes. O lugar onde propriamente se pelejou e venceu se chama o Canal por ficar aquele espaço de terra⁷³ murado de ùa e outra parte, e como encanado entre montes, os quais e o mesmo sítio ficam muito⁷⁴ perto da vila do Cano. Assi que⁷⁵ de qualquer dos lugares se verifica com grande verdade e propriedade a predição, porque o Cano e o Canal tudo é Cano. Neste cano, pois, diz que via morrer a Grifa (que, já dissemos, é Castela), pelo grande número e multidão⁷⁶ de seus soldados e oficiais que ali ficaram mortos, sendo o maior e mais florente exército que de⁷⁷ muitos anos a esta parte tinha posto em campo Espanha. Era governado por D. João de Áustria, filho d'el Rei Felipe, e as companhias da sua guarda todas vestiam **casacas vermelhas com as águias grifas do Império bordadas de amarelo* nas costas,⁷⁸ das quais casacas e águias grifas apareceu depois da batalha semeado e matizado todo aquele terreno, para que até esta pintura confessasse que a Grifa morrera no Cano. Mas não pararam aqui as circunstâncias com que Bandarra individuou este famoso successo.

15	79	Vejo sair um *Fronteiro do reino de Trás-da-Serra, desejoso de pôr guerra, esforçado cavaleiro.	Ele será o primeiro <i>que</i> há-de pôr o pendão na cabeça do Dragão, derruba-lo-á por inteiro.
----	----	--	---

20 O General que governava nossas armas nesta ocasião era o Conde de Vila Flor, do qual diz:

Vejo sair um Fronteiro do reino de Trás-da-Serra. Entre os Fronteiros do reino, o Fronteiro de Trás-da-Serra é o Fronteiro da Beira, que fica e reside detrás da Serra da Estrela naquelas terras que própria e vulgarmente se chamam Trás-da-Serra, das quais era natural o mesmo Bandarra. Nesta fronteira do reino era Fronteiro⁸⁰ e General o dito Conde de Vila Flor, e residia na praça de armas de *Almeida*, sita bem no coração de Trás-da-Serra, e diz Bandarra que via sair *dela* o seu Fronteiro, como verdadeiramente saiu naquela ocasião, deixando a província que governava e defendia, e passando a governar as armas de Alentejo.

30 ⁸¹ *Desejoso de pôr guerra, esforçado cavaleiro.* Esta opinião de esforçado e amigo de pelejar tinha ganhado na mesma província o Conde, antes e depois de ser General dela, e pela mesma opinião se fez eleição de sua pessoa nesta ocasião, em que a fama⁸² do grande poder com que entrava D. João de Áustria era igual à necessidade que havia de se lhe resistir com esforço e valor. E passando da pessoa, da província e do officio que nela exercitava o dito Fronteiro ao successo da batalha, diz:

35 ⁸³ *Ele será o primeiro que há-de pôr o pendão na cabeça do Dragão.* O Dragão é o inimigo castelhano, poderoso, armado, soberbo e formidavel, como entrou naquela

⁷² nem divisava nada] [na marg. a substituir cousa algũa risc. na linha.]

⁷³ terra] [segue-se uma palavra risc.]

⁷⁴ muito] [entrel.]

⁷⁵ assi que] [na marg. acrescentado junto ao inicio da linha a sbstituir e risc.]

⁷⁶ número e multidão] [na marg. a substituir quantidade risc.]

⁷⁷ de] [entrel.]

⁷⁸ costas] [segue-se uma palavra risc.]

⁷⁹ [§ 111 na ed. de HC]

⁸⁰ Fronteiro] [segue-se uma palavra risc.]

⁸¹ [§ 112 na ed. de HC.]

⁸² [fl. 108 r.]

⁸³ [§ 113 na ed. de HC.]

...a cavallaria, tam superior em [fls.161v] numero à nossa, **na qual** trazia posta toda sua confiança.

5 ...avia de ser o primeiro, que possesse **pendão** na cabeça do Dragão;¹⁰

10

15

20

25

30

35

40

45

¹⁰ ...que possesse pendão na cabeça do Dragão;] [*leitura errada da lição de TT ...que possesse o pendão na cabeça do Dragão;*].

ocasião por Portugal, *tragando do primeiro bocado a maior cidade da província. E podem ser os pés e unhas deste Dragão a infantaria, e as asas a cavalaria, tão superior em⁸⁴ número à nossa e na qual trazia posta toda sua confiança. A cabeça deste Dragão era D. João de Áustria, como fica dito, e diz Bandarra que o Fronteiro de Trás-da-Serra,⁸⁵ que de lá viu sair, havia de ser o primeiro que pusesse o pendão na⁸⁶ cabeça do Dragão, porque ainda que esta era a terceira campanha em que D. João de Áustria entrava em Portugal, e nas duas campanhas passadas lhe tinham feito oposição outros dous Fronteiros ou Generais, nenhum deles teve a fortuna de⁸⁷ pôr o pendão na cabeça⁸⁸ do Dragão⁸⁹ senão o Fronteiro de Trás-da-Serra, porque em ùa das outras campanhas tomou e fortificou Arronches e na outra tomou Jerumenha, que também fortificou⁹⁰, e devastou outros lugares, e sempre tornou para Castela ou vitorioso ou não vencido. E não só disse que lhe poria o pendão na cabeça, mas acrescentou:

⁹¹ *Derruba-lo-á por inteiro*, como verdadeiramente foi, sendo tão poucos os que, debaixo da capa da noite, se puderam retirar a Castela, ficando a flor de toda ela ou morta ou prisioneira em Portugal, com tanta imensidade de despojos, carruagens, munições e aparatos bélicos.

⁹² Só resta nesta explicação e combinação tão natural tirar um escrúpulo aos demasiadamente críticos, os quais podem dizer que Dragão não significa Castela, antes é timbre e símbolo de Portugal, e que pois igualmente lhe cabia no verso, lhe devera antes chamar Leão, nome militar⁹³ tão próprio dos Castelhanos, ou Leões de Espanha. E quando menos que, tendo chamado a Castela Grifa, não devia variar a figura e chamar-lhe⁹⁴ Dragão. Assi está argumentado, mas de tudo temos exemplos nos Profetas canónicos, que é certo falavam pelo estilo com que Deus lhes falava. Daniel⁹⁵, no capítulo 7º, chama ao Império Persiano Urso e ao⁹⁶ Império Grego Leopardo, e no capítulo 8º, ao mesmo Império Persiano chama Carneiro e ao mesmo Império Grego *Hirco; e S. João Evangelista, ao mesmo Cristo e no mesmo capítulo, chama em ùa parte Cordeiro e em outra Leão; assi que variar o símbolo ou a figura não é contra o estilo dos verdadeiros Profetas. Da mesma maneira não é contra o seu estilo aplicar a um dos contrários o símbolo ou figura do outro. O Leão é símbolo de Cristo e S. Pedro deu o mesmo símbolo de Leão ao Demónio; a serpente é símbolo do Demónio e Moisés deu o mesmo símbolo de serpente a Cristo. Não é logo muito que, sendo o Dragão símbolo e timbre de Portugal,⁹⁷ nesta ocasião o applicasse Bandarra a Castela pelas propriedades que acima ficam apontadas. E também se pode dizer que lhe chamou Dragão e não Leão porque Castela naquela ocasião não só trazia poder senão também peçonha⁹⁸. Assi se

⁸⁴ [fls. 161v em TT.]

⁸⁵ Serra,] [segue-se uma letra risc.]

⁸⁶ na] [entrel.]

⁸⁷ de] [segue-se lhe na linha e lhe entrel., ambos risc.]

⁸⁸ cabeça] [seguem-se uma ou duas palavras risc. no final da linha e inicio da seguinte.]

⁸⁹ do Dragão] [na marg.]

⁹⁰ fortificou] [segue-se e outros lugar risc.]

⁹¹ [§ 114 na ed. de HC]

⁹² [§ 115 na ed. de HC.]

⁹³ militar] [na marg.]

⁹⁴ chamar-lhe] [segue-se uma palavra risc.]

⁹⁵ Daniel] [segue-se uma palavra risc.]

⁹⁶ ao] [segue-se capítulo risc. tendo a preposição que precedia o nome, em, sido transformada: no > ao.]

⁹⁷ Portugal,] [segue-se que risc.]

⁹⁸ peçonha] [pençonha em BN, mas peçonha na ed. de HC. Não sendo a nasal etimológica, tratar-se-á certamente de um erro cometido em BN mas corrigido em TT.]

5

...chama ao Turco *Porca*,¹²...
(que he o nome com que *mais ordinariamente* o significa)...

10

15

20 ...à obrigação & **lealdades** dos Rafeiros, & **fama**, bem justo he o sentimento com que
Bandarra o refere,...¹³

25

30

35

40

45

¹² Porca] [*leitura errada da lição de TT Porco.*].

¹³ ...à obrigação e lealdades dos Rafeiros...com que Bandarra o refere,...] [*leitura errada da lição de TT ...à obrigação e lealdade dos Rafeiros, e tam pouco em favor da Christandade, e sua defesa, como diz a fama; bem justo he o sentimento com que Bandarra o refere,...*].

publicou que nos papéis da Secretaria de D. João de Áustria se achara envolto muito veneno.⁹⁹ Mas a verdadeira razão porque Bandarra em todo o seu livro nunca aplica a Castela nem ao Castelhana o nome de Leão é porque este nome dá ele ao Rei fatal, seguindo o estilo de Esdras, que assi o¹⁰⁰ nomea. ¹⁰¹ Em ùa parte diz: Já o Leão é
 5 desperto, mui alerta; e em outra: Vi um gram Leão correr e fazer sua viagem e tomar o porco salvagem etc. E para que expliquemos¹⁰² e defendamos a Bandarra com o mesmo Bandarra, nos versos proximamente citados¹⁰³ chama ao Turco *Porco* (que é o nome com que *ordinariamente* o significa), e em outras partes¹⁰⁴ ao mesmo Turco chama Lobo, como quando diz:¹⁰⁵

10 ¹⁰⁶ Vejo o Lobo faminto concertado com os Rafeiros

Os Rafeiros da Igreja (para que passemos de um sucesso a outro) são os Emperadores de Alemanha. A esse título, depois de Carlos Magno, lhes foi dada pelos Sumos
 15 Pontífices a investidura do Império, para que eles com as armas temporais assistissem ao Supremo Pastor e defendessem o Rebanho de Cristo.¹⁰⁷ E ainda ontem acabámos de ver o que Bandarra tantos anos antes¹⁰⁸ afirma ¹⁰⁹que também viu, dizendo que via o Lobo faminto concertado com os Rafeiros. Chama¹¹⁰ Lobo faminto ao Turco, porque ele foi o autor da invasão, e ele é o que veo comer a Alemanha e não Alemanha a ele; e se os
 20 concertos foram tão pouco conformes à obrigação e *lealdade* dos Rafeiros, e *tão pouco em favor da Cristandade e sua defesa, como diz a fama*¹¹¹, bem justo é¹¹² o sentimento com que Bandarra o refere e bem antevista a causa do mesmo sentimento.

¹¹³ Mas tornando a Portugal, não só predisse Bandarra os sucessos prósperos destes tempos, senão também os adversos:

25 Vejo quarenta e um ano pelo correr do Planeta,
 pelo ferir do Cometa,¹¹⁴ que demonstra ser gram dano.

O maior dano e a maior perda que Portugal tem padecido depois da restituição do

⁹⁹ [§ 116 na ed. de HC.]

¹⁰⁰ assi o] [entrel. a substituir por este risc. na linha. Segue-se uma marca de acrescento correspondente à palavra ele na marg. também risc.]

¹⁰¹ [palavra risc. no início da linha.]

¹⁰² expliquemos] [segue-se Bandarra risc.]

¹⁰³ citados] [seguem-se várias palavras risc.]

¹⁰⁴ partes] [entrel.]

¹⁰⁵ diz:] [segue-se Vejo o Lobo faminto risc.sendo o verso reproduzido na linha de baixo, em posição de destaque.]

¹⁰⁶ [§ 117 na ed. de HC]

¹⁰⁷ Cristo] [seguem-se várias palavras risc.]

¹⁰⁸ antes] [seguem-se várias palavras risc.de cujo grupo fazem certamente parte as palavras doutrina como, já no fim da página, na entrelinha, que o Autor certamente se esqueceu de riscar. Muda aqui para o fl. 108 v.]

¹⁰⁹ afirma] [segue-se um parêntese cujo conteúdo foi risc.]

¹¹⁰ Chama] [segue-se lhe risc.]

¹¹¹ como diz a fama] [na marg.]

¹¹² é] [segue-se e bem ave risc.]

¹¹³ [§ 118 na ed. de HC.]

¹¹⁴ [Vieira, tendo antecipado o verso seguinte, corrige-o na linha bastando-lhe para tal substituir correr por ferir e Planeta por Cometa.]

5

10

15

...& tudo **lhes sahio** certo, ...
...foy no fim do anno de **1618**,...

20

...O successo do anno **passado**, na batalha de Montes Claros & sitio de Villa Viçosa,...

25

30

35

40

45

novo¹¹⁵ Rei foi *o contágio do sítio de Badajoz, que depois, com a retirada do exército, se passou e ateou em Elvas, e dali em toda a Província de Alentejo e em muitas partes mais remotas do reino, o qual¹¹⁶ ardeu quasi todo¹¹⁷ no incêndio daquelas malignas doenças a que os médicos chamam castrenses,¹¹⁸ sendo comum sentir dos que menos encarecem o dito dano que passaram de sessenta mil vidas¹¹⁹ as que dele acabaram. Deste dano fala Bandarra, e este é o gram¹²⁰ dano que via no ano quarenta e um, *pelo correr do Planeta e pelo ferir do Cometa*. O Planeta é o sol, que com o seu correr e o seu curso faz os anos. O Cometa foi o Cometa maior que depois de Bandarra escrever se viu no mundo, e como tal¹²¹ foi admirado e temido de todo¹²² ele, entendendo os mais sábios e timoratos que não podia deixar de ser sinal de grandes trabalhos e calamidades, ou porque somente as significasse ou porque juntamente as significasse e influísse. A esta influência alude o verso *pelo ferir do Cometa*, medindo o número dos anos pelo curso do Planeta e a grandeza do dano pela ferida do Cometa, a qual ferida não há dúvida que foi a maior e mais penetrante que nos tem dado a guerra em 25¹²³ anos. Juízos houve que, estando muito longe de Portugal, em consequência desta trova¹²⁴ contavam o ano e esperavam o dano, e tudo *the* saiu certo, para maior prova de ser verdadeira a combinação. Porque *o Cometa famoso foi no fim do ano de 618¹²⁵, como viram muitos dos que vivem e escrevem todos os Historiadores e Astrólogos modernos, e o dano foi no fim do ano de 659¹²⁶, que pontualmente fazem quarenta e um ano; tão miúda foi a conta e tão certa fazendo-se tão de longe.¹²⁷ *O sucesso do ano *presente* na Batalha de Montes Claros e sítio de Vila Vi¹²⁸çosa também foi dos mais notáveis, e também predito.

25 Ao redor da gram cabana
 naqueles montes erguidos,
 no vale que se diz Cana
 ouvimos esta somana
 lobos que andam fugidos, etc.

30 Foi a rota do exército castelhano tão circunstanciada ao pé da letra com a narração ou pintura dos versos que basta por construção deles¹²⁹ irem-se lendo somente com memória do que passou.

¹¹⁵ [fls. 162 em TT.]

¹¹⁶ mais remotas do reino, o qual] [entrel. a substituir várias palavras risc. no início da linha.]

¹¹⁷ quasi todo] [entrel.]

¹¹⁸ castrenses,] [segue-se e segundo a opinião dos mais doutos e experimentados ainda não está apagado risc. e uma palavra risc. Entre está e apagado encontra-se ainda na entrelinha uma palavra risc.]

¹¹⁹ vidas] [entrel.sendo os emendado para as para concordar com a palavra acrescentada na entrelinha.]

¹²⁰ gram] [segue-se dan risc.]

¹²¹ tal] [na marg.]

¹²² todo] [seguem-se uma ou duas palavras risc.]

¹²³ 25] [sublinhado no original.]

¹²⁴ trova] [segue-se uma palavra risc.]

¹²⁵ 618] [sublinhado no original.]

¹²⁶ 659] [sublinhado no original.]

¹²⁷ longe] [segue-se um espaço em branco.]

¹²⁸ Vi] [segue-se um início de palavra risc.]

¹²⁹ deles] [seguem-se algumas letras risc.]

...*Gram Cabana* he o Paço de Villa Viçosa, **adonde** vivia o *Pastor*...

5

10

15

20

25

30 ...quando o Turco (**que he Sichem**), affrontar ou quiser affrontar a Dina (**que he a Igreja**), então Levi (**que he o Pontifice**) se ha de unir & dar a mão a Simeão (**que he o Rey**).

35

40

45

¹³⁰ *Ao redor da gram cabana.* Gram cabana¹³¹ é o Paço de Vila Viçosa, *onde* vivia o Pastor que tornou a tomar o cajado e a governar o rebanho. E posto que a cabana fique assi bem interpretada, a casa de campo que os Duques tinham na Tapada chama-se *a Cabana*, e mais perto e ao redor desta gram cabana foi o lugar da batalha.

5 *Naqueles montes erguidos.* São os montes que o inimigo ocupou para pelejar com vantagem de sítio, chamados vulgarmente Montes Claros.

No vale que se diz Cana. Assi se chama e chamava de tempos mui antigos o vale que fica por baxo dos montes, tomando o nome das muitas canas que nele havia.¹³² *Ouvimos esta somana.* A Batalha foi em um dia, mas a presa e a caça dos prisioneiros durou toda aquela somana (que é circunstância notavel), porque como a tapada fica tão perto, e era lugar tão acomodado o de seus bosques para¹³³ os fugidos se retirarem a ele, foram muitos os que ali se recolheram, que depois, sendo monteados pelos nossos ou obrigados da fome e das feridas, apareceram e se entregaram. Chama-lhe lobos seguindo a metáfora da cabana.¹³⁴

15 ¹³⁵ Finalmente, ùa das cousas de maior consideração e maior reparo que depois da restituição do novo Rei se tem visto é não ter aceitado o Sumo Pontífice, em três diferentes Pontificados, os seus Embaxadores. E como este sucesso era negativo, também o declara Bandarra por termos negativos, não dizendo expressamente que havia¹³⁶ de ser, mas supondo expressamente que havia sido, porque, fazendo menção de
20 outro segundo tempo desejado, e de um Rei que diz há-de acordar, prossegue assi:

O Rei novo é acordado,
já dá brado,
já ressoa o seu pregão.

Já Levi lhe dá a mão,
contra Sichem desmandado,
etc.

25

O sentido e argumento de toda a trova alude à história de Sichem, que afrontou a Dina, filha de Jacob, e Levi e Simeão, seus dous irmãos, se uniram ambos para a vingança. E diz que da mesma maneira, quando o Turco, *que é Sichem*, afrontar ou quiser afrontar a Dina, *que é a Igreja*, então Levi, *que é o Pontífice*, se há-de unir e dar a mão a Simeão, *que é o Rei*. Mas o ponto em que aqui se deve reparar é aquele *Já*. Já Levi lhe dá a mão, sinal que até então lha não tinha dado, e que até então lha¹³⁷ não dará. Ao menos assi o tem mostrado até agora a experiência, não bastando a mudança dos Pontífices, nem a dos Reis, sobre tantas e tão repetidas instâncias dos mesmos Reis, do Clero, e de todo o reino com tão multiplicados Embaxadores, nem bastando (que é mais) a necessidade espiritual das ovelhas, e a orfandade que as Igrejas padecem há 25¹³⁸ anos na demanda da confirmação dos Bispados. Mas também a dificuldade ou dilação desta demanda se não encobriu a Bandarra, o qual em outro lugar fala no noviciado dos Bispos, chamando Bispos noviços aos que nestes anos temos visto mortos e vivos, que sendo eleitos e admitidos à ordem não chegaram a fazer profissão.¹³⁹

40

¹³⁰ [§ 120 na ed. de HC.]

¹³¹ Gram cabana] [na marg. a substituir que risc na linha.]

¹³² havia] [segue-se um espaço em branco.]

¹³³ para] [seguem-se duas letras risc.]

¹³⁴ [fl. 109 r.]

¹³⁵ [§ 121 na ed. de HC.]

¹³⁶ havia] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹³⁷ [fls. 162 v em TT.]

¹³⁸ 25] [sublinhado no original.]

¹³⁹ profissão] [segue-se uma palavra risc.]

5

10

...huã contra o *texto das predicçoens* sobreditas, outra contra o effeito & comprimento **dellas.**

15

1ª Objecção

As obras ou trovas de Bandarra,...

20

25

30

35

40

45

¹⁴⁰ Não repito os versos porque os não tenho de memória¹⁴¹, e pela mesma razão deixo de pôr aqui outras predições que também pudera combinar com os efeitos e cumprimento delas com tanta propriedade como as passadas. Mas estas parece que bastarão para o intento, que é somente mostrar os motivos e fundamentos que tive para ter por provavel a menor deste silogismo, em que se diz que as chamadas Profecias ou Predições de Bandarra¹⁴², sendo de *futuros meramente contingentes, estão provadas com o efeito das cousas profetizadas.

¹⁴³ Responde-se a duas objecções.

¹⁴⁴ Contra o deduzido na prova desta menor se oferecem duas objecções, ùa contra as predições sobreditas, outra contra o efeito e cumprimento delas. A primeira diz assi:

As obras ou trovas de Bandarra, nos manuscritos em que se conservaram, estão viciadas e corruptas, logo, não consta nem pode constar que as predições referidas foram verdadeiramente escritas por seu autor na mesma forma e pelas mesmas palavras com que se referem.

¹⁴⁵ Se a conclusão deste argumento fora eficaz, bastara ele para tirar do mundo a autoridade de todos os livros que desde seu princípio até hoje se escreveram, e tanto mais que os mesmos livros e seus autores fossem mais antigos. Porque a arte da impressão, em que a verdade dos livros se conserva universalmente com maior pureza, há poucos tempos que foi inventada, e todos quantos livros antes dela se escreveram e divulgaram era por cópias e treslados escritos de mão, sujeitos à mesma corrupção e perigo de serem viciados que aqui se alega. Contudo, ninguém nega que os livros de Platão são de Platão, e os de Aristóteles de Aristóteles, os de S. Ambrósio de S. Ambrósio, e os de S. Agostinho de S. Agostinho, dando-se a cada ùa das de suas palavras a autoridade e reverência que se deve a seus autores. E isto não o fazem só as pessoas particulares doudas, senão os mesmos Pontífices, que os alegam nos Sagrados Cânones, e os mesmos Concílios Ecuménicos, que seguem e aprovam sua doutrina como¹⁴⁶ verdadeiramente sua. E se esta fé moral e humana se negara e tirara do mundo, perecera totalmente o testemunho das antigas memórias e não se tivera por verdade mais que o que se vê.

¹⁴⁷ Pois se aos escritos dos autores antigos e antiquíssimos, depois de¹⁴⁸ tanta imensidade de cópias quantas delas se trasladaram em mais de mil anos e em mais de dous mil, se lhe dá inteiro crédito, porque se não dará também aos escritos de Bandarra, em que a antiguidade é tanto menor, e em que tão facilmente se pode averiguar (como tem averiguado) quais são os exemplares mais antigos e mais correctos? As profecias de

¹⁴⁰ [§ 122 na ed. de HC.]

¹⁴¹ [sublinhada no original parte da frase: repito os versos porque os não, sendo este sublinhado aparentemente extensível a toda a frase, uma vez que, por cima da palavra versos, se encontra um asterisco que remete para a margem, onde se pode ler o seguinte texto: são da trova 3ª / O sumagre com a cal/ faz os couros ser mociços,/ há quantos há maus noviços/ nessa ordem episcopal. Este acrescento não figura no ms. TT.]

¹⁴² de Bandarra] [na marg.]

¹⁴³ [45 em BN. Não é visível qualquer indicação do parágrafo 44.]

¹⁴⁴ [§ 123 na ed. de HC.]

¹⁴⁵ [§ 124 na ed. de HC.]

¹⁴⁶ [fl. 109 v.]

¹⁴⁷ [§ 125 na ed. de HC.]

¹⁴⁸ de] [entrel.]

5

10

15

...e posto que podera dizer que bastava às **predicçoens** & à verdade de serem suas...

20

25

...excepto somente o ponto que já fica disputado de ser **J** ou **F**¹³ a primeyra letra do nome do *Rey novo*.

30

...os quaes todos no tempo da Acclamação **passarão**¹⁴ de oitenta annos de antiguidade,...

35

40

45

¹³ J ou F] [*leitura errada da lição de TT F ou J.*].

¹⁴ **passarão**] [*leitura errada da lição de TT passavam.*].

S^a. Gertrudes, de S^a. Ludgardes¹⁴⁹, de S. Metódio, de S. Malaquias, e outras, tendo chegado a nossos tempos e a nossas mãos pelo curso e variedade de tantos séculos e tantos escritos¹⁵⁰, dizemos contudo que são suas, e como tais as interpretamos e veneramos. E porque não daremos ao menos o mesmo crédito às que passaram das mãos
5 de seu autor às de nossos avós, e delas, sem mais intervalos, chegaram às nossas? Os escritos das Sibilas, que segundo alguns autores competem na antiguidade com os de Moisés, e depois deles é certo que são os mais antigos do mundo, havendo padecido tantos naufrágios quantos se podem ler em Marco Varrão, Plínio, Suetónio, e outros, são
10 contudo alegados pelos Santos Padres, e de seus versos fazem forçoso argumento contra os Gentios, não temendo que lhe possam dizer que estão corruptos e não são das Sibilas, porque a esta objecção tem respondido e satisfeito a fé moral e humana com que estão recebidos por seus. E finalmente, este é o uso e praxi comum com que se têm as obras de todos os escritores¹⁵¹ antigos, dando-se a seus ditos o crédito que merecem conforme andam impressos, sem se recorrer ao tempo em que foram manuscritos, e podiam ter
15 variedade ou corrupção.

¹⁵² Mas posto que eu me pudera contentar com dar ao presente argumento a mesma repostada, confirmada com tantos, tão graves e tão universais exemplos, e posto que pudera dizer que bastava às **predições de Bandarra**, e à verdade de serem suas na forma em que estão impressas, a mesma probabilidade de todos os outros livros de que se
20 fizeram muitas cópias manuscritas antes de se imprimirem, respondo e digo contudo que o antecedente do dito argumento é falso enquanto diz, ou pretende dizer, que as predições que acabamos de referir e explicar são viciadas ou corruptas. Porque, ainda que em outros lugares de Bandarra haja alguma variedade ou corrupção, nos ditos lugares¹⁵³ e predições alegadas não há¹⁵⁴ corrupção nem variedade alguma, o que se prova
25 e demonstra por muitos princípios.¹⁵⁵

¹⁵⁶ 1^o. Porque todos os exemplares manuscritos concordam nos ditos lugares sem diversidade nem discrepância¹⁵⁷, excepto somente o ponto que já fica disputado, de ser **F**
ou J a primeira letra do nome do Rei novo, em prova da qual verdade se podem ver
30 todos os exemplares antigos, de que há muitos no reino.

¹⁵⁸ 2^o. Porque as ditas predições, na forma em que estão referidas¹⁵⁹, são tiradas do exemplar impresso, o qual foi copiado e concordado com os mais antigos e autênticos que no reino havia, os quais todos no tempo da Aclamação **passavam** de oitenta anos de antiguidade, e eram mui chegados ao tempo em que o mesmo Bandarra ofereceu o original das suas obras ao Bispo-da-Guarda, e como tão vizinhos à fonte não podiam ter
35 contraído o vício e corrupção que com o tempo e multidão de treslados se vai adquirindo¹⁶⁰.

¹⁴⁹ Ludgardes] [*Luthgardes na ed. de HC.*]

¹⁵⁰ escritos] [*segue-se e risc. no início da linha.*]

¹⁵¹]fls. 163 em TT.]

¹⁵²]§ 126 na ed. de HC.]

¹⁵³ lugares] [*segue-se lugares risc.*]

¹⁵⁴ há] [*entrel.*]

¹⁵⁵ princípios] [*segue-se 1^o risc.*]

¹⁵⁶]§ 127 na ed. de HC.]

¹⁵⁷ discrepância] [*segue-se alguma risc.*]

¹⁵⁸]§ 128 na ed. de HC.]

¹⁵⁹ referidas] [*segue-se fo risc.*]

¹⁶⁰ adquirindo] [*no original adquirindo.*]

5

...com o testemunho do effeito & da experiencia, *porquanto* a primeyra parte...

10

...& treslado *muy* legitimo do proprio original.

15

...que, mandando Deos escrever em *versos*¹⁵ certas predicçoens denunciadas por Moyses, & *que se*¹⁶ apprendessem *tambem* de memoria & as cantassem...

20

25

...que em semelhante genero de *escrita*¹⁷ se pode pedir.

30

133 Finalmente, ou por estes ou por outros fundamentos, he certo que os ditos versos na forma referida estão geralmente recebidos em todo o Reyno por de Ban [fls. 163.º] darra & allegados & pregados por de Bandarra, & impressos em infinitos papeis sagrados & profanos por de Bandarra, correndo & sendo approvados como taes pello juizo de todos aquelles tribunaes & ministros a que pertence o exame dos livros. Donde se segue que, ainda que hoje constara & se provara por outra via que não erão os ditos versos de Bandarra, não se tirava com isto a probabilidade & justificação com que no papel censurado lhe forão attribuidos, segundo a estimação, supposição & approvação commum, que não só basta a fazer opinião, mas excede muito os termos da ordinaria.

35

40

2ª Objecção

45

¹⁵ versos] [*leitura errada da lição de TT verso.*].

¹⁶ se] [*leitura errada da lição de TT as.*].

¹⁷ escrita] [*leitura errada da lição de TT Escritura.*].

¹⁶¹ 3°. Porque os ditos exemplares de que foi copiado o impresso não eram os do vulgo, em que se acha e contrai facilmente a dita corrupção, mas eram¹⁶² os que se guardavam e conservavam nos *escrínios das pessoas mais graves e doutas, e não de uia só senão de muitas, entre as quais era o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, varão tão erudito nas antiguidades do reino e tão¹⁶³ diligente e exacto averiguador delas, e que tão grande tesouro tinha dos melhores e mais autênticos manuscritos.¹⁶⁴

¹⁶⁵ 4°. Porque a verdade e certeza do dito exemplar impresso está provada e qualificada com o testemunho do efeito e da experiência, *porque* a primeira parte das predições que acima devidimos e explicámos foi verificada antes de o dito exemplar se imprimir, e a segunda depois de estar impresso, e tão ajustados saíram os sucessos das segundas predições como tinham saído os das primeiras, o que de nenhum modo¹⁶⁶ pudera ser se o dito exemplar não fora verdadeiro e treslado *muito* legítimo do próprio original.

¹⁶⁷ 5°. Porque os velhos e antigos, que sabem de memória as sobreditas predições, repetem os versos ou trovas delas pelas mesmas palavras com que as referimos, tendo-as aprendido e ouvido assi aos mais antigos, a qual memória e tradição é um género de prova tão calificado que, mandando Deus escrever em *verso* certas predições denunciadas por Moisés¹⁶⁸, e *que as* aprendessem *todos*¹⁶⁹ de memória, e as cantassem, como¹⁷⁰ se refere¹⁷¹ no capítulo 31¹⁷² do Deuteronomio, chama à memória dos mesmos versos que se havia de ir conservando por tradição testemunho indelebil das ditas predições: Respondebit ei canticum istud pro testimonio quod nulla delebit obliuio [Trad. 3].

¹⁷³ 6°, e último, porque assi os sentem geralmente¹⁷⁴ os curiosos, doutos, versados neste género de erudição, os quais concordam em que as ditas trovas, pelas palavras com que as referimos, são próprias, verdadeiras e legítimas de Bandarra, sem variedade, mudança ou corrupção algua, aos quais se deve tanto crédito nesta ciência¹⁷⁵ como aos Professores de qualquer arte na sua. Assi que se não deve duvidar da verdade ou legitimidade das sobreditas predições, pois consta e se prova serem as próprias com toda a certeza moral que em¹⁷⁶ semelhante género de *escritura* se pode pedir.¹⁷⁷

¹⁶¹ [§ 129 na ed. de HC.]

¹⁶² eram] [entrel.]

¹⁶³ tão] [segue-se exacto risc.]

¹⁶⁴ [fl. 110 r.]

¹⁶⁵ [§ 130 na ed. de HC.]

¹⁶⁶ modo] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁶⁷ [§ 131 na ed. de HC.]

¹⁶⁸ denunciadas por Moisés] [na marg.]

¹⁶⁹ todos] [entrel.]

¹⁷⁰ como] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁷¹ refere] [segue-se uma ou mais letras risc.tendo a última letra da palavra refere sido corrigida.]

¹⁷² 31] [sublinhado no ms.]

¹⁷³ [§ 132 na ed. de HC.]

¹⁷⁴ geralmente] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹⁷⁵ ciência] [no original sciencia, et passim.]

¹⁷⁶ em] [a palavra encontra-se precedida de um s risc.]

¹⁷⁷ [na marg. pode ler-se a seguinte nota: Aqui, antes do título da objecção, entra o aditamento 5º Litera E. O advérbio aqui encontra-se escrito com dois a, um maiúsculo e um minúsculo, e verifica-se uma hesitação, entre do e da não tendo o primeiro sido cancelado. O aditamento em questão encontra-se efectivamente em TT (§ 133 na ed. de HC).]

5

10

...no Testamento Novo **por tradição & consenso comum...**¹⁸

15

...os sentidos & explicaçoens que **lhes**¹⁹ **damos**,...

20

...como acima **mostramos**....

25

30

35

40

45

¹⁸ ...no Testamento Novo por tradição & consenso comum...] [*leitura errada da lição de TT ...no Testamento Novo ou por tradição e consenso comum...*].

¹⁹ lhes] [*leitura errada da lição de TT lhe.*].

178^a Objecção

179 As explicações que se dão às sobreditas predições, ainda que sejam próprias e acomodadas, não consta nem¹⁸⁰ pode constar que sejam as verdadeiras, porque muitas
5 das sobreditas predições falam por metáforas e enigmas, que são termos muito escuros e duvidosos. Logo, não se pode afirmar e dizer que as predições ou chamadas Profecias de Bandarra estão provadas com o efeito e cumprimento das cousas profetizadas.

181 Deste argumento podemos dizer (como dissemos do primeiro) que, se fora verdadeiro o assunto dele, também tirava do mundo todo o uso dos livros proféticos,
10 ainda dos que cremos e reverenciamos como canônicos, porque, exceptas algüas poucas profecias que estão declaradas no Testamento Novo **ou por tradição** e consenso comum da Igreja¹⁸², a cujas explicações devemos dar crédito os Católicos pela fê que professamos, a todas as outras podem responder, assi *Católicos e Hereges como Judeus e Gentios, que os sentidos e explicações que **lhe damos**, ainda que sejam ou pareçam
15 acomodadas, não são as próprias nem as verdadeiras, e por conseguinte que não estão ainda provadas com o efeito e cumprimento¹⁸³ das cousas preditas, com que cessa, cai¹⁸⁴ *e se derroca de um golpe aquele fortíssimo e invencível argumento com que os Padres provam aos Gentios a verdade das nossas Escrituras, e com que os Profetas e o mesmo Deus provava aos *Idólatras a verdade de sua divindade, como acima **dissemos**.

185 Mas¹⁸⁶ respondendo mais em particular a tudo o que diz ou pode dizer a objecção, concedo que algüas das cousas que estão escritas nas ditas predições são metafóricas e enigmáticas; porém, outras muitas, e as mais delas, é certo que se dizem com *palavras muito claras, muito chãs, muito vulgares e muito portuguesas, sem enigma nem metáfora
25 algüa que possa fazer dúvida ou escuridade. E, quando menos, aquelas predições que são deste segundo género de nenhum modo se pode negar que estão clara e manifestamente cumpridas. Quando em Jerusalém se duvidava das profecias de Isaías, pela¹⁸⁷ majestade das figuras e profundidade do estilo com que este sublime Profeta falava, disse-lhe Deus que escrevesse üa profecia com estilo de homem: Summe tibi librum grandem et¹⁸⁸ scribe in eo stilo hominis [Trad. 4], querendo dizer que escrevesse com estilo vulgar, claro e sem metáforas, que todos pudessem entender, porque as profecias que são deste género, se o efeito corresponde à significação clara e vulgar das mesmas palavras, de nenhum modo se pode negar que estão cumpridas. E tais são muitas das predições que acima referimos e declarámos. Que cousa mais clara que *já o tempo desejado é chegado; e já se serram os quarenta* ? Que cousa mais clara que *o Rei novo é levantado; e o seu nome*

178 [46 em BN.]

179 [§ 134 na ed. de HC.]

180 nem] [palavra intercalada em TT, segundo nota de HC (cf. vol. I, p. 82, nota (1)).]

181 [§ 135 na ed. de HC.]

182 ou por tradição e consenso comum da Igreja] [na marg. Note-se que em TT este acrescento está inserido no corpo do texto, mas a expressão Testamento Novo, imediatamente anterior ao referido acrescento, encontra-se escrita à margem, segundo nota de HC (cf. vol. I, p. 82, nota (2)).]

183 cumprimento] [segue-se um traço oblíquo.]

184 cai] [no original caie.]

185 [§ 136 na ed. de HC.]

186 Mas] [palavra escrita na linha anterior, mas sem continuidade, estando o resto da linha em branco. A linha seguinte inicia-se com um espaço correspondente ao de início de parágrafo e letra maiúscula. Na ed. de HC o novo parágrafo começa por Mas, o que leva a crer que a palavra esquecida no final do parágrafo anterior em BN foi, em TT, integrada no novo parágrafo.]

187 pela] [segue-se uma palavra risc.]

188 [fl. 110v.]

5

...avendo dito o numero dos annos, **accrescenta**²⁰-*hum dos três*...

10

...já temos **provada** esta parte...

15

...Deos falla pellos Profetas; **por isso**²¹ no lugar proxivamente citado...

20

25

30

35

40

...humas sejam claras, **outras escuras, as mais escuras entendemse pellas mais claras,**
& assy ficão igualmente entendidas...²²

²⁰ accrescenta] [*leitura errada da lição de TT accrecentar.*].

²¹ ...Deos falla pellos Profetas; por isso...] [*leitura errada da lição de TT ...Deos falla pellos Profetas; e por isso...*].

²² ...outras escuras...pellas mais claras...] [*leitura errada da lição de TT ...outras escuras; as mais claras entendemse por sy mesmas, e as mais escuras entendemse pellas mais claras...*].

5 *é Dom João ? Que cousa mais clara que vir-lhe-ão novas num instante daquelas terras
 prezadas, as quais estão declaradas e afirmadas pelo Rei dali em diante? Que cousa mais
 clara que não tema o Turco não nesta sezão ? Que cousa mais clara*¹⁸⁹ *que, depois de
 falar em Comendadores e Prelados, dizer todos contribuirão e haverá gram confusão em
 toda a sorte de estados ? Que cousa mais clara que, havendo dito o número dos anos,
 acrescentar: um dos três que vem arreo demonstra ser gram perigo, haverá açoute e
 castigo em gente que não nomeo? Que cousa mais clara que Vejo sair um Fronteiro do
 Reino de Trás-da-serra? Estas e outras semelhantes predições cuja significação é tão
 clara, e cujo efeito foi tão conforme e tão proporcionado com a significação, de nenhum
 10 modo se pode duvidar que estão cumpridas, e quando menos já temos provado esta
 parte.*

15 ¹⁹⁰ Quanto à das metáforas e enigmas, primeiramente se deve advertir que não é
 discrédito da profecia nem da sua verdade escrever-se por semelhantes termos, antes é
 propriedade do estilo profético, ou por melhor dizer do estilo divino com que Deus fala
 20 pelos Profetas, e por isso, no lugar proximamente citado, quando Deus mandou¹⁹¹ a
 Isaías que escrevesse claro, disse-lhe que escrevesse com estilo de homem, porque
 quando os Profetas escrevem com estilo de Deus escrevem com estilo altíssimo e
 profundíssimo, e por isso escuro e dificultoso de entender. Mas este mesmo estilo escuro
 e dificultoso, depois que o tempo e o sucesso o explica, logo fica claro e corrente. Assi
 25 como o enigma, diz S. Ireneu, antes de se acertar o significado dele é muito escuro, e
 depois de sabido o significado fica muito claro, assi as profecias, que são enigmas de
 Deus e dos Profetas, antes que as declare o sucesso não se entendem, mas interpretadas
 pelo mesmo sucesso logo ficam patentes e manifestas. De maneira que, assi como, tanto
 que se dá no sentido do enigma, por ùas cousas se vão logo tirando as outras, assi nas
 30 profecias, depois que o sucesso as começa a declarar, pelas mais claras se vão
 conhecendo as mais escuras, e tão certa e verdadeira fica a explicação de ùas como a das
 outras, porque nas palavras próprias entende-se o sentido natural, e nas metafóricas a
 significação alegórica. ¹⁹²Ponho exemplo nas mesmas predições referidas. Naquela
 predição *antes que serrem quarenta erguer-se-á gram tormenta* não era fácil de entender
 que significasse em particular a metáfora de tormenta, mas tanto que o sucesso explicou
 35 nos versos seguintes qual era o tempo desejado, e qual o ano de quarenta, logo se
 conheceu que a tormenta precedente tinha sido *o Levantamento de Évora. A grifa
 parideira também era figura verdadeiramente enigmática e não tão facil de explicar, mas,
 tanto que o sucesso declarou o verso antecedente *O Rei novo é levantado*, logo se
 40 entendeu que o seguinte¹⁹³ *já assoma sua bandeira contra a grifa parideira* se entendia
 de Castela, e entendida a significação também foi facil investigar e acomodar as
 propriedades. Da mesma maneira, era mui dificultoso de interpretar quem fosse o Agudo
 e Excelente, e quem o Lanudo e mui sisudo, mas como esta dificultosa trova se seguia
 imediatamente a outra em que se referem as novas que haviam de vir ao Rei de estarem
 45 declaradas por ele as terras presadas das conquistas, logo naturalmente se veo em
 conhecimento dos¹⁹⁴ dous Viso Reis, e se lhe applicaram e acomodaram as propriedades
 que tão individualmente lhe pertenciam. Assi que, ainda que as palavras das ditas
 predições ùas sejam claras e outras escuras, as mais claras entendem-se por si

¹⁸⁹ clara] [segue-se uma abreviatura de que risc.]

¹⁹⁰ [§ 137 na ed. de HC.]

¹⁹¹ [fls. 164 em TT.]

¹⁹² [§ 138 na ed. de HC.]

¹⁹³ seguinte] [seguem-se uma ou duas palavras risc.]

¹⁹⁴ dos] [segue-se uma letra risc.]

5

10

15

...que são razão natural & **scrita**²³ divina...

20

...que são o objecto & exemplar antevisto, **pella** qual a mesma profecia foy regulada...

25

30

35

40

45

²³scrita] [*leitura errada da lição de TT escritura.*].

mesmas, e as mais escuras entendem-se pelas mais claras¹⁹⁵, e assi ficam igualmente entendidas ùas e outras, sendo o sucesso, pela maior parte, o primeiro e principal intérprete de todas.

5 Confirma-se a verdade ou probabilidade das mesmas explicações¹⁹⁶

197 Outra regra geral temos pela qual somos obrigados a confessar que as sobreditas
 10 predições estão bem interpretadas e que os efeitos que lhe aplicamos são o verdadeiro
 cumprimento delas. A regra é não¹⁹⁸ menos que de S. Agostinho, o qual diz que todas as
 vezes que a história responde à profecia sem repugnância entre ùa e outra se há-de
 entender que a profecia está bem interpretada, e que a história e seus sucessos são o
 verdadeiro cumprimento dela¹⁹⁹. As palavras de S. Agostinho cita Scherlogo²⁰⁰ nos seus
 Antilóquios²⁰¹ dos Cânticos; e a mesma regra trazem Salmeirão,²⁰² Ribeira,²⁰³ Hortulano,
 15 Benedito Pereira, Alcaçar²⁰⁴, e geralmente todos os expositores dos Cânticos e
 Apocalipse, que são os mais escuros de todos os Livros Sagrados; e por isso mesmo são
 os mais escuros²⁰⁵, porque neles é tão dificultosa de acomodar a história com a
 profecia.²⁰⁶ Funda-se esta regra nos dous mais sólidos princípios de toda a ciência e
 verdade, que são razão natural e escritura divina. Porque a razão natural está claramente
 ditando que per²⁰⁷ nenhum modo se pode conhecer e averiguar o verdadeiro
 20 cumprimento da profecia senão pela combinação e correspondência dos sucessos, que
 são o objecto e exemplar antevisto pelo qual a mesma profecia foi regulada. E nenhum
 homem houve tão contumaz e indócil, ainda que fosse o Gentio mais bárbaro, que
 pedisse outra prova do verdadeiro sentido²⁰⁸ da profecia, mais que a propriedade ajustada
 desta correspondência, como se pode ver, sem exemplo em contrário, em todas as
 25 apologias dos Padres e em todas as disputas que tiveram contra infiéis.

209 Os testemunhos da Escritura em confirmação da dita regra²¹⁰ são os de todos os
 Evangelistas,²¹¹ em que temos os exemplos das mais claras e também os das metafóricas e
 mais escuras. Claramente disse David no salmo 21²¹²: Diviserunt sibi vestimenta mea et

¹⁹⁵ [fl. 111r.]

¹⁹⁶ Confirma-se a verdade ou probabilidade das mesmas explicações] [este título encontra-se claramente inserido, em letra mais pequena, entre os dois parágrafos, sendo precedido por um traço, que os separa, e um sinal de parágrafo: §.]

¹⁹⁷ [47 em BN. Par. 139 na ed. de HC.]

¹⁹⁸ não] [segue-se uma palavra entrel. risc.]

¹⁹⁹ dela] [entrel. a substituir da Profecia, risc. na linha.]

²⁰⁰ Scherlogo] [no original Schelogo, com o r entrel.]

²⁰¹ Antilóquios] [Anteloquios na ed. de HC, com o significado de "prefácio". Trata-se certamente de um lapso de BN corrigido em TT.]

²⁰² Salmeirão] [Salmeiram na ed. de HC. Segue-se uma palavra risc.]

²⁰³ Ribeira] [Ribera na ed. de HC.]

²⁰⁴ Hortulano, Benedito Pereira, Alcaçar] [na marg. Alcaçar está precedido de um parêntese não fechado. Perera na ed. de HC.]

²⁰⁵ e por isso mesmo são os mais escuros] [na marg.]

²⁰⁶ Profecia] [segue-se texto risc. com a extensão aproximada de duas linhas.]

²⁰⁷ per] [por na ed. de HC.]

²⁰⁸ sentido] [na marg.]

²⁰⁹ [§140 na ed. de HC.]

²¹⁰ [fls. 154 v em TT. Trata-se certamente de um lapso, por 164 v, uma vez que o fl anterior é o 164 e o seguinte o 165.]

²¹¹ Evangelistas] [segue-se: excepto S. Marcos, que, como abreviador de S. Mateus, não cita profecias:, risc.]

²¹² 21] [sublinhado no original.]

5

10

15

20 ...fallando ao²⁵ letrado Povo de Israel...

...capitulo 31, *Vox in Roma*²⁶ *audita est ploratus et ululatus multus Rachel plorans filios suos*, fallando da destruição..

25

30

35

40

45

²⁵ ao] [*leitura errada e conjectura não assinalada da lição de TT a Letrado.*].

²⁶ Roma] [*leitura errada da lição de TT Ramá.*].

super vestem meam miserunt sortem [Trad. 5]. E posto que não declarou o Profeta de quem falava, pela propriedade da correspondência a verificou o Evangelista S. João de Cristo, dizendo: Ut Scriptura impleretur etc. [Trad. 6]. Claramente disse também o mesmo David no salmo 68²¹³: Dederunt in escam meam fel et in siti mea potaverunt me aceto [Trad. 7]. E posto que também neste lugar não exprimiu a pessoa, o mesmo Evangelista S. João, referindo o fel e vinagre da cruz, pela correspondência do sucesso, o verificou por cumprimento infalível da profecia, acrescentando às palavras dela: Facta sunt enim haec²¹⁴ ut Scriptura impleretur [Trad. 8]. Claramente disse da mesma maneira Jeremias: acceperunt triginta argenteos pretium appretiati, quem appretiaverunt a filiis Israel, et dederunt cum in agrum figuli [Trad. 9]. E posto que este Profeta assi mesmo²¹⁵ não declarou de quem profetizava, referindo S. Mateus o caso de Judas e²¹⁶ o emprego do dinheiro lançado no templo, pela propriedade do sucesso e suas circunstâncias o calificou por verdadeiro cumprimento daquela profecia: Tunc impletum est quod dictum est per Ieremiam Prophetam [Trad. 9].

²¹⁷ Nas profecias metafóricas e figurativas (em que pudera haver mais dúvida)²¹⁸ seguem o mesmo estilo os Evangelistas. Em metáfora e figura disse Moisés no capítulo 12²¹⁹ do Êxodo, falando do Cordeiro Pascal: Os non comminuetis ex eo [Trad. 10], e referindo S. João como, quebradas as canelas aos ladrões, não as quebraram a Cristo, aqui afirmou que tivera seu cumprimento aquela Escritura. Em metáfora e em figura disse o Profeta Oseas no capítulo 11, falando a letra do povo de Israel.²²⁰ Ex Aegypto²²¹ vocavi filium meum [Trad. 11], e referindo S. Mateus o desterro de Cristo ao Egipto, donde outra vez voltou para a pátria, aqui afirma²²² também que teve²²³ seu cumprimento aquela profecia. Em metáfora e em figura disse Jeremias no capítulo 31: Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus, Rachel plorans filios suos²²⁴ [Trad. 12], falando da destruição de Jerusalém e *cativeiro de Babilónia, e referindo o mesmo S. Mateus o

²¹³ 68] [sublinhado no original.]

²¹⁴ haec] [no ms. hec.]

²¹⁵ assi mesmo] [no ms. as...esmo, com várias letras ilegíveis devido a um borrão de tinta. A reconstrução destes lugares ilegíveis foi possível graças ao confronto com TT.]

²¹⁶ Judas e o emprego] [no ms. Judas o emprego.]

²¹⁷ [§ 141 na ed. de HC.]

²¹⁸ (em que podera haver mais dúvida)] [na marg.]

²¹⁹ 12] [sublinhado no original.]

²²⁰ falando a letra do povo de Israel] [Esta lição é comum aos ms. BN e TT. H.C., no entanto, optou por uma conjectura absolutamente injustificada e lesiva do sentido do texto, que, aliás, não refere como tal: falando ao Letrado Povo de Israel. Letra está obviamente aqui no sentido de "texto" e nesse mesmo sentido se encontra também em outros lugares: Ex: Fala a letra de Cristo debaixo do nome de David... (Questão 6).]

²²¹ Aegypto] [Agypto no original.]

²²² afirma] [segue-se uma palavra risc.]

²²³ que teve] [na marg.]

²²⁴ [Na ed. de HC pode ler-se: Vox in Roma audita est ploratus et ululatus multus Rachel plorans filios suos. A citação é acompanhada pela seguinte nota do editor: "No texto da Bíblia que uso: vox in excelso audita est lamentationis, luctus et fletus Rachel plorantis filios suos. (Jer. 31-15). É em S. Mateus II, 18 que vem o passo citado por Vieira". (cf. vol. I, p. 87, nota 1). Quer a leitura, quer a nota de HC, merecem comentário. Quanto à leitura, Roma é obviamente uma banalização, por Ramá, uma vez que, além de anacrónica, não está de acordo com a acção e personagem em questão, que se situam naturalmente em Israel, ainda que não necessariamente dentro das actuais fronteiras, que são, como se sabe, mais restritas. Quanto à nota do editor, uma vez que, como o próprio Cidade refere, Vieira cita Mateus que, por sua vez, cita Jeremias, a referência ao passo de Jeremias não só é desnecessária como induz o leitor em erro quanto à exactidão da citação de Vieira.]

...se os Judeos desfizessem o templo, o **reedificaria** dentro em três dias;

5

10

15

...E **porque** neste ponto...

20

...a resposta que **lhes deo** foy fazer...

25

..., que he do **capitulo 11 de S. Matheos**,...²⁷

30

35

40

45

²⁷ ...que...Matheos,...] [*leitura errada da lição de TT, com parênteses curvos.*].

sucesso dos Inocentes de Belém²²⁵ mortos por Herodes, aqui afirma da mesma maneira²²⁶ que teve aquela lamentação profética seu cumprimento. Finalmente, em metáfora e em figura disse Cristo que se os Judeus desfizessem o templo **ele o reedificaria** dentro em três dias; e referindo o Evangelista S. João estas palavras, acrescenta que, quando o mesmo Senhor²²⁷ ressuscitou, então entenderam os discípulos que na sua ressurreição se cumprira a profecia.

²²⁸ De sorte que em todo o género de profecias, ou sejam claras ou metafóricas, a regra dos Doutores, dos Padres, e dos mesmos Evangelistas, para se conhecer e afirmar que estão provadas com o efeito e verdadeiramente interpretadas e²²⁹ cumpridas, é a combinação, propriedade e correspondência dos sucessos ajustados com as mesmas profecias. Onde se deve notar que a razão de os Evangelistas na sua história²³⁰ citarem os lugares dos Profetas foi porque escreviam para a conversão de todos os Gentios e infieis do mundo.²³¹ E para que estes se persuadissem e convencessem a que as ditas profecias estavam cumpridas em Cristo, de nenhum outro argumento usaram mais que a simples narração do sucesso, combinado, apropriado e ajustado com as mesmas profecias, entendendo que contra a razão desta correspondência nenhum entendimento haveria que resistisse, e que todos os que confessassem a verdade da história creriam²³², da narração somente²³³ dos sucessos dela, que as ditas profecias estavam cumpridas. E **para que**²³⁴, neste ponto tão essencial deste papel, nos não falte a autoridade do mesmo Cristo, quando S. João Baptista, por dous discípulos seus, mandou perguntar ao mesmo Senhor se era ele o Messias, a resposta que **lhe deu** foi fazer diante deles muitos milagres, dando olhos a cegos, pés a mancos, ouvidos a surdos e língua a mudos, e dizer que dissessem a João o que tinham visto e ouvido, porque a evidência e correspondência destas obras, combinadas com o que do Messias tinham escrito e prometido os Profetas²³⁵, era testemunho claro, manifesto e irrefragavel de ser ele o verdadeiro Messias, pois se via com a mesma clareza que as suas profecias se cumpriam nele. Assi o dizem sobre este lugar (**que é do capítulo 11**²³⁶ **de S. Mateus**) todos os Padres e Expositores.

²³⁷ Sendo logo esta regra geral tão certa, tão recebida e tão provada, e sendo assi mesmo certo²³⁸, conforme a ela, que a verdadeira, própria e natural interpretação das profecias é²³⁹ aquela que reciprocamente as ajusta com o sucesso, de nenhum modo se pode²⁴⁰ negar que as Predições de Bandarra que acima explicámos estão bem interpretadas, pois o sucesso se ajusta com elas e elas com o sucesso com tanta propriedade. Donde se segue e conclui, em contrária consequência do que queria inferir

²²⁵ Belém] [no original Bethem.]

²²⁶ [fl. 111v.]

²²⁷ Senhor] [no original Senor, com o h acrescentado na entrelinha.]

²²⁸ [§ 142 na ed. de HC.]

²²⁹ interpretadas e] [na marg.]

²³⁰ história] [segue-se uma palavra risc.]

²³¹ mundo.] [por debaixo do ponto encontra-se um pequeno risco que, aparentemente, anula uma vírgula, substituindo assim um ponto e vírgula por ponto. No entanto, é ponto e vírgula que encontramos na ed. de HC.]

²³² creriam] [seguem-se várias palavras risc. ilegíveis.]

²³³ somente] [na marg.]

²³⁴ para que] [no original p^a que.]

²³⁵ Profetas] [segue-se uma palavra risc.]

²³⁶ 11] [sublinhado no original.]

²³⁷ [fls. 165 em TT.]

²³⁸ assi mesmo certo] [na marg.]

²³⁹ é] [entrel.]

²⁴⁰ pode] [segue-se uma letra risc.]

5

10

15

...o Senhor lhe dissera, que o seu Filho vivia. **Esta foy, finalmente,**...

20 ...& atados estão os successos **com elles,**...

25

30

35

40

45

o argumento, que as ditas predições ou chamadas profecias estão provadas, como diz a menor do nosso silogismo, com o efeito e cumprimento das cousas profetizadas.

²⁴¹2ª Confirmação.

5

Confirma-se mais o fundamento da mesma verdade, ou probabilidade²⁴², com a ponderação de duas circunstâncias principais que nas ditas predições e cumprimento delas muito se devem notar, e são as que mais qualificam a certeza e verdade de qualquer profecia e fazem indubitavel a interpretação dela se concorda com o sucesso.²⁴³ A 1ª é a circunstância²⁴⁴ e pontualidade do tempo. Esta foi a que grandemente autorizou e acreditou a profecia de Jeremias, dizendo que o cativeiro de Babilónia havia de durar pontualmente setenta anos. Esta foi a que deu²⁴⁵ nome de profeta a José²⁴⁶ em toda a corte do Egipto, assegurando que *a restituição do copeiro de Faraó havia de ser dali a três dias. Esta foi a que confirmou ao *Arquisinagogo em que Cristo era verdadeiro filho de Deus, averiguando a certeza e correspondência da hora em que o Senhor lhe dissera que o seu filho vivia. E esta foi finalmente a razão porque, naquela noite em que a fé de Pedro havia de padecer tão grande naufrágio, para o Senhor o tornar a confirmar nela, profetizando que o havia de negar três vezes,²⁴⁷ acrescentou que seria antes que o galo cantasse. Pondere-se²⁴⁸ agora a circunstância dos tempos nas predições de Bandarra, e ver-se-á quão ligados e atados estão os sucessos com elas, e como as interpretações que lhe demos não só são próprias e acomodadas²⁴⁹, senão forçosas e urgentíssimas, e tais que não podem ser outras. Na predição do *Rei novo levantado, disse que havia de ser no ano²⁵⁰ de quarenta, e determinadamente não no princípio nem no meio senão no fim dele. Na predição da *tormenta de Évora, disse que havia de ser antes do dito ano de quarenta. Na predição do tempo sem Rei²⁵¹, disse que haviam de ser trinta dous anos e meio, que fazem pontualmente os sessenta e um anos que foram. Na predição do *açoute e castigo em gente particular que não nomea²⁵², disse que havia de ser em um dos três anos que se seguiam arreo. Na predição do grão dano, disse que havia de ser nos anos quarenta e um pelo ferir do Cometa. Na predição das novas que haviam de vir das conquistas, disse que viriam em um instante. Na predição da vitória do Cano, disse que havia de ser a hora em que as cousas se vêem como por peneira. Finalmente, na predição da ruína do Turco, disse que não havia de ser na sezão nem no tempo em que então falava. E todos estes²⁵³ sucessos e interpretações deles, sobre serem tão próprios e tão acomodados, vão tão fechados com estas circunstâncias de tempo que não discrepam delas ùa cifra, e isto sem torcer nem violentar, senão natural e espontaneamente, que é

35

²⁴¹ [48 em BN. § 143 na ed. de HC. O título é precedido de um traço e de sinal de parágrafo: §.]

²⁴² probabilidade] [no ms. probab...ade. Um borrão de tinta impede a leitura de quatro letras. No entanto, dado o contexto, a reconstituição não oferece quaisquer dúvidas.]

²⁴³ e fazem indubitavel a interpretação dela se concorda com o sucesso.] [na marg. § 144 na ed. de HC.]

²⁴⁴ circunstância] [segue-se de risc.]

²⁴⁵ deu] [segue-se uma palavra entrel. risc.]

²⁴⁶ José] [no original Joseph, et passim.]

²⁴⁷ vezes] [entrel.]

²⁴⁸ Pondere-se] [entre o verbo e o clítico encontram-se uma ou duas letras risc.]

²⁴⁹ [fl. 112r.]

²⁵⁰ ano] [no original a-no, com um espaço em branco no lugar da letra reconstituída.]

²⁵¹ Rei] [segue-se uma palavra risc]

²⁵² nomea] [segue-se uma letra risc.]

²⁵³ estes] [entrel. a substituir os risc. na linha.]

5

10

15

20

25

...se avia logo de *amançar & as causas porquê*, passa...

30 ...**Então**²⁸, deixando em silêncio...

35 ...Diz em geral **a vontade & presteza** com que...

40

45

²⁸Então] [*leitura errada da lição de TTE não.*].

tudo o que se pode pedir e desejar para ùa interpretação ser adequadamente própria e ajustada.

²⁵⁴ A 2ª circunstância é a da ordem. Esta circunstância não é necessária nos livros proféticos, antes é mui ordinário neles saltar de um propósito a outro, como se vê em todos os Profetas, e mais clara²⁵⁵ e ordinariamente nos versos de David. E assi o notam, depois de S. Jerónimo e S. Agostinho e os mais Padres que comentaram Profetas, todos os autores modernos que mais distinta e metodicamente seguem o mesmo instituto, como Sanchez, Cornélio, Ribeira, Castro e os demais. Contudo, se a profecia (como sucede algúias vezes) segue a ordem do sucesso e o sucesso a ordem da profecia, esta sucessiva travação e ordem continuada dos efeitos com as predições, assi como nas mesmas predições é o mais indubitavel argumento de não serem humanas, assi nos ditos efeitos é a mais evidente demonstração de serem eles, e não outros, os preditos, ou profetizados. Não é menos que do mesmo Deus o testemunho com que se prova esta circunstância²⁵⁶, o qual Senhor, no capítulo 44²⁵⁷ de Isaiás, provando ser ele só Deus, pela certeza e verdade com que desde o princípio do mundo tinha predito os futuros por seus Profetas, a circunstância com que muito encarece e pondera a demonstração desta verdade é a ordem dos mesmos futuros e sucessos profetizados: Ego primus et ego novissimus, et absque me non est Deus, quis similis mei vocet²⁵⁸ et anuntiet, et ordinem exponat mihi ex quo constitui populum antiquum. Ventura et quae futura sunt annuncient eis. Etc. [Trad. 13].

²⁵⁹ E se a ordem nos futuros profetizados é tanta prova da verdade da profecia como do conhecimento do sucesso²⁶⁰, o qual não pudera *ir travado com ela pelos mesmos passos se não fora verdadeiramente o mesmo; quem não vê e reconhece²⁶¹ em toda a primeira parte das predições que explicámos a admiravel ordem com que estão por seu autor dispostas e continuadas, como se fora um Historiador muito pontual que depois de terem sucedido as escrevera. Primeiro começa pelo Levantamento de Évora, que foram as vésperas de o reino sacudir o jugo, e depois de dizer que aquela tormenta se havia logo de amansar (**e as causas porquê**) passa ao cumprimento do tempo desejado. Aqui declara que há-de ser no ano de quarenta e naquela parte dele em que o mesmo ano se serra, e que conforme o desejo e esperança de todos seria o Rei novo levantado. **E não** deixando em silêncio o eco que fez em todo o mundo um caso tão grande,²⁶² acrescenta a admiração com dizer que as bandeiras de Portugal no mesmo ponto se arvorariam contra a mesma potência que o tinha dominado. Logo descreve a pessoa do Rei, pela grandeza da casa, pelo nome e pela fortuna. E depois do acto e cerimónia de sua coroação, passa ao sucesso das²⁶³ conquistas. Diz em geral a **presteza** com que se hão-de²⁶⁴ declarar

²⁵⁴ [§ 145 na ed. de HC.]

²⁵⁵ clara] [segue-se uma letra risc.]

²⁵⁶ circunstância] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha. O acrescento em questão está precedido de esta, risc. em sinal de anulação por já se encontrar na linha.]

²⁵⁷ 44] [sublinhado no original.]

²⁵⁸ [fls. 165v em TT.]

²⁵⁹ [§ 146 na ed. de HC.]

²⁶⁰ sucesso] [segue-se um sinal de acrescento tendo a palavra acrescentada na marg, profetizado, sido riscada em sinal de anulação.]

²⁶¹ reconhece] [seguem-se uma ou duas letras risc.]

²⁶² grande,] [seguem-se várias palavras risc. ilegíveis.]

²⁶³ [fl. 112v.]

²⁶⁴ hão-de] [no original hão. O contexto permite a conjectura sendo a ausência da preposição facilmente justificada pela repetição da seqüência de no início da palavra seguinte.]

5

...que não era ainda aquelle o tempo **nem a cesão** em que o Turco devia temer.

10

...como nem a dita ordem **com que** as mesmas cousas avião de ir soccedendo...

15

...provadas com elle.

20

2º Motivo
Com que se prova mais a mesma menor deste
1º Syllogismo

25

148 Quando a dita menor se não provara speculativamente pellas interpretaçoens referidas, confirmadas com tantas razoens, exemplos, escrituras & Autores & por todos os principios de²⁹ verdadeira Theologia Expositiva, bastara para se provar practicamente com o 2º motivo que agora expenderei, que he a opinião geral & voz comum de todo o Reyno, o qual segue, diz, entende & appregoa que, nos successos de nossos tempos, com a restauração da Coroa & suas circumstancias & consequencias, se cumprirão as predicçoens & chamadas profecias de Bandarra, sendo recebidas, applaudidas, impressas & divulgadas por todo o Mundo as ditas interpretaçoens & textos dellas, & approvadas repetidamente por espaço de 26 annos pello Santo Officio em tanto numero de papeis, não só historicaes³⁰ & politicos, se não ainda doutrinaes, como são os sermoens em que muitas dellas se pregarão e imprimirão. Do que tudo se forma huma prova pratica & moral da probabilidade (quando menos) da dita menor, a qual de nenhum modo se pode negar, & parece que nem estranhar, pois se não podia presumir que fossem consentidas & approvadas as ditas interpretaçoens, & o dizerse & imprimirse nellas que os successos de Portugal erão o effeito & comprimento das chamadas *Profecias de Ban*[fls. 166]*darra*, se dizerse, entenderse & praticarse que as ditas predicçoens estavam compridas, fora materia improvavel ou falsa, & muito menos digna de nota & de censura, & contraria à verdadeira e sam doutrina. Logo, licita & provavelmente procedeo quem suppôs que as ditas predicções estavam compridas, ainda que materialmente errasse na intelligencia ou interpretação dellas. Donde se deve notar & advertir muito, que, para ser verdadeira & efficaz esta segunda prova da sobredita menor, não he necessario que sejam certas nem provaveis as interpretaçoens dos versos de Bandarra referidas neste papel, mas basta só que o sejam quaesquer outras, ainda que fossem contrarias a ellas; & ainda em caso negado que humas & outras interpretaçoens fossem todas, (*a parte rei*)³¹ falsas, bastaria só a mesma opinião nuamente tomada & por si mesma, porque esta he, conforme todos os Doutores, a força da opinião practica, que se funda em authoridade, & muito mais sendo a authoridade publica, commum, universal & approvada, que he a mayor de todas.

30

35

40

45

50

149 Compõemse primeiramente a generalidade desta opinião do juizo & consenso commum, vulgar e popular do Reyno, cuja authoridade he de gravissimo pezo em todas as leis & ainda nas mesmas divinas. O Centurião & os seus soldados que assistião & guardavão a cruz, erão

²⁹de] [*leitura errada da lição de TT da.*].

³⁰ historicaes] [*leitura errada da lição de TT historiaes.*].

³¹ (*a parte rei*)] [*leitura errada da lição de TT sem parênteses e com sublinhado.*].

todas pelo novo Rei e lhe hão-de²⁶⁵ mandar Embaxadores de obediência, acrescentando que dali por diante estariam firmes. E descendo ao sucesso particular dos dous estados principais das ditas conquistas, descreve os dous Viso Reis delas com propriedades tão individuais e tão notáveis; e como um deles havia de ser tirado do governo²⁶⁶ por causa
 5 ou suspeitas de infidelidade, posto que não sua. E, finalmente, nota²⁶⁷ a diferença com que os ditos Viso Reis se portaram naquele caso: o Agudo, sendo ele o instrumento, e o Sisudo, esperando, e ainda retardando, o movimento do²⁶⁸ estado, o qual deixaria mui diminuído de suas antigas riquezas²⁶⁹, concluindo tudo com advertir que não era ainda
 10 aquele o tempo e a **sezão** em que o Turco devia temer.²⁷⁰ Esta é e esta foi a narração²⁷¹ e história da aclamação do Rei novo, assi no reino, como nas conquistas, a qual Bandarra escreve pela dita ordem em 43²⁷² versos continuados, em cada um dos quais há, quando menos, ùa circunstância, e em alguns deles duas e três, que não podiam ser antevistas por
 15 ciência natural em tanta distância de tempos, como nem a dita ordem **em que** as mesmas cousas haviam de ir sucedendo ùas depois das outras, deixando infinidade de suposições, igualmente impossíveis de antever, que nelas se envolvem. E concordando tudo isto²⁷³
 com o sucesso, e sendo tirada do mesmo sucesso toda a interpretação das predições referidas, bem se segue e se conclui que estão própria e ajustada e verdadeiramente interpretadas, e pelo conseguinte provadas com ele.

20 ²⁷⁴ *Per cumulo de todas estas razões, exemplos, escrituras e autores que falam geralmente e em casos semelhantes, quero acrescentar a autoridade dos que, falando individualmente no nosso caso e nas mesmas predições referidas de Bandarra, as entendem e interpretam no próprio sentido em que nós as interpretamos, os quais, posto que se não podem nomear, por sua multidão, é certo que são...*

25 ...das pessoas mais graves do reino, eclesiásticas e seculares, e constituídas nas maiores dignidades e lugares de letras e lentes actuais de Teologia em todas as Universidades e Religiões, e outros muitos Professores eméritos da mesma Faculdade e dos Sagrados
 30 Cãones, Bispos e Arcebispos, Inquisidores e Inquisidores Gerais, Provinciais e Gerais das Religiões, os quais todos, em número sem número, antes dos sobreditos²⁷⁵ sucessos²⁷⁶, liam, estimavam, e interpretavam, e conservavam as trovas do Bandarra, não pela bondade dos versos, senão pelo espírito que neles reconheciam, fundando em suas²⁷⁷ predições grandíssimas esperanças e governando alguns²⁷⁸ conforme a elas as acções de

²⁶⁵ hão-de] [no original h-o. O lugar reconstituído encontra-se apagado, não sendo no entanto difícil restituir a letra apagada a partir do contexto.]

²⁶⁶ governo] [seguem-se uma ou duas palavras risc.]

²⁶⁷ nota] [entrel.]

²⁶⁸ do] [segue-se uma palavra risc.]

²⁶⁹ suas antigas riquezas.] [na marg.]

²⁷⁰ [§ 147 na ed. de HC.]

²⁷¹ narração] [segue-se uma palavra risc.]

²⁷² 43] [sublinhado no original.]

²⁷³ isto] [entrel.]

²⁷⁴ [49 em BN. § 150 na ed. de HC. O par. 48 está separado do par. 49 por um traço. As primeiras cinco linhas deste parágrafo encontram-se riscadas em sinal de anulação, mas não foram substituídas em BN, razão pela qual as integramos, destacadas do resto do texto (Cf. Critérios de Transcrição, 2.10). Na marg. encontra-se a seguinte nota: Aqui entra o aditamento 6º Litera F (Cf. nota 176). Este aditamento não figura em BN, mas apenas em TT (par.s 148, 149 e primeiras linhas do par. 150 na ed. de HC).]

²⁷⁵ sobreditos] [sobre entrel.]

²⁷⁶ sucessos] [segue-se uma palavra risc.]

²⁷⁷ suas] [segue-se uma palavra risc.]

²⁷⁸ alguns] [entrel.]

homens meramente leigos & sem letras, & allegão os Evangelistas o seu juizo em testemunho & prova da divindade de Christo, porque da voz ou clamor com que o Senhor expirou, inferirão que verdadeiramente era filho de Deos: *Videus*³² *autem Centurio qui ex adverso stabat, quia sic clamans expirasset, ait: Vere hic homo filius Dei erat_* diz S. Marcos, no cap.º 15. E S. Matheus accreenta
5 ao mesmo Centurião os soldados que o acompanhavão: *Centurio autem et qui cum illo erant...* S. Lucas, no cap.º 11, allegou assy mesmo o testemunho da molher que elle chama: *quaedam mulier de turba*, para confutar o juizo appaxonado dos escribas & Fariseos, que erão os letrados da Ley, & todos os Evangelistas allegão ordinariamente o que dezião, & sentião seus applausos³³ & vozes por verdadeiras, posto que só chegassem a conhecer o menos que em Christo avia, que era o ser
10 Profeta: *quia Propheta magnus surrexit in nobis.*

150 Mas quando, para fazer opinião provavel nesta materia, não bastasse o juizo do povo, a 2ª parte de que se compoem a opinião geral que allegamos de nenhum modo he popular nem vulgar, senão das pessoas mais graves...

...calificadas & reputadas) **interpretarão**³⁴ conforme a elle, & os que depois se forão seguindo até hoje, **imprimindose muitas das ditas interpretaçoens** & pregandose nas occasioens dos mesmos successos...

...interpretando o Bandarra & concordando **em que suas predicçoens estão compridas**, & sendo tantos em numero...

...a tive por provavel &, **segundo** a torrente dos doutos...

20 ...Contra esta ultima allegação se **replica** que, ainda que os sobreditos letrados & pessoas ecclesiasticas de authoridade **tenhão** esta opinião...

...das interpretaçoens **della**....

...dous argumentos **pouco antes** respondidos...

25

30

...de pella menhã **até a noite**...*exponebat de Iesu ex Lege Moysi*³⁵ *et prophetis*...

35

40

45

³² *Videus*] [leitura errada da lição de TT Videns.].

³³ ...& sentião seus applausos...] [leitura errada da lição de TT ...e sentião as Turbas, e gente do Povo qualificando seus applausos...].

³⁴ ...calificadas & reputadas) interpretarão...] [leitura errada da lição de TT ...calificadas e reputadas) as interpretarão...].

³⁵ *Moysi*] [leitura errada da lição de TT Moysis.].

maior consideração de suas pessoas e casas. E depois do sucesso da Aclamação (com que na opinião geral de todos ficaram muito mais calificadas e reputadas), as interpretaram conforme a ele, e os que depois se foram seguindo até hoje²⁷⁹, **na mesma forma em que nós as deixámos declaradas, imprimindo-se muitas das ditas declarações** e pregando-se, nas ocasiões dos mesmos sucessos, em todos os púlpitos do reino, e sendo aplaudidas e celebradas pela aprovação geral de todos.²⁸⁰ Sendo pois²⁸¹ certo que, se²⁸² os sobreditos Teólogos e mestres de Teologia e lentes da Sagrada Escritura interpretaram Isaías ou Daniel, bastavam somente dous deles (e um se fosse *famigerado) para fazer opinião provavel, como se pode cuidar nem dizer que interpretando o Bandarra, e concordando **na interpretação dele**, e sendo tantos em número e tão doutos, não façam a mesma probabilidade de opinião? Ao menos cuidei eu que a faziam, e este foi um dos motivos porque a tive por provavel e, **seguindo** a torrente dos doutos do Reino, disse em *ũa carta secreta o que eles pregavam nos púlpitos.

15 Responde-se a ùa instância.

²⁸³ Contra esta última alegação se **responde** que, ainda que os sobreditos Letrados e pes²⁸⁴soas eclesiásticas de autoridade **têm** esta opinião, que há muitas outras de igual autoridade e letras que sentem o contrário, e não fazem caso das ditas predições de Bandarra nem²⁸⁵ das interpretações **delas**.

²⁸⁶ Também esta instância é da casta dos dous argumentos **já** respondidos, a qual, se fora verdadeira, tirava do mundo toda a probabilidade das opiniões e por conseguinte todas as ciências, nas quais há tão poucas conclusões que sejam absolutamente certas e científicas. E assi respondo que, se nas ditas interpretações de Bandarra há quem tenha diferente opinião, que também há quem tenha diferentes opiniões nas interpretações²⁸⁷ de Ezequiel e nas de Jeremias, e nas de S. Mateus e nas de S. Lucas, e nem por isso se lhe tira a sua probabilidade. Quando S. Pedro em dia de Pentecostes interpretou a profecia de Joel no capítulo 2º, muitos creram a verdade da interpretação, e outros disseram que eram e²⁸⁸feitos do vinho: quia musto pleni sunt isti [Trad. 14]. E o mesmo que sucedeu a S. Pedro em Jerusalém experimentou S. Paulo em Roma, onde diz S. Lucas que provava o grande Apóstolo²⁸⁹ a vinda de Cristo com os textos dos Profetas, que interpretava de pela menhã **até noite**: quibus exponebat de Ieso ex Lege **Moisis** et prophetis a mane usque ad vesperam [Trad. 15]. E sendo tão verdadeiro e tão douto e tão eloquente o intérprete, o efeito era, como acrecenta o mesmo Evangelista, que uns criam as ditas interpretações, outros não as criam: Et quidam credebant his quae dicebantur, quidam vero non credebant [Trad. 16]. Em Atenas, que era a cabeça e mãe de todas as ciências, lhe sucedeu a S. Paulo o mesmo²⁹⁰, não faltando entre os que criam ou disputavam

²⁷⁹ conforme a ele e os que depois se foram seguindo até hoje] [*na marg.*]

²⁸⁰ todos.] [*segue-se E com um traço sobreposto em sinal de anulação.*]

²⁸¹ pois] [*entrel.*]

²⁸² se] [*segue-se uma palavra risc.*]

²⁸³ [50 em BN. § 151 na ed. de HC.]

²⁸⁴ [fl. 113r.]

²⁸⁵ [fls. 166v em TT.]

²⁸⁶ [§ 152 na ed. de HC.]

²⁸⁷ interpretações] [*no original interpretraçoens, certamente por lapso devido às sequências anteriores.*]

²⁸⁸ [*na marg. pode ler-se Act. 2 (Actos dos Apóstolos, 2).*]

²⁸⁹ [*na marg. pode ler-se Actos. 28 (Actos dos Apóstolos 28).*]

²⁹⁰ mesmo] [*segue-se não/ faltando risc. tendo as palavras risc. sido restituídas imediatamente a seguir. Na marg. pode ler-se Actos VI Actos dos Apóstolos, VI.*]

...foy **também** notável...

...Presidente Festo, **donde**³⁶, não allegando...

5 ...*quae Prophetae loquuti sunt...futura esse, os efeitos* que estas profecias...

10

...no cap.º 10º:...

...*non sunt daemonium*³⁷ *habentis*,...

15

20

...predicções do Bandarra...

25

30

35

40

45

³⁶ donde] [*leitura errada da lição de TT onde.*].

³⁷ *daemonium*] [*leitura errada da lição de TT daemonia.*].

outros que diziam: Novorum daemoniorum videtur annunciator esse [Trad. 17]. E deixados outros exemplos deste²⁹¹ grande Doutor das gentes, *o de Cesarea foi bem notavel, em presença d'el Rei Agripa e do Presidente Festo, onde, não alegando o Apóstolo outra cousa senão as profecias: nihil extra dicens, quam ea quae Prophetae locuti sunt futura esse [Trad. 18], o efeito que estas profecias e suas interpretações causaram naquelas duas personagens foi que o Presidente disse a S. Paulo: Insanis Paule multae te litterae insanum²⁹² reddiderunt [Trad. 19]. E o Rei, fazendo bem diferente conceito das que Festo chamava²⁹³ loucuras²⁹⁴, disse: In modico persuades me Christianum fieri [Trad. 20]. Finalmente, sabemos do Mestre e Senhor de todos os Apóstolos que, sendo suas palavras divinas, lhe aconteceu muitas vezes o que S. João refere no capítulo 10²⁹⁵: Dicebant multi ex ipsis daemonium habet et insanit, alii dicebant haec verba non sunt daemonia habentis [Trad. 21], sendo muito para notar neste caso que a opinião dos que zombavam do que Cristo dizia era a dos letrados e Príncipes dos Sacerdotes, e a dos que lhe davam crédito era a do vulgo. E posto que Bandarra tenha por si o vulgo e tantos letrados, ainda se lhe põe por instância aqueles que não tem.

2ª Reposta à mesma instância.²⁹⁶

²⁹⁷ Mas entre uns e outros letrados se deve advertir ùa grande diferença que muito deminui a autoridade dos que encontram esta opinião. A diferença é que todos os letrados que seguem as predições de Bandarra são aqueles que o lêem e o entendem, e quando menos o podem entender. Pelo contrário, muitos dos que desprezam e não seguem as ditas predições são aqueles que, ou as não lêem, ou as não entendem, ou as não podem entender.

²⁹⁸ De certas profecias, disse Deus ao Profeta Isaías que eram como o livro fechado para quem sabe ler e como o livro aberto para quem não sabe. Que importa que o letrado saiba ler as profecias se não abre o livro nem as lê? E destes há muitos desprezadores do Bandarra que fazem fidalguia de não ler as trovas do sapateiro, deixando essa lição ou ociosidade para *entendimentos mecânicos. Pois, se estes letrados não leram nem lêem o Bandarra, como julgam por patranhas o que nele está escrito e o que nele acham e interpretam os²⁹⁹ que o lêem?

³⁰⁰ Outros letrados há também da contrária opinião, que, ainda que lêem o Bandarra, não o entendem; e quem lê as profecias e não as entende é como se as não lera. Por isso, Cristo³⁰¹, falando da vinda do Ante-Cristo e da destruição de Jerusalém, alegando a profecia de Daniel, disse: Qui legit intelligat [Trad. 22]. E também se deve³⁰² advertir que

²⁹¹ [na marg. pode ler-se Act. 26 (Actos dos Apóstolos, 26).]

²⁹² insanum] [Cf. na ed. de HC, vol. I, p. 95, nota 1: "No texto da Biblia que uso: ad insaniam convertunt".]

²⁹³ chamava] [-va entrel.]

²⁹⁴ loucuras] [no original locuras, et passim.]

²⁹⁵ 10] [sublinhado no original. A indicação encontra-se errada. Trata-se do capítulo 11.]

²⁹⁶ 2ª Reposta à mesma instância.] [o título é precedido por marca de parágrafo: §.]

²⁹⁷ [§ 153 na ed. de HC.]

²⁹⁸ [§ 154 na ed. de HC.]

²⁹⁹ nele acham e interpretam os] [na marg. a substituir várias palavras risc. ilegíveis na linha, incluindo um outro acrescento na marg., também risc.]

³⁰⁰ [§ 155 na ed. de HC.]

³⁰¹ Cristo] [seguem-se várias palavras risc. ilegíveis prefazendo a extensão de uma linha.]

³⁰² [fl. 113v.]

...escuzando em parte **ignorancia** dos que ...³⁸

5

10 ...creo **no**³⁹ **interprete**...

15

20

25

30 ...*enim sciebant*⁴⁰ *Scripturam*...
*quia oportebat*⁴¹ *eum*...

...as letras & **entendimento**.⁴²

35

...(como refere S. Lucas no **capitulo 2º**)...

40

³⁸ ...escuzando em parte ignorancia dos que...] [*leitura errada da lição de TT ...escuzando em parte a ignorancia dos que...*].

³⁹ no] [*leitura errada da lição de TT ao.*].

⁴⁰ *sciebant*] [*leitura errada da lição de TT sciebat.*].

⁴¹ *oportebat*] [*leitura errada da lição de TT oportet.*].

⁴² ...as letras & entendimento.] [*leitura errada da lição de TT ...as letras e o entendimento.*].

muitas vezes não basta que as profecias se³⁰³ leam e se tornem a ler para que se entendam. Assi o notou S. Paulo, no capítulo 13³⁰⁴ dos Actos dos Apóstolos, escusando em parte a **ignorância** dos que tinham morto a Cristo não entendendo³⁰⁵ os mesmos textos dos Profetas que toda a somana estavam lendo na Sinagoga: qui habitant Hierusalem et Principes eius hunc ignorantes et voces prophetarum quae per omne sabbatum leguntur [Trad. 23]. Quando *o eunuco da Rainha Candaces ia lendo por Isaías, disse-lhe S. Felipe: Putasne intelligis quae legis? E ele respondeu, como homem docil e prudente: quomodo potero si non aliquis ostenderit mihi? [Trad. 24]. Não cuidou que o que ele não entendia ninguém o podia entender, mas entendeu que havia mister quem lho interpretasse; e, ouvida a interpretação, creu **ao intérprete** e creu no Profeta. Assi que não é muito que os que não entendem o Bandarra, ainda que o leam, não dêem crédito a suas predições, nem façam caso do que elas dizem ou outros cuidam que dizem.

³⁰⁶ Mas dirá porventura algum letrado que, depois de ver os mesmos comentos e as mesmas interpretações que acima temos dado às ditas predições, ainda contudo não pode entender nem se pode persuadir que queiram dizer o que nós dizemos³⁰⁷; ao que respondo que assi será e assi pode ser, porque mais claras eram e mais dignas de fé as interpretações que Cristo dava aos Profetas quando dezia aos Apóstolos que, conforme o prometido em suas profecias, havia de ser açoitado e crucificado em Jerusalém e ressuscitar ao 3º dia, e contudo nenhum deles entendeu as ditas profecias, por mais que o comento fosse tão verdadeiro, tão próprio e tão expresso. Assi o notam todos os Evangelistas, e mais distintamente que todos S. Lucas no capítulo 18³⁰⁸: Ecce ascendimus Hierosolimam et consumabuntur omnia quae scripta sunt per Prophetas de Filio Hominis. Tradetur enim gentibus ad illudendum et flagellandum et crucifigendum et tertia die resurget. At ipsi nihil horum intellexerunt et erat verbum absconditum ab eis³⁰⁹ [Trad. 25]. Nem é descrédito ou *menoscabo dos entendimentos não entenderem nem perceberem as profecias, ainda depois de interpretadas e bem interpretadas, porque S. João, que era a águia do Colégio Apostólico, foi um dos que não entendeu estas profecias nem esta interpretação do Mestre Divino, como ele mesmo confessa no capítulo 20³¹⁰ do seu Evangelho, falando de si: Nondum enim sciebat Scripturam quia **oportet** eum a mortuis resurgere [Trad. 26].

³¹¹ A estas duas classes, ùa dos letrados que não lêem o Bandarra, outra dos que o lêem e o não entendem, se há-de ajuntar a 3ª, que é a dos que o não podem entender, e são aqueles a quem falta a pia afeição nestas matérias, ainda que lhe sobejem as letras e o **entendimento**. Aos *discípulos de Emaús disse Cristo: O stulti et tardi corde ad credendum in omnibus quae loquuti sunt Prophetae [Trad. 27], porque para crer não basta só entendimento, é necessário também coração. Por isso, Ana Profetiza (como refere S. Lucas no **capítulo 2**), profetizando do Redentor, não dezia as suas profecias senão aos que esperavam pela mesma Redenção: loquebatur de illo omnibus qui expectabant redemptionem Israel [Trad. 28]. Finalmente, se para crer no *Creo em Deus*

³⁰³ [fls. 167 em TT.]

³⁰⁴ 13] [sublinhado no original.]

³⁰⁵ entendendo] [-den- entrel.]

³⁰⁶ [§ 156 na ed. de HC.]

³⁰⁷ dizemos] [seguem-se várias palavras risc.]

³⁰⁸ 18] [sublinhado no original.]

³⁰⁹ Ecce...ab eis] [Cf. ed. de HC. vol. 1, p. 98, nota i: " Tradetur enim gentibus, et illudetur, et flagellaverint, occident eum, tertia die resurget_ no texto que utilizamos. "]

³¹⁰ 20] [sublinhado no original.]

³¹¹ [§ 157 na ed. de HC.]

...pia **affeição** (*como ensina a Theologia*) quanto mais...

5

...instituição **das nossas** armas...

10

...do reyno, **por diferentes** estradas...

15 ...oraculos menos **provados &** menos...

...o Bandarra **falla**⁴³ em hum Rey...

20

25

30

...**lhes chegar** aos olhos...

...**os ponhão**...

35

...a mesma **incerteza**⁴⁴ do juizo...

40

45

⁴³ falla] [*leitura errada da lição de TT falle.*].

⁴⁴ incerteza] [*leitura errada da lição de TT inteireza.*].

Padre é necessária pia afeição, quanto mais para crer nas profecias do Bandarra e suas interpretações?

- ³¹² Veja-se agora e pondere-se por³¹³ quantos modos pode faltar nos ditos letrados esta pia afeição. Primeiramente pode faltar, e é moralmente³¹⁴ certo que falta, em todos os estrangeiros (e muito mais nos Castelhanos e afeioados ou aliados de Castela), pela natural antipatia que têm as nações ùias com as outras, e muito mais em matéria de honra e ventagem que toque aos reinos e às coroas³¹⁵, de que nenhũa nação tem maior exemplo neste género que nós acerca da Instituição de nossas armas e Revelação d'el Rei D. Afonso Henriques, que, com ser tão calificada e aprovada, todos os estrangeiros universalmente a negam e a censuram de mera fábula. Que muito é logo que façam o mesmo às predições de Bandarra?³¹⁶ Dentro do reino e entre os Portugueses, ainda que não se presuma facilmente a falta da pia afeição (posto que algũas vezes se prove), ao menos³¹⁷ é certo que as afeições, ainda que pias, podem ser diferentes e caminhar ao bem universal do reino **por mui diversas**³¹⁸ estradas, e assi vemos que os mesmos que negam as predições de Bandarra crêem em outros oráculos menos **aprovados** ou menos ³¹⁹experimentados; e os mesmos que não querem que o Bandarra fale em um Rei querem e defendem que fala noutra. E estas razões gerais que em toda a consideração são certas e verdadeiras, reduzidas ao papel censurado se acha que o são ainda muito mais, e por grande número de motivos. O primeiro fundamento porque muitos dos maiores o aborreceram foi por verem nomeadas nele e com honra algũas pessoas particulares e não as suas; e fez aqui a emulação e enveja os mesmos efeitos que se experimentam nas relações das batalhas, e tanto mais quanto é melhor ser louvado por um Profeta que por um *gazeteiro. Os desafeioados d'el Rei Dom João³²⁰, e muito mais os ofendidos (ou os que o cuidam) também se vê com quão pouca vontade ouviriam falar em sua memória, quanto mais em nova exaltação. Não falo nos que estavam bem com a fortuna presente, para os quais não podia haver maior agravo que o pensamento de que podia ter mudança. Os que têm a opinião e esperança d'el Rei D. Sebastião, que é número tão grande e de tão grandes, claro está que haviam de ter esta por paradoxo, e mais impugnando a sua tanto às claras. Finalmente, *quando Bandarra por si mesmo não tivera desprezadores e inimigos, bastavam os do seu comentador para fazer multidão³²¹, sendo certo que em todas as fortunas teve muitos e na presente muitos mais, e por muitas causas e também sem causa, e pode bem ser que alguns deles sejam³²² dos mesmos que podem ter³²³ muito voto neste papel, aos quais só peço que, se acaso **lhe chegar** aos olhos, **que os ponham** em Deus e na eternidade.
- ³²⁴ Todos estes são os motivos que podem viciar a pia afeição,³²⁵ e ainda a mesma **inteireza** do juízo, sem a qual não há nem pode haver opinião merecedora de algum

³¹² [§ 158 na ed. de HC.]

³¹³ por] [segue-se uma letra risc.]

³¹⁴ moralmente] [segue-se uma palavra risc.]

³¹⁵ coroas] [seguem-se dois pontos anulados por um traço.]

³¹⁶ [§ 159 na ed. de HC.]

³¹⁷ [f114r.]

³¹⁸ diversas] [palavra escrita sobre diferentes.]

³¹⁹ [fls. 167v em TT.]

³²⁰ João] [segue-se uma palavra risc.]

³²¹ multidão] [mul- entrel. a substituir ap- risc. na linha.]

³²² sejam] [entrel.]

³²³ ter] [entrel.]

³²⁴ [§ 160 na ed. de HC.]

³²⁵ afeição] [seguem-se várias palavras risc.]

...de todas as **causas**...

... a este ponto **necessarios**⁴⁵, não só...

5

10

...o papel censurado, **antes da declaração da dita censura**, tinha motivos...

15

20

25

30

35

40

45

⁴⁵ ...de todas as causas a este ponto necessários...] [*leitura errada da lição de TT ...de todas as cousas a este ponto necessarias...*].

crédito. Mas, ainda que abstraíramos de todos estes respeitos, que tanto costumam arrastar a inclinação humana, e admitíramos que os autores da contrária opinião, na ciência, na autoridade,³²⁶ no número e no conhecimento de todas as cousas a este ponto necessárias³²⁷, não só eram iguais aos que defendem as partes de Bandarra, senão ainda
5 muito superiores a eles, nem por isso tiravam ou podiam tirar que os de menos ciência, autoridade e número (sendo das qualidades que acima fica dito) fizessem também provavel a sua opinião, posto que menos provavel. E basta esta tal probabilidade, ainda que menor, (como é comum sentença de quasi todos os Doutores) para que a dita opinião menos provavel se possa praticar e seguir, e de nenhum modo fique sujeita a nota ou
10 censura algũa, que é o caso da nossa questão, na qual não se pergunta nem disputa qual opinião é mais provavel, ou mais fundada, ou mais segura, mas somente se trata de averiguar se a opinião que seguiu *o papel censurado (**antes da declaração da dita censura**) tinha motivos e fundamentos bastantes para se não reputar por reprovavel, principalmente sendo os ditos fundamentos ajudados da autoridade de pessoas tantas e
15 tão doudas como fica referido, as quais de nenhum modo se concede que sejam inferiores nas letras e autoridade, sendo certo que são muito superiores no número.

3ª Reposta.³²⁸

20 ³²⁹ Mas, para que se veja como os mesmos autores da opinião contrária ajudam muito e não pouco as mesmas partes de Bandarra que negam e impugnam, *peço aos doutos se lembrem daquele famoso argumento de S. Agostinho, o qual, *impugnando aos Judeus que negavam a verdade dos mistérios de nossa Redenção, os redarguiu forte e
25 sutilissimamente, mostrando-lhes que a sua mesma cegueira e contumácia³³⁰ era nova prova e confirmação da verdade das profecias e ùa parte mui notavel do cumprimento delas, porque, se³³¹ os mesmos Profetas que tinham anunciado a vinda do verdadeiro Messias tinham juntamente dito que os Judeus seriam³³² tão cegos e obstinados que³³³ o não haviam de conhecer nem receber, claro está que a mesma³³⁴ cegueira e contumácia com que o não conheciam nem recebiam era nova prova e confirmação de serem
30 verdadeiras as profecias e Cristo o verdadeiro profetizado. Não são nem podem ser os termos do nosso caso os mesmos, mas não se pode negar que repete duas vezes Bandarra aqueles seus versos: *Mas hei medo que me ponha gram vergonha de me não quererem crer*. E se ùa das suas³³⁵ predições advertida e repetidamente é que o não haviam de crer, de modo que ficasse desautorizado e envergonhado, não há dúvida que
35 os mesmos que o não crêem, e o desprezam e o envergonham, ajudam a cumprir as suas chamadas profecias, e quanto mais as impugnam e desprezam mais as confirmam. Dos Príncipes dos Sacerdotes ponderou S. Paulo, no capítulo 13³³⁶ dos Actos dos Apóstolos, que, crucificando a Cristo, juntamente ignoraram as profecias e as cumpriram: Hunc

³²⁶ autoridade.] [segue-se e risc.]

³²⁷ e no conhecimento de todas as cousas a este ponto necessárias.] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

³²⁸ 3ª Reposta] [o título é precedido de sinal de parágrafo:§.]

³²⁹ [§ 161 na ed. de HC.]

³³⁰ contumácia] [segue-se e pra- risc.]

³³¹ se] [entrel.]

³³² seriam] [esta forma substitui haviam de ser, em que haviam foi emendado para seriam e de ser risc.]

³³³ que] [segue-se uma palavra risc.]

³³⁴ [fl. 114v]

³³⁵ [fls. 168 em TT.]

³³⁶ 13] [sublinhado no original.]

...impleverunt. E os Discipulos...

...a profecia, que não entenderão:...

5

10 **...os fundamentos ou motivos com que...**

...os ditos fundamentos desta maneira:

15

1º Syllogismo⁴⁶

Pellos fundamentos...

20

2º Syllogismo

Aquelle he...

25

...& se pode chamar,...

30

...nota. Os motivos que tive...

...os que se seguem.

1º Motivo

35

Primeiramente,...

...& assi o diz Deos expressamente...

40

45

⁴⁶ 1º Syllogismo] [o título não se encontra em TT, sendo a sua inclusão no texto da lavra de Cidade , que não faz qualquer nota sobre este facto.].

ignorantes et voces Prophetarum iudicantes impleuerunt [Trad. 29]. E dos discípulos que foram buscar o jumento em que Cristo entrou triunfando em Jerusalém e o ornaram com as suas capas, ponderou também S. João que ajudaram a cumprir a profecia e não a³³⁷ entenderam: Haec non cognouerunt discipuli eius primum. (diz o Evangelista no capítulo 12) Sed quando glorificatus est Iesus tunc recordati sunt quia haec erant scripta de eo, et haec fecerunt ei [Trad. 30]. De maneira que não é cousa nova ignorarem as profecias os mesmos que as³³⁸ estão cumprindo, e cumprirem e confirmarem as profecias os mesmos que as estão negando. E tais são, ou podem ser, os que não dão crédito às predições de Bandarra, ajudando por este modo a opinião dos que as aprovam.³³⁹

Estes são os fundamentos com que me pareceram prováveis as proposições deste 1º silogismo³⁴⁰, e que as objecções em contrário não diminuíam nada de sua probabilidade, e por conseguinte que, em proferir a proposição censurada de o Bandarra ser verdadeiro Profeta, não dizia cousa merecedora de nota nem de censura alguma, argumentando sobre os ditos fundamentos desta maneira. Pelos fundamentos da primeira premissa, quando menos é provável que o verdadeiro Profeta e a verdadeira profecia se prova pelos efeitos das cousas profetizadas. Pelos fundamentos da segunda premissa, quando menos é provável que as predições ou chamadas Profecias do Bandarra estão provadas pelos efeitos delas. Logo, por uns e outros fundamentos, se segue que, quando menos, é provável que as³⁴¹ chamadas Profecias de Bandarra são verdadeiras profecias e ele verdadeiro Profeta.

Motivos do Segundo Silogismo.

Aquele³⁴² é e se deve chamar verdadeiro Profeta o qual prediz as cousas futuras por revelação de Deus e verdadeiro espírito de profecia.

*Atqui Bandarra predisse as cousas futuras por revelação de Deus e verdadeiro espírito de profecia.

Logo, Bandarra foi e se deve chamar verdadeiro Profeta.

³⁴³ A consequência deste argumento é evidente. A maior não necessita de prova porque é *per se nota. Os fundamentos que tive para ter por provável a menor, em que está toda a dúvida, são os que se seguem:

³⁴⁴ Primeiramente, suponha, e suponho, como verdade certa e de fé, que os futuros meramente contingentes e livres (que são os de que sempre falámos) só Deus os pode conhecer, e que este conhecimento e presciência é perfeição infinita que só compete à sabedoria divina. É suposição comum de Padres e Teólogos, e assi o diz o mesmo³⁴⁵

³³⁷ [antes da copulativa podem ver-se vestígios de um -q- praticamente apagado, estando o a rasurado.]

³³⁸ as] [entrel.]

³³⁹ [§ 162 na ed. de HC.]

³⁴⁰ Silogismo] [no original Soligismo, com inversão das duas primeiras sílabas.]

³⁴¹ as] [seguem-se duas letras risc.]

³⁴² Aquele] [na marg. esquerda pode ver-se um A risc., ao nível do texto tendo posteriormente o Autor optado por abrir parágrafo e por colocar esta parte do texto em destaque.]

³⁴³ [51 em BN. § 164 na ed. de HC.]

³⁴⁴ [52 em BN. § 165 na ed. de HC.]

³⁴⁵ o mesmo] [na marg. Note-se que este acrescento apresenta um desfazamento entre a marca que o assinala na linha, e que é o normalmente usado para indicar acrescentos na entrelinha, ^, e a marca que o assinala na margem, esta sim a comumente usada para marcar acrescentos na margem, |.]

5

10

...conhecendo mal o verdadeiro Deos,...

15

20

...(diz Salomão no **cap^o 1^{o47}** do Ecclesiastes)...

25

...da sua **2^a Epistola**:...

30

35

40

45

⁴⁷ 1^o] [*leitura errada da lição de TT 10.*].

Deus expressamente no capítulo 42³⁴⁶ de Isaías: Ego dominus, hoc est nomen meum gloriam meam alteri non dabo et laudem meam sculptilibus,³⁴⁷ quae prima fuerunt ecce venerunt; noua quoque ego annuntio; antequam orientur audita vobis faciam [Trad. 31]; de modo que o conhecimento dos futuros³⁴⁸, não por outrem senão por si mesmo, diz Deus que é glória, louvor e perfeição tão particular e unicamente sua como a mesma divindade. E no capítulo 46³⁴⁹ do mesmo Profeta torna a provar Deus ser sua só a divindade com a demonstração de ser também³⁵⁰ só sua a ciência de conhecer os futuros: Recordamini prioris saeculi quoniam ego sum Deus, et non est ultra Deus nec est similis mei, annuntians ab exordio novissimum, et ab initio quae necdum facta sunt dicens [Trad. 32]. As palavras que acima citámos do mesmo Isaías no capítulo 48³⁵¹ também são nova repetição do mesmo argumento, que se acha em outros muitos lugares de ambos os Testamentos, e é matéria tão evidente que até os Gentios por lume natural o alcançaram, conhecendo mal ao verdadeiro Deus, mas conhecendo bem que só o verdadeiro Deus podia conhecer os futuros. Assi o lemos³⁵² em Marco Tulio nos dous livros *De Divinatione*, e antes dele em Platão e Aristóteles, do qual conhecimento nasceu, primeiro entre os Gregos e depois entre os Latinos, a etimologia da palavra *divinare*, deduzida de *divino*, com que explicaram o acto de conhecer e antever as cousas futuras e confessaram ser próprio da divindade.³⁵³

³⁵⁴ Deste primeiro princípio se segue outro não menos certo; e é que nenhum homem ou criatura qualquer outra racional pode conhecer os ditos futuros senão por revelação divina: Ignorat homo quid ante se fuit, et quid post se futurum sit quis ei poterit indicare? [Trad. 33]. O homem (diz Salomão no capítulo 10³⁵⁵ do Eclesiastes) não conhece nem sabe as cousas passadas; e quem haverá que lhe possa mostrar as futuras? Só Deus lhas pode mostrar dando-lhe sabedoria do céu mediante a luz do Espírito Santo, como³⁵⁶ diz o mesmo Espírito Santo³⁵⁷ no capítulo 9º da Sapiencia: Sensum antem tuum quis sciet, nisi tu dederis sapientiam, et miseris Spiritum Sanctum tuum de altissimis [Trad. 34]. E S. Pedro no capítulo 1º da sua *Epístola segunda*: Non enim voluntate humana allata est aliquando Prophetia sed Spiritu Sancto inspirati locuti sunt sancti Dei homines [Trad. 35]. De sorte que o conhecimento das cousas futuras só por revelação de Deus³⁵⁸ e luz do Espírito Santo o podem alcançar os homens. Por isso, *José, quando se ofereceu a interpretar os sonhos dos dous criados de Faraó, primeiro confessou que aquela ciência era de Deus e não sua: Nunquid non Dei est interpretatio? Referte mihi quid videritis [Trad. 36]. *E Daniel, vendo-se naquele grande aperto com os³⁵⁹ outros sábios de Babilónia, para saber a visão do Rei e a interpretação dela, orando

³⁴⁶ 42] [sublinhado no original.]

³⁴⁷ [fl. 115r.]

³⁴⁸ futuros] [segue-se diz Deus risc.]

³⁴⁹ 46] [sublinhado no original.]

³⁵⁰ [fls. 168v em TT.]

³⁵¹ 48] [sublinhado no original.]

³⁵² Assi o lemos] [na marg. a substituir várias palavras risc. ilegíveis na linha. Segue-se ainda a abreviatura de em, risc. por já se encontrar na linha.]

³⁵³ e antever as cousas futuras e confessaram ser próprio da divindade.] [na marg. a substituir cerca de duas linhas de texto risc.]

³⁵⁴ [53 em BN. § 166 na ed. de HC.]

³⁵⁵ 10] [sublinhado no original.]

³⁵⁶ como] [segue-se uma palavra risc.]

³⁵⁷ Santo] [palavra intercalada em TT. Cf. ed. de HC, vol. I, p. 104, nota (1).]

³⁵⁸ Deus] [segue-se o podem alcançar risc.]

³⁵⁹ os] [entrel.]

5

10

...ensinado no Evangelho pello mesmo Christo: *Nemo novit...*

15

20

...& não a carne **nem⁴⁸ o sangue,...**

25

30

2º Motivo

Provo e decclaro...

35

40

45

⁴⁸nem] [*leitura errada da lição de TT e.*].

com seus companheiros, pediu a Deus que lha revelasse; e por revelação, como diz o texto, a conheceu: Tunc Danieli misterium nocte revellatum est, et benedixit Daniel Deum caeli [Trad. 37].

³⁶⁰ Postos estes dous princípios tão certos, deles se segue por boa consequência a menor do nosso silogismo³⁶¹. Porque, se Bandarra predisse as cousas futuras, e as cousas futuras que predisse são aquelas que só Deus conhece, e nenhum homem as pode saber senão por revelação do mesmo Deus, bem se segue que por revelação³⁶² de Deus as soube³⁶³ e por revelação de Deus as predisse. Ponho um exemplo muito claro e maior do que pedia a humildade da matéria, mas não é descrédito de ùa luz muito grande ver-se com ela ùa cousa muito pequena. Quando S. Pedro disse: Tu es Christus filius Dei viri; respondeu-lhe o Senhor: Caro et sanguis non revellavit tibi sed pater meus [Trad. 38]. E donde se segue que não podia S. Pedro dizer e conhecer o que disse senão por revelação do Padre? Segue-se de um princípio ensinado **pelo mesmo Cristo no capítulo 10 de S. Mateus**: Nemo novit filium nisi Pater neque patrem quis novit nisi filius, et cui voluerit filius reuellare [Trad. 39]. O Filho ninguém o conheceu senão o Padre e o Padre ninguém o conheceu senão o Filho e aquele a quem o Padre ³⁶⁴, por si ou pelo Filho, o quiser revelar. Deste princípio se segue a conclusão dita a S. Pedro argumentando assi: o Filho ninguém o conhece senão o Padre ou aquele a quem o Padre o revelar; atqui tu, Pedro, conhecesto o Filho, pois o confessaste; logo, segue-se que tiveste revelação do Padre, porque aquilo³⁶⁵ que só³⁶⁶ conhece o Padre e não a carne e o sangue, só o Padre e não a carne e o sangue o pode revelar. ³⁶⁷ O mesmo (ou mui semelhante) argumento se pode e deve fazer no nosso caso, fundado nos dous princípios gerais que no princípio assentámos acerca do conhecimento dos futuros, os quais³⁶⁸ supostos, argumento assi: Hoje faz cento e vinte cinco anos ninguém sabia os sucessos futuros de Portugal que vimos em nossos dias senão³⁶⁹ só Deus e aquele a quem Deus os quisesse revelar; atqui hoje faz cento e vinte cinco anos Bandarra sabia os ditos sucessos³⁷⁰, pois os predisse, como largamente deixámos mostrado; logo, soube-os e predisse-os porque Deus lhos revelou. Soube-os e predisse-os porque Deus lhos revelou? Logo, bem diz a menor do nosso silogismo que Bandarra predisse as cousas futuras por revelação de Deus e verdadeiro espírito de profecia.

2^{o371}

³⁷² Provo e declaro mais a mesma menor. Quando as cousas que se obram excedem o poder humano e diabólico segue-se que são obradas por poder divino. Assi o

³⁶⁰ [54 em BN. § 167 na ed. de HC.]

³⁶¹ Silogismo] [no original Sigilogismo, com a segunda sílaba, -gi-, risc.]

³⁶² revelação] [no original vellação. A ausência de sentido desta forma, bem como o contexto, não deixam dúvidas de que se trata de um esquecimento da primeira sílaba. O confronto com TT reforça esta evidência.]

³⁶³ soube] [no original sube. A reconstituição da letra omissa é possível graças ao confronto com TT.]

³⁶⁴ Padre] [segue-se ou o filho risc.]

³⁶⁵ aquilo] [entrel.]

³⁶⁶ só] [segue-se uma palavra risc.]

³⁶⁷ [fl. 115v.]

³⁶⁸ quais] [entrel.]

³⁶⁹ senão] [segue-se aqueles a quem risc.]

³⁷⁰ hoje faz cento e vinte cinco anos Bandarra sabia os ditos sucessos] [na marg. a substituir duas palavras risc. na linha. fls. 169r em TT.]

³⁷¹ 2^o] [leitura duvidosa.]

³⁷² [55 em BN. § 168 na ed. de HC.]

5

...não se **deve**⁴⁹ ter...

10

15

...*non est homo supra*⁵⁰ *terram*...

20

...E assi a **entendeo**...

25

...*regum et revelans*⁵¹ *mysteria, quia tu potuisti*...

30

35 ...*spiritum deorum sanctorum*⁵² *habet in se*...

40

⁴⁹deve] [*leitura errada da lição de TT devem.*].

⁵⁰supra] [*leitura errada da lição de TT super.*].

⁵¹ *regum et revelans...*] [*leitura errada da lição de TT Regum, revelans...*].

⁵² *deorum sanctorum*] [*leitura errada da lição de TT Sanctorum Deorum.*].

conheceram *os Magos de Faraó, os quais, enquanto por seus encantamentos puderam fazer cousas semelhantes às que fazia Moisés, não fizeram grande estimação da virtude e poderes da sua vara; mas tanto que na 3³⁷³ praga não puderam fazer mosquitos, como Moisés tinha feito, logo confessaram que ali entrevinha poder divino: Feceruntque
 5 similiter malefici incantationibus suis ut educerens scinifes et non potuerunt. Et dixerunt malefici ad Pharaonem digitus Dei est hic [Trad. 40]. Do mesmo modo se deve discorrer e filosofar nas predições de cousas futuras. Quando as ditas cousas são de calidade que as pode antever a ciência humana ou diabólica, não se **devem** ter por revelações de Deus nem se deve arguir delas verdadeiro espírito de profecia, mas quando são daquelas que,
 10 por meramente contingentes e dependentes do *alvedrio, só Deus as pode conhecer, então se há-de entender que foram reveladas por ele a quem as predisse. E esta é a prática da Sagrada Escritura, confirmada com muitos exemplos.

³⁷⁴ Quando Nabucodonosor mandou chamar todos os Magos, Sábios e Feiticeiros de³⁷⁵ seus reinos para que lhe referissem *o sonho da estátua e lhe dessem a explicação
 15 dele, diz o texto sagrado no 2º capítulo de Daniel que responderam duas cousas: a primeira que nenhum Sábio nem Mago podia responder ao que o Rei queria; a segunda que a ciência de cousa tão oculta só era reservada a Deus, o qual não conversa com os homens: non est homo **super** terram qui sermonem tuum Rex possit implere, sed neque Regum quisquam verbum huius modi suscitatur³⁷⁶ ab omni Ariolo, et Mago, et Chaldeo.
 20 Sermo enim quem tu quaeris, Rex, gravis est, nec reperitur quisquam qui indicet illum in conspectu Regis, exceptis diis quorum non est cum hominibus conversatio [Trad. 41]. De maneira que, não podendo declarar a visão, nem os Sábios por ciência humana, nem os Magos e Feiticeiros por arte diabólica, seguia-se que só Deus a podia declarar, ou algum homem com quem³⁷⁷ Deus conversasse e a quem a revelasse. E assi o **entendeu** e
 25 confessou o mesmo Nabucodonosor depois que Daniel lhe referiu e interpretou o sonho: Loquens ergo Rex ait Danieli: Vere Deus uester Deus Deorum est et Dominus Regum **revellans** misteria **quiam** tu potuisti aperire hoc Sacramentum [Trad. 42]. Tu, Daniel, pudeste declarar este segredo que os Sábios e Magos, por ciência humana e diabólica, não puderam alcançar; segue-se logo que o teu Deus é o verdadeiro e que ele te revelou
 30 este mistério.³⁷⁸

³⁷⁹ O mesmo argumento fez *el Rei Baltasar e a Rainha, e os grandes do seu reino, sobre as letras da parede, que os Sábios e Magos não puderam entender nem ler, conhecendo todos que o que eles por arte humana e diabólica não podiam alcançar³⁸⁰ só Daniel o poderia³⁸¹ fazer, não por ciência própria, senão por³⁸² espírito de Deus e revelação divina. A Rainha disse ao Rei: Est uir in regno tuo qui Spiritum **Sanctorum Deorum** habet in se [Trad. 43]. E o Rei disse a Daniel: audiui de te quod Spiritum Deorum habeas [Trad. 44].
 35

³⁸³ Também *el Rei Faraó, tendo consultado todos os Sábios e Magos do Egipto sobre a visão das vacas e das espigas, vendo que só José lha soubera interpretar e

³⁷³ 3^a] [sublinhado no original.]

³⁷⁴ [§ 169 na ed. de HC.]

³⁷⁵ de] [segue-se Reino risc.]

³⁷⁶ suscitatur] [sus- entrel. Na linha, -scitatur, com o -s- repetido.]

³⁷⁷ quem] [segue-se uma palavra entrel. risc.]

³⁷⁸ mistério] [seguem-se duas linhas de texto risc.]

³⁷⁹ [§ 170 na ed. de HC]

³⁸⁰ o que eles por arte humana e diabólica não podiam alcançar,] [na marg.]

³⁸¹ poderia] [-ria entrel.]

³⁸² por] [segue-se revelação risc.]

³⁸³ [§ 171 na ed. de HC.]

...interpretar & **conhecer**⁵³ os sucessos...

...com os **Conselheiros**, forão...

5

...o que **dissera** "*Ostendit tibi Deus omnia quae loquutus es.*

A mesma consequência...no **cap.º 1.º**⁵⁴ de *Esther*...

10 ...revelação de Deos **àquelle**⁵⁵ em que ...

...as cousas **representadas no sonho & verificadas no successo** erão...

15

...bem se **seguira**⁵⁶ que...

...Abulense & **outros**, & Theodoreto...

25

30

...a causa ou a **ocasião**...

35

40

⁵³ conhecer] [*leitura errada da lição de TT conhecera.*].

⁵⁴ 1º.] [*leitura errada da lição de TT .10.*].

⁵⁵ àquelle] [*interpretação errada, da lição de TT aquelle, que não é admitida pelo contexto.*]

⁵⁶ seguira] [*leitura errada da lição de TT seguia.*].

conhecera os sucessos futuros que significava, resolveu, com todo o seu Conselho, que o dito José era homem cheo do espírito de Deus, e que Deus lhe revelara aquele segredo. As palavras do Rei, falando com **os do Conselho**, fo³⁸⁴ram: Num inuenire poterimus talem virum qui spiritu Dei plenus sit? E falando com o mesmo José: quia ostendit tibi
 5 Deus omnia quae locutus es [Trad. 45]. De sorte que, por verem que José tinha explicado aqueles futuros que os Sábios e Magos não puderam explicar, inferiram por consequência clara e necessária que José era cheo do espírito de Deus, e que Deus lhe tinha revelado tudo o que **dissera**.

³⁸⁵ A mesma consequência tirou Mardoqueu no **capítulo 10**³⁸⁶ de Ester, resolvendo que sem dúvida fora sonho divino e revelação de Deus **aquele** em que por figuras enigmáticas se lhe representara a guerra que lhe fazia Aman, o perigo do povo, e o remédio que havia de ter por meio da mesma Ester. Para cuja inteligência se há-de supor com os Teólogos que os sonhos, ou são humanos, ou diabólicos, ou divinos.³⁸⁷ E como Mardoqueu viu que as cousas **representadas e verificadas no sonho** eram daqueles
 10 futuros que nem os homens nem o Demónio podem alcançar, logo resolveu e assentou consigo que o sonho não fora humano nem diabólico, senão divino e verdadeiramente de Deus: Vere a Deo facta sunt ista etc. [Trad. 46].

³⁸⁸ Finalmente, não há quem ignore que Balaão era feiticeiro: Misit Balac nuntios ad Balaam filium Beor Ariolum [Trad. 47], diz o texto no capítulo 24³⁸⁹ dos Números. E contudo é certo que o mesmo feiticeiro foi verdadeiro Profeta de Deus. E porquê? Porque profetizou tais futuros que, nem como homem os podia antever por ciência ou discurso humano, nem como feiticeiro por arte diabólica. Sendo logo certo que predisse cousas que só Deus podia saber, bem se **seguia** que falava por revelação de Deus e luz do Espírito do Santo. Assi o prova e infere Teodoreto, Abulense e **os demais**; e
 20 Teodoreto pelas próprias palavras referidas.

³⁹⁰ Agora só peço que se traga à memória o que no primeiro silogismo referimos das predições de Bandarra, e que se me dê licença para perguntar *donde soube o sapateiro de Trancoso, ou quem lhe disse, todas aquelas cousas que tantos anos antes escreveu? Quem lhe disse, no tempo da maior paz, opulência³⁹¹ e felicidade de Portugal, que havia de vir tempo em que se desejasse e suspirasse por outro tempo? Quem lhe disse que esta diferença de tempo a havia de fazer a mudança de Rei e que havia³⁹²
 30 Portugal de³⁹³ ser sujeito aos de Castela? Quem lhe disse que havia de ser³⁹⁴ a causa **ou ocasião** de tamanha mudança³⁹⁵ o ser Castela parideira e Portugal não, faltando filho varão a tantos filhos d'el Rei³⁹⁶ D. Manuel que ficaram em Portugal e tendo só filho varão a filha que foi casar a Castela? Quem lhe disse que esta falta de Rei natural havia de durar pontualmente sessenta e um anos e que o castigo e cativoiro se havia de acabar no ano de quarenta, e não no princípio ou no meio, senão no fim dele? Quem lhe disse que,

³⁸⁴ [fl. 116r.]

³⁸⁵ [§ 172 na ed. de HC.]

³⁸⁶ 10] [sublinhado no original.]

³⁸⁷ [fls. 169v em TT.]

³⁸⁸ [§ 173 na ed. de HC.]

³⁸⁹ 24] [A indicação encontra-se errada. Trata-se do capítulo 22.]

³⁹⁰ [§ 174 na ed. de HC.]

³⁹¹ opulência] [no ms. opulencia, certamente por lapso. Cf. ms. TT.]

³⁹² havia] [segue-se de risc.]

³⁹³ de] [entrel.]

³⁹⁴ havia de ser] [entrel.]

³⁹⁵ de tamanha mudança] [na marg. a substituir várias palavras risc. ilegíveis na linha.]

³⁹⁶ Rei] [segue-se de Portu risc.]

5

...felice e *bom*⁵⁷ *andante*; & que...

10

...*agudo* & que se chamasse...

15

20

25

30 ...em hum valle que se chamasse de **Cano**⁵⁸...

35

40

45

⁵⁷ bom] [*leitura errada da lição de TT bem.*].

⁵⁸ Cano] [*leitura errada da lição de TT Cana.*]

sendo Castela tão poderosa e tendo possuído tantos anos e gostado, como ele diz, tais prados, os havia de tornar a perder, e que o mesmo reino, possuído e sujeito, por si se havia de restituir? Quem lhe disse que o Restaurador da liberdade havia de ser Rei, e não Rei velho ou antigo, senão Rei novo; e não Rei que ele se introduzisse, senão Rei levantado pelo reino? Quem lhe disse que esse Rei havia de ser descendente, não de Rei, senão de Infante, e que o maior parentesco que havia de ter com os Reis era o de primo, e que havia de ter um irmão, bom Capitão, e que havia de ser felice e bem andante, e que se havia de prezar da justiça, e finalmente que se havia de chamar D. João? Quem lhe disse que as terras prezadas das conquistas, sendo tão remotas, sem dilação nem repugnância, antes em um momento, se³⁹⁷ haviam de³⁹⁸ declarar pelo novo Rei e lhe haviam de mandar Embaxadores de obediência, e que, dali em diante, haviam de estar firmes por ele? Quem lhe disse que as duas cabeças principais dessas conquistas haviam de ser governadas naquele tempo por um homem agudo que se chamasse excelência e por outro muito sisudo e muito cabeludo, e que um, sendo ele o instrumento da aclamação do Rei, havia de ser tirado por temores de infidelidade, e que o outro, depois de ter algum reparo³⁹⁹ na matéria⁴⁰⁰, havia de deixar o estado menos rico do que o achara? Quem lhe disse que os três estados do reino, sem privilégio de Comendadores nem Prelados⁴⁰¹, se haviam de unir para as contribuições e que todos estes três estados haviam de estar juntos e confusos e igualmente honrados, sendo tão diversos e tão destintos? Quem lhe disse que, em um dos três anos seguintes à Restauração, ou no que propriamente se chama um, que é o primeiro, havia de haver açoute e castigo em gente de tamanhas qualidades e dignidades que por reverência a não nomea? Quem lhe disse que havia de haver aquele cometa tão singular e tão notavel, e que um golpe de grande dano⁴⁰², que ameaçava com o seu ferir, se havia de executar e sentir dali a quarenta e um ano? Quem lhe disse que o sucessor do Rei novo levantado não havia de ser o Príncipe senão um Infante? Quem lhe disse que a Grifa havia de morrer no Cano e que havia de ser o sucesso⁴⁰³ quasi às escuras, e que nele havia de ficar Castela derrubada por inteiro, e que o General⁴⁰⁴ das nossas armas havia de ser o Fronteiro de Trás-da-Serra? Quem lhe disse, finalmente, que depois desta vitória havia de haver outra junto da Gram Cabana, entre montes erguidos, e nomeadamente em um vale que se chamasse de **Cana**, e que por toda a somana se haviam de apresionar os fugidos? ⁴⁰⁵Todas estas cousas (sendo muitas mais sem número as que supõem e as que envolvem) é certo, evidente e infalível que não podiam ser antevistas⁴⁰⁶ por nenhũa ciência humana nem diabólica, porque todas são dependentes da Providência⁴⁰⁷ divina e de infinitos alvedrios humanos, de Reis, de Conselheiros, de Governadores, de Generais, de Capitães, de Soldados, e de infinitas outras pessoas particulares, e de povos, cidades, repúblicas e reinos inteiros, em que bastam muito pequenos accidentes para descompor e variar tudo,⁴⁰⁸ ainda quando antecedentemente se sabe o que têm disposto e determinado fazer, quanto mais cento e

³⁹⁷ se] [entrel.]

³⁹⁸ de] [entrel.]

³⁹⁹ reparo] [segue-se e risc.]

⁴⁰⁰ matéria] [seguem-se uma ou duas palavras risc.]

⁴⁰¹ [fl. 116v.]

⁴⁰² golpe de gram dano] [Cf. ed. de HC, vol. I, p. 109, nota 1: "Sublinhado no original".]

⁴⁰³ sucesso] [seguem-se várias palavras risc.]

⁴⁰⁴ general] [no ms. geral, provavelmente por lapso. Cf. ms. TT.]

⁴⁰⁵ [§ 175 na ed. de HC.]

⁴⁰⁶ antevistas] [seguem-se várias palavras risc.]

⁴⁰⁷ [fls. 170 em TT.]

⁴⁰⁸ tudo,] [seguem-se várias palavras risc. na extensão de cerca de uma linha.]

5

3.º Motivo

10

...Filosofos & Theologos)...

15

20

25 **...como a sciencia dos futuros...⁵⁹**
...& conhecer futuros...⁶⁰
...& de conhecer o ser futuro...

30

35

...& consta das Escrituras em muitos lugares. *Atqui...*

40

45

⁵⁹...como a sciencia dos futuros...] [*leitura errada da lição de TT ...como com a sciencia dos futuros...*].

⁶⁰...& conhecer futuros...] [*leitura errada da lição de TT ...e conhecer os futuros...*].

vinte anos antes, em que nenhum dos que as obraram era⁴⁰⁹ nacido, e de muitos nem seus avós. Sendo logo certo, evidente e infalível que as sobreditas cousas não podiam ser conhecidas tantos anos antes por nenhũa ciência nem arte humana ou diabólica, bem se segue do principio que deixamos provado com tantas escrituras que só se podiam
5 conhecer e predizer por espírito superior e revelação divina, e que esta se não deve negar a quem as predisse.

3^{o410}

10 ⁴¹¹ Provo mais e confirmo a mesma menor com dous argumentos mais breves mas de igual consequência. Tão próprio é da divina onnipotência o criar de nada, como da divina sabedoria o conhecer os futuros antes de serem; atqui, se um homem criasse algũa
15 cousa de nada (possivel que admitem muitos **Filósofos**), não se podia negar que seria por comunicação da divina onnipotência; logo, da mesma maneira, quando um homem prediz os futuros, não se pode negar que é por comunicação da divina sabedoria. A menor e a consequência são certas, porque a paridade é em tudo igual. A maior ainda tem maior certeza, porque, além de ser comum de todos os Teólogos, é expressa da Sagrada Escritura em dous lugares dos Profetas, onde Deus prova igualmente a verdade de sua divindade com o poder de criador e com a ciência de conhecer os futuros. O 1^o
20 lugar é de Isaías, no⁴¹² capítulo 45⁴¹³: Haec dicit dominus Sanctus Israel: Ventura interrogate me super filios meos et super opus manum mearum mandate mihi; ego fui terram et hominem super ipsam creavi [Trad. 48]. O segundo é de Amós, no capítulo 4^{o414}: Ecce firmans montes et creans ventum et annuntians homini eloquium. Dominus Deus exercituum nomen eius [Trad. 49]. De sorte que, tanto prova Deus a verdade de
25 seu ser divino com a potência de criar, **como com** a ciência dos futuros, e a razão é porque criar é produzir de nada, e conhecer **os futuros** é ver onde não há nada, e estes dous actos, de tirar o ser presente donde o não havia e **conhecer** o ser futuro onde o não há⁴¹⁵, ambos requerem igualmente potência e perfeição infinita. E como a perfeição de todas as criaturas seja finita e limitada, bem se conclui que, quando algũa delas criasse ou
30 conhecesse os futuros, necessariamente havia de ser por comunicação do poder ou da sabedoria divina.⁴¹⁶

⁴¹⁷ A 2^a confirmação ainda é mais clara e em termos mais apertados. Tão próprio é de Deus e tão reservado à sua sabedoria o segredo dos futuros como o segredo dos corações, e tão próprio acto é do espírito da profecia conhecer o segredo dos corações
35 como conhecer o segredo dos futuros, como é comum sentença de todos os Teólogos e Padres e **consta das Escrituras**. Atqui, do conhecimento do segredo dos corações *convence-se claramente o espírito de Deus e revelação divina; logo⁴¹⁸, do conhecimento

⁴⁰⁹ era] [segue-se uma abreviatura de que risc.]

⁴¹⁰ 3^o] [leitura duvidosa.]

⁴¹¹ [26 em BN, certamente por lapso, em vez de 56. Este lapso é facilmente corrigível uma vez que o parágrafo anterior é o 55 e o seguinte o 57. § 176 na ed. de HC.]

⁴¹² no] [entrel.]

⁴¹³ 45] [sublinhado no original.]

⁴¹⁴ 4.º] [sublinhado no original]

⁴¹⁵ há] [entrel.]

⁴¹⁶ e como a perfeição de todas as criaturas seja finita e limitada, bem se conclui que, quando algũa delas criasse ou conhecesse os futuros, necessariamente havia de ser por comunicação do poder ou da sabedoria divina.] [na marg.]

⁴¹⁷ [57 em BN. § 177 na ed. de HC.]

⁴¹⁸ [fl. 117r]



5

10

15

20 ...em vós: *quod vere Deus in vobis*. Até aqui as palavras...⁶¹

25

...aquella molher **do**⁶² **cantaro**, a Samaritana...

30

...convincitur ab omnibus, quod vere Deus in **vobis sit** _ o mesmo...

35

40

45

⁶¹ ...*Deus in vobis*.] [*leitura errada da lição de TT ...Deus in vobis sit*.].

⁶² **do**] [*leitura errada da lição de TT de*.].

do segredo dos futuros também se convence o mesmo espírito e a mesma revelação. E que do conhecimento do segredo dos corações se⁴¹⁹ convença o espírito e revelação devina nos que têm o dito conhecimento, é proposição expressa de S. Paulo em um texto muito notavel da 1ª Epistola ad Corinthios, capítulo 14⁴²⁰. Quando, na primitiva Igreja, decia o Espírito Santo sobre os Cristãos, os dons do mesmo espírito que geralmente se comunicavam a todos era o dom de línguas e o espírito de profecia, como consta de muitos lugares dos Actos dos Apóstolos, e particularmente do capítulo 19⁴²¹. Escreve pois S. Paulo aos Coríntios novamente convertidos e diz assi no lugar citado: Volo omnes vos loqui linguis magis autem prophetare. Si ergo conveniat universa Ecclesia in unum, et omnes linguis loquantur intrent autem⁴²² idiotae aut infideles, non ne dicent quod insanitis? Si autem omnes prophetent intret autem quis infidelis aut idiota convincitur ab omnibus, diiudicatur ab omnibus, occulta enim cordis eius manifesta fiunt, et ita cadens in faciem adorabit Deum, pronuntians quod vere Deus in vobis sit [Trad. 50]. Estimo, diz S. Paulo, ó Coríntios, que useis do dom de línguas, mas muito mais quisera que usásseis do dom da profecia, principalmente quando vos ajuntais todos na Igreja, porque, se entrar nela algum infiel ou idiota e vos ouvir falar em diversas línguas, dirão que estais doudos, mas, se o mesmo idiota ou infiel vos⁴²³ vir profetizar, e que lhe descobris e conheceis os segredos de seu coração, ficará convencido de todos, e de si mesmo, e postrado por terra adorará a Deus e confessará a vozes que o mesmo Deus está⁴²⁴ verdadeiramente em vós: quod vere Deus in **vobis sit**. Até aqui as palavras de S. Paulo, entre as quais se devem notar muito a palavra *vere*⁴²⁵, a palavra *convincitur* e a palavra *infidelis aut idiota*, nas quais se mostra que do conhecimento do segredo dos corações não se⁴²⁶ prova de qualquer modo, mas se conclui e convence que verdadeiramente está e fala Deus nos que têm o dito conhecimento, e que, para o entenderem e confessarem e publicarem assi, não é necessária fé nem são necessárias letras, porque basta um infiel e um idiota para o perceber e conhecer. *Gentia sem fé e idiota sem letras era aquela mulher **de cântaro**, a Samaritana, e tanto que experimentou que Cristo lhe dizia os pecados de que só Deus e ela eram sabedores, logo inferiu que era Profeta, e o creu tão claramente como se o vira com os olhos: Domine ut video Propheta es tu [Trad. 51]. E por isso, quando o Fariseu disse dentro em si: hic si esset Propheta sciret quae et qualis est mulier quae tangit eum [Trad. 52], o Senhor, para lhe mostrar quão verdadeiro Profeta era, lhe respondeu ao pensamento do coração. Logo, se deste conhecimento dos segredos do coração se convence, como diz S. Paulo, o verdadeiro espírito da profecia: convincitur ab omnibus quod vere Deus **in vobis** [Trad. 53], o mesmo e com mais evidência se convence do conhecimento dos futuros, principalmente se são⁴²⁷ preditos muitos anos antes, porque, para conhecer o pensamento de um homem vivo e presente pode haver algũa razão ou⁴²⁸ conjectura, mas para se

⁴¹⁹ se] [segue-se uma palavra risc.]

⁴²⁰ 14] [sublinhado no original.]

⁴²¹ 19] [sublinhado no original.]

⁴²² autem] [seguem-se várias palavras risc.]

⁴²³ vos] [seguem-se duas ou três letras risc.]

⁴²⁴ está] [segue-se uma palavra risc. fls. 170 vº em TT.]

⁴²⁵ vere] [entre barras verticais, em sinal de destaque. Esta situação é marcada por nós pelo uso de *itálico*.]

⁴²⁶ se] [no ms. se se.]

⁴²⁷ são] [segue-se uma letra risc.]

⁴²⁸ razão ou] [entrel.]

...mas para se **conhecer**⁶³ as acçoens...
...comunicação **divina**.

4º Motivo

5

E para que não callemos...

10

15

20

25

...soberano Senhor, **cujos sam** os thezouros...
...servido?

30

5º Motivo

Finalmente, se fizermos...

35

40

45

⁶³ conhecer] [*leitura errada da lição de TT conhecerem.*].

conhecerem as acções e sucessos dos que ainda estão por nacer, nenhũa razão nem meio pode haver mais que o espírito, a luz e a comunicação **divina**.⁴²⁹

5 ⁴³⁰ E para que não caemos nesta matéria o mais profundo e encarecido exemplo, no capítulo 16⁴³¹ de S. João, prometeu Cristo aos Apóstolos que o Espírito Santo lhes ensinaria toda a verdade e lhes anunciaria⁴³² as cousas futuras: Cum autem venerit ille spiritus veritatis docebit vos omnem veritatem,⁴³³ et quae ventura sunt annuntiabit vobis [Trad. 54]. E para prova da verdade com que o Espírito Santo lhes havia de ensinar e anunciar as sobreditas cousas, acrescenta o mesmo Cristo⁴³⁴ ùa das mais notáveis proposições⁴³⁵ de todo o Testamento Novo: Non enim loquetur a semetipso, sed
10 quaecumque audiet loquetur [Trad. 54]. E será verdade infalível, diz Cristo, tudo o que vos ensinar e anunciar aquele divino espírito, porque não há-de falar de si mesmo, mas há-de dizer o que lhe foi comunicado. E assi é na verdadeira e rigorosa Teologia, porque, ainda que o Padre, o Filho e o Espírito Santo sejam iguais na ciência dos futuros, como em todos os mais atributos, contudo, o conhecer e saber os ditos futuros por
15 ciência não comunicada é propriedade só da ciência do Padre, como fonte original e sem princípio de todos os atributos, os quais, juntamente com a essência, comunica às outras pessoas divinas, e nelas já são recebidos e comunicados.⁴³⁶ Assi que a ciência dos futuros na pessoa do Filho é comunicada e recebida do Padre e na pessoa⁴³⁷ do Espírito Santo é comunicada e recebida do Padre e do Filho. E assi o explicou e se explicou logo o
20 mesmo Cristo dizendo: De meo accipiet et annuntiabit vobis, omnia quaecumque habet Pater mea sunt, propterea dixi quia de meo accipiet et annuntiabit vobis [Trad. 54]. E se da mesma pessoa do Espírito Santo (falando com a devida reverência a tão divinas palavras) diz tão expressamente o mesmo Cristo: Non enim a semetipso loquetur sed quaecumque audiet loquetur et quae ventura sunt annuntiabit vobis [Trad. 54], quando
25 vemos que um homem (ainda que fora o mais sábio do mundo) anuncia as cousas futuras, como se há-de imaginar nem cuidar que disse, ou que podia dizer, o que disse *a semetipso, senão que o ouviu e lhe foi comunicado por aquele riquíssimo e soberano *Senhor **que só tem** os tesouros desta e de toda a sabedoria e a pode comunicar e repartir como, quando e a quem é **servido**?⁴³⁸

30 ⁴³⁹ Finalmente, se fizermos comparação das sobreditas predições com outras semelhantes que verdadeira e indubitavelmente sabemos que foram proféticas e conhecidas por revelação divina, não sei como não pode ou como não podia parecer provavel que estas fossem também reveladas, porque de ùas para outras se fazia este argumento. Daniel conheceu por revelação,⁴⁴⁰ como consta do capítulo 5^{o441} de suas Profecias, que *o reino e império dos Caldeus havia de passar ao⁴⁴² dos Persas e Medos;

35

⁴²⁹ divina.] [segue-se marca de parágrafo: .§.]

⁴³⁰ [58 em BN. § 178 na ed. de HC.]

⁴³¹ 16] [sublinhado no original.]

⁴³² anunciaria] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴³³ veritatem] [seguem-se várias palavras risc.]

⁴³⁴ o mesmo Cristo] [entrel.]

⁴³⁵ proposições] [na marg. a substituir duas palavras risc. na linha.]

⁴³⁶ comunicados] [seguem-se duas palavras risc.]

⁴³⁷ [fl. 117v.]

⁴³⁸ servido?] [segue-se marca de parágrafo: .§.]

⁴³⁹ [60 em BN. Não há qualquer vestígio do parágrafo 59, nem qualquer falha visível de continuidade no texto, pelo que deverá tratar-se de um lapso. § 179 na ed. de HC.]

⁴⁴⁰ revelação,] [segue-se de risc.]

⁴⁴¹ 5º] [sublinhado no original.]

⁴⁴² ao] [entrel.]

5 ...3º. *Livro dos Reys*, **capitulo 17º**.⁶⁴, conheceo...

10

15 ...como consta do capitulo 40 **do**⁶⁵ *Genesis*,...

20

...como consta **de**⁶⁶ **seu capitulo 45**,...

25

...capitulo 37, **dos** *Genesis* conheceo...

30

...huma só familia, **que antever**...

35

40

45

⁶⁴ 17º.] [*leitura errada da lição de TT 12º.*].

⁶⁵ do] [*leitura errada da lição de TT dos.*].

⁶⁶ de] [*leitura errada da lição de TT do.*].

logo, também Bandarra conheceu por revelação que o Reino de Portugal havia de passar ao⁴⁴³ de Castela, porque mais dificultoso era antever que Portugal houvesse de ser dominado e conquistado de ùa nação com que tinha amizade e paz do que antever que os Caldeus houvessem⁴⁴⁴ de ser dominados e vencidos de outra nação com que estavam em actual guerra. O Profeta Aías, como consta do 3^o⁴⁴⁵ Livro dos Reis, **capítulo 12**⁴⁴⁶,
 5 conheceu por revelação que o Reino de Israel se havia de dividir em dous reinos; logo, também Bandarra conheceu por revelação que a Coroa de Portugal se havia de unir à de Castela, porque tão dificultoso é antever que dous reinos divididos se hão-de unir em um como antever que um reino só e unido se havia de dividir em dous. O Profeta Jeremias,
 10 como consta do seu capítulo 19⁴⁴⁷, conheceu por revelação⁴⁴⁸ o tempo determinado e preciso que havia de durar o cativo de Babilónia; logo, também Bandarra conheceu por revelação o tempo preciso e determinado que havia de durar o cativo de Portugal, porque não era menos dificultoso antever que o cativo de Portugal havia de durar precisamente sessenta anos do que antever que o cativo de Babilónia havia de durar
 15 precisamente setenta. José, como consta do capítulo 40⁴⁴⁹ **dos Génesis**, conheceu por revelação que o copeiro de Faraó havia de ser restituído por ele ao seu lugar; logo, também Bandarra conheceu por revelação que o Rei de Portugal havia de ser restituído pelo reino à sua coroa, porque menos dificultoso era antever a primeira restituição, que dependia da vontade de um só homem, que estava vivo, do⁴⁵⁰ que antever a segunda, que dependia das vontades de tantos homens que estavam por nascer. O Profeta Isaías, como
 20 consta **do seu capítulo 45**⁴⁵¹, conheceu por revelação o nome do Príncipe que havia de libertar o povo de Israel do cativo de Babilónia; logo, também Bandarra conheceu por revelação o nome do Rei que havia de libertar os Portugueses do jugo de Castela, porque tão dificultoso era antever que o libertador daquele povo se havia de chamar Ciro como antever que o libertador deste reino se havia de chamar D. João. José, como
 25 consta do capítulo 37⁴⁵² **do Génesis**, conheceu por revelação que seu pai, sua mãe e seus irmãos o haviam de adorar; logo, também Bandarra conheceu por revelação que as terras das conquistas, nas outras três partes do mundo, haviam de tomar a voz e obediência do novo Rei, porque menos dificultoso é antever ùa acção particular de ùa só família **do que**
 30 **antever** ùa⁴⁵³ resolução comum de tantos povos, cidades, e províncias.⁴⁵⁴ O Profeta Isaías, como consta do seu capítulo⁴⁵⁵, conheceu por revelação que, no cerco apertadíssimo de Jerusalém, o Nobre havia de ser como o Peão e o Sacerdote como o Leigo, sem haver nem se⁴⁵⁶ distinguir diferença de estados; logo, também Bandarra

⁴⁴³ ao] [segue-se uma palavra risc.]

⁴⁴⁴ ouvessem] [fls. 171 em TT.]

⁴⁴⁵ 3^o] [sublinhado no original. O número parece ter sido emendado de 2^o para 3^o.]

⁴⁴⁶ 12] [sublinhado no original.]

⁴⁴⁷ do seu capítulo 19] [na marg. a substituir cerca de uma linha de texto risc. 19 sublinhado no original.]

⁴⁴⁸ revelação] [segue-se que risc.]

⁴⁴⁹ 40] [sublinhado no original.]

⁴⁵⁰ do] [entrel.]

⁴⁵¹ 45] [sublinhado no original.]

⁴⁵² 37] [sublinhado no original.]

⁴⁵³ ùa] [segue-se uma espécie de ponto de interrogação em tinta muito carregada. Provavelmente tratar-se-á de uma letra e de um sinal de abreviatura amulados.]

⁴⁵⁴ povos, cidades e províncias] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha. Segue-se um ponto de interrogação risc.]

⁴⁵⁵ capítulo] [segue-se um espaço em branco, aparentemente apagado e certamente correspondente ao número do capítulo. Esta lacuna não foi preenchida em TT.]

⁴⁵⁶ se] [entrel.]

5

10

15

20

25

30

35

40

45

conheceu por revelação que, para⁴⁵⁷ a defesa do reino e para as contribuições da guerra, se haviam de unir sem distinção os três estados dele, porque tão dificultoso é antever o que se há-de padecer por castigo como antever o que se há-de deliberar por remédio. Moisés, como consta do capítulo 16⁴⁵⁸ dos Números, conheceu por revelação o castigo que Deus havia de dar a Datan e Abiram e aos outros⁴⁵⁹ rebeldes; logo, também Bandarra conheceu por revelação *o castigo dos conjurados, que foi a gente que ele não nomea, porque menos dificultoso era⁴⁶⁰ antever o castigo futuro sobre o delito presente do que antever o castigo e mais o delito, ambos⁴⁶¹ futuros. Samuel, como consta do 1º Livro dos Reis, capítulo 16,⁴⁶² conheceu por revelação que *o Rei sucessor de Saul havia de ser o filho menor de Jessé; logo, também Bandarra conheceu por revelação que o sucessor do Rei novo havia de ser⁴⁶³ um Infante e não o Príncipe, porque tão dificultoso é antever em

5
10
15
20
25
30

ũa sucessão que havia de ser o filho último como antever na outra que não havia de ser o primeiro. O Profeta Miqueas, como consta do 3º Livro dos Reis, capítulo 22⁴⁶⁴, conheceu por revelação que o exército de el Rei Acab havia de ser vencido, e ele havia de morrer em *Ramot; logo, também Bandarra conheceu por revelação que o exército de Castela havia de ser desbaratado e a Grifa havia de morrer no Cano, porque não é mais senão⁴⁶⁵ menos dificultoso antever o que há-de suceder dentro em 24⁴⁶⁶ horas do que antever o que há-de suceder depois de cento e vinte anos.

⁴⁶⁷ Ainda pudera fazer mais paralelos semelhantes a estes, mas bastam e sobejam os referidos para se conhecer a urgentíssima consequência deles, a qual ou se há-de conceder necessariamente ou necessariamente se há-de negar que Bandarra não anteviu nem predisse futuros, contra⁴⁶⁸ o sentir universal de um reino e de tantos doutos e contra os fundamentos daquela probabilidade que na prova da menor⁴⁶⁹ do primeiro silogismo fica tão largamente discutida. Concluindo, pois, este segundo na forma do passado, digo outra⁴⁷⁰ vez que os motivos que tive para ter por provavel a sobredita proposição⁴⁷¹ foram os argumentos que ficam deduzidos na confirmação desta menor, sobre os quais, depois de reputados ao menos por prováveis, argumentava desta maneira: Pela evidência da primeira premissa,⁴⁷² é certo que aquele é e se deve chamar verdadeiro Profeta o qual prediz as cousas futuras por revelação de Deus e verdadeiro espírito de profecia.⁴⁷³ Pelos fundamentos da segunda premissa, quando menos é provavel que Bandarra predisse as

⁴⁵⁷ [fl. 118r.]

⁴⁵⁸ 16] [sublinhado no original. O número 1 parece ser uma correcção sobre um 2, passando-se assim de 26 para 16, o que se justifica uma vez que o capítulo a que Vieira se refere é efectivamente o 16, embora no capítulo 26 haja uma referência a este passo.]

⁴⁵⁹ outros] [entrel. a substituir a palavra mais, risc. na linha.]

⁴⁶⁰ era] [segue-se uma palavra risc., aparentemente conhecer.]

⁴⁶¹ ambos] [entrel.]

⁴⁶² 16] [sublinhado no original.]

⁴⁶³ de ser] [entrel.]

⁴⁶⁴ 22] [sublinhado no original.]

⁴⁶⁵ senão] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴⁶⁶ 24] [sublinhado no original.]

⁴⁶⁷ [§ 180 na ed. de HC.]

⁴⁶⁸ contra] [entrel. a substituir o início de uma palavra risc. na linha.]

⁴⁶⁹ da menor] [na marg.]

⁴⁷⁰ outra] [a primeira letra é a parte superior da abreviatura de que, cujo prolongamento foi amulado. A intercalação de outra vez vinca assim a ideia desenvolvida ao longo dos últimos parágrafos.]

⁴⁷¹ Proposição] [segue-se uma extensão de cerca de uma linha risc.]

⁴⁷² premissa] [as duas últimas sílabas da palavra resultam de uma correcção feita, aparentemente, sobre a palavra proposição.]

⁴⁷³ [muda para fls. 171v em TT.]

...he provavel que **Bandarra** foy & se **pode** chamar verdadeiro profeta.

5

Motivos do 3° Syllogismo.

Aquelle he...

10

...**Bandarra** foy & se **pode** chamar...

15

20

25

30

35

40

45

cousas futuras por revelação de Deus e verdadeiro espírito de profecia; logo, pela evidência de ùa e pelos fundamentos da outra, se segue que quando menos é provavel que o **Bandarra** foi e se **deve** chamar verdadeiro Profeta.

5

3º Silogismo.

⁴⁷⁴Aquele é e se deve chamar verdadeiro Profeta a cujas predições ou vaticínios compete a própria e rigorosa definição da verdadeira profecia.

10

Atqui, às predições e vaticínios de Bandarra compete inteiramente a definição da própria e rigorosa profecia.
Logo, Bandarra foi e se **deve** chamar verdadeiro Profeta.

15

⁴⁷⁵Também a maior e consequência deste último silogismo estão por sua certeza e evidência provadas. Só a menor necessita de prova, a qual toda consiste na inteira aplicação da própria e rigorosa definição da Profecia às predições e vaticínios de Bandarra, que é o que agora mostraremos brevemente referindo-nos em muitas cousas às mesmas que já ficam ditas e provadas.

20

⁴⁷⁶ Deixadas pois muitas definições da profecia com que os Padres e Teó⁴⁷⁷logos antigos mais breve e resumidamente a definiram, como é a de Tertuliano, S. Crisóstomo, S. Gregório, S. Isidoro,⁴⁷⁸ S. Ireneu e Clemente Alexandrino, os quais, sem mais cláusulas nem diferenças, lhe chamaram *Praedictio seu praesignificatio futurorum* [Trad. 55], a definição mais estreita, mais própria e mais rigorosa da profecia, aprovada e seguida de S. Tomás e recebida de todos os Teólogos, é a que o mesmo santo Doutor tomou de Cassiodoro, e é a seguinte: *Prophetia est divina inspiratio rerum a nobis procul distantium eventa immobili veritate et maxima cum certitudine praenoscens atque denuntians* [Trad. 56]. E para que se veja mais clara e distintamente como toda esta definição compete às predições de Bandarra, não lha aplicarei toda junta senão cláusula por cláusula, *ou, como falam os Lógicos, partícula por partícula.

25

Prophetia est divina inspiratio.

30

⁴⁷⁹ Esta primeira partícula fica largamente provada na menor do silogismo antecedente, em que mostramos que Bandarra não podia conhecer nem predizer as cousas que conheceu e predisse por ciência algũa humana ou arte diabólica, senão somente por inspiração e revelação divina. Agora, só podem ocorrer sobre esta partícula algũas objecções,⁴⁸⁰ de cuja resposta ficará a aplicação dela mais confirmada e manifesta.

35

⁴⁷⁴ [§ 181 na ed. de HC.]

⁴⁷⁵ [61 em BN.]

⁴⁷⁶ [§ 182 na ed. de HC.]

⁴⁷⁷ [fl. 118v.]

⁴⁷⁸ S. Isidoro] [segue-se e risc.]

⁴⁷⁹ [62 em BN. § 183 na ed. de HC.]

⁴⁸⁰ objecções,] [segue-se uma palavra risc.]

...vários lugares de **Profetas**,...

...**chamaria**⁶⁷ *passado*, do qual...

5 ...não se prova que forão **suas** predicções alcançadas...

10

15

Mas tornando à prova de **allegar em**⁶⁸ huns profetas com outros...

...profetizando cheo do **spirito**, como diz S. Lucas,...

20

...no *Psalmo 72*...

...& Jeremias, no capítulo **23,31**⁶⁹, & Malachias,...

25

30

35

40

45

⁶⁷ *chamaria*] [*leitura errada da lição de TT chama já.*].

⁶⁸ *allegar em*] [*interpretação errada da lição de TT allegarem.*].

⁶⁹ 23, 31] [*leitura errada da lição de TT 23 e 31.*].

Responde-se a 2 objecções⁴⁸¹

⁴⁸² 1ª objecção. Bandarra alega muitas vezes vários lugares dos Profetas, e não só dos Profetas senão do Doutor que ele **chama já passado**, do qual faz menção duas vezes. Logo, não se prova que foram as suas predições alcançadas por revelação ou inspiração⁴⁸³ divina, pois não é necessária inspiração nem revelação divina para alegar Profetas e Doutores. Este argumento, quando provara algũa cousa, seria somente naqueles versos e significado deles em que se acham as ditas alegações, os quais, comparados com o corpo de toda a obra, vêm a ser a mínima parte dela, mas, nem nesta parte nem em toda, tem força algũa o dito argumento, porque não é cousa nova nos Profetas mais modernos alegarem com os mais antigos, como já respondeu e⁴⁸⁴ provou⁴⁸⁵ *Origenes, posto que não tão douta e evidentemente⁴⁸⁶ como pudera, mas escusa-se ele naquele lugar de o fazer de caminho e sem livros, que é bem grande desconsolação para quem sem livro algum escreve sobre tantos pontos, e tão diferentes, e não é o grande Origenes, mestre dos mestres de S. Jerónimo.

⁴⁸⁷ Mas, tornando à prova de **alegarem** uns Profetas com outros, Daniel, no capítulo 9⁴⁸⁸, alega nomeadamente a Jeremias; e Zacarias, pai do Baptista, profetizando cheo do **Espírito Santo**, como diz S. Lucas, alegou com os Profetas: Sicut locutus est per os Sanctorum qui a saeculo sunt prophetarum eius [Trad. 57], e, posto que não nomea os mesmos Profetas, consta que os alegados⁴⁸⁹ são David, no salmo 73⁴⁹⁰, e Jeremias, no capítulo 23 e 31⁴⁹¹, e Malaquias, no capítulo 4,⁴⁹² e Zacarias, no capítulo 3⁴⁹³, que é bastante alegar de Profetas em tão pequena⁴⁹⁴ escritura como um só cântico. E o mesmo Profeta dos Profetas, Cristo, alegou por seu próprio nome com⁴⁹⁵ Isaias quando disse aos Judeus: Bene prophetavit de vobis Isaias dicens: Populus hic labiis me honorat [Trad. 58]. Finalmente, todos os livros canónicos do Testamento Novo, sendo escritos, como é de fé, por inspiração divina, estão cheos de alegações dos Profetas, como se pode ver particularmente em S. Mateus, S. Lucas,⁴⁹⁶ S. João, e nas Epístolas de S. Paulo.

⁴⁸¹ Responde-se a 2 objecções] *[este titulo encontra-se no espaço em branco da linha anterior e é precedido de marca de parágrafo. Este comportamento pode corresponder a uma economia de espaço ou à inserção posterior do título.]*

⁴⁸² [63 em BN. § 184 na ed. de HC.]

⁴⁸³ ou inspiração] *[na marg.]*

⁴⁸⁴ respondeu e] *[na marg.]*

⁴⁸⁵ provou] *[segue-se uma palavra risc.]*

⁴⁸⁶ evidentemente] *[segue-se uma palavra risc.]*

⁴⁸⁷ [§ 185 na ed. de HC.]

⁴⁸⁸ 9] *[sublinhado no original.]*

⁴⁸⁹ os alegados] *[na marg.]*

⁴⁹⁰ salmo 73] *[no original salm. A falta do o final é um lapso evidente sendo a sua reconstituição facilitada pelo confronto com TT. O número do salmo encontra-se sublinhado no original e apresenta a particularidade de o 3 ter sido desenhado sobre um 2. Uma vez que TT apresenta a lição 72, pode concluir-se que a correcção em BN terá sido posterior à redacção de TT. De qualquer forma, nem o salmo 72, nem o salmo 73 são de David, sendo provavelmente este lapso de memória que está na origem da hesitação entre os dois números.]*

⁴⁹¹ [sublinhado no original.]

⁴⁹² [sublinhado no original.]

⁴⁹³ [sublinhado no original.]

⁴⁹⁴ [fls. 172 em TT.]

⁴⁹⁵ com] *[segue-se Isa risc.]*

⁴⁹⁶ S. Lucas] *[segue-se uma letra risc.]*

...depois de **ter inspirado**⁷⁰ & revellado a outro.

5

10 ...se colhe claramente **que forão deste modo ao menos algumas dellas**, porque,
depois...

15

20

25 ...applicou Christo à **treição de Judas** o verso 6°...

30

...& energia **destas palavras de Christo**, como se pode ver...

35

40

45

⁷⁰ ...depois de ter inspirado...] [*leitura errada da lição de TT* ...depois de a ter inspirado...].

⁴⁹⁷ Os modos por que a dita alegação de outros Profetas não⁴⁹⁸ seja impedimento nem argumento de falta de espírito profético ou inspiração divina em quem os alega são ou podem ser dous: 1º, porque pode Deus inspirar e revelar a mesma cousa a um Profeta depois de **a ter inspirado** e revelado a outro. Assi, revelou o cativo de Babilônia a
 5 Isaiás depois de o ter revelado a Oseas; e a Amós depois de o ter revelado a Isaiás; e a Ageo depois de Amós; e a Jeremias depois de Ageo. E muitas cousas das reveladas a S. João Evangelista no seu Apocalipse são as mesmas que estavam já mostradas a Daniel, Ezequiel, Isaiás e outros Profetas, como se pode ver nos expositores do dito livro e particularmente em Alcaçar, que⁴⁹⁹ difusamente o mostra.⁵⁰⁰ E se Bandarra, segundo o
 10 que fica dito, teve verdadeiras revelações, de seus escritos se colhe claramente **que foram deste modo**, porque, depois de referir um dos seus sonhos, diz: E depois de acordado fui a ver as Escrituras, e achei muitas pinturas e o sonho afigurado⁵⁰¹. E logo alega com Isaiás e Ezequiel. De maneira que primeiro tinha ele a notícia dos futuros que antevia e depois conhecia e entendia que também estavam escritos nos Profetas.
 15 ⁵⁰² O 2º modo por que a dita alegação pode também ser profética e inspirada por Deus é quando os ditos lugares que se alegam são entendidos por luz superior e divina, como são todos os que alegam os autores canônicos e como⁵⁰³ foi aquele lugar de Jeremias do qual diz o Profeta Daniel, no capítulo 9⁵⁰⁴, já alegado, que o entendeu *no 1º ano do reinado de Dario:⁵⁰⁵ In anno primo Darii filii Assueri ego Daniel intellexi in liberis
 20 numerum anorum de quo factus est sermo domini ad Ieremiam Prophetam [Trad. 59]. E o modo com que claramente se conhece que o Profeta mais moderno explica por nova luz e inspiração ao Profeta mais antigo é quando o Profeta mais antigo fala por termos mais universais e comuns, abstraindo das circunstâncias de tempo, lugar e pessoas, e o Profeta moderno aplica e explica a dita profecia com as ditas circunstâncias. Desta
 25 maneira explicou e aplicou⁵⁰⁶ Cristo a Judas o verso sexto do salmo 40⁵⁰⁷. E logo tomou a dita explicação e aplicação por testemunho evidente de sua sabedoria divina: Sed ut impleatur Scriptura (diz o mesmo Cristo no capítulo 12⁵⁰⁸ de S. João) qui manducatur meum panem levabit contra me calcaneum suum, a modo dico vobis antequam fiat ut cum factum fuerit credatis quia ego sum [Trad. 60]. De sorte que explicar e aplicar em
 30 particular a profecia antiga que falava em comum era prova de ciência divina, porque só por ciência divina se podia aplicar com certeza.⁵⁰⁹ Assi explicam os Padres a consequência e energia **destas palavras**, como se pode ver em Maldonado, o qual disputa doutamente este ponto sobre o lugar citado.

⁴⁹⁷ [§ 186 na ed. de HC.]

⁴⁹⁸ não] [segue-se impida risc.]

⁴⁹⁹ que] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁵⁰⁰ [fl. 119r]

⁵⁰¹ E depois de acordado...e o sonho afigurado.] [no original entre barras oblíquas.]

⁵⁰² [a abertura deste parágrafo é indicada apenas pela presença de um sinal de parágrafo na entrelinha e de uma barra vertical e uma horizontal formando um ângulo de 90 graus. § 187 na ed. de HC.]

⁵⁰³ como] [segue-se Daniel risc.]

⁵⁰⁴ 9] [sublinhado no original.]

⁵⁰⁵ que o entendeu no 1º ano do Reinado de Dario.] [na marg.]

⁵⁰⁶ aplicou] [segue-se uma abreviatura da palavra Deus risc.]

⁵⁰⁷ 40] [sublinhado no original.]

⁵⁰⁸ 12] [A indicação encontra-se errada. Trata-se do capítulo 13.]

⁵⁰⁹ de sorte que, explicar e aplicar em particular a profecia antiga que falava em comum, era prova de ciência divina, porque só por ciência divina se podia aplicar com certeza.] [na marg. Entre profecia e antiga há uma abreviatura de que risc. Na segunda utilização da palavra ciência notam-se um d e um i risc. no meio da palavra, claramente uma antecipação da palavra divina, que vem a seguir.]

5

*Post me erat; ego nesciebam eum*⁷¹ (...) *sed qui misit me baptizare...*

10

15

...as quaes se não **podião** saber **ao certo** senão por nova revellação...

20

...se seguia faltar a **conspiração**⁷² & spirito divino no conhecimento das **causas**⁷³ em que he allegado...

25

...como **os**⁷⁴ demais.

30

35

40

⁷¹ *Post me erat; ego nesciebam eum...* [leitura errada da lição de TT Post me veniet vir qui ante me factus est, quia prior me erat, et ego nesciebam eum.].

⁷² *conspiração* [leitura errada da lição de TT inspiração.].

⁷³ *causas* [leitura errada da lição de TT cousas.].

⁷⁴ *os* [leitura errada da lição de TT as.].

510 E que seja necessária nova luz e nova inspiração, não só em diverso Profeta senão
ainda⁵¹¹ no mesmo, para aplicar em particular a mesma profecia que sabe em comum, é
ilustríssimo exemplo o de S. João Baptista, o qual desde o ventre de sua mãe sabia⁵¹² que
estava já no⁵¹³ mundo o Messias⁵¹⁴, e contudo não o conhecia, nem soube que pessoa era
5 senão por nova revelação, como ele mesmo diz no capítulo 1º de S. João: Hic est de quo
dixi post me **veniet vir qui ante me factus est quia prior me erat, et ego nesciebam**
eum. Sed qui misit me baptizare in aqua ille mihi dixit super quem videris spiritum
descendentem⁵¹⁵ **et manentem super eum hic est qui baptizat in spiritu sancto**⁵¹⁶ [Trad.
61]. E pela mesma razão apareceu o Anjo duas vezes a S. José na volta do Egipto, ùa
10 para lhe dizer que tornasse para a terra de Israel e outra para lhe determinar qual havia
de ser a providência daquela⁵¹⁷ mesma terra, que só se lhe tinha declarado em comum.
Assi que, applicando esta regra, que é certíssima, ao nosso caso, ainda que os Profetas
que alega⁵¹⁸ Bandarra tenham falado e⁵¹⁹ profetizado algũas das mesmas cousas que se
contêm em suas predições, nem por isso se segue ou infere bem que não foram
15 conhecidas por ele com inspiração divina, porque os Profetas, como neles se pode ver,
disseram as ditas cousas por termos muito comuns e gerais, e Bandarra refere-as com
circunstâncias de tempos, lugares⁵²⁰, pessoas e outras applicações e explicações, as quais
se não **podem saber com certeza** senão por nova revelação e inspiração divina.

521 O que se tem dito dos Profetas canônicos digo também proporcionalmente⁵²² do
20 Doutor que Bandarra chama *já passado*, o qual⁵²³, se é, como se entende, S. Isidoro,
também falou com espírito de profecia. E ainda que não fosse Profeta, nem por isso se
seguia faltar a **inspiração** e espírito divino no conhecimento das **cousas** em que é
alegado, como se prova claramente da Epistola 1ª ad Titum, capítulo 1º, onde S. Paulo,
falando dos Cretenses, alega com um seu Poeta (o qual, posto que o Santo Apóstolo o
25 não nomea, foi Epimenides), e nem por isso se segue que as ditas palavras, alegadas e
aprovadas por escritor canônico, não fossem escritas por inspiração divina como **as**
demais. O qual ponto, depois de Tena, Escalante e Salmeirão (não falando nos
intérpretes deste lugar), trata mui ineditamente Scherlogo nos antilóquios dos Cânticos.

524 2ª Objecção. Bandarra, no prólogo da sua obra, diz: Ando sempre ocupado em
30 fazer minha obra boa, etc. Segue-se, logo, que não escreveu por inspiração divina,
porque os que escrevem por inspiração divina não trabalham nem cuidam no que
escrevem⁵²⁵, sendo o Espírito Santo o que lhes dita o que hão-de escrever. Por isso,
dezia David: *Lingua mea calamus scribae velociter scribentis* [Trad. 62], significando que

⁵¹⁰ [a abertura do parágrafo é indicada de forma idêntica ao anterior. Cf. supra nota 504. § 188 na ed. de HC.]

⁵¹¹ ainda] [entrel.]

⁵¹² sabia] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁵¹³ no] [entrel.]

⁵¹⁴ ,] [a vírgula substitui um ponto e vírgula em que o ponto foi riscado em sinal de anulação.]

⁵¹⁵ descendentem] [segue-se ille risc.]

⁵¹⁶ Hic est de quo...hic est qui baptizat in spiritu sancto.] [note-se que a citação de BN é exacta, enquanto que a de TT se encontra truncada, com prejuízo do sentido.]

⁵¹⁷ daquela] [segue-se terra risc.]

⁵¹⁸ alega] [segue-se uma marca de plural risc.]

⁵¹⁹ e] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁵²⁰ lugares] [segue-se e risc.]

⁵²¹ [§ 189 na ed. de HC.]

⁵²² proporcionalmente] [fls. 172v em TT.]

⁵²³ qual] [segue-se uma palavra risc.]

⁵²⁴ [64 em BN. § 190 na ed. de HC.]

⁵²⁵ escrevem] [segue-se porque risc.]

5

...o que avia de ditar **& elle** somente pronunciava...

10

15

20 ...Escritores canonicos; **donde** nasce a grande...

25

...dos campos de **Techué**⁷⁵ & Jeremias...

30

35

40

45

⁷⁵ Techué] [*leitura errada da lição de TT Thecua.*].

a sua língua era movida por outrem (isto é por Deus)⁵²⁶ como a pena⁵²⁷ pela mão de quem escreve. E S. João Baptista dizia: Ego vox clamantis in deserto [Trad. 63], como se fosse outrem o que clamava e ele somente a voz. E o Profeta Baruc, escrevente de Jeremias, quando levou o livro do mesmo Profeta⁵²⁸ e o leu por seu mandado no templo, perguntando-lhe os Príncipes como lhe ditava Jeremias aquele livro, respondeu: Ex ore suo loquebatur quasi legens ad me omnes sermones istos [Trad. 64]. De modo que Jeremias ditava o seu livro como se o estivera lendo por outro livro⁵²⁹, porque Deus era o que inspirava o que havia de ditar, **ele** somente pronunciava o que se havia de escrever. Assi que, em dizer Bandarra que andava sempre ocupado em fazer a sua obra, mostra que era feita por trabalho, indústria e diligência sua, e não ditada por inspiração divina. E isto mesmo se confirma com o estilo da mesma obra, o qual, em algüas⁵³⁰ cousas, não parece proporcionado nem ainda decente a tão sublime espírito, como é aquela parte a que ele chama a sua⁵³¹ *Sapataria*⁵³², e outras cousas igualmente baxas e grosseiras.

⁵³³ A esta dúvida se responde facilmente que a inspiração divina não tem sempre o mesmo modo de inspirar e obrar, porque (como ensinam todos os *Teólogos, assi escolásticos como expositivos)⁵³⁴ üas vezes inspira Deus aos Profetas não só as cousas que hão-de dizer senão também as palavras com que as hão-de declarar; e outras vezes inspira somente as cousas e não as palavras, deixando ao Profeta que as declare pelo estilo que puder ou souber ou lhe parecer. E este segundo modo é o mais ordinário e comum, ainda nos mesmos Profetas e escritores canónicos, e **daqui** nace a grande diferença de estilos com que escreveram. Isaías, como era fidalgo e cortesão, fala com estilo tão levantado e discreto que, como diz S. Jerónimo: *florem sermonis eius translatio non potuerit conservare* [Trad. 65]. E logo Jeremias, que era menos polido, fala com palavras simples, como nota o mesmo santo Doutor⁵³⁵, o qual chama absolutamente ao Profeta Amós *sermone imperitus* [Trad. 66]. E a razão literal e natural é porque Amós era um pastor dos campos de ***Tecua** e Jeremias era nacido e criado em üa aldea chamada Anatot, e assi não é muito que, ainda que um e outro dissessem cousas inspiradas por Deus,⁵³⁶ nessas mesmas cousas faladas e escritas por eles o estilo⁵³⁷ do pastor seja rústico como o officio e o estilo do aldeão seja simples como a pátria: Porro simplicitas eloquii a loco ei in quo natus est accidit, fuit enim Anathotites qui est usque hodie viculus [Trad. 67], diz o mesmo S. Jerónimo falando de Jeremias. O mesmo succedeu ao nosso ***Bandarra**, o qual, como era sapateiro⁵³⁸ e natural, não da vila de Trancoso, senão de üa aldea dela chamada Aldea Nova, fala com as palavras simples e toscas da sua pátria, e com as frasis e metáforas baxas do seu officio. Assi o fez o mesmo Profeta Amós, que, como pastor que vinha de entre o gado a reprender *os Príncipes da

⁵²⁶ (isto é por Deus) [na marg.]

⁵²⁷ [fl. 119v]

⁵²⁸ Profeta] [segue-se e q risc.]

⁵²⁹ livro] [entrel.]

⁵³⁰ algüas] [segue-se uma palavra risc.]

⁵³¹ sua] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁵³² *Sapataria*] [No original *Çapataria*. Note-se que, neste caso particular, a forma com s só se encontra documentada a partir do séc. XVII.]

⁵³³ [§ 191 na ed. de HC.]

⁵³⁴ (como ensinam todos os Teólogos, assi escolásticos como expositivos)] [na marg.]

⁵³⁵ Doutor] [entrel.]

⁵³⁶ Deus] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁵³⁷ estilo] [no original com a sílaba intermédia ilegível. A reconstituição é possível pelo contexto e pelo confronto com TT.]

⁵³⁸ sapateiro] [cf. nota 524.]

...o nome com que **lhes pediu** audiência...

5

10

...sendo de fee que **escreveo por inspiração divina...**

corte de Samaria, o nome com que **lhe pediu** audiência foi: Audite hoc vaccae pingues quae estis in monte Samariae [Trad. 68]. Isto quanto à⁵³⁹ humildade e grosseria do estilo, que se pudera confirmar com muitos outros exemplos.

⁵⁴⁰ Quanto à ocupação, cuidado e trabalho de escrever, ùa vez que é por estilo próprio e *atado à medida do verso e às leis dos consoantes, e em um homem idiota e de tão pouco cabedal, nenhũa cousa implica com serem inspiradas por Deus as cousas que se haviam de escrever no dito estilo. Assi, é de crer que lhe custaram cuidado e trabalho a Jeremias os versos dos seus *Trenos, escritos pelo abecedário. E também às Sibilas os seus Acrósticos, em que tão notaveis cousas se dizem pelas primeiras letras dos versos, o que não podia ser sem muito cuidado e estudo, como delas disse Tulio. Mas o maior e mais expresso⁵⁴¹ exemplo de todos é o do 2º Livro dos Macabeus, no capítulo 2º, onde seu autor (que não consta quem fosse), sendo de fé que **tudo o que escreveu foi por inspiração divina**, diz assi: Et nobis quidem ipsis qui hoc opus breviandi causa suscepimus, non facilem laborem imo vero negotium plenum vigiliarum et sudoris assumpsimus. Sicut hi qui praeparant convivium et quaerunt aliorum voluntati parere propter multorum gratiam libenter laborem sustinemus [Trad. 69]. E mais abaxo, com outra comparação: Sicut enim novae domus architecto de universa structura curandum est ei vero qui pingere curat quae apta sunt ad ornatum exquirenda sunt ita aestimandum est et in nobis [Trad. 70]. Sobre as quais palavras não é nec⁵⁴²essário acrescentar nem ùa só para completa reposta de toda a objecção. Aos exemplos alegados dizemos que, quando o Profeta fala ou escreve sem nenhum trabalho nem cuidado próprio, é somente nos casos em que Deus, por si mesmo ou por algum Anjo, lhe dita, não só as cousas, senão as palavras com que as há-de significar. Deste modo se entende que foi ditado a S. João o Apocalipse, e essa é a melhor razão de ser o estilo e palavras daquela obra tão diverso do estilo e palavras do seu Evangelho, como douta e eruditamente notou e prova Salmeirão contra alguns autores antigos, que por esta causa disseram que o Apocalipse era de outro João, discípulo também de Cristo, mas não do Evangelista.

⁵³⁹à] *[esta forma foi corrigida sobre ao, tendo o o sido anulado e acrescentado o acento.]*

⁵⁴⁰ [§ 192 na ed. de HC.]

⁵⁴¹ [fls. 173 em TT.]

⁵⁴² [fl 120r. Existe aqui uma lacuna de extensão considerável (§ 192 (meio) a 351 na ed. de HC.). O texto de BN recomeça no início da Representação segunda, faltando assim todo o resto da Representação Primeira, que inclui o final da quarta proposição, a quinta (Que das predições de Bandarra se infere a ressurreição d' el Rei D. João) e o epílogo. Tal como no caso da lacuna inicial, cf. nota 1, transcrevemos do manuscrito TT o resto do parágrafo, com vista a assegurar a compreensão do texto. Cf. Cidade, 1957, vol. I, pp. 124-220.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “E disse também: "Haverá sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, e todas as nações da terra ficarão aflitas e assustadas com o terrível bramido do mar agitado”. Lucas 21: 25.

10

[Trad. 2] “E Deus chamou à luz "dia" e à escuridão, "noite". Passou uma tarde, veio a manhã: era o primeiro dia”. Génesis 1: 5.

15

[Trad. 3] “Quando lhes acontecerem tantos males e desgraças, então este cântico, que os seus descendentes nunca mais vão esquecer, há-de tornar-se como uma testemunha de acusação contra eles. Na verdade, eu conheço bem as suas intenções, mesmo antes de entrarem na terra, que lhes prometi”. Deuterónimo 31: 21

20

[Trad. 4] “O Senhor disse-me: "Pega num pedaço de barro grande e devidamente preparado e escreve em caracteres correntes: "Para aquele que tem o nome de Pronto - para - o - saque - Rápido - para - a - presa.". Isaías 8: 1.

25

[Trad. 5] “ Repartem entre si a minha roupa e lançam sortes sobre ela”. Salmos 22: 19 [a numeração da tradução portuguesa que usamos coincide com a que na Vulgata surge entre parênteses, correspondente à numeração da antiga versão grega, ainda hoje seguida por algumas Igrejas, na qual os Salmos 9 e 10 são considerados como um só e o Salmo 147 é dividido em dois].

[Trad. 6] Cf. infra [Trad. 8].

30

[Trad. 7] “Deram-me fel, em vez de comida e, quando tive sede, deram-me vinagre”. Salmos 69: 22.

35

[Trad. 8] “Estas coisas aconteceram para se cumprir a Sagrada Escritura que diz: Não lhe hão-de quebrar nenhum osso”. João 19: 36.

40

[Trad. 9] Neste passo Vieira cita Jeremias (32) a partir de Mateus: “Assim se cumpriram aquelas palavras do profeta Jeremias: E pegaram nas trinta moedas de prata, o preço daquele que foi avaliado pelo povo de Israel, e deram-nas pelo Campo do Oleiro, conforme o Senhor me ordenou”. Mateus 27: 9-10.

45

[Trad. 11] “Quando Israel era menino, eu o amei e desde o Egipto chamei-o por filho”. Oseias 11: 1.

[Trad. 12] “Em Ramá se ouviu um grito: choro amargo, imensa dor. É Raquel a chorar seus filhos; e não quer ser consolada, porque eles já não existem”. Mateus 2: 18. Cf.

também Jeremias 31: 15.

5 [Trad. 13] “Eis o que declara o Senhor, rei de Israel, o seu protector, o Senhor do universo: "Eu estou no princípio e no fim de tudo; fora de mim não há outro deus. Quem há semelhante a mim? Que se apresente e fale! Terá que me dizer e explicar quem é que, desde sempre, anunciou o futuro, e pode revelar as coisas que estão para vir?". Isaías 44: 6-7.

10 [Trad. 14] “Mas outros diziam, a fazer troça: "Eles estão mas é bêbados!". Actos dos Apóstolos 2: 13.

15 [Trad. 15] “Combinaram então uma data. No dia marcado, foram muitos ao lugar onde Paulo estava alojado. Desde manhã até à noite, falou-lhes do Reino de Deus. Ele procurava convencê-los a respeito de Jesus, baseando-se na Lei de Moisés e nos livros dos profetas”. Actos dos Apóstolos 28: 23.

[Trad. 16] “Uns aceitaram o que Paulo disse, outros não”. Actos dos Apóstolos 28: 24.

20 [Trad. 17] “Alguns filósofos epicuristas e estóicos trocavam impressões com ele. Uns diziam: "Que é que este fala-barato querera dizer?" Outros afirmavam: "Parece que é propagandista de outros deuses." Diziam isto, porque Paulo lhes anunciava a Boa Nova acerca de Jesus e da ressurreição”. Actos dos Apóstolos 17: 18.

25 [Trad. 18] “Mas, com a ajuda de Deus, aguentei-me até agora, e por isso aqui estou a falar-vos de Deus a todos, pequenos e grandes. O que vos digo não é mais do que aquilo que os profetas e Moisés disseram que ia acontecer”. Actos dos Apóstolos 26: 22.

30 [Trad. 19] “Ao chegar a este ponto da sua defesa, Festo disse em voz alta: "Estás doido, Paulo! Os teus muitos estudos fizeram-te perder o juízo!". Actos dos Apóstolos 26: 24.

[Trad. 20] “Então Agripa disse a Paulo: “Daqui a pouco, convences-me a ser cristão!”. Actos dos Apóstolos 26: 28.

35 [Trad. 21] “Muitos comentavam: "Ele está completamente louco. Por que é que vocês fazem caso dele?" Mas outros diziam: "Estas palavras não podem vir de um louco! E como é que um louco podia dar vista a cegos?". João 10. 20-21

40 [Trad. 22] “Jesus disse também: “Ora, quando virem no lugar santo o horror medonho, de que falou o profeta Daniel (quem lê isto procure entender)...”. Mateus 24: 15.

[Trad. 23] “O povo de Jerusalém e os seus chefes não sabiam quem era Jesus, e, ao condenarem-no, estavam a cumprir as palavras dos profetas que se lêem todos os sábados”. Actos dos Apóstolos 13: 27.

45 [Trad. 24] “Filipe acelerou o passo, chegou-se ao carro e, ouvindo o etíope a ler o livro do profeta Isaías, perguntou-lhe: "Tu achas que entendes o que estás a ler?" Ele respondeu: "Como é que eu posso entender, se ninguém me explicar?" E nisto, convidou Filipe a subir e a sentar-se com ele no carro”. Actos dos Apóstolos 8: 30-31.

5 [Trad. 25] “Jesus chamou à parte os doze discípulos e disse-lhes: “Escutem! Vamos para Jerusalém, onde se cumprirá tudo o que os profetas escreveram acerca do Filho do Homem. Será entregue aos pagãos, que vão troçar dele, insultá-lo e cuspir-lhe, bater-lhe e dar-lhe a morte. Mas ao terceiro dia ele há-de ressuscitar.” Os discípulos não perceberam nada daquilo, nem sabiam de que é que Jesus lhes estava a falar, porque eram coisas que eles não podiam compreender”. Lucas 18: 31-34.

10 [Trad. 26] “Na verdade ainda não tinham entendido a Sagrado Escritura, segundo a qual Jesus havia de ressuscitar”. João 20: 9.

[Trad. 27] “Jesus então disse-lhes: “Mas que faltos de entendimento vocês são, e que lentos para acreditarem em tudo o que os profetas disseram!”. Lucas 24: 25.

15 [Trad. 28] “Ana apareceu naquele momento e começou também a louvar a Deus. E falava do menino a todos os que esperavam que Deus salvasse Jerusalém”. Lucas 2: 38.

[Trad. 29] Cf. supra Trad. 23.

20 [Trad. 30] “Os seus discípulos não entenderam logo estas coisas. Mas, quando Jesus foi glorificado, deram-se conta que tinham feito com ele o que já estava prescrito na Sagrada Escritura”. João 12: 16.

25 [Trad. 31] “Eu sou o Senhor; este é o meu nome. A ninguém cedo a minha glória, nem aos ídolos o louvor que me é devido. Os primeiros acontecimentos já se realizaram, anuncio agora outros novos, e comunico-os a vós antes que apareçam”. Isaías 42: 8-9.

30 [Trad. 32] “Lembrem-se da vossa história de sempre: vejam que eu sou Deus e não há outro; não existe nenhum Deus como eu. Anuncio de antemão o que vai acontecer; muito antes que suceda, já o prevejo. Eu digo: “O meu plano cumprir-se-á, tudo quanto eu quero, eu o faço”. Isaías 46: 9-10.

35 [Trad. 33] “O insensato tem sempre muitas coisas para dizer. Mas a verdade é que do futuro ninguém sabe nada. Quem é que sabe informá-lo do que vai acontecer?”. Eclesiastes 10: 14.

[Trad. 34] “Ninguém pode conhecer a tua vontade se tu não lhe deres a Sabedoria e se das alturas não enviases o teu Espírito”. Sabedoria 9: 17.

40 [Trad. 35] “Pois nunca uma profecia veio por iniciativa humana, mas porque certos homens, conduzidos pelo Espírito Santo, falaram da parte de Deus”. II Pedro 1: 21.

45 [Trad. 36] “Eles responderam: “É que cada um de nós teve um sonho e não há ninguém capaz de nos dar a devida interpretação.” Então José disse-lhes: “Só Deus é que pode dar-nos a interpretação dos sonhos! Contem-me lá o que sonharam!”. Génesis 40: 8.

[Trad. 37] “Naquela mesma noite, o sonho misterioso foi revelado a Daniel, numa visão, e ele louvou o Deus dos céus, desta maneira...”. Daniel 2: 19.

[Trad. 38] “Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo.” Jesus exclamou: “Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foi o entendimento humano que te fez descobrir isso, por ti mesmo, mas meu Pai que está nos céus”. Mateus 16: 16-17.

5

[Trad. 39] “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser dar a conhecer”. Mateus 11: 27.

10

[Trad. 40] “Os magos tentaram fazer aparecer mosquitos com as suas artes mágicas, mas não conseguiram. Os mosquitos continuavam a atacar os homens e os animais. Então os magos disseram ao faraó: “Isto é coisa de Deus!” Mas o faraó continuou teimoso e não fez caso, tal como o Senhor tinha previsto”. Êxodo 8: 14-15 (na Vulgata Êxodo 8: 18-19).

15

[Trad. 41] “Os magos responderam: “Não há ninguém em toda a terra que possa satisfazer o desejo de Vossa Majestade. Nenhum rei, por maior e mais poderoso, jamais exigiu semelhante coisa aos seus magos, adivinhos e astrólogos. O que Vossa Majestade pede é tão difícil que ninguém o pode fazer, a não ser os deuses; e estes não vivem no mundo dos seres humanos”. Daniel 2: 10-11.

20

[Trad. 42] “E dirigindo-se a Daniel, o rei disse: “O vosso Deus é o maior de todos; ele domina sobre todos os reis e só ele revela os mistérios. De facto, só tu foste capaz de me desvendar este mistério”. Daniel 2: 47.

25

[Trad. 43] “Há uma pessoa neste reino que tem o espírito dos deuses santos. Quando o vosso pai era rei, essa pessoa mostrou bom senso, conhecimento e sabedoria iguais aos dos deuses. E o senhor vosso pai, o rei Nabucodonosor, fê-lo chefe dos magos, adivinhos, astrólogos e feiticeiros”. Daniel 5: 11.

30

[Trad. 44] “Ouvi dizer que tens o espírito dos deuses e que tens uma inteligência luminosa e sabedoria extraordinária”. Daniel 5: 14.

35

[Trad. 45] “Então o faraó disse aos seus conselheiros: “Seremos porventura capazes de encontrar um homem tão inspirado por Deus como este?” Por isso, declarou a José: “Visto que Deus te deu a conhecer todas essas coisas, não há ninguém tão inteligente e sábio como tu”. Génesis 41: 38-39.

40

[Trad. 46] Vieira cita aqui o apêndice deuterocanónico a Ester 10 (na Vulgata Ester 10: 4). “Mardoqueu disse: Foi Deus quem fez com que tudo isso acontecesse”. Ester (Grego) 10 (capítulo F): 1.

45

[Trad. 47] “Balac, filho de Sipur, mandou então mensageiros a Balaão, filho de Beor, que estava em Petor, junto ao Eufrates, no país dos amavitas, para lhe levarem a seguinte mensagem: “Veio do Egipto um povo que cobre agora a superfície deste país e veio instalar-se mesmo diante de mim”. Números 22: 5.

[Trad. 48] “Assim declara o Senhor, o Santo de Israel, que formou o seu povo: “Pretendeis pedir-me contas acerca dos meus filhos e dar-me ordens sobre aquilo que

devo fazer? Eu é que fiz a terra e criei os homens para a povoar; eu é que estendi os céus com as minhas mãos e dou ordens ao exército das estrelas”. Isaías 45: 12.

5 [Trad. 49] “Eis aquele que fez as montanhas e criou os ventos. Ele revela ao homem qual é o seu desígnio; das trevas produz a aurora, e caminha por cima das alturas da terra. O seu nome é: Senhor, Deus todo-poderoso!”. Amós 4: 13.

10 [Trad. 50] A citação não é seguida saltando do versículo 5 para o versículo 23: “Gostaria que todos vocês fossem capazes de falar em línguas desconhecidas, mas ainda gostaria mais que fossem capazes de falar em nome de Deus. De facto, falar em nome de Deus vale mais do que falar em línguas desconhecidas, a não ser que haja alguém que as explique, para que a comunidade tire algum proveito ... Se toda a comunidade se reunisse e todos comessem a orar em línguas desconhecidas e chegasse uma pessoa qualquer ou algum não-crente, diriam que vocês estavam doidos. Mas se todos
15 anunciarem a Palavra de Deus e chegar alguém não-crente ou uma pessoa qualquer, será levado pelas palavras de todos a reflectir e a reconhecer os seus erros. Os seus pensamentos secretos virão à luz do dia e, inclinando-se, adorará a Deus e confessará que Deus está realmente presente no meio de vocês”. I Coríntios 14: 5; 23-25.

20 [Trad. 51] “A mulher disse então a Jesus: “Senhor, estou a ver que és profeta!”. João 4: 19.

[Trad. 52] “Quando o fariseu viu aquilo, disse para consigo: “Se este homem fosse um profeta devia saber que espécie de mulher é esta que lhe está a tocar nos pés, pois é uma
25 pecadora”. Lucas 7: 39.

[Trad. 53] Cf. supra Trad. 49.

[Trad. 54] Vieira cita aqui os versículos 13 a 15 do capítulo 16 de S. João de forma não
30 linear, interrompendo as citações e retomando-as ou voltando atrás conforme as conveniências da exposição e comentário: “Quando vier o Espírito da verdade vai guiá-vos por toda a verdade. É que ele não falará por si próprio, mas comunicará o que lhe disserem e anunciar-vos-á as coisas que ainda estão para acontecer. Ele vos manifestará a minha glória porque tomará daquilo que é meu e o interpretará a vocês. Tudo quanto o
35 Pai tem, pertence-me também a mim. Por isso é que eu digo: o Espírito receberá daquilo que é meu e o interpretará a vocês”. João 16: 13-15.

[Trad. 55] “...predição ou vaticínio dos futuros...”. Aa. vv.

40 [Trad. 56] “A profecia é uma inspiração divina que prevê e anuncia com máxima certeza e verdade absoluta as coisas ainda distantes de nós.” S. Tomás.

[Trad. 57] “Há muito tempo que ele prometeu, por meio dos seus santos profetas...”. Lucas 1: 70.

45

[Trad. 58] “E Jesus respondeu-lhes: “Fingidos! Razão tinha o profeta Isaías quando se referia a vocês, e deixou escrita esta mensagem de Deus: Este povo honra-me com palavras, mas o seu coração está longe de mim”. Marcos 7: 6.

[Trad. 59] “Dario, o medo, que era filho de Xerxes, subiu ao trono da Babilônia. No primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, pus-me a estudar os livros sagrados e a meditar nos setenta anos, durante os quais Jerusalém ficaria em ruínas, segundo aquilo que o Senhor comunicou ao profeta Jeremias”. Daniel 9: 1-2.

5

[Trad. 60] Vieira cita aqui erradamente o capítulo 12 em vez do capítulo 13: “Não falo de vocês todos. Conheço aqueles que escolhi. Mas é preciso que se cumpra a palavra da Sagrada Escritura: O homem que come o pão comigo voltou-se contra mim. Desde já vos digo estas coisas, antes que elas aconteçam. Quando acontecerem, devem acreditar que “Eu sou aquele que sou”. João 13: 18-19.

10

[Trad. 61] “Era deste que eu dizia: aquele que vem depois de mim é mais importante do que eu, porque já existia antes de mim. Quando disse estas palavras, nem eu próprio sabia quem ele era, mas eu vim para baptizar com água, para que o povo de Israel o reconhecesse.” João declarou ainda acerca de Jesus: “Eu vi o Espírito de Deus descer do céu como uma pomba e ficar sobre ele. Eu não o conhecia. Mas Deus, que me enviou a baptizar com água, tinha-me anunciado: Tu hás-de ver o Espírito Santo descer e ficar sobre um homem. Esse é o que baptiza com o Espírito Santo”. João 1: 30-33.

15

[Trad. 62] Não encontramos nas Escrituras a frase atribuída por Vieira a David e que pode traduzir-se por: “A minha língua é mais veloz do que a pena.” Em Samuel II, porém, encontramos, como palavras de David, as seguintes que, embora não reproduzam a letra do texto citado por Vieira, parecem, pelo menos, relacionar-se com ele: “O espírito do Senhor manifesta-se por mim coloca a sua palavra na minha língua”. II Samuel 23: 2.

25

[Trad. 63] “João respondeu-lhes: “Eu sou aquele que grita no deserto: preparem o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”. João 1: 23.

30

[Trad. 64] “Baruc respondeu: “Jeremias ditou-me todas estas palavras e eu escrevi-as com tinta neste rolo”. Jeremias 36: 18.

[Trad. 65] “...a tradução não poderia conservar a beleza do seu discurso...”. S. Jerónimo.

35

[Trad. 66] “...inábil no discurso...”. S. Jerónimo.

[Trad. 67] “A simplicidade do discurso deriva do local onde nasceu. Com efeito, Anatot é até hoje um pequeno lugar”. S. Jerónimo.

40

[Trad. 68] “Ouçam bem isto, mulheres de Samaria, iguais a vacas de Basã. Vocês exploram os fracos e oprimem os pobres e dizem aos grandes do país: “Tragam vinho e bebamos!”. Amós 4: 1.

45

[Trad. 69] “Não é fácil preparar um resumo destes; exige trabalho duro e noites sem dormir. Esse trabalho é tão difícil como preparar um banquete que agrade a todos. Mas tenho prazer em suportar esse trabalho duro a fim de agradar os meus muitos leitores”. II Macabeus 2: 26-27.

[Trad. 70] “O construtor de uma casa preocupa-se com todos os pormenores da construção inteira, enquanto que a única responsabilidade do encarregado da pintura e da decoração é tornar a casa bonita. É assim que vejo a minha tarefa”. II Macabeus 2: 29.

5 **Representação Segunda**
dos fundamentos & motivos que tive para me parecer provavel o que tratava
de escrever acerca **do Quinto Imperio ou Reyno consumado de Christo.**

10 ...como **ao primeyro**. E necessariamente...

15

...do que nelle se lê, & que...

20 ...que só estava **delineada** no pensamento...

5 *Representação **Terceira**¹ dos fundamentos e motivos que tive para me
parecer provavel o que tratava de escrever acerca do **Quinto Império, Etc.**

2 Representação chamo também a este papel, como aos dous antecedentes; e
10 necessariamente será muito mal representada, *porque me faltam e lhe faltam as
principais figuras com que se havia de animar, que são os livros e os autores. Assi, que
os Doutos a cujas mãos chegar este imperfeitíssimo discurso terão muito que suprir nele,
nem poderão suprir facilmente tudo, porque as matérias, pela maior parte, não são
15 tratadas **ex professo*, muitos dos livros e autores são exquisitos, e ainda os mesmos
lugares deles dificultosos de³ descobrir e achar sem mui particular lição e estudo. Mas,
assi como nos embriões, antes de animados com a forma racional, se pode julgar da
simetria e proporção dos membros imperfeitos, se os ordenava⁴ a natureza a produzir
homem ou monstro, assi espero que se veja deste papel mais do que nele se ler, e que
20 dos fundamentos toscos e rudes (que é somente o que poderei apontar) ou se julgue a
firmeza do edificio, que só⁵ estava **delineado** no pensamento, ou, quando menos, que
teve⁶ bastante ocasião o mesmo pensamento para se enganar consigo e cuidar que não ia
mal fundado. A segunda parte desta disjuntiva é o que só pretendo mostrar com a graça
divina, *em⁷ tanto desamparo de meos humanos; e para o fazer com maior distinção e
clareza irei dividindo todo o discurso em diferentes questões.⁸
25

¹ Terceira] [*segue-se, depois de um borrão que parece ocultar uma palavra, a seguinte nota: é a 2ª no papel dos autos. Efectivamente o texto corresponde à Representação Segunda em TT.*]

² [§ 1 na ed. de HC.]

³ de] [entrel. a substituir uma abreviatura de que risc. na linha.]

⁴ ordenava] [-va entrel.]

⁵ só] [esta palavra é formada a partir da abreviatura de somente, com anulação do m na linha e do te em expoente.]

⁶ teve] [entrel.]

⁷ em] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁸ questões] [*um traço separa o final deste parágrafo do título seguinte. Na direcção deste traço, mas na margem, pode ler-se: Antes desta questão entra o Aditamento 8. Litera H. E serão de meter as duas questões [no formato] que ali se apontar. Note-se que o último aditamento indicado por Vieira em BN era o aditamento 6º, Litera F, faltando portanto o aditamento 7º, Litera G, que certamente se encontra na parte que falta em BN da Representação Primeira.*]

5

10

15

20

...para mayor evidencia **do**¹ seu spirito profetico...

25

30

35

40

45

¹ do] [*leitura errada da lição de TT de.*].

Questão 3^{a1}

Se está revelado ou profetizado na Sagrada Escritura algum reino, monarquia ou império que se deva chamar o quinto?

² No papel censurado, sopus a resolução afirmativa como certa sem a disputar nem provar; agora, direi os fundamentos que tive para mo parecer, que são três lugares dos Profetas, ao que eu imaginava, expressos.

³ O 1^o lugar é do 2^o capítulo de Daniel, onde se refere o sonho da estátua de Nabucodonosor. Tinha a estátua a cabeça de ouro, os peitos de prata, o ventre de bronze, ùa e outra perna de ferro e os⁴ pés de ferro e barro. E enquanto Nabucodonosor estava admirado do que via (porque a estátua, como diz o texto, era grande e de aspecto terrível), viu mais que de um monte caía ou se arrancava, sem mãos, ùa pedra, a qual deu⁵ um golpe nos pés da estátua com tão maravilhoso efeito que a estátua e seus metais se desfizeram todos em pó e cinza, e a pedra crescendo se converteu em um monte de tão⁶ imensa grandeza que cobriu toda a terra. Até aqui o sonho ou visão, da qual se esqueceu Nabucodonosor, e Daniel, para maior evidência de seu espírito profético, *lha referiu assi como tinha passado.⁷

⁸ A significação dela, interpretada pelo mesmo Daniel, é que os quatro metais da estátua significavam quatro reinos ou impérios que sucessivamente se haviam de seguir uns depois dos outros, semelhantes nas propriedades aos mesmos metais, e que depois destes quatro impérios havia de vir outro, significado na pedra, o qual os⁹ havia de desfazer a todos¹⁰, crescendo ele¹¹ de pequenos princípios a tanta grandeza que enchesse e dominasse toda a terra. Que impérios em particular fossem ou houvessem de ser estes não declarou o Profeta, e somente disse que *o primeiro, significado na cabeça de ouro, era o império do mesmo Nabucodonosor, isto é, o dos Assírios. Mas o tempo, que é o melhor intérprete das profecias, pela mesma ordem com que os impérios se seguiram, foi declarando também que o segundo império era o dos Persas, o terceiro o dos Gregos e o quarto o dos Romanos, que por seu grande valor e potência nas armas foi representado no ferro. A este império, que era o último da estátua, chama o texto e o Profeta

¹ Questão 3^a] [3^a substitui Primeira, por extenso, risc. Segue-se a seguinte nota: também no papel dos autos 3^a, em que a expressão no papel dos autos se encontra sublinhada.]

² [1 em BN. § 23 na ed. de HC.]

³ [§ 24 na ed. de HC.]

⁴ os] [seguem-se duas palavras risc.]

⁵ deu] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁶ tão] [muda para fls. 198v em TT.]

⁷ passado.] [segue-se A significação, risc. Como o parágrafo seguinte começa exactamente por estas palavras, pode-se concluir que a sua amulação no local em questão resulta da decisão do autor de abrir aqui novo parágrafo.]

⁸ [2 em BN. § 25 na ed. de HC.]

⁹ os] [entrel.]

¹⁰ a todos] [entrel. a substituir duas palavras risc. na linha.]

¹¹ ele] [entrel.]

...he exposição literal...

5

10

15

...Hae quatuor bestiae magnae quatuor sunt² regna quae...

20 *...usque in saeculum et saeculum saeculorum:...*³

25

30

35

40

45

² *quatuor sunt*] [leitura errada da lição de TT sunt quatuor.].

³ *...usque in saeculum et saeculum saeculorum:...*] [leitura errada da lição de TT ...usque in saecula saeculorum:...].

expressamente *quarto*: Et regnum quartum erit velut ferrum [Trad. 1]. Segue-se, logo, que o império que havia de vir depois, significado na pedra, é o quinto, e este¹² é o que eu chamo, ou chamava, *Quinto Império*. Tudo o que fica dito é a **exposição** literal de todos os Padres e comentadores deste lugar, como se pode ver neles.

5 13 O 2º texto ou profecia é do mesmo Profeta Daniel, no capítulo 7º, desta maneira: Viu ele que se levantavam do mar quatro bestas ou feras: a 1ª semelhante a Leoa, a 2ª semelhante a Urso, a 3ª semelhante a Leopardo e a quarta tão terrível e tão feroz que, por¹⁴ sua braveza e ferocidade, não tinha semelhante entre as feras. Os dentes desta quarta Besta¹⁵ eram de ferro, com os¹⁶ quais¹⁷ *troncava e comia tudo, e o que lhe caía da boca pisava com os pés, e na cabeça tinha dez cornos. Do meo destes dez cornos, diz 10 o Profeta que viu sair um corno pequeno, o qual teve poder para arrancar três dos outros, com que se ensoberbeceu e dizia blasfêmias, mas que, neste tempo, apareceu Deus em trono de juízo, assistido de infinitos Anjos, ministros de sua justiça, e sendo levado diante dele um semelhante ao filho do homem, a este deu¹⁸ o reino, a honra e o poder universal¹⁹ sobre todos os Reis da terra, para que todos²⁰ o sirvam e obedeçam²¹.

15 22 Vendo estas cousas, Daniel chegou-se a um dos Anjos que assistiam ao trono de Deus, e pedindo-lhe que lhas quisesse interpretar, o Anjo resumiu a interpretação e significação delas nestas breves palavras: Hae quatuor Bestiae magnae sunt quatuor regna quae consurgunt de terra. Suscipient autem regnum Sancti Dei altissimi, et obtinebunt regnum usque in saecula saeculorum [Trad. 2]. As quatro bestas ou feras que viste são quatro impérios que se levantarão no mundo, depois dos quais se seguirá o Reino dos Santos, o qual será perpétuo. Depois desta interpretação geral, perguntou em particular Daniel o que significava a Besta quarta e os dez cornos, e o pequeno que se levantara de entre eles, o que também lhe foi interpretado²³, como diremos em seu lugar. 25 Agora somente nos serve haver dito o Anjo nas palavras referidas que depois dos quatro reinos se seguiria outro, e este é o que por boas contas chamamos quinto. Assi o entendem neste lugar todos os comentadores, entre os quais Cornélio a Lápide diz: Et haec est quinta Monarchia [Trad. 3].

30 24 Não²⁵ declarou o Anjo quais fossem os quatro impérios significados nas quatro feras, mas é sentença comum de todos os Padres, sem discrepância, que significam literalmente os mesmos quatro impérios, dos Assírios, Persas, Gregos e Romanos, que significavam na estátua os quatro metais. E a razão de se repetir a mesma visão por diferentes figuras no mesmo Profeta (cousa que pudera parecer²⁶ supérflua e ociosa) é porque assi o costuma Deus fazer quando mais quer ratificar e certificar a verdade

12 [fl. 120v.]

13 [3 em BN. § 26 na ed. de HC.]

14 por] [entrel.]

15 Besta] [seguem-se várias palavras risc.]

16 com os] [entrel.]

17 quais] [segue-se uma palavra risc.]

18 deu] [entrel. a substituir deu Deus risc. na linha.]

19 universal] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

20 para que todos] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

21 obedeçam] [no original obedecerão. Trata-se certamente de um lapso motivado por uma anterior redacção, não completamente alterada.]

22 [4 em BN. § 27 na ed. de HC.]

23 interpretado] [segue-se pelo Anjo risc.]

24 [5 em BN. § 28 na ed. de HC.]

25 Não] [segue-se uma letra risc.]

26 parecer] [entrel.]

...de algum successo. **Consta do capº. 41 dos Genesis, onde,** referindo Faraó...

5

...pello sonho das **vaccas**⁴, outra pello das estrellas.

10

15

...Mas esta queixa não he demasiadamente bem fundada, porque deverão advertir...

20

...se dividiria, **como dividio...**

... em quatro **reynos**, disse que...

25

...*regnum ejus, et diviaetur*⁵ in quatuor ventos. E Esdras, **no capº. 12 do 4º. Lº.**, explicando...

30

35

40

45

⁴ *vaccas*] [*leitura errada da lição de TT paveas.*].

⁵ *diviaetur*] [*leitura errada da lição de TT dividetur.*].

infalível de algum sucesso. Não é²⁷ advertência ou comento dos intérpretes senão documento e regra do mesmo texto sagrado, no capítulo 41²⁸ dos Génesis, por boca de José.²⁹ Porque, referindo Faraó a José os dous sonhos que tivera, um das vacas outro das espigas, e declarando³⁰ José que ambos tinham a mesma significação dos anos de fome e de fartura,³¹ acrescentou: quod antem vidisti secundo ad eandem rem pertinens somnium firmitatis indicium est³² [Trad. 4]. *Assi sucedeu ao mesmo José, a quem Deus mostrou a fortuna que o esperava no Egipto ùa vez pelo sonho das **Paveas** outra pelo das estrelas. E o mesmo pediu Gedeão a Deus no sinal do velo e do orvalho, repetido e trocado em diversas noites para que a repetição do mesmo testemunho fosse também³³ indício de maior firmeza.

³⁴ O 3º texto e profecia é do Profeta Zacarias, no capítulo 6³⁵, onde viu que, de entre dous montes de bronze, saíam³⁶ quatro³⁷ carroças, tiradas cada ùa por quatro³⁸ cavalos de diversas cores,³⁹ os quais também fizeram diversos caminhos, e os últimos, que eram os mais fortes⁴⁰, andaram toda a terra. Perguntou o Profeta a um Anjo que falava nele⁴¹ a significação, e disse que aquelas quatro carroças eram quatro ventos, dos quais se havia de servir o Senhor do mundo para fazerem o que lhes mandasse. Queixam-se aqui os comentadores deste Anjo comentador, e dizem que tão escuro é o comento como a visão e⁴² a interpretação como a figura.⁴³ Mas **esta queixa (como a que se faz de outras interpretações) não é bem fundada**, *porque deveram advertir os sábios comentadores que⁴⁴ os Reis e os reinos e os impérios em frasi profética chamam-se *Ventos*, tão violentos são e tão pouco firmes. Assi, lemos, no capítulo 11⁴⁵ de Daniel, que, querendo dizer o texto que *o império⁴⁶ de Alexandre Magno se dividiria (**como dividiu**) em quatro **impérios**, disse que se dividiria em quatro ventos: Et cum steterit coneretur regnum eius et **divideatur** in quatuor ventos [Trad. 5]. E Esdras, no capítulo 12⁴⁷, explicando quem é o leão que há-de destruir a Águia de três cabeças, sendo sem dúvida que estas figuras significam Reis e reinos, chama-lhe também vento: Sicut vidisti

²⁷ é] [segue-se reparo risc.]

²⁸ 41] [sublinhado no original.]

²⁹ por boca de José.] [na marg.]

³⁰ declarando] [no original declando, certamente por lapso, facilmente corrigível por conjectura ou através do confronto com TT.]

³¹ [muda para fls. 199r rm TT.]

³² indicium] [segue-se este e várias palavras risc., devendo a palavra este ter sido esquecida aquando da anulação do resto da frase.]

³³ também] [segue-se o início de uma palavra risc.]

³⁴ [6 em BN. § 29 na ed. de HC.]

³⁵ 6º] [sublinhado no original.]

³⁶ saíam] [entrel.]

³⁷ quatro] [segue-se caval- risc.]

³⁸ quatro] [entrel.]

³⁹ cores,] [segue-se e risc.]

⁴⁰ fortes] [segue-se uma palavra risc.]

⁴¹ nele] [segue-se uma palavra risc.]

⁴² a visão e] [na marg. Cf. na ed. de HC, vol I, p. 238, nota (1): Embora esteja confusa no texto parece-me certa a palavra visão. A lição de BN confirma a nota de HC.]

⁴³ figura.] [segue-se porque risc.]

⁴⁴ Mas esta queixa (como a que se faz de outras interpretações) não é bem fundada, porque deveram advertir os sábios comentadores que] [na marg.]

⁴⁵ 11] [sublinhado no original.]

⁴⁶ [fl. 121r.]

⁴⁷ 12] [sublinhado no original.]

...Sicut vidisti et leonem quem vidisti de silva vigilantem [...] et loquentem ad Aquilam et arguentem eam hic et ventus...in finem suum. etc^o. De maneyra...⁶

& isto foy o que **quis o Anjo** a Zacharias⁷ na sua interpretação. Assy o entendem...

5

...da visão de Zacharias & interpretação della...

10

...& na segunda o Filho do Homem....

15

20

*...objecçoens contra o nome de 5^o
que se dá a este Imperio....*

25

30

35

40

45

⁶ *...Sicut...De maneyra...]* [leitura errada da lição de TT *...Sicut vidisti leonem e vigilantem et loquentem ad aquilam et arguentem eam, hic est ventus...in finem suum. etc^a. De maneyra...].*

⁷ *& isto foy o que quis o Anjo a Zacharias...]* [leitura errada da lição de TT *...e isto foy o que quis dizer o Anjo a Zacharias...].*

leonem e vigilantem et loquentem ad Aquilam et arguentem eam; **hoc est ventus** quem servavit altissimus in finem [Trad. 6]. De maneira que *ventos* em frasi profética significam impérios, e isto foi o que **quis**⁴⁸ **dizer o Anjo** a Zacarias na sua interpretação. **E assi** o entendem comumente os melhores expositores, como se pode ver em

5 Sanchez, Cornélio, Ribeira, Castro,⁴⁹ Arias Montano e outros, os quais dizem que as quatro carroças são os quatro já duas vezes nomeados impérios Assírio, Persa, Grego e Romano, e os montes de bronze donde saíram os decretos eternos e imutáveis de Deus, com que dispensa sua providência a sucessão dos reinos e monarquias.

10 ⁵⁰ A esta primeira parte **da visão e interpretação** dela se seguiu a segunda, a qual foi imediatamente ãa voz de Deus, com a qual mandou⁵¹ ao mesmo Zacarias que, pedindo certa quantidade de ouro e prata aos que tinham vindo do cativoiro de Babilónia, dela fizesse duas coroas, e as pusesse sobre a cabeça de Jeso, filho de Josedec. Em seu lugar veremos como este coroado e estas coroas significam o mesmo Rei e o

15 mesmo império que na primeira visão de Daniel significava a pedra e na segunda *o **quasi filho** do homem. E assi como o império da primeira visão foi o quinto porque sucedeu aos quatro me⁵²tais, e o império da segunda visão foi também o quinto porque sucedeu às quatro feras, assi o império desta terceira visão é outra vez o quinto porque sucedeu às quatro carroças. Tudo o dito se pode ver nos autores citados, e é a mais própria e corrente exposição deste escuro e dificultoso lugar, como são todos os de

20 Zacarias.

Responde-se a duas objecções **contra o título**
ou nome de quinto que **damos** a este império.

1ª Objecção⁵³

25

⁵⁴ O império significado no quarto metal e na quarta fera e na quarta carroça é o Império Romano; atqui, o Império Romano há-de durar até o fim do mundo. Logo, depois do Império Romano, não pode haver outro Império que seja o quinto. Na maior e consequência não há dúvida. A menor, que afirma haver de durar o Império Romano até

30 o fim do mundo, prova-se 1º da segunda visão de Daniel, onde o chamado *cornu parvum*, que nasceu entre os cornos da quarta Besta, significa o Ante-Cristo⁵⁵, e sendo a quarta Besta o Império Romano e havendo de vir o Ante-Cristo no fim do mundo, bem se segue que há-de durar o Império Romano até o fim do mundo. Prova-se 2º com um ilustre lugar de S. Paulo no 2º capítulo da 2ª Epistola ad Thessalonicenses, onde, falando

35 o Apóstolo do mesmo⁵⁶ Império Romano⁵⁷, diz:⁵⁸ *Tantum ut qui tenet nunc teneat donec et medio fiat, et tunc revellabitur ille iniquus* (isto é o Ante-Cristo)⁵⁹ quem Dominus Iesus

⁴⁸ quis] [segue-se uma letra risc.]

⁴⁹ Castro] [segue-se e risc.]

⁵⁰ [7 em BN. § 30 na ed. de HC.]

⁵¹ mandou] [segue-se do risc.]

⁵² me-] [seguem-se duas ou três letras risc.]

⁵³ 1ª Objecção] [o numero 1 foi escrito sobre um 2 inicial, que deriva certamente de simples lapso do autor e encontra-se precedido de marca de parágrafo.]

⁵⁴ [8 em BN. § 31 na ed. de HC. o início do parágrafo é precedido da seguinte indicação: 1ª Objecção, risc.]

⁵⁵ Ante-Cristo:] [seguem-se várias palavras risc.]

⁵⁶ mesmo] [entrel.]

⁵⁷ Romano] [muda para fls. 199v em TT.]

⁵⁸ diz:] [seguem-se várias palavras risc.]

⁵⁹ (isto é o Ante-Cristo)] [na marg.]

5

...& opinioens **seguem ou suppoem** o contrario...

10

...no *Hierarchia Ecclesiastica*,...⁸

15

20

25

30

...pello **Setembrião**⁹ os Mares do Norte...

35

40

45

⁸ ...no *Hierarchia Ecclesiastica*,...] [*leitura errada da lição de TT* ...no da *Hierarchia Ecclesiastica*...].

⁹ Setembrião] [*leitura errada da lição de TT* Setentrião.].

interficiet spiritu oris sui [Trad. 7]. Prova-se 3º com a autoridade de muitos Padres que assi o dizem expressamente, e sobretudo com a de S. Jerónimo, o qual afirma⁶⁰ que é tradição de todos os escritores eclesiásticos.

5 1ª Reposta em que se nega a menor deste argumento.⁶¹

62 Primeiramente, respondo negando a dita menor, como necessariamente a hão-de negar todos os Doutores que por diferentes modos e opiniões **seguem** o contrário. A primeira opinião é⁶³ dos que dizem que Cristo deu ao Sumo Pontífice a jurdição⁶⁴ e poder universal, não só espiritual e temporal indirecto, senão também⁶⁵ temporal directo, sobre todo o mundo, e que *na mão de S. Pedro e seus sucessores entregou ambos os gládios, etc., como larga⁶⁶ e eruditamente se pode ver provado com muitos textos, glosas e Doutores em o Bispo⁶⁷ Álvaro Pelágio no Livro *De Planctu Ecclesiae* e em Alberto Pigio no *Da Hierarquia Eclesiástica*, *contra o qual escreveu Henrique oitavo de Inglaterra, e na reposta do Padre Soarez ao mesmo Rei, posto que Soarez não siga absolutamente⁶⁸ a doutrina de Pigio senão a sua, que é a que se vê no livro *De Legibus*. A 2ª opinião é⁶⁹ dos autores que têm para si que, *depois do Emperador Constantino, e muito mais *depois que em Roma faltaram os Emperadores⁷⁰ e⁷¹ não dominou nela outro ceptro mais que as chaves de S. Pedro, então cessou totalmente o império temporal romano e se converteu em espiritual, sucedendo a um Monarca que temporalmente imperava sobre grande parte do mundo outro Monarca que espiritualmente imperasse, não sobre parte, senão sobre todo ele, e debaixo do qual, não por título vão senão por realidade, fosse Roma verdadeiramente cabeça do mundo. Esta opinião é de S. Tomás sobre as Epístolas de S. Paulo, onde cita a S. Leão Papa em um sermão do Príncipe dos Apóstolos; e a mesma doutrina do Doutor angélico segue, entre outros, o doutíssimo Santo, citando também a S. Leão. A 3ª opinião é dos que julgam que o Império⁷² Romano, hoje, está acabado, e que em todo o rigor não haja dele mais que o nome, não continuado e conservado por sucessão dos antigos Emperadores, senão por mercê e indulgência do Pontífice. E verdadeiramente quem considerar a vastíssima grandeza do antigo Império Romano (a qual se pode ver como em mapa no livro que modernamente compôs dela Justo Lísio) e que os seus limites eram⁷³: pelo oriente⁷⁴ o Tigris e o Eufrates; pelo ocidente as *colunas de Hércules; pelo *setentrião os⁷⁵ mares

⁶⁰ afirma] [na marg. a substituir diz risc. na linha.]

⁶¹ 1ª Reposta...deste argumento.] [o título encontra-se na entrelinha, em letra mais pequena, e é precedido de marca de parágrafo.]

⁶² [9 em BN. § 32 na ed. de HC.]

⁶³ é] [entrel.]

⁶⁴ Jurdição] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁶⁵ também] [entrel.]

⁶⁶ larga-] [segue-se uma abreviatura de -mente risc.]

⁶⁷ o Bispo] [na marg.]

⁶⁸ que Soarez não siga absolutamente] [na marg. a substituir que não siga risc. na linha.]

⁶⁹ é] [entrel.]

⁷⁰ [fl. 121v.]

⁷¹ e] [segue-se e risc.]

⁷² A 3ª opinião é dos que julgam que o Império] [sublinhado no original]

⁷³ eram] [entrel.]

⁷⁴ Oriente] [segue-se ata risc.]

⁷⁵ os] [no original o. A reconstrução faz-se facilmente pelo contexto ou pelo confronto com TT. A lacuna deve-se certamente a uma hesitação entre o singular e o plural.]

5

...pello chamado *corum*¹⁰ *parvum*, de Daniel...

10

15

20

25

...Ao qual tempo, **segundo**¹¹ esta mesma exposição...

30

35

40

45

¹⁰ *corum*] [leitura errada da lição de TT cornu.].

¹¹ segundo] [leitura errada da lição de TT seguindo.].

do norte; e pelo *meio-dia o Egipto, achará que aqueles pequenos despojos⁷⁶ de Alemanha, que ainda hoje mal defende o Emperador, mais são memórias de o haver sido que prova ou indícios de o ser. E confirma-se, não pouco eficazmente, este modo de dizer com o exemplo do Império Persiano, o qual, sendo um dos quatro impérios profetizados por Daniel e estando sua monarquia acabada há tantos centos de⁷⁷ anos, é certo, contudo⁷⁸, que ainda hoje se conservam seus Emperadores⁷⁹ em maior potência e grandeza do que os Emperadores Romanos. Não é, logo, injúria nem impropriedade dizer que o Império Romano esteja acabado. A 4ª opinião é daqueles que pelo chamado *cornu parvum*, de Daniel, não entendem o Ante-Cristo senão o Turco, os quais, como veremos em seu lugar, são muitos e graves autores. E de qualquer destas quatro opiniões se segue, contra o que afirma a menor do argumento, que o Império Romano não há-de durar até o fim do mundo.

⁸⁰ Responde-se aos fundamentos da mesma menor.⁸¹

⁸² Aos fundamentos com que a dita menor⁸³ se pretende provar, responderei pela mesma ordem com que acima ficam referidos. Ao 1º digo, com a opinião proximamente alegada, que não é certo ser significado naquele lugar de Daniel o Ante-Cristo.

Ao 2º digo que o texto de S. Paulo aos Tessalonicenses é mui escuro e de incerta significação, e que admite, como se pode ver, outras exposições por onde não consta que absolutamente fale do Império Romano. Mas, dado que assi o conceda⁸⁴mos, não se segue do dito texto que o Império Romano haja de durar até o Ante-Cristo, porque as palavras do Apóstolo só dizem que o Império Romano durará até que seja tirado deste mundo:⁸⁵ *donec e medio fiat*; e que então virá⁸⁶ o Ante-Cristo: *et tunc revellabitur ille iniquus* [Trad. 8]. E entre ùa cousa e outra, isto é, entre o fim do⁸⁷ Império e a vinda do Ante-Cristo pode haver muito tempo em meo, ao qual tempo, **seguindo** esta mesma exposição, chama S. João Crisóstomo com muita propriedade *vacationem*. E nesta *vagante*, quem tira que pudesse haver outro império, e império que durasse muitos anos?⁸⁸ Nem faz cousa algũa contra isto a palavra *tunc* do texto: *tunc revellabitur*, a qual parece que não admite tanta dilação e que significa haver de ser a dita vinda do Ante-Cristo logo imediatamente depois, porque o dito termo *tunc* e outros semelhantes, principalmente nestas matérias pertencentes ao fim do mundo e reino da Igreja, admitem grandes e grandíssimos intervalos. No capítulo 24 de S. Mateus, diz Cristo⁸⁹: *Praedicabitur hoc evangelium Regni in universo orbe in testimonium omnibus gentibus*,

⁷⁶ despojos] [*segue-se qu- risc.*]

⁷⁷ de] [*entrel.*]

⁷⁸ contudo] [*na marg.*]

⁷⁹ Emperadores] [*a seguir a Empe-, a meio da palavra, há uma letra risc. Segue-se uma palavra risc.*]

⁸⁰ [§ 33 na ed. de HC.]

⁸¹ Responde-se aos fundamentos da mesma menor.] [*este título encontra-se na marg. e é precedido por um sinal de parágrafo. A sua localização no texto é dada por um traço que separa os dois parágrafos.*]

⁸² [10 em BN.]

⁸³ a dita menor] [*entrel.*]

⁸⁴ ...Romano. Mas, dado que assi o conceda-] [*sublinhado no original. Mas, entrel., a substituir E, risc., na linha.*]

⁸⁵ mundo:] [*seguem-se duas abreviaturas risc.*]

⁸⁶ virá] [*a palavra apresenta uma letra risc. no início.*]

⁸⁷ [muda para fls. 200r em TT.]

⁸⁸ [§ 35 na ed. de HC.]

⁸⁹ diz Cristo] [*na marg.*]

5

...& dia **de**¹² Juizo,...

10

15

20 ...Constantino, **em cujo tempo começou a Igreja a gozar a primeyra paz, nas**
materias...**fallarão**¹³ com grande recato...

25

...a sair das covas? **E se** algum fallasse...

30

35

40

45

¹² de] [*leitura errada da lição de TT do.*].

¹³ fallarão] [*leitura errada da lição de TT fallavão.*].

et tunc veniet consummatio [Trad. 9]. E nem por isso aquela palavra *tunc* significa que haja de ser o fim do mundo logo imediatamente depois da pregação universal⁹⁰, como doutamente resolve e prova o Padre Soarez no 2º tomo sobre a 3ª parte⁹¹ e nós adiante mostraremos muito largamente. E no capítulo 5º de S. João, diz o mesmo Cristo: venit hora, et nunc est, in qua omnes qui in monumentis sunt audient vocem Filii Dei et procedent qui bona fecerunt in resurrectionem vitae qui vero mala in resurrectionem iudicii [Trad. 10]. No qual texto⁹², falando Cristo da hora da Ressurreição dos mortos e Dia do Juízo, disse, vivendo neste mundo, que já vinha a dita hora e que então era⁹³: venit hora et nunc est.⁹⁴ E, assi como este *nunc* de Cristo tem admitido, quando menos⁹⁵, ùa dilação e intervalo de mil e seiscentos anos, assi⁹⁶ o *tunc* de S. Paulo pode⁹⁷ admitir também o interva⁹⁸lo e dilação de⁹⁹ outros muitos, ainda que não sejam tantos.

¹⁰⁰ Ao 3º digo que, ainda que a favor desta duração do Império Romano até o fim do mundo se achem citados muitos Padres, nem todos o dizem com tais palavras que se entenda delas que o dizem. Ao menos eu, fazendo diligência nos citados, só achei que expressamente o diga Tertuliano e Lactâncio, aos quais não ajunto S. João Crisóstomo porque, ainda que em ùa parte o diz absolutamente, em outra é com a moderação que pouco antes referimos. Mas neste lugar se deve advertir muito (o que também servirá para outros) que os Padres e Doutores antigos, principalmente aqueles que escreveram antes do Emperador Constantino (**em cujo tempo começou a Igreja a gozar a primeira paz**), nas matérias tocantes ao Império¹⁰¹ Romano **falavam** com grande recato e sempre a sabor dos Emperadores¹⁰² conformando-se, quanto podia ser, com a opinião comum que entre eles havia de que a sua monarquia havia de ser eterna, conforme àquilo: His ego nec metas rerum nec tempora pono [Trad. 11]. E se hoje não há em Espanha quem se houvesse de atrever a escrever contra a conservação e perpetuidade de sua monarquia, nem em França contra a de França, nem em Portugal contra a Portuguesa, como o fariam os Cristãos contra a Romana *no tempo dos Neros e Deoclecianos, quando apenas os mais animosos pastores do rebanho de Cristo se atreviam a sair das covas? Se algum falasse palavra contra a majestade, adoração e eternidade daquele tão idolatrado império, bastaria, diz S. Crisóstomo, para que logo¹⁰³ o sepultassem vivo. Essa é a razão, como notam graves autores, porque S. João, falando de Roma no seu Apocalipse, disfarçou a ruína que lhe pronosticava com o nome de Babilónia¹⁰⁴, sendo esta dissimulação, naquele tempo, em grande serviço da Igreja, para

⁹⁰ da pregação universal] [na marg. O lugar do acrescento no texto é marcado por um sinal pouco usual: um círculo atravessado por um traço na vertical, em vez do sinal mais frequente: um ou dois traços horizontais atravessados por um na vertical.]

⁹¹ 3ª parte] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁹² No qual texto] [entrel. a substituir várias palavras risc. no texto.]

⁹³ que já vinha a dita hora e que então era] [na marg. precedido da palavra disse risc.]

⁹⁴ est.] [segue-se um traço risc.]

⁹⁵ quando menos] [entrel.]

⁹⁶ assi] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

⁹⁷ pode] [entrel.]

⁹⁸ [fl. 122r.]

⁹⁹ de] [segue-se muitos risc.]

¹⁰⁰ [11 em BN. § 36 na ed. de HC.]

¹⁰¹ Império] [seguem-se duas letras risc.]

¹⁰² Emperadores] [segue-se uma letra risc.]

¹⁰³ logo] [entrel.]

¹⁰⁴ Babilónia] [no original Babiló. A reconstituição é feita pelo contexto e por confronto com TT.]

5

...do qual **temos**¹⁴ no seu capitulo 2º....

10

15

20

25

30

...da certeza **da** verdadeyra tradição...

35

40

45

¹⁴ temos] [*leitura errada da lição de TT lemos.*].

que não se acendessem mais as perseguições que quatrocentos anos inteiros continuaram em toda a parte do mundo e da mesma Igreja onde se ouvia o nome romano.

105 E quando não houvera esta razão tão forçosa, bastava só a da urbanidade e a da sujeição política para que os vassalos dos Emperadores¹⁰⁶ observassem no estilo de falar e de escrever as mesmas prerrogativas que eles reconheciam ou davam ao seu Império, ainda que fossem fingidas por sua vaidade e verdadeiramente falsas ou incertas. Assi o fez Daniel falando e¹⁰⁷ escrevendo, do qual **lemos, no capítulo 2º**, que disse a Nabucodonosor: Tu rex regnum est, et Deus caeli regnum et fortitudinem et imperium et gloriam dedit tibi, et omnia in quibus habitant filii hominum, et bestiae agri, volucres quoque caeli dedit in manu tua¹⁰⁸ et sub ditione tua universa constituit [Trad. 12]. E posto que estas palavras e estes títulos tão exorbitantes de grandeza parece que se não podiam dizer a nenhum Rei sem grande excesso de adulação e lisonja, Daniel, contudo, sendo santo¹⁰⁹ e ministro de Deus e da verdade, não duvidou de¹¹⁰ falar assi àquele Rei bárbaro, nem de¹¹¹ escrever, depois, as mesmas palavras, porque estes eram os títulos, posto que ambiciosíssimos, com que ele se mandava reverenciar e tratar,¹¹² tendo-se por *absoluto senhor de todo o criado.

113 Mas tornando a Tertuliano e Lactânio (que lícita e louvavelmente podiam seguir este exemplo), ou falassem na perpetuidade do Império Romano segundo a própria opinião ou segundo a alhea, o certo é que o tempo tem desvanecido o fundamento da sua conjectura, porque a razão que davam para haver de durar a potência do Império Romano até à vinda do Ante-Cristo era haver de ter aquele cruelíssimo e potentíssimo tirano quem, de algum modo, lhe resistisse; e vemos que o tirano ainda não veo, nem, parece, virá tão cedo, e que a potência do Império está acabada.

114 Quanto à chamada tradição de S. Jerónimo, concedo que, falando o Santo Doutor em algúas circunstâncias donde se infere esta duração do Império Romano, disse: Hoc omnes Scriptorum Ecclesiasticorum tradiderunt [Trad. 13], mas nego que estas palavras signifiquem própria e rigorosa tradição apostólica, quais são aquelas que se contam entre os princípios da fé e tiveram sua origem¹¹⁵ em autoridade divina. E para que se veja que assi é¹¹⁶ e assi se deve entender, e que as ditas palavras não significam mais que a opinião de outros escritores mais antigos que S. Jerónimo, falando S. Agostinho, nos Livros *De Civitate Dei*, sobre estas mesmas circunstâncias, lhe chama absolutamente cousa incerta e duvidosa, e o termo por que as refere é *quidam putant* [Trad. 14], que são cláusulas todas mui alheas da certeza de verdadeira tradição e significativas somente de opinião humana. E como S. Agostinho foi contemporâneo de S. Jerónimo e viveu depois dele muitos anos e o consultou muitas vezes e leu suas obras, é certo que nem podia ignorar a

¹⁰⁵ [§ 37 na ed. de HC. Em BN, a abertura de parágrafo neste lugar é assinalada apenas por um traço vertical.]

¹⁰⁶ Emperadores] [seguem-se duas palavras risc.]

¹⁰⁷ falando e] [na marg.]

¹⁰⁸ tua] [entrel.]

¹⁰⁹ santo] [na marg.]

¹¹⁰ de] [entrel.]

¹¹¹ de] [entrel.]

¹¹² [muda para fls. 201v em TT.]

¹¹³ [§ 38 na ed. de HC. Em BN, a abertura de parágrafo neste lugar é assinalada apenas por um traço vertical.]

¹¹⁴ [12 em BN. § 39 na ed. de HC.]

¹¹⁵ origem] [entrel. a substituir princípio risc. na linha.]

¹¹⁶ é] [entrel.]

5

10

...referidas no Breviario, **que he o unico livro com que me acho**. Nas quaes...
...tradição **dos Padres** aos três mysterios...

Janeiro, sicut relatu paternae traditionis instruimur¹⁵, accrecenta logo a palavra
ferunt_dizem; & ultimamente conclue...

15

20

Mas ainda que se conceda & admitta a mesma menor...

25

30

35

40

45

¹⁵ sicut relatu paternae traditionis instruimur] *De acordo com HC, estas palavras encontram-se intercaladas em TT, o que não é correcto pois as palavras em questão encontram-se na margem. Cf. ed. de HC, vol. I, p. 246, nota (1).]*

5 dita tradição nem¹¹⁷ pôr nela dúvida se o fora. Mas S. Agostinho e S. Jerónimo ambos falaram pelo estilo com que costumam falar os Padres, os quais usam menos rigorosamente da palavra tradição e a aplicam a cousas meramente opinativas e que¹¹⁸ os mesmos que as dizem ou escrevem têm por incertas e duvidosas. É excelente exemplo e
 10 confirmação deste estilo um lugar de S. Máximo na primeira homilia da Epifania sobre os mistérios daquela solenidade: In hac dilectissimi celebritate sicut relatu paternae traditionis instruimur multiplici nobis est festivitate laetandum. Ferunt enim hodie Christum dominum nostrum vel stella duce a gentibus adoratum, vel invitatum ad nuptias aquam in vina vertisse, vel suscepto a Ioanne baptisate consecrasse fluentia Iordanis, sed quid potissimum praesenti hoc factum sit die noverit ipse qui fecit [Trad 15]. Até aqui as palavras de S. Máximo referidas *no Breviário (que é o único livro com que me
 15 acho), nas quais, depois de chamar *tradição paterna* aos três mistérios sucedidos no sexto dia de Janeiro, acrescenta logo a palavra *dizem, ferunt*; e ultimamente conclui que os mistérios que se obraram naquele dia só Deus que os obrou os sabe: qui praesenti hoc factum sit die¹¹⁹ noverit ipse qui fecit. Assi que nenhum dos meios por onde se pretende provar a sobredita menor é tal que a prove eficazmente.

2ª Reposta em que se nega a consequência
 do mesmo argumento.¹²⁰

20
 121 Mas, ainda que se **admita e conceda a dita** menor, respondo, em segundo lugar, negando a consequência. Porque, dado que o Império Romano, que é o quarto, haja de durar até o Ante-Cristo ou fim do mundo, não se¹²² segue daí que não possa haver no mesmo mundo outro império que seja o quinto. A razão é clara e manifesta: porque no
 25 mesmo tempo pode haver em diversas partes do mundo dous¹²³ impérios diversos¹²⁴ tão grandes e maiores do que foram os de Daniel, e para que um possa chamar-se o quarto e outro o quinto basta que um comece antes e outro depois. Provo e confirmo ãa e outra cousa.
 125 Os quatro primeiros impérios de que falamos todos floresceram em diversa parte
 30 do Mundo: *o dos Assírios na Medea; o¹²⁶ dos Persas na Pérsia; o dos Gregos na Macedónia; o dos Romanos na Itália. E posto que uns conquistaram as terras dos outros ou grande parte¹²⁷ delas, bem podiam ter a mesma e maior grandeza se se estendessem por outras Províncias.¹²⁸ Quanto mais que, *reduzido o Império Romano ao estado em que hoje está¹²⁹, metido em um canto da Alemanha, que impedimento há para que, sem

117 [fl. 122v.]

118 que] [segue-se uma palavra risc.]

119 die] [segue-se ipse risc.]

120 2ª Reposta em que se nega a consequência do mesmo argumento.] [na marg. A localização deste título no texto é indicada por um traço horizontal que separa os dois parágrafos e é seguido por marca de parágrafo.]

121 [13 em BN. § 40 na ed. de HC.]

122 se] [entrel.]

123 dous] [seguem-se várias letras risc.]

124 diversos] [na marg.]

125 [§ 41 na ed. de HC.]

126 o] [no ms. ou. Trata-se evidentemente de um lapso, uma vez que o sentido da frase não nos permite aceitar a conjunção coordenativa alternativa. Cf. TT.]

127 parte] [segue-se um ponto risc.]

128 Províncias] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

129 está] [segue-se -do risc.]

5 ...para se chamar *Quinta Monarchia*, senão o nome?...

...Aponte **no** erudito livro...¹⁶

10 ...que podia ser, **dezião, querião, & esperavão os Hespanhoes que fosse, & assy o
escrevião, imprimião & persuadiam.**

E para que...

15

20

25

...Não me detivera tanto **no**¹⁷ reposta...

...como **da questão seguinte** constar...

30

35

40

45

¹⁶...Aponte no erudito livro...] [*leitura errada da lição de TT* ...Aponte no seu erudito livro...].

¹⁷ no] [*leitura errada da lição de TT* na.].

ofensa do seu nome nem da sua conservação até o fim do mundo, se levante no mesmo mundo outro império tão grande e ainda maior do que ele foi?¹³⁰ A monarquia de Espanha, antes da separação de Portugal e quando esteve no auge de sua grandeza, era muito maior em extensão de terras e reinos do que foi a romana. E que lhe faltou para se chamar a **quinta** senão o nome? E, contudo, conservava Espanha toda sua grandeza sem ofensa do Império que hoje se chama romano, antes sendo a única e principal coluna em que ele se sustentava. Lea-se Aponte no seu erudito livro *Das Duas Monarquias e Salazar na sua Política Espanhola*, e ver-se-á como isto, que eu só digo que podia ser, **queriam e esperavam e persuadiam os Espanhois que fosse.**

¹³¹ E para que ponhamos um exemplo ou um facto com que de ùa vez se feche a porta a toda a réplica: A Quinta Monarquia ou Império, de que fala Daniel, é o de Cristo, como logo veremos, o qual se começou com a sua entrada no mundo¹³², imperando, como nota S. Lucas, Augusto César. E há mais de mil e seiscentos anos que se conservam juntos no mundo ambos os impérios, quarto e quinto, bastando só para a diferença deste número e desta ordem que o império quarto¹³³ começasse tão poucos anos antes do quinto quantos são os que excede a era dos Césares aos do nascimento de Cristo. E se começarmos o princípio do Império Romano, como muitos querem, desde a fundação de Roma e sua República¹³⁴, ainda nos acrece novo exemplo e nova confirmação à propriedade e verdade do que dizemos.¹³⁵ Porque, segundo este modo de computar, não só fica concorrendo no mesmo tempo o império quinto com o quarto senão também o quarto com o terceiro, porque Alexandre Magno, em quem o Império Grego teve sua maior e imperial grandeza, foi no tempo da República Romana.¹³⁶ Donde se conclui clara¹³⁷ e evidentemente, nos mesmos Impérios de Daniel, que de haver de durar o Romano até o fim do mundo (quando assi se conceda) não se infere bem nem eficazmente não poder haver outro Império no mesmo tempo.¹³⁸

¹³⁹ Não me detivera tanto na reposta desta objecção se não entendera o muito caso que se tem feito dela. E posto que fica suficientemente respondida pelos dous modos sobreditos, como **das questões seguintes** constar qual é ou há-de ser¹⁴⁰ o Quinto Império, então se verá quão própria e verdadeiramente lhe quadra o nome de Quinto, sem ofensa nem implicação algũa da duração do quarto.

2ª Objecção.¹⁴¹

¹⁴² A Sibila Eritrea chama ao Império Romano *Quinto Império*; logo, não dizemos bem que o império profetizado nos textos acima é o quinto. Respondo que a razão de a

¹³⁰ [muda para fls. 201r em TT.]

¹³¹ [§ 42 na ed. de HC.]

¹³² mundo] [seguem-se várias letras risc.]

¹³³ quarto] [entrel. a substituir Romano risc. na linha.]

¹³⁴ e sua República] [na marg.]

¹³⁵ dizemos.] [o ponto substitui um ponto e vírgula em que a vírgula foi risc.]

¹³⁶ porque Alexandre Magno, em quem o Império Grego teve sua maior e imperial grandeza, foi no tempo da República Romana.] [na marg.]

¹³⁷ clara] [a abreviatura de -mente encontra-se risc.]

¹³⁸ [fls. 123r.]

¹³⁹ [§ 43 na ed. de HC.]

¹⁴⁰ ou há-de ser] [na marg.]

¹⁴¹ 2ª Objecção.] [o título encontra-se inserido entre os dois parágrafos substituindo outro, idêntico, risc. no início do segundo parágrafo.]

¹⁴² [14 em BN. § 44 na ed. de HC.]

5 ...profetizado **segundo**¹⁸ o modo...

10 ...& **pois (sic)** se dividio...

¹⁸ segundo] [*leitura errada da lição de TT seguindo.*].

Sibila chamar *Quinto Império* ao Império Romano é porque aos três¹⁴³ primeiros impérios referidos por Daniel acrescentou o Império do Egípto, como se pode ver no mesmo lugar, que, segundo minha lembrança, é do livro 7º. E digo mais que, da mesma maneira, se podiam acrescentar a este número outros¹⁴⁴ impérios. Mas¹⁴⁵ chamamos 5 Quinto ao Império profetizado **segundo** o modo de contar de Daniel, o qual no 3º Império¹⁴⁶ incluiu o do Egípto, por ser¹⁴⁷ este um dos quatro em que se continuou e dividiu o de Alexandre Magno, que foi o fundador do 3º. Tudo se pode ver, depois de 10 Justino, em Tornielo, Gordiano e Saliano e nos comentadores do capítulo 8º¹⁴⁸ do mesmo Daniel, onde o Hirco, que ao princípio teve um¹⁴⁹ só corno e depois quatro, significa o império de Alexandre, que primeiro esteve unido e depois se dividiu em¹⁵⁰ 15 quatro reinos. E mais particularmente ainda no capítulo 11¹⁵¹ do mesmo Daniel, onde, tornando a repetir esta divisão do Império Grego em quatro partes, acrescenta que a do Egípto seria a mais poderosa: *Lacerabitur enim regnum eius et confortabitur Rex Austria* [Trad. 16]. De sorte que Daniel incluiu ao Império do Egípto por ser parte do Grego, que é o 3º império, e por isso chamou ao Romano quarto; e a Sibila distinguiu e dividiu o mesmo Império do Egípto por ser parte tão notável, e por isso chamou ao Romano Quinto.

20

25

¹⁴³ três] [entrel. a substituir quatro na linha. Curiosamente, a forma substituída não se encontra riscada ou anulada de qualquer forma visível, sendo, pelo contrário, as primeiras letras da palavra substituída que se encontram um pouco apagadas.]

¹⁴⁴ outros] [segue-se uma abreviatura de muitos risc.]

¹⁴⁵ Mas] [segue-se pode risc.]

¹⁴⁶ Império] [segue-se que risc.]

¹⁴⁷ ser] [segue-se uma abreviatura de este risc.]

¹⁴⁸ 8º] [sublinhado no original.]

¹⁴⁹ um] [segue-se uma letra ou uma abreviatura risc.]

¹⁵⁰ em] [esta palavra é precedida de uma letra risc.]

¹⁵¹ 11] [sublinhado no original.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “Em seguida, surgirá um quarto reino, forte como o ferro, que tudo faz em bocados e destrói. E assim como o ferro tudo faz em bocados, também fará em bocados e destruirá os reinos anteriores”. Daniel 2: 40.

10

[Trad. 2] “Estes quatro animais enormes representam quatro impérios, que hão-de surgir sobre a terra. Mas depois, o povo santo do Deus altíssimo receberá poder soberano que nunca mais lhe será retirado, por toda a eternidade”. Daniel 7: 17-18.

[Trad. 3] “E esta é a quinta monarquia”. Cornélio a Lápide.

15

[Trad. 4] “E quanto ao facto de o sonho ter sido visto por duas vezes, significa que Deus está mesmo decidido a pôr isso em prática, muito em breve”. Génesis 41: 32.

20

[Trad. 5] “No auge do seu poder, o império cairá e será dividido em quatro. O seu lugar será ocupado por reis que não são da sua linhagem. Estes não terão, todavia, o mesmo poder”. Daniel 11: 4.

25

[Trad. 6] “Finalmente, o Leão que viste sair do bosque, furioso e rugindo, falando à Águia e arguindo-a pelos seus fastos injustos, como ouviste, denota o vento que o Altíssimo reservou por fim contra eles e suas ímpias fraudes. Ele os arguirá e arrojará sobre eles os seus roubos”. IV Esdras 12 31-32.

30

[Trad. 7] “Enquanto eu observava aqueles chifres, vi um outro chifre pequeno surgir dentre os primeiros e partir três deles. Este chifre tinha olhos humanos e uma boca que falava com arrogância”. Daniel 7: 8.

35

[Trad. 8] “Com efeito, as forças misteriosas do mal já estão em actividade. Mas para que tudo se realize é preciso que aquele que o está a impedir desapareça. Então aparecerá o rebelde e o Senhor Jesus o vencerá com o sopro da sua boca e o dominará com o esplendor da sua vinda”. II Tessalonicenses 2: 7-8.

[Trad. 9] “Esta Boa Nova do Reino de Deus será pregada em todo o mundo como testemunho para os povos. E então virá o fim”. Mateus 24: 14.

40

[Trad. 10] A citação, que junta os versículos 25 e 29, não é exacta, diferindo em alguns pontos da versão da vulgata latina que usamos. Nomeadamente: *in qua omnes qui in monumentis sunt* por “quando mortui” e *mala* por “mala egerunt”: “Digo-vos mais: aproxima-se a hora, ou melhor, ela já chegou em que os próprios mortos hão-de ouvir a voz do Filho de Deus, e os que a escutarem hão-de viver”. João 5: 25; “...e sairão dos seus túmulos. Os que praticaram o bem ressuscitam para a vida eterna, os que praticaram o mal ressuscitam para a condenação”. João 5-29.

45

[Trad. 11] “Para estas coisas não coloco limites nem tempo”. Virgílio, *Eneida*, I, 278.

[Trad. 12] “Vossa Majestade é o maior de todos os reis. O Deus dos céus deu-lhe soberania, poder, domínio e honra. Fê-lo senhor de toda a humanidade e de todos os animais e aves, onde quer que se encontrem. Vossa Majestade é a cabeça de ouro”. Daniel 2: 37-38.

5

[Trad. 13] “...todos os escritores eclesiásticos o transmitiram assim...”. S. Jerónimo.

[Trad. 14] “...alguns pensam...”. S. Agostinho, *De Civitate Dei*.

10

[Trad 15] “Nesta celebração do dilectíssimo, somos instruídos, de acordo com a tradição paterna, de que esta deve ser uma festa de alegria. Com efeito, dizem que Cristo Nosso Senhor, [foi] adorado como estrela polar pelos Gentios; convidado para as bodas, transformou a água em vinho; batizado por João, consagrou as águas do Jordão; mas só o próprio que fez tais coisas naquele dia as conhece”. S. Máximo, “Primeira homilia da Epifania”.

15

[Trad. 16] “No auge do seu poder, o império cairá e será dividido em quatro. O seu lugar será ocupado por reis que não são da sua linhagem. Estes não terão, todavia, o mesmo poder. O rei do sul será forte. Mas um dos seus generais será ainda mais forte e reinará sobre um reino ainda maior”. Daniel 11: 4-5.

20

5

10

15

20

25

30

35

40

45

5

Questão 4ª¹

Que Império seja este profetizado a que chamamos *quinto*?

2 O império profetizado a que chamamos quinto é o Império de Cristo e dos Cristãos.
10 Esta conclusão é certa e indubitavel e comum de todos os Padres e expositores, entre os
quais Benedito Pereira, doutíssimo comentador de Daniel, a refere pelas³ mesmas
palavras dizendo: Est Regnum Christi et Christianorum [Trad. 1].

4 Prova-se 1º, com o 1º lugar de Daniel, onde⁵ a pedra que derrubou a estátua
15 significa a Cristo, o qual foi também a pedra de David, que derrubou o gigante, e em
muitos lugares da Escritura se chama *Pedra*: no capítulo 3º⁶ de Zacarias: Super lapidem
unum septem oculi [Trad. 2]; e no capítulo 10⁷ da Epistola 1ª⁸ ad Chorointhios: Bibebant⁹
de conseqüente eos petra petra autem erat Christus [Trad. 3]; e no capítulo 2º¹⁰ da
Epistola ad Ephesios: ipso¹¹ summo¹² angulari lapide Iesu Christo¹³ [Trad. 4]; e no¹⁴ salmo
20 117¹⁵: Lapidem quem reprobaverunt aedificantes hic factus est in caput anguli [Trad. 5].
O monte donde foi cortada e caiu esta pedra é o céu, donde deuceu, o seo do Padre, de
onde saiu, é a Virgem puríssima, mais alta que todas as puras criaturas, de¹⁶ quem naceu,
e por isso diz o texto: abscisus sine manibus [Trad. 6], porque¹⁷ nesta obra não houve
acção humana senão omnipotência divina. Não refiro Doutores nesta exposição porque é
comum de todos e se podem ver bem alegados em Viegas, sobre o Apocalipse.

18 Prova-se 2º, com o 2º lugar de Daniel, onde o filho do homem, que foi apresentado
25 diante de Deus e recebeu dele o império e poder sobre¹⁹ todos os Reis da terra, é o
mesmo Cristo, o qual tantas vezes no Evangelho por sua própria boca se chama *filho do
homem*. Menos necessários são ainda os Doutores nesta exposição, sobre a qual e sobre

30

¹ Questão 4ª] [o 4 foi desenhado sobre um dois. Segue-se a seguinte nota: também § 4º no papel dos autos.]

² [15 em BN. § 45 na ed. de HC.]

³ [muda para fls. 201v em TT.]

⁴ [§ 46 na ed. de HC.]

⁵ onde] [entrel. a substituir no qual risc. na linha.]

⁶ 3º] [sublinhado no original.]

⁷ 10] [sublinhado no original.]

⁸ 1ª] [entrel.]

⁹ Bibebant] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁰ 2º] [sublinhado no original.]

¹¹ ipso] [esta palavra foi desenhada sobre outra com anulação da primeira letra.]

¹² summo] [entrel.]

¹³ Iesu Christo] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

¹⁴ no] [segue-se a abreviatura decapítulo risc.]

¹⁵ 117] [sublinhado no original.]

¹⁶ de] [a palavra inicial era donde tendo a primeira parte sido risc.]

¹⁷ porque] [segue-se não risc.]

¹⁸ [§ 47 na ed. de HC.]

¹⁹ sobre] [palavra intercalada em TT. Cf. ed. de HC, vol. I, p. 250, nota (1).]

5

...quer dizer: *Dominus justus_ Senhor justo*. E de o Eterno Padre...

10

...Assy se lê...

15

...Christo, como **diz a nossa conclusão**, seja tambem...

20

...& por [mui]tos¹ modos...

25

...a visão, **interpretando**...

...os Santos **de** Deos Altissimo...

30

35

40

45

¹ [mui]tos] [o confronto com BN invalida a conjectura de HC].

todas as destes três textos fundamentais em²⁰ que assentamos os alicerces do Quinto Império reservamos muitas circunstâncias e advertências particulares, as quais se irão descobrindo e ponderando por sua ordem e em seu lugar.

21 Prova-se 3^o, com o 3^o lugar do Profeta Zacarias, onde Jeso, filho de Josedec, coroadado pelo mesmo Profeta, significa com grande propriedade a Jeso, filho do Eterno Padre, constituído Rei. E digo *com grande propriedade*, porque Josedec quer dizer *Dominus Iustus*²² [Trad. 7], e de o Eterno Padre ser e se querer mostrar Senhor justo lhe veio a Cristo o ser homem e o ser Rei. O ser homem, porque quis o Eterno Padre que seu filho se fizesse homem para satisfazer de rigor de justiça pelo pecado de Adão; e o ser Rei, porque, sem embargo de ser seu filho, quis o mesmo Eterno Padre que alcançasse e lhe fosse dado por justiça o reino que lhe era devido por natureza, como se lê, com aclamações do céu e da terra, no capítulo 5^o do Apocalipse. Também esta exposição, como as referidas²³, é comum e universal de todos os Doutores, de maneira que, em todos os três textos²⁴ capitais onde está revelado e profetizado o Quinto Império, está juntamente revelado e profetizado que o Rei e Senhor deste Império é Cristo.

25 E que este mesmo Império de Cristo (**como diz a nossa conclusão**) seja também dos Cristãos, ainda que não era necessário provar-se (por serem os mesmos Cristãos o corpo místico de Cristo, como tantas vezes e por tantos modos ensina e repete S. Paulo), é texto claro e expresso da 2^a visão de Daniel na interpretação que lhe deu o Anjo. Daniel diz que viu apresentar diante do trono de Deus ao filho do homem, e que Deus lhe deu o poder, a honra e o reino sobre todas as nações do mundo: *Aspiciebam, et ecce quasi filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit, et in conspectu eius obtulerunt eum, et dedit ei potestatem et honorem et regnum et omnes populi tribus et linguae ipsi servient* [Trad. 8]. E o Anjo, sendo perguntado do que significava²⁶ a visão e interpretando esta mesma parte dela,²⁷ sem nomear ao filho do homem, diz: *Suscipient autem regnum Sancti Dei altissimi, et obtinebunt regnum usque in seculum etc.* [Trad. 9]. Receberão o reino os Santos do Deus altíssimo e o possuirão e gozarão para sempre. De sorte que o mesmo foi dar-se o reino a Cristo que dar-se também aos Cristãos (que são os Santos do Altíssimo); e, assi como Cristo o recebeu, assi também os Cristãos o receberão: *Suscipient autem regnum Sancti Dei altissimi*.

28 Só poderá fazer dúvida a alguém a interpretação ou construção que demos à palavra *Santos*, dizendo ou supondo que significava Cristãos, mas é nome e linguagem esta muito comum e corrente da Escritura Sagrada;²⁹ nem na primitiva Igreja se usava ordinariamente outro nome, como se pode ver particularmente nas Epístolas de S. Paulo. Na Epístola escrita aos Cristãos de Éfeso, diz o sobrescrito da carta: *Paulus Apostolus*

²⁰ em] [entrel. a substituir sobre risc. na linha.]

²¹ [§ 48 na ed. de HC.]

²² *Iustus*.] [seguem-se várias palavras risc. No fim do texto risc. termina o presente fl. iniciando-se o seguinte, fl. 123v, com uma extensão de texto risc. de cerca de três linhas e meia, incluindo um acrescento na magem.]

²³ referidas] [segue-se uma letra ou abreviatura risc.]

²⁴ textos] [no original a forma encontra-se no singular, o que constitui um lapso evidente de concordância. Cf. TT.]

²⁵ [16 em BN. § 49 na ed. de HC.]

²⁶ significava] [seguem-se uma ou duas palavras risc.]

²⁷ dela,] [seguem-se uma ou duas letras risc.]

²⁸ [17 em BN. § 50 na ed. de HC.]

²⁹ [muda para fls. 202r em TT.]

...exprimindo **mais** que este...

5

...& na *Epistola ad Philemonem*...

10 ...de Roma (**donde escrevia**) os saudavão...

15

20

25

30

35

40

45

Ieso Christi omnibus sanctis qui sunt Ephesi [Trad. 10]; e na 2^a Epístola aos Cristãos de Corinto, exprimindo **ainda mais** que este nome de *Santos* era o com que se chamavam: Ecclesiae Dei quae est Chorinthi sanctificatis in Christo Ieso, vocatis sanctis [Trad. 11]. E no capítulo 16³⁰ da mesma Epístola, falando nas esmolas públicas, ou colectas, que se ajuntavam para os Cristãos pobres, diz: De collectis antem quae fiunt ad Sanctos³¹ [Trad. 12]. E na Epístola³² a **Filémon**, agradecendo-lhe a caridade que fazia aos Cristãos: Caritatem et fidem quam habes in domino Ieso et in omnes Sanctos [Trad. 13]. E, finalmente, na Epístola aos Filipenses, saudando aos Cristãos daquela cidade: Salutate omnem sanctum in Christo Ieso [Trad. 14]; e dizendo que também os Cristãos de Roma, **onde escrevia**, os saudavam: Salutant vos omnes Sancti maxime autem qui de Caesaris domo sunt [Trad. 14]. Este César era Nero, e os santos de sua casa eram os Cristãos ocultos que o serviam nela. Assi que o nome *Santos*, na Escritura, falando com toda a propriedade, quer dizer Cristãos; e estes são os Santos do Altíssimo, a quem, na visão de Daniel, se profetiza o Império de Cristo e seu, isto é, o quinto.

Responde-se a 2 objecções

1^a objecção³³

³⁴ O Quinto Império³⁵ é o do Ante-Cristo; logo, não é nem pode ser o de Cristo. E que seja o quinto o do Ante-Cristo prova-se desta mesma visão³⁶ segunda³⁷ do capítulo 7^o de Daniel, porque, como consta do texto, primeiro se levantou e dominou o chamado *Cornu parvum* do que o reino fosse dado ao filho do homem; atqui, o filho do homem é Cristo e o *Cornu parvum* é o Ante-Cristo, como comumente dizem os Padres; logo, o Quinto Império é o do Ante-Cristo e não o de Cristo.

³⁸ Já dissemos a dúvida e opinião que há contra ser o *Cornu parvum* o Ante-Cristo. Mas, admitindo que o seja, bem se poderá também admitir em bom sentido que o Quinto Império fosse o do Ante-Cristo;³⁹ porém⁴⁰, este modo de contar nenhum lugar tem no texto de Daniel, que é o que seguimos, e o que devem seguir todos os que falam nestes

³⁰ 16] [sublinhado no original.]

³¹ De collectis ... Sanctos] [Cf. ed. de HC, vol. I, p. 251, nota (1):" Este passo, como o anterior, é da I Epist. e não da II. No meu texto ocorre *in omnes Sanctos* e não *ad omnes Sanctos*.". Esta nota de HC revela um erro na forma e parece resultar de uma confusão motivada pela semelhança dos dois passos citados por Vieira, I Coríntios 16: 1 e Filémon 1: 5. Na realidade parece estarmos perante duas notas distintas correspondentes a pontos distintos do texto que, na ed. de HC, são apresentadas juntas sob o mesmo número e referindo-se apenas, pelo menos aparentemente, ao primeiro dos passos em questão. Quanto ao conteúdo da referida nota, as indicações de HC são de facto correctas, mas apenas se aplicam a TT, uma vez que em BN os passos em questão estão correctos: 1^a Epístola e *in omnes Sanctos*. Note-se ainda que no segundo caso a nota de HC não tem qualquer razão de ser uma vez que a lição de TT é também *in omnes Sanctos*.]

³² Epístola] [segue-se ad risc.]

³³ Responde-se a 2 objecções/ 1^a objecção] [Os títulos foram inseridos posteriormente, na entrelinha, tendo a primeira linha do parágrafo sido eliminada: Resta o argumento [com que] também se tem feito guerra ao Quinto Império, [...].]

³⁴ [18 em BN. § 51 na ed. de HC.]

³⁵ Império] [segue-se (dizem) risc.]

³⁶ visão] [entrel.]

³⁷ segunda] [segue-se visão risc.]

³⁸ [fl. 124r.]

³⁹ Ante-Cristo] [seguem-se várias palavras risc.]

⁴⁰ porém] [entrel.]

5

10 ...não **he de**² durar...

...para não accreentar **numero**...

15 ...de novo imperio.

2^a Objecção

20 **He sentença de gravissimos Autores, & assy o diz huma glossa...**

² he de] [*leitura errada da lição de TT ha de.*].

impérios, porquanto o mesmo Daniel claramente põe o Império de Cristo sucessiva e imediatamente depois dos quatro primeiros, como se vê na pedra da primeira visão, que derrubou e desfez a estátua.⁴¹ E posto que na visão 2ª⁴² fala na exaltação e domínio do *cornu parvum*, não fala nele como de Império ou Emperador, senão como de um tirano
5 que se há-de levantar dentro do quarto⁴³ Império e dominar três partes dele, e depois ser dominado e destruído pelo Senhor do Quinto. Assi que o *Cornu parvum*, quem quer que seja, não acrescenta número aos impérios de Daniel, e se verdadeiramente é o Ante-Cristo, ainda com muito maior e mais evidente razão, porque o império ou monarquia do Ante-Cristo, posto que muitos Padres e Doutores lhe dêem este nome, consta por
10 consenso comum dos mesmos Padres que não **há-de** durar mais que três anos e meio, e basta haver de ser tão breve a sua duração, e essa tão perturbada e inquieta, para não acrescentar o **número** nem o ter entre os Impérios, bem assi como *os Átilas, os Dótilas e outros tiranos, que tantas vezes e tão poderosamente devastaram o Império Romano, nem por isso, nos interregnos⁴⁴ de sua pujança, fizeram nome ou número **de novo**
15 **império**.⁴⁵

20

25

30

35

⁴¹ como se vê na pedra da primeira visão, que derrubou e desfez a estátua.] [*na marg.*]

⁴² na visão 2ª] [*entrel.*]

⁴³ dentro do quarto] [*na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.*]

⁴⁴ interregnos] [*no meio da terceira sílaba encontra-se a indicação do acrescento de um a, na entrelinha, cuja intenção não se percebe.*]

⁴⁵ [§ 19 em BN. Este parágrafo corresponde ao “Aditamento .9. Litera I, que começa 2ª objecção”, o qual, de acordo com a nota do autor situada ao lado do número de parágrafo, entra no local referido preenchendo-o.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “É o reino de Cristo e dos Cristãos”. Benedito Pereira, “Comentário ao Livro de Daniel”.

10

[Trad. 2] “Coloco diante de Josué uma pedra, uma única pedra, mas com sete faces. Gravarei nela uma inscrição e, num só dia, expulsarei todo o pecado que há neste país”. Zacarias 3: 9.

15

[Trad. 3] “...e beberam da água que Deus fez sair da pedra espiritual que os acompanhava. E essa pedra era Cristo”. I Coríntios 10: 4.

[Trad. 4] “Formam um único edifício, que tem por alicerces os apóstolos e os profetas e do qual Jesus Cristo é a pedra principal”. Efésios 2: 20.

20

[Trad. 5] “A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se a pedra principal”. Salmos 118: 22.

25

[Trad. 6] “Por isso, Vossa Majestade viu como uma grande pedra se soltou dum rochedo, sem que ninguém lhe tocasse, e bateu na estátua de ferro, bronze, barro, prata e ouro. O Deus que é poderoso quis assim mostrar a Vossa Majestade o que irá acontecer no futuro. O que acabo de relatar, foi o que o rei viu em sonhos; e esta interpretação é verdadeira”. Daniel 2: 45.

[Trad. 7] “Senhor justo”.

30

[Trad. 8] “Continuei a olhar, durante essa visão nocturna, e vi algo semelhante a um ser humano. Aproximou-se de mim, rodeado de nuvens, e dirigiu-se ao ancião de longa idade e foi-lhe apresentado. A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 13-14.

35

[Trad. 9] “Mas depois, o povo santo do Deus altíssimo receberá poder soberano que nunca mais lhe será retirado, por toda a eternidade”. Daniel 7: 18.

40

[Trad. 10] “Eu, Paulo, escolhido por Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, dirijo-me a todos os crentes que vivem em Éfeso e são fiéis a Cristo Jesus”. Efésios 1: 1.

45

[Trad. 11] Vieira equivoca-se aqui em relação à carta citada, sendo as palavras de abertura que cita, bem como as do cap. 16, da primeira e não da segunda Epístola aos Coríntios: “...escrevemos esta carta à igreja de Deus, que vive na cidade de Corinto. Dirigimo-nos a esses que, em união com nosso Senhor Jesus Cristo, foram consagrados a Deus e chamados a pertencerem ao seu povo. Dirigimo-nos também a todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”. I Coríntios 1: 2.

[Trad. 12] “A respeito do peditório destinado aos crentes de Jerusalém, façam também como recomendei às igrejas da Galácia”. I Coríntios 16: 1

- 5 [Trad. 13] ”...porque tenho ouvido falar do teu amor por todo o povo de Deus e da tua fé no Senhor Jesus”. Filémon 1: 5.

- 10 [Trad. 14] ”Saudações a todos os crentes em Cristo Jesus. Os crentes que estão comigo mandam-vos saudades. Todos, especialmente os do palácio do Imperador, vos enviam cumprimentos”. Filipenses 4: 21.

5

...*Quinto Imperio, que resolvemos ser de Christo, he Imperio...*

10

15

20

25

...*ejus flammae*¹ *ignis...*

...*decies millies*² *centena...assistebant ei, judicium sedit*³...

... *et libris*⁴ *aperti sunt. Até aqui...*

30

...juízo (que tudo expressamente se nomea)...

35

40

¹ *flammae*] [leitura errada da lição de TT *flamma*.].

² *millies*] [leitura errada da lição de TT *millia*.].

³ *..assistebant...sedit...*] [leitura errada da lição de TT *...assistebant ei et judicium sedit...*.].

⁴ *libris*] [leitura errada da lição de TT *libri*.].

5

Questão 5^{a1}

Se o Quinto Império (que resolvemos ser de Cristo)
é império do céu ou da terra?

10 ² Alguns Doutores (entre os quais é Tertuliano e Teodoreto) tiveram para si que o
império profetizado de que falamos é absolutamente o império e reino de Cristo no céu,
e assi o pretendem provar com os mesmos lugares e textos de Daniel. 1º, porque, na
interpretação da pedra que derrubou a estátua, diz: *suscitabit Deus regnum quod in*
15 *aeternum non dissipabitur; et regnum eius alteri populo non tradetur cominuet autem et*
consumet omnia regna haec; et ipsum stabit in aeternum [Trad. 1]. E como seja de fé que
este mundo e todos seus reinos e impérios se hão-de acabar, segue-se que, se o império
profetizado é império eterno, não pode ser império da terra senão do céu.

20 ³ 2º, prova-se o mesmo das palavras do Anjo explicando a 2ª visão do mesmo
Profeta no capítulo 7º, porque, falando do reino e potestade dada por Deus ao filho do
homem, diz: *Potestas eius potestas aeterna*⁴ *quae non auferetur, et regnum eius quod non*
corrumpetur [Trad. 2].

25 ⁵ 3º, confirma-se eficazmente da mesma visão 2ª, onde o Profeta descreve o tribunal⁶
que viu desta maneira: *Aspiciebam donec throni, positi sunt et Antiquus dierum sedit.*
Vestimentum eius candidum quasi nix, et capilli capitis eius quasi lana munda, thronus
eius flamma ignis rotae eius ignis accensus. Fluvius igneus rapidusque egrediebatur a
facie eius, millia millium ministrabant ei, et decies millia centena millia assistebant ei. Et
iudicium sedit et libri aperti sunt? [Trad. 3]. Até aqui as palavras do texto, as quais
todas, pelas circunstâncias do tribunal, do Juiz, dos acessores, do fogo, dos livros e do
mesmo Juízo, **que tudo expressamente se nomea**⁷, mostram bem que falam do Juízo
30 Final; e assi o entendem muitos Padres e Doutores. Logo, o reino e império⁸ que neste
Juízo recebeu o filho do homem necessariamente há-de ser o reino do céu, porque,
depois do Dia do Juízo e do fim do mundo, não há-de haver reinos nem impérios na
terra.

35 ⁹ Respondendo, contudo, ao título da questão, digo que o Quinto¹⁰ Império e Reino
de Cristo de que falam os Profetas e profecias acima alegadas é Império e Reino da terra

¹ Questão 5ª] [o 5 foi desenhado sobre um 3. Segue-se a seguinte nota: também 5ª no papel dos autos.

² [20 em BN. § 58 na ed. de HC.]

³ [§ 59 na ed. de HC.]

⁴ aeterna] [no ms. eterna.]

⁵ [§ 60 na ed. de HC.]

⁶ tribunal] [segue-se di- risc.]

⁷ nomea] [segue-se o fechamento de um parágrafo que não chegou a ser aberto e que, em consequência disso, é amulado em BN, mas acaba por ser usado em TT. Cf TT.]

⁸ e império] [na marg.]

⁹ [21 em BN. § 61 na ed. de HC.]

¹⁰ Quinto] [sublinhado em TT, mas não em BN. Cf. na ed. de HC vol. I, p. 257, nota (1).]

5

...o Quinto Imperio **ou** Imperio...⁵

10

15

20

...a energia com que o **mesmo Christo** disse a Paulo...

25

...*Regnum autem est potestas, et magnitudo regni*...⁶

30

...& reynar, & de descansar no premio...

35

40

45

⁵ ...o Quinto Imperio ou Imperio... [leitura errada da lição de TT ...o Quinto Imperio ou o Imperio...].

⁶ ...*Regnum...regni*... [leitura errada da lição de TT ...*Regnum autem et potestas, et magnitudo regni*...].

ou na terra. Esta é a resolução comum e universalmente recebida e seguida dos intérpretes dos ditos lugares¹¹, e se prova claramente deles.

5 12 1º, porque, na visão do capítulo 2º, diz Daniel que a pedra que derrubou a estátua creceu e se fez como um grande monte, o qual encheu toda a terra: lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus, et implevit universam terram [Trad. 4], e, como esta pedra significava o Quinto Império ou o¹³ Império de Cristo¹⁴ e esta mesma pedra crescendo encheu toda a terra, segue-se que da terra e na terra é o dito Império, e não do céu e no céu.

10 15 E se alguém reparar em que dissemos que esta pedra era Cristo e agora dizemos que é o Reino de Cristo, saiba que, nas figuras proféticas, a mesma que representa ao Rei representa ao reino, não fazendo distinção (como é bem que o fora) entre um e outro. 16 No mesmo capítulo de Daniel e na mesma estátua temos a prova e o exemplo, porque, sendo certo que a cabeça de ouro significava o império dos Assírios e o peito de prata o dos Persas, e assi dos outros membros e metais da estátua, falando Daniel com Nabucodonosor, lhe disse: Tu es ergo caput aureum, et post te consurget regnum aliud minus te [Trad. 5]. Tu, ó Rei, és a cabeça de ouro, e depois de ti virá outro reino, não menor que o teu, como parece que devera dizer, senão menor que ti: minus te.¹⁷ De maneira que o ouro da cabeça da estátua tanto significava a Nabucodonosor, que era o Rei, como ao seu reino ou império, que era o dos Assírios; e o mesmo que se diz do ouro, e se pudera dizer dos outros metais, se há-de entender muito melhor e com muito maior propriedade da pedra que os derrubou e desfêz, porque se entre algum Rei e o seu reino há verdadeira identidade é entre Cristo e¹⁸ o Reino de Cristo. Essa foi a energia com que Cristo disse a Paulo: cur me persequeris? [Trad. 6], e essa a verdade com que Paulo disse de Cristo: nescitis quoniam corpora vestra membra sunt Christi?¹⁹ [Trad. 7].

20 25 20 2º, prova-se eficazmente a mesma conclusão com a 2ª visão do capítulo 7º de Daniel, em cuja interpretação lhe disse o Anjo: Regnum autem et potestas et magnitudo Regni, quae est subter omne caelum detur populo sanctorum²¹ altissimi, cuius regnum regnum sempiternum est et omnes reges servient ei et obedient [Trad. 8]. Nas quais palavras se vê²² claramente que este reino e império que se deu ao filho do homem, e de que fala o Anjo, não é reino do céu, senão reino de debaixo do céu: potestas et magnitudo regni quae est subter omne caelum, e se confirma ainda mais pelos termos da última cláusula, porque diz que todos os Reis obedecerão e servirão ao dito Império: et omnes reges servient ei, et obedient, o que só se pode verificar na terra, e não no céu, porque o céu não é lugar de servir e obedecer, senão de gozar e reinar e **de receber e descansar** no prémio do que se tem obedecido e servido.

¹¹ [Esta é a resolução comum e universalmente recebida e seguida dos intérpretes dos ditos lugares,] [na marg.]

¹² [§ 62 na ed. de HC.]

¹³ o] [entrel.]

¹⁴ Cristo.] [palavra intercalada em TT. f. ed. de HC, vol. I, p. 258, nota (1).]

¹⁵ [§ 63 na ed. de HC.]

¹⁶ [fl. 124v.]

¹⁷ : minus te.] [na marg.]

¹⁸ [muda para fls. 203v em TT.]

¹⁹ [na marg. pode ler-se: 1. Aos Coríntios 6. A indicação é de localização da citação de S. Paulo, I Coríntios 6: 15, e não passa para TT.]

²⁰ [§ 64 na ed. de HC.]

²¹ sanctorum] [segue-se uma palavra risc.]

²² palavras se vê] [na marg.]

...Josede⁷, em cuja coroa ou coroas, como dissemos, he significado este Imperio & Reyno de Christo, accrecenta...*templum Domino*⁸, et ipse...

5

10

15

...aos *fundamentos de Tertuliano*...

...são tirados das mesmas profecias, tem facil...
...que a palavra *aeternum*⁹ na Escritura...

20

25

...cidades & Reynos podem ser habitados¹⁰ he até...
...Joel no capitulo 3º., diz: *Judea*...

30

...sobre os Profetas, & outros. Assy que...

35

40

⁷Josede⁷] [*leitura errada de HC da lição de TT Josedec.*].

⁸ *Domino*] [*leitura errada da lição de TT domini.*].

⁹ *aeternum*] [*leitura errada da lição de TT Eternum.*].

¹⁰ habitados] [*leitura errada da lição de TT habitadas.*].

23 3º, prova-se do texto do Profeta Zacarias, já alegado, onde, depois de coroado Jeso, filho de Josedec (**em cuja coroa ou coroas, como dissemos, é significado este império e reino de Cristo**), acrescenta o mesmo Profeta: Ipse extruet templum domini, et ipse portabit gloriam et sedebit et dominabitur super solio suo [Trad. 9]. E se os
5 primeiros e principais efeitos deste Império haviam de ser edificar o templo de Deus e depois assentar-se em seu trono e dominar, bem se segue que este domínio, este trono e este império é império da terra, e não do céu, porque no céu²⁴ não há nem há-de haver templo, como expressamente diz S. João no capítulo 21²⁵ do Apocalipse: Et templum non vidi in ea (fala da cidade do céu) dominus enim Deus omnipotens templum illius est et agnus²⁶ [Trad. 10]. Puderamos confirmar a verdade desta conclusão com muitos
10 outros textos, mas, porque os havemos de alegar em outros lugares deste discurso, bastarão, por agora, estes, pois são das mesmas três profecias que tomamos por fundamento do Quinto Império.

15 Responde-se aos **argumentos** de Tertuliano e Teodoreto.²⁷

28 Os argumentos em contrário,²⁹ que também são tirados **delas**, têm fácil solução. Ao 1º e 2º digo que a palavra *eternum*, na Escritura, nem sempre significa rigorosa eternidade senão duração comprida de muitos anos e, quando muito, até o fim da vida ou
20 fim do mundo. O tempo de merecer é só até o fim da vida; e David, no salmo 118³⁰, diz: inclinavi cor meum ad faciendas iustificationes tuas in aeternum propter retributionem [Trad. 11]. O tempo de estarem os mortos na sepultura é só³¹ até à Ressurreição universal; e o mesmo David, no salmo³², diz: sepulchra eorum domus eorum in aeternum [Trad. 12]. O tempo em que as cidades e [reinos]³³ podem ser **habitadas** é até o fim do
25 mundo; *e Joel, no capítulo 3º, falando de Judea³⁴, diz: Iudea in aeternum habitabitur³⁵ [Trad. 13]. Esta doutrina é comum e certa e assentada por *canon* entre todos os expositores da Escritura Sagrada, como se pode ver³⁶ nos Prologómenos de Salmeirão sobre o Testamento Novo, de Barradas sobre a Concórdia Evangélica, de Cornélio e Sanchez sobre os Profetas.³⁷ Assi que, de dizer Daniel que o Quinto Império há-de ser eterno, não se infere³⁸ haver de ser império do céu, porque só se segue que há-
30

²³ [§ 65 na ed. de HC.]

²⁴ céu] [entrel.]

²⁵ 21] [sublinhado no original.]

²⁶ agnus] [segue-se um espaço em branco.]

²⁷ Responde-se...Teodoreto.] [o título encontra-se entrel. e precedido de marca de parágrafo:§.]

²⁸ [22 em BN. § 66 na ed. de HC.]

²⁹ em contrário,] [na marg.]

³⁰ 118] [sublinhado no original.]

³¹ só] [entrel.]

³² salmo] [embora exista um espaço em branco a seguir a esta palavra o número do salmo não vem indicado. Trata-se do salmo 49: 12.]

³³ reinos] [a reconstituição, de lugar ilegível, é feita a partir de TT.]

³⁴ Judea] [segue-se uma palavra risc.]

³⁵ O tempo de estarem os mortos na sepultura...in aeternum habitabitur.] [na marg. a substituir cerca de três linhas de texto risc.]

³⁶ como se pode ver] [na marg.]

³⁷ profetas;] [seguem-se cerca de duas linhas de texto risc. com um acrescento na marg. também risc.: e em Vasquez, Soarez e os demais Teólogos, na 3ª parte, onde expõem o 2º texto de David: Tu es sacerdos in aeternum [...] Assi que.]

³⁸ infere] [entrel. a substituir segue risc. na linha.]

...*alteri populo non tradetur.*

...palavra *aeternum*¹¹ de propria & *vigurosa*¹² eternidade...

5

...de Daniel, como notão os melhores *literaes não se entende...*

10

...advertir (como já ponderarão gravissimos Autores) que o Juizo...

15

...a vida & Reyno a Achab¹³...o Profeta Micheas ao mesmo Senhor...

20

...*et a sinistri*¹⁴ etc.

25

...Christo, a quem o texto chama Filho do Homem, foy presentado...

30

35

40

45

¹¹ *aeternum*] [leitura errada da lição de TT Eternum.].

¹² *vigurosa*] [leitura errada da lição de TT rigurosa.].

¹³ vida & Reyno a Achab...] [leitura errada da lição de TT ...a vida e o Reino a Achab...].

¹⁴ *sinistri*] [leitura errada da lição de TT sinistris.].

de durar por muito tempo, e até o fim do mundo, como se colhe das outras circunstâncias do texto: non corrumpetur, et **alteri** non tradetur [Trad. 14]. Mas se quisermos entender a palavra *eternum* de própria e **rigorosa** eternidade, também o texto e a nossa conclusão podem admitir este sentido e ne³⁹le conciliar a sentença de

5 Tertuliano e Teodoro, dizendo que o dito Império de Cristo, sendo propriamente da terra, há-de ser eterno, porque, durando na terra até o fim do mundo, depois dele se há-de continuar no céu por toda a eternidade. *Ita Cornélio e outros.

40 Ao 3º argumento respondo que o dito lugar do capítulo 7º de Daniel (**como notam os melhores *literais**) não se entende do juízo universal do fim do mundo, senão de um juízo particular antes do fim dele,⁴¹ quais Deus costuma fazer quando levanta Reis e tira Reis, e quando muda impérios e monarquias, porque se⁴² há-de advertir, **como já ponderaram gravíssimos autores**, que o juízo das almas e dos homens guarda-o Deus para o outro mundo, e o juízo dos reinos não; e a razão é porque as almas, como são imortais e eternas, pode-se-lhe deixar o prémio ou o castigo para depois do fim do mundo, mas os reinos, como hão-de acabar com o mesmo mundo, é força que sejam premiados ou castigados enquanto ele dura. E por essa razão faz Deus muitos juízos particulares deles. E tal foi este juízo ⁴³ que naquela visão se mostrou a Daniel. Semelhante exemplo temos no capítulo 22⁴⁴ do 3º Livro dos Reis, onde, para Deus tirar a vida e o reino a Acab e todos seus descendentes⁴⁵, viu o Profeta **Malaquias** ao mesmo

10 Senhor assentado em tribunal e com a mesma assistência de Anjos: Vidi dominum sedentem super solium suum, et omnem exercitum caeli assistentem ei a dextris et a **sinistris** etc. [Trad. 15]. E da principal circunstância deste juízo que viu Daniel, se conhece claramente não ser nem poder ser o universal do fim do mundo, porque o juiz, no⁴⁶ Juízo Final, há-de ser Cristo, e neste⁴⁷ juízo de Daniel não é Cristo, senão o Padre

15 Eterno, que por isso é chamado *Antiquus dierum* e representado em figura de velho, com o cabelo todo branco: et capilli capitis eius sicut lana munda [Trad. 16].

Finalmente, o juiz deste juízo ⁴⁸é distinta pessoa de Cristo que o mesmo Cristo (**a quem o texto chama filho do homem**) foi apresentado diante dele. Logo, não é o juízo universal do fim do mundo, senão um juízo particular, em que Deus há-de condenar e⁴⁹ destruir a tirania do chamado *cornu parvum* e extinguir de todo as relíquias e memória dos quatro impérios, e sublimar e estabelecer o Quinto. Assi o profetizou e disse expressamente, falando deste mesmo juízo e deste mesmo Império de Cristo no capítulo 2º do 1º Livro dos Reis⁵⁰, Ana, mãe de Samuel, naquele seu famoso cântico,

³⁹ [fl. 125r.]

⁴⁰ [§ 67 na ed. de HC.]

⁴¹ literais...do fim dele,] [palavras sublinhadas em TT (Cf. ed. de HC, p. 260, vol. I, nota (2)) mas não em BN.]

⁴² [muda para fls. 204r em TT.]

⁴³ juízo] [segue-se de Deus risc.]

⁴⁴ 22] [sublinhado no ms.]

⁴⁵ descendentes] [no original descend. tes. A conjectura tem por base o contexto e o confronto com TT.]

⁴⁶ no] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴⁷ neste] [entrel. a substituir no risc. na linha.]

⁴⁸ Finalmente o juiz deste juízo é] [na marg.]

⁴⁹ condenar e] [na marg. em BN, mas também em TT. (Cf. ed. de HC, vol. I, p. 261, nota (1)).]

⁵⁰ no capítulo 2º do 1º livro dos Reis] [na marg.]

5

10

15

20

25

30

35

40

45

50

55

cuja 3ª parte (como diz Ruperto e prova nos seus comentários Mendonça) toda é profética: Dominus iudicabit fines terrae, et dabit imperium Regi suo, et sublimabit cornu Christi sui [Trad. 17], nas quais palavras temos o juízo e o império e o juiz diverso de Cristo, e Cristo Rei, a quem se há-de dar o Império.

5

10

15

20

25

30

35

40

45

NOTAS

- 5 [Trad. 1] “No tempo desses reis, o Deus dos céus fundará um reino que não terá fim. Esse reino nunca será conquistado por outro povo, mas aniquilará por completo todos os outros reinos e permanecerá para sempre”. Daniel 2: 44.
- 10 [Trad. 2] “A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 14.
- 15 [Trad. 3] “Eu continuava a olhar e foram preparados tronos. Um ancião de longa idade sentou-se num dos tronos. A sua roupa era branca como a neve e o seu cabelo, branco como a lã pura. O seu trono assentava em rodas de fogo e estava como que em brasa e dele saía uma torrente de fogo. Estava rodeado de milhares ou milhões de pessoas que o serviam e se mantinham continuamente às suas ordens. O tribunal iniciou os trabalhos e os livros foram abertos”. Daniel 7: 9-10.
- 20 [Trad. 4] “Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no Verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra”. Daniel 2: 35.
- 25 [Trad. 5] “Fê-lo senhor de toda a humanidade e de todos os animais e aves, onde quer que se encontrem. Vossa Majestade é a cabeça de ouro. Depois de Vossa Majestade, virá outro reino, não tão poderoso como o seu, que será seguido de um terceiro, um reino de bronze, que dominará sobre toda a terra”. Daniel 2: 38-39.
- 30 [Trad. 6] “Caiu por terra e ouviu então uma voz que dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Actos dos Apóstolos 9: 4. Cf. também no livro referido os capítulos 22: 7 e 26: 14.
- 35 [Trad. 7] “Não sabem que o corpo de cada um de nós faz parte do corpo de Cristo? E se é corpo de Cristo, como posso eu fazer dele parte do corpo duma prostituta? De modo nenhum!”. I Coríntios 6: 15.
- 40 [Trad. 8] “E assim a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos da terra serão entregues ao povo dos santos do Deus altíssimo. Esse poder real será efectivo para sempre e todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão”. Daniel 7. 27.
- 45 [Trad. 9] “É ele que reconstruirá o templo do Senhor. Sentado no seu trono de rei, ele governará este povo. Ao lado dele um sacerdote estará igualmente sentado no seu trono e entre eles haverá harmonia”. Zacarias 6: 13.
- [Trad. 10] “A cidade não tinha qualquer templo. O Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro é que são o seu templo”. Apocalipse 21: 22.

[Trad. 11] “O meu coração decidiu obedecer às tuas leis; essa será para sempre a minha recompensa”. Salmos 119: 112.

5 [Trad. 12] “O sepulcro será o seu lugar eterno, a sua habitação para sempre, mesmo os que deram o seu nome a terras!”. Salmos 49: 12.

[Trad. 13] “Judá e Jerusalém existirão sempre e serão continuamente habitadas”. Joel 4: 20 (na Vulgata Joel 3: 20).

10 [Trad. 14] Vieira junta aqui expressões retiradas de capítulos diferentes de Daniel, respectivamente, 7: 14 e 2: 44 (cf. supra nesta questão), ligando-as através da copulativa latina *et*.

15 [Trad. 15] “Miqueias continuou: “Ouve agora a mensagem do Senhor! Vi o Senhor sentado no seu trono e a multidão dos seus servidores estavam de pé junto dele, à sua direita e à sua esquerda”. I Reis 22: 19.

[Trad. 16] As expressões citadas são de Daniel 7: 9-10 (cf. supra Trad. 3).

20 [Trad. 17] “Os inimigos do Senhor serão destruídos. Dos céus tropejará contra eles. O Senhor julga a terra inteira, dá poder ao seu rei e a vitória ao seu escolhido”. I Samuel 2: 10.

25

30

35

40

45

Questão 6ª

Se este Império e Reino de Cristo na terra
é espiritual ou temporal?¹

Só a 2ª parte desta questão é disputavel, porque a primeira não há mister disputa. E assi, supondo com todos os Padres e Doutores católicos, assi antigos como modernos, que o Reino de Cristo é espiritual, se é também³ temporal ou não foi antigamente maior controvérsia do que é hoje; porei primeiro os fundamentos de ùa e outra parte, e depois resolverei toda a questão.

Fundamentos da parte negativa.

Negaram muitos autores que o reino e império de Cristo fosse temporal, e esta foi antigamente a opinião mais *comüa, fundada em quatro argumentos principais.⁴

1º, porque assi o disse Cristo, no capítulo 18⁵ de S. João, quando respondeu a Pilatos: *regnum meum non est de hoc mundo* [Trad. 1].

2º, porque, como nota Vasquez, não há Padre algum que dissesse, ao menos expressamente, que o Reino de Cristo é temporal.⁶

3º, porque Cristo veo a este mundo dar exemplo de pobreza, humildade e obediência, como sempre deu, no nascimento, na vida e na morte; e tudo isto é mui alheo do poder, grandeza e majestade de Rei temporal.

4º, porque todo o legítimo Rei ou é por título de herença, ou de doação, ou de guerra justa, ou de compra, ou de eleição; e nenhum destes títulos concorreu na pessoa de Cristo, como é cousa **per se* manifesta.

Armacano, e outros a quem refere e segue Morales, sobre o 1º capítulo de S. Mateus, e novissimamente Veiga, na sua *Teologia Mariana*, têm para si que⁷ o Reino de Israel, por legítima descendência de David e Salamão, pertencia à Virgem Maria, Senhora nossa, e por conseguinte a seu filho, Cristo; e posto que nesta matéria têm melhor voto os Cronológicos que os Teólogos, o Padre Soarez e muitos outros têm a dita opinião⁸ por pouco provável. Mas, dado que fora certa, só por

¹ Questão 6ª..temporal?] [O 6 foi desenhado sobre um 4. O título é acompanhado da seguinte nota, na marg.: esta questão não vai no papel dos autos e só a supõem na questão 18 deles, o que efectivamente se verifica. O texto segue em TT com uma outra "Questão 6ª ": Em que consiste o Reino e reinar de Cristo?, a qual, por sua vez, não figura em BN. Os textos de BN e de TT voltam a coincidir na questão seguinte.]

² [23 em BN.]

³ também] [segue-se espiritual risc.]

⁴ principais] [segue-se que são risc.]

⁵ 18] [sublinhado no ms.]

⁶ 2º...temporal.] [na marg. A inserção deste parágrafo leva à renumeração dos parágrafos posteriores: 3º é correcção sobre 2º e 4º correcção sobre 3º]

⁷ [fl. 125v.]

⁸ e muitos outros têm a dita opinião] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

consequência se podia reduzir à nossa questão, a qual não fala de um reino particular, qual era o de Israel ou Judea, senão do Quinto Império, que, como diz Daniel e depois veremos, não compreende um só reino, senão o domínio de todos.⁹

5 Fundamentos da parte afirmativa.

10 Contra a antiguidade da sobredita opinião, tem prevalecido de tal modo a
contrária que hoje é¹¹ sentença comum de todos ou quasi todos os Teólogos, os
quais admitem e reconhecem em Cristo reino e império temporal. Assi o têm, na
10 matéria **de Incarnatione*, o Padre Soarez, o Cardeal Lugo e o Padre Vasquez (do
qual Vasquez¹² afirma Salazar¹³ que foi o primeiro que descobriu os sólidos
fundamentos a esta sentença), o mesmo¹⁴ Salazar sobre os Provérbios, Mendoça
sobre o 1º Livro dos Reis, e com muitos outros que cita Alonso de Mendoça na
15 releção *De Regno Christi*, onde excita e resolve a questão em termos tão apertados
de Rei temporal que traz por exemplo: sicut Philippus secundus hodie est Rex
Hispaniarum [Trad. 2]; e o mesmo segue, com muitos Juristas, Molina, na
primeira parte *De Iustitia*. Os quais Doutores todos, ainda que no modo de filosofar
e explicar o dito domínio e império, tenham algũa discrepância, absolutamente
resolvem e concordemente afirmam que é temporal.

20 Prova-se 1º, porque Cristo, em infinitos lugares da Escritura, assi do Velho
como do Novo Testamento, é chamado Rei absolutamente; logo, é chamado Rei
temporal, porque as palavras da Escritura, como diz S. Agostinho (quando não há
contradição evidente, como aqui não há), hão-se de tomar em sua própria e natural
significação, e a própria e natural significação da palavra *Rei* é Rei temporal, como
25 são Reis temporais todos aqueles a que chamamos com este nome. E confirma-se
mais a verdade e propriedade desta denominação, porque, como bem nota Soarez,
o reino espiritual de Cristo pertence propriamente ao sacerdócio do mesmo
Cristo¹⁵, e como Cristo distintamente seja chamado, nas Escrituras, Sacerdote e
Rei, segue-se que o nome de Sacerdote pertence ao reino espiritual e o de Rei ao
30 temporal.

Prova-se 2º,¹⁶ eficaz e fortissimamente, porque a Cristo, por razão da **união*
hipostática, pertence natural e inseparavelmente o domínio do mundo e o império
de todas as criaturas, não só espiritual senão temporalmente; logo, é Rei e Senhor
temporal de todas elas, de sorte que a mesma união hipostática foi a unção sagrada
35 e divina com que aquele soberano Príncipe foi ungido por Rei de todo o Universo.
Esta unção e a propriedade dela prova Vasquez com três autoridades de Padres
muito bem alegadas¹⁷, e posto que Arriaga, **de mote suo*, queira impugnar a
metáfora, não pode, contudo, negar a sustância e fundamento da razão, que basta
para o termos também por esta parte.

40

⁹ todos.] [seguem-se duas linhas de texto risc.]

¹⁰ [24 em BN.]

¹¹ é] [segue-se opin- risc.]

¹² Vasquez] [segue-se Sa- risc.]

¹³ Salazar] [entrel.]

¹⁴ o mesmo] [entrel.]

¹⁵ Cristo] [na marg.]

¹⁶ Prova-se 2º] [seguem-se cerca de três linhas risc.]

¹⁷ alegadas] [forma corrigida sobre alegados.]

Prova-se 3^o, porque, bastando para Cristo ser verdadeira e legitimamente Rei qualquer dos cinco títulos deduzidos no 3^o argumento da opinião contrária, em Cristo, como agora veremos, concorrem todos cinco. É Rei do mundo¹⁸ por herança, porque é filho de Deus, senhor e criador do mesmo mundo: quod si filius et haeres [Trad. 3], diz S. Paulo no capítulo 4 da Epistola ad Galatas; e, no capítulo 1^o da Epistola ad Hebreos, falando expressamente de Cristo: novissime loquutus est nobis in filio quem constituit haeredem universorum [Trad. 4]; e o mesmo Padre Eterno, por David, no salmo 109:¹⁹ postula, a me et dabo tibi gentes haereditatem tuam et possessionem tuam terminos terrae [Trad. 5]. É Rei, também, universal por doação, porque o senhor e criador de todas²⁰ as cousas, que é o Padre, lhas deu e doou a todas: omnia mihi tradita sunt a Patre meo [Trad. 6], diz o mesmo Cristo no capítulo²²; e no capítulo 28²³ de S. Mateus: Data est mihi omnis potestas in caelo et in terra [Trad. 7]; e S. João, no capítulo 13: Sciens quia omnia dedit ei pater in manus [Trad. 8]; e muito antes David, no salmo 8²⁴: omnia subiecisti sub pedibus eius [Trad. 9], isto é, de Cristo, como declara S. Paulo no 2^o capítulo da Epistola ad Hebreos.²⁵ É Rei, assi mesmo, do mundo por guerra justa, porque o Demónio, desde Adão, o tinha tiranizado e o dominava todo, como ele mesmo disse a Cristo na tentação do monte, conforme o texto de S. Lucas no capítulo 4: tibi dabo potestatem hanc universam, et gloriam illorum, quia mihi tradita sunt, et cui volo de illa [Trad. 10]; e o que mais é, o mesmo Cristo²⁶, no capítulo 16²⁷ de S. João, lhe chama *Príncipe deste mundo*: Princeps huius mundi iam iudicatus est [Trad. 11]. Mas, debaixo do mesmo nome, diz Cristo, no capítulo 12²⁸ do mesmo Evangelista, que o há-de desapossar e lançar fora daquele injusto domínio:²⁹ nunc Princeps huius mundi erascitur foras [Trad. 12]; e, no capítulo 16³⁰, diz expressamente que já tem vencido o mundo: Conquerie ego vici mundum³¹ [Trad. 13]. E, vencido e conquistado assi o mundo, foi o tirano levado no triunfo do vencedor, Cristo, como descreve profeticamente Habacuc no capítulo 3^o: Egredietur diabolus ante pedes eius³² [Trad. 14]. É, finalmente, Rei e Senhor do mundo e de³³ todas³⁴ as nações dele³⁵ por título de compra, porque, sendo escravas,

¹⁸ do mundo] [na marg.]

¹⁹ 109] [sublinhado no ms. A indicação encontra-se errada; trata-se do salmo 2: 8.]

²⁰ de todas] [no original ..das. A reconstrução apoia-se no contexto , no entanto as letras reconstituídas percebem-se mal parecendo ter sido desenhadas sobre a palavra destas.]

²¹ [fl. 126r.]

²² capítulo] [Vieira deixou em branco um espaço para o número do capítulo, que é o 11^o de S. Mateus, mas nunca o completou, o que terá certamente a ver com o facto de esta parte do texto ter sido suprimida quando da passagem para TT.]

²³ 28] [sublinhado no ms.]

²⁴ 8] [sublinhado no ms.]

²⁵ Hebreos] [segue-se um espaço em branco, cuja função não é facilmente decifrável, e um f risc.]

²⁶ Cristo] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

²⁷ 16] [sublinhado no ms.]

²⁸ 12] [sublinhado no ms.]

²⁹ domínio] [segue-se uma palavra risc.]

³⁰ 16] [sublinhado no ms.]

³¹ mundum] [seguem-se cerca de três linhas de texto risc.]

³² eius] [segue-se um espaço em branco e a palavra foi risc.]

³³ de] [entrel.]

³⁴ todas] [segue-se uma palavra risc.]

³⁵ dele] [seguem-se várias palavras risc.]

as comprou, como diz S. Pedro no 1º capítulo da sua 2ª Epístola³⁶, não com preço comprível de³⁷ ouro nem prata, senão com³⁸ o infinito tesouro de seu sangue:³⁹ *scientes quod non corruptilibus auro vel⁴⁰ argento redempti estis sed pretioso sanguine quasi agni immaculati Christi* [Trad. 15]. E S. Paulo, no capítulo 6º da 1ª Epístola aos Coríntios: *an nescitis quoniam membra vestra templum sunt Spiritus Sancti, et non estis vestri? Empti enim estis pretio magno* [Trad. 16]. E⁴¹ outra vez no capítulo 7º: *Pretio empti estis, nolo fieri servi hominum* [Trad. 17].

O 5º e último título, que é⁴² por eleição do mesmo mundo e nações dele, não se acha nos Doutores, mas nós, com Alberto Pigio, que o tocou na sua *Hierarquia Eclesiástica, circa medium* [Trad. 18], o fundamos em dous grandes lugares, um do capítulo 49⁴³ dos Génesis: *donec veniat qui mittendus est et ipse erit expectatio gentium* [Trad. 19]; outro do profeta Ageu, no capítulo 2⁴⁴: *Ecce ego mouebo caelum et terram et veniet desideratus cunctis gentibus* [Trad. 20]. Dos quais textos consta claramente que Cristo, antes de vir ao mundo, havia de ser esperado e desejado de todas as nações, e por conseguinte querido e aceitado delas⁴⁵ para o fim porque era profetizado e prometido, que era para ser Rei e Senhor de todas, como expressamente diz a Igreja: *O Rex gentium et desideratus earum* [Trad. 21]. De maneira que Cristo era desejado e esperado de todas as nações para Rei e Senhor universal de todas, o qual desejo e expectativa necessariamente supõem a aceitação, também universal, que dizemos.⁴⁶ E se alguém replicar que Cristo não podia ser querido nem aceitado das nações por seu Rei (como também nem esperado ou desejado) sem ser conhecido delas⁴⁷, e que antes da pregação dos Apóstolos não era conhecido,⁴⁸ respondo, ainda que pareça novidade, que si, era Cristo conhecido universalmente de todas as principais nações do mundo, entre as quais, ou mais expressa ou mais confusamente, havia⁴⁹ notícias daquele gram Rei que, nos tempos futuros, havia de vir ao mundo para bem universal e remédio de todo ele, e por que se não duvide dos meios por onde às nações da gentildade podiam chegar estas notícias, digo que por muitos e muito certos: 1º, por tradição de Noé⁵⁰ e do mesmo Adão, a quem o mistério da Redenção consta que foi revelado, e dele foi manando a seus filhos e descendentes, donde chegou a Job⁵¹ e àqueles seus amigos que tão altamente falaram dele; e desta tradição faz menção S. Crisóstomo ou o autor do *Imperfeito* sobre o 2º capítulo de S. Mateus; 2º, pelas

³⁶ 1º capítulo da sua 2ª Epístola] [*Vieira indica erradamente a segunda epístola de S. Pedro. O passo citado é de I Pedro 1: 18-19.*]

³⁷ porque sendo escravas...comprível de] [*na marg. a substituir várias palavras risc. na linha. Note-se ainda o facto de sendo escravas ter sido acrescentado no acrescento da marg.]*

³⁸ com] [*entrel.*]

³⁹ sangue:] [*seguem-se várias palavras risc.*]

⁴⁰ vel] [*entrel. A substituir et risc. na linha.*]

⁴¹ E] [*segue-se no risc.*]

⁴² que é] [*entrel.*]

⁴³ 49] [*sublinhado no ms.*]

⁴⁴ 2] [*entrel. e sublinhado no ms.*]

⁴⁵ delas] [*entrel.*]

⁴⁶ De maneira que...que dizemos.] [*na marg.*]

⁴⁷ delas] [*seguem-se várias palavras risc.*]

⁴⁸ conhecido,] [*seguem-se várias palavras risc.*]

⁴⁹ havia] [*segue-se as risc.*]

⁵⁰ 1º, por tradição de Noé] [*sublinhado no ms.*]

⁵¹ Job] [*segue-se uma letra risc.*]

profecias⁵² de Balaão, não só por escrito, senão verbalmente anunciadas, as quais, como diz S. Gregório, S. Leão Papa, Teodoreto e outros Padres, foram as que interpretaram a estrela e trouxeram aos Magos, posto que Reis, a adorar a Cristo como Rei universal e supremo sobre todos; 3º, pelos oráculos⁵³ das Sibilas, que com tanta clareza falaram em Cristo e seu império, os quais oráculos eram tão célebres no mundo e tão esperadas nele as felicidades⁵⁴ que prometiam como se vê dos versos de Virgílio, citando a Sibila Cumea, posto que Tulio, por lhe ser odioso o nome de Rei⁵⁵, tanto os impugnasse, que é nova confirmação dos ditos Oráculos antes de Cristo e do Império que prometiam; 4º, pelos Livros⁵⁶ de Moisés, que foi o primeiro escritor do mundo, e de quem aprenderam os primeiros filósofos da Grécia, como prova⁵⁷ S. Agostinho, e antes dele Tertuliano e Origenes, e não podiam deixar de entender ãa cousa tão grande, tão notavel e que tão expressa estava neles, não só ãa, senão muitas vezes repetida; 5º, pelos Livros⁵⁸ dos Profetas, cujo assunto principal era este Rei e este império, entre cujas profecias ordenou Deus com especial providência que andassem também escritos os sucessos de quasi todas as nações do mundo e dos aumentos, declinações, vitórias e ruínas de seus mesmos reinos, para que este apetite tão natural de saber os próprios futuros lhes excitasse a todos o desejo e curiosidade de buscar e ler aqueles Livros; 6º, pela relação e notícia dos Judeus⁵⁹ que andavam espalhados por toda a redondeza da terra⁶⁰, como diz Josefo, uns por não caberem na estreiteza da sua pátria, outros pelos interesses da *mercancia (permitindo-lhes Deus a este fim que pudessem⁶¹ levar usuras aos estrangeiros, mas não aos naturais) e outros, e quasi todos pelos cativeiros do Egipto e de Babilónia e de todas as províncias daqueles impérios, pelos quais os espalhou Deus para semear entre os Gentios estas notícias, como diz Tobias no capítulo 13⁶²: *Confitemini domino filii Israel, et in conspectu gentium laudate eum, quoniam ideo dispersit vos inter gentes quae ignorant Deum ut vos enarretis mirabilia eius* [Trad. 22]. E quão espalhados estivessem os Judeus, por este meio dos seus cativeiros, em todo o mundo, deixando o que dizem os Historiadores de haverem chegado até Espanha, que, naquele tempo, era o fim dele, basta o que refere o édito de Artaxerses, copiado aos 13⁶³ capítulos do Livro de Ester, onde se lêem estas cláusulas: *in toto orbe terrarum populum esse dispersum qui novis uteretur legibus, et contra omnium gentium consuetudinem faciens regnum iussa contenneret. E mais abaxo: Unam gentem rebellem adversus omne hominum genus perversis uti legibus etc.* [Trad. 23], de modo que em toda a parte onde havia género humano havia também Judeus, e com eles estava

⁵² pelas profecias] *[sublinhado no ms.]*

⁵³ pelos oráculos] *[sublinhado no ms.]*

⁵⁴ felicidades] *[no original parece ler-se fecilidades, provavelmente lapso de Vieira.]*

⁵⁵ [fl. 126v.]

⁵⁶ pelos Livros] *[sublinhado no ms. Seguem-se várias palavras risc.]*

⁵⁷ prova] *[na marg.]*

⁵⁸ pelos Livros] *[sublinhado no ms. Aparentemente tratar-se-ia de uma repetição, mas não o é de facto pois, embora a expressão sublinhada seja idêntica, no primeiro caso trata-se dos livros de Moisés e no segundo dos livros dos Profetas.]*

⁵⁹ pela relação e notícia dos Judeus] *[sublinhado no ms.]*

⁶⁰ a redondeza da terra] *[na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]*

⁶¹ pudessem] *[no original podesse.]*

⁶² 13] *[sublinhado no ms.]*

⁶³ 13] *[sublinhado no ms.]*

penetrado todo o mundo e todas as nações das notícias de Deus e das⁶⁴ esperanças de suas promessas, que são as que mais trazem na boca os cativos e perseguidos⁶⁵, como eles eram. E não só tinham as nações do mundo as notícias que a suas terras levavam os Judeus, senão as que as mesmas nações viam e ouviam em Judea e
5 Jerusalém, que, naquele tempo, era a maravilha e a soberba do mesmo⁶⁶ mundo, como lhe chamam os Profetas; e como a⁶⁷ Império universal⁶⁸ e situado no meo do Universo (in umbilico terrae), concorriam a ela de toda a parte as gentes de todas as línguas e todas as cores. Assi o notou David no salmo que começa falando de Jerusalém: gloriosa dicta sunt de te civitas Dei, onde diz: Ecce alienigenae et Tirus
10 et populus Aethiopum hi fuerunt illic [Trad. 24]; e não só como peregrinos, senão como moradores e naturais daquela pátria comum de todas as nações, que isso quer dizer: homo et homo natus est in ea [Trad. 25]. Baste por exemplo, deixando outros das Escrituras, o que se lê no 2º capítulo dos Actos dos Apóstolos: erant
15 autem⁶⁹ in Ierusalem habitantes Iudaei viri religiosi ex omni natione quae sub caelo est [Trad. 26]; e logo adiante, nomeando as nações: Parthi et Medi et Aelamitae, et qui habitant Mesopotamiam, Iudaeam, et Cappadociam, Pontum, et Asiam Phrigiam et Pamphiliam Aegiptum et partes Libiae quae est circa Cirenem et aduenae Romani. Iudaei quoque et proseliti Cretes, et Arabes.⁷⁰ Audiuimus eos
20 loquentes nostris linguis [Trad. 27]. E se neste tempo se achavam em Jerusalém gentes de todas as línguas, de todas as cores, de todas as terras e de todas as nações, quando nela não havia mais que os despojos de seus cativeiros e as sombras do que tinha sido, que seria no tempo em que o reino estava inteiro e o templo de Salamão era a primeira maravilha do mundo, e o mesmo Salamão ainda maior maravilha? Este⁷¹ tempo refere a História Sagrada⁷² no capítulo 4º do 4º⁷³ Livro dos Reis:⁷⁴ Et veniebant de cunctis populis ad audiendam sapientiam Salomonis, et
25 ab universis Regibus terrae qui audiebant sapientiam eius [Trad. 28]. E no capítulo 10º do mesmo Livro: Et universa terra desiderabat vultum Salomonis, ut audiret sapi⁷⁵entiam⁷⁶, quam dederat Deus in corde eius [Trad. 29]. E quem duvida que ùa das lições, e a principal, que Salamão leria⁷⁷ naquela⁷⁸ cadeira
30 universal às gentes e embaxadores de todo o mundo seria a esperada e prometida maravilha de que⁷⁹ havia de haver na mesma Jerusalém outro mais sábio e maior que⁸⁰ Salomão: Et ecce plus quam Salomon hic [Trad. 30]. Estas eram as notícias

⁶⁴ das] [entrel.]

⁶⁵ perseguidos] [segue-se uma letra risc.]

⁶⁶ mesmo] [entrel.]

⁶⁷ a] [entrel.]

⁶⁸ universal] [seguem-se duas letras risc.]

⁶⁹ autem] [segue-se in risc.]

⁷⁰ Arabes] [segue-se est risc.]

⁷¹ Este] [a palavra foi emendada sobre outra, aparentemente naquele.]

⁷² Sagrada] [segue-se que risc.]

⁷³ 4º do 4º] [os numerais encontram-se sublinhados no ms.]

⁷⁴ Reis:] [segue-se que risc.]

⁷⁵ [fl. 127r.]

⁷⁶ sapientiam] [segue-se eius risc.]

⁷⁷ leria] [seguem-se duas palavras risc.]

⁷⁸ naquela] [no ms. naquele certamente por lapso.]

⁷⁹ que] [segue-se de risc.]

⁸⁰ e maior que Salomão] [no original e maior Salomão. O comparativo sem que é certamente lapso do autor e não uma construção peculiar.]

que de Jerusalém levavam todas as nações⁸¹ para suas terras, e nelas se divulgavam e continuavam depois a filhos, com as quais e com todas as outras que acima ficam referidas havia geralmente em todas elas⁸² tal conhecimento do futuro e prometido Rei e dos bens e felicidades que com ele haviam de vir ao mundo que bastavam para⁸³ ser esperado e desejado de todas as gentes e ser querido e aceitado universalmente de todas seu império, em protestação e testemunho da qual aceitação vieram os três Reis, sem ser requeridos, a render-lhe a já dada obediência e pagar-lhe tributos.

10 **Reposta aos fundamentos da opinião contrária.**

84 Ao 1º respondem os autores citados explicando a autoridade de Cristo, cuja suma verdade não podia negar o domínio e império que tem sobre todo o mundo, sendo-lhe tão próprio⁸⁵ e inseparavel por razão da união ao *Verbo, como fica dito, e dizendo o mesmo Senhor: *Data est mihi omnis potestas in caelo et in terra* [Trad. 31], pelo que se há-de entender com S. Agostinho que somente quis dizer Cristo que o seu reino não era como os do mundo, que se sustentam e defendem por armas, das quais e dos ministros delas depende a conservação, vida e autoridade dos Reis, como tudo se colhe bem claramente do mesmo texto nas palavras com que Cristo deu razão da sua reposta: *Si ex hoc mundo esset regnum meum ministri utique mei decertarent ut non traderet Iudaeis; nunc autem regnum meum non est hinc* [Trad. 32], onde muito se deve notar a palavra *non est hinc*, não é daqui. Não disse *não é aqui*, senão *não é daqui*, porque o Reino de Cristo é aqui, mas não é daqui, é⁸⁶ no mundo, mas não é do mundo, isto é, não é dado pelo mundo, como são os reinos dos outros Reis, e por isso lhes é necessário que o mesmo mundo que lhos deu lhos defenda com os instrumentos do mundo, que são ministro, soldados e armas. Mas o Reino de Cristo, como não é reino deste mundo, isto é, dado por este mundo, senão por Deus, não há mister esses meios e instrumentos do mundo para se conservar, como verdadeiramente sucedeu, porque, sendo Cristo condenado, crucificado e morto, nem por isso perdeu o reino (como acontece aos Reis que são deste mundo), antes na morte e na cruz se confirmou e estabeleceu mais. E tão fora esteve a reposta de Cristo de negar ser Rei, e Rei temporal, que o mesmo Pilatos, que não conhecia outro género de reino, inferiu da mesma reposta: *quod Rex es tu?* a qual ilação lhe concedeu Cristo dizendo que assi era: *Respondit Iesus: tu dicis quia rex sum ego* [Trad. 33].

 Ao 2º fundamento, nega-se o que dele se quer inferir, porque, ainda que não houvera autoridade de Padres que afirmassem o reino temporal de Cristo, nem por isso se inferia bem carecer Cristo do dito império, porque os Padres não disseram tudo, e muitas cousas que em seu tempo estavam escuras ou não tratadas⁸⁷ totalmente se trataram, descobriram e declararam depois, aluminando Deus a sua Igreja em diferentes tempos com diferentes luzes, conforme a dispensação de sua providência, que é ponto que muito se deve advertir no exame de cousas que ou são

⁸¹ nações] [segue-se uma palavra risc.]

⁸² as quais...em todas elas.] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

⁸³ para] [segue-se todo risc.]

⁸⁴ [26 em BN.]

⁸⁵ tão próprio] [já na marg. Segue-se tão risc.]

⁸⁶ é] [segue-se do risc.]

⁸⁷ tratadas] [segue-se o início de uma palavra risc.]

ou parecem novas, como advertiam já em seu tempo Tertuliano e⁸⁸ Lactâncio, e depois, em todos os séculos e idades seguintes, S. Basílio, S. Jerónimo, S. Gregório Papa, Ruperto, Ricardo Vitorino, S. Bernardo, Vincêncio Belvacense, e ultimamente, nos tempos chegados a nós, Durando, Frei Melchior Cano, Salmeirão, e nos nossos dias Alcaçar⁸⁹, Scherlogo, e outros ainda mais modernos. Nega-se, contudo⁹⁰, não haver alguns Padres que afirmassem o império temporal de Cristo, os quais se podem ver no Padre Soarez *in tertiam partem disputatorie de Regno Christi*⁹¹ [Trad. 34] *e nos dous Mendoças acima citados. E a razão de não se acharem muitas autoridades de Padres onde se fale com expressão nesta especialidade do Reino de Cristo é porque ao intento dos ditos Padres servia ordinariamente mais expender, para nosso exemplo, as virtudes pertencentes ao reino espiritual que o domínio e império do temporal. E também (diz o Padre Mendoça no lugar citado do Livro dos Reis) porque, assi como S. Agostinho, argumentando contra os Hereges, *algũas vezes se põe tanto⁹² da parte da graça que parece nega o alvedrio, assi os Padres, argumentando contra os Judeus (que só criam e esperavam o reino temporal do Messias), inclinavam tanto para a parte do reino espiritual de Cristo que parece negavam o temporal.

Ao 3º se responde que, para o exemplo de pobreza, humildade e desprezo do mundo, ainda que fora possível (o que não era) privasse Cristo⁹³ do dito domínio, por ser intrínseco, como prova o Padre Vasquez, à união hipostática, não era, contudo⁹⁴, necessário nem conveniente privasse Cristo dele, porque antes ficava o dito exemplo muito mais realçado e subido de ponto vendo-se juntamente na mesma pessoa e acções de Cristo a suprema grandeza com a maior humildade, o supremo domínio com a maior pobreza, o supremo império do mundo com o maior desprezo dele, que são pontualmente os extremos que Cristo ajuntou no triunfo de Jerusalém e naquele dia e acto público em que quis ser aclamado e reconhecido por Rei, como tinha ponderado o Profeta Zacarias no capítulo 9: *Ecce Rex tuus venit tibi ipse pauper et sedens super asinam* [Trad. 35].

Resolução de toda a Questão.

Ao título de toda a questão digo que o reino e império de Cristo é juntamente espiritual e temporal.⁹⁵ Esta conclusão é certa e comũa hoje nas escolas, e vem a ser a que referimos no segundo lugar junta com a que supusemos no princípio. E posto que, dos fundamentos referidos e dos que acabamos de responder, fique sufficientemente provada;

Prova-se 1º com o texto alegado e capital do 6º⁹⁷ capítulo de Zacarias: **Sumes aurum et argentum et facies coronas et pones in caput Ieso filii Iosedec* [Trad. 36], no qual lugar mandou Deus que Jeso, filho de Josedec, fosse coroado não com ãa

⁸⁸ Tertuliano e] [na marg.]

⁸⁹ Alcaçar] [segue-se uma palavra risc.]

⁹⁰ contudo] [segue-se que risc.]

⁹¹ Christi] [na marg.]

⁹² [fl. 127v.]

⁹³ possível (o que não era) privasse Cristo] [sublinhado no original.]

⁹⁴ não era, contudo,] [na marg. a substituir não era risc. na linha.]

⁹⁵ [27 em BN.]

⁹⁶ império de Cristo é juntamente espiritual e temporal.] [sublinhado no original.]

⁹⁷ 6º] [sublinhado no original.]

só coroa senão com duas⁹⁸, e que essas duas coroas não fossem ambas de um, senão de dous metais, e que um deles fosse⁹⁹ mais precioso que o outro, como é o ouro em respeito da prata, tudo para significar que o reino e império do verdadeiro Jeso incluía dous impérios e duas coroas, ùa de ouro e mais preciosa, que é¹⁰⁰ o império espiritual, e outra de prata e não de tanto preço, que é o império temporal, mas ambas iguais e em tudo semelhantes e sem diferença algũa, porque tão universal e tão perfeito é o império espiritual de Cristo como o seu império temporal¹⁰¹. E¹⁰² assi entendem e explicam este grande texto todos os Padres e Doutores, os quais uniformemente entendem pela coroa de ouro o sacerdócio de Cristo e pela de prata o reino, que é, por outras palavras, o mesmo que dissemos¹⁰³, porque o sacerdócio de Cristo, como já notámos, e o Padre Soarez, é o império¹⁰⁴ espiritual e o reino o temporal.

Prova-se 2º com o salmo 109.¹⁰⁵: Tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedec [Trad. 37], onde *Cristo se chama Sacerdote, não segundo a ordem de Levi ou de Arão, senão segundo a ordem de Melquisedeque, porque em Levi e Arão houve sacerdócio, mas não houve reino, porém Melquisedeque, como diz S. Paulo no capítulo 7º da Epistola ad Hebreos, foi juntamente Sacerdote e Rei: Melchisedech Rex Salem sacerdos Dei sumi [Trad. 38]. E assi como em Melquisedeque se ajuntou o reino com o sacerdócio, sendo Rei e sacerdote juntamente, assi em Cristo se uniu o supremo império espiritual com o supremo temporal, o espiritual como em supremo Sacerdote, o temporal como em supremo Rei.

Prova-se 3º com o mistério do nome e geração de Cristo, notados por S. Agostinho no 2º livro *De Consensu Evangelistarum*, capítulo 1º, onde diz: Firmissime tenendum est carnem Christi, ex utroque genere propagatam et regum scilicet, et sacerdotum, quibus personis apud illum populum Hebreorum etiam mysthica unctio figurabatur, id est chrisma, unde Christi nomen elucet tanto ante etiam ista eidentissima significatione praenunciatum¹⁰⁶ [Trad. 39]. De sorte que a geração de Cristo, como consta do próprio capítulo de S. Mateus¹⁰⁷, foi propagada e deduzida, desde Abraão e David, por Reis e por Sacerdotes, porque Cristo havia de ser supremo Sacerdote e supremo Rei; e isso mesmo significa o nome de Cristo, que quer dizer unctio, pela unção com que havia de ser unctio Rei e unctio Sacerdote.¹⁰⁸

Prova-se 4º¹⁰⁹ com o texto de Ezequiel no capítulo¹¹⁰ 34¹¹¹: et suscitabo super ea pastorem unum qui pascit ea servum meum David ipse pascit ea et ipse erit eis in pastorem. Ego autem Dominus ero eis in Deum. Et servus meus David princeps

⁹⁸ duas] [segue-se coroas risc. na marg.]

⁹⁹ fosse] [entrl.]

¹⁰⁰ é] [seguem-se uma ou duas letras risc.]

¹⁰¹ porque tão universal...como o seu império temporal] [sublinhado no original.]

¹⁰² E] [seguem-se uma ou duas letras risc.]

¹⁰³ dissemos] [entrel. a substituir temos dito, que não foi anulado na linha.]

¹⁰⁴ império] [na marg. a substituir Reino, risc. na linha.]

¹⁰⁵ 109] [sublinhado no original.]

¹⁰⁶ firmissime...significatione praenunciatum.] [sublinhado e entre barras oblíquas no original.]

¹⁰⁷ Mateus] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹⁰⁸ Sacerdote.] [segue-se Este risc.]

¹⁰⁹ Prova-se 4º] [segue-se uma extensão de cerca de duas linhas de texto risc.]

¹¹⁰ [fls. 128r.]

¹¹¹ 34] [sublinhado no original.]

in medio eorum [Trad. 40], no qual lugar, que é de fé, se entende de Cristo. Debaxo da metáfora e nome de David (que também foi pastor e Rei) é chamado Cristo Rei e Pastor, Rei pelo império temporal¹¹² e Pastor pelo espiritual. E por isso o mesmo David, no salmo 22, descrevendo as insígnias deste supremo Monarca, o pinta com ceptro e cajado: virga tua et baculus tuus ipsa me consolata sunt [Trad. 41], aludindo ao 1º verso do mesmo salmo, em que diz dele como de Rei: Dominus regit me, e como de Pastor: in loco pascuae ibi me collocavit [Trad. 42]. Em confirmação do qual mistério, tanto que Cristo entrou no mundo, despediu logo Embaxadores aos Reis para que o viessem adorar por supremo Rei, e aos Pastores para que o viessem reconhecer por supremo Pastor; e no Dia do Juízo, como escreve S. Mateus no capítulo 25¹¹³, celebrará o mesmo Senhor aquele último acto em representação parte de Rei, parte de pastor, porque, como Rei, se assentará em trono de Majestade e mandará aos ministros: sedebit in sede magestatis et dicet rex ministris; e como Pastor porá as¹¹⁴ ovelhas à mão direita e os cabritos à esquerda: oves a dextris, haedos autem a sinistris [Trad. 43]. De sorte que, pelos textos, pelas figuras, pela geração, pelo nome e pelas mesmas acções de Cristo, consta que é supremo Rei e supremo Pastor, supremo Rei e supremo Sacerdote, e que, por estes dous títulos, lhe competem as duas coroas de Zacarias, a de ouro pelo império espiritual e a de prata pelo temporal.

¹¹⁵ Nos outros dous textos capitais de Daniel não temos esta distinção de coroas, mas em ambos (que é só o que podia fazer dúvida) temos expresso o império temporal, porque, na visão do capítulo 2º¹¹⁶, explicando os efeitos do 5º Império, diz: Suscitabit Deus regnum quod non dissipabitur, comminuet autem et consummet universa regna haec, et ipsum stabit¹¹⁷ [Trad. 44], que é pontualmente o que fez a pedra quando deu o golpe nos pés da Estátua. E se¹¹⁸ este Quinto Império, significado nela, há-de derrubar e desfazer em pó e cinza todos os outros, de sorte que não terão lugar neste mundo e realmente desaparecerão dele, como diz o mesmo texto: nullusque locus inventus est eis [Trad. 45], segue-se necessariamente que não só há-de ser império espiritual, senão também temporal.¹¹⁹ Porque o império espiritual não derruba impérios temporais nem tem oposição algũa com eles, como se vê por experiência no império de S. Pedro, que é espiritual, o qual não desfaz os impérios e reinos¹²⁰ dos Príncipes temporais, antes ajuda a os conservar e oferece a Deus contínuas orações e sacrificios por eles. Pelo contrário, os que se derrubam, desfazem e consomem, como aqui diz Daniel, são os reinos e impérios temporais. E assi o fará também, posto que por mui diferente modo e meios¹²¹, o Quinto Império. O mesmo afirma¹²² e pelo mesmo estilo fala o

¹¹² Rei pelo império temporal] [sublinhado no original.]

¹¹³ 25] [sublinhado no original.]

¹¹⁴ porá as] [na marg. Seguem-se duas letras risc. e um borrão de tinta que, provavelmente, terá levado à repetição na margem das palavras apagadas.]

¹¹⁵[28 em BN.]

¹¹⁶ capítulo 2º] [segue-se diz risc. Esta palavra é deslocada para o final da oração ficando já na margem, por falta de espaço na linha, o que leva a crer tratar-se de uma alteração posterior ao momento de escrita.]

¹¹⁷ et ipsum stabit,] [seguem-se várias palavras risc. entre dois sinais de :.]

¹¹⁸ E se] [na marg.]

¹¹⁹ temporal.] [no original ponto e vírgula com a vírgula risc.]

¹²⁰ reinos] [segue-se temporais risc.]

¹²¹ E assi o...meios] [na marg. a substituir cerca de duas linhas de texto risc.]

¹²²afirma] [na marg. a substituir diz risc. na linha.]

Anjo que interpretou a 2ª visão do capítulo 7º, dizendo: *Et iudicium sedebit ut auferatur potentia et conteratur et dispereat usque in finem* [Trad. 46]. E se todo o outro poder supremo¹²³ há-de ser destruído, desfeito e anilado, não é só império espiritual o que há-de obrar estes efeitos, senão império temporal, principalmente que, havendo de ficar no mundo (como dizem ambos os textos) somente o quinto e último império, sem haver em toda a terra outro algum supremo¹²⁴, bem se convence que não há-de ser só e precisamente¹²⁵ império espiritual, porque doutra maneira não haveria nenhum império, domínio nem governo temporal no mundo, o que de nenhũa maneira se pode imaginar, quanto mais admitir nem supor. É, logo, o dito Império de Cristo juntamente espiritual e temporal.

15

20

25

30

35

¹²³ supremo] [entrel.]

¹²⁴ supremo] [entrel.]

¹²⁵ e precisamente] [na marg.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “Jesus respondeu-lhe: “O meu Reino não é deste mundo. Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não cair nas mãos das autoridades judaicas. Mas o meu Reino é diferente”. João 18: 36.

10

[Trad. 2] “...tal como Filipe segundo é hoje Rei das Espanhas...”. Alonso de Mendoza, *De Regno Christi*

[Trad. 3] “Assim, tu já não és escravo, mas filho. E, sendo filho, também és herdeiro pela vontade de Deus”. Gálatas 4: 7.

15

[Trad. 4] “Mas agora, que o fim está perto, falou-nos por meio do seu Filho. Foi por meio dele que Deus criou o mundo e a ele deu o poder sobre todas as coisas”. Hebreus 1: 2.

20

[Trad. 5] Vieira cita aqui erradamente o Salmo 109 em vez do Salmo 2: “Pede-me, que eu te darei a posse de todas as nações e a terra inteira em propriedade”. Salmos 2: 8.

[Trad. 6] “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser dar a conhecer”. Mateus 11: 27.

25

[Trad. 7] “Então Jesus aproximou-se deles e disse-lhes: “Foi-me dado todo o poder no céu e na terra”. Mateus 28: 18.

30

[Trad. 8] “Jesus sabia que o Pai lhe tinha dado toda a autoridade. Sabia que tinha vindo de Deus e que voltaria em breve para Deus”. João 13: 3.

[Trad. 9] “Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, colocaste tudo sob o seu poder...”. Salmos 8: 7.

35

[Trad. 10] “Depois disse-lhe: “Posso dar-te todo este poder e toda esta grandeza, porque tudo isto me foi entregue a mim e eu dou-o a quem eu quiser”. Lucas 4: 6.

40

[Trad. 11] “Terceiro, há um julgamento de Deus, porque o que manda neste mundo já foi condenado”. João 16: 11.

[Trad. 12] “Chegou o momento em que este mundo vai ser julgado. Chegou o momento em que o senhor deste mundo vai ser expulso”. João 12: 31.

45

[Trad. 13] “Disse-vos isto para que encontrem a paz em mim. Têm muito que sofrer no mundo, mas tenham coragem! Eu venci o mundo!”. João 16: 33.

[Trad. 14] “À sua frente envia a peste e atrás dele vêm as doenças”. Habacuc 3: 5.

[Trad. 15] Vieira cita aqui erradamente a segunda epístola. O passo citado é da primeira epístola: “Saibam que foram resgatados daquela vida inútil que tinham herdado dos antepassados. E não foi pelo preço de coisas que desaparecem, como a prata e o ouro, mas pelo sangue precioso de Cristo, como o de um cordeiro sem mancha nem defeito”. I Pedro 1: 18-19.

[Trad. 16] “Não sabem que não pertencem a vocês mesmos, mas que o vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vocês e que Deus vos deu? Deus resgatou-vos por elevado preço. Dêem, pois, glória a Deus com o vosso corpo”. I Coríntios 6: 19-20.

[Trad. 17] “Deus pagou por vocês um preço. Não se tornem escravos de ninguém”. I Coríntios 7: 23.

[Trad. 18] “por alturas do meio”.

[Trad. 19] “O ceptro não será retirado a Judá nem o bastão de comando que ele tem nas mãos, até que venha aquele a quem eles pertencem a quem os povos devem obediência”. Génesis 49: 10.

[Trad. 20] “Dentro de pouco tempo, farei estremecer o céu e a terra, os mares e os continentes. Farei tremer todas as nações, que hão-de trazer aqui as suas riquezas e, de novo, encherei o meu templo de grandeza”. Ageu 2: 6-7.

[Trad. 21] “Ó Rei de todos os povos e por eles desejado”.

[Trad. 22] “Israelitas, louvem a Deus diante de todas as nações. Foi ele quem vos espalhou por todas elas e nelas ele mostrou-vos o seu poder. Dêem glória a Deus diante de todos, pois ele é o nosso Deus e Pai. Ele é Deus eternamente”. Tobias 13: 3-4.

[Trad. 23] Vieira cita aqui os apêndices deuterocanônicos gregos ao livro de Ester (caps. 10: 4 a 16), nomeadamente o cap. 13: 4-5, que figuravam na Vulgata mas não figuram na Bíblia Interconfessional usada nas traduções dos textos bíblicos citados por Vieira, a qual termina o apêndice deuterocanônico de Ester no final do cap. 10 (10: 10). Por esse motivo seguimos neste passo a tradução apresentada pela edição da Difusora Bíblica (1985): “...deu-me a conhecer que há um povo mal intencionado, disperso entre os outros povos do mundo, de costumes contrários aos dos outros, que despreza continuamente as ordens dos reis, a ponto de ameaçar a concórdia que reina no nosso império. Averigui também que essa nação vive totalmente isolada, sempre em oposição perpétua com o resto do género humano, e que, ao teor das suas leis, tem um modo de vida estranho, hostil aos nossos interesses, e comete as piores desordens, comprometendo assim a ordem pública do reino”. Ester 13: 4-5.

[Trad. 24] “Escuta, ó cidade de Deus, a gloriosa proclamação, que ele faz a respeito de ti: “Incluirei o Egipto e a Babilónia na lista das nações que me obedecem; contarei entre os habitantes de Jerusalém o povo da Filisteia, de Tiro e da Etiópia”. Salmos 87: 3-4.

[Trad. 25] “De Sião se dirá que todas as nações nasceram dela e que foi o Altíssimo que a fortaleceu”. Salmos 87: 5.

5 [Trad. 26] “Moravam em Jerusalém nessa altura judeus devotos vindos de todas as nações do mundo”. Actos dos Apóstolos 2: 5

10 [Trad. 27] “Há aqui gente que veio da Pártia, da Média, do Elam, da Mesopotâmia, da Judeia, da Capadócia, do Ponto, da Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia que ficam perto de Cirene. Alguns vieram de Roma. Uns são judeus e outros aceitaram a religião dos judeus. Alguns, ainda, vieram de Creta e outros da Arábia. Todos nós os ouvimos nas nossas próprias línguas falar das coisas maravilhosas que Deus tem feito”. Actos dos Apóstolos 2: 9-11.

15 [Trad. 28] Vieira cita aqui erradamente IV Reis. O passo citado é, de facto, de III Reis (I Reis nas versões em vernáculo): “De todos os países vinham pessoas ouvir a sabedoria de Salomão; vinham da parte de todos os reis da terra que tinham ouvido falar da sua sabedoria”. I Reis 5: 14.

20 [Trad. 29] “De toda a parte vinha gente para o ver e escutar a sabedoria que Deus lhe tinha dado...”. I Reis 10: 24.

[Trad. 30] “Existirá aqui alguém maior que Salomão”.

25 [Trad. 31] Cf. supra Trad. 7.

[Trad. 32] Ao contrário do que parece deduzir-se do contexto, o passo e comentário referidos na sequência do passo do capítulo 28 de S. Mateus [Trad. 31], não pertencem a este texto, mas sim ao capítulo 18 de S. João. Cf. supra Trad. 1.

30 [Trad. 33] “Nesta altura, Pilatos perguntou-lhe: “Mas então sempre és rei?” Jesus respondeu-lhe: “És tu que o dizes: eu sou rei. Nasci e vim ao mundo para dizer o que é a verdade. Todos os que vivem da verdade ouvem aquilo que eu digo”. João 18: 37.

35 [Trad. 34] Soarez, *De Regno Cristi*, “na terceira parte da “disputatio”.

[Trad. 35] “Canta de alegria ó cidade de Sião! Alegra-te cidade de Jerusalém! Olha o teu rei que chega justo e vitorioso, humilde e montado num jumento, no filho duma jumentinha”. Zacarias 9: 9

40 [Trad. 36] “Faz uma coroa do ouro e da prata que eles te derem, e coloca-a na cabeça do sumo sacerdote Josué, filho de Joçadac”. Zacarias 6: 11.

45 [Trad. 37] “O Senhor jurou e não volta atrás: “Tu és sacerdote para sempre, na linha de Melquisedec”. Salmos 110: 4.

[Trad. 38] “Este Melquisedec era rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo. Quando Abraão voltava da batalha em que tinha derrotado vários reis, Melquisedec encontrou-se com ele e abençoou-o”. Hebreus 7: 1.

- 5 [Trad. 39] “Deve-se sustentar com toda a firmeza que a carne de Cristo foi propagada a partir de dois troncos, a saber: dos Reis e dos Sacerdotes, em cujas pessoas era também figurada, junto do povo hebreu, a unção mística, isto é, o Crisma, onde o nome de Cristo se revela, tanto tempo antes, prenunciado também por este evidentíssimo sinal”. S. Agostinho, *De Consensu Evangelistarum*, vol. 2, cap. 1.
- 10 [Trad. 40] “Vou dar-lhes um rei como único pastor, semelhante ao meu servo David; e ele cuidará delas. Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e um rei semelhante ao meu servo David será o seu chefe. Palavra do Senhor!”. Ezequiel 34: 23-24.
- [Trad. 41] “Ainda que eu atravesse o mais escuro vale, não terei receio de nada, porque tu, Senhor, estás comigo. A tua vara e o teu cajado dão-me segurança”. Salmos 23: 4.
- 15 [Trad. 42] “Salmo da colecção de David. O Senhor é o meu pastor: nada me falta. Em verdes pastos me faz descansar e conduz-me a lugares de águas tranquilas”. Salmos 23. 1-2.
- 20 [Trad. 43] “Jesus disse ainda: “Quando o Filho do Homem vier na sua glória, com todos os seus anjos, estará sentado no seu trono majestoso e todos os povos da terra se juntarão diante dele. Então ele há-de separá-los uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas das cabras. Porá as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda”. Mateus 25: 31-33.
- 25 [Trad. 44] “No tempo desses reis, o Deus dos céus fundará um reino que não terá fim. Esse reino nunca será conquistado por outro povo, mas aniquilará por completo todos os outros reinos e permanecerá para sempre”. Daniel 2: 44.
- 30 [Trad. 45] “Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no Verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra”. Daniel 2: 35.
- [Trad. 46] “Então o tribunal do céu vai reunir-se para o julgamento; vai retirar o poder a esse império e destruí-lo por completo e para sempre”. Daniel 7: 26

5

Questão 6ª
Em que consiste o Reyno e reynar de Christo

10

68 Para intelligencia desta importantissima questão

15

70 ...que actualmente esteja usurpado...

...mas não a posse. Assy acconteceo...

...o império delle (que he a linguagem por que fallão as Escrituras em muitos lugares) mas como...estava occupado tiranizado...demónio (princeps hujus mundi), teve...dominio, mas a posse não.

20

69 Toda esta distincção de tempos entre o domínio & posse do Reyno, ou Reynado de Christo, & tudo quanto nesta supposição está dito, he expresso do *Psalmo 2º*. onde por boca de David diz o mesmo Christo : Ego autem...Filius meus et¹ tu; ego hodie...

25

...como filho & legitimo herdeiro que era o mesmo Christo...

... logo herdou o Reyno & foy constituido...

68 ... Onde se deve advertir que os filhos dos Paes mortaes herdão no dia da morte do Pay, & o filho do Pay Eterno & immortal, herda no dia do nascimento do Filho.

30

69 ...desdo dia de sua encarnação & geração, herdou...

...teve desde logo a posse delle & da dita sua herança ...

35

40

45

¹ et] [leitura errada da lição de TT es.].

Questão 7ª¹

Se no Reino e Império de Cristo se distinguem os tempos do domínio e da posse, e se é diversa cousa em Cristo o ser Rei e o reinar e esse reinar de Cristo em que consista?²

³ Respondendo à 1ª parte dela, digo que, no reino e império de Cristo, se distinguem e foram distintos os tempos do domínio e da posse, porque o domínio inteiro e perfeito teve-o Cristo, como fica dito, *desde o instante de sua concepção e encarnação, e a posse foi-a depois adquirindo com a sucessão e continuação do tempo. ⁴Se um Príncipe herdar ou lhe for doado legitimamente um reino que actualmente está usurpado e ocupado pelos inimigos, este Príncipe terá o domínio daquele reino, mas não a posse.⁵ E assi aconteceu a Cristo, que, entrando neste mundo, herdou e lhe foi doado o império dele, mas o mesmo império estava usurpado, tiranizado e dominado pelo Demónio; teve desde logo o domínio, mas⁶ a posse não logo senão depois.

É ilustre lugar em prova desta verdade o 7º do salmo 2º: Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum eius. Dominus dixit ad me filius meus es tu ego hodie genui te. Postula a me et dabo tibi gentes hereditatem tuam et possessionem tuam terminos terrae [Trad. 1]. De modo que, desde o dia da encarnação e geração de Cristo: ego hodie genui te, como filho e herdeiro legítimo que era o mesmo Cristo⁸ de seu Pai: fillius meus es tu, logo foi herdado e⁹ constituído por ele Rei:¹⁰ ego autem constitutus sum Rex ab eo ¹¹(porque os filhos dos pais mortais herdaram no dia da morte dos pais, mas o filho do Pai¹² Eterno e imortal herda no dia da geração do filho), mas, ainda que Cristo ¹³desde o dia de sua geração herdou e foi constituído Rei e teve o domínio do seu Reino, nem por isso teve desde logo a posse do dito Reino e da

¹ [O 7 foi desenhado sobre um 5. A primeira parte desta questão, incluindo o número e o título, encontra-se riscada em sinal de anulação, podendo ler-se na marg.: Aqui entra o Aditamento 10, Littera L. O texto riscado ocupa as últimas seis linhas do fl. 128r e todo o fl. 128v. No fl. 128r são parcialmente legíveis, para além do título, as primeiras linhas: a resolução desta questão é mui importante, e ponho-a neste lugar para inteligência da seguinte e de tudo o que daqui adiante se há-de dizer. As últimas palavras do fl. 128r e todo o fl. 128v são ilegíveis. O texto continua no início do fl. 129r com a segunda parte da questão, que passa, assim, a ser a primeira.]

² e esse reinar de Cristo em que consista?] [na marg.]

³ [29 em BN. O número do parágrafo encontra-se no início do texto cancelado.]

⁴ [§ 70 na ed. de HC.]

⁵posse.] [segue-se uma palavra risc.]

⁶ mas] [segue-se não risc.]

⁷ [§ 69 na ed. de HC.]

⁸ o mesmo Cristo] [entrel.]

⁹ logo foi herdado e] [na marg. a substituir foi, na linha e logo, entrel, ambos riscados. Entre foi e herdado pode ler-se por ele, risc.]

¹⁰Rei:] [os dois pontos encontram-se em substituição de ponto e vírgula estando a vírgula riscada.]

¹¹ [§ 68 na ed. de HC.]

¹² pai] [segue-se uma palavra risc.]

¹³ [§ 69 na ed. de HC.]

...Padre for servido de lha dar
..a **petição** do mesmo Filho....

...se lhe **ouve ou averá** de dar...

5

...ad **praefinitum tempus** a Patre.

70 ... E assy como no **mesmo exemplo**, o legitimo...

10

...& em outra não reyna, assy..

...assy como vay conquistando...

15

71 He illustre lugar...

20

25

...hypostatica (**como dizem os Padres**) foy ungido...

30

35

40

45

dita herança, senão depois, em outro tempo, quando o mesmo Padre foi servido de lha dar¹⁴, a¹⁵ **petição e requerimento** do mesmo filho: Postula a me et dabo tibi gentes hereditatem tuam¹⁶ et possessionem tuam terminos terrae. Assi que teve Cristo primeiro o domínio¹⁷ do seu reino e depois se lhe **houve** de dar a posse dele, bem assi como diz S. Paulo no capítulo 4^o da Epistola ad Galatas: quandiu¹⁸ heres parvulus est nihil differt a servo cum sit dominus omnium, e isto usque ad **tempus praefinitum** a patre [Trad. 2].

Desta resolução da 1^a parte da questão se segue também a segunda, que quasi vem a ser a mesma por diferentes termos. E assi digo, na mesma forma, que foi e é diversa cousa em Cristo o ser Rei e o reinar. ¹⁹Assi como, no exemplo acima posto, o legítimo²⁰ Rei que tem o reino usurpado é Rei do seu reino e não reina nele, e se for conquistando algũa parte do mesmo reino, em hũa parte reina e em outra não, assi Cristo, sendo, desde o primeiro dia e instante de sua encarnação, absoluto Rei e senhor do seu império, não reinou, contudo, desde logo nele, mas foi e vai reinando por partes, assi como o vai²¹ conquistando e adquirindo a posse dele.

Também é ²²ilustre lugar em prova disto o texto do Profeta Jeremias no capítulo 23: Ecce dies veniunt dicit Dominus, et suscitabo David gremem iustum et regnabit Rex [Trad. 3]. *Fala a letra de Cristo, debaxo do nome de David, como descendente dele, e diz que será Rei e reinará.²³ Essa é a energia das palavras: et²⁴ regnabit Rex, como notou Velasquez no livro *De Optimo Principe*. De sorte que ùa cousa é ser Rei e outra reinar, e esta mesma distinção houve no reino e reinado de Cristo, que primeiro foi Rei sem reinar e depois foi Rei e reinou. E por isso o Profeta lhe chama *David ou planta de David, neste lugar, com admiravel propriedade. Porque, como lemos no capítulo 16²⁵ do 1^o²⁶ Livro dos Reis, reinando actualmente Saul no Reino de Israel, foi David ungido, por mandado de Deus, em Rei do mesmo reino, unindo-o privada e ocultamente o profeta Samuel, em casa de seu pai. E assi esteve David alguns anos, sendo verdadeiro Rei, ungido por Deus, sem reinar, e reinando no mesmo tempo Saul, a quem Deus tinha privado do reino²⁷, como lhe disse o mesmo Samuel: Adjecit te Dominus ne sis Rex [Trad. 4]. O mesmo, nem mais nem menos, sucedeu no reino e reinado de Cristo, porque, por²⁸ meio da união hipostática (**como dissemos**), foi ungido privada e ocultamente²⁹ na casa e tálamo virginal de sua mãe santíssima por Rei e Senhor do

¹⁴ dar] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁵ a] [entrel.]

¹⁶ tuam] [palavra intercalada em TT. CF. na ed. de HC. volII, p. 263, nota (1).]

¹⁷ [fls. 204v em TT.]

¹⁸ quandiu] [HC faz notar em relação a esta palavra que, na ed. que usa, não nos diz qual, ocorre quanto tempore. Cf. na ed. de HC. vol. I, p. 263, nota (2).]

¹⁹ [§ 70 na ed. de HC.]

²⁰ legítimo] [segue-se Rei risc.]

²¹ vai] [segue-se uma palavra risc.]

²² [§ 71 na ed. de HC.]

²³ reinará.] [segue-se que risc.]

²⁴ et] [entrel.]

²⁵ 16] [sublinhado no original.]

²⁶ 1^o] [sublinhado no original.]

²⁷ do reino] [na marg.]

²⁸ por] [seguem-se duas ou três letras risc.]

²⁹ ocultamente] [segue-se uma palavra risc. no fim da linha e uma letra risc. no início da linha seguinte.]

5 **Isto supposto, pergunta a nossa questão que lhe faltava a Christo para reynar, sendo desdo instante de sua encarnação tam legitimo & verdadeiro Rey, & esta posse de seu Reyno, ou este reynado & reynar de Christo em que consista? Ao que respondo que lhe faltava a Christo a fee & obediencia dos vassallos, & o estar conhecido...& adorado, ally somente reyna...**

10

...o provemos e o confirmemos...fique demonstrado, & estabelecido...

...primeyro permitio Deos que se vissem as ruinas...

15

...Onde diz assy: Illi potestas..

20

...No *Psalmo 10*²...o Rey & Senhor & Criador do Mundo:

25

30

35

40

45

² 10°.] [correção não assinalada da lição de TT 9°.].

mundo, mas em seus³⁰ primeiros anos³¹, sendo tão legítimo e verdadeiro Rei, foi Rei sem reinar, reinando no mesmo tempo³² em seu próprio reino o ³³ injusto e tirânico dominador dele,³⁴ que era o Demônio.

5 E se me perguntarem que lhe faltava a Cristo para reinar, sendo tão legíti³⁵mo, ³⁶respondo que lhe faltava a fé dos vassalos e estar³⁷ conhecido e adorado por eles; e que, ao passo que depois foi conhecido e adorado, começou também a reinar, e foi e vai³⁸ reinando no mundo. De maneira que, onde Cristo não é conhecido nem adorado, não reina, e onde é conhecido e adorado, **reina**; e esta é a posse do reino e³⁹ o reinado e o reinar de Cristo. Temos chegado a um ponto verdadeiramente grande, e por falta do qual pode ser que andem mal entendidas e mal explicadas muitas Escrituras; e assi será necessário que o provemos e confirmemos, de modo que fique **demostrado, estabelecido** e crido, porque é ùa das bases principais de todo *este infelice edificio, em que⁴⁰ primeiro se quiseram ver as ruínas do que a fábrica.⁴¹

10 Primeiramente, a conclusão sobredita é expressa de S. Jerónimo, intérprete máximo das Escrituras, no livro 4º dos seus comentários sobre S. Mateus, explicando aquelas palavras: data est mihi omnes potestas in caelo et in terra, onde diz: illi potestas data est qui paulo ante crucifixus qui sepultus in tumulo qui⁴³ mortus iacuerat qui postea resurrexit in caelo autem et in terra potestas data est ut qui ante regnabat in caelo per fidem credentium regnet et in terris⁴⁴ [Trad. 5]. Mas os textos com que agora provaremos o mesmo⁴⁵ são tão claros que não necessitam de intérpretes, nem hão mister autores.

15 No salmo 9º⁴⁷, diz David que há-de reinar Deus, sendo ele o Rei e **criador e Senhor** do mundo: dominus regnabit; e, dando logo a razão e mostrando o modo com que há-de reinar, acrescenta: Peribitis gentes de terra illius [Trad. 6], porque, na terra onde se acaba a gentilidade e em seu lugar sucede a fé, aí é que Deus propriamente reina, é esse o modo por onde começa a reinar nas terras onde dantes não reinava por falta da mesma fé e conhecimento.⁴⁸

³⁰ em seus] [entrel. a substituir o início de uma palavra risc. na linha.]

³¹ anos] [seguem-se uma ou mais palavras risc.]

³² tempo] [palavra intercalada em TT. Cf. na ed. de HC., vol. I, p. 264, nota (1).]

³³ reino o] [segue-se uma palavra risc.]

³⁴ dele,] [seguem-se várias palavras risc.]

³⁵ [fl. 129v. O fólio começa por e verdadeiro Rei risc.]

³⁶ legítimo] [segue-se e verdadeiro Rei risc.30 em BN, § 72 na ed. de HC..]

³⁷ estar] [seguem-se duas palavras risc., uma no final da linha, outra no início da linha seguinte.]

³⁸ e vai] [entrel.]

³⁹ a posse do reino e] [na marg.]

⁴⁰ porque é ùa das...em que] [palavras sublinhadas em TT. Cf. na ed. de HC. vol. I, p. 265, nota (1).]

⁴¹ fábrica.] [segue-se um traço que cruza o resto da linha.]

⁴² [§ 73 na ed. de HC.]

⁴³ [fls. 205r em TT.]

⁴⁴ No livro 4º...et in terris.] [na marg. a substituir uma extensão de cerca de duas linhas de texto risc. na linha.]

⁴⁵ o mesmo] [entrel.]

⁴⁶ [§ 74 na ed. de HC.]

⁴⁷ 9º] [sublinhado no original. A indicação encontra-se errada. O passo referido encontra-se no Salmo 10º e não no 9º]

⁴⁸ nas terras.....e conhecimento.] [na marg.]

...E no *Psalmo 21*³... et convertentur ad **Dominum universi** fines terrae...

...como se as **conquistas**⁴, & então...

5

10

15

20 ...assy (**diz Isaias**) que dominará...

25

30

35

40

45

³ 21] [*correção não assinalada da lição de TT 24*].

⁴ conquistas] [*leitura errada da lição de TT conquistara.*].

49 E no salmo 24⁵⁰: *reminiscentur et convertentur omnes fines terrae et universae familiae gentium. Quoniam Domini est regnum et ipse dominabitur gentium* [Trad. 7]. De sorte que, quando as terras dos Gentios se convertem à fé, então é que Deus as domina, como se as **conquistara**, e então é que nelas reina e tem o seu reino.

5 51 Isaías, no capítulo 24⁵², ainda com mais particular expressão: *Et erit in die illa visitabit dominus super militiam caeli et super Reges terrae* [Trad. 8]. Virá dia, diz Isaías, em que Deus fará ùa visita geral sobre a milícia do céu (que são os astros) e sobre os Reis da terra que os adoram por deuses: *Et erubescet Luna et confundetur Sol cum regnauerit dominus exercitum* [Trad. 9]. E o que se há-de seguir desta visita será, diz o
10 Profeta, que o sol e a lua ficarão confusos e envergonhados quando reinar o senhor dos exércitos, porque nas terras onde dura a infidelidade e idolatria reina o sol e a lua, e os outros ídolos, e quando nas mesmas terras entra a fé e o conhecimento de Deus, então começa Deus a reinar nelas: *cum regnauerit dominus exercitum*.

15 53 O mesmo Isaías, no capítulo 54⁵⁴, *falando com a Sinagoga no estado de cegueira e infidelidade presente e anunciando sua conversão à fé e conhecimento de Cristo, o modo com que explica esta fé e este conhecimento é dizendo que ainda o mesmo Deus que a fez a há-de dominar: *Noli timere quia non confunderis opprobrii viduitatis tuae, quia dominabitur tui qui fecit te* [Trad. 10]. Assi como o Rei não domina os vassalos que se lhe rebelaram e, depois de conquistados, os torna a dominar e reinar sobre eles, assi diz Isaías que dominará e reinará Deus outra vez sobre a Sinagoga quando ela outra vez o conhecer por verdadeira fé.

20 55 Ezequiel, no capítulo 20, prossegue elegantissimamente este mesmo argumento; e, falando em pessoa de Deus, diz aos Judeus que, muito a seu pesar, lhes há-de tirar, não só os ídolos, senão a idolatria, e que então tornará a reinar e a pôr seu ceptro sobre
25 eles. As palavras de Deus juradas são as seguintes: *Vivo ego, dicit dominus Deus, quia non respondebo vobis. Neque cogitatio mentis uestrae fiet dicentium: erimus sicut gentes et sicut cognationes terrae ut colamus ligna et lapides. Vivo ego dicit dominus Deus quoniam in manu forti et in brachio extento, et in furore effuso, regnabo super uos, et educam uos de populis et congregabo vos de terris in quibus dispersi estis, in manu
30 valida, et in brachio extento et in furore effuso regnabo super uos sicut iudicio contendi adversum patres uestros in deserto terrae Aegypti sic iudicabo vos dicit Dominus Deus, et subiiciam vos sceptro meo, et inducam vos in vinculis faederis*⁵⁶ [Trad. 11].

35 57 Miqueas, no capítulo 4º, profetiza o mesmo reinar de Deus sobre a mesma Sinagoga pelos mesmos termos: *In die illa congregabo claudicantum et eam quam ejeceram, et ponam claudicantem in reliquias et regnabit Dominus super eos* [Trad. 12]. Chama à Sinagoga e aos Judeus *os que manquejam*, não só porque são filhos de Israel, que era manco, senão porque sempre manquejaram na fé, como lhes exprobava Elias: *Usque quo claudicatis in duas partes* [Trad. 13]. E esta manqueira diz o Profeta que virá

⁴⁹ [§ 75 na ed. de HC.]

⁵⁰ 24] [sublinhado no original. A indicação encontra-se errada. O passo referido encontra-se no Salmo 22 e não no 24.]

⁵¹ [§ 76 na ed. de HC.]

⁵² 24] [sublinhado no original.]

⁵³ [§ 77 na ed. de HC.]

⁵⁴ 54] [sublinhado no original.]

⁵⁵ [§ 78 na ed. de HC.]

⁵⁶ Ezequiel, no capítulo 20,.....faederis.] [na marg.]

⁵⁷ [§ 79 na ed. de HC.]

..Isaias outra vez no cap^o. 52⁵, fallando...

5

10

15

...reynará nelles **o mesmo Senhor** & terá nelles...

20

25

30

35

40

45

⁵ 52] [*correção não assinalada da lição de TT 32.*].

dia em que Deus a há-de sarar, e que então reinará o Senhor sobre eles: Et regnabit Dominus super eos.

58 Isaiás, outra vez no capítulo 32⁵⁹, falando, não de Judeus nem de Gentios em particular, senão da pregação geral do Evangelho por todo o mundo: Quam pulchri
5 super montes pedes annuntiantis, et praedicantis pacem,⁶⁰ annuntiantis bonum⁶¹
praedicantis salutem, dicentis Sion: Regnabit Deus tuus [Trad. 14], quer dizer que os
Apóstolos e pregadores de Cristo levariam pelo mundo as novas do Evangelho e que
juntamente dariam o parabém à Igreja de reinar o seu Deus: regnabit Deus tuus, porque,
quando Cristo é conhecido e adorado por fé, então reina, e antes disso não.

10 ⁶² Abdias, no capítulo único da sua profecia, quasi pelas mesmas palavras, diz e
anuncia o mesmo: Et ascendent salvatores in montem Sion iudicare montem Esau, et erit
domino regnum [Trad. 15]. Assi como Esaú foi inimigo e perseguidor de Jacob, assi
15 todos os inimigos de Cristo e sua Igreja, diz S. Jerónimo no Prólogo deste Profeta, se
chamam Esaú; e o que diz e anuncia o Profeta é que, quando os salvadores ou ministros
da salvação converterem, por meio da pregação da fé, estes inimigos, e eles, convencidos
e rendidos, conhecerem e adorarem a Cristo, então reinará neles Cristo e terá neles seu
reino: et erit Domino Regnum.

⁶³ Finalmente, S. João Evangelista, Profeta do Testamento Novo, profetizando a
fé e conversão universal do mundo e descrevendo os aplausos do céu que viu e ouviu
20 fazer por ela, diz clara e expressamente que então reinará Cristo em todo o mundo, e que
então será todo o mundo Reino de Cristo. No capítulo 11^o: et septimus Angelus tuba
cecinit et factae sunt voces magnae in caelo dicentes: Factum est regnum huius mundi
Domini nostri et Christi eius [Trad. 16], e mais abaxo: gratias agimus tibi Domine Deus
25 noster omnipotens qui es et qui eras et qui venturus es quia accepisti virtutem tuam
magnam et regnasti [Trad. 17]. E no capítulo 12: Et audivi vocem magnam in caelo
dicentem: nunc facta est salus et virtus et regnum Dei nostri et potestas Christi eius
[Trad. 18]. E no capítulo 19: Et audivi quasi vocem turbae magnae et sicut vocem
30 aquarum multarum et sicut vocem tonitruarum magnarum dicentium: Alleluia quoniam
regnabit Dominus Deus noster omnipotens. Gaudeamus et exultemos [Trad. 19]. ⁶⁴Dos
quais textos e de muitos outros de um e outro Testamento, que no discurso havemos de
ponderar, se vê⁶⁵ e conhece manifestamente que, conforme a frasi ordinária e universal
de todas as Escrituras, assi somente se diz reinar Cristo onde é conhecido e adorado por
fé, e que, ainda que seja tão supremo⁶⁶ Rei e senhor das terras e gentes onde falta esta fé,
este conhecimento e esta adoração como de todas as outras, não basta só essa razão de
35 senhorio para se dizer que as domina e reina sobre elas. E esta é a diferença que há no

⁵⁸ [§ 80 na ed. de HC.]

⁵⁹ 32] [*sublinhado no original. A indicação encontra-se errada. O passo referido encontra-se no capítulo 52 e não no 32.*]

⁶⁰ [fl. 130r.]

⁶¹ [fls. 205v em TT.]

⁶² [§ 81 na ed. de HC.]

⁶³ [§ 82 na ed. de HC.]

⁶⁴ [§ 83 na ed. de HC.]

⁶⁵ S. João Evangelista....se vê ...] [*na marg. a substituir uma extensão de cerca de cinco linhas risc. na linha: ...para não acumular mais textos, o mesmo se prova no salmo 21 e 46 e 71 e 92 e 96 e 98 e 102. E no capítulo 9^o de Daniel; e no capítulo 3^o da Sapiência; e no 3^o de Sofonias; e no 3^o dos Cânticos; e no 1^o da Epístola aos Colossenses, e nos capítulos 11, 12 e 19 do Apocalipse e em muitos outros lugares, que neste discurso se irão declarando, dos quais todos se prova ...]*

⁶⁶ supremo] [*no original com dois pp, tendo o primeiro sido amulado, correccção que está de acordo com a forma etimológica.*]

5

10

15

20

25

30

35

40

reino ou reinado de Cristo entre o domínio e a posse do seu império e entre o ser Rei dele e o reinar.

5

10

15

20

25

30

35

40

NOTAS

5

[Trad. 1] “Eu próprio consagrei o meu rei, no meu santo monte de Sião.” Anunciarei a decisão do Senhor. Ele disse-me: “Tu és meu filho; desde hoje sou teu pai. Pede-me, que eu te darei a posse de todas as nações e a terra inteira em propriedade”. Salmos 2: 6-8.

10

[Trad. 2] “Quero ainda dizer isto: enquanto o herdeiro é menor, não é diferente do escravo, apesar de ser dono de tudo. Tem de estar sujeito aos que cuidam dele e tratam das suas coisas, até ao tempo que o pai determinou”. Gálatas 4: 1-2.

15

[Trad. 3] “Há-de vir o dia em que escolherei um rei justo, como descendente de David. Palavra do Senhor! Esse rei governará o país com sabedoria, cumprindo o direito e aplicando a justiça”. Jeremias 23: 5.

20

[Trad. 4] Embora não tenhamos conseguido localizar o passo citado, o contexto permite situá-lo no primeiro livro de Samuel (na Vulgata I Reis): “O Senhor determinou que não sejas Rei”. Samuel.

25

[Trad. 5] “Então Jesus aproximou-se deles e disse-lhes: “Foi-me dado todo o poder no céu e na terra”. Mateus 28: 18.

“Foi-lhe dado o poder, a ele que, pouco antes, tinha sido crucificado, sepultado no túmulo, jazido morto, e que depois ressuscitou. Foi-lhe dado o poder no céu e na terra de forma a que o que antes reinava no céu, pela fé dos crentes, reinasse também na terra”. S. Jerónimo, [*Comentários sobre S. Mateus*], vol. 4 (Cf. Migne, *Patr. Lat.*, vol. XXVI, p. 218.).

30

[Trad. 6] “O Senhor é rei para todo o sempre; que os pagãos desapareçam da sua terra”. Salmos 10: 16.

35

[Trad. 7] A indicação de Vieira encontra-se errada. Trata-se do salmo 22: “Todas as nações se lembrarão do Senhor; de toda a parte do mundo se voltarão para ele. Todas as raças o adorarão. De facto, o Senhor é rei, é ele que governa as nações”. Salmos 22: 28-29.

40

[Trad. 8] “Naquele dia, o Senhor, intervirá lá no alto, contra os exércitos dos astros, e, cá em baixo, contra os reis da terra” Isaías 24: 21.

45

[Trad. 9] “A Lua corará de vergonha e o Sol ficará confundido, pois o Senhor do universo reinará no monte Sião, em Jerusalém, glorioso na presença dos seus conselheiros”. Isaías 24: 23.

[Trad. 10] “Não tenhas medo porque não voltarás a ser humilhada. Não tenhas vergonha por que não voltarás a ser desonrada. Esquecerás a humilhação que recebeste na juventude e nunca mais recordarás a afronta da tua viuvez. Vais ter por esposo aquele que te criou, cujo nome é o Senhor do universo. O Santo de Israel, o Deus de toda a

terra é aquele que te defende e acolhe”. Isaias 54: 4-5.

[Trad. 11] “Vocês continuam ainda a oferecer as mesmas ofertas, e a contaminar-vos com os mesmos ídolos, sacrificando os vossos filhos e queimando-os no fogo. E vocês
5 ainda me vêm perguntar qual é a minha vontade, ó israelitas! Tão certo como eu ser o Senhor Deus da vida vos garanto que não vos deixarei perguntar mais nada. Vocês tomaram a decisão de ser como as outras nações, como pessoas que vivem nos outros países, que adoram deuses de madeira e de pedra. Porém não vai ser como vocês querem.” Deus castiga e perdoa. “Tão certo como eu ser o Senhor, Deus da vida vos
10 garanto que, na minha indignação, vos hei-de dominar com mão forte e com o meu imenso poder. Vou mostrar-vos o meu poder e a minha ira, quando vos reunir de novo e vos fizer voltar dos países, por onde vocês foram espalhados. Vou separar-vos dos outros povos e levar-vos para o deserto; ali ajustarei contas convosco, frente a frente. Por agora, condeno-vos como condenei os vossos antepassados no deserto do Sinai.
15 Palavra do Senhor! Vou guardar-vos com o meu cajado e obrigar-vos a cumprir as obrigações da minha aliança.” Ezequiel 20: 31-37.

[Trad. 12] “Virá o dia em que vou reunir aqueles que castiguei duramente aqueles que estão feridos e sofreram o exílio. Palavra do Senhor! Estão coxos e longe da pátria, mas
20 eu farei deles uma nação poderosa. Reinarei sobre eles, no monte de Sião, desde agora e para sempre”. Miqueias 4: 6-7.

[Trad. 13] “Elias chegou-se junto de todo o povo e disse: “Até quando irão continuar com este jogo duplo? Se o Senhor é o verdadeiro Deus, então prestem-lhe culto! Mas se
25 é Baal, então prestem culto a Baal!” Ninguém de entre o povo respondeu...”. I Reis 18: 21.

[Trad. 14] “Como é bom ver chegar, sobre as montanhas, o mensageiro que anuncia a paz. É o portador da boa nova da vitória. Ele vem dizer a Sião: “O teu Deus é rei!”.
30 Isaias 52: 7.

[Trad. 15] “Depois irão, vitoriosos, ao monte Sião, e, de lá, hão-de governar o território montanhoso de Esaú. E o rei será o Senhor”. Abdias 1: 21.

[Trad. 16] “O sétimo anjo tocou a trombeta e ouviram-se aclamações no céu: “O reino do mundo passou agora para as mãos de nosso Senhor e do Messias que há-de reinar por
35 todo o sempre!”. Apocalipse 11: 15.

[Trad. 17] “...dizendo: “Nós te damos graças, Senhor Deus todo-poderoso, tu que és e que eras, porque recebeste o teu grande poder e começaste a reinar!”. Apocalipse 11:
40 17.

[Trad. 18] “Depois ouvi no céu uma voz forte que aclamava: “Chegou a hora da vitória, da força e do reinado do nosso Deus! É a hora do poder do seu Messias! É que foi
45 vencido o acusador dos nossos irmãos, o que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus”. Apocalipse 12: 10.

[Trad. 19] “Depois ouvi como que a voz duma grande multidão semelhante ao ruído duma grande cascata e de fortes trovões, que dizia: “Aleluia! Quem reina é o Senhor, o

nosso Deus, todo-poderoso! Alegremo-nos, regozijemo-nos e dêmos-lhe glória. Chegou o tempo das bodas do Cordeiro A sua noiva já se preparou". Apocalipse 19: 6-7.

5

10

15

5

Questão 7ª.

10

...de David, **depois de ungido privadamente em rey, como dissemos, forão...**

15

...o tinha ungido, **como consta do cap. 24 do 1º. Livro dos Reis.** E com estes...

20

25 ...**(como elle mesmo disse a Saulo)...**

...**e peregrinando desterrados por terras...**

30

...**& bautizar, foy achado, como diz sua Hystoria, occulto em huma cova...**

35

40

45

5

Questão 6ª¹

²Se o Quinto Império é o reino presente que Cristo hoje tem no mundo ou se é outro diverso e futuro que haja de ter noutro tempo?³

10

Para satisfazer a esta questão, é necessário distinguir três estados no reino e império de Cristo, os quais maravilhosamente foram figurados no reino e reinado de David, em que todos os Padres reconhecem ùa mui própria representação do⁴ Reino de Cristo, e se pode ver doutamente expendido por Molina no 1º tomo *De Iustitia*.

15

⁵ O 1º estado ou os primeiros rudimentos do reinado de David (**depois de ungido privadamente em Rei, como dissemos**) foram alguns poucos companheiros, homens avexados e perseguidos, como diz o texto, os quais se lhe agregaram e seguiram suas partes⁶, conhecendo já que Deus o tinha ungido⁷ (**como consta do capítulo 24⁸ do 1º Livro dos Reis**); e com estes refere a mesma História Sagrada¹⁰ que David andava pelas covas e pelos desertos, e peregrinando por terras estranhas para escapar ao ódio e

20

fereza¹¹ de Saul, que mortalmente o perseguia, *chegando a matar o grande Sacerdote Abiatar e a muitos outros Sacerdotes porque o ocultavam e favoreciam. Tudo consta desde o capítulo 19 até o capítulo 30 do mesmo livro. E tal foi o primeiro estado do reino e reinado de Cristo, o qual durou¹² *até os tempos do Emperador Constantino, por espaço de quatrocentos anos, andando Cristo em todo este tempo perseguido (como ele

25

mesmo disse a **S. Paulo**), vivendo os poucos Cristãos que então havia pelas covas e pelos desertos, e **peregrinando** por terras estranhas para¹³ escapar à fúria das perseguições dos Neros e Dioclecianos, sendo muitos os Pontífices e Sacerdotes que, por esta causa, eram martirizados e mortos, por sinal que o mesmo S. Silvestre, quando Constantino o mandou buscar para o instruir¹⁴ e bautizar, **estava oculto, como diz sua**

30

História, em ùa cova do *Monte Soracte.

¹ [Aparentemente o 6 foi escrito sobre um 7, embora a inversa também seja possível, uma vez que a anterior questão primitiva era a 5ª *Ao lado do título pode ler-se: no papel dos autos questão 7. BN e TT voltam a coincidir nesta questão.*]

²[§ 84 na ed. de HC.]

³ [31 em BN.]

⁴ do] [no original do do.]

⁵[§ 85 na ed. de HC.]

⁶ partes] [segue-se uma marca de abertura de parêntese risc.]

⁷ ungido] [segue-se como Rei risc.]

⁸24] [sublinhado no original.]

⁹ 1º] [sublinhado no original.]

¹⁰ sagrada] [seguem-se várias palavras risc.]

¹¹ fereza] [entre. a substituir perseguição risc. na linha.]

¹² durou] [segue-se uma marca de acrescento na margem risc. O referido acrescento, quatrocentos anos, encontra-se também risc.]

¹³ [muda para fls. 206 em TT.]

¹⁴ o instruir] [palavras escritas sobre outras, com anulação de algumas letras.]

...de David, (a que podemos com razão chamar os primeyros progressos de seu Reyno) foy quando...

5

10

15 ...reyna he o **melhor** delle.

...reyno de Saul, **conhecendo**...

20

25 ...os infieis (que são os que ainda por tantos modos seguem o partido do Demonio),
conhecido o erro...

30

...admiraveis foy **dispondo**.¹

35

40

45

¹ ...admiraveis foy dispondo.] [*leitura errada da lição de TT* ...admiraveis o foy dispondo.].

15 O 2º estado do reinado de David, **a que podemos, com razão, chamar os primeiros progressos de seu reino**, foi quando, acabadas já as perseguições de Saul com sua vida, foi reconhecido por Rei de todo o grande Tribo¹⁶ e casa de Judá, que era a melhor¹⁷ parte do mesmo Reino que Deus lhe tinha prometido e dado, com a qual foi
5 reinando por alguns anos, não lhe faltando, porém¹⁸, no mesmo tempo, ódios, inimigos e guerras pelos¹⁹ herdeiros de Saul e pelos que seguiam o seu partido, como consta tudo do 2º capítulo do 2º Livro dos Reis e da continuação da mesma História. Tal foi também o 2º estado do reino e reinado de Cristo, porque, cessando, com a fé e favor de Constantino, as públicas perseguições da Igreja, começaram a se levantar templos,
10 altares e imagens de Cristo por todas as terras da jurisdição romana, e o mesmo Cristo a ser reconhecido e adorado nelas; e posto que nunca lhe faltaram inimigos, sequazes do Demónio e seu antigo domínio, que por parte dele²⁰ fizessem guerra a seu reino e estorvassem poderosamente seus aumentos, contudo, o tem conservado Cristo²¹ até o tempo presente²², e ainda que não domina todo o império de que é Senhor, a parte em
15 que já reina é **a melhor dele**.

23 O 3º estado ²⁴ e último do reinado de David foi quando, finalmente, acabando de se enganar todos os tribos e povo de Israel do erro e cegueira em que continuavam querendo sustentar a posse e sucessão do reprovado reino de Saul²⁵, e **conhecendo** que o verdadeiro e legítimo Rei, ungido e dado por Deus, era David, se foram lançar todos a
20 seus pés confessando esta verdade e, com públicas festas e aplausos universais, foi aclamado e adorado Rei de todo o povo de Israel, sobre o qual todo reinou sem contradição e com grande felicidade por muitos anos. Assim o vemos no capítulo 5º do 2º Livro dos Reis, e tal, finalmente, será o 3º e último estado do reino ou reinado de Cristo, quando, acabados de enganar todos os infieis, **que são os que ainda, por tantos**
25 **modos, seguem o partido do Demónio**, conhecido o erro e cegueira em que eles e seus antepassados viveram por tantos séculos, alumiados enfim com a luz da fé, recebam e adorem em todo o mundo a Cristo; e reinando sem contradição o mesmo Cristo sobre todas as gentes e nações dele, acabe de entrar inteiramente na posse de seu império, o qual, perfeito, completo e consumado, se logre e continue com suma felicidade e
30 felicidades pelos anos que lhe tiver decretado a mesma Providência que, por meios tão admiráveis, **o foi dispendo**.

26 De maneira que o Império de Cristo, abraçando todos os tempos de sua duração, se resume e divide em três estados: O 1º de seus princípios, que é o antigo, a que podemos chamar Império de Cristo **incoado*; o 2º de seus progressos, que é o presente,
35 a que podemos chamar Império de Cristo *incompleto*; o 3º de seu último aumento e perfeição, que logo veremos se será futuro, a que podemos chamar Império de Cristo

¹⁵[§ 86 na ed. de HC.]

¹⁶[fl. 130v.]

¹⁷era a melhor] [entrel.]

¹⁸porém] [entrel.]

¹⁹pelos] [segue-se pelos que ainda seguiam risc.]

²⁰dele] [segue-se uma palavra risc.]

²¹Cristo] [entrel.]

²²presente,] [seguem-se várias palavras risc.]

²³[§ 87 na ed. de HC.]

²⁴estado] [segue-se uma palavra risc.]

²⁵Saul] [segue-se e conhecendo risc.]

²⁶[§ 88 na ed. de HC.]

5

10

...como as as² que ainda...

15

...*ipsi servient et obedient*. E o Anjo...

...*reges servient ei*. E se o Reyno...

20

25

30

35

...*Tibiae antem ferrere, quaedam...*

40

45

² as as] [repetição de Vieira, motivada pela mudança de fôlio. Note-se que, paradoxalmente, HC corrige sem qualquer nota indicações de capítulos erradas, mas não corrige erros evidentes como este.]

completo e consumado. Isto posto, agora responderei ao título da questão por algũas conclusões.

27 1ª Conclusão: O Quinto Império de que falamos, e de que falam as profecias de Daniel, é o império completo e consumado de Cristo. Prova-se clara e expressamente de
5 ùa e outra visão, porque, na primeira, diz o Profeta que a pedra²⁸ creceu tanto que encheu toda a terra: lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus, et implevit universam terram [Trad. 1]. Logo, fala do Império de Cristo, não no primeiro estado de pequeno e incoado, nem no segundo estado de maior e incompleto, senão no
10 terceiro e último estado de perfeito, completo e consumado, porque só então encherá o dito império toda a terra, dominando, não algũia parte das partes do mundo (que é o que só hoje obedece e conhece a Cristo), senão todo ele e todas suas partes, assi as descobertas e conhecidas como as²⁹ que ainda estão encobertas e incógnitas. ³⁰Na 2ª
15 visão, ainda se fala por termos mais manifestos e claros, sem figura nem metáfora que possa fazer dúvida, porque Daniel, referindo o poder que o Antigo de Dias deu ao filho do homem, diz: et dedit ei potestatem et honorem, et regnum et omnes populi et tribus et
linguae ipsi **servient** [Trad. 2]. E o³¹ Anjo, explicando a Daniel a mesma visão: Regnum autem et potestas et magnitudo regni quae est subter omne caelum detur populo
sanctorum Altissimi cuius regnum sempiternum est et omnes reges **servient ei, et**
20 **obedient** [Trad. 3]. E se³² o reino e império profetizado e declarado nesta visão é tão grande, tão estendido e tão dilatado que há-de compreender tudo o que cobre o céu: magnitudo regni quae est subter omne caelum; e se é tão universal que o hão-de servir
todos os povos, todas as línguas e todas as nações: et omnes populi tribus et linguae ipsi
servient; e se é tão soberano e superior a tudo que se lhe hão-de sujeitar e obedecer
25 é o império completo e consumado de Cristo, porque, *ultra destes termos de extensão, de domínio, de majestade e de grandeza, não há mais para onde subir nem para onde crescer.

33 2ª Conclusão. Este império completo e consumado de Cristo absolutamente é império futuro. Segue-se claramente da conclusão passada, porque, se esta grandeza do
30 império completo³⁴ e consumado de Cristo, nem³⁵ se acha nos progressos do império presente, nem a houve, muito menos, nos princípios do império passado, segue-se que o império em que está profetizada e prometida é império ainda futuro. E para que isto se veja com toda a clareza nas mesmas visões de Daniel, ponderaremos³⁶ duas
circunstâncias delas, entre³⁷ as muitas que ainda nos ficam para outros lugares.³⁸ Na 1ª
35 visão, diz Daniel que as pernas da estátua eram de ferro e os pés e os dedos, parte eram de ferro, parte de barro: Tibiae autem **ferreae, pedum** quaedam pars erat ferrea

²⁷[32 em BN. § 89 na ed. de HC.]

²⁸pedra] [segue-se uma letra risc.]

²⁹ [muda para fls. 206v em TT.]

³⁰ [§ 90 na ed. de HC.]

³¹ E o] [no original E o/ o, repetição motivada pela mudança de linha.]

³² [fl. 131r.]

³³ [33 em BN. § 91 na ed. de HC.]

³⁴ completo] [no original contempletto, certamente por lapso facilmente corrigível por conjectura.]

³⁵nem] [seguem-se duas palavras risc., uma na linha, achar, outra na entrelinha, se. Devido ao riscado, as duas palavras seguintes foram acrescentadas já fora da linha.]

³⁶ ponderaremos] [-re- entrel transformando assim a forma do presente em futuro.]

³⁷ entre] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

³⁸ [§ 92 na ed. de HC.]

...ferrea et ficitilis³[...] et digitos pedum ex parte...

5

...he significado no ferro,...

10 **...divisão se seguiu outra...**

...Imperio.

15 **A geographia destas dez divisões do imperio romano se pode ver...**

20 **...de Christo (sendo diverso só na grandeza, mas na sustancia o mesmo) nos principios...
A Lua⁴ nova...**

25

30

...adoração (que he a sustancia) sempre...

35

40

45

³ *Tibiae antem...ficitilis...* [leitura errada da lição de TT ...Tibiae antem ferreae pedum quaedam...ferrea quaedam fictilis].

⁴ Lua] [em TT com marca de nasalidade, não indicada por HC.].

quaedam fictilis,³⁹ et digitos pedum ex parte ferreos et ex parte fictiles [Trad. 4]. E declarando a significação deste barro dos pés e dos dedos, diz que significavam a divisão e fraqueza do império: Regnum divisum erit et ex parte contritum [Trad. 5]. Sendo, pois, este império significado no ferro, como temos dito, o Império Romano, é admirável a propriedade e correspondência que tem a figura com o figurado, como neste lugar notam os expositores, e particularmente Benedito Pereira. Porque, primeiramente, o Império Romano, que por sua fortaleza e armas é **representado** no ferro, começando inteiro e unido, depois se dividiu em duas partes, como as duas pernas da estátua, que foi o Império Oriental e Ocidental, com que, dali por diante, teve um pé em Roma e outro em Constantinopla. A esta divisão **sucedeu** outra muito maior, que foi a dos⁴⁰ pés e dos dedos, porque, assi como os pés da estátua se dividiam em dez dedos, assi o Império Romano se dividiu em dez reinos diversos, que são os que hoje possuem tudo o que antigamente foi do **Império**.⁴¹

⁴² 3ª Conclusão. Ainda que este império completo e consumado de Cristo é império futuro, nem por isso é absolutamente império diverso do passado e do presente, senão o mesmo. Esta conclusão não necessita de outra prova mais que a declaração dela. A mesma pedra que derrubou a estátua, crescendo mais, se fez como um monte, e crescendo muito mais, encheu toda a terra. E assi como ela foi pequena, maior e grandíssima, sendo a mesma, assi o Império de Cristo, **sendo diverso só⁴³ na grandeza, mas na sustância o mesmo**, nos⁴⁴ princípios foi pequeno, nos progressos é maior e no auge de sua perfeição será grandíssimo. A lua nova, a lua crescente e a lua cheia é a mesma lua. O rio, que no estio é regato, no outono ribeiro e no inverno mar, é o mesmo rio. O edificio, que nos alicerces se esconde, nas paredes se levanta e nas torres se⁴⁵ remata e aperfeioa, é o mesmo edificio. Tal foi, tal é e tal será o Império de Cristo, a quem Salomão compara à lua, David ao rio, e ao edificio S. Paulo. Finalmente, as⁴⁶ idades do Império de Cristo serão como as do mesmo Cristo. Assi como o corpo de Cristo na infância era⁴⁷ pequeno, na adolescência era maior e na idade varonil foi de perfeita e consumada estatura, mas em todas estas idades sempre na sustância o mesmo,⁴⁸ assi o Império de Cristo em seus princípios foi pequeno, em seus progressos é maior e em sua perfeição e aumento há-de ser inteiramente completo e consumado,⁴⁹ mas posto que na grandeza e extensão diferente, na fé e adoração, **que é a sustância**, sempre o mesmo Império de Cristo. E ninguém me estranhe a⁵⁰ comparação que faço deste império e seus estados ao corpo e

³⁹ fictilis,] [segue-se uma marca de acrescento risc. que corresponde a um acrescento na marg. também risc.]

⁴⁰ dos] [segue-se dedos risc.]

⁴¹ Império.] [Todo o resto deste fôlio se encontra risc., cerca de 22 linhas, bem como os respectivos acrescentos. Na margem, no início do texto riscado pode ler-se: aqui entra o aditamento 11º Litera M até à 3ª conclusão exclusive. O início do fl. 131v encontra-se ainda riscado numa extensão de 16 linhas, bem como os respectivos acrescentos. A parte de texto riscada corresponde assim à última parte da segunda conclusão, que foi anulada em BN e, mais tarde, substituída por outra em TT. O texto é retomado na terceira conclusão, o que coincide com a nota acima referida.]

⁴² [34 em BN. § 94 em TT.]

⁴³ só] [entrel.]

⁴⁴ nos] [no original no visivelmente por lapso na concordância.]

⁴⁵ se] [segue-se fecha risc.]

⁴⁶ as] [segue-se uma letra risc.]

⁴⁷ era] [entrel. a substituir foi risc. na linha.]

⁴⁸ mas em todas....o mesmo,][entrel.]

⁴⁹ consumado,] [segue-se uma palavra risc.]

⁵⁰ a] [no original esta, com as três primeiras letras risc.]

...não he a **comparação**...

...só se **distingue** do mesmo...

...*ipsius* _ diz o mesmo S. Paulo no capítulo 1º. da *Epistola ad Ephesios*. E assi...

5

10

15

20

25

30

35

40

45

idades do mesmo Cristo, porque não é **comparação** minha senão de S. Paulo, nem é
comparação senão realidade. O reino e império de Cristo só se **distinguem** do mesmo
Cristo como o corpo e os membros se distinguem da cabeça: et ipsum dedit caput supra
omnem Ecclesiam⁵¹ quae est corpus ipsius [Trad. 6], **Ad Ephesius. 2.**⁵². E assi como o
5 corpo natural de Cristo creceu, por diversas idades e pela continuação dos anos, até à
perfeita e consumada estatura, assi o corpo místico do mesmo Cristo, que é o seu reino e
o seu império (e por outro nome a sua Igreja), tem crecido e vai crescendo em diferentes
idades, e com o custo dos anos e dos tempos há-de crescer ainda mais, até adquirir aquele
estado e estatura de perfeição e grandeza em que de todo fique completo e consumado.⁵³
10 Isto é o que diz o Apóstolo no capítulo 4^o⁵⁴ da Epistola ad Ephesios:⁵⁵ In aedificationem
corporis Christi, donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis filii Dei in virum
perfectum in mensuram aetatis plenitudinis Christi [Trad. 7].

15

20

25

30

35

40

⁵¹ Ecclesiam] [*muda para fls. 207v em TT.*]

⁵²et ipsum...ipsius.] [*na marg. Segue-se uma palavra risc. e uma marca de acrescento, Ø, que corresponde à seguinte nota, acima da citação: Ad Ephes. 2., abreviatura de Carta aos Efésios. 2., indicação que, aliás, se encontra errada. Trata-se, com efeito, da referida carta de S.Paulo, mas o capítulo onde o referido passo ocorre é o primeiro e não o segundo. Em TT a referência é desenvolvida, (cf. TT), mas continua a citar erradamente o segundo capítulo, (cf. na ed. de HC, vol. I, p.276, nota (1)).*]

⁵³ consumado.] [*seguem-se várias palavras risc.*]

⁵⁴ 4^o] [*sublinhado no original.*]

⁵⁵ Ephesios:] [*segue-se uma palavra risc.*]

NOTAS

5

[Trad. 1] “Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no Verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra”. Daniel 2: 35.

10

[Trad. 2] “A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 14.

15

[Trad. 3] “E assim a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos da terra serão entregues ao povo dos santos do Deus altíssimo. Esse poder real será efectivo para sempre e todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão”. Daniel 7: 27.

20

[Trad. 4] “...as suas pernas eram de ferro e os pés em parte de ferro e em parte de barro”. Daniel 2: 33.

25

[Trad. 5] “Vossa Majestade viu ainda que os pés e os dedos dos pés da estátua eram em parte de barro e em parte de ferro. Isso significa que se trata de um reino dividido. A sua força será em parte semelhante à do ferro, porque havia ferro misturado com barro. Os dedos em parte de ferro e em parte de barro, significa que parte desse reino será forte e parte será fraco”. Daniel 2: 41-42.

30

[Trad. 6] O passo citado é do capítulo 1 e não do capítulo 2: “Submeteu todas as coisas à autoridade de Cristo e fez dele chefe e cabeça da igreja”. Efésios 1: 22.

35

[Trad. 7] “Destá maneira, vai preparando os crentes para servirem uns aos outros e formarem o verdadeiro corpo de Cristo. Assim, poderemos viver todos unidos pela fé e pelo conhecimento do Filho de Deus. Seremos pessoas adultas, conseguindo aquela medida de perfeição que Cristo nos apresenta”. Efésios 4: 12-13.

5

Questão 1ª

Se na Igreja & Reyno de Christo há de aver algum novo estado diverso do presente; & quaes sejam geralmente os fundamentos desta opinião ou esperança?

10

2 À primeyra parte desta questão se responderá em particular com todas as que formos resolvendo no discurso deste papel. Por agora só digo em commum que a supposição & assumpto do dito discurso he: Que a Igreja & Reyno de Christo há de chegar a hum estado perfeito, completo & consumado, o qual estado será diverso, posto que sem essencial differença; como em seu lugar se explicará.

15

3 Consiste a differença & perfeição deste estado consumado da Igreja, em que todo o mundo se converterá & universalmente será christão; em que todos os Christãos pella mayor parte serão muy observantes da ley divina; em que todos os principes & naçoens viverão em paz segura, cassando¹ totalmente as armas & guerras; & em que neste felice tempo, sendo mais copiosa a graça, se encherá o numero dos predestinados em todas as gentes; & este será finalmente o que com toda a propriedade se chamará Reyno & Imperio de Christo, por ser então o mesmo Christo o que só reynará em todo o Mundo, sendo conhecido, adorado & obedecido de todos.

20

4 Os fundamentos geralmente desta opinião ou esperança são: *Escrituras*, razão & Autores. As *Escrituras* & razoens se verão ponderadas em seus lugares. Dos autores, quanto me lembrarem, farey logo aqui hum breve cathalogo, para que logo & desde logo corra a opinião por sua conta

25

...este² invento...seja meu, & só meu...& graças³...

30

35

40

45

¹ Cassando] [*leitura errada da lição de TT cessando.*]

² este] [*leitura errada da lição de TT o.*]

³ graças] [*leitura errada da lição de TT graça.*]

5

Questão 7^a¹

Se este império completo e consumado de Cristo se prova mais que pelos textos alegados de Daniel.

10 *Tudo quanto, com o favor divino, esperamos dizer largamente neste discurso serão² novas e
cumuladas provas e repetidas e continuadas confirmações deste futuro império ou deste futuro estado
completo e consumado dele. E nenhuma cláusula temos alegado do Profeta³ Daniel que se não haja de
concordar⁴ com muitos outros textos expressos de quasi todos os livros da Escritura Sagrada, os
quais⁵ todos admiravelmente conspiram na consonância desta grande felicidade. Mas, enquanto não
15 chegamos a estes lugares, por não perturbar a ordem e bom método do discurso, para maior
satisfação ou da curiosidade ou da incredulidade dos que o forem lendo, porei somente aqui ùa breve
suma ou catálogo dos textos e autores⁶ que afirmam, prometem e esperam o dito estado. Correrá,
daqui por diante⁷,*

20 *..a opinião⁸ por sua conta; e seja vista com os olhos e respeito que eles⁹ merecem. E não
lhe tire¹⁰ eu o crédito e aceitação que tem perdido por se dizer que é minha. Não é minha
esta opinião, nem é minha esta esperança, nem é meu o invento deste novo e futuro
estado do império completo e consumado de Cristo, posto que seja meu (e só meu) o
estudo e diligência¹¹ que, de muitos anos a esta parte, tenho posto no descobrimento
deste tesouro, entendendo que verdadeiramente o era, e mui precioso, pois está
25 encerrada nele tanta glória de Deus, tanta exaltação do nome de Cristo, tanta dilatação
da fé, tanta salvação de almas¹² e tanto aumento, paz, união, reformação e graça de sua
Igreja. Isto é o que a mesma Igreja, em todas as orações, públicas e particulares, está
pedindo a Deus continuamente; e toda¹³ a desgraça deste infelice assunto foi cuidar eu
que¹⁴ esperava e dizia nele que há Deus de conceder em algum tempo à sua Igreja aquilo*

¹Questão 7.] [*O título desta questão encontra-se riscado bem como uma extensão de texto de cerca de dez linhas e respectivos acrescentos. O título e a primeira linha de texto risc. encontram-se no final do fl. 131v, estando as restantes linhas risc. no início do fl. 132r. Ainda no final do fl. 131v, na marg. pode ler-se: Desta questão se há-de passar à seguinte por ficar já escrita no princípio deste discurso conforme o Aditamento 8º O texto risc. transcreve-se em detaque no corpo do texto, por não ter sido substituído em BN. O texto desta questão reencontra-se, de acordo com o aditamento 8º, na Questão 1ª de TT, depois de dois parágrafos introdutórios (2 e 3), e cobre os parágrafos 4 a 9 desta questão.]*

²[fl. 132r. serão, rep. no início do fl.]

³ Profeta] [-ta entrel.]

⁴ concordar] [no original *conficordar*, em que -fi- se encontra riscado, substituindo-se assim em curso de escrita a palavra inicialmente pensada, *confirmar*, por *concordar*.]

⁵ os quais] [na marg. a substituir que risc. na linha.]

⁶ autores] [seguem-se várias palavras risc.]

⁷ daqui por diante] [na marg. A marca de acrescento na linha não corresponde à da marg., mas, tratando-se do único acrescento nesta zona da página e sendo aceitável em termos de contexto, integramo-lo.]

⁸ opinião] [segue-se uma letra risc.]

⁹ eles] [entrel.]

¹⁰ tire] [no original tirei, com a última letra risc.]

¹¹ diligência] [no original digência. A correcção é feita pela análise do contexto.]

¹² tanta salvação de almas] [na marg.]

¹³ toda] [segue-se uma palavra risc. substituída por outra, já fora da linha: *desgraça*.]

¹⁴ foi....que] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

5

10 ...o que não espera, **pois o pedir he proprio acto da virtude da esperança; seja a mesma...**

15 ...Theologos & **autores**⁴ modernos.

20

...S. Isidoro, Arcebispo de Sevilla...

25

30

35

40

45

⁴ autores] [*leitura errada da lição de TT doutores.*]

que ela lhe pede. A primeira cousa que pedem a Deus, na missa, os Sacerdotes a quem ele¹⁵ faz mercê de a poderem¹⁶ dizer, e a primeira por que oferecem aquele soberano sacrificio no lugar mais sagrado dele é: In primis pro Ecclesia tua, sancta, catholica, quam pacificare, custodire, adunare et regere digneris toto orbe terrarum, una cum famulo tuo pappa nostro [Trad. 1]. Esta é a primeira oração do *Canon*. E este é, conforme todas suas cláusulas, o assunto e matéria¹⁷ do império completo e consumado de Cristo, a que, por palavras mais breves, chamamos Quinto Império. Nas palavras *adveniat regnum tuum fiat voluntas tua sicut in caelo et in terra* [Trad. 2], como as entendem muitos Padres e intérpretes, torna a fazer a Igreja a mesma petição.¹⁸E pois a Igreja não deve pedir a Deus o que não espera (**pois o pedir é próprio acto da virtude da Esperança**), seja a mesma Igreja o primeiro autor e a sua autoridade a primeira autoridade desta breve alegação.

¹⁹ Os outros autores dividirei, para maior distinção, em três²⁰ classes.²¹ Na 1ª²², os Profetas não canónicos ou santos e varões insignes em espírito de profecia. Na 2ª, os Padres e Santos Antigos. Na²³ 3ª, os Teólogos e **Doutores** modernos.²⁴

²⁵ Os Profetas ou pessoas insignes em espírito de profecia são: As Sibilas, e mui particularmente a Sibila Eritrea, S. Metódio, S. Teófilo eremita, S. Malaquias, S. Francisco de Paula, fundador da ordem dos Mínimos, S. Ângelo, Carmelita Mártir, S. Fr. Gil, nosso português, o Beato Amadeu, também português²⁶, que está sepultado com o livro de suas profecias e ùa letra nele²⁷ que diz: aperietur in tempore [Trad. 3]. S. Brígida, no livro das suas *Revelações*, S. Metildes, nas suas, **S. Isidoro, Bispo (e não Arcebispo)**²⁸ de Sevilha, S. Caterina de Sena, na sua vida escrita por Frei Ambrósio Caterino, Joaquim, Abade²⁹ e outros, cujas predições, com nome de Profecias, recopilou e³⁰ imprimiu em Veneza, há mais de 150³¹ anos, com licença da Santa Inquisição e do

¹⁵ ele] [entrel. a substituir a abreviatura de Deus risc. na linha.]

¹⁶ poderem] [muda para fls. 195v em TT.]

¹⁷ e matéria] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁸ Nas palavras...a mesma petição.] [na marg.]

¹⁹ [§ 5 na ed. de HC.]

²⁰ três] [entrel. a substituir quatro risc. na linha.]

²¹ classes.] [segue-se: Na/1ª os Profetas e escritores canónicos, risc.]

²² 1ª] [o número 1 foi escrito sobre um dois, de acordo com a alteração feita atrás (cf. nota 21).]

²³ Na] [segue-se uma palavra risc.]

²⁴ modernos.] [segue-se um parágrafo de cerca de 11 linhas risc. Trata-se do parágrafo referente aos Profetas e escritores canónicos, cuja referência Vieira anulou. O texto riscado é o seguinte: Os Profetas e escritores canónicos são: Moisés, ou Deus por boca de Moisés, no 3º capítulo do Génesis; Abraão, no capítulo 22 do mesmo Livro; Jacob, no capítulo 28 e no capítulo 49; Ana, mãe de Samuel, no capítulo 2 do 1º Livro dos Reis; David, no Livro 2º dos Reis, capítulo 22; Tobias, no capítulo 13 e 14 da sua História.; David, outra e muitas vezes nos salmos 2, 23, 28, 46, 47, 71, 81, 102; o Eclesiástico, no capítulo 11; Isaías, no capítulo 2, 32, 45, 49; Daniel, no capítulo 9; Oseas, no capítulo 2; Miqueas, no capítulo 2 e 5; Habacuc, no capítulo 3º; Sofonias, no capítulo 3º; Ageo, no capítulo 2; Zacarias, no capítulo 3 e 9º; Salamão, no capítulo 3 dos Cânticos; S. Paulo, no capítulo 15 da 1ª Epístola aos Coríntios e no capítulo 10 da Epístola ad Hebreos; S. João, no Apocalipse, capítulo 11, 12, 19, 20, 21. E em muitos outros lugares.]

²⁵ [§ 6 na ed. de HC.]

²⁶ também Português] [na marg.]

²⁷ nele] [entrel.]

²⁸ (e não arcebispo)] [na marg.]

²⁹ Joaquim, Abade,] [na marg.]

³⁰ [fl. 132v.]

³¹ 150] [sublinhado no original.]

5 ...S. Gaudencio, S. Victoriano⁵ Martyr, Tertuliano, S. João Chrysostomo, S. Hilario...

...na terra & nesta vida, que são muitos; & assy mais todos aqueles...

10 ...o **sabatismo**...do mesmo Mundo...

...**santificação delle & da Igreja**, os quaes...

15 ...**Abbade Joachim**, que aqui **allego**...

15

20 ...**Serafino de Termo**⁶ & **Pedro Billengero**⁷...

20

...& **chronologico**, insigne na sua *Chronologia*...

25

30

...o Padre Bento Fernandes nos *Comentarios do Genesis*...

...Carçosa. *De Conceptione, quem mihi videre non licuit.*

35

40

45

⁵ Victoriano] [*leitura errada da lição de TT Victorino.*]

⁶ Termo] [*leitura errada da lição de TT Fermo.*]

⁷ Billengero] [*leitura errada da lição de TT Bollengero.*]

Patriarca, um religioso de S. Francisco, por sobrenome Rusticano, *não falando em outras mais modernas e de pessoas que viveram com fama de virtude e espírito profético,³² que, por de menos³³ autoridade, se não alegam.

³⁴ Os Santos e Padres Antigos são: S. Ireneu, S. Justino Mártir, Lactância³⁵

5 Firmiano, S. Gaudêncio, S. Vitorino, Tertuliano, S. Crisóstomo, S. Hilário³⁶, S. Leão Papa, Sulpício Severo, na³⁷ sua *História Sagrada*³⁸, e Paulo Orosio na sua, aprovada por S. Agostinho, e todos os que sobre as palavras *Adveniat Regnum tuum*, da oração dominica, entendem o Reino de Cristo na terra e **nesta vida**. E assi mais³⁹ em todos aqueles Padres que, nos seis dias da criação do mundo, reconhecem ùa figura e
10 representação da futura duração dele, e no sétimo dia o **Sabático** ou descanso do mesmo mundo e **Igreja**, os quais Padres são muitos.⁴⁰

⁴¹ ⁴²Os que chamo *Teólogos e Doutores Modernos não são tão modernos que não abrace a idade em que floreceram estes quatrocentos anos proximamente passados, e são: o já nomeado⁴³ **Joaquim Abade**, que⁴⁴ aqui o **alego** como Doutor e expositor das
15 Escrituras, nas quais merece grande lugar pela exquisita erudição sagrada que nele concorria, e se pode ver nos livros dos Profetas que comentou; Ubertino de Casalis, que floreceu há trezentos anos, igualmente espiritual e douto; Caelio Panónio, também assaz antigo, com todos os autores da sua *Colectânea* sobre o Apocalipse. Sobre o mesmo Apocalipse, **Serafino de Formo** e **Pedro Bolingero**, Teólogo parisiense que **tacito*
20 *nomine* alega outros, Serario, varão eruditíssimo, sobre Josué, Fero, sobre S. Mateus⁴⁵, o Bispo Gilberto Genebrardo, Teólogo, Escriturário e **Cronólogo** insigne, **no fim da sua Cronologia**, Cosme Damian Hortulano, Teólogo de Felipe 2º no Concílio Tridentino, e um dos mais nomeados⁴⁶ e doutos daquele sagrado congresso, e benemeritíssimo da Igreja, na sua Isagoge Segunda sobre os Cânticos, Benedito Arias Montano, de cuja
25 erudição nas divinas letras dá bom testemunho o 1º tomo das Bíblias Régias, e da qual⁴⁷ se ajudou e serviu tanto o mesmo Concílio, como se pode ver no Prólogo dos seus Comentários sobre os Profetas menores, no qual segue esta sentença, não só em um, senão em muitos lugares. O padre Fernando Quirino Salazar, bem conhecido em nossa idade por suas eminentes letras e doutíssimos livros, nos Prologómenos dos Cânticos,
30 Scherlogo, nos Antilóquios do mesmo livro, tratando do último estado da Igreja, onde cita outros autores. O Padre Bento Fernandes sobre os Génesis, explicando o capítulo⁴⁸ 7 de Daniel, e novissimamente Carçosa, **no livro De Beata Virgine (quem mihi videre non licuit)** [Trad. 4], como também a Serafino de Rasis, autores da mesma opinião.

³² e de pessoas...e espírito profético.] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

³³ menos] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

³⁴ [§ 7 na ed. de HC.]

³⁵ Lactância] [no original Lactanciano, provavelmente por lapso do autor.]

³⁶ S. Hilário] [entrel.]

³⁷ na] [segue-se 1ª, risc.]

³⁸ Sagrada] [no original com -da entrel.]

³⁹ Sulpício Severo....E assi mais] [na marg.]

⁴⁰ muitos.] [segue-se uma extensão de cinco linhas risc.]

⁴¹ [§ 8 na ed. de HC.]

⁴² [Antes do início do parágrafo pode ler-se Finalmente risc.]

⁴³ o já nomeado] [na marg.]

⁴⁴ que] [segum-se várias palavras risc.]

⁴⁵ Fero, sobre S. Mateus] [na marg.]

⁴⁶ nomeados] [segue-se uma palavra risc.]

⁴⁷ qual] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁴⁸ [muda para fls. 196r em TT.]

Estes são os Autores que, antes das exactas diligencias...

5

...nota ou censura.

Demais destes Autores mortos, comuniquey & comente y o mesmo assumpto & seus fundamentos com muitos vivos, & dos mais eminentes letrados & eruditos
10 escriturarios das primeyras naçoens da Europa; os quaes todos o approvarão; &
para que se veja quam desculpavel he a desgraça de aver errado com tão boas
guias & companheiros, nomearey alguns de cada nação. De Italia, o Padre
Manjone, o Padre Rhô & o Padre Menochio; de França, o Padre Theophilo
15 Reynaudo, Padre Causino & o grande Pettavio; de Hespanha, o Padre João
Antonio Vellasquez, que da mesma Hespanha me exhortou a que sahisse com
aquellos gloriosos trabajos, que hoje são trabalhos tam affrontosos; De Portugal,
com o Padre Francisco Soarez, o qual foy o primeyro a quem communiquey este
pensamento, & concorrendo comigo em S. Roque, me ajudou a estudar nelle, & me
20 pedio de Coimbra as theses de todo o livro, que com o mesmo nome, & da minha
letra, pode ser se achem entre os seus papeis. Tambem as comuniquey ao Padre
Mattheus de Figueiredo, Lente de Prima em S. Antão, & ao Arcebispo eleito da
Serra, o Pe. Francisco Barreto, & alguma parte dellas ao Pe. Doutor Miguel
Tinoco, & ao Padre Doutor Bento Pereyra; & todos as approvarão & louvarão &
25 julgarão por muito dignas da estampa, não presumindo eu nem das suas letras que
se enganavão, nem da sua religião que se enganassem.

30

35

40

45

49 Estes são **os que**, antes das exactas diligências, tinha registado na memória (na qual pode ser se tenham perdido alguns) com mui larga e particular lição de⁵⁰ todos eles⁵¹, os quais, por seu número, letras e autoridade, e pelas diferentes idades da Igreja em que escreveram, e por⁵² a mesma Igreja (sendo os ditos livros impressos
5 respectivamente em todos os reinos e províncias da Cristandade) não haver feito reparo nem dúvida algũa sobre este ponto de sua doutrina, verdadeiramente parece que são os que bastam para dar tal probabilidade a ùa opinião que não seja merecedora de nota **ou censura**.⁵³

10

15

20

25

30

35

⁴⁹ [§ 9 na ed. de HC.]

⁵⁰ de] [*segue-se uma palavra risc.*]

⁵¹ eles] [*entrel.*]

⁵² e por] [*entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.*]

⁵³ censura.] [*seguem-se cerca de cinco linhas risc.: ...e se a alguém por ventura (ou por desgraça minha) parecerem ainda poucos, admirando-se de que ùa cousa tão grande e tão provada nas Escrituras não seja mais comũ e universal entre todos os Doutores, também daremos as razões disto mui cabais e verdadeiras; mas não será neste lugar, senão em outro mais próprio. Na marg. pode ler-se a seguinte nota: aqui se há-de acrescentar o § do Aditamento 8º, com que se acaba esta questão, o qual começa: De mais destes Autores, etc., correspondente ao parágrafo 10 da questão 1ª de TT.*]

NOTAS

5

[Trad. 1] “Em primeiro lugar pela tua Igreja, santa, católica, a qual vos dignais pacificar, guardar e unir em todo o orbe terrestre, juntamente com o teu servo, o nosso Papa”.

10

[Trad. 2] “... venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”.
Mateus 6: 10.

[Trad. 3] “Para ser aberto no tempo [certo]”. Beato Amadeu.

15

[Trad. 4] “(que não pude consultar)” .

5

Questão 9ª¹

Se teve Cristo neste mundo ou há-de ter em algum tempo o uso ou administração pessoal deste seu Império?

10 ² Dissemos do domínio e da posse, segue-se dizer do uso e como este³ Império de Cristo⁴ seja espiritual e temporal juntamente, respondendo à questão pelo tempo em que Cristo viveu neste mundo.

15 Digo que é certo e de fé que Cristo, neste mundo, teve o uso, exercício e administração do seu império enquanto espiritual. Consta de toda a história evangélica, depois que Cristo se manifestou ao mundo, que foi nos últimos três anos de sua vida, do princípio dos quais diz S. Lucas, no 1º capítulo dos Actos dos Apóstolos⁵: *caepit Iesos facere et docere* [Trad. 1]. Porque, como Sacerdote, e Pontífice supremo, e Ministro, como lhe chama S. Paulo, do Novo Testamento, pregou⁶ aos homens a doutrina que trouxe do céu, a que Zacarias chama Ciência da Salvação; ditou e *promulgou a Lei Nova; emendou os abusos e *abrogou as cerimónias da Velha; perdoou pecados, ordenou Sacerdotes; instituiu sacramentos e reduziu todos os sacrificios a um só sacrificio; fundou a Igreja⁷ e o Pontificado, entregando a Pedro e seus sucessores as chaves de toda a jurisdição e poder eclesiástico; elegeu Apóstolos, mandou pregar a fé por todo o mundo, e finalmente, como bom pastor, deu a vida por suas ovelhas, e como⁸ mediador entre Deus e os homens ofereceu, pelos pecados e redenção de todos eles⁹, o sacrificio de sua vida no altar da cruz. Este é¹⁰ o uso, este o exercício do império espiritual, o qual, em Cristo, não só foi dignidade, senão officio, administrando por sua própria pessoa todas estas funções dele com grandes propriedades e mistérios, que não é de nosso instituto prosseguir nem ponderar, e se podem ver em muitos lugares das Epístolas de S. Paulo, particularmente ad Hebreos.

30 ¹¹ No uso e exercício do império temporal não concordam os Doutores, porque, ainda que é certo que¹² Cristo o não teve ordinário e permanente, querem alguns¹³

¹ 9ª] [*Este número foi escrito ao lado, depois de sucessivas correções terem tornado ilegível o primeiro número escrito por Vieira. Ao lado do número pode ler-se a seguinte nota: no papel dos autos questão 6ª. No entanto, esta questão não coincide com a Questão 6ª de TT e parece não figurar nele, embora a referida questão tenha efectivamente temática afim desta.*]

² [35 em BN.]

³ este] [entrel.]

⁴ [fl. 133r.]

⁵ é S. Lucas....dos Apóstolos.] [*na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.*]

⁶ pregou] [*segue-se uma palavra risc.*]

⁷ Igreja] [*seguem-se várias letras risc.*]

⁸ bom pastor...e como] [*na marg. a substituir várias palavras risc. na linha. No original, o possessivo não concorda em número, certamente por lapso, com o nome.*]

⁹ todos eles] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹⁰ é] [*seguem-se várias palavras risc.*]

¹¹ [36 em BN.]

¹² é certo que] [*na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.*]

¹³ alguns] [*seguem-se várias palavras risc.*]

Teólogos e Juristas¹⁴ dos que acima deixamos citados na questão 3ª que fizesse ou haja feito e exercitado Cristo, neste mundo, alguns actos próprios do domínio e jurisdição temporal e que de nenhum modo pertençam nem possam pertencer senão a uso e exercício deste império. E posto que os autores da opinião contrária procurem reduzir os ditos actos ao império espiritual, é com tanta impropriedade deles e com tanta violência do texto que não podemos deixar de ter por mais¹⁵ provável o modo de dizer dos primeiros. E assi, seguindo esta sentença, digo que é mais provavel e quasi certo que Cristo exercitou por sua pessoa¹⁶ neste mundo alguns actos do¹⁷ império temporal. Não conto entre estes, como alguns Doutores fazem, aquela acção do templo que refere S. Mateus no capítulo 21¹⁸, quando o Senhor, entrando no mesmo¹⁹ templo de Jerusalém²⁰, fez [o açoute dos cordéis] e lançou dele os mercantes, derrubando as mesas dos que trocavam e as tendas dos que vendiam, porque, ainda que o castigo e os²¹ castigados podiam bem pertencer à jurisdição secular, basta para se poder aplicar a eclesiástica o lugar sagrado que o zelo de Cristo defendeu e a cobiça dos criminosos profanava. Mas, sem este, temos três actos de Cristo em que, sem dúvida, exercitou o domínio e império temporal, com que era próprio, absoluto e universal senhor de tudo e de todos. O 1º foi o da figueira que fez secar para sempre com ùa palavra, como refere o mesmo Evangelista no mesmo capítulo, sendo certo que, se Cristo não tivera domínio daquela árvore, não fizera a seu dono²² o dano dela, e quando lhe fosse necessário o secá-la em um momento para declaração de algum mistério pertencente ao poder espiritual, com a mesma facilidade a restituíra outra vez a sua primeira verdura e inteireza, como lemos do nosso português S. Gonçalo, que, excomungando ou pronunciando as palavras da excomunhão sobre a cesta de pão que a mulher levava, depois de convertido em carvão, para doutrina e temor dos circunstantes²³, o tornou a restituir outra vez da mesma sustância e cor que dantes tinha. O 2º caso é o dos porcos dos Gesarenos²⁴, quando, pedindo a Cristo ùa legião de demónios que obrigava a sair de um corpo humano que os deixasse entrar naqueles animais²⁵, o Senhor lhes deu licença para que o fizessem, e precipitando-se com eles de um monte no Lago de Genesareth, se afogaram, como diz S. Marcos²⁶ no capítulo 5º, não menos de dous mil, a qual²⁷ perda²⁸, avisada²⁹ a cidade pelos pastores, foi tão sentida dos donos daquele gado que saiu a mesma cidade a pedir a Cristo se saísse dos campos dela. Mas, nem eles tiveram aquele comedimento, nem

¹⁴ e Juristas] [na marg.]

¹⁵ deixar de ter por mais] [pode ver-se um borrão de tinta sobre estas palavras.]

¹⁶ por sua pessoa] [na marg.]

¹⁷ digo que....actos do] [sublinhado no original com excepção da palavra exercitou e do acresceto na marg.]

¹⁸ 21] [sublinhado no original.]

¹⁹ mesmo] [entrel.]

²⁰ de Jerusalém] [na marg..]

²¹ os] [entrel.]

²² a seu dono] [na marg.]

²³ para doutrina e temor dos circunstantes] [na marg.]

²⁴ Gesarenos] [segue-se porque risc.]

²⁵ animais] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

²⁶ S. Marcos] [seguem-se duas palavras risc.]

²⁷ A qual] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

²⁸ perda] [segue-se que risc.]

²⁹ avisada] [segue-se uma letra risc.]

Cristo lhes causara aquele dano se não despusera de quanto pastava no campo como de cousa sua. Finalmente, o 3º acto, e mais claro e manifesto³⁰ por todas suas circunstâncias, foi o do triunfo de Jerusalém, para cuja entrada, mandando Cristo buscar³¹ a jumenta e o filho, deu por ordem aos discípulos que, se alguém lhe quisesse impedir o desatá-los e trazê³²-los, lhe dissessem quia Dominus his opus habet [Trad. 2]. Não podia haver palavras nem modo de as dizer mais expresso e mais significativo de domínio e de império. E foi tanto o que as mesmas palavras tiveram que, acudindo os donos ao que lhes tiravam de casa, em as ouvindo³³ obedeceram, como refere S. Marcos no capítulo 11³⁴, reconhecendo sobre o seu domínio outro superior e mais alto, que era do supremo Rei.³⁵ Com este título, entre aclamações e palmas, entrou Cristo³⁶ por Jerusalém, e replicando-lhe os Príncipes dos Sacerdotes e Escribas³⁷ como permitia que o aclamassem Rei, o Senhor esteve tão fora de recusar ou escusar o nome que antes aprovou e defendeu a verdade e inocência dos que assi o chamavam. Isto quanto ao uso e exercício de um e outro império enquanto Cristo viveu neste mundo.

³⁸ Do tempo e estado futuro pergunta o mesmo a segunda parte da nossa questão, e se, depois de o Império de Cristo ser completo e consumado, o há-de administrar e governar pessoalmente e por si mesmo neste mundo, suposto haver de ser o dito império na terra, como temos dito? E a rezão quando menos de duvidar e perguntar é porque, em Cristo vir outra vez a este mundo imperar³⁹ espiritual e temporalmente sobre todo ele depois de todo receber sua fé e lhe estar sujeito, além⁴⁰ das grandes conveniências da glória de Deus e bem dos homens, que facilmente se podem considerar, nenhum inconveniente nem repugnância parece que há.⁴¹ Se o mesmo Cristo esteve já neste mundo trinta e três anos em estado humilde e abatido, porque não poderá estar também nele em estado soberano e glorioso? Se veio receber as nossas afrontas e sofrer as nossas ignorâncias, porque não virá aceitar as nossas adorações e os frutos da sua doutrina e da nossa fé? Assi como nos deu os exemplos da temperança e fortaleza, obedecendo e padecendo, porque não nos dará também, mandando e emperando, os exemplos, (que não são menos necessários ao mundo) da Prudência e da Justiça? Se não foram menos decentes nas⁴² suas mãos os instrumentos de José, porque o serão as insígnias de David? Se o não afrontou a cana, porque o afrontará o ceptro? Se o não afrontaram os espinhos, porque o afrontará a teara e⁴³ a coroa? E se aceitou na cruz o título de Rei dos Judeus, porque não aceitará no trono o de Emperador do⁴⁴ Universo?

³⁰ manifesto] [segue-se de todas risc.]

³¹ buscar] [segue-se uma palavra risc.]

³² [fl. 133v.]

³³ ouvindo] [segue-se uma letra risc.]

³⁴ 11] [sublinhado no original.]

³⁵ Rei.] [segue-se E risc.]

³⁶ Cristo] [entrel.]

³⁷ escribas] [segue-se uma abreviatura de que risc.]

³⁸ [37 em BN.]

³⁹ imperar] [segue-se uma palavra risc.]

⁴⁰ além] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴¹ parece que há.] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴² nas] [segue-se uma extensão de cerca de quatro linhas de texto risc.]

⁴³ a teara e] [entrel.]

⁴⁴ do] [segue-se mundo risc.]

45 Só se representa⁴⁶ que poderá obstar a esta decência o estado de imortal e glorioso que Cristo hoje tem no céu, e que parece menos decoroso e ainda repugnante o haver⁴⁷ de estar com os homens na terra e tratar cousas da mesma terra, ainda que justas e santas. Mas, assi como o mesmo Cristo, no mesmo estado
 5 de imortal e glorioso, esteve na terra com os homens quarenta dias, porque não poderá estar mais tempo? Se, assi imortal e glorioso, se vestiu de peregrino para os discípulos de Emaús e se vestiu de hortelão para a Madalena, porque se não vestirá também de Rei para todos? Se, nesse mesmo estado, como diz S. Marcos, falava sempre do seu reino, porque o não governará também no mesmo estado,
 10 exercitando e fazendo exercitar o que falava? Se, nesse estado, ensinou a Pedro como havia de lançar a rede, porque não ensinará também aos sucessores de Pedro como hão-de *menear o leme? Se, na mesma praia, assi glorioso e imortal, *guizou aos seus o que haviam de comer e⁴⁸ *por sua mão lhes preveniu⁴⁹ o fogo para o que haviam de pescar, e se⁵⁰ pôde dizer e deixar escrito S. Pedro com verdade, como se
 15 lê na sua 2^a⁵¹ Epístola: nobis, qui manducavimus et bibimus cum illo postquam resurrexit a mortuis [Trad. 3], quando não houve inconveniente em ùa familiaridade tão particular e tão humana, como a pode haver na soberania da majestade? Se deu seu próprio peito e suas chagas a [manjar] aos incrédulos, porque as não daria a ver e adorar aos fiéis? E, finalmente, se o mesmo Cristo, na
 20 mesma carne imortal e gloriosa, está sacramentado e encoberto em todas as partes do mundo, que muito seria que, em ùa só destas partes, correndo sua omnipotência a cortina, se descobrisse?

52 Recorramos às acções de Deus enquanto⁵³ Deus e veremos que *não se encontra com o decoro da humanidade de Cristo o governo pessoal e visível deste
 25 seu futuro império. Se Deus, nos dias da criação do mundo, pôs⁵⁴ o *fiat* *a todas as obras⁵⁵ da natureza, porque seria menos decente em Cristo pô-lo também a todas as da graça? Se as mãos divinas moldaram o barro de Adão e talharam as peles de que o vestiram, e não foram vis em Deus estas acções, que pareciam mecânicas, como o seriam ou poderiam parecer em Cristo as espirituais e políticas? Se Deus
 30 por sua pessoa acudiu a impedir os intentos da torre de Babel, e por sua pessoa inquiriu e ouviu as partes e sentenciou o furto de Adão e o homicídio de Caim, e por sua pessoa também, acompanhado só de dous ministros, fez executar o castigo de Sodoma, que ofensa podiam fazer à majestade humana de Cristo semelhantes acções ou resoluções quando fossem necessárias no seu império? E se Deus,
 35 finalmente, *no caso de Sara com el Rei Abimelec acudiu por sua pessoa à honra de Abraão, que estranha cousa seria ou de estranhar que Cristo acudisse pessoalmente à sua honra e à de sua esposa? Até aqui são exemplos de Deus

45 [38 em BN.]

46 se representa] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

47 haver] [entrel.]

48 e] [seguem-se duas palavras risc.]

49 por sua mão lhes preveniu] [na marg. a substituir duas palavras risc. na linha.]

50 se] [entrel.]

51 2^a] [sublinhado no original.]

52 [39 em BN.]

53 enquanto] [segue-se uma palavra risc.]

54 pôs] [a forma resulta de correcção sobre uma primeira forma com transformação de uma letra e amulação de outra.]

55[fl. 134r.]

enquanto Deus na *Lei da natureza, os da Lei escrita são ainda maiores e mais apertados.

56 Sendo Deus Senhor universal de todas as nações do mundo, assi como especialmente se quis chamar Deus de Abraão, Deus de Isaú e Deus de Jacob, assi também tomou especialmente o título de Rei daquele povo, como muitas vezes lemos nas Escrituras. No salmo 43⁵⁷: Tu es ipse Rex meus et Deus meus qui mandas salutes Iacob [Trad. 4]. E no salmo 88⁵⁸: qua Domini est assumptio nostra et sancti Israel Regis nostri [Trad. 5]. E no salmo 144⁵⁹: exaltabo te domine meus Rex [Trad. 6]. E em outros lugares dos Profetas. E assi como Deus tinha o título de Rei particular daquele povo, assi também o exercitava por si mesmo, com especial assistência, e ainda presença sensível, a todas as cousas de seu governo. No monte Sinai fez por sua pessoa o officio de legislador, que é a primeira obrigação do Rei, escrevendo por sua própria mão as tábuas⁶⁰ da Lei, como se lê no capítulo 20 do Êxodo⁶¹. E logo ditou⁶² a Moisés, não só os cânones das cousas sagradas, senão as leis civis e forenses, e ainda as do governo económico, com tanta miudeza e em matérias tão domésticas e particulares que em um ministro grande poderam admirar, quando mais em um Rei Deus. Como Rei, tinha assento e lugar próprio, com decência, respeito e aparato de majestade, que era o que se chamava propiciatório, sobre as asas dos [querubins] que cobriam a Arca do Testamento, e desde este trono, que estava no *sanctu sanctorum*, ou, quando se marchava, no tabernáculo, respondia Deus com vozes sensíveis e dava as ordens de tudo o que se havia de fazer, assi no eclesiástico como secular, assi na paz como na guerra; e em toda⁶³ a outra administração das cousas públicas. E se isto fazia Deus enquanto Deus por si mesmo, sem perigo nem dispêndio de sua majestade e grandeza, com o título de Rei de um⁶⁴ só povo, porque o não poderia fazer o mesmo Deus, depois de homem, não com o título de um só povo ou de ùa só nação, senão de todos os povos, de todas as línguas⁶⁵, de todas as gentes e de todos os reinos e Reis do mundo, como diz Daniel? E se Deus (que é mais que tudo) se expôs a ser enfeitado e rejeitado de Rei, como verdadeiramente foi, e o referem, no capítulo 8⁶⁶ do 1º Livro dos Reis, as queixas do mesmo Deus a Samuel, dizendo: Non te abiecerunt sed me ne regnem super eos [Trad. 7], com quanto maior segurança de seu respeito e majestade podia tomar Cristo o governo pessoal de seu consumado império, pois consta⁶⁷, como diz o mesmo Profeta, que é reino *quod non corrumpetur?* [Trad. 8].

68 Por fim de tudo, é certo que, do céu, onde Cristo está, glorioso e imortal, deceu em pessoa a converter a Saulo, e é provável, como o dizem graves autores

56 [40 em BN.]

57 43] [sublinhado no original.]

58 88] [sublinhado no original.]

59 144] [sublinhado no original. O algarismo correspondente às dezenas encontra-se emendado, aparentemente mais do que uma vez, o que torna quase impossível a sua identificação. No entanto, o passo citado corresponde ao Salmo 144 (145), de David, o que legitima a conjuntura por nós feita.]

60 tábuas] [seguem-se duas letras risc.]

61 do Êxodo] [na marg.]

62 ditou] [esta forma foi refeita sobre ditando, com supressão de -do e alteração de -an- para -ou-.]

63 toda] [no original parece ler-se tudo, oque, atendendo ao contexto, parece ser lapsos do autor.]

64 um] [segue-se -a risc.]

65 línguas] [entrel. a substituir gentes risc. na linha.]

66 8º] [sublinhado no original.]

67 consta] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

68 [41 em BN.]

fundados em textos de Isaías e de S. Paulo, que também há-de decer Cristo em
 pessoa a matar por si mesmo, não com ferro mas com o ar de sua presença, ao
 Ante-Cristo. E se estas duas acções tão particulares, ùa o trouxe, outra o há-de
 trazer do céu à terra, que maravilha seria ou, quando menos, que impossível, que
 5 abalasse outra vez⁶⁹ sua majestade o mesmo Senhor e decesse⁷⁰ por mais tempo a⁷¹
 este mundo para a perfeita e consumada administração de seu perfeito e
 consumado império? Estas são,⁷² estas e outras semelhantes podem ser as razões de
 duvidar e perguntar, em que se funda a segunda parte da presente questão, das
 quais razões se colhe, ao menos, por conclusão certa que, em Cristo poder governar
 10 pessoal e visivelmente neste mundo o seu consumado império, não há repugnância
 nem contradição algũa objectiva (como dizem os Teólogos)⁷³, e que absolutamente
 é cousa possível e livre, e depen⁷⁴dente só da vontade divina e da ordem e
 disposição de seus decretos, a qual possibilidade suposta,

⁷⁵ *Houve antigamente muitos autores doutos e santos, os quais tiveram para si
 15 que Cristo, no fim deste mundo, ressuscitando todos os Mártires antes da universal
 Ressurreição, havia de vir reinar com eles na terra por espaço de mil anos⁷⁶,
 pagando-lhes em grandes felicidades e dilícias corporais e desta vida a mesma vida
 que por ele tinham dado e os tormentos que em seus corpos tinham padecido.
 Fundavam este seu sentir e dizer em alguns lugares não bem interpretados da
 20 Escritura, e particularmente no capítulo 20⁷⁷ do Apocalipse, onde se fala mui
 repetidamente em mil anos do Reino de Cristo, do qual número de mil foram estes
 autores vulgarmente chamados os Milenários⁷⁸, em latim, e os Chiliastas, em grego,
 que quer dizer o mesmo. Eusébio Cesariense dá por primeiro autor ou inventor
 desta esperança a S. Papias, discípulo de S. João Evangelista⁷⁹, de quem diz que,
 25 como grosseiro de entendimento, interpretava as [postilas] de seu Mestre mais
 material e corporalmente do que ele as ditava e entendia. E posto que
 entendimentos rasteiros não podiam alcançar de voo aquela águia, quando mais
 sublime se remontava, *consta⁸⁰ ora tudo que tiveram o mesmo parecer tão
 grandes engenhos como o de Tertuliano, Lactâncio e S. Agostinho, posto que S.
 30 Agostinho, al fim, se veo a retratar dele, descontentando-lhe a opinião, como ele
 mesmo diz nos livros *De Civitate Dei*, pelo muito que nele se prometia de corpo e
 pouco ou nada de espírito. Enfim, o sentimento dos Milenários está calificado por
 erro, e não me detenho⁸¹ em o impugnar porque o têm feito muitos eruditamente, e
 mais que todos o Padre Soarez, no 2º tomo sobre a 3ª [parte].

35

⁶⁹ outra vez] [entrel.]

⁷⁰ e decesse] [na marg.]

⁷¹ a] [corrigido sobre um d ao qual foi cortada a haste.]

⁷² são,] [segue-se e risc.]

⁷³ ...Teólogos)] [seguem-se várias palavras risc.]

⁷⁴ [fl. 134v.]

⁷⁵ [42 em BN.]

⁷⁶ anos] [na marg.]

⁷⁷ 20] [sublinhado no original.]

⁷⁸ Milenários] [segue-se uma vírgula risc.]

⁷⁹ Evangelista] [na marg.]

⁸⁰ consta] [segue-se que risc.]

⁸¹ detenho] [de- entrel.]

82 Só advirto que alguns autores chamam a este erro heregia, entre os quais o Cardeal Baronio diz expressamente que foram os Milenários condenados no Concílio Romano celebrado em tempo do Papa S. Dâmaso, no princípio do 5º século. Mas, havendo eu feito boas diligências sobre este ponto, tenho por mais provavel que o doutíssimo Cardeal se enganou nesta censura, e que, se vivera mais anos, se havia de retratar dela, como refere seu recopilador, o Bispo, e pondera que o fez de outras cousas, as quais deixou apontadas⁸³, como em testamento, nas vésperas de sua morte. Porque, ainda que as Actas daquele Concílio não [existam] hoje, [existem] contudo as cartas de S. Dâmaso, as quais traz Teodoreto, em que se contêm os erros condenados no dito Concílio Romano⁸⁴, e em todo⁸⁵ o catálogo deles⁸⁶ se não fala em Milenários nem em erro algum dos seus, como nos mesmos lugares se pode ver. É verdade que foi condenado naquele Concílio o Bispo Apolinar, Milenário e grande defensor dos Milenários, mas por outros erros mui diversos, pertencentes à divindade e humanidade de Cristo, como consta das mesmas cartas de Dâmaso e das de⁸⁷ S. Basílio e⁸⁸ S. Gregório Nazianzeno, que, antes do mesmo Concílio, foi nomeado examinador de algũa das causas de Apolinar. Enfim, o mesmo Baronio, nas adições ao *Martirologio Romano, em dia de S. Papias, duvida o mesmo que afirma nos Anais usando da palavra *Putatur* [Trad. 9], e se convence o seu engano das suas mesmas palavras, porque, dizendo no dito lugar dos *Anais* que os Milenários foram condenados naquele Concílio, acrescenta que, dali por diante, se pôs silêncio àquela matéria, em tal forma que emudeceu de todo. Mas este silêncio tão emudecido é tão alheo da verdade da História que S. Jerónimo, que havia sido secretário do mesmo Papa Dâmaso, escrevendo dali a trinta anos os Comentários, segundo minha lembrança de Jeremias, em um dos prólogos deles diz expressamente que sobre a dita questão havia grande controvérsia entre os católicos, dividindo-se em bandos os defensores de cada ùa das partes. Assi que nem se pôs silêncio à dita questão, pois tão pública e controversamente se falava e disputava nela, nem estava condenada no Concílio a parte que seguiam os Milenários, pois não chamara S. Jerónimo católicos aos que a defendiam quando assi fora, nem o mesmo Santo, sendo bastantemente resolvida, dissera que se não atrevia a condenar a dita opinião por ser de varões doutos e mártires do Senhor se por um Concílio estivera condenada. Resumindo-me pois ⁸⁹ neste ponto digo, com Cornélio a Lápide no lugar citado do Apocalipse, depois de haver chamado erro ao dito sentimento e esperança dos Milenários: *Hic non audeo quia apertas Scripturas et Concilia non habeo* [Trad. 10].

⁹⁰ E respondendo em próprios termos à 2ª parte do título da questão, ainda que não haja escritura clara e expressa que negue a segunda vinda de Cristo a este mundo, nem o governo ou administração pessoal de seu consumado império, digo,

⁸² [43 em BN.No ms. lê-se 44, mas deve tratar-se de um lapso, uma vez que não existe nenhuma outra indicação de parágrafo entre o 42 e o 44.]

⁸³ apontadas] [entrel.]

⁸⁴Romano,] [seguem-se duas palavras risc.]

⁸⁵ todo] [no original todos, com -s risc.]

⁸⁶ o catálogo deles] [entre dois traços oblíquos?]

⁸⁷ e das de] [na marg. a substituir duas palavras risc. na linha.]

⁸⁸ e] [segue-se de risc.]

⁸⁹ [fl. 135r.]

⁹⁰ [44 em BN. 45 no original.]

contudo, que é verdade certa e indubitavel⁹¹ haver a pessoa de Cristo de estar
perpetuamente no céu, como está hoje⁹², à mão direita do Padre, e que só há-de
vir a este mundo no último dia dele, a julgar⁹³ vivos e mortos e dar princípio à
5 eternidade de seu próprio reino, ao qual, no estado perfeito e consumado, não
faltarão também perfeito e consumado governo, como veremos na questão seguinte.
O mais desta conclusão não tem nem há mister outra prova que a tradição
universal da Igreja, e o unânime consenso de todos os Doutores, e a consonância e
harmonia geral de todas as Escrituras, que, ainda que expressamente o não
afirmem, todas admiravelmente⁹⁴ se concertam na suposição e concórdia deste
10 divino decreto. As razões que se podem considerar dele também as calo, porque as
de Deus são tão diversas das nossas quanto é mais alto o céu que a terra.

15

20

25

30

35

40

⁹¹ indubitavel,] [*segue-se não risc.*]

⁹² como está hoje] [*na marg.*]

⁹³ julgar] [*segue-se os risc.*]

⁹⁴ admiravelmente] [*no original admiralmente.*]

NOTAS

5

[Trad. 1] “Teófilo, até ao dia em que foi levado para o céu, depois de ter dado instruções, pelo poder do Espírito Santo, aos homens que tinha escolhido para seus apóstolos”. Actos dos Apóstolos 1: 1-2.

10

[Trad. 2] “...com este recado: "Vão àquela povoação ali em frente. Logo que lá entrarem, hão-de encontrar uma jumenta presa e um jumentinho com ela. Soltem-nos e tragam-mos. Se alguém vos disser alguma coisa, respondam que o Senhor precisa deles. E ele em breve os manda entregar". Mateus 21: 2-3.

15

[Trad. 3] O passo citado, embora seja de S. Pedro, não é da segunda epístola mas sim dos Actos dos Apóstolos: “Não apareceu a todo o povo, mas apenas a nós, que somos as testemunhas que Deus já tinha escolhido, e comemos e bebemos com ele, depois que Deus o ressuscitou”. Actos dos Apóstolos 10: 41.

20

[Trad. 4] “Ó Deus, tu és o meu rei! Dá a vitória ao teu povo!”. Salmos 44: 5.

[Trad. 5] “O nosso protector é o Senhor! O nosso rei é o Deus santo de Israel!”. Salmos 89: 19.

25

[Trad. 6] “Cântico da colecção de David. Louvarei a tua grandeza, meu Deus e meu rei; hei-de agradecer-te para sempre”. Salmos 145: 1.

[Trad. 7] “E o Senhor respondeu a Samuel: "Aceita aquilo que o povo te propõe. Não é a ti que eles rejeitam, mas a mim, não querendo que eu seja o seu rei”. I Samuel 8: 7.

30

[Trad. 8] As palavras citadas não são de Samuel (o mesmo Profeta), mas de Daniel: “A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 14.

35

[Trad. 9] “...é considerado...”.

[Trad. 10] “Aqui não ousa, porque não tenho presentes as escrituras e o Concílio”. Cornélio a Lápide.

40

5

Questão 10^a¹

Como se há-de governar no mundo este império consumado de Cristo e se há-de ter ùa só ou muitas cabeças?

10 ² Assi como o império consumado de Cristo é espiritual e temporal juntamente, e assi como o mesmo Cristo é o supremo Rei e o supremo Sacerdote deste temporal e espiritual império, assi temos nesta questão ùa cousa certa e outra duvidosa. A certa é que este Império de Cristo³, enquanto espiritual, assi como teve desde seu princípio ùa só cabeça visivel, que⁴ é o Sumo Pontífice Romano, sucessor de S. Pedro e vigário do mesmo Cristo, assi há-de ter⁵ até o fim do mundo o mesmo modo de governo universal e monárquico debaxo de ùa só cabeça, à qual todas as outras Igrejas e seus Prelados e todos os outros Príncipes da eclesiástica hierarquia obedeçam e estejam sujeitos, sem mais diferença do estado presente que a grandeza, extensão e maior⁶ majestade⁷ do futuro, e como esta verdade seja certa e indubitavel, basta que a suponhamos.⁸

20 ⁹ Esta, porém, nos dá motivo para perguntar e inquirir (e é a segunda cousa¹⁰ duvidosa) se, assi como na parte espiritual deste império há hoje¹¹ e há-de haver sempre¹² ùa só cabeça, isto é, um só Pontífice Sumo, assi na parte temporal dele, depois que estiver completo e consumado, haja de haver também ùa só cabeça, isto é, um só Rei, Emperador e Monarca Supremo?¹³ A qual questão, ainda que se não pode responder com total e indubitavel certeza, porque depende toda do arbítrio e disposição da Providência divina, cujos decretos nos são ocultos, pelo que das Sagradas Escrituras se pode colher e por outros bons princípios, se confirma, tendo por mui provavel e bem fundada a parte afirmativa, como dos textos, autores e razões seguintes se poderá julgar. Digo pois que, assi como hoje no mundo há ùa só cabeça espiritual, que é o Sumo Pontífice, assi¹⁴ no império completo e consumado de Cristo há-de haver um só Rei ou Emperador e Monarca Supremo, a quem todos os outros Príncipes e reinos do mundo obedeçam, com poder e jurdição¹⁵ temporal sobre todos eles.

¹ Questão 10^a] [segue-se 9^a risc. Ao lado pode ler-se: não vai no papel dos autos.]

² [45 em BN. Neste parágrafo o Autor acerta a numeração.]

³ Cristo] [segue-se assi risc.]

⁴ que] [segue-se abreviatura de que risc.]

⁵ ter] [segue-se o mes- risc.]

⁶ maior] [na marg.]

⁷ majestade] [segue-se Universal risc.]

⁸ suponhamos.] [segue-se uma extensão de cerca de uma linha de texto risc.]

⁹ [46 em BN.]

¹⁰ cousa] [segue-se e risc.]

¹¹ hoje] [na marg.]

¹² sempre] [já fora da linha.]

¹³ Supremo?] [na marg.]

¹⁴ assi como hoje...assi] [na marg.]

¹⁵ jurdição] [segue-se soberana risc.]

16 Prova-se 1^o do capítulo 6^o¹⁷ de Zacarias, no qual vimos que Jeso, filho de
 5 Josedec, fora coroado, por mandado de Deus, com ùa coroa de ouro, outra de
 prata, em¹⁸ figura e representação profética das duas partes, temporal e espiritual
 do Império de Cristo, a espiritual significada na coroa de ouro, como de Supremo
 10 Sacerdote, e a temporal significada na coroa de prata, como de Supremo Rei.
 Sobre isto diz agora o mesmo Zacarias, explicando¹⁹ os officios e efeitos das ditas
 coroas e o que o mesmo Jeso havia de obrar com elas: Et ipse extruet templum
 domino, et ipse portabit gloriam et sedebit et dominabitur super solio suo, et erit
 15 sacerdos super solio suo, et consilium pacis erit inter illos duos [Trad. 1]. Quer
 dizer que²⁰ ele, Jeso²¹, edificará o templo ao Senhor, e que dominará sobre o seu
 trono e será Sacerdote sobre o seu trono, e que haverá grande união e concórdia
 entre os dous, nas quais palavras são mui dificultosas de entender as da última
 cláusula: et consilium pacis erit inter illos duos, porque, se²² o texto fala de um só
 20 sujeito e de ùa só pessoa, que é Jeso, filho de Josedec, como diz que farão conselho
 de paz entre si e que haverá grande união e concórdia entre os dous? Que dous são
 estes entre os quais há-de haver a paz e a união se é um só o de que se fala?
 Respondo que o sujeito e pessoa única representada em Jeso, filho de Josedec, de
 que o texto fala ao princípio, é Cristo, em cuja cabeça verdadeiramente estão as
 25 duas coroas, de ouro e prata, porque ele verdadeiramente é o Supremo Monarca,
 Sacerdote e Rei juntamente, do seu espiritual e temporal império. Porém, os dous
 em que depois²³ há-de haver o conselho e ajustamento de união e concórdia, de que
 o texto fala no segundo lugar, são os dous Monarcas e as duas cabeças sobre as
 30 quais Cristo, neste mundo, há-de pôr as mesmas duas coroas, ùa para que
 inteiramente e com suprema jurdição espiritual administre o Império Eclesiástico,
 que é o Sumo Pontífice, e outra para que²⁴ inteiramente com suprema jurdição
 temporal administre o Império Secular, que é o Emperador de que falamos. E
 entre²⁵ o dito Pontífice e o dito Emperador, diz o Profeta que, por conselho
 ajustado entre eles, haverá grande união e concórdia, qual é necessária entre as
 35 duas supremas²⁶ potestades, eclesiástica e secular, para que os intentos e fins da
 Providência divina eficazmente se consigam. De maneira que, sendo a cabeça²⁷
 invisível deste consumado império ùa só, que é Cristo, o qual está no céu, haverá
 contudo nele duas²⁸ cabeças visíveis, que serão o Pontífice e o Emperador, na
 terra,²⁹ nos quais estarão divididas as duas coroas, ùa inferior à outra como é a
 prata ao ouro, e os quais se assentarão com diferente autoridade cada um no seu

16 [47 em BN.]

17 6^o] [sublinhado no original.]

18 em] [segue-se rep- risc.]

19 explicando] [segue-se explicando risc.]

20 que] [segue-se cerca de linha e meia de texto risc. no final deste fôlio. Os fôlios 135v, 136r e cerca de metade do fôlio 136v encontram-se riscados. O texto recomeça com a repetição das últimas palavras não riscadas do fl. 135r: quer dizer que...]

21 Jeso] [entrel.]

22 se] [segue-se fala de risc.]

23 depois] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

24 para que] [seguem-se duas letras risc.]

25 entre] [segue-se este risc.]

26 supremas] [a primeira letra foi refeita sobre um p, ao qual foi cortada a haste.]

27 cabeça] [segue-se vis- risc.]

28 duas] [segue-se coroas risc.]

29 terra,] [segue-se entre risc.]

solio ou³⁰ trono, um com majestade de Rei: *portabit gloriam et dominabitur super solio suo*, outro com o mesmo sacerdócio por majestade: *et erit sacerdos*³¹ *super solio suo*. Com que vêm a ser duas as coroas, dous os *solios* e dous os Monarcas, concordes e unidos, que neles repartidamente se hão-de assentar, conseguindo-se³² por meio desta união e concórdia a consumada perfeição do edifício da Igreja, que é o fim da mesma união e das mesmas coroas (como o Profeta exprimiu no princípio do texto: *Ipse aedificabit templum domino*)³³.

³⁴ Prova-se 2^o com duas figuras proféticas, ùa da Lei da natureza, outra da escrita. Na Lei da natureza, criou Deus duas luzes diversas com³⁵ nome de presidências e governos, para que, divididas em dous tempos e estados diferentes do mundo, o alumiassem, governassem e guiassem: ùa maior, que é o sol, para que presidisse de dia: *Luminare maius ut praesset diei*; outra menor, que é a lua, para que presidisse de noite: *Luminare minus ut praesset nocti* [Trad. 2]. Nestas duas presidências, dizem comumente, não só os Doutores particulares senão os Pontífices, que foram significadas por Deus as duas jurdições, eclesiástica e secular: a eclesiástica, que é de maior dignidade, significada no sol, a qual preside ao mundo de dia, isto é, no³⁶ estado espiritual; a secular, que é de menor dignidade, significada na lua, a qual preside ao mundo de noite, isto é, no estado temporal. Veja-se o Cardeal Turrecremata, *De Potestate Ecclesiastica*; Pígio, *De Ecclesiastica Hierarchia*; Pelágio, *De Planctu Ecclesiae*, e novissimamente³⁷ Aponte, *Das Duas Monarquias*, na explicação desta mesma figura, que ele tomou por empresa daquele seu erudito livro. E assi como o intento deste autor³⁸ é reduzir o mundo a duas monarquias, ùa a espiritual, de Roma, e outra a temporal, da sua Espanha, assi, concordando com ele na primeira parte e deixando à Providência divina a segunda, só noto na mesma figura do sol e da lua que a ambas foram dadas, ainda que com diferente perfeição de luz, as duas presidências igualmente universais: a do sol em um estado universal sobre todo o mundo, e a da lua em³⁹ outro estado também universal sobre todo o mundo, em significação e figura profética da repartição das duas jurdições igualmente⁴⁰ universais em que se dividirá o império consumado da Igreja e Reino de Cristo. A Igreja⁴¹, depois de seus progressos, em que é comparada à Aurora: *quam est ista quae progreditur quasi aurora consurgens*, se compara ultimamente a duas luzes tão diversas como é a da lua e a do sol: *pulchra ut Luna, electa ut sol*⁴² [Trad. 3]. E tal será a Igreja e Reino de Cristo naquele seu último e perfeito estado⁴³, no qual, vista⁴⁴ pela parte espiritual, será semelhante ao

³⁰ ou] [segue-se Thron- risc.]

³¹ [fl. 137r.]

³² conseguindo-se] [-se entrel.]

³³ domino] [no original o parêntese não se encontra fechado, certamente por lapso.]

³⁴ [48 em BN.]

³⁵ com] [segue-se o risc.]

³⁶ isto é no] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

³⁷ e novissimamente] [na marg.]

³⁸ autor] [entrel.]

³⁹ em] [entrel. a substituir sobre risc. na linha.]

⁴⁰ igualmente] [já fora da linha.]

⁴¹ A Igreja] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴² sol.] [segue-se porque risc.]

⁴³ estado] [segue-se em risc.]

⁴⁴ vista] [entrel. a substituir considerado risc. na linha.]

sol, com coroa de ouro⁴⁵, e vista pela parte temporal, será semelhante à lua, com coroa de prata, mas, em ùa e outra coroa, em um e outro planeta, em um e outro Monarca, com presidência e jurisdição universal sobre todo o mundo. Na presidência do sol, que é a do Sumo Pontífice, ninguém duvida esta universalidade de sua presidência, que é de fé. E assi parece que se não deve duvidar a mesma universalidade na presidência da lua, que é a do futuro Emperador, pois é igual a que dá o texto a ambos os planetas e a que⁴⁶ eles têm, cada um em seu hemisfério, sobre toda a terra. E assi como os mesmos dous planetas, com admiravel concerto, uniformidade e concórdia, fazem seu curso e movimento e repartem a virtude de⁴⁷ suas influências sobre todos os corpos que lhe ficam sujeitos e inferiores, de que depende a conservação de todo o mundo, assi aqueles dous Supremos Monarcas, com perfia, união, paz e conformidade, influirá cada um a virtude e eficácia de seus poderes sobre o mesmo mundo e sobre as mesmas partes dele (que serão todos os homens, sujeitos igualmente a ambas as monarquias) sem que as jurisdições se encontrem, nem as ordens se confundam, nem os efeitos se perturbem, mas antes se ajudem e favoreçam reciprocamente, para que, com igual suavidade e⁴⁸ eficácia, se consigam e se logrem inteira e consumadamente os fins daquele perfeitíssimo estado.

⁴⁹A figura da Lei escrita ainda é mais natural. Antes de Deus formar o reino de sua Igreja e Lei da graça, fez um como rascunho e pintura imperfeita dele no estado da Lei escrita, sendo esta para ùa só nação e um só reino e aquela para todos os reinos e nações do mundo. Mas tudo o que ali se de⁵⁰lineava como em mapa breve era pontual e proporcionadamente (como diz S. Paulo) o que depois se havia de obrar estendida e dilatadamente na segunda Lei, na segunda Igreja e no segundo Reino Universal de Cristo. Consta, pois⁵¹, dos Livros do Êxodo e Levítico que, dando Deus forma ao governo espiritual e temporal daquela república, fez duas supremas cabeças dele, que foram Moisés e Arão: Moisés para que governasse o temporal e político, e Arão para que governasse o espiritual e eclesiástico, e com esta forma de governo, continuada em seus sucessores, se introduziu o povo na terra de promessa e se venceram todas as dificuldades que naquela grande empresa se ofereciam. Mas o que muito se deve notar nesta eleição e disposição divina é que estas duas partes do governo, espiritual e temporal, ainda que Deus as dividiu, as pessoas em que as pôs foram dous irmãos. Assi o diz nomeadamente o texto, referindo as palavras de Deus a Moisés, no capítulo 28⁵² do Êxodo: *Applica quoque ad te Aron fratrem tuum cum filiis suis de medio filiorum Israel, ut sacerdotio fungantur mihi [Trad. 4].* De maneira que dividiu Deus legalmente as jurisdições, mas aplicou-as a pessoas naturalmente unidas, para que⁵³ sendo diversas se evitasse a confusão, e sendo unidas se assegurasse a concórdia. E assi foi que se governou aquele povo tão concordemente por estes dous grandes irmãos, que, sendo dous braços tão diferentes, o Eclesiástico e Secular, nas acções

⁴⁵ com coroa de ouro] [na marg.]

⁴⁶ que] [segue-se -le risc.]

⁴⁷ a virtude de] [entrel.]

⁴⁸ e] [entrel.]

⁴⁹ [49 em BN.]

⁵⁰ [fl. 137v.]

⁵¹ pois] [segue-se que dando risc.]

⁵² 28] [sublinhado no original. O algarismo correspondente às unidades foi emendado.]

⁵³ para que] [no original para, provavelmente por lapso.]

de Moisés e Arão pareciam que era um só, como bem ponderou David quando disse que Deus tirara o seu povo do *cativeiro do Egipto e o levara à terra de promessa in manu Moisis et Aron [Trad. 5], como se Moisés e Arão obraram com um só braço e ùa só mão, sendo ainda maior a irmandade das jurdições que a das mesmas pessoas⁵⁴.

Esta é a figura, e tão própria que não há mister explicação nem aplicação⁵⁵. Quando a Igreja e Reino de Cristo se libertar inteiramente do cativeiro do Egipto, de que ainda não está totalmente livre, pois tem tantos Faraós e inimigos que a perseguem, então terá um só Moisés e um só Arão, isto é, dous Príncipes e Monarcas soberanos,⁵⁶ um com toda a jurdição e poder supremo Eclesiástico e outro com toda a jurdição e poder supremo Secular, debaxo dos quais e de seus sucessores *consiga e logre a felicidade de seu último e perfeitíssimo estado, que será espiritual e temporalmente neste mundo, como a terra de promessa do Reino de Cristo. E para assi se conseguir e lograr⁵⁷ com a eficácia e suavidade que temos dito, o principal meio, decretado já e disposto pela Providência divina, será a irmandade e união perpétua e como natural dos mesmos dous Monarcas, os quais de tal modo unirão seus poderes e acções ao mesmo fim do serviço de Deus e bem universal do mundo como se a coroa e a teara estivera em ùa só cabeça e o bá[culo] pontifical e o ceptro fora governado por ùa só mão. Enfim, serão supremos em tal forma⁵⁸ que pareça um ministro do outro, por força da conformidade e união, que essa energia têm as palavras de Deus a Moisés: applica tibi Aron fratrem tuum ut sacerdotio fungantur mihi.

Prova-se 3^o com a autoridade dos⁶⁰ Profetas modernos acima alegados, os quais⁶¹, falando do Emperador⁶² e Monarca temporal que Deus tomará por instrumento [parcial] e político das empresas que hão-de preceder necessariamente ao império consumado, e por meio das quais ele se há-de conseguir e consumir, nomeam igualmente o Pontífice, que será no mesmo tempo o outro instrumento [parcial] e eclesiástico das acções espirituais das mesmas empresas, ao qual, pela eminência de seu espírito e santidade, chamam vulgarmente o *Papa Angélico*. Este Pontífice e aquele Emperador, unidos e ermanados ao mesmo fim e assistidos eficazmente dos auxílios do céu, dizem que serão os dous instrumentos de que Deus se servirá para esta última e consumada obra de seu maior serviço,⁶³ por meio dos quais, convertido e reformado o mundo e tirados dele por força de armas os⁶⁴ rebeldes que se não quizerem converter e reformar, consiguirá finalmente a Igreja e Reino de Cristo a perfeição daquele terceiro estado que acima descrevemos, gozando espiritual e temporalmente a felicidade dele debaxo da união de um e outro Monarca, a qual se continuará sempre firme em seus sucessores.

⁵⁴ pessoas] [segue-se um traço vertical que parece indicar parágrafo.]

⁵⁵ aplicação] [-ca- entrel.]

⁵⁶ soberanos,] [no lugar da vírgula parece ter sido anulado um sinal de abertura de parágrafo.]

⁵⁷ lograr] [segue-se o principal risc.]

⁵⁸ forma] [entrel. a substituir fora risc. na linha.]

⁵⁹ [50 em BN.]

⁶⁰ dos] [segue-se mesmos risc.]

⁶¹ quais] [segue-se igualmente risc.]

⁶² Emperador] [segue-se que risc.]

⁶³ [fl. 138r.]

⁶⁴ os] [entrel. a substituir alguns risc. na linha.]

65 Prova-se 4º com a razão e experiência, porque, ainda no caso em que o
 Império de Cristo fora somente espiritual, para poder conseguir o estado perfeito e
 consumado que lhe está prometido e se poder sustentar e conservar nele depois
 de⁶⁶ alcançado, lhe era necessário o poder, autoridade e união deste segundo
 5 império temporal, porque é tal a condição das cousas humanas que nunca as
 espirituais e divinas se conseguiram, cresceram e conservaram neste mundo senão
 assistidas, defendidas e ajudadas poderosamente das temporais. A primeira casa
 que teve Deus neste mundo, que foi o *tabernáculo, Moisés quis Deus que a
 edificasse⁶⁷, e não Arão, porque, ainda que ao officio e dignidade de Arão, como
 10 Sumo Sacerdote, pertencesse mais propriamente aquela obra, Moisés tinha o
 governo temporal e político, e sempre são mais prontos os efeitos deste poder
 quando ele toma o serviço de Deus por sua conta. Ao tabernáculo, que era casa de
 Deus portavil *enquanto a Arca do Testamento marchava pelo deserto, sucedeu
 depois o Templo de Jerusalém⁶⁸, que era casa estavel e firme⁶⁹, mas nem Deus
 15 comunicou o desenho deste admiravel edificio a Samuel, senão a David⁷⁰, nem⁷¹
 fiou⁷² a execução da obra ao Sacerdote Abiatar, senão a el Rei Salomão. Perdeu-se
 e arruinou-se este mesmo templo pelo cativo de Babilónia, e ainda que os
 Sacerdotes tiveram algũa parte nos bons intentos da reedificação dele, se não
 foram as armas que defendiam continuamente os que trabalhavam na fábrica, e
 20 sobretudo a liberalidade d'el Rei Ciro⁷³ e as provisões e poderes que Neemias
 trouxe de Artaxerses, como⁷⁴ ele mesmo escreve no 2º Livro de Esdras, nunca ela
 chegara a ter o fim, de que todos com tanto fundamento desconfiavam.
 Finalmente, destruído depois, posto que não arrasado de todo, este segundo
 templo, quem o purificou das profanidades dos Idólatras e quem o restaurou e
 25 ornou ricamente, quem lhe⁷⁵ restituiu os altares e vasos sagrados e renovou nele a
 antiga majestade do culto divino, não foi o Sumo Sacerdote (posto que o havia),
 mas Judas Macabeu, que, com jurdição de Rei e nome de Capitão, governava
 aquela república. E se bem repararmos em todas as histórias dela, que são as
 sagradas, acharemos que, desde seus princípios, na saída do Egipto, até seu fim, na
 30 destruição de Jerusalém pelos Romanos,⁷⁶ nenhũa cousa grande se obrou em tantos
 séculos naquele povo, onde só era conhecido o verdadeiro Deus, ou em aumento da
 Religião ou em dano dela, que não fosse merecimento ou crime do poder temporal.
 Não havia outra divindade nem outro culto senão a vontade dos Reis. Se os Reis
 queriam, como David, Josias, Ezequias e Josafat, era Deus o verdadeiro Deus; e se
 35 os Reis não queriam, como foram quasi todos os outros, só os ídolos tinham culto,
 veneração e nome de deuses. Passemos à segunda e presente Igreja.⁷⁷

65 [51 em BN.]

66 de] [segue-se conseguido risc.]

67 edificasse] [segue-se uma extensão de cerca de duas linhas risc.]

68 Jerusalém] [no original, o H de Hierusalem foi riscado e a palavra escrita em vernáculo.]

69 que era casa estavel e firme] [na marg.]

70 David] [segue-se e risc.]

71 nem] [resulta de correcção sobre não.]

72 fiou] [entrel.]

73 el Rei Ciro] [seguem-se várias palavras risc.]

74 como] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

75 quem lhe] [entrel.]

76 Romanos,] [segue-se acharemos que risc.]

77 Passemos à segunda e presente Igreja.] [esta frase encontra-se em letra mais pequena, como se se tratasse de uma nota.]

78 Leam-se as Histórias e Anais Eclesiásticos depois que a parte espiritual deste mesmo Império de Cristo foi fundada por ele sobre S. Pedro, e veremos que, enquanto o poder e majestade temporal dos Emperadores se não passou à parte da Igreja, andou ela, como já tocámos, quatrocentos anos inteiros escondida pelas covas, e posto que gloriosa e vencedora no sangue e palmas dos mártires, perseguida, abatida e quasi sepultada, sem grandeza, sem lustre, sem autoridade, e sem poder crescer⁷⁹ nem sair de debaixo da terra. Mas o meio que Deus teve para a engrandecer, estender e dilatar por todo o mundo foi converter com tão repetidos milagres ao Emperador Constantino, e *como o poder espiritual de S. Pedro ou de seu sucessor, S. Silvestre, teve unido consigo o temporal do Emperador, veja-se quão brevemente floreceu a Igreja, quanto creceu, quanto se dilatou, e quanto triunfou por todo o mundo. E se da Igreja universal decermos às particulares de todos os reinos que foram ou são católicos, acharemos que foram poucos e mui vagarosos os aumentos do estado espiritual e ecle⁸⁰siástico enquanto o poder temporal dos Príncipes o não assistiu, defendeu e ajudou, e lhe deu autoridade e forças para crescer. Pouco importava na Índia o zelo e fervoroso espírito do seu segundo Apóstolo, S. Francisco Xavier, se não fora poderosamente assistido e defendido da autoridade e império d'el Rei D. João o 3^o. E se algũa vez este império, pela distância das terras, foi menos obedecido dos ministros, veja-se nas cartas do mesmo Santo, impressas por Horatio Torcelino⁸¹, quanto paravam e tornavam logo atrás os progressos daquela florente Igreja, não duvidando escrever⁸² ùa e muitas vezes o mesmo Santo quanto do favor dos que temporalmente governavam aquele estado dependia totalmente a conversão, a fé, a perseverança e, em suma⁸³, o bem espiritual de todas as nações dele. E se buscarmos a causa destes efeitos assi entre Gentios como Cristãos, acharemos que consiste toda na mesma natureza e corporeidade humana, na qual tiveram sempre muito maior força as aprensões que entram pelos sentidos, quais são as da potência temporal, assi na parte que pertence à esperança como na que está sujeita ao temor, pela violência e presença de suas execuções, a qual se não percebe tanto nos danos e interesses espirituais, como mais distantes no tempo e mais remotos dos sentidos; e assi vimos naquele único reino em que Deus antes de ser homem era conhecido a facilidade com que o exemplo e vontade dos Reis levava e arrastava após si, não só os costumes do povo, senão a mesma fé, podendo mais com ele⁸⁴ os acenos de um Rei que as vozes, promessas e milagres de vinte Profetas. Deixo os exemplos de Polónia, Alemanha, França, e ainda da mesma Espanha, baste, como mais presente nos efeitos e mais fresco na memória, a mudança⁸⁵ que fez em um reino tão católico como o de Inglaterra a potência e apetite cego de Henrique Oitavo, e a facilidade⁸⁶ sem resistência com que a jurisdição espiritual e eclesiástica

⁷⁸ [52 em BN. O parágrafo inicia-se com uma palavra risc.]

⁷⁹ crescer] [segue-se e risc.]

⁸⁰ [fl. 138v.]

⁸¹ Horatio Torcelino] [a parte do nome que está no inicio da linha foi escrita fora dela, parecendo ter sido acrescentado posteriormente num espaço reservado, mas que, afinal, era pequeno para o efeito.]

⁸² escrever] [entrel. a substituir dizer risc. na linha.]

⁸³ em suma] [entrel. a substituir todo risc. na linha.]

⁸⁴ com ele] [entrel.]

⁸⁵ a mudança] [entrel. a substituir os estragos risc. na linha.]

⁸⁶ facilidade] [segue-se e pouca risc.]

foi tirada de sua própria e verdadeira cabeça e passada, per summa impudência, aos títulos do insolente Rei.

87 Nem se pode dizer ou considerar que esta tão necessária união e concórdia entre as supremas potestades temporal e espiritual se poderá conservar naquele
 5 último estado do império consumado de Cristo entre o Pontífice e os Reis ainda que sejam muitos e não subordinados a ũa só cabeça, porque este pensamento e imaginação tem contra si, não só a experiência, senão a mesma natureza, cujas repugnâncias Deus costuma moderar e não violentar, temperando a eficácia dos meios com a suavidade deles, qual é a concorde união e sujeição de todas as coroas
 10 em ũa só e suprema. Deixemos as antigas Histórias Eclesiásticas, em que são tantos os exemplos como os capítulos, e⁸⁸ leam-se, no *Concilio Tridentino, os Breves Apostólicos que lhe servem de prefação, e ver-se-á o trabalho que tiveram três Pontífices em levar ao cabo ũa obra tão necessária e importante a toda a universal Igreja *pelas discórdias do Imperador Carlos e Francisco, Rei de França, este o
 15 Cristianíssimo e aquele o Católico, prevalecendo sempre a emulação e interesses particulares contra⁸⁹ todas as considerações do bem e remédio público, as quais nunca poderão ter lugar no mundo senão quando elas mesmas se fizerem também particulares, sendo causa e conveniência⁹⁰ de um só Príncipe o que hoje é de muitos. E se com atenção se ler a história do mesmo Concílio, dela se colherá outro
 20 inconveniente⁹¹ não menor, e insuperavel enquanto os mesmos Príncipes forem muitos, com autoridade soberana e livre; e é que a discórdia e desunião que⁹² eles têm entre si se passa⁹³ do estado temporal ao eclesiástico, e se envolvem ou justa ou injustamente nela⁹⁴ os mesmos Pontífices, os quais, se⁹⁵ inclinam à parte que lhes parece mais justificada, são tidos por parciais e perdem ũa delas⁹⁶, e se, com
 25 igualdade paternal, querem guardar neutralidade entre ũa e outra, vêm a perder ambas. Exemplo sejam em nossa idade as duas balanças deste fiel, Espanha e França, e as tragédias que têm excitado a competência destas duas coroas fora e dentro da mesma Roma,⁹⁷ contendendo cada ũa por que as chaves de S. Pedro sejam cristianíssimas ou católicas, e por que naquela cidade, contra a qual não
 30 podem prevalecer as portas do Inferno, preva⁹⁸leçam as suas portas⁹⁹, e se veja publicamente em maior número delas¹⁰⁰ os escudos de suas armas. Finalmente, olhe Portugal e olhem suas Igrejas para si mesmas, e considerem¹⁰¹ o desamparo espiritual em que de presente se acham tantas almas, de fiéis e infiéis, na Europa, na África, na Ásia e na América¹⁰², e verão que *deseja e não se atreve o Sumo

87 [53 em BN.]

88 Deixemos as antigas...os capítulos, e] [na marg.]

89 contra] [segue-se uma palavra risc.]

90 conveniência] [no original convencia.]

91 inconveniente] [no original incon/conveniente, certamente por lapso.]

92 que] [segue-se há en- risc.]

93 passa] [seguem-se várias palavras risc. incluindo na entrel.]

94 nela] [entrel.]

95 se] [segue-se uma letra risc.]

96 delas] [entrel. a substituir das partes risc. na linha.]

97 Roma,] [segue-se a abreviatura de por que risc.]

98][fl. 139r.]

99 as suas portas] [entrel.]

100 maior número delas] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

101 considerem] [na marg.]

102 América] [segue-se deseja risc.]

Pastor a prover de Pastores ùa tão notavel parte do rebanho de Cristo porque o pleito de dous Príncipes sobre ùa coroa lhe impede o exercício da sua teara.

5 ¹⁰³ Quem quiser ver elegante e judiciosamente ponderada a importância desta união dos Príncipes entre si e com o Pontífice, lea, no 1º tomo do suplemento de Baronio, ùa epístola do mesmo Pontífice a Ricardo, Rei de Inglaterra, sobre certa controvérsia¹⁰⁴ entre ele e o de Espanha, e também verá ali explicada e aplicada com o mesmo juízo e elegância a figura dos dous supremos planetas e suas presidências e jurdições. A do sol é a que mais alumia e a que tem mais levantado lugar e mais vizinho ao céu e a Deus, mas a da lua, posto que planeta menor e menos luminoso, como¹⁰⁵ está mais chegado e imediato à terra, bem se vê quanto mais ordinário e eficaz é o império que tem sobre ela, quanto mais sensíveis e eficazes seus efeitos, e quanto mais seguidas e obedecidas de todos os elementos e corpos sublunares suas mudanças.¹⁰⁶ Tudo se exprimenta com a mesma propriedade no domínio e império temporal que ela representa, o qual, ainda que de inferior lugar e dignidade ao espiritual, são contudo mais sensíveis em toda a terra suas influências e mais eficazes seus movimentos¹⁰⁷.

15 E para que, persistindo na metáfora da mesma figura, se repare quão necessária lhe é ao 1º e superior planeta a união e companhia deste inferior e segundo, ainda nas acções mais independentes e mais suas, lembremo-nos do caso de Josué, o qual, quando mandou parar o sol, mandou também que parasse a lua: sol contra Gabaon ne moveris et luna contra vallem Aialon, e acrescenta logo o texto (que é do capítulo 10¹⁰⁸ de Josué) Steteruntque sol et luna donec uleiscentur se gens de inimicis suis [Trad. 6], e posto que não seja tão fácil de dar a razão literal porque houvesse de parar também a lua, sendo só necessária a Josué a luz do sol, que lhe estendesse o dia para prosseguir a vitória, na significação moral e alegórica daquela figura é documento e demonstração bem natural de tudo o que até agora temos dito e de quão necessária lhe é ao supremo poder e jurdição¹⁰⁹ espiritual¹¹⁰ para a pronta e expedita execução¹¹¹, ainda das acções mais próprias e particulares suas, a união, companhia e assistência do poder e jurdição temporal. O sol natural bem pode alumiar a Josué sem a lua, mas o sol espiritual, que é o poder supremo eclesiástico, não pode bem concorrer com o conquistador da terra de promessa para que prossiga e leve a cabo sua empresa sem que o acompanhe e assista e se una com ele na mesma acção a lua política, que é o poder supremo temporal. Diga-o a mesma conquista da Terra de Promissão, que é a¹¹² Terra Santa que hoje ocupa o Turco, e quantas vezes ficaram baldados os intentos e diligências de tantos Sumos Pontífices porque o poder temporal dos Reis e Príncipes seculares os não quis acompanhar nem assistir, nem unir seus desígnios e suas armas a ùa empresa tão cristã e tão de Cristo. Razão é logo, como dezíamos, e não só razão de conveniência, senão de necessidade, que o império consumado do mesmo Cristo se

¹⁰³ [54 em BN.]

¹⁰⁴ controvérsia] [segue-se uma abreviatura de que risc.]

¹⁰⁵ como] [já na marg.]

¹⁰⁶ mudanças.] [segue-se o que risc.]

¹⁰⁷ movimentos] [segue-se marca de parágrafo.]

¹⁰⁸ 10] [sublinhado no original.]

¹⁰⁹ jurdição] [seguem-se duas letras risc.]

¹¹⁰ espiritual] [segue-se uma palavra risc.]

¹¹¹ execução] [seguem-se duas letras risc.]

¹¹² é a] [segue-se o início de uma palavra risc.]

reduza, na parte temporal, a ùa só cabeça suprema, como esteve sempre reduzido a ùa só na parte espiritual, para que, unidos debaxo daquele Monarca todos os Príncipes, e ele unido com o Pontífice Sumo, se logrem nesta recíproca união e concórdia os efeitos que só dela e por ela se podem com razão esperar.

5 ¹¹³ Mas dirá alguém e perguntará (para que nos não fique este escrúpulo),
suposto¹¹⁴ que tão importante e necessária é a criação desta suprema¹¹⁵ cabeça
imperial e a união e concórdia dela com a pontificia, porque as não instituiu¹¹⁶
Cristo ambas logo desde o princípio de sua Igreja, e reservou separadamente a
temporal para o último e consumado estado dela?

10 Respondo primeiramente¹¹⁷ que dos conselhos de Deus não sejamos
obrigados a dar razão os homens. Não são, contudo¹¹⁸, difíceis de entender os
motivos que a divina Providência e Sabedoria tivesse em não unir desde logo ao
império espiritual de sua Igreja esta parte temporal dele. Porque (como larga e
claramente se colhe das Escrituras)¹¹⁹ quis Deus, para maior glória sua e nossa, e
15 para maior confusão do mundo e do Inferno, que a virtude e espírito cristão, à
imitação do mesmo Cristo, se fundasse em trabalhos, perseguições, humildade e
paciência; quis¹²⁰ que por meio dos tiranos houvesse martírios, e por meio das
batalhas vitórias; e que, na frágua da contradição, da violência e da crueldade se
examinasse a fé, se apurasse a caridade e triunfasse a constância, que são as jóias
20 mais preciosas de que seorna e enriquece hoje a fermosura da mesma Igreja, às
quais virtudes ou faltaria de todo a matéria ou seria de muito menor valor e
quilates se, por meio da união do império temporal com o espiritual de Cristo, se
antecipasse a paz à vitória e¹²¹ não tivessem seus valerosos soldados o duro e
glorioso exercício desta guerra. Por isso começou a Igreja com *Neros,
25 Deoclecianos e Dácios, e não com *Constantinos, Teodósios ou Carlos Magno; e
assi como Deus guardou a religião e piedade destes Emperadores para o segundo
estado e progressos de seu¹²² espiritual império, assi guardará também os que
dizemos para os últimos aumentos e estado consumado dele. A mesma Igreja, que é
30 o Reino de Cristo, é também, como tantas vezes lhe chama no Evangelho, a sua
seara, a sua vinha e o seu jardim. E para que destas se colha a seu tempo o suave e
proveitoso das flores e frutos, é necessário que precedam as geadas, os frios, as
chuvas e os outros rigores do inverno, em que as plantas tomam forças e fundam

¹¹³ [55 em BN. Este parágrafo, que apresenta uma grande extensão de texto riscado, está separado do anterior por um traço horizontal cortado por pequenos traços verticais e ao qual corresponde um B na margem.]

¹¹⁴ suposto] [segue-se cerca de três linhas de texto risc.: que esta união de todos os Príncipes debaxo de um só Príncipe é obra que se não poderá conseguir entre os homens sem concurso mui particular e mais que ordinário da Providência e onnipotência divina, e suposto...]

¹¹⁵ suprema] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹¹⁶ instituiu] [segue-se Deus risc.]

¹¹⁷ [as últimas três linhas do fôlio 139r encontram-se riscadas e só parcialmente legíveis, bem como todo o fôlio 139v e a primeira metade, sensivelmente, do fôlio 140r. Atendendo à extensão do texto cancelado, opta-se por transcrevê-lo em anexo à questão (anexo 10) de acordo com o estabelecido nos Critérios de Transcrição (Ponto 2.10). O texto continua num novo parágrafo que começa: E posto, risc.]

¹¹⁸ contudo] [entrel.]

¹¹⁹ (comodas escrituras)] [na marg.]

¹²⁰ quis] [entrel.]

¹²¹ e] [segue-se se risc.]

¹²² seu] [segue-se Império risc.]

raízes. Passará de todo o tempo destas tempestades, como já tem passado o maior rigor delas, e então dirá Cristo à sua¹²³ Igreja, e o supremo agricultor à sua esposa: surge amica mea et veni iam enim hiems abit¹²⁴ imber transiit et recessiet [Trad. 7], texto que neste mesmo sentido, do futuro e pacífico estado da Igreja, explicam

5

muitos Doutores.
 125 Finalmente, para que até o fim deste discurso¹²⁶ nos acompanhe o sol e a lua, repetida e propriíssima figura dos dous impérios, se recorrermos à história da criação, acharemos que também Deus os não criou juntos¹²⁷ no mesmo dia, senão que 1º foi criado o sol, só e divididamente, e depois acrescentado o mesmo sol e criada juntamente a lua.¹²⁸ O sol foi criado logo no primeiro dia, mas com luz moderada e imperfeita. Assi o diz S. Tomás (*De Opere Sex Dierum*) com todos os Teólogos, os quais concordam que aquela primeira luz que Deus criou com a primeira palavra e antes de todas as outras cousas era o mesmo sol, informe e incoado. E depois, no quarto dia, como diz o texto, foi formado e aperfeiçoado o sol e a lua juntamente criada com ele, mas logo com sua total e inteira perfeição. Assi¹²⁹ procedeu Deus, por partes, nas obras da natureza, e assi também nas da graça, assi no mundo que criou para nós, e assi também no que vai formando para si. Porque¹³⁰, assi como Deus no princípio criou o sol só e desacompanhado da lua, e não perfeito e formado, senão incoado e imperfeito, assi também criou no princípio o império espiritual de sua Igreja, mas só e desacompanhado do império temporal, e sem a forma e perfeição (posto que a luz essencialmente fosse sempre a mesma) que depois lhe havia de dar com os inteiros resplandores de sua consumada grandeza.¹³¹ E assi como no 4º dia tornou Deus a criar de novo o sol (ou o¹³² acrescentou e aperfeiçoou de maneira como se o criara de novo) e¹³³ juntamente¹³⁴ neste dia criou novamente a lua e¹³⁵ lhes deu a ambos sua última, total¹³⁶ e consumada perfeição, assi também¹³⁷, no tempo do último estado da Igreja, será o seu império espiritual tão perfeito, tão consumado e tão superior na grandeza ao presente que pareça criado de novo, e novamente será criado juntamente com ele o império temporal ou a parte temporal do mesmo império,¹³⁸

30

123 sua] [segue-se espos- risc.]

124 hiems abit] [na marg.]

125 [56 em BN. a indicação de parágrafo foi feita à posteriori. Não há qualquer espaço de separação, mas apenas um sinal de parágrafo, §, claramente inserido.]

126 [fl. 140v.]

127 juntos] [segue-se uma palavra risc.]

128 senão que 1º..juntamente a lua] [na marg.]

129 assi] [segue-se uma palavra risc.]

130 Porque] [acrescentado já fora da linha. A primeira palavra da frase, Assi, continua em maiúscula.]

131 e sem a forma...grandeza.] [na marg. a substituir uma extensão de cerca de seis linhas de texto risc.]

132 o] [entrel.]

133 e] [segue-se uma palavra risc.]

134 juntamente] [segue-se uma palavra risc.]

135 criou novamente a lua e] [na marg.]

136 total] [segue-se o início de uma palavra risc.]

137 assi também] [segue-se assi também risc.]

138 império][segue-se uma palavra risc.]

mas este logo perfeito e completo e com o aumento último e total de sua consumada grandeza. Tudo se irá confirmando mais depois da questão seguinte.¹³⁹

5

10

15

20

25

30

35

¹³⁹ Tudo...seguinte.] [*esta última frase do parágrafo parece, pelo seu conteúdo, uma nota do autor. No entanto não há qualquer marca textual que aponte nesse sentido, razão pela qual deixamos a frase no corpo do texto.*]

NOTAS

5

[Trad. 1] “É ele que reconstruirá o templo do Senhor. Sentado no seu trono de rei, ele governará este povo. Ao lado dele um sacerdote estará igualmente sentado no seu trono e entre eles haverá harmonia”. Zacarias 6: 13.

10

[Trad. 2] “Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior deles, o Sol, para presidir ao dia, e o mais pequeno, a Lua, para presidir à noite, e ainda as estrelas”. Génesis 1: 16.

15

[Trad. 3] “Quem é esta que surge como a aurora, formosa como a Lua, brilhante como o Sol, irresistível como um exército em marcha?”. Cântico dos Cânticos 6: 10 (na Vulgata 6: 9).

20

[Trad. 4] “De entre todos os israelitas, escolhe o teu irmão Aarão e seus filhos Nadab, Abiú, Eleazar e Itamar, para que sejam meus sacerdotes”. Êxodo 28: 1.

25

[Trad. 5] “pela mão de Moisés e Aarão”.

[Trad. 6] “No dia em que o Senhor deu aos israelitas a vitória sobre os amorreus, Josué disse diante do Senhor e na presença do povo: “Sol, pára sobre Guibeon. E o Sol parou e a Lua não se moveu, até que o povo se vingou dos seus inimigos”. Josué 10: 12-13.

[Trad. 7] “Anda, minha querida; levanta-te e vem, meu amor! Olha! O inverno já passou e com ele foram-se as chuvas”. Cântico dos Cânticos 2: 10-11.

5

ANEXO 10

(fl. 139v)...não considero nem admito na necessidade desse concurso que hajam de ser os meios dele¹ tão extraordinários ou milagrosos que excedam muito notavelmente os com que a mesma Providência por muitas vezes² sujeitou grande parte do mundo, e quasi todo o que antigamente era conhecido, ao império de um só homem. Exemplo sejam os³ quatro famosos⁴ impérios que têm precedido ao mesmo quinto. No império dos Assírios, era tão estendido o império de Nabucodonosor⁵ e tão universal sobre toda a redondeza da terra como Deus lhe representou naquela protentosa árvore, cuja altura chegava ao céu, em cujos ramos habitavam todas as aves e⁶ debaixo de cuja sombra pasciam todos os animais. Tu es Rex (lhe disse Daniel explicando-lhe a visão, no capítulo 4^o) qui magnificatus es et invaluable; et magnitudo tua crevit et pervenit usque ad caelum et potestas tua in terminos universae terrae [Trad. 1]. No império dos Persas e Medos, qual fosse o domínio de Assuero e quão universal em todo o mundo consta bem do capítulo 10 de Ester, onde diz o texto sagrado: Rex vero Assuerus omnem terram et cunctas maris insulas fecit tributarias [Trad. 2], e reduzindo a número certo os reinos que lhe obedeciam, diz nomeadamente o mesmo texto, no capítulo 1^o⁷, que eram 127⁸: In diebus Assueri qui regnavit ab India usque Ethiopiam super centum viginti septem provincias [Trad. 3], onde se há-de advertir que estas províncias não são aquelas pequenas repartições em que hoje se dividem os reinos, senão aqueles grandes pedaços do mundo em que o mesmo mundo antigamente se demarcava, como as Espanhas, as Gálias, as Germânicas e outras de semelhante grandeza. No império dos Gregos, foi tal a potência de Alexandre Magno e tal a fama e grandeza de suas vitórias que diz dela a Escritura Sagrada no capítulo 1^o do 1^o Livro dos Macabeus: Silvit terra in conspectu eius [Trad. 4]. E posto que com suas armas e exércitos não⁹ andasse Alexandre¹⁰, nem conquistasse muitas partes da terra, bastou só o nome e fama delas para que todas as nações, muito de longe, se lhe rendessem e sujeitassem. De sorte que, quando, voltando do Oriente, entrou outra vez em Babilónia, achou nela, como escreve Justino, os embaxadores de todas as Províncias da África e da Europa, que voluntariamente lhe iam oferecer obediência, entrando neste número, como refere Plínio, os mesmos Romanos, cujo nome e república naquele tempo era já formidável no mundo. Finalmente, no império Romano, que foi o último dos quatro,¹¹ de quão dilatado e universal fosse

¹ dele] [entrel.]

² por muitas vezes] [na marg.]

³ os] [segue-se uma palavra risc. ilegível.]

⁴ famosos] [na marg.]

⁵ Nabucodonosor] [segue-se sobre risc.]

⁶ e] [no original e e]

⁷ no capítulo 1^o] [na marg.]

⁸127] [sublinhado no original]

⁹ não] [no original não não]

¹⁰ Alexandre] [na marg.]

¹¹ quatro,] [seguem-se várias palavras risc.]

o domínio de Augusto César, baste o testemunho do Evangelista S. Lucas no capítulo 2º: Exiit edictum a Caesare Augusto ut describeretur universus orbis [Trad. 5]. O Cardeal Caietano refere as palavras deste édito, e posto que Maldonado lhe pergunte discretamente em que cartório as achou, é certo que todas as nações do mundo até então conhecido obedeceram àquele império, e que dos tempos de Augusto se pode afirmar com toda a verdade o que deles diz o Martirológio Romano no nascimento de Cristo: Toto mundo in pace composito [Trad. 6]. E se a Providência divina, obrando pouco mais que ordinariamente, deu esta grandeza e universalidade de império a Nabuco, a Assuero, a¹² Alexandre, a Augusto e a seus sucessores, se deu esta grandeza e universalidade de¹³ império a quatro bárbaros que adoravam a Júpiter, a um Príncipe e Monarca cristão adorador e ministro de Cristo e no império do mesmo Cristo¹⁴ por que há-de ser grande maravilha que lhe dê a Providência divina a mesma e muito maior grandeza?¹⁵ Se não nos admira a grandeza dos quatro impérios e a obediência universal que lhe deu o mundo sendo de tais homens, porque nos há-de admirar a do quinto sendo de Cristo.

Bem conheço e confesso que a grandeza do império de Cristo quando consumado há-de exceder muito a universalidade dos quatro primeiros, e que só ele há-de ser própria e adequadamente¹⁶ universal, compreendendo, abraçando e dominando todas as outras partes e nações do mundo que naqueles antigos tempos não eram conhecidas. Mas quando vemos que, depois do descobrimento dos novos mundos, um reino tão pequeno como Portugal estendeu por todos eles sua monarquia; e que as leis e ordens de seus Reis, estando em Europa, foram lá sempre observadas e obedecidas; e que, se não fora por falta dos mesmos Reis naturais, nenhũa maravilha seria que o curso das vitórias dos Portugueses, assi como tinha já sujeitado¹⁷ à sua coroa tantos reinos e nações da África, Ásia e América, sujeitasse também todas as outras; quem haverá que peça milagres à Providência para os progressos e governo do império de Cristo e para a sujeição e obediência de seu monarca? E para que não argumentemos de menor reino¹⁸ a maior, senão de igual a igual, é sentença de Padres e Teólogos universalmente recebida (como douta e largamente prova Malvenda, no Livro *Do Antecristo*, e Soarez, e Leonardo Lessio *Contra errores Anglicanos*) que, enquanto durar no mundo a monarquia do Ante-Cristo, há-de ser¹⁹ seu domínio e império tão propriamente universal sobre todo ele que em todos os reinos, cidades e nações seja reconhecido e obedecido como único Rei e Senhor Supremo. E se tudo isto há-de conseguir a tirania de um homem, sem mais assistência divina que a de suas permissões, que será naquele soberano império e santa monarquia, em cujos progressos e consumados aumentos há-de entrar Deus e sua Providência com todos os empenhos de sua vontade? Não serão logo necessários para este fim tão extraordinários concursos da Providência divina que²⁰ excedendo a eficácia de

¹²a] [segue-se Augusto risc.]

¹³ de] [omitido no original, provavelmente por lapso.]

¹⁴ Cristo] [segue-se qua- risc.]

¹⁵ grandeza?] [segue-se E risc.]

¹⁶ e adequadamente] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹⁷ [fl. 140r]

¹⁸ reino] [entrel.]

¹⁹ ser] [entrel.]

²⁰ que] [segue-se uma palavra risc.]

especiais e particulares passem ao extremo de milagrosos. Mas quando, considerada a rebeldia da soberba e discórdia humana, se insista em que ùa sujeição e união tão notavel se não poderá conseguir, e muito menos durar, sem milagre, aquele Senhor que, para remédio do mundo, antes de morrer por ele, debaixo do império de Noé uniu as serpentes, aves e animais terrestres em ùa arca, e debaixo do império de Adão, além de todos estes animais, sujeitou também os peixes, que são mais indómitos, sendo certo que tem em sua mão, como diz o Espírito Santo,²¹ os corações dos Reis, com a mesma facilidade os moverá naquele tempo a que obre neles a razão o que nos brutos o instinto, e que não só todos pelo bem e felicidade geral²² do mundo, mas cada um em particular pelo sossego, conservação e perpetuidade de sua coroa, as queiram concordemente sujeitar e unir ao reconhecimento universal de ùa suprema.

NOTAS

[Trad. 1] “Majestade, vós sois a grande árvore, alta e forte. Vossa Majestade cresceu tanto que chega ao céu e o seu poder chega até aos confins da terra”. Daniel 4: 19.

[Trad. 2] “O rei Xerxes impôs um tributo a todos os súbditos do continente e das ilhas”. Ester 10: 1.

[Trad. 3] “Isto aconteceu no tempo de Xerxes, que reinou sobre cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até à Etiópia”. Ester 1: 1.

[Trad. 4] “Ele foi até aos lugares mais distantes do mundo e saqueou as riquezas de muitos povos. Quando já não havia mais países para conquistar, ele envaideceu-se, e o seu coração encheu-se de orgulho”. I Macabeus 1: 3.

[Trad. 5] “Por essa altura, o imperador Augusto deu ordem para se fazer o recenseamento de toda a população do Império Romano”. Lucas 2: 1.

[Trad. 6] “Todo o mundo concertado em paz”. Martirológio romano.

²¹ como diz o Espírito Santo] [*na marg. Segue-se uma letra risc.*]

²² geral] [*a palavra foi escrita sobre outra.*]

5 **Questão 12^a**

Se este Monarca que² governar o império temporal de Cristo se poderá³ chamar Vigário seu, assi como se chama Vigário de Cristo o Monarca que governa o espiritual?

10 ⁴ Esta questão é de nome, mas este nome parece tão próprio do sucessor de S. Pedro⁵ e daquela suprema Coroa que governa a parte espiritual do Império de Cristo que se pode, com razão, duvidar se, proporcionalmente e em seu género (que é o sentido em que falamos), se poderá também comunicar e estender ao
15 segundo planeta da mesma monarquia, chamando-se⁶ Vigário de Cristo no temporal, porque, se as vezes do poder e jurdição espiritual⁷ constituem um Vigário de Cristo enquanto supremo Sacerdote⁸, que é o Sumo Pontífice, as vezes do poder e jurdição temporal porque não poderão constituir outro Vigário do mesmo Cristo, enquanto supremo Rei, que será este prometido Monarca?

20 Respondo que nem este nome ou título é novo, nem envolve inconveniente algum poder-se dar, na forma e proporção sobredita, ao Príncipe que tiver ou tivesse a suprema jurdição temporal da monarquia e Império de Cristo. Prova-se:

25 ^{1º}, porque, em provavel opinião, todos os Reis temporais são Vigários de Deus, a qual sentença segue Salazar nos seus doutíssimos comentários dos Provérbios de Salamão, expondo aquelas palavras: per me Reges regnant [Trad. 1].

^{2º}, porque S. Tomás, no livro *De Regimine Principis*, alegando o édito de Augusto Cesar em que mandara descrever ou alistar todo o mundo, diz que o fizera⁹ o Emperador como Vigário de Cristo, verdadeiro senhor do mesmo mundo.

30 ^{3º}, porque aos Reis antigos de Israel (do qual reino e povo, como¹⁰ dissemos, se nomeava Deus especialmente Rei) chamam Nicolau de Lira, Abulense, Cartesiano e outros graves autores Vigários de Deus.

^{4º}, porque o mesmo título se dá em direito aos presentes Emperadores Romanos, como se pode ver nos Legistas que tratam *de Imperatore et Imperio*.

35 ^{5º}, porque a qualquer superior se dá e pode dar licitamente o mesmo nome de Vigário de Deus, como o supõe S. Bernardo dizendo: *Vicarius Dei mandatum quodcumque tradiderit pari profecto obsequendum est cura pari reverentia*

¹ Questão 12^a] [O 2 foi escrito sobre um zero. Do lado esquerdo pode ler-se: Aqui, antes da questão 12, entra o Aditamento 12º Litera N. Deduz-se que este aditamento devesse figurar como questão 11, uma vez que a numeração salta aqui de 10 para 12. Do lado direito pode ler-se: não vai no papel dos autos.]

² que] [segue-se uma palavra risc.]

³ poderá] [segue-se uma palavra risc.]

⁴ [57 em BN.]

⁵ S. Pedro] [segue-se que risc.]

⁶ chamando-se] [segue-se uma palavra risc.]

⁷ espiritual] [seguem-se várias palavras risc.]

⁸ de Cristo enquanto supremo Sacerdote] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁹ o fizera] [segue-se o fizera risc.]

¹⁰ [fl. 141r.]

deferendum ubi tamen Deo contraria non praecipit homo [Trad. 2]. As quais palavras cita e segue S. Inácio in *Epistola de Obedientia ad Lusitanos*.

6^o, porque este modo de falar é tirado da doutrina de S. Paulo em muitos lugares, e particularmente da Epistola ad Ephesios, capítulo 6^o¹¹, onde, falando o grande Apóstolo, não só de senhores temporais¹² cristãos, senão também gentios, diz: Servi, obedite dominis carnalibus cum timore et tremore in simplicitate cordis vestri sicut Cristo non ad oculum servientes quasi hominibus placentes, sed ut servi Christi facientes voluntatem Dei ex animo, cum bona voluntate servientes sicut Domino et non hominibus [Trad. 3].

13 Do que tudo se infere claramente que, se o nome de Vigário de Deus e de Cristo, proporcionalmente¹⁴ e em seu género, compete a todos os Reis, a todos os Emperadores¹⁵, a todos os Prelados e superiores, não só eclesiásticos, senão seculares, nem só cristãos, senão ainda gentios, que nenhum inconveniente há ou pode haver para que àquele supremo Monarca se negue ou lhe não seja devido o mesmo nome, tendo, não só o poder e jurisdição de superior Senhor, Rei e Emperador soberano de algum reino ou estado particular do mundo, senão nomeadamente do império universal do mesmo Cristo, em que mais própria e adequadamente se ajusta a representação de sua pessoa. Criou Deus a Adão neste mundo à sua imagem e semelhança, e se especularmos no texto sagrado qual foi a própria formalidade¹⁶ pela qual ficou constituído Adão em imagem de Deus, acharemos, entre diversas opiniões de Doutores¹⁷, que a mais conforme e chegada ao sentido literal do mesmo texto é aquela que constitui a razão de imagem de Deus no domínio e império que Adão havia de ter sobre todos os viventes do mundo e sobre o mesmo mundo, do qual mundo Deus era o verdadeiro e absoluto senhor¹⁸ e Adão o seu supremo ministro e lugar-tenente. As palavras do texto, no capítulo 1^o do Génesis, são: faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et praesit piscibus maris et volatilibus caeli et bestiis universaeque terrae, omnique reptili quod movetur in terra. Et creavit Deus hominem ad imaginem suam, ad imaginem dei creavit illum masculum et feminam creavit eos. Benedixitque illis Deus et ait: crescite et multiplicamini et replete terram et subiicite eam et dominamini piscibus maris et volatilibus caeli, et universis animantibus quae moventur super terram [Trad. 4]. De maneira que, segundo esta sentença, eméritamente reputada por mais literal, como se pode ver em Cornélio a Lápide, era Adão imagem de Deus e representava ao mesmo Deus como imagem sua porque tinha as vezes de seu poder sobre todos os viventes do mundo.¹⁹ Tal há-de ser, em seu modo, este segundo Monarca Universal, não com domínio despótico sobre os animais, mas com império político sobre os homens, sendo esta última coroa do mundo muito semelhante à primeira dele, da qual disse David, falando do mesmo Adão: gloria et honore coronasti eum et constituisti eum super opera manum tuarum omnia subiecisti sub pedibus eius [Trad. 5].

¹¹ 6^o] [sublinhado no original.]

¹² temporais] [na marg.]

¹³ [58 em BN.]

¹⁴ proporcionalmente] [antes da abreviatura de -mente encontra-se um o risc.]

¹⁵ Emperadores] [entrel. a substituir Gentios risc. na linha]

¹⁶ formalidade] [segue-se porque risc.]

¹⁷ Doutores] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁸ senhor] [segue-se uma vírgula risc.]

¹⁹ mundo:] [segue-se e risc.]

Desta razão de imagem de Deus, a qual resplandece nos Príncipes, e muito mais no supremo, se lhe segue outro nome ou título maior e mais²⁰ excelente que o da nossa questão, com o qual mais se confirma o fundamento com que o não duvidamos e admitimos. As imagens têm o nome das mesmas cousas ou pessoas de que são imagens: à imagem de César chamamos César, à de Santo António Santo António e à de Cristo Cristo. E porque os Príncipes supremos são imagens de Deus e de Cristo, pelo poder, lugar e pessoa²¹ que representam, por isso, nas Sagradas Escrituras e fora delas, são chamados Deuses e Cristos.²²

No salmo 82²³ lemos:²⁴ Deus stetit in sinagoga deorum in medio autem Deos diiudicat [Trad. 6]; sendo certo que estes que David neste lugar duas vezes chama Deuses²⁵ são os Reis, Príncipes e supremas potestades do mundo, nos quais Deus há-de tomar residência da justiça²⁶ com que o governarão. E porque não pareça que este nome de Deuses é título falso e vão, como outros que toma a jactância e ambição humana, e que o Profeta, nomeando-os pelo mesmo nome, se acomodou a seu modo e vaidade de falar, no mesmo salmo nos consta que não é nome falso ou não tomado e arrogado a si pelos mesmos Príncipes, senão dado e imposto pelo mesmo Deus, como título natural e próprio de suas dignidades, assi como é natural e próprio da verdadeira imagem²⁷ ser chamada com o nome da pessoa que representa: Ego dixi: Dii estis et filii excelsi omnes (diz Deus) vos autem sicut homines moriemini et sicut unus de Principibus cadetis [Trad. 7]. E, no capítulo 10²⁸ de S. João, vemos que se valeu Cristo deste mesmo texto quando os Judeus o caluniavam de que, sendo homem, se chamava Deus, acusando-lhe esta proposição de blasfema:²⁹ De bono opere non³⁰ lapidamos te sed de blasphemia, et quia homo cum sis, facis teipsum Deum, onde acrescenta logo o Evangelista: Respondit ei Iesus: nonne scriptum est in lege vestra quia ego dixi: dii estis? [Trad. 8]. Este mesmo nome deu Deus a Moisés quando o constituiu por libertador do povo e lhe deu poder e jurisdição sobre o Rei do Egipto, como consta das palavras notáveis do capítulo 7 do Êxodo: Ecce constitui te Deum Pharaonis [Trad. 9], que é admirável exemplo para o nosso caso. Porque, como os Reis do mundo, pela soberania de seu poder supremo, não têm outro superior senão a Deus, quando Deus dá ou delega seus poderes em algum homem sobre os mesmos Reis, com muita razão e propriedade se lhe dá com o poder juntamente o título e nome de Deus. Mas ainda que não seja com a energia desta propriedade, basta ser o homem o ministro³¹ do poder divino para verdadeira e propriamente se chamar Deus, porque está Deus nele por potência, representação e acção, como tudo exprimiu o Profeta Isaías, falando de Ciro, Rei dos Persas, a quem Deus tinha tomado por ministro de sua potência e instrumento da liberdade do povo no cativo de Babilónia: Tantum in

²⁰ maior e mais] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

²¹ pessoa] [seguem-se várias palavras risc.]

²² [fl. 141v.]

²³ 82] [sublinhado no original.]

²⁴ lemos:] [entrel.]

²⁵ Deuses] [segue-se são risc.]

²⁶ justiça] [no original justicia]

²⁷ imagem] [seguem-se duas letras risc.]

²⁸ 10] [sublinhado no original.]

²⁹ blasfema:] [segue-se non risc.]

³⁰ non] [entrel.]

³¹ o ministro] [o mi- entrel.]

te est Deus (diz Isaías no capítulo 45) et non est absque te Deus Israel, vere tu es Deus absconditus, Deus Israel salvator [Trad. 10]. Aquela palavra *Vere* é mais notavel que todas, sendo todas tão notaveis, e posto que este texto se explique ou alegórica ou literalmente de Cristo, não há dúvida, como consta do princípio do capítulo e de todo ele, que, em sentido também literal, se entende d'el Rei Ciro, como dizem muitos Padres e Doutores, seguidos de antigos e modernos, devendo-se advertir, para maior admiração, que este mesmo Ciro era gentio.

³² Bastava o que está dito de Deus para se entender o mesmo de Cristo. Mas também temos textos expressos deste soberano nome comunicado aos Reis. E começando pelo lugar proximamente citado de Isaías, no princípio do mesmo capítulo 5³³, dirigindo a profecia dele ao mesmo Rei Ciro, assi como depois lhe chamou Deus escondido, assi agora lhe chama clara e expressamente Cristo: Haec dicit Dominus Christo meo Cyro [Trad. 11]. E David, quando os companheiros lhe persuadiam que matasse a Saul na cova, respondeu: Propitius sit mihi Dominus ne faciam hanc rem domino meo Christo domini, ut mittam manum meam in eum quia Christus domini est³⁴ [Trad. 12]. Assi o refere a História Sagrada no capítulo 24 do 2º Livro dos Reis³⁵, e no capítulo 26³⁶ do mesmo Livro. Estando o mesmo Rei Saul dormindo na sua tenda e querendo-o matar Abisai, lhe foi à mão David dizendo: ne interficias eum quis enim extendet manum suam in Christum domini? [Trad. 13]. As quais palavras³⁷, em um e outro texto, são³⁸ os próprios termos, e não outros, com que S. Lucas, falando da pessoa de Cristo, cuja vida fora revelada e prometida a Simeão, disse: Et responsum acceperat a spiritu sancto, non visurum se mortem nisi prius videret Christum Domini³⁹ [Trad. 14]. Finalmente, deixando exemplos particulares, temos o testemunho geral do salmo⁴⁰. Falando Deus de todos os Reis e Príncipes, e recomendando o respeito e veneração que se lhe deve guardar, os nomea com o título de Cristos, e Cristos seus: Nolite tangere Christos meos [Trad. 15].

Sendo, pois, certo que aos Príncipes, ainda que não sejam supremamente soberanos, e particularmente aos Reis, não por constituição humana, senão por autoridade divina, se dá, nos mesmos textos sagrados, sem diferença nem distinção algũa, o próprio nome de Deus e o próprio de Cristo, muito menos maravilha ou novidade será que àquele grande Monarca, supremo sobre todos os supremos e soberano sobre todos os soberanos, se dê o título de Vice-Cristo ou Vice-Deus, que é, por mais abreviados termos, o de Vigário de Deus ou Vigário de Cristo. Ao Presente Emperador se dá o título de *Diuís* e de *Deus na terra*, como se pode ver nos tratados e autores acima citados, quando mais logo⁴² àquele Imperador futuro,

³² [59 em BN.]

³³ 5] [A indicação encontra-se errada. Trata-se do capítulo 45]

³⁴ est,] [segue-se uma palavra risc.]

³⁵ 2º Livro dos Reis] [A indicação encontra-se errada. Trata-se do primeiro Livro dos Reis (I Samuel).]

³⁶ 26] [sublinhado no original.]

³⁷ As quais palavras] [na marg. a substituir que são risc. na linha.]

³⁸ são] [entrel.]

³⁹ Domini] [segue-se E risc.]

⁴⁰ salmo] [segue-se um espaço em branco onde deveria posteriormente ser escrito o número do salmo em questão, que é o salmo 104 (105). Neste caso, no entanto, tal não chegou a acontecer.]

⁴¹ [fl. 142r.]

⁴² logo] [entrel.]

que por tão⁴³ diverso⁴⁴ e universal modo terá as vezes de Deus e de Cristo com o poder e administração temporal de seu completo e consumado império? Quem cuidar que até a propriedade deste nome ou título de Vigário de Cristo não deixou de ter sua expressão na 2^a visão de Daniel, pode fazer reparo no advérbio⁴⁵ *quasi* do texto, que, sem violência algüa, favorece este sentido. *Aspiciebam*, diz o Profeta, *et ecce quasi filius hominis veniebat usque ad antiquum dierum et dedit ei potestatem et honorem et regnum* [Trad. 16]. Este reino e esta potestade já mostrámos, por todas suas circunstâncias, que é a do império consumado de Cristo, assi espiritual como temporal, e também⁴⁶ mostrámos que este império não há-de ser administrado ou governado no mundo pela mesma pessoa de Cristo, senão por outra⁴⁷ que, em ãa e outra parte do Império, a represente. Sendo, pois, cousa⁴⁸ certa e sem dúvida que a palavra *filius hominis* absolutamente significa Cristo, limitada com aquele *quasi, quasi filius hominis*, porque não significará quasi Cristo, Vice-Cristo ou Vigário de Cristo?

Fique⁴⁹ à cortesia do leitor o reparo deste último texto, mas, de todos os outros, e o mais deduzido neste discurso, parece se prova suficientemente a nossa conclusão, na qual disse, com advertência, não absolutamente Vigário de Cristo, senão Vigário de Cristo no temporal, porque, sendo este nome de Vigário de Cristo, por uso comum da Igreja, denominação e antenomásia própria do Sumo Pontífice Romano, não se poderá, na mesma forma, aplicar a outro Monarca sem que, com o aditamento de temporal ou⁵⁰ outro semelhante, se distinga e limite a significação dele, e se tire a equivocação de ãa contra-dignidade.

43 tão] [entrel.]

44 diverso] [segue-se modo risc.]

45 advérbio] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

46 também] [segue-se dissemos risc.]

47 outra] [no original outras com -s risc.]

48 cousa] [já na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

49 Fique] [segue-se o início de uma palavra risc.]

50 ou] [entrel.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “É com a minha ajuda que os reis reinam e que os magistrados fazem justiça com equidade”. Provérbios 8: 15.

10

[Trad. 2] “Qualquer que seja a ordem que o Vigário de Deus tenha transmitido, deve certamente ser obedecida com tanta dedicação quanta a solicitude com que deve ser confiada; isto quando, porém, o Homem não ordena algo contrário a Deus”. S. Bernardo.

15

[Trad. 3] “Escravos, obedeçam cuidadosamente aos senhores que tiverem neste mundo. Façam-no com lealdade, como se estivessem a servir a Cristo. Não obedeçam só quando estão a ser vigiados e para lhes agradar. Comportem-se como servos de Cristo, que põem toda a sua alma no cumprimento da vontade de Deus. Ponham toda a boa vontade no trabalho, como se trabalhassem para o Senhor e não para os homens”. Efésios 6: 5-7.

20

[Trad. 4] “Deus disse ainda: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. Que ele tenha poder sobre os peixes do mar e as aves do céu; sobre os animais domésticos e selvagens e sobre todos os bichos que andam sobre a terra.” Deus criou então o ser humano à sua imagem; criou-o como verdadeira imagem de Deus. E este ser humano criado por Deus é o homem e a mulher. Deus abençoou-os desta maneira: “Sejam férteis e cresçam; encham a terra e dominem-na; dominem sobre os peixes do mar e as aves do céu e sobre todos os animais que andam sobre a terra”. Génesis 1: 26-28.

25

30

[Trad. 5] “Contudo, fizeste-o quase como um deus e encheste-o de honra e dignidade. Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, colocaste tudo sob o seu poder...”. Salmos 8: 6-7.

[Trad. 6] “Salmo da colecção de Assaf. Deus ocupou o seu lugar na assembleia divina; profere as suas sentenças no meio dos deuses”. Salmos 82: 1.

35

[Trad. 7] “Eu disse: “Vocês são deuses, são todos filhos do Altíssimo. No entanto, não de morrer como qualquer mortal; cairão como qualquer príncipe”. Salmos 82: 6-7.

40

[Trad. 8] “Os judeus responderam-lhe: “Não é por causa das boas acções que tens feito que te vamos apedrejar, mas sim porque ofendeste gravemente a Deus com as tuas palavras. Tu és apenas um homem e estás a fazer-te passar por Deus.” Jesus respondeu-lhes: “Não diz Deus na vossa lei: Eu declaro que vocês são deuses?”. João 10: 33-34.

45

[Trad. 9] “Então, o Senhor disse a Moisés: “Repara que vou fazer com que tu sejas para o faraó como um deus e Aarão, teu irmão, será o teu profeta”. Êxodo 7: 1.

[Trad. 10] “Assim fala o Senhor: “Os trabalhadores egípcios, os comerciantes etíopes, os povos de Seba, de alta estatura, todos passarão diante de ti e serão teus. Estes povos irão atrás de ti com cadeias, inclinar-se-ão diante de ti e dir-te-ão em súplica: “Não há

outro Deus se não o teu; todos os outros não são nada!” Na verdade, tu, és um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador”. Isaías 45: 14-15.

5 [Trad. 11] “Eis o que o Senhor declara a Ciro, seu escolhido: “Eu peguei-te pela mão: vou fazer com que as nações se sujeitem a ti e que os reis fiquem sem poder. Vou fazer com que os batentes das portas das cidades se abram de par em par diante de ti”. Isaías 45: 1.

10 [Trad. 12] Vieira equivocou-se aqui quanto ao livro citado (caps. 24 e 26); trata-se de I Samuel (I Reis na Vulgata) e não de II Samuel (II Reis na Vulgata). E disse aos seus companheiros: “Deus me livre de cometer semelhante crime, contra o meu rei, o escolhido do Senhor. Não levantarei a mão contra ele, pois ele é o escolhido do Senhor”. I Samuel 24: 7.

15 [Trad. 13] “Mas David disse-lhe: “Não o mates, porque ninguém pode levantar a mão contra o rei escolhido pelo Senhor, sem ser castigado”. I Samuel 26: 9.

[Trad. 14] “...e tinha-lhe assegurado que não havia de morrer sem ver o Messias enviado por Deus”. Lucas 2: 26.

20 [Trad. 15] “Não toquem nos meus escolhidos nem maltratem os meus mensageiros”. Salmos 105: 15.

25 [Trad. 16] “Continuei a olhar, durante essa visão nocturna, e vi algo semelhante a um ser humano. Aproximou-se de mim, rodeado de nuvens, e dirigiu-se ao ancião de longa idade e foi-lhe apresentado. A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 13-14.

5

Questão 13^{a1}

**Se a² dignidade e jurisdição temporal deste
Monarca será de direito humano ou divino?**

10 ³ Suponho, com o Padre Soarez, *De Legibus*, que a dignidade e jurisdição deste
Monarca, como de qualquer outro, será de direito divino ou humano conforme a
eleição dele for humana ou divina. Consta pelos exemplos de ùa e outra eleição
alegados pelo mesmo Soarez, porque El Rei Saul e El Rei David, ungidos ambos,
15 por mandado de Deus, pelo Profeta Samuel, tiveram conseguintemente a jurisdição
real de direito divino, e os outros Reis, electivos ou hereditários, feitos por sufrágio
dos po[vos] ou repúblicas, em que está o poder ordinário de os eleger, têm a mesma
jurisdição de direito humano. De sorte que então é humano o direito da jurisdição
quando o Rei é eleito pelos homens, e então é divino o mesmo direito quando o Rei
é eleito por Deus. Donde se deve advertir que, ainda que à primeira eleição divina
20 suceda outra humana, nem por isso o direito do Rei deixa de ser divino, como
aconteceu nos dous exemplos alegados, em que assi Saul como David⁴, depois de
serem ungidos privadamente por mandado de Deus, tornaram outra vez a ser
ungidos publicamente por nova eleição ou aceitação do povo. Tudo refere a
História Sagrada no 1º e 2º⁵ Livro dos Reis.⁶ O que posto,

25 ⁷ Digo, em 1º lugar, que⁸, sem novidade nem maravilha extraordinária, poderá
ser divina e de direito divino a eleição e erecção deste Monarca. Prova-se, desde a
Monarquia de Adão (que tanto teve de divina como de natural), por muitas outras
eleições de pessoas e officios (maiores e menores)⁹, em que¹⁰ a dignidade juntamente
e os poderes foram¹¹ recebidos imediatamente de Deus. Noé, segundo Adão do
30 segundo e renovado mundo, foi eleito para conservador e reparador dele por
nomeação divina, recebendo da boca do mesmo Deus (como se lê no capítulo 1º dos
Gênesis) o poder e ordens de tudo o que havia de fazer, sendo as ordens tão
extraordinárias como a obra e *fábrica nunca vista daquela grande arca, e sendo
tão extraordinário o poder como o que era e foi necessário para meter dentro nela
35 o mundo. Moisés, que na sua vara teve delegados os poderes da omnipotência, da
mão de Deus os recebeu também com a dignidade e título de Deus de Faraó, que

¹ Questão 13^a] [O 3 foi escrito sobre um 1. Ao lado do número da questão pode ler-se: não vai no papel dos autos.]

² a] [segue-se jurisdição risc.]

³ [60 em BN.]

⁴ David] [segue-se uma palavra risc.]

⁵ e 2º] [na marg.]

⁶ Reis.] [seguem-se várias palavras risc.]

⁷ [61 em BN.]

⁸ que] [segue-se não risc.]

⁹ (maiores, e menores)] [segue-se que risc.]

¹⁰ [fl. 142v.]

¹¹ foram] [entrel. a substituir foi risc. na linha.]

exercitou, não só na prodigiosa liberdade do cativo do Egípto¹² e passagem do Mar Vermelho, mas na promulgação da¹³ Lei, na¹⁴ fábrica do tabernáculo e na¹⁵ peregrinação do deserto por espaço de quarenta anos,¹⁶ que é a matéria de todos os livros do Êxodo, Números, Levítico e Deuterónimo. Josué, que¹⁷ de ministro de Moisés lhe sucedeu na dignidade e jurdição, a qual foi¹⁸ tão ampla e sem limite que não só venceu e sujeitou com ela vinte e um Reis, parou a corrente do Jordão, derrubou os muros de Jericó, mas chegou a mandar no mesmo céu e ser obedecido do sol e da lua, também é certo que recebeu todo este excesso de poder¹⁹ da boca e mão de Deus, que só lho podia dar, e assi o refere o texto sagrado na história do mesmo Josué, capítulo 1²⁰ Tal foi a eleição de Judá²¹, que sucedeu, por morte de Josué, no governo do Povo, tal a de Otoniel e de Gedeão, o primeiro eleito para libertar o mesmo povo da sujeição dos *Mesopotâmicos e o segundo da dos *Madianitas, tal a de Judas Macabeu, a quem Jeremias, em visão, entregou a espada de ouro dizendo: *Accipe sanctum gladium manus a Deo, in quo deiicies adversarios populi mei Israel*²² [Trad. 1], tal a de Samuel, para reparador da ruína de Heli, tal a de Salamão, para edificador do templo, tal a de Jeú²³, para vingador da Casa de Acab, tal a de Jeremias, para dissipador e fundador de reinos e monarquias, e outras muitas, que por brevidade deixo, no Testamento Velho. Tal, finalmente, foi²⁴, no Testamento Novo²⁵, a eleição de S. Pedro e dos outros Apóstolos, eleitos por Cristo neste mundo²⁶ para Príncipes e pedras fundamentais de sua Igreja e acessores de seu universal juízo, entrando neste sagrado número o grande vaso de eleição, S. Paulo, com aquela prerrogativa e exemplo singular de decer o mesmo Cristo do céu só a elegê-lo, título de que o mesmo S. Paulo tanto com razão se preza, como se vê na inscrição da sua Epístola aos Gálatas,²⁷ onde começa: *Paulus Apostolus non ab hominibus neque per hominem sed per Iesum Christum et Deum Patrem* [Trad. 2]. E se entre as eleições das Escrituras Canónicas podem ter lugar as autênticas, posto que humanas, tal foi também a do primeiro Rei de Portugal, D. Afonso²⁸, em nada inferior à de David e Saul, pois *o mesmo Cristo crucificado, cercado de resplandores, visto e ouvido sensivelmente, lhe deu o título de Rei, lhe fundou o reino, lhe sinalou as armas, lhe segurou a vitória, lhe prometeu as conquistas e lhe cumpriu tudo. Nem faltam outros exemplos de eleições feitas por Deus e confirmadas com sinais e efeitos prodigiosos,

¹² do Egípto,] [*na marg.*]

¹³ da] [*no original a, provavelmente por lapso.*]

¹⁴na] [*entrel.*]

¹⁵ na] [*entrel.*]

¹⁶ anos,] [*segue-se uma palavra risc. na marg.*]

¹⁷ que] [*segue-se uma abreviatura de que risc.*]

¹⁸ foi] [*entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.*]

¹⁹ de poder] [*na marg.*]

²⁰ 1º] [*segue-se Tal foi risc.*]

²¹ Judá] [*no original parece ler-se Judas, o que a confirmar-se só poderia, dado o contexto, ser lapso de Vieira.*]

²² tal a de Judas Macabeu.... mei Israel,] [*na marg.*]

²³ Jeú] [*na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.*]

²⁴ foi] [*entrel.*]

²⁵ Novo] [*entrel.*]

²⁶ por Cristo neste mundo] [*na marg.*]

²⁷ Gálatas,] [*segue-se um P risc.*]

²⁸ Dom Afonso] [*na marg.*]

como, nos Anais Eclesiásticos, a de S. Gregório Papa, a de S. Ambrósio, a de S. Nicolau, a de²⁹Alexandre Carbonário;³⁰ e nas crônicas dos reinos católicos, a d'el Rei [Clodoves], a d'el Rei [Ubanta], a do Emperador Henrique Pio³¹, e a daquela vulgarmente chamada Madamisela de Orleans, que libertou a França do jugo de Inglaterra, *cuja espada se mostra hoje entre as notaveis relíquias do tesouro de S. Dionísio, e outros, assi eclesiásticos como seculares, de semelhante maravilha e autoridade. Sendo logo tantas e por tantas vezes as pessoas particulares que Deus por si mesmo elegeu e publicamente habilitou, autorizou e armou com tão extraordinários poderes para fins menos universais, ou do mundo ou de sua Igreja, rezão parece que³² tivemos em dizer que³³, sem novidade nem extraordinária maravilha, poderá também ter parte neste privilégio ou prerrogativa aquele futuro Monarca, recebendo a dignidade, poder e jurisdição temporal do consumado Império de Cristo por eleição própria e conhedidamente divina, pois o fim para que Deus o há-de levantar no último estado de sua Igreja é a sua maior glória e exaltação, à qual todas as obras e maravilhas divinas desde o princípio do mundo foram ordenadas e dirigidas, sendo principalmente o conhecimento público desta mesma eleição do céu o meio mais fácil, eficaz e suave com que a soberania hereditária de tantos Príncipes se poderá sujeitar e unir³⁴ à voluntária obediência de ãa coroa.

³⁵ Em 2º lugar digo que não é necessário que esta eleição haja de ser divina, porque, assistido somente daquela especial Providência com que Deus costuma concorrer para os casos e cousas maiores do governo do mundo, poderá o dito Monarca conseguir o império temporal dele pelos meios da eleição, aceitação ou sujeição humana. E a razão, fundada na experiência, é porque, por estes meios, sem outros mais extraordinários nem milagrosos, se viu por muitas vezes sujeita a maior e mais belicosa parte do mundo ou o mundo todo que antigamente era conhecido ao império de um só homem. Exemplo sejam os famosos quatro impérios que têm precedido ao mesmo Quinto. No império dos Assírios, era tão estendido o domínio de Nabucodonosor e tão universal sobre toda a redondeza da terra como Deus lhe representou naquela protentosa árvore, cuja altura chegava ao céu, em cujos ramos habitavam todas as aves e debaixo de cuja sombra pasciam todos os animais: Tu es Rex (lhe disse Daniel explicando-lhe a visão no capítulo 4º) qui magnificatus es, et invaluable; et magnitudo tua crevit, et pervenit usque ad caelum et potestas tua in terminis universae terrae [Trad. 3]. No império dos Persas e Medos, qual fosse o domínio de Assuero e quão universal em todo mundo consta bem do capítulo 10 ³⁶ de Ester, onde diz o texto sagrado: Rex vero Assuerus omnem terram et cunctas maris insulas fecit tributarias [Trad. 4]; e reduzindo a número certo os reinos que lhe obedeciam, diz nomeadamente o mesmo texto, no capítulo 1º, que eram cento e vinte sete: In diebus Assueri qui regnavit ab India usque ad Ethiopiam super centum et viginti septem provincias [Trad. 5], onde se

²⁹ a de] [entrel.]

³⁰ Carbonario;] [segue-se uma palavra risc.]

³¹ a do emperador Henrique Pio] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

³² parece que] [entrel.]

³³ que] [seguem-se na risc.]

³⁴ [fl. 143r.]

³⁵ [62 em BN. Vieira retoma aqui o texto amulado na questão 10ª (Cf. anexo 10), apenas com as reformulações necessárias.]

³⁶ 10] [sublinhado no original.]

há-de advertir que estas províncias não são aquelas pequenas repartições em que hoje se dividem os reinos, senão aqueles grandes pedaços do mundo em que o mesmo mundo antigamente se demarcava, como as Espanhas, as Gálias, as Germânicas e outras de semelhante grandeza. No império dos gregos, foi tal a potência de Alexandre Magno e tal a fama e grandeza de suas vitórias que diz dele a Escritura Sagrada no capítulo 1º do 1º Livro dos Macabeus: Silvit³⁷ terra in conspectu eius [Trad. 6]. E posto que com suas armas e exércitos não andasse Alexandre, nem conquistasse muitas partes da terra, bastou só o nome e fama delas para que todas as nações, muito de longe, se lhe³⁸ rendessem e sujeitassem. De sorte que, quando, voltando do Oriente, entrou outra vez em Babilónia, achou nela, como escreve Justino, os Embaixadores de todas as províncias da África e da Europa, que voluntariamente lhe iam oferecer obediência, entrando neste número, como refere Plínio, os mesmos Romanos, cujo nome e república naquele tempo era já formidável no mundo. Finalmente, no Império Romano, que foi o último dos quatro, de quão dilatado e universal fosse o domínio de Augusto César baste o testemunho do Evangelista S. Lucas, no capítulo 2º: exiit edictum a Caesare Augusto ut describeretur universus orbis [Trad. 7]. O Cardeal Caietano refere as palavras deste édito, e posto que Maldonado lhe pergunte discretamente em que cartório as achou, é certo que todas as nações do mundo até então conhecido obedeceram àquele império, e que dos tempos de Augusto se pode afirmar com toda a verdade o que deles diz o Martirólogo Romano no nascimento de Cristo: Toto mundo in pace composito [Trad. 8]. E se a Providência divina, obrando pouco mais que ordinariamente, deu esta grandeza e universalidade de império a Nabuco, a Assuero, a Alexandre, a Augusto e a seus sucessores, se deu esta grandeza e universalidade de império a quatro bárbaros que adoravam a Júpiter, a um Príncipe e Monarca cristão, adorador e ministro de Cristo, e no império do mesmo Cristo, porque há-de ser grande maravilha que lhe dê a Providência divina, sem milagre³⁹, a mesma e muito maior grandeza! Se não nos admira a grandeza dos quatro impérios e a obediência universal que naturalmente lhe deu o mundo, sendo de tais homens, porque nos há-de admirar a do quinto, sendo de Cristo!

Bem conheço e confesso⁴⁰ que a grandeza do Império de Cristo, quando consumado, há-de exceder muito a universalidade dos quatro primeiros, e que só ele há-de ser própria e adequadamente⁴¹ universal⁴², compreendendo, abraçando e dominando todas as outras partes e nações do mundo que naqueles antigos tempos não eram conhe⁴³cidas. Mas quando vemos que, depois do descobrimento dos novos mundos, um reino tão pequeno como Portugal estendeu por todos eles sua Monarquia, e que as leis e ordens de seus Reis, estando em Europa, foram lá sempre observadas e obedecidas, e que, se não fora por falta dos mesmos Reis naturais, nenhũa maravilha seria que o curso das vitórias dos Portugueses, assi como tinha já sujeitado à sua coroa tantos reinos e nações da África, Ásia e América, sujeitasse também todas as⁴⁴ outras, quem haverá que peça milagres à

³⁷ Silvit] [*segue-se in risc.*]

³⁸ lhe] [*entrel.*]

³⁹ sem milagre] [*na marg.*]

⁴⁰ confesso] [*segue-se ago- risc.*]

⁴¹ adequadamente] [*na marg.*]

⁴² universal] [*segue-se o que parece ser um sinal de acresceto risc.*]

⁴³ [fl. 143v.]

⁴⁴ todas as] [*no original todas, aparentemente por lapso.*]

Providência para os progressos e governo do Império de Cristo e para a sujeição e obediência de seu Monarca? E para que não argumentemos de menor reino a maior, senão de igual a igual, é sentença de Padres e Teólogos universalmente recebida (como doutra e largamente prova Malvenda, no livro *De Ante Cristo*, e Soares, e Leonardo Lessio, *Contra Errores Anglicanos*) que, enquanto durar no mundo a monarquia do Ante-Cristo, há-de ser seu domínio e império tão propriamente universal sobre todo ele que em todos os reinos, cidades e nações seja reconhecido e obedecido como único Rei e Senhor supremo. E se tudo isto há-de conseguir a tirania de um homem, sem mais assistência divina que a de suas permissões, que será naquele soberano império e santa monarquia, em cujos progressos e consumados aumentos há-de entrar Deus e sua Providência com todos os empenhos de sua vontade? Não serão logo absolutamente⁴⁵ necessários para este fim tão extraordinários concursos da Providência divina que, excedendo a eficácia de especiais e particulares, passem ao extremo de milagrosos. Milagre humano parecerá a sujeição e união permanente de todos os Príncipes debaixo⁴⁶ de um só Príncipe, mas aquele gram Senhor que, para remédio do mundo, antes de morrer por ele, debaixo do império de Noé uniu as serpentes, aves e animais terrestres em ùa arca, e debaixo do império de Adão, além de todos estes animais, sujeitou também os pexes, que são mais indómitos, sendo certo que tem em sua mão (como diz o Espírito Santo⁴⁷) os corações dos Reis, com a mesma facilidade os moverá naquele tempo a que obre neles a razão o que nos brutos o instinto, e que, não só todos pelo bem e felicidade geral do género humano, mas cada um em particular pelo sossego, conservação e perpetuidade de sua coroa, as queiram concordemente sujeitar e unir ao reconhecimento universal de ùa suprema.

De todo este discurso, se me não engano,⁴⁸ fica suficientemente mostrado que nem será cousa nova nem absolutamente necessária que a erecção deste supremo Monarca seja por eleição própria e conhecidamente divina; e que, sem o seu ceptro se converter em serpente, como a vara de Moisés, nem florecer entre os demais, como a vara de Arão, poderá ser recebido, adorado e obedecido de todos os outros Príncipes. Mas porque nem Deus ama menos a Igreja da Lei da graça do que amou a da escrita e da natureza, nem está tão cansada ou enfraquecida sua onipotência que para a maior obra de sua glória e fim consumado de todas não obre algũa particular maravilha,

⁴⁹ digo e me parece, em 3^o e último lugar, que a pessoa deste futuro Monarca será tão eminente em algũa ou algüas qualidades das que Deus não costuma conceder senão extraordinariamente (ou seja dentro, ou fora, ou sobre os limites da natureza) que por ela ou por elas concilie tal respeito e veneração de todas as nações e Príncipes do mundo que, depois de o conhecerem por homem feito e dado por Deus, como a tal, sem repugnância nem violência o aceitem, antes com grata e concorde vontade o aclamem, sigam e obedçam. Estrangeiro e⁵⁰ peregrino era Abraão na terra dos *Cananeus, e pela eminência e⁵¹ conhecimento de sua rara⁵²

⁴⁵ absolutamente] [na marg.]

⁴⁶ debaixo] [no original debaixo com -ba- risc.]

⁴⁷ Santo] [entrel.]

⁴⁸ engano,] [no final da palavra encontram-se duas letras risc. e substituídas por uma vírgula.]

⁴⁹ [63 em BN.]

⁵⁰ e] [no original ê, embora neste caso não se trate de marca de tonicidade da vogal.]

⁵¹ eminência e] [na marg.]

⁵² rara] [entrel.]

felicidade, mais que pelo de sua santidade (de que não eram capazes), o veneraram, não só por Príncipe, mas por Príncipe de Deus. Princeps Dei es apud nos [Trad. 9], lhe disseram, no capítulo 23 do Génesis, onde a palavra *es* não é do tempo e⁵³ modo indicativo, senão do imperativo, e vale o mesmo que *esto*.⁵⁴ Estrangeiro, e sobre estrangeiro escravo, era José no Egípto, e pela eminência de sua sabedoria, sendo os mais prezados de sábios os mesmos Egípcios, lhe entregaram voluntariamente o supremo lugar de seu próprio reino, querendo ser mandados e governados por ele não com menos estrondoso título que o de salvador do mundo: appellaverunt eum lingua Egiptiaca salvatorem mundi [Trad. 10], diz o texto do mesmo Livro do Génesis, capítulo 41⁵⁵. Não era estrangeiro Sansão, mas era de humilde tribo e família, que é o maior e mais intolerável defeito⁵⁶ entre os⁵⁷ naturais, mas como tinha tão boas mãos que desqueixava leões, e com a queixada de um animal vencía exércitos, não só de homens, senão de *Felisteus, a eminência destas prodigiosas forças⁵⁸ e valor o levantaram tanto sobre sua nação que, por comum sufrágio ou respeito de toda⁵⁹ ela, a governou e regeu todos os anos de sua vida, como refere a História dos Juizes, no capítulo 16.⁶⁰ O mais soberbo Rei que houve no mundo foi Nabucodonosor, e tão soberbo que, como consta do 3º capítulo de Daniel e do 1º De Iudiciis, se mandou adorar por Deus, e que em toda a terra⁶¹ não fosse outro Deus adorado senão ele, mas este mesmo soberbíssimo e potentíssimo Rei, tanto que reconheceu em Daniel o espírito do céu com que lhe repetira e interpretara o sonho, diz o texto sagrado, no capítulo 2º de sua profecia, que logo se prostrou deante dele, e com o rosto em terra o adorou:⁶² tunc Rex Nabucodonosor cecidit in faciem suam et Daniele adoravit⁶³ [Trad. 11]; porque não há grandeza nos Reis tão grande nem soberba tão soberba que, à vista de um sinal conhecidamente divino, se não renda, humilhe e sujeite àquele em que Deus o tem posto. A causa da morte de Cristo, como dizia o título da cruz, foi a calúnia de que se fazia Rei, e não quererem os Judeus⁶⁴ que o fosse; e estes mesmos homens que por esta mesma causa ou pretexto tiraram a vida a Cristo, à vista do milagre do deserto estiveram tão rendidos e deliberados, não só a o reconhecerem por Rei, mas a o fazerem, que, se Cristo não fugira deles e se metera pelo monte, por força e violentamente o haviam de aclamar ou, como diz a palavra própria do texto no capítulo 6º de S. João, o haviam de arrebatat e fazer Rei: Ut raperent eum et facerent eum regem [Trad. 12].

E são tão poderosos estes sinais de assistência divina, ou para os homens fazerem Reis ou para os Reis se sujeitarem e respeitarem a qualquer homem, que não é necessário ser o⁶⁵ mesmo homem o obrador do milagre, mas basta somente o

⁵³ e] [segue-se indicativo risc.]

⁵⁴ lhe disseram....que esto.] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

⁵⁵ 41] [sublinhado no original. Seguem-se várias palavras risc.]

⁵⁶ que é o maior e mais intolerável defeito] [na marg.]

⁵⁷ os] [no original seus com as duas primeiras letras risc.]

⁵⁸ [fl. 144r.]

⁵⁹ toda] [segue-se ela risc., já na marg.]

⁶⁰ 16] [sublinhado no original.]

⁶¹ terra] [segue-se uma letra ou abreviatura risc.]

⁶² que logo...o adorou:] [na marg.]

⁶³ adoravit.] [segue-se uma abreviatura de que risc.]

⁶⁴ os Judeus] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁶⁵ o] [segue-se homem risc.]

milagre seja obrado no homem para conciliar nos homens e nos Reis o sumo respeito. Sendo *Nínive a maior cidade, a maior corte e a cabeça do maior império do mundo, foi tão notavel o respeito e autoridade que teve sobre todos os Ninivitas Jonas, sendo um homem só, estrangeiro, desconhecido e lançado de repente
 5 naquelas praias, que, *à voz e pregão de cinco palavras suas⁶⁶, o Rei se deceu do trono, rasgou a púrpura, depôs o ceptro e coroa e se lançou⁶⁷, com toda a mesma cidade, por terra. Mas como Jonas era um homem engolido da balea e vomitado outra vez vivo por ela, a estranheza do prodígio e o ser Jonas o sujeito em que Deus o obrara é o que lhe grangeou todo aquele respeito e autoridade sobre o maior
 10 reino e sobre o maior Rei do mundo, não por ser o estrangeiro quem era nem por dizer o que dizia, mas por aquele character e firma de Deus com que o viam assinalado. Assi, nem mais nem menos, me parece que o homem ou sujeito destinado para Monarca temporal do império consumado de Cristo não poderá deixar de ser⁶⁸ assinalado por algum dos três modos referidos em algũa eminente e
 15 notavel prerrogativa, ou absolutamente sobrenatural ou⁶⁹ fora do uso ordinário da natureza, a qual prerrogativa seja como um sinal ou firma da⁷⁰ mão de Deus, que mostre ser aquele homem feito, dado e elegido por ele, e como feito o venerem, como dado o aceitem e como elegido o reconheçam e obedeçam por supremo Rei e Monarca de todos, concorrendo Deus e os homens à erecção desta nova e universal coroa e sendo a eleição dela não só divina nem só humana, mas juntamente
 20 humana e divina. Assi parece que o representa⁷¹ por termos bem expressos a história da 2^a visão de Daniel, a qual, falando do quasi filho do homem, diz: et ecce quasi filius hominis veniebat, et usque ad antiquum dierum pervenit et in conspectu⁷² eius obtulerunt eum et dedit ei potestatem et honorem et regnum, et
 25 omnes populi⁷³ tribus et linguae ipsi servient [Trad. 13]. De maneira que, se bem se repara, para a erecção, instituição e coroação deste Monarca, não só concorreu Deus nem só os homens, senão os homens e Deus juntamente, os homens aprovando, oferecendo e presentando a pessoa: in conspectu eius obtulerunt eum; e Deus dando o poder, a honra e a coroa:⁷⁴ et dedit ei potestatem et honorem et regnum.

35

40

⁶⁶ suas] [entrel.]

⁶⁷ lançou] [segue-se por terra risc.]

⁶⁸ de ser] [na marg.]

⁶⁹ ou] [segue-se sobre risc.]

⁷⁰ da] [corrigido sobre de. Segue-se Deus risc.]

⁷¹ o representa] [na marg. a substituir o diz risc. na linha.]

⁷² conspectu] [segue-se eius risc.]

⁷³ populi] [segue-se et risc.]

⁷⁴ coroa:] [segue-se et Dei... risc.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “Jeremias estendeu a mão direita e entregou uma espada de ouro a Judas, enquanto lhe dizia o seguinte: “Recebe esta espada sagrada, que é um presente que Deus te está a dar, e com ela acaba com os teus inimigos”. II Macabeus 15: 15-16.

10

[Trad. 2] “Eu, Paulo, chamado para ser apóstolo, não pelos homens nem por qualquer intermediário humano, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que ressuscitou Jesus da morte...”. Gálatas 1: 1.

15

[Trad. 3] “Majestade, vós sois a grande árvore, alta e forte. Vossa Majestade cresceu tanto que chega ao céu e o seu poder chega até aos confins da terra”. Daniel 4: 19.

[Trad. 4] “O rei Xerxes impôs um tributo a todos os súbditos do continente e das ilhas”. Ester 10: 1.

20

[Trad. 5] “Isto aconteceu no tempo de Xerxes, que reinou sobre cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até à Etiópia”. Ester 1: 1.

25

[Trad. 6] “Ele foi até aos lugares mais distantes do mundo e saqueou as riquezas de muitos povos. Quando já não havia mais países para conquistar, ele envaideceu-se, e o seu coração encheu-se de orgulho”. I Macabeus 1: 3.

[Trad. 7] “Por essa altura, o imperador Augusto deu ordem para se fazer o recenseamento de toda a população do Império Romano”. Lucas 2: 1.

30

[Trad. 8] “Todo o mundo concertado em paz” Martirológio Romano.

[Trad. 9] “Escute o que temos a dizer-lhe, senhor! Nós consideramo-lo no meio de nós como um escolhido de Deus. Pode sepultar a sua mulher no melhor dos nossos sepulcros. Nenhum de nós lhe recusará um sepulcro”. Génesis 23: 6.

35

[Trad. 10] “O faraó deu a José o nome de Safnat-Panea e deu-lhe em casamento Assenat, filha de Potifera, sacerdote de Heliópolis. Depois, José saiu dali para ir percorrer todo o Egipto”. Génesis 41: 45.

40

[Trad. 11] “Então o rei Nabucodonosor inclinou-se respeitosamente até ao chão diante de Daniel e deu ordens para que lhe apresentassem sacrifícios e ofertas”. Daniel 2: 46.

[Trad. 12] “Jesus percebeu que queriam levá-lo à força para o proclamarem rei e retirou-se de novo sozinho, para o monte”. João 6: 15.

45

[Trad. 13] “Continuei a olhar, durante essa visão nocturna, e vi algo semelhante a um ser humano. Aproximou-se de mim, rodeado de nuvens, e dirigiu-se ao ancião de longa idade e foi-lhe apresentado. A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira

que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído". Daniel 7: 13-14.

5

Questão 8ª.

10

...nas gentes, ou nos reys & senhores dellas; em todos estes três sentidos responderey à questão por outras três conclusões.

15

...sogeita a este supremo Imperio. He expressa esta conclusão...

20

...Imperio, que he o de Christo, como declarou...

25

30

35

40

45

5

Questão 14^{a1}

²Quanta será a grandeza e até onde se estenderá
o império consumado de Cristo?

10 ³ Esta grandeza e extensão do império consumado de Cristo, ou se pode considerar
nas terras, ou nas gentes e seus Reis⁴. Em um e outro sentido, responderei à questão
por⁵ três⁶ conclusões.

15 ⁷ 1^a Conclusão. ⁸Quanto à extensão das terras, os termos e limites da mesma terra
serão os termos e limites do império consumado de Cristo. De sorte que todas as partes
do mundo, conhecidas e não conhecidas, e toda a redondeza da terra, quão grande é e
quão grande Deus a criou, em todos os lugares onde hoje é habitada ou se habitar nos
20 tempos futuros, será inteira e universalmente sujeita⁹ ao quinto e último império, que
dissemos ser o império consumado de Cristo e dos cristãos. ¹⁰É expressa esta
conclusão primeiramente dos dous textos capitais do Profeta Daniel.¹¹ Na visão do
capítulo 2^o diz: Lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus et replevit
universam terram [Trad. 1]; e sendo certo e de fé que esta pedra significa o quinto e
último império, como declarou o mesmo Daniel no mesmo capítulo, claramente se vê
25 que este império há-de reinar ou dominar sobre toda a terra, ou a¹² há-de encher toda,
como diz o texto, que é ainda palavra mais enfática e significativa, porque com ela se
exclui qualquer outro império e domínio antecedente. Assi o afirma também¹³ o mesmo
texto no mesmo lugar com admiravel expressão, falando dos impérios e domínios que
precederam ao quinto, significados nos metais da estátua, dos quais diz que totalmente
desapareceram do mundo e não tiveram mais lugar nele: Tunc contrita sunt pariter
30 ferrum testa aes argentum et aurum et redacta quasi in favillam aestivae areae quae rapta
sunt vento, nullusque locus inventus est eis [Trad. 1], de modo que, em todo o mundo,
não ficou lugar algum a outro império ou domínio antecedente, e o quinto foi o que, dali
por diante, encheu e dominou inteiramente toda a redondeza, extensão e capacidade da
terra. ¹⁴Na visão do capítulo 7^o se confirma e repete o mesmo, ainda com mais

¹ Questão 14^a] [o 4 foi desenhado sobre um 2. Ao lado pode ler-se: no papel. dos autos a 8^a
Efectivamente o texto volta aqui a coincidir com a referida questão de TT.]

² [64 em BN.]

³ [§ 95 na ed. de HC.]

⁴ e seus Reis] [na marg.]

⁵ por] [segue-se duas risc.]

⁶ [fl. 144v.]

⁷ [65 em BN.]

⁸ [§ 96 na ed. de HC.]

⁹ inteira e universalmente sujeita] [na marg. a substituir sujeita risc. na linha.]

¹⁰ [§ 97 na ed. de HC.]

¹¹ Daniel.] [segue-se o início de uma palavra risc.]

¹² a] [entrel.]

¹³ Assi o afirma também] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

¹⁴ [§ 98 na ed. de HC.]

...termos. **Descrevendo...**

5

10

... ou Daniel os **comentara** a elles.

O Profeta Zacharias, no **famoso texto** do capitulo 14...

15

20

...de Christo. **E assi** o torna a repetir...

... **no ultimo** verso...

25

30

35

40

45

encarecidos termos, **porque**¹⁵, **descrevendo** ou resumindo o Anjo a grandeza do novo e quinto império que a estes havia de suceder, para que não ficasse de fora¹⁶ parte algũa de quantas compreende a terra¹⁷ ou se não pudesse dizer que falava o texto somente das terras até àquele tempo descobertas e conhecidas, diz expressa e declaradamente que a

5

grandeza, extensão e potestade do dito império¹⁸ terá por balizas e limites tudo o que cobre o céu, *em forma que tudo o que está debaixo dele estará também debaixo deste império de Cristo e dos cristãos: Regnum autem potestas et magnitudo regni quae est subter omne caelum detur populo sanctorum altissimi [Trad. 2].

¹⁹ Com os textos destas duas visões concordam de tal modo os outros Profetas, assi do Velho como do Novo Testamento, assi os que foram antes como os que vieram depois de Daniel, como se eles explicaram a Daniel ou Daniel os **explicara** a eles. O Profeta Zacarias, no²⁰ **texto já alegado e que ainda se tornará a alegar**, do capítulo 14, diz: Et erit dominus Rex super omnem terram, in die illa erit dominus unus, et erit²¹nomen²² eius unum [Trad. 3], palavras que nem desejar nem fingir²³ se podem mais

15 claras e expressas de haver de ser a extensão do²⁴ reino e império de Cristo sobre toda a redondeza e capacidade da terra, sendo o seu domínio o único que em toda ela seja obedecido, e o seu nome também o único que em toda ela seja venerado. David, com a mesma clareza, no salmo 71: Dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum [Trad. 4], quer dizer²⁵ que, onde quer que se estender e se

20 estende a geografia do mundo, ou seja naquelas partes onde se termina em mar ou naquelas onde se termina em terra, tudo será sujeito ao ceptro de Cristo. Assi o torna a repetir o **último** verso do mesmo salmo, dizendo, pela mesma frasi de Daniel: replebitur maiestate eius omnis terra, fiat, fiat²⁶ [Trad. 5]. No salmo 21²⁷, tinha²⁸ já David profetizado a mesma grandeza e extensão de terras ao reino de Cristo: Remiscentur et convertentur ad dominum universi fines terrae, quoniam domini²⁹ est regnum. E mais

25 abaxo: in conspectu eius cadent omnes qui descendunt in terram [Trad. 6], que é pontualmente o que, no salmo 2º, prometeu o Eterno Padre a Cristo quando o assentou à sua mão direita, dizendo: postula a me et dabo tibi gentes hereditatem tuam et

¹⁵ Porque] *[segue-se uma extensão de cerca de sete linhas de texto risc.: ...depois de dizer Daniel que a quarta Besta (na qual se compreendem os dez cornos, que são os dez reinos em que o Império Romano se dividiu, e também o corno pequeno que depois nasceu e dominou tanta parte ou partes do mesmo Império) fora convertida em pó e em cinza, e que às outras três Bestas, que são os outros três impérios, dos Assírios, Persas e Gregos, (isto é, as reliquias do domínio que deles ou neles tinha ficado) se lhe tirara todo o poder: et vidi quoniam interfecta esset Bestia, et perisset corpus eius et traditum esset ad comburendum ignis aliarum quoque bestiarum ablata esset potestas..]*

¹⁶ de fora] *[na marg.]*

¹⁷ a terra] *[entrel.]*

¹⁸ império] *[segue-se o início de uma palavra risc.]*

¹⁹ [§ 99 na ed. de HC.]

²⁰ no] *[segue-se uma palavra risc.]*

²¹ erit] *[entrel.]*

²² *[muda para fls. 208r em TT.]*

²³ fingir] *[segue-se uma palavra risc.]*

²⁴ a extensão do] *[na marg.]*

²⁵ Quer dizer] *[entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]*

²⁶ fiat.] *[segue-se uma extensão de cerca de duas linhas risc.: ...e como as coras deste Império de Cristo sejam duas, bem se pode repartir entre elas um e outro fiat: o primeiro com que já está confirmada por Deus a coroa de ouro, o segundo com que se confirmará a de prata.]*

²⁷ 21] *[sublinhado no original.]*

²⁸ tinha] *[segue-se já risc.]*

²⁹ *[fl. 145r.]*

5

10

...que he sinal (**como notão todos os Doutores**) de mayor firmeza...

...psalitte **Regi** psalitte...

15

20

25

...*omnem terram.*

Pella mesma linguagem...

30

...dicentes: **Facium** est Regnum...

35

40

45

possessionem tuam terminos terrae [Trad. 7], *e o que disse Ana, mãe de Samuel, no seu Cântico, Livro 1º dos Reis, capítulo 2º: Dominus iudicabit fines terrae et dabit imperium Regi suo et sublimabit cornu Christi sui [Trad. 8], e S. Paulo, no capítulo também 2º da Epistola ad Hebreos, explicando de Cristo e seu universal império aquele verso de David:

5 Minuisti eum paulo minus ab angelis gloria et honore coronasti eum et constituisti eum super opera manuum tuarum, omnia subiecisti sub pedibus eius, diz: non enim Angelis subiecit Deus orbem terrae futurum de quo loquimur. In eo enim quod omnia ei (hoc est Cristo) subiecit nihil demisit non subiectum ei [Trad. 9].

10 ³⁰ Isto profetizaram os Profetas falando de futuro, e como³¹ prometendo o que havia de ser, e o mesmo profetizaram também falando de pretérito e de presente, como vendo e aplaudindo o que já era, que é sinal, **como notam todos os Doutores**, de maior firmeza e do infalível efeito das profecias. David, no salmo 46: Psallite Deo nostro psallite, psallite **Regi nostro** psallite quoniam Rex omnis terrae Deus psallite sapienter [Trad. 10]. E, no mesmo salmo: quia dominus excelsus terribilis Rex magnus super omnem

15 terram [Trad. 11]. E no salmo 97³²: Iubilare deo omnis terra cantate et exultate et psallite. Psallite domino in cithara in cithara et voce psalmi iubilare in conspectu regis domini, moveatur mare et plenitudo eius orbis terrarum et qui habitant in eo³³ [Trad. 12]. E nos salmos 92 e 26³⁴, que ambos começam: Dominus regnavit [Trad. 13], em ambos assinala o Profeta os limites e demarcações deste gram reino, estendendo-as a toda a terra. No primeiro, diz: Dominus regnavit decorem indutus est, indutus est Dominus fortitudinem et praecinxit se etenim firmavit orbem terrae qui non commovebitur [Trad. 14], porque, dali em diante, não há-de ser o mundo vário e inconstante na fé do verdadeiro Deus e obediência de Cristo, como até então, senão firme e³⁵ perseverante.³⁶ No segundo, repete a mesma sujeição de toda a terra, não ùa só vez e por um só modo,

25 senão muitas e por muitos: Dominus regnavit exultet terrae laetentur insulae multae. Illuxerunt fulgura eius orbi terrae, vidit et comota est terra. Montes sicut cera fluxerunt a facie domini, a facie domini omnis terra. Quoniam tu Dominus altissimus super omnem **terram. Etc.** [Trad. 15].

30 ³⁷ Pela mesma linguagem, concordando o Testamento Novo com o Velho, fala S. João no seu Apocalipse, no fim da famosa visão das sete trombetas³⁸ (que é parte do capítulo 11)³⁹, dizendo que os efeitos da sétima e última foram os aplausos e aclamações que se ouviram no céu por o Reino de Cristo ter acabado de dominar todo o mundo, ou por todo o mundo (que são as palavras formais) estar feito reino de Cristo: Et septimus Angelus tuba cecinit, et factae sunt voces magnae in caelo dicentes: **factum** est regnum

35 huius mundi domini nostri, et Christi eius et regnabit in saecula saeculorum [Trad. 16]. E logo descreve a acção de graças que, por esta última vitória e consumado estabelecimento de seu reino, deram a Deus os 24⁴⁰ acessores de seu trono, postrados

³⁰ [§ 100 na ed. de HC.]

³¹ como] [segue-se vendo risc.]

³² 97] [sublinhado no original.]

³³ E, no salmo 97...in eo.] [na marg.]

³⁴ 92 e 26] [os números encontram-se sublinhados no original. O número 26 encontra-se errado. Trata-se do salmo 96 (97).]

³⁵ e] [entrel.]

³⁶ perseverante] [segue-se uma palavra risc.]

³⁷ [§ 101 na ed. de HC. Em BN não há espaço de parágrafo, mas um sinal a indicá-lo.]

³⁸ trombetas] [segue-se uma palavra risc.]

³⁹ ...11)] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁴⁰ 24] [sublinhado no original.]

...*orbem non ferrum*¹...

5

...& sogeitar a sy, como notarão...

10

15

..que o servirão ou servirão & lhe serão sogeitos...

20

25

...*gentium*. E no *Psalmo 85*...

30

...Domine. E **ultimamente** no *Psalmo*...

35

40

45

¹ *ferrum*] [leitura errada da lição de TT ferro.].

diante dele e dizendo: *gratias agimus tibi domine Deus noster omnipotens qui es et qui eras et qui venturus es, quia accepisti virtutem tuam magnam et regnasti* [Trad. 17].

⁴¹ Finalmente, este foi o mistério por que aquele Senhor de quem canta a Igreja: *domuit orbem non ferro sed ligno* [Trad. 18], levantou o troféu da cruz no meio da terra, como diz David: *operatus est salutem in medio terrae* [Trad. 19]; e sendo a mesma cruz o ceptro e a insígnia⁴² de seu império, como diz Isaías: *principatus eius super humerum eius*⁴³ [Trad. 20], quis que fosse instrumento de quatro pontas, com que sinalasse as quatro partes do mundo que, por meio dele, havia de render e sujeitar. **Assi o** notaram muitos Padres, cujos lugares recolheu diligentemente Velasquez ,e se podem ver nos seus comentários sobre a Epistola ad Philippenses.

⁴⁴ 2^a Conclusão. Quanto à extensão das gentes, serão súbditas e sujeitas ao império consumado de Cristo todas as gentes, todos os povos, todas as nações e línguas do mundo, de sorte que⁴⁵ não haverá⁴⁶ gente⁴⁷ alguma que o não conheça, nem língua que o não nomee e confesse por seu Senhor. É tão expressa de Daniel esta conclusão como a passada, porque, na visão segunda do capítulo 7^o, falando do poder e império dado ao filho do homem, diz que foi tão absoluto, supremo e universal que **o serviriam** e lhe seriam sujeitos todos os povos, todas as nações, todas as línguas: *et dedit ei potestatem et honorem et regnum, et omnes populi tribus et linguae ipsi servient* [Trad. 21].

⁴⁸ Concordam com Daniel os outros Profetas, e mais frequente e repetidamente que todos David: no salmo 21⁴⁹: *Adorabunt in conspectu eius universae familiae gentium, quoniam Domini est regnum et ipse dominabitur gentium* [Trad. 22]; no salmo⁵⁰ 46⁵¹: *Omnes gentes plaudite manibus iubilate Deo in voce exultationis quia dominus excelsus terribilis Rex magnus super omnem terram* [Trad. 23]; e no fim do mesmo salmo: *Regnabit Deus super gentes Deus sedet super sedem sanctam suam* [Trad. 24]; no salmo 71: *Adorabunt eum omnes reges terrae, omnes gentes servient ei* [Trad. 25]; e mais abaxo: *Benedicentur in ipso omnes tribus terrae omnes gentes magnificabunt eum* [Trad. 26]; no salmo 81: *quoniam tu haereditabis in omnibus gentibus* [Trad. 27], que é o que tinha dito no salmo 2^o: *dabo tibi gentes haereditatem tuam* [Trad. 28]; e no salmo 17: *constitues me in caput gentium* [Trad. 29], **no salmo 85**⁵²: *omnes gentes quascumque fecisti venient et adorabunt coram te domine* [Trad. 30], e, **finalmente**, no salmo 95⁵³: *Afferte domino patriae gentium, afferte domino gloriam et honorem, afferte Domino gloriam monini eius, tollite hostias et introite in atria eius adorete Dominum in atrio sancto eius, commoveatur a facie eius universa terra dicite ingentibus quia dominus regnavit* [Trad. 31].

⁴¹ [§ 102 na ed. de HC. Em BN não existe espaço de parágrafo, mas apenas uma marca.]

⁴² o ceptro e a insígnia] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

⁴³ eius] [entrel.]

⁴⁴[66 em BN. § 103 na ed. de HC.]

⁴⁵ de sorte que] [na marg. a substituir cerca de duas linhas de texto risc. na linha.]

⁴⁶ haverá] [a palavra foi emendada pelo corte das duas últimas letras.]

⁴⁷ gente] [segue-se uma abreviatura de que risc.]

⁴⁸ [§ 104 na ed. de HC.]

⁴⁹ 21] [sublinhado no original.]

⁵⁰ [fl. 145v.]

⁵¹ 46] [sublinhado no original.]

⁵² 85] [sublinhado no original.]

⁵³ 95] [sublinhado no original.]

...quando **elle** conseguir...

5 ...*pedibus eius*. **Isaias**...

10

...todas as naçoens, **& de todas** as linguas...

15

...por seu Rey **&² Senhor**...

20 ...em **Gretser³**...

25

30

...**Neste mesmo** sentido...

35

40

45

² &] [*leitura errada da lição de TT o*].

³ Gretser] [*leitura errada da lição de TT Gruster*].

54 S. Paulo, doutor das gentes, falando das mesmas gentes, que ainda naquele tempo estavam todas inimigas de Cristo, diz, no⁵⁵ capítulo 15 da 1^a Epistola ad Chorintios, que todas serão sujeitas ao mesmo Cristo quando ele reinar, isto é, **quando** conseguir o seu completo e consumado império.⁵⁶ Oportet illum regnare donec ponat
5 omnes inimicos suos sub pedibus eius⁵⁷ [Trad. 32]. **E Isaías** (que bem pode entrar no número dos Profetas da Lei da graça), no capítulo 45: mihi curvabitur omne genu et iurabit omnis lingua [Trad. 33], porque, no império consumado de Cristo, todos os joelhos o hão-de adorar e todas as línguas o hão-de confessar. Ao qual texto de Isaías aludiu S. Paulo quando disse, no 2^o⁵⁸ capítulo da Epistola ad Philipenses: Ut in nomine
10 Ieso omne genu flectatur et omnis lingua confiteatur quia dominus Iesus Christus in gloria est Dei Patris [Trad. 34]. E como todas as gentes e todas as línguas hão-de conhecer e obedecer a Cristo, por isso S. João, no Apocalipse, capítulo 7^o, diz que viu diante do seu trono toda aquela inumerável multidão de gentes, de todos os povos, de todos os tribos, de todas as nações, **de todas** as línguas: turbam magnam quam
15 dinumerare nemo poterat ex omnibus gentibus et populis et tribubus et linguis stantes antem thronum [Trad. 35]. ⁵⁹Finalmente, este foi também o mistério, como notam muitos Padres⁶⁰, porque o título da cruz se escreveu nas três línguas principais⁶¹: hebraica, grega e latina, significando que todas as línguas do mundo, representadas⁶² naquelas, haviam de confessar, aclamar e aplaudir por seu Rei o **Senhor** a quem já davam o mesmo título. Os
20 Padres se podem ver em **Gruser**, *De Cruce*, em **Salmeirão**, *De Passione*, e *novissime* em **Quaresmio**, *De terra Sancta*.

63 3^a Conclusão. Quanto à extensão dos Reis e reinos, será tão universal sobre eles o império consumado de Cristo como sobre todas as terras e todas as nações, de sorte que não⁶⁴ haverá reino, coroa nem Rei algum no mundo que a⁶⁵ este supremo império
25 não seja sujeito.⁶⁶ Também esta 3^a conclusão é tão expressa de Daniel como as duas precedentes, porque, interpretando o Anjo a visão 2^a, diz que⁶⁷ o império dos Santos do Altíssimo, isto é, como acima fica mostrado, o império de Cristo e dos cristãos, será tão superior a todo o poder, tão soberano sobre todo o soberano e tão supremo sobre todo o supremo que todos os Reis do mundo o sirvam e obedeam: Regnum autem et potestas
30 et magnitudo regni quae est subter omne caelum detur populo Sanctorum altissimi, cuius regnum regnum sempiternum est et omnes reges servient ei et obedient⁶⁸ [Trad. 36]. Neste sentido se hão-de entender também as palavras de Daniel na interpretação da primeira visão a Nabucodonosor, onde diz: in diebus regnorum illorum suscitabit Deus

⁵⁴ [§ 105 na ed. de HC.]

⁵⁵ no] [no original no no, certamente por lapso.]

⁵⁶ ao mesmo Cristo...império:] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

⁵⁷ eius.] [segue-se uma palavra risc.]

⁵⁸ 2^o] [sublinhado no original.]

⁵⁹ [§ 106 na ed. de HC.]

⁶⁰ [muda para fls. 209 em TT.]

⁶¹ principais] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶² representadas] [o início da palavra encontra-se fora da linha, o que se deve ao facto de se tratar de uma correção sobre uma palavra que começava na linha anterior. O início da palavra inicial foi riscado e substituído por outro tendo a parte final sido aproveitada.]

⁶³ [67 em BN. § 107 na ed. de HC.]

⁶⁴ não] [entrel.]

⁶⁵ a] [segue-se este risc.]

⁶⁶ [§ 108 na ed. de HC.]

⁶⁷ que] [segue-se uma palavra risc.]

⁶⁸ [§ 109 na ed. de HC.]

...(salvo de algum rebelde ou rebeldes, como se dirá em seu lugar)...

5 ...e obedecessem ao **Reyno de Christo** como...

...ha de tirar **aquelle titulo**...

10

15

20

25

30

35

40

45

caeli regnum quod in aeternum non dissipabitur,⁶⁹comminuet autem et consumet universa regna haec [Trad. 37]. Porque o reino e império de Cristo absolutamente não há-de desfazer os reinos dos Reis da terra⁷⁰, **salvo de algum rebelde ou rebeldes, como já citámos e se dirá em seu lugar**, porque doutra maneira não haveria Reis que servissem e obedecessem ao **seu reino**, como imediatamente acaba de dizer o mesmo Daniel e da prova desta conclusão constará mais claramente. Mas diz, contudo, o Profeta que o Reino de Cristo há-de consumir e desfazer todos os outros reinos, porque verdadeiramente lhes há-de tirar **a todos o título** de soberanos e supremos (que é a preeminência em que consiste o nome e essência do reino), sendo ele só o supremo e soberano. De modo que, em respeito dos próprios vassallos e dos outros reinos e Reis, serão reinos e serão Reis, mas em respeito⁷¹ do supremo império de Cristo, não serão própria e rigorosamente reinos nem Reis, porque todos lhe serão sujeitos, se bem esta gloriosa sujeição não lhes tirará os títulos de Reis, antes lhos confirmará mais, estabelecendo e perpetuando neles as mesmas coroas que tão inconstantes costumam ser nas variedades do mundo.

⁷² Os outros Profetas continuam concordemente na mesma consonância com Daniel, como na primeira e segunda conclusão, principalmente David que, como mais empenhado nas promessas e decendência desta coroa, escreve mais frequentemente suas grandezas. No salmo 45, incluindo em um verso a matéria de todas as três conclusões, isto é, as terras, as gentes e os reinos: Conturbatae sunt gentes et inclinata sunt regna dedit vobis suam mota est terra [Trad. 38]. No salmo 47⁷³, descrevendo a corte deste grande Rei à diferença dos outros Reis pequenos, diz: fundatur exultatione universae terrae mons Sion⁷⁴ latera aquilonis civitas Regis magni, quoniam ecce Reges terrae congregati sunt convenerunt in unum [Trad. 39], quer dizer que os Reis pequenos têm por corte ùa cidade e por vassallos os súbditos, mas este grande Rei terá por vassallos todos os Reis e por corte toda a terra. No salmo 71⁷⁵, depois de nomear em particular aqueles Reis que em seu berço adoraram a Cristo, diz que todos os da terra lhe farão as mesmas adorações e lhe renderão a mesma obediência: Adorabunt eum omnes Reges terrae, omnes gentes servient ei [Trad. 40]. No salmo 88⁷⁶, notando a soberania deste supremo Rei sobre todos os do mundo, diz, em nome de Deus, ou Deus por ele: ego primo genitum ponam illum excelsum prae regibus terrae [Trad. 41]. E no salmo 101⁷⁷: Timebunt gentes nomen tuum domine et omnes Reges terrae gloriam tuam [Trad. 42], onde a palavra *temor* não significa medo servil, senão obediência reverencial, assi como⁷⁸, no salmo 149⁷⁹, falando dos mesmos Reis, os grilhões e as cadeas não significam força ou violência, senão voluntária sujeição e amor: Ad alligandos Reges eorum in compedibus et nobiles eorum in manicis ferreis [Trad. 43]. Até aqui David.⁸⁰

⁶⁹ dissipabitur,] [segue-se uma palavra risc.]

⁷⁰ dos Reis da terra] [na marg.]

⁷¹ [fl. 146r.]

⁷² [§ 110 na ed. de HC.]

⁷³ 47] [sublinhado no original.]

⁷⁴ mons Sion] [na marg.]

⁷⁵ 71] [sublinhado no original.]

⁷⁶ 88] [sublinhado no original.]

⁷⁷ 101] [sublinhado no original.]

⁷⁸ como] [entrel.]

⁷⁹ 149] [sublinhado no original.]

⁸⁰ David] [aparentemente, seguiam-se várias palavras que terão sido apagadas e não riscadas como é costume. corrobora esta suposição o facto de se encontrarem dois pontos no início do parágrafo seguinte.]

5

10

15

20

...se verá (como neste mesmo lugar a via S. João) bordada & escrita.

25

...*Rex Judeorum*. Porque se deve notar que o titulo *_Rex Judeorum_* em Saul...

30

...como bem notou **Santo Agostinho, muitos outros...**

35

40

45

81 Isaias, no capítulo 49, falando na universalidade do império de Cristo até⁸² os extremos da terra, faz menção dos Reis e dos Príncipes com a mesma obediência e adoração: Reges videbunt et consurgent Príncipes, et adorabunt propter dominum quia fidelis est [Trad. 44]. E no capítulo 60⁸³, descrevendo o mesmo Profeta a última e consumada felicidade da Igreja (que por outro nome, como já dissemos, é o império consumado de Cristo), depois de dizer: Ambulant gentes in lumine tuo et Reges in splendore ortus tui⁸⁴ [Trad. 45], prossegue, com maravilhosa eloquência, o concurso dos mesmos Reis de todas as partes do mundo, seus embaxadores e seus tributos, dizendo que de dia e de noite se não fecharão suas portas, mas que sempre estarão abertas para lhes poder dar entrada: aperientur portae tuae iugiter, die ac nocte non claudentur ut afferatur ad te fortitudo gentium et regis earum adducantur [Trad. 46]. E, finalmente, conclui que nenhum Rei ou⁸⁵ reino ficará fora desta universal sujeição, porque ou se⁸⁶ sujeitará ou perecerá: gens enim et regnum quod non servient tibi peribit [Trad. 47]. Então se coroará perfeitamente a Igreja de Cristo, como S. João a viu coroada no capítulo 12 do seu Apocalipse, e ouviu aquela voz que clara e destintamente dezia: nunc facta est salus et virtus et regnum Dei nostri et potestas Christi eius [Trad. 48]. E então⁸⁷ será o mesmo Cristo também coroado, não com ùa só, senão com muitas coroas, como o viu o mesmo S. João no capítulo 14⁸⁸: in capite eius diademata multa [Trad. 49], porque a coroa de Cristo se há-de formar das coroas de todos os Reis que naquele felicíssimo tempo lhe serão sujeitos; e então tomará⁸⁹ o inteiro título de Rei dos Reis e Senhor dos Senhores: Rex Regnum et dominus dominantium [Trad. 50], de que a orla da sua púrpura se verá bordada e escrita.

⁹⁰Finalmente, este foi o mistério da púrpura, coroa e ceptro de ignomínia com que Cristo quis subir ao trono de sua cruz, para os converter em insignias de glória, aceitando, na mesma cruz, o título de supremo e universal Rei do mundo, que isso quer dizer, naquele lugar e sobre aquela cabeça: *Rex Iudeorum*⁹¹ [Trad. 51]. O título *Rex Iudeorum* em Saul ou em David significa um⁹² Rei particular daquela nação, porém⁹³, posto na cruz e aplicado à pessoa de Cristo, significa Rei universal do mundo e de todas as nações, porque, naquele lugar, não quer dizer qualquer Rei dos Judeus, senão aquele singular Rei dos Judeus, prometido de todos os Profetas e esperado de todas as gentes, para remédio de todas.⁹⁴ Tal foi a ênfasi e energia da pergunta dos Reis do Oriente, quando entra⁹⁵ram por Jerusalém, dizendo: Ubi est qui natus est Rex Iudeorum? [Trad. 52]. Porque, como bem notou S. Agostinho, **Sermone 2º de Epiphania**, muitos outros Reis dos Judeus tinham nacido naquela mesma terra, mas os Reis a nenhum⁹⁶ daqueles

81 [§ 111 na ed. de HC.]

82 [muda para fls. 209v em TT.]

83 60] [sublinhado no original. Segue-se falando risc.]

84 tui,] [segue-se o início de uma palavra risc.]

85 dizendo que de dia...nenhum Rei ou] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

86 se] [segue-se o início de uma palavra risc.]

87 então] [segue-se uma palavra risc.]

88 14] [sublinhado no original. A indicação encontra-se errada. Trata-se do capítulo 19.]

89 tomará] [segue-se o senhor risc.]

90 [§ 112 na ed. de HC. Em BN não há espaço de parágrafo, mas uma marca.]

91 que isso quer dizer...Rex Iudeorum] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

92 um] [entrel.]

93 porém] [entrel.]

94 todas.] [segue-se o início de uma palavra risc.]

95 [fl. 146v.]

96 nenhum] [segue-se destes risc.]

...buscarão nem adorarão, senão só a este, porque...

5

buscaram⁹⁷ senão a este, porque só este, por antonomásia Rei dos Judeus, era juntamente Rei de todos os Reis.

Assi que⁹⁸, pelas sobreditas três conclusões, se⁹⁹ tem respondido e provado que a extensão do império consumado de Cristo será universal sobre todas as terras, universal sobre todas as gentes, universal sobre todos os Reis.

5

10

15

20

25

30

35

40

⁹⁷ buscaram,] [*segue-se* porque *risc.*]

⁹⁸ que] [*no manuscrito* que que, *certamente por lapso.*]

⁹⁹ se] [*segue-se resp- risc.*]

NOTAS

5

[Trad. 1] As duas citações do capítulo 2 de Daniel fazem parte do mesmo versículo, embora a ordem em que as apresenta Vieira seja inversa em relação ao texto bíblico, pelo que as apresentamos juntas. “Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no Verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra”. Daniel 2: 35.

10

15

[Trad. 2] “A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 14.

[Trad. 3] “O Senhor reinará sobre toda a terra. Todos o adorarão como único Deus e só a ele reconhecerão como Deus”. Zacarias 14: 9.

20

[Trad. 4] “Que ele domine dum mar ao outro, do rio Eufrates ao extremo da terra”. Salmos 72: 8.

25

[Trad. 5] “Bendito seja para sempre o seu nome glorioso e que toda a terra se encha da sua glória! Ámen! Ámen!” Salmos 72: 19.

30

[Trad. 6] “Todas as nações se lembrarão do Senhor; de toda a parte do mundo se voltarão para ele. Todas as raças o adorarão. De facto, o Senhor é rei, é ele que governa as nações. Adorem-no os que já desceram à sepultura; todos os mortais se curvem na sua presença, pois ele é quem dá a vida”. Salmos 22: 28-30.

35

[Trad. 7] “Pede-me, que eu te darei a posse de todas as nações e a terra inteira em propriedade”. Salmos 2: 8.

[Trad. 8] “Os inimigos do Senhor serão destruídos. Dos céus tropejará contra eles. O Senhor julga a terra inteira, dá poder ao seu rei e a vitória ao seu escolhido”. I Samuel 2: 10.

40

[Trad. 9] A citação de Vieira não é, ao contrário da tradução que apresentamos, linear e o inciso explicativo é da lavra do autor. A citação começa pelo versículo 7 e início do versículo 8, continua com o versículo 5 e finalmente retoma o versículo 8 sem concluir a citação. “Na realidade, não foi aos anjos que Deus confiou o governo do mundo futuro de que estamos a falar (...) Fizeste-o um pouco inferior aos anjos, coroaste-o de glória e dignidade, deste-lhe poder sobre todas as coisas”. Hebreus 2: 5, 7-8.

45

[Trad. 10] “Cantem hinos! Cantem ao nosso Deus! Cantem hinos em louvor do nosso rei! Deus é o rei de toda a terra! Cantem-lhe louvores com toda a arte!”. Salmos 47: 7-8.

[Trad. 11] “O mundo inteiro treme diante do Senhor, o Altíssimo; ele é o grande rei de toda a terra”. Salmos 47: 3.

5 [Trad. 12] “Aclamem o Senhor com alegria todos os habitantes da terra. Gritem de alegria, rejubilem e cantem hinos. Cantem hinos ao Senhor ao som da harpa, ao som de instrumentos de cordas, ao som de cornetins e trombetas. Alegrem-se diante do Senhor, porque ele é rei. Com o bramir do mar e de tudo o que ele contém, cante a terra e todos os seus habitantes”. Salmos 98: 4-7.

10 [Trad. 13] *Dominus regnavit...*: “O Senhor é rei”. A referência ao Salmo 26 está errada tendo sido corrigida em TT. Os *incipit* mencionados são assim dos salmos 93 e 97.

[Trad. 14] “O Senhor é rei, vestido de majestade, manifestando todo o seu poder. Por isso a terra está firme e segura”. Salmos 93: 1.

15 [Trad. 15] A citação de Vieira não é linear saltando do versículo 1 para o 4 e do 5 para o 9: “O Senhor é rei! Alegre-se a terra e os habitantes de todas as ilhas! (...) Os seus relâmpagos iluminam o mundo; a terra treme, quando os vê! As montanhas derretem-se como cera, na presença do Senhor que domina toda a terra” (...) Pois tu, Senhor, és o soberano de toda a terra, estás muito acima de todos os deuses”. Salmos 97: 1, 4-5,9.

[Trad. 16] “O sétimo anjo tocou a trombeta e ouviram-se aclamações no céu: “O reino do mundo passou agora para as mãos de nosso Senhor e do Messias que há-de reinar por todo o sempre!”. Apocalipse 11: 15.

25 [Trad. 17] “...dizendo: “Nós te damos graças, Senhor Deus todo-poderoso, tu que és e que eras, porque recebeste o teu grande poder e começaste a reinar!”. Apocalipse 11: 17.

30 [Trad. 18] “...dominou a terra, não pela espada mas pela cruz...”.

[Trad. 19] Não conseguimos localizar nas Escrituras o passo atribuído a David, cuja tradução parece ser: “O trabalho é a salvação no meio da terra”.

35 [Trad. 20] “É que um menino nos nasceu, um filho nos foi dado. Deus colocou a soberania sobre os seus ombros. Os seus títulos são: Conselheiro maravilhoso, Deus forte, Pai para sempre, Príncipe da paz”. Isaiás 9: 5.

40 [Trad. 21] “A ele foi dada autoridade, honra e poder real, de maneira que os povos de todas as nações, raças e línguas lhe ficaram sujeitos. A sua autoridade devia durar para sempre e o seu reinado não seria destruído”. Daniel 7: 14.

[Trad. 22] “Todas as nações se lembrarão do Senhor; de toda a parte do mundo se voltarão para ele. Todas as raças o adorarão. De facto, o Senhor é rei, é ele que governa as nações”. Salmos 22: 28-29.

45

[Trad. 23] “Ao director do coro. Salmo da colecção dos descendentes de Corá. Batam palmas, povos de todo o mundo! Aclamem a Deus com cânticos de alegria!”. Salmos 47:

1-2.

[Trad. 24] “Deus senta-se no seu santo trono e reina sobre as nações”. Salmos 47: 9.

5 [Trad. 25] “Todos os reis se curvarão diante dele; todas as nações o servirão!”. Salmos 72: 11.

10 [Trad. 26] “Que o nome do rei permaneça para sempre; que a sua fama dure enquanto o sol brilhar! Por meio dele que todas as nações sejam abençoadas e por ele se sintam felizes!”. Salmos 72: 17.

[Trad. 27] “Intervém, ó Deus, e governa o mundo, exerce tu mesmo o poder sobre os povos!”. Salmos 82: 8.

15 [Trad. 28] “Pede-me, que eu te darei a posse de todas as nações e a terra inteira em propriedade”. Salmos 2: 8.

[Trad. 29] “Livrate-me das contendas dum povo e fizeste-me governante de nações; povos desconhecidos me servirão”. Salmos 18: 44.

20 [Trad. 30] “Ó Senhor, tu formaste todas as nações, e elas apresentam-se diante de ti para prestar homenagem ao teu nome”. Salmos 86: 9.

25 [Trad. 31] “Que todos os povos da terra louvem o Senhor e proclamem o seu poder e glória! Dêem ao Senhor a honra que lhe é devida; entrem nos seus átrios, para lhe fazerem ofertas! Inclinem-se diante do Deus santo, que se manifesta cheio de glória; que toda a terra trema diante dele! Proclamem ao mundo inteiro: “O Senhor é rei!” Por isso a terra está firme e segura; Deus governa os povos com equidade”. Salmos 96: 7-10.

30 [Trad. 32] “Pois é preciso que Cristo tome conta do Reino até Deus sujeitar todos os inimigos ao seu domínio”. I Coríntios 15: 25.

35 [Trad. 33] “Juro por mim mesmo e o que digo é verdadeiro, pois a minha palavra não muda! Toda a gente, de joelhos, me fará um juramento de fidelidade e dirão...”. Isaías 45: 23.

40 [Trad. 34] “...para que em sua honra se ponham em adoração todas as criaturas: no céu, na terra e debaixo da terra; e para que todos proclamem, para glória de Deus Pai: JESUS CRISTO É O SENHOR!”. Filipenses 2: 10-11.

[Trad. 35] “Em seguida vi uma tal multidão, impossível de contar. Eram de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, vestidos de branco, diante do trono e diante do Cordeiro e tinham ramos de palmeira nas mãos”. Apocalipse 7: 9.

45 [Trad. 36] “E assim a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos da terra serão entregues ao povo dos santos do Deus altíssimo. Esse poder real será efectivo para sempre e todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão”. Daniel 7: 27.

[Trad. 37] “No tempo desses reis, o Deus dos céus fundará um reino que não terá fim. Esse reino nunca será conquistado por outro povo, mas aniquilará por completo todos os outros reinos e permanecerá para sempre”. Daniel 2: 44.

5 [Trad. 38] “As nações murmuram, os reinos agitam-se. Ele faz ouvir a sua voz e a terra desfaz-se”. Salmos 46: 7.

[Trad. 39] A citação não é linear saltando do versículo 3 para o versículo 5: “Sião, o mais belo dos montes, alegria de toda a terra, é a verdadeira montanha de Deus (...) Os
10 reis coligaram-se e juntos atacaram a cidade...”. Salmos 48: 3, 5.

[Trad. 40] “Todos os reis se curvarão diante dele; todas as nações o servirão!”. Salmos 72: 11.

15 [Trad. 41] “Eu dar-lhe-ei os direitos de filho mais velho; reinará acima dos reis da terra”. Salmos 89: 28.

[Trad. 42] “Todas as nações e os reis da terra honrarão o nome glorioso do Senhor...”. Salmos 102: 16

20

[Trad. 43] “...prendendo os seus reis com correntes e os seus nobres com cadeias de ferro”. Salmos 149: 8.

[Trad. 44] “O Senhor, que é o libertador e o Deus santo de Israel, declara agora o
25 seguinte a ti que te tens desprezado a ti mesmo, que tens sido detestado pelos pagãos, e tens sido escravo dos poderosos: "Quando os reis te virem, levantar-se-ão do trono, e os príncipes prestar-te-ão homenagem." Tudo isto acontece porque o Senhor é fiel, porque o Santo de Israel te escolheu”. Isaías 49: 7.

30 [Trad. 45] “Então, as nações encaminhar-se-ão para a tua luz, e os reis serão atraídos para o esplendor da tua aurora”. Isaías 60: 3.

[Trad. 46] “As tuas portas ficarão sempre abertas; não serão fechadas nem de dia nem de
35 noite, para te trazerem as riquezas das nações, e os seus reis com a sua comitiva”. Isaías 60: 11.

[Trad. 47] “Qualquer povo ou rei que não te servir será destruído. Esses povos serão totalmente arrasados”. Isaías 60: 12.

40 [Trad. 48] “Depois ouvi no céu uma voz forte que aclamava: "Chegou a hora da vitória, da força e do reinado do nosso Deus! É a hora do poder do seu Messias! É que foi vencido o acusador dos nossos irmãos, o que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus”. Apocalipse 12: 10.

45 [Trad. 49] Vieira cita aqui erradamente o capítulo 14 do Apocalipse. Os dois passos citados são do capítulo 19: “Os seus olhos eram como chama ardente e na sua cabeça tinha vários diademas. Na sua frente estava escrito um nome que só ele conhece”. Apocalipse 19: 12.

[Trad. 50] “E no seu manto, no lugar em que cobre a coxa, estava escrito este título: “Rei dos reis e Senhor dos senhores!”. Apocalipse 19: 16.

[Trad. 51] ...*Rex Iudeorum*...: “Rei dos Judeus” (cf. Mateus 2: 2; 27: 11, 29, 37; Marcos 15: 2, 9, 12, 18, 26; Lucas 23: 3, 37, 38; João 18: 33, 39; 19: 3, 19, 21).

[Trad. 52] “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? É que nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo”. Mateus 2: 2.

5

Questão 9ª.

...junta **no mesmo**...

10

...sem **figura nem metáfora**...

15

...& sobre todos os **reynos**¹; ha comtudo...

20

25

...**reconhecemos ou reconheciamos**, em todas...

30

...**terras & gentes**...

35

40

45

¹ reynos] [*leitura errada da lição de TT Reys.*].

5

Questão 15^{a1}

Se esta grandeza e extensão universal do império consumado de Cristo há-de ser toda junta **em o mesmo tempo** ou sucessiva e repartida em diversos.

10

² O maior contrário que tem o império consumado de Cristo é a sua mesma grandeza, a qual, como há-de encher toda a terra e há-de ter por balizas os horizontes do céu: Magnitudo regni quae est subter omne caelum [Trad. 1], não é muito que não caiba na estreiteza do coração humano. Sendo tantos, tão claros e tão expressos os lugares da Escritura Sagrada alegados na questão antecedente, que sem **figura, metáfora** ou rodeo afirmam a grandeza e extensão universal do Império de Cristo sobre todas as terras, sobre todas as gentes e sobre todos os **Reis**, há contudo muitos e graves autores que, não se acabando de persuadir a tão grande bem e felicidade, e medindo os tempos futuros pelos passados e presentes, acomodam a eles os sobreditos lugares da Escritura, apoucando sua grandeza, encurtando sua extensão, e dizendo e querendo que digam muito menos do que verdadeiramente dizem. Mas como os textos são tantos, e tão expressamente³ significativos⁴ do que por tão diversos modos afirmam e tornam a afirmar todos com a mesma clareza, não podendo negar a evidência dela, concedem que tudo o referido há-de ser assi, mas não no mesmo tempo, ou simultaneamente (como eles dizem), senão sucessivamente e em tempos diversos. De sorte que vêm a dizer estes

15

20

25

autores que o Império de Cristo se estenderá verdadeiramente por todo o mundo, já sendo conhecido e adorado em ùas partes, já em outras, mas não de tal modo que⁵ simultaneamente e no mesmo tempo seja conhecido, adorado e obedecido em todas. E este é o sentido e controvérsia da presente questão.

⁶ Dizemos porém (com a mesma probabilidade que **reconhecemos** em todas as outras partes deste discurso)⁷ que a sobredita grandeza e extensão do⁸ Império de Cristo sobre todas as terras, **gentes** e Reis do mundo, não só será sucessiva, senão simultânea, e que juntamente e no mesmo tempo há-de ser Cristo conhecido, adorado e obedecido em todos os⁹ reinos e nações do universo, em tal forma que não haja terra habitada no mundo cujos habitantes e seus Príncipes o não conheçam, adorem e obedeçam¹⁰, e que na universalidade absoluta deste conhecimento, adoração e obediência consiste o estado consumado do¹¹ Império de Cristo e sua Igreja. ¹²Esta conclusão, começando pelos

30

35

¹ 15^a] [a numeração encontra-se emendada sobre 13. Ao lado pode ler-se: no dito papel 9^o]

² [68 em BN. § 113 na ed. de HC.]

³ [muda para fls. 210r em TT.]

⁴ significativos] [segue-se do que risc.]

⁵ que] [segue-se uma letra ou início de palavra risc.]

⁶ [69 em BN. § 114 na ed. de HC.]

⁷ [Este parêntese não foi aberto, mas apenas fechado, certamente por lapso.]

⁸ a sobredita grandeza e extensão do] [na marg. a substituir o risc. na linha.]

⁹ os] [segue-se Rei- risc.]

¹⁰obedeçam] [segue-se a Cristo risc.]

¹¹ do] [segue-se seu risc.]

¹² [§ 115 na ed. de HC.]

...dos *Cânticos*, onde, referindo esta opinião & a contraria, diz: *huic ego adhaereo*;
& de Scherlogo...

5

...de Tyrino, sobre S. João, de Fero...

10

15

...estreitar & **aprovar**² a extensão & largueza **do**³ seo sentido...

20

...o conceito do que **queria que os homens entendessem** por ellas...humana, **quanto mais da divina**, em tudo...

25

...**melhor, & o que nellas se quis dizer**, quem as interpreta...

...está escrito, & **pode comprir**...

30

35

...toda esta consumada **grandeza**, não successivamente...

40

45

² aprovar] [*leitura errada da lição de TT appoucar.*].

³ do] [*leitura errada da lição de TT de.*].

autores mais modernos, é expressa do¹³ doutíssimo Padre Salazar, nos Prolegómenos dos **Cânticos**; e de Scherlogo, nos Antilóquios, verdadeiramente eruditíssimos, do mesmo Livro;¹⁴ de Hortulano, na segunda Isagoge também dos Cânticos, copiosa, doura e eficazmente; de Caelio Panonio e dos autores da sua colectânea, em vários lugares do Apocalipse; de Pedro Belingero; de Jerónimo Vechieto; de Ubertino de Cassalis; de Serafino de Fermo, todos sobre o mesmo Apocalipse; do Abade Joaquim¹⁵, nos Comentários de Jeremias; de Tirino, sobre o **Evangelho de S. João**; de Fero, sobre S. Mateus;¹⁶ de S. Francisco de Paula; de S. Metódio; de S. Justino; de S. Ireneu; de S. Gaudêncio; de S. Leão Papa; de Tertuliano; Beda; Lactâncio e muitos outros.

¹⁷ Prova-se 1º, por todos os textos alegados nas três conclusões da questão antecedente, os quais, conforme a doutrina de todos os Teólogos, se devem entender na sua própria, natural e inteira significação, e entendidos desta maneira, clara e expressamente significam e estão dizendo que toda a grandeza e extensão do império de que falam há-de ser juntamente e no mesmo tempo. Nem se podem enten¹⁸der ou querer entender de outra sorte sem¹⁹ fazer manifesta violência à natural e própria significação das palavras, e sem diminuir, estreitar e **apoucar** a extensão e largueza de seu sentido, pois é certo que, se²⁰ os Profetas, ou o Espírito Santo por eles, quisera dizer e significar menos, que o dissera por palavras de mais moderada e acomodada significação; e em tudo proporcionada e medida com o conceito do que **os homens haviam de entender** por elas, que é o fim da verdade humana (**quanto mais da divina**) em tudo o que se diz ou se escreve. E se o Espírito Santo, que ditou aqueles textos, e os Profetas, que os escreveram, escolheram palavras de tão ampla, estendida e universal significação, porque a havemos nós de querer encolher, restringir e apertar, estreitando a medida das mesmas palavras, como se as entendera **melhor** quem as interpreta que quem as disse, ou se o texto se houvera de acomodar à interpretação e não a interpretação ao texto? As palavras são de Deus e de sua eterna e infalível verdade, e pois ele as disse e revelou e prometeu o que nelas está escrito, e **o pode cumprir** sem contradição nem repugnância, e sem para isso nos pedir conselho ou cabedal²¹, porque havemos de pôr dúvida à sua verdade, nem limite à sua grandeza, senão crer o que diz assi como o diz, e esperar o que promete assi como o promete, e dar-lhe graças por tudo? Ninguém negará que tudo o que temos dito nesta conclusão, e na mesma forma que o temos dito, o pode Deus fazer, e ninguém negará também que, se o pode e quiser fazer, que o pode prometer primeiro e mandar anunciar por seus Profetas (como sempre fez em todas as cousas grandes e notáveis)²². Suposto pois que Deus houvesse de dar ao império de seu filho toda esta consumada **grandeza**²³ **sobre todos os Reis, sobre todas as gentes e sobre todas as terras do mundo**, não sucessivamente, senão no mesmo tempo, e suposto que a houvesse de mandar anunciar antecedentemente por seus Profetas,²⁴ com que palavras,

¹³ do] [*segue-se Padre risc.*]

¹⁴ Livro;] [*segue-se um d maiúsculo risc.*]

¹⁵ Joaquim] [*segue-se sobre risc.*]

¹⁶ de Tirino...S. Mateus] [*na marg.*]

¹⁷ [70 em BN. § 116 na ed. de HC.]

¹⁸ [fl. 147r.]

¹⁹ sem] [*segue-se uma abreviatura risc.*]

²⁰ se] [*entrel.*]

²¹ e sem para isso nos pedir conselho ou cabedal] [*na marg. a substituir algũa risc. na linha.*]

²² grandes e notáveis]] [*na marg.*]

²³ [muda para fl. 210v em TT.]

²⁴ e suposto...Profetas,] [*na marg.*]

...com que palavras (**pergunto**) o avia...

...que derrubou a estatua **encheo** toda a terra:

5

10 ...**tivera (como hoje tem)** muitas partes...vasias & ou⁴ **izentas**...

...permanecer todo **juntamente**...

...inferir **esta simuldade** por consequencia se o **mesmo Daniel a disse** expressamente...

15

...*Lapis autem qui percusserat ...*

...& **imperios ou mais ou menos antigos** que o Imperio de Christo...

20

...tirados do mundo **ou dos lugares supremos** que nelle tinham...

...dos outros, senão **juntamente**...

25 ...nas **quaes explicou Daniel**...a **razão** ou filosofia **do que tinha dito da pedra ou Quinto Imperio**: et **implevit** universam terram...

...estar chea toda **do Imperio de Christo & de sua magestade, como diz David**:

30

35

40

45

⁴ & ou] [*leitura errada da lição de TT ou.*].

pergunto, o havia de fazer mais claras, mais expressas e mais significativas, senão com aquelas mesmas, cheas de tanta energia e peso, que temos referido?

²⁵ Prova-se 2^o, com a ponderação em particular dos textos fundamentais de Daniel, porque, na 1^a visão, diz que a pedra que derrubou a estátua, **depois de crescer, encheu** toda a terra: factus est mons magnus et replevit universam terram [Trad. 2], logo, a grandeza desta pedra e deste monte (que é o Reino e Império de Cristo) não é grandeza sucessiva senão permanente, porque, se fora sucessiva e o Império de Cristo dominara ùa parte antes e outra depois, não conservando juntamente o domínio de todas no mesmo tempo, nunca o monte enchera toda a terra, nem toda a terra estivera chea dele, pois **tivera** muitas partes vazias, **isentas** e não sujeitas ao mesmo império; bem assi como o licor que se lança em um vaso, ainda que seja capaz de o encher, se for lançado sucessivamente e por partes, e²⁶ não permanecer todo e **juntamente** no dito vaso, nunca jamais o encherá, nem se poderá afirmar que está cheo dele.²⁷

²⁸ Mas para que é inferir isto por consequência se **Daniel o disse** expressamente, falando dos²⁹ impérios de todo o mundo³⁰, que o de Cristo há-de aniilar³¹, desfazer ou sujeitar:³² Tunc contrita sunt pariter³³ ferrum testa aeo argentum et aurum et redacta quasi in favillam aestivae areae quae rapta sunt vento nullusque locus inventus est eis. Lapis **aut** qui percusserat statuam factus est mons magnus et implevit universam terram [Trad. 3]. De maneira que os reinos e **impérios** que o Império de Cristo desfez, aniilou³⁴ ou sujeitou³⁵ quando encheu a terra não³⁶ foram tirados do mundo³⁷ **nem dos lugares** que nele tinham, nem con³⁸correram para a universalidade desta grandeza sucessivamente e uns depois dos outros, senão **todos juntamente** e no mesmo tempo, *pariter*. E esta é também a energia das³⁹ palavras⁴⁰ *nullusque locus inventus est eis*, nas **quais**⁴¹ **palavras explicou** admiravelmente a **energia** ou filosofia⁴² **das que tinha dito do Quinto Império**: et replevit universam terram, porque, se os outros impérios tivessem ainda lugar na terra, não podia o que vinha de novo enchê-la toda, nem afirmar-se dele que a enchera. Logo, se a terra há-de estar chea toda **da majestade de Cristo e**

²⁵ [71 em BN. § 117 na ed. de HC.]

²⁶ por partes e] [entrel.]

²⁷ Bem assi...cheo dele.] [na marg. a substituir cerca de 16 linhas de texto risc. (cf. anexo 15). Também na marg., a seguir ao acrescento, pode ler-se: Mas para que/ vide infra sub hoc signo. ×. Entre a parte de texto riscada e a parte referida por Vieira vem um outro parágrafo que, segundo as notas de Vieira, passa a vir depois, isto é, a ordem é alterada. Cf. nota 41.]

²⁸ [§ 118 na ed. de HC.]

²⁹ dos] [segue-se uma palavra risc.]

³⁰ de todo o mundo] [na marg.]

³¹ aniilar] [segue-se et risc.]

³² desfazer ou sujeitar] [entrel.]

³³ [fl. 147v.]

³⁴ aniilou] [segue-se e so- risc.]

³⁵ sujeitou] [segue-se não risc.]

³⁶ quando encheu a terra não] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

³⁷ mundo] [seguem-se várias palavras risc.]

³⁸ con-] [segue-se uma parte de palavra risc.]

³⁹ das] [segue-se que risc.]

⁴⁰ palavras] [segue-se uma palavra risc.]

⁴¹ ferrum testa...nas quais] [na marg. A seguir pode ler-se: / vide supra pag. antecedente sub hoc signo / ≈/. Cf. nota 27.]

⁴² filosofia] [segue-se das de que risc.]

Replebitur majestate ejus omnis terra, bem se conclue que esta grandeza ha de ser permanente...em diversos e successiva.

5

10

15

20

...toda.

Assy que os autores...

25

...debaxo do ceo, não quer...

30

35

40

45

da grandeza de seu império, bem se conclui que há-de ser grandeza permanente, simultânea e no mesmo tempo, e não em diversos e sucessivos.

43 As palavras do Anjo na explicação da 2^a visão de Daniel: et magnitudo regni quae est subter omne caelum detur populo sanctorum altissimi⁴⁴ [Trad. 4], também mostram
 5 claramente que toda esta grandeza do Império de Cristo é permanente, junta e no mesmo tempo, porque, não só diz o Anjo⁴⁵ que se lhe deu o reino, senão que se lhe deu a grandeza dele, e que essa grandeza era tão grande e tão universal que se estendia a tudo o que cobre o céu. É certo que para as partes fazerem magnitude⁴⁶ hão-de estar juntas e unidas no mesmo tempo⁴⁷, e não sucessivamente, como se vê no rio, cuja grandeza se faz
 10 e se compõe, não das partes que já foram e estão no mar, nem das partes que hão-de ser e ainda não saíram da fonte, senão das partes que, juntas e unidas no mesmo tempo, assi da fonte ao mar como de ribeira a ribeira, fazem seu⁴⁸ comprimento e largura, de maneira que, se supuseramos que Deus havia de dar ao Império de Cristo todos os reinos do⁴⁹ mundo, não junta, senão sucessivamente, ganhando uns e perdendo outros, como até
 15 agora se tem visto,⁵⁰ pudéramos dizer que Deus lhe dera todos os reinos, mas não se podia afirmar que lhe dera a grandeza de todos eles, porque, para ter a grandeza de todos, era necessário que os tivesse todos juntamente unidos e sujeitos. E isto é o que própria e expressamente afirma o Anjo, não só dizendo que lhe foi dado o reino de todo o mundo, senão a grandeza dele: et magnitudo regni quae est subter omne caelum.⁵¹ E
 20 sendo⁵² esta grandeza⁵³ tão grande que se mede ou há-de medir pela cobertura⁵⁴ do céu,⁵⁵ se algum outro reino ou reinos, no mesmo tempo, houvessem de ter parte ou partes da⁵⁶ mesma grandeza, bem se segue que se lhe não dava **toda**.

Finalmente, como dizem as mesmas palavras, esta grandeza há-se dar toda⁵⁷ de uia vez, e não por partes divididas:⁵⁸ et magnitudo regni quae est⁵⁹ subter omne caelum detur. Assi que os autores que forçosamente querem⁶⁰ que em todo o tempo do Império de Cristo haja de haver outros⁶¹ reinos não sujeitos a ele podem-lhe buscar lugar acima e fora do céu, que quanto debaixo dele não quer o Anjo de Daniel que haja de haver outro reino⁶² senão o de Cristo, e que a cobertura do mesmo céu⁶³ seja a medida

43 [§ 119 na ed. de HC.]

44 altissimi,] [segue-se o inicio de uma palavra risc.]

45 anjo] [segue-se de risc.]

46 magnitude] [no original magnitud, com um prolongamento do d, mas sem o desenho claro do e.]

47 tempo] [Em TT na marg. Cf. na ed. de HC, volI, p. 290, nota (1).]

48 seu] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

49 do] [emendado sobre de. Segue-se Cristo risc.]

50 visto,] [seguem-se várias palavras risc.]

51 caelum.] [§ 120 na ed. de HC.]

52 sendo] [entrel. a substituir duas letras risc. na linha.]

53 grandeza] [segue-se é risc.]

54 cobertura] [no original -bertura. A reconstituição é feita pelo contexto, uma vez que a palavra é repetida mais abaixo em contexto semelhante.]

55 céu,] [seguem-se três letras risc.]

56 da] [emendado sobre desta.]

57 toda] [segue-se uma letra risc.]

58 divididas:] [seguem-se duas letras risc.]

59 est] [entrel.]

60 querem] [na marg.]

61 [muda para fls. 211r em TT.]

62 reino] [entrel.]

63 a cobertura do mesmo céu] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

...cabal de sua completa **grandeza**.

Prova-se 3º.,

5

...erit **dominus unus, et nomen ejus unum**: não se pode...

10

...Monarcha, **conforme ao que disse**...

15

20

...todos os **fins da terra**. Carlos Quinto...

25

30

...que tem permitido **Eterno Padre**⁵ (como vemos) que a Christo...

35

...lhe forão **sogeitos, & que quando acquire huns na Asia & na America, perca outros na Africa & na Europa**; mas esses mesmos lhe ha de restituir outra vez o **mesmo Padre**...

40

45

⁵ ...que tem permitido Eterno Padre...] [*leitura errada da lição de TT* ...que tem permitido o Eterno Padre...].

certa e cabal de sua completa **grandeza**. Por isso David lhe chama **Rex Magnus super omnem terram** e à sua corte **civitas Magni Regis** [Trad. 5]. Grande Rei, grande corte, grande reino, e se fosse menor sua grandeza não seria grande.

64 Prova-se 3^o, com nova consideração de alguns⁶⁵ dos textos alegados na questão precedente. O admirável texto do capítulo 14⁶⁶ de Zacarias: Et erit Dominus Rex super omnem terram in die illa erit **dominus unus** [Trad. 6], não se pode verificar de império ou dominação sucessiva, senão permanente, simultânea e no mesmo tempo, porque a dominação sucessiva admite no mesmo tempo partes dominadas por outros senhores, e o texto diz expressamente que naquele tempo não há-de haver⁶⁷ em toda a terra mais que um só Rei e um só Senhor, logo, este Rei e este Senhor, não sucessiva, senão simultaneamente, há-de dominar no mesmo tempo toda a terra, porque toda a terra e todas as gentes e todos os Reis se hão-de unir em ùa sujeição e em ùa obediência, que há-de ser a que todos concordemente hão-de dar a este soberano Monarca. **É o que disse David no salmo 47⁶⁸: quoniam Reges terrae congregati sunt convenerunt in unum** [Trad. 7]; e no salmo⁶⁹: in conveniendo populos in unum et Reges ut serviant ei [Trad. 8].

70 O texto do salmo 2^{o71}: Dabo tibi gentes hereditatem tuam et possessionem tuam terminos terrae [Trad. 9], também não admite dominação que em algum tempo não haja de ser total, inteira, junta e permanente, porque doutra maneira nunca a herança de Cristo se reduziria à posse, contra o que diz o texto, no qual promete o Eterno Padre expressamente a seu filho que lhe dará a inteira e universal posse da sua herança, que são as gentes de todos os **finis da terra, isto é, de todas as partes do mundo**. Carlos Quinto, em sua vida, deu a posse de toda sua herança a seu primogénito, Felipe 2^o, e porque foi a posse de toda sua herança, senão porque simultaneamente lhe deu todos os reinos e estados de sua monarquia, para que simultaneamente e no mesmo tempo os possuísse e lograsse? Mas se Carlos, quando deu a Felipe o Reino de Castela, lhe não dera o de Aragão, e quando lhe deu o de Leão, lhe tirara o de Granada, de nenhum modo se verificava que lhe dera a posse de toda sua herança, e ainda que sucessivamente em diversos tempos dominasse Felipe todos quantos reinos e estados possuísse seu pai, se nunca os dominasse e possuísse todos juntamente, nunca se podia verificar que tivera e lograra a inteira posse da sua herança. E isto é o que vêm a dizer os autores do reino sucessivo de Cristo, querendo que seja sempre como⁷² tem sido, e não como pode ou há-de ser.⁷³ É verdade que tem permitido **o mesmo Eterno Padre, como vemos**, que a Cristo lhe fossem tirados muitos dos reinos que antigamente lhe foram **sujeitos**, mas esses mesmos lhe há-de restituir outra vez **o Padre**, como o mesmo Cristo, falando com ele, afirma no salmo 15⁷⁴: tu es qui restitues hereditatem mihi [Trad. 10], em forma que,

64 [72 em BN. § 121 na ed. de HC.]

65 de alguns] [na marg.]

66 14] [sublinhado no original.]

67 haver] [segue-se na terra risc.]

68 47] [sublinhado no original.]

69 salmo] [o número do salmo só é indicado em TT. Trata-se do Salmo 102.]

70 [§ 122 na ed. de HC.]

71 2^o] [sublinhado no original.]

72 Carlos Quinto...sempre como] [na marg. a substituir cerca de quatro linhas de texto risc. no final do fl. 147v. No início do fl. 148r. continua o texto riscado numa extensão de mais nove linhas. O acrescento na marg. que substitui este texto risc. termina também na marg., no início deste fôlio: tem sido e não como pode ou há-de ser. Cf. Anexo 15 a.)]

73 [§ 123 na ed. de HC.]

74 15] [sublinhado no original.]

...restituidos os **reynos** que já lhe forão sogeitos...

...posse de sua **herança**.

O texto de Isaias...

5

10

15

20

25

30 ...o **estão** mostrando...

...Ethiopia, & *nos Livros dos Reys* se diz...

35

40

45

restituídos os que já lhe foram sujeitos, e sujeitos os que ainda estão por⁷⁵ conquistar, de uns e outros, unidos com os que⁷⁶ Cristo de presente possui, se inteire a consumada posse de⁷⁷ sua herança. E esta é, sem dúvida, a posse inteira, universal e simultânea que o Eterno Padre lhe tem prometido, e não a posse sucessiva, imperfeita, mutilada e indigna do nome de posse que, tanto contra a majestade e grandeza do Império de Cristo⁷⁸, e tão fora do sentido natural deste texto, se tem inventado.

⁷⁹ O texto de Isaías no capítulo 6⁸⁰ também é valente prova de que os outros universais se não possam entender sucessivamente. Em consonância do texto universal de Daniel: omnes Reges servient ei et obedient [Trad. 11], diz David, no salmo 71⁸¹: adorabunt eum omnes Reges terrae, omnes gentes servient ei [Trad. 12]; e no salmo 101⁸²: Timebunt gentes nomen tuum domine, et omnes Reges terrae gloriam tuam; e outra vez no mesmo salmo: et regnum ipsius omnibus dominabitur [Trad. 13]; e no salmo 21⁸³: convertentur ad Dominum omnes fines terrae quoniam domini est regnum et ipse dominabitur gentium [Trad. 14]; e com a mesma universalidade em todos os outros lugares acima alegados. Diz agora Isaías, falando do mesmo Reino de Cristo e com ele: gens et regnum quod non servierit tibi peribit [Trad. 15], a gente e o reino que não servir ao Reino e Império de Cristo perecerá, logo, é certo que há-de haver algum tempo em que todas as gentes e todos os reinos sirvam ao Império de Cristo, porque, depois que perecerem as que o não quiserem servir, todas as outras que ficarem (que são todas as que então há-de haver no mundo) o servirão. E destas gentes e destes reinos, que verdadeira⁸⁴ e absolutamente serão todos os do mundo, falam os⁸⁵ textos universais de Daniel e David quando, tão amplamente e à boca cheia, dizem que⁸⁶ todas as gentes, todos os Reis⁸⁷ e todos os reinos servirão ao Império de Cristo.

⁸⁸ O célebre texto: dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum [Trad. 16], também se não pode entender (senão⁸⁹ duríssima e violentissimamente) em sentido sucessivo, porque, se eu disser que Rodrigo e os outros Reis godos⁹⁰, antes da invasão dos Mouros, dominaram do *Mar Oceano até o Mediterrâneo, e do Tejo até os fins de Espanha, ninguém o poderá entender de senhorio sucessivo, senão permanente, porque a demarcação daquelas mesmas balizas no uso de falar e das Escrituras, assi humanas como divinas, o está mostrando. Quando, no Livro de Ester, se diz que Assuero reinou desde a Índia até à Etiópia *e, no Livro dos Reis, se diz que David reinou desde Dan até Bersabé, não quer dizer que esta grandeza e extensão de seus reinos⁹¹ a dominaram por partes, sucessivamente e em diversos tempos,

⁷⁵ por] [segue-se so- risc.]

⁷⁶ unidos com os que] [no original unidos com que os que, certamente por lapso.]

⁷⁷ de] [segue-se uma letra risc.]

⁷⁸ Império de Cristo] [na marg. a substituir Reino risc. na linha.]

⁷⁹ [§ 124 na ed. de HC.]

⁸⁰ 6º] [sublinhado no original.]

⁸¹ 71] [sublinhado no original.]

⁸² 101] [sublinhado no original.]

⁸³ 21] [sublinhado no original.]

⁸⁴ verdadeira] [no original com uma abreviatura de -mente risc.]

⁸⁵ [muda para fls. 211v em TT.]

⁸⁶ que] [no manuscrito que/ que, certamente por lapso.]

⁸⁷ Reis] [seguem-se duas letras risc.]

⁸⁸ [§ 125 na ed. de HC.]

⁸⁹ senão] [seguem-se duas letras risc.]

⁹⁰ godos] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁹¹ reinos] [segue-se que risc.]

...do mar & fins da terra...

5 ...& não a **significação**. Porque avemos logo...

10

...que Deos **lhe tem posto?**

Os três textos...

15 ...*Accepisti virtutem Dei nostri...*

...*et potestas Christi ejus*⁶, **impugnaõ assy mesmo** fortemente...

20

...como **explicação & declaração** bem os mesmos termos **com que se descreve**. Porque...

...*he que Reyna Christo, agora he que o Mundo está feito...*⁷

25

...daquelle **agora (ou daquelle então)**...nem **Christo** nem o Mundo era Reyno seu⁸...

30

...outras presentes & outras futuras...de agora & o que até agora **tem** Christo...

35

40

⁶ *Accepisti...Christi ejus,* [leitura errada da lição de TT ...Accepisti virtutem tuam magnam et regnasti: Nunc facta est salus et virtus et Regnum Dei nostri et potestas Christi ejus:...].

⁷ ...*he que Reyna...está feito...* [leitura errada da lição de TT ...he que Reyna Christo, agora he que se fez o seu Reino e agora he que o mundo está feito...].

⁸ ...nem Christo nem o Mundo era Reyno seu... [leitura errada da lição de TT ...nem Christo reinava nem o Mundo era Reino seu...].

senão no mesmo tempo, toda junta e inteiramente, sem que para isso fosse necessária
algũa nota ou advérbio particular que o exprimisse, logo, no mesmo sentido se hão-de
entender os termos, limites ou balizas do mar e **fim** da terra que o Profeta anuncia e
promete ao Império de Cristo, porque o falar de futuro ou de pretérito só muda o tempo,
5 e não a **significação**.⁹² De futuro, disse Deus a Abraão que daria a seus
descendentes a terra dos Cananeus: Semini tuo dabo terram hanc [Trad. 17], e
sendo trinta e um os Reis que habitavam e dominavam aquela terra, como se lê no
Livro de Josué, nem por isso se entenderia bem que a posse dela pelos descendentes
de Abraão havia de ser sucessiva, como não foi⁹³, **senão simultânea, total, inteira e**
10 **no mesmo tempo, por**⁹⁴ **muitos séculos de anos.** Porque havemos logo de restringir o
que o texto não restringe, nem limitar o que o texto não limita, e arrancar e mudar no
Reino e Império de Cristo as balizas que Deus **lhe tem posto? *Queira o mesmo Deus**
que não seja culpa o querer-lhas sustentar e defender.

⁹⁵ Os três textos do Apocalipse: *factum est regnum huius mundi domini nostri, et*
15 *Christi eius, accepisti virtutem tuam magnam et regnasti, nunc facta est Salus et*
*virtus et*⁹⁶ *regnum dei nostri et potestas Christi eius* [Trad. 18], **também impugnam**
fortemente a explicação do Império sucessivo, porque não há dúvida, como dizem sem
discrepância todos os Padres e intérpretes⁹⁷, e como se colhe da ordem do mesmo
contexto, que fala S. João, naqueles lugares, dos tempos futuros e últimos do Reino de
20 Cristo, logo, segue-se que o Reino de Cristo naquele tempo há-de ter algũa grande
diferença em respeito do que hoje é e tem sido até agora, e tão grande como **o explicam**
e declaram bem os mesmos termos **dela**, porque dizer *agora é que reina Cristo, agora é*
que se fez o seu reino e agora é que o mundo está feito Reino de Cristo, mostra que,
antes daquele *agora* ou *daquele então*, nem **Cristo reinava**, nem o mundo era reino
25 seu, nem o seu reino era reino, ou quando menos (que isso quer dizer o Evangelista), que
o reino e o reinar e a parte do mundo sobre a qual⁹⁸ Cristo reinava até então era tudo
muito diminuído, imperfeito e limitado, e que, naquele último e felicíssimo tempo, será
tão perfeito, completo e consumado o estado de seu império⁹⁹, e tão único e universal
sobre todo o mundo, que então seja o mesmo mundo verdadeiramente reino seu, e o seu
30 reino verdadeiramente reino, e o seu reinar verdadeiramente reinar, pois reinará sobre
todos¹⁰⁰ e sobre tudo. Não é, logo, reino sucessivo, que tem ùas partes passadas, outras
presentes, **outras** futuras, porque esse é o reino de agora e **que** até agora **teve** Cristo, e
não o que há-de ter depois, quando plenariamente se possa dizer e se diga: *Nunc factum*
est regnum huius mundi Domini nostri et Christi eius [Trad. 19].

35 ¹⁰¹ Prova-se 4^o, com outros textos que se não podem entender de reino sucessivo,
senão simultâneo. No salmo 95¹⁰², exorta David a toda a terra a que cante os louvores de

⁹² significação.] [segue-se uma marca de acrescento na marg., mas não é visível qualquer acrescento.]

⁹³ foi] [na marg.]

⁹⁴ [fl. 148v.]

⁹⁵ [§ 126 na ed. de HC. Em BN o início do parágrafo encontra-se riscado numa extensão de linha e meia.]

⁹⁶ et] [segue-se potestas risc.]

⁹⁷ intérpretes] [segue-se que risc.]

⁹⁸ a qual] [na marg.]

⁹⁹ o estado de seu império] [na marg.]

¹⁰⁰ todos] [palavra escrita na marg. em TT. Cf. na ed. de HC, voll, p. 294, nota (1).]

¹⁰¹ [73 em BN. § 127 na ed. de HC.]

¹⁰² 95] [sublinhado no original.]

5

10

...este Reyno & este reynar ha de ser...
...juntamente & no mesmo tempo...

15

...E por isso mesmo **nem toda a terra canta, nem toda a terra pode cantar**; porque...

20

...**nem toda a terra louva, nem toda a terra sabe louvar a Deos**, porque parte da terra
o louva...

...& o louvará a Deos toda...⁹

25

...no mesmo **tempo**.
Ainda he mais irrefragavel...

30

35

40

45

⁹ ...&o louvará a Deos toda...] [*leitura errada da lição de TT ...e louvara a Deos toda...*].

Deus em um novo cântico:¹⁰³ Cantate Domino canticum novum, cantate Domino omnis terra¹⁰⁴ [Trad. 20], e dando a causa nova que haverá para este novo louvor e cântico novo, diz: Commoveatur a facie eius universa terra, dicite in gentibus quia Dominus regnavit [Trad. 21]. De sorte que o haver Deus reinado em toda a terra é o motivo porque toda a terra se deve encher de nova alegria e cantar a Deus cânticos e louvores novos que até então se lhe não tenham cantado, por ser também novo e nunca até então visto o motivo e causa deles. O mesmo diz no salmo 65¹⁰⁵: Iubilare Deo omnis terra psalmu dicite nomini eius [Trad. 22]; e mais abaxo: Omnis terra adoret te et psallat tibi psalmum dicat nomini tuo [Trad. 23]; e no salmo 46¹⁰⁶: Psallite Deo nostro psallite, psalite Regi nostro psallite, quoniam Rex omnis terrae Deus¹⁰⁷ psallite sapienter. Regnabit Deus super gentes Deus sedet super sedem sanctam suam [Trad. 24]. Logo, se toda a terra há-de cantar porque Deus há-de reinado em toda a terra, segue-se que **este reino** há-de ser juntamente **no** mesmo tempo, e não em diversos, porque, se as vozes da terra se não¹⁰⁸ unirem no mesmo tempo, nunca se pode verificar que toda a terra canta nem que toda a terra diz louvores a Deus, como se vê¹⁰⁹ claramente no tempo presente, em que Cristo reina e é conhecido e adorado em úas partes da terra, e noutras não reina nem é conhecido nem adorado, antes impugnado e perseguido, e por isso mesmo, **nem canta nem pode cantar toda a terra**, porque parte da terra canta e parte da terra chora, **nem louva nem sabe louvar a Deus toda a terra**, porque parte da terra o louva e parte da terra o blasfema. Mas quando Deus fizer aquela grande e nova¹¹⁰ maravilha no mundo que reine em todo ele, sendo conhecido, adorado e obedecido em toda a terra, então cantará também toda a terra e **louvará** a Deus toda, concorrendo no mesmo tempo as vozes de todas as partes do mundo e de todos os reinos e nações dele, unidas todas na mesma¹¹¹ consonância e concertadas na mesma harmonia, a qual harmonia e consonância de nenhum modo se pode unir nem entender senão juntamente no mesmo tempo. **Assi advertiu o mesmo David, como tão grande músico, no Cântico de Acção de Graças, sobre as misericórdias de Deus (que é o salmo 107¹¹²), no qual, convocando diversas vozes, advertiu que todas haviam de cantar juntamente e no mesmo tempo:**¹¹³ *Dicat nunc Israel quoniam bonus quoniam in saeculum misericordia eius. Dicat nunc Domus Aron, quoniam in saeculum misericordia eius. Dicant nunc qui timent Dominum quoniam in saeculum misericordia eius*¹¹⁴ [Trad. 25]. As vozes eram três, e três vezes repetiu David *Dicat nunc*, porque, se Israel canta, há-de ser *nunc*, e se Arão canta, há-de ser *nunc*, e se os que temem a Deus cantam, há-de ser *nunc*, so pena de não fazerem consonância nem harmonia¹¹⁵ se não cantarem todos no mesmo tempo. E assi cantará também toda a terra quando

¹⁰³ cântico:] [segue-se cerca de uma linha de texto risc.]

¹⁰⁴ terra] [na marg.]

¹⁰⁵ 65] [sublinhado no original.]

¹⁰⁶ 46] [sublinhado no original.]

¹⁰⁷ [muda para fls. 212r em TT.]

¹⁰⁸ não] [entrel.]

¹⁰⁹ vê] [palavra intercalada em TT. Cf. ed. de HC, vol I, p. 295, nota (1).]

¹¹⁰ e nova] [entrel.]

¹¹¹ [fl. 149r.]

¹¹² 107] [sublinhado no original. A indicação encontra-se errada. Trata-se do salmo 117]

¹¹³ tempo:] [segue-se cerca de uma linha de texto risc.]

¹¹⁴ eius.] [segue-se assi risc.]

¹¹⁵ harmonia] [segue-se uma palavra risc.]

...a **universalidade simultanea** do Reyno de Christo...

5

...*habitare faciet, et sedebit*...

10 ...pode allagar o **Egypto**, & o Eufrates...

15

20

25

Provase, 5º.,

com hum grande lugar de S. Paulo...

30

35

40

45

Cristo reinar em toda ela: cantate domino omnis terra quoniam Rex omnis terrae Deus [Trad. 26].

¹¹⁶ Ainda é mais irrefragável a comparação¹¹⁷ ou semelhança com que o mesmo Profeta declara a **universalidade** do Reino de Cristo no estado do seu consumado império, porque diz, no salmo 28¹¹⁸, que será como um dilúvio: dominus diluuium inhabitare **facit** et sedebit dominus Rex in aeternum [Trad. 27]. A propriedade e energia grande desta semelhança ponderarei na questão seguinte. Agora só digo que dela se vê manifestamente que não pode ser sucessiva, porque todo o outro género de inundação bem pode alagar a terra em diverso tempo e em diversas partes do mundo. O Nilo pode alagar a **África** e o Eufrates a Pérsia e o Ganges a Índia em tão diversos anos e séculos como são os mesmos rios e as mesmas terras. O mesmo pode acontecer no mar e nos mares, porque o Mediterrâneo, o Báltico, o Atlântico e o Etiópico podem inundar as terras adjacentes¹¹⁹ com enchentes diversas¹²⁰ e sucessivas em tanta distância de tempos como de regiões. Mas o dilúvio de nenhum modo pode ser senão com inundação universal, junta e no mesmo tempo, que isso é¹²¹ dilúvio.¹²² Sucessivamente, por partes e em diversos tempos, bem se pode alagar todo o mundo, mas ainda que se alague Espanha e depois França e depois Alemanha e depois Itália, nem por isso será dilúvio; e ainda que se alague a Europa e depois a África e depois a Ásia e depois a América, nem por isso será dilúvio; e só será dilúvio quando juntamente e no mesmo tempo se alagarem todas essas cidades, todas essas províncias, todas essas nações, todas essas partes do mundo e o mesmo mundo todo, sem ficar dele¹²³ parte alguma, por alta e altíssima que seja, que não fique coberta e alagada. Assi foi no tempo de Noé, em que as águas daquele universal castigo inundaram todo o mundo; e assi será também no tempo do império consumado de Cristo, em que outras águas (como veremos), não de castigo, senão de misericórdia, igualmente universal, o cobrirão e soçobrarão todo, de sorte que não haja monte de reino ou império, por alto e altíssimo que seja, que lhe não fique inferior e sujeito.

¹²⁴ **É admirável a este propósito um grande lugar** de S. Paulo no capítulo 15¹²⁵ da 1^a Epistola ad Corinthios. Diz assi: Deinde finis cum tradiderit regnum Deo et patri, cum evacuaverit¹²⁶ omnem principatum et potestatem et virtutem, oportet autem illum regnare donec ponat omnes inimicos suos sub pedibus eius. Omnia enim subiecit sub pedibus eius, cum antem dicat omnia subiecta sunt ei, sine dubio praeter eum qui subiecit ei omnia, cum autem subiecta fuerint illi omnia tunc et ipse filius subiectus erit ei qui¹²⁷ subiecit sibi omnia ut sit Deus omnia in omnibus [Trad. 28]. Até aqui as palavras admiráveis¹²⁸ do Apóstolo, as quais provam¹²⁹ o mesmo nosso fim por três meios, e assi

¹¹⁶ [§ 128 na ed. de HC.]

¹¹⁷ comparação] [seguem-se uma ou duas letras risc.]

¹¹⁸ 28] [sublinhado no original.]

¹¹⁹ adjacentes] [seguem-se várias palavras risc.]

¹²⁰ diversas] [na marg.]

¹²¹ é] [palavra intercalada em TT. Cf. na ed. de HC, vol. I p. 296, nota (1).]

¹²² que isso é dilúvio.] [na marg.]

¹²³ dele] [segue-se uma palavra risc.]

¹²⁴ [§ 129 na ed. de HC. Em BN o parágrafo começa com várias palavras risc.]

¹²⁵ 15] [sublinhado no original.]

¹²⁶ evacuaverit] [segue-se uma palavra risc.]

¹²⁷ subiectus erit ei qui] [na marg.]

¹²⁸ admiráveis] [seguem-se várias palavras risc.]

¹²⁹ provam] [entrel.]

...os demonios (como o mesmo Christo lhe chamou no *Evangelho* & o mesmo S. Paulo na *Epistola ad Hebreos*), & depois de libertar...

5

10

15

20

...& Imperio (que será no fim da duração deste Mundo) então entregará...

et potestatem.

Vay por diante S. Paulo:

25

30

35

40

45

..

as dividiremos e explicaremos em três partes.

130 Primeiramente, diz que, depois de Cristo despojar de todo os Príncipes e potestades deste mundo, que são os demónios¹³¹, **como o mesmo Cristo lhe chamou no¹³² Evangelho e o mesmo S. Paulo¹³³ na Epistola ad Hebreos**, e depois de libertar e
 5 tirar de seu poder tudo quanto dominavam e possuíam, sem lhe ficar cousa algũa (que isso quer dizer *cum evacuaverit omnem principatum et potestatem et virtutem*), então entregará¹³⁴ também o mesmo Cristo o reino a Deus e ao Padre, e que depois será o fim do mundo: Deinde finis¹³⁵, cum tradiderit regnum Deo et Patri. De maneira que se houve Deus com Cristo, seu filho¹³⁶ (diz Maldonado na explicação do salmo 109¹³⁷), assi como
 10 um grande Rei¹³⁸ que, tendo-se-lhe rebelado algum reino, entregasse a restauração e conquista dele a um filho de cujo valor e obediência tivesse grande confiança, o qual, depois de largos encontros e batalhas com os rebeldes, al fim os sujeitasse a todos e, depois de sujeito e recuperado o reino, o fiel e obediente filho o fosse oferecer a seu pai e pusesse¹³⁹ vitorioso a seus pés a coroa dele. Da mesma maneira estava o reino
 15 universal deste mundo rebelado contra Deus, dando obediência e servindo ao Demónio, que tiranicamente tinha tomado o título de *Princeps huius mundi* [Trad. 29]. Entregou o Eterno Padre a conquista e recuperação dele a seu obedientíssimo filho, Cristo, o qual há mil e seiscentos anos que prossegue nesta grande e vagarosa conquista, tendo já lançado ao Demónio de muita parte dos reinos, gentes e terras que dominava (posto que algũas, depois de sujeitas, se lhe tornaram a rebelar de novo). E quando finalmente as tiver
 20 rendidas e¹⁴⁰ obedientes todas a seu reino e império, **que será no fim da duração deste mundo**, então entregará o mesmo mundo, o mesmo império e o mesmo reino ao Padre: cum tradiderit regnum patri et evacuaverit omnem principatum et potestatem¹⁴¹ [Trad. 30]. **Este dia, este triunfo e esta última vitória do conquistador Cristo canta David no salmo 23¹⁴²: Attollite portas Principes vestras et elevamini portae aeternales et introibit¹⁴³ Rex gloriae** [Trad. 31]. **E declarando logo quem seja o Rei triunfador: Dominus fortis et potens, dominus potens in praelio, dominus virtutum ipse est rex gloriae¹⁴⁴** [Trad. 31]. **As quais palavras todas são consonância e contraposição das de S. Paulo: cum evacuaverit omnem principatum et¹⁴⁵ potestatem¹⁴⁶, et virtutem**
 25 **[Trad. 32], porque a principatum responde dominus, a potestate potens, a virtutem virtutum. E que a matéria e assunto do mesmo salmo seja a posse, recuperação e**
 30

130 [§ 130 na ed. de HC.]

131 que são os demónios] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

132 [muda para fls. 212v em TT.]

133 S. Paulo] [seguem-se várias palavras risc.]

134 entregará] [no original entreguerá, certamente por lapso.]

135 o mesmo Cristo...Deinde finis] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha. No início do acrescento pode ler-se Cristo risc.]

136 [fl. 149v.]

137 109] [sublinhado no original.]

138 Rei] [palavra escrita à marg. em TT. Cf. na ed. de HC, vol. I, p. 297, nota (1).]

139 pusesse] [entrel. a substituir por risc. na linha.]

140 e] [segue-se sujeit- risc.]

141 cum tradiderit... potestatem.] [na marg.]

142 23] [sublinhado no original.]

143 introibit] [segue-se uma palavra risc.]

144 gloriae] [segue-se cerca de uma linha de texto risc.]

145 principatum et] [na marg.]

146 potestatem] [segue-se um duplo traço vertical que não parece ter qualquer significado. Provavelmente tratar-se-á de uma marca de acrescento anulada.]

5

10

15

.significado **naquella**¹⁰ *Donec*,...
...o não crem **nem adoram**...

20 ...successivamente em **diverso tempo** & por partes...
...sogeitasse & **sofreasse**¹¹ huns, outros...

25

...*subject ei omnia*. Quer dizer...

30

35

40

45

¹⁰ *naquella*] [*leitura errada da lição de TT naquele.*].

¹¹ *sofreasse*] [*leitura errada da lição de TT sopeasse.*].

sujeição de toda a terra e seus habitantes e de quanto nela há a Deus, o primeiro¹⁴⁷ verso do mesmo salmo o diz: *Domini est terra et plenitudo eius et universi qui habitant in eo* [Trad. 33]. E se toda a terra e todos seus habitantes e tudo quanto há na mesma terra há-de ser de Deus, e o Demónio e seu¹⁴⁸ tirânico poder há-de ficar despojado e totalmente vazio de quanto nele possuía, como dizem as palavras: *evacuaverit omnem principatum*; e todos os ditos principados hão-de ficar sem mando nem dominação algũa em todo o mundo, segue-se clara e manifestamente que este estado do império universal de Cristo de que, por termos de tanta universalidade, falam os Profetas, não se há-de entender por modo sucessivo, em tempos diversos, senão junto, permanente e todo no mesmo tempo.

¹⁴⁹ Vai por diante S. Paulo: *oportet autem illum regnare donec ponat omnes inimicos*¹⁵⁰ *sub pedibus eius* [Trad. 34]. Alude o Apóstolo ao verso do salmo 109¹⁵¹: *donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum* [Trad. 35]. E porque as palavras de David dizem absolutamente *inimicos*, e se podia duvidar se eram todos ou parte deles, acrecentou S. Paulo, com verdade tão divina e tão canónica como a do mesmo salmo, o termo universal *omnes*, para que ninguém pudesse nem possa duvidar que há-de vir tempo, significado **naquele donec**, em que Cristo tenha debaixo do escabelo de seus pés, não só parte de seus inimigos (que são os que o não crêem e **adoram**), senão todos eles, sendo certo que, se este texto e outros semelhantes se houveram de entender sucessivamente, em **diversos tempos** e por partes, que nunca jamais Cristo chegaria a ter todos seus inimigos debaixo dos pés, pois, quando sujeitasse¹⁵² e **sopeasse** uns, outros se rebelariam e levantariam contra ele, e sempre seria Rei e vencedor de parte de seus inimigos e não de todos, que é expressamente contra a verdade do Apóstolo, o qual propriíssimamente a este último complemento de seu vitorioso império chama *reinar de Cristo*: *oportet autem illud regnare donec ponat omnes inimicos sub pedibus eius* [Trad. 36]. E para que não fique lugar a dúvida nem escrúpulo algum, conclui S. Paulo, na 3^a parte do seu texto, dizendo:

¹⁵³ *Omnia enim subiecit sub pedibus eius. Cum*¹⁵⁴ *autem dicat omnia subiecta sunt ei sine dubio praeter eum qui subiecit ei omnia.* ¹⁵⁵ **Cum autem subiecta fuerit illi omnia, tunc et ipse filius subiectus erit ei qui subiecit sibi omnia ut sit Deus omnia in omnibus** [Trad. 37]. Quer dizer S. Paulo, alegando o¹⁵⁶ verso de David: *Omnia subiecasti sub pedibus eius* [Trad. 38], que o Eterno Padre há-de pôr tudo quanto há no mundo¹⁵⁷ debaixo dos pés de Cristo; e já dissemos que daquela palavra *omnia* inferiu o mesmo Apóstolo, na Epistola ad Hebreos, que nenhũa cousa de quantas há no mundo havia de ficar que não fosse sujeita a Cristo: *qui dixit omnia, nihil demisit non subiectum ei* [Trad. 39]. Agora acrecenta S. Paulo ùa exceção admiravel, em confirmação última e irrefragavel do sentido em que ambas as suas proposições se hão-de entender, assi¹⁵⁸ a

¹⁴⁷ primeiro] [segue-se uma letra risc.]

¹⁴⁸ seu] [no original seus, com a marca de plural risc.]

¹⁴⁹ [§ 131 na ed. de HC.]

¹⁵⁰ inimicos] [segue-se suos risc.]

¹⁵¹ 109] [sublinhado no original.]

¹⁵² sujeitasse] [segue-se uns risc.]

¹⁵³ [§ 132 na ed. de HC.]

¹⁵⁴ Cum] [segue-se enim risc.]

¹⁵⁵ [fl. 150 r.]

¹⁵⁶ o] [segue-se sal- risc. A palavra seguinte, verso, encontra-se já na marg.]

¹⁵⁷ quanto há no mundo] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹⁵⁸ assi] [segue-se como risc.]

5

10

...o **Eterno Padre** fica exceptuado...

15

...tiver **sogeitos**¹² a sy...

20

Provase, **6º.**,

25

30

35

...nunca chegue a **ter**¹³ tudo?

40

45

¹² sogeitos] [*leitura errada da lição de TT sogeitas.*].

¹³ ter] [*leitura errada da lição de TT ser.*].

que explica a universalidade de todas as cousas do mundo por termos afirmativos: subiecit ei omnia, como a que declara e exprime ainda mais a dita universalidade por termos negativos: nihil demisit non subiectum ei. De sorte que tem dito S. Paulo que tudo quanto há no mundo há-de ser sujeito a Cristo, explicando este tudo pelo termo *omnia* e tornando-o a exprimir e apertar ainda mais pelo termo *nihil non*. E como se estivera vendo a incredulidade ou dificuldade com que muitos expositores seus e dos Profetas se não haviam de acabar de persuadir a tanta grandeza do Reino e Império de Cristo, diz¹⁵⁹, finalmente, que o *tudo* do mundo de que ele e David e os mais Profetas falam é tão inteiramente tudo, sem limitação nem interpretação algũa que diminua a universal e universalíssima significação do que nestas palavras *omnia* e *nihil non* se compreende, que somente ***o Eterno Padre**¹⁶⁰, **isto é, Deus**, fica exceptuado desta sujeição universal de Cristo. Isso querem dizer e dizem expressamente as palavras: cum antem dicat omnia subiecta sunt ei, sine dubio praeter eum qui subiecit ei omnia [Trad. 40]. Por maneira que o reino completo e consumado de Cristo há-de ser tão universal e universalíssimo sobre todas quantas cousas há e há-de haver no mundo que só Deus e o Eterno Padre fiquem isentos e exceptuados desta sujeição. E quando o dito reino tiver **sujeitas** a si e a Cristo, com esta inteira e perfeítíssima universalidade, todas as cousas, então o mesmo Cristo as sujeitará todas e a si mesmo ao Padre, para que Deus seja tudo em todas: Cum autem subiecta fuerint ei omnia tunc et ipse filius subiectus erit ei qui subiecit sibi omnia ut sit Deus omnia in omnibus [Trad. 40]. E isto é o que S. Paulo, no princípio deste texto, chama entregar Cristo o reino ao Padre: cum tradiderit regnum Deo et Patri [Trad. 40].

¹⁶¹ Prova-se¹⁶² **5º**, com a razão, a qual por si só bastava, quando não houvera textos, porque à pessoa e dignidade de Cristo pertence toda esta grandeza de império e inteira posse dele, pois não é menor o seu merecimento para¹⁶³ a posse que para o domínio. Se o Eterno Padre, que¹⁶⁴ deu o domínio e a herança a seu filho, lhe prometeu também a posse, porque lha não dará tão inteira como a mesma herança? Dar a herança e não dar a posse é negar o mesmo que se dá. E se no Eterno Padre se não pode considerar nem falta de poder nem de vontade, como se pode imaginar que houvesse de faltar com a inteira posse de seu império a seu filho, ainda quando não lha tivera prometido? Maior acção e maior liberalidade foi infinitamente¹⁶⁵ dar Deus seu filho ao mundo que dar o mundo a seu filho. E se ao mundo, sem nenhum merecimento, antes sobre tantos deméritos, deu o filho, ao filho e a seu merecimento infinito como não dará o mundo? Tão pouco vale o sangue de Cristo tantas vezes derramado que se lhe não haja de dar por este preço o mundo todo que comprou com ele? Não disse o mesmo Senhor, antes de ter contado este preço: cum exaltatus fuero a terra omnia traham ad me ipsum? [Trad. 41]. Pois porque havemos de querer diminuir e estreitar este *tudo* de maneira que nunca chegue a ser tudo? Cristo diz *omnia*, S. Paulo *omnia*, David *omnia*; e nós porque havemos de dizer menos? Ponha-se em balança o Reino de Cristo com o preço que deu por ele, e enquanto não for tão universal, tão inteiro, tão completo e tão consumado como dissemos, sempre se poderá dizer dele como de Baltazar: inventus est minus

¹⁵⁹ diz] [segue-se que risc. muda para fls. 213 em TT.]

¹⁶⁰ Padre] [segue-se o início de uma palavra risc.]

¹⁶¹ [74 em BN. § 133 na ed. de HC.]

¹⁶² Prova-se] [segue-se 4 risc.]

¹⁶³ para] [segue-se um p risc.]

¹⁶⁴ que] [segue-se promet- risc. As últimas letras da palavra risc. fora aproveitadas para a palavra seguinte.]

¹⁶⁵ infinitamente] [na marg.]

5

...nenhuma cousa se ha de negar...¹⁴
...ouver **implicação manifesta**. E que...

10

15

20

...aquella besta infernal, **aquelle mayor inimigo**...¹⁵

...logrará **inteira a Monarchia** de todo elle...

25

30

...sobre **todas as gentes & reynos** do Mundo...
...nem **limite** mais que os do mesmo...

35

40

45

¹⁴ ...nenhuma cousa se ha de negar...] [*leitura errada da lição de TT* ...nenhua cousa se lhe ha de negar...].

¹⁵ ...aquella besta infernal, aquelle mayor inimigo...] [...aquella Besta infernal, aquelle impio Blasfemador de Deos, aquelle mayor inimigo...].

habens [Trad. 42]. E quem presumirá tal da justiça do Eterno Padre, quanto mais da sua liberalidade e para com¹⁶⁶ seu filho?¹⁶⁷ Quem negará que o que diz e espera a nossa opinião é muito melhor que o que presume a contrária? Pois, onde entrevêm a glória de Deus e o merecimento ¹⁶⁸ e dignidade de Cristo, porque se há-de duvidar o melhor? In

5 multitudine populi dignitas regis, et in paucitate plebis ignominia principis [Trad. 43], diz o Espírito Santo no capítulo 14 dos Provérbios. E se podemos dar a Cristo um reino honrado, porque lho havemos de dar quasi ignominioso?¹⁶⁹ É regra dos Teólogos acerca das grandezas de Cristo (e ainda das de sua santíssima Mãe) que nenhũa cousa **se lhe há-de negar**, senão aquela em que houver **implicação**. E que implicação há ou pode haver

10 em que o império que a Cristo lhe concedem por partes o haja de possuir todo junto, consistindo na conjunção das¹⁷⁰ partes e na universalidade da posse a maior glória e grandeza dele?¹⁷¹ Consideremos os reinos e impérios que Deus tem dado neste mundo, não por partes, senão inteiros, e não sucessivamente, senão no mesmo tempo e por muitos tempos, e veremos se é razão que esta prerrogativa lhe falte ao de Cristo?

15 Possuíram inteiramente os seus impérios os Assírios, os Persas, os Gregos, os Romanos. Possuem os seus o China, o Japão, o Mogor, o Tártaro e o mesmo¹⁷² Turco. E Cristo não possuirá jamais inteiramente o seu império?¹⁷³ Deu Deus inteiramente, por junto¹⁷⁴ e de ùa vez o império do mundo a Adão, e possuiu o mesmo Adão todo esse mundo e todo esse império enquanto o não quis perder; e ao filho, que o restaurou com seu

20 sangue, não se lhe dará o mesmo império e o mesmo mundo por junto, senão por partes, de modo que nunca jamais o haja de possuir todo nem lograr ou lograr-se de sua grandeza? O Ante-Cristo, aquela besta infernal, **aquele ímpio blasfemador de Deus, aquele maior inimigo** e¹⁷⁵ perseguidor de Cristo¹⁷⁶ de quantos padeceu o mundo, logrará **a inteira**¹⁷⁷ **monarquia** de todo ele, como dizem comumente os Doutores, enquanto durar o tempo de seu tirânico domínio, e negar-se-á ao Império de Cristo o

25 que se concede ao do Ante-Cristo? Só peço aos que quiserem ler ou tiverem lido os ditos autores que reparem bem quantos são os textos da Escritura em que este Império Universal do Ante-Cristo esteja¹⁷⁸ prometido ou cominado, e acharão que não passam de dous, e esses não muito claros. E o que tão facilmente se concede e admite no Império

30 do Ante-Cristo por dous textos, que podem ter menos ampla significação, receamos presumir e esperar do Império de Cristo, cuja grandeza única e universal sobre **todos os reinos e gentes** do mundo, sem termo nem **limite algum** mais que os do mesmo mundo e os do céu que o cobre, são as promessas, os aplausos e as vozes de todas as Escrituras.¹⁷⁹ Depois do Ante-Cristo só tem lugar o Demónio. Leam-se as mesmas

35 Escrituras e achar-se-á que em muitos anos, e ainda séculos, dominou o Demónio inteira

¹⁶⁶ com] [segue-se uma letra risc.]

¹⁶⁷ [§ 134 na ed. de HC.]

¹⁶⁸ [fl. 150v.]

¹⁶⁹ In multitudine...quasi ignominioso?] [na marg.]

¹⁷⁰ das] [no original da, certamente por lapso.]

¹⁷¹ [§ 135 na ed. de HC.]

¹⁷² [muda para fls. 213v.]

¹⁷³ E Cristo...império?] [na marg.]

¹⁷⁴ junto] [segue-se uma letra risc.]

¹⁷⁵ e] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁷⁶ de Cristo] [na marg.]

¹⁷⁷ inteira] [entrel.]

¹⁷⁸ esteja] [segue-se uma palavra risc.]

¹⁷⁹ [§ 136 na ed. de HC.]

5

10 ...offereceo o **mesmo Demonio**...
...senão inteiro & junto...
...julgando o **mesmo Demonio**...
...huma só **humilhação** de hum homem...

15

20 ...questoens *tinha* por mais provavel...

e juntamente, e não por partes, toda a redondeza do mundo, porque o povo gentílico todo, sem exceção, adorava os ídolos; do povo hebreu, os dez tribos que seguiram as partes de Jeroboão eram também todos idólatras; e no tribo de Judá e Benjamim, *onde Deus só tinha templo, era igual a idolatria, ainda dos mesmos Sacerdotes, como escreve
5 Ezequiel e choram todos os Profetas. E esse foi o pecado que Deus castigou com o cativo de Babilônia. Pois, se o império do Demônio, não por partes, senão inteiramente e no mesmo tempo, foi universal sobre todo o mundo, o Império de Cristo porque não chegará algum dia à mesma universalidade e grandeza? Para comigo é injuriosa a comparação, quanto mais a desigualdade!¹⁸⁰ Finalmente, por tua só adoração
10 prometeu e ofereceu o **Demônio** a Cristo todos os reinos do mundo, não sucessivamente e por partes, senão inteiro, **junto** e de tua só data; *e seria muito bom que fosse mais liberal o Demônio em prometer que o Eterno Padre em dar; e que, julgando o **Demônio** que o mundo inteiro não era excessiva recompensa de tua só **adoração** de um homem a quem ele chamava filho de Deus, nós, que o reconhecemos e adoramos como tal, depois de ter padecido e merecido tanto, lhe duvidemos ainda esta pequena e desigual grandeza.
15 Mas, como bem notou Hortulano, ponderando este mesmo ponto, é próprio da desconfiança humana, sempre tímida e incrédula do que lhe está melhor, crer e amplificar os males e diminuir e desesperar os bens.

¹⁸¹ Por todos estes fundamentos e os que daqui por diante se deduzirão em muitas
20 questões, **tenho** por mais provável e probabilíssimo que a grandeza universal do Império de Cristo não será sucessiva senão permanente.¹⁸² E este estado permanente de sua consumada¹⁸³ grandeza é o que, nas Escrituras, se chama absolutamente Reino e Reinado de Cristo, e este reino é o que o mesmo Cristo nos ensinou a pedir, como pedimos todos os dias, dizendo: *adveniat regnum tuum* [Trad. 44]. Assim o entendem *muitos e gravíssimos Doutores e antigos Padres, que tomara poder referir aqui. Mas supram a falta dos livros tuas palavras de S. Leão, nas Lições do Breviário, em dia do triunfo da cruz, onde, falando com Cristo, diz: *ita in te universa perficis misteria, ut sicut unum est pro omni*¹⁸⁴ *victima sacrificium, ita unum de omni gente sit regnum* [Trad. 45].
25
30
35
40

¹⁸⁰ Depois do Ante-Cristo...desigualdade!] [na marg. § 137na ed. de HC.]

¹⁸¹ [§ 138 na ed. de HC.]

¹⁸² tinha por mais provável...permanente.] [palavras sublinhadas em TT. Cf. na ed. de HC., vol. I, p. 303, nota (1).]

¹⁸³ consumada] [na marg.]

¹⁸⁴ omni] [segue-se uma letra risc.]

NOTAS

5

[Trad. 1] “E assim a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos da terra serão entregues ao povo dos santos do Deus altíssimo. Esse poder real será efectivo para sempre e todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão”. Daniel 7: 27.

10

[Trad. 2] “Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no Verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra”. Daniel 2: 35.

15

[Trad. 3] Cf. supra Trad. 2.

[Trad. 4] Cf. supra Trad. 1.

[Trad. 5] As expressões citadas são dos salmos 47 e 48:

20

“O mundo inteiro treme diante do Senhor, o Altíssimo; ele é o grande rei de toda a terra”. Salmos 47: 3.

“Sião, o mais belo dos montes, alegria de toda a terra, é a verdadeira montanha de Deus”. Salmos 48: 3.

25

[Trad. 6] “O Senhor reinará sobre toda a terra. Todos o adorarão como único Deus e só a ele reconhecerão como Deus”. Zacarias 14: 9.

[Trad. 7] “Os reis coligaram-se e juntos atacaram a cidade...”. Salmos 48: 5.

30

[Trad. 8] “...quando os povos de todas as nações se reunirem para adorar o Senhor”. Salmos 102: 23.

[Trad. 9] “Pede-me, que eu te darei a posse de todas as nações e a terra inteira em propriedade”. Salmos 2: 8.

35

[Trad. 10] “Senhor, tu és a minha herança; a minha sorte está nas tuas mãos”. Salmos 16: 5.

40

[Trad. 11] “...todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão”. Daniel 7: 27.

[Trad. 12] “Todos os reis se curvarão diante dele; todas as nações o servirão!”. Salmos 72: 11.

45

[Trad. 13] “Todas as nações e os reis da terra honrarão o nome glorioso do Senhor...”. Salmos 102: 16

[Trad. 14] “Todas as nações se lembrarão do Senhor; de toda a parte do mundo se voltarão para ele. Todas as raças o adorarão. De facto, o Senhor é rei, é ele que governa as nações”. Salmos 22: 28-29.

5 [Trad. 15] “...Qualquer povo ou rei que não te servir será destruído. Esses povos serão totalmente arrasados”. Isaías 60: 11-12.

[Trad. 16] “Que ele domine dum mar ao outro, do rio Eufrates ao extremo da terra”. Salmos 72: 8.

10

[Trad. 17] “O meu servo Moisés morreu. Por isso, prepara-te tu e todo o povo de Israel para atravessarem o rio Jordão e entrarem na terra que eu lhes vou dar”. Josué 1: 2.

15

[Trad. 18] Os três textos do Apocalipse citados em conjunto constituem apenas parte (em sublinhado) dos versículos 15 e 17 do capítulo 11 e 10 do capítulo 12:

“O sétimo anjo tocou a trombeta e ouviram-se aclamações no céu: "O reino do mundo passou agora para as mãos de nosso Senhor e do Messias que há-de reinar por todo o sempre!". Apocalipse 11: 15.

20

“...dizendo: "Nós te damos graças, Senhor Deus todo-poderoso, tu que és e que eras, porque recebeste o teu grande poder e começaste a reinar!". Apocalipse 11: 17.

“Depois ouvi no céu uma voz forte que aclamava: "Chegou a hora da vitória, da força e do reinado do nosso Deus! É a hora do poder do seu Messias! É que foi vencido o acusador dos nossos irmãos, o que os acusava de dia e de noite diante do nosso Deus". Apocalipse 12: 10.

25

[Trad. 19] “O sétimo anjo tocou a trombeta e ouviram-se aclamações no céu: "O reino do mundo passou agora para as mãos de nosso Senhor e do Messias que há-de reinar por todo o sempre!". Apocalipse 11: 15.

30

[Trad. 20] “Cantem ao Senhor um novo cântico; cantem ao Senhor todos os habitantes da terra;”. Salmos 96: 1.

35

[Trad. 21] “Inclinem-se diante do Deus santo, que se manifesta cheio de glória; que toda a terra trema diante dele! Proclamem ao mundo inteiro: "O Senhor é rei!" Por isso a terra está firme e segura; Deus governa os povos com equidade”. Salmos 96: 9-10.

40

[Trad. 22] “Ao director do coro. Cântico e salmo. Aclamem a Deus com alegria, habitantes de toda a terra! Cantem hinos ao seu nome glorioso, proclamem os seus louvores...”. Salmos 66: 1-2.

45

[Trad. 23] “Toda a terra te adora e canta louvores; todos cantam hinos ao teu nome". Salmos 66: 4.

[Trad. 24] “Cantem hinos! Cantem ao nosso Deus! Cantem hinos em louvor do nosso rei! Deus é o rei de toda a terra! Cantem-lhe louvores com toda a arte! Deus senta-se no seu santo trono e reina sobre as nações”. Salmos 47: 7-9.

[Trad. 25] Vieira cita aqui erradamente o salmo 107 da Vulgata, pelo salmo 117 (118): “Digam os israelitas: "O seu amor é eterno." Digam os sacerdotes de Deus: "O seu amor

é eterno." Digam os crentes em Deus: "O seu amor é eterno". Salmos 118: 2-4.

[Trad. 26] Vieira não cita aqui directamente nenhum salmo em particular, antes articula expressões que se repetem por palavras diferentes em vários salmos e que se encontram *ipsis verbis* respectivamente nos salmos 96 e 47: "Cantem ao Senhor um novo cântico; cantem ao Senhor todos os habitantes da terra;". Salmos 96: 1; "Deus é o rei de toda a terra! Cantem-lhe louvores com toda a arte!". Salmos, 47: 8.

[Trad. 27] "O Senhor é rei desde antes do dilúvio; o Senhor governa como rei perpetuamente!". Salmos 29: 10.

[Trad. 28] "Chegará então o fim de tudo! Cristo acabará de destruir todos os poderes, autoridades e inimigos e entregará o Reino nas mãos de Deus, o Pai. Pois é preciso que Cristo tome conta do Reino até Deus sujeitar todos os inimigos ao seu domínio. E o último inimigo a ser vencido é a morte. Pois, como diz a Escritura: Deus determinou que tudo estivesse debaixo do seu domínio. E ao dizer que tudo devia estar debaixo do seu domínio é claro que esse "tudo" não inclui a Deus, pois Deus é que dá ao Filho o poder sobre todas as coisas. E quando Deus colocar todas as coisas debaixo do poder do Filho, também este se colocará debaixo do poder do Pai que lhe entregou tudo. E, deste modo, Deus será tudo para todos". I Coríntios 15: 24-28.

[Trad. 29] "Príncipe deste mundo".

[Trad. 30] Cf. supra Trad. 28.

[Trad. 31] "Abram-se, ó portas eternas! Fiquem abertas de par em par que vai entrar o rei glorioso! Quem é este rei glorioso? É o Senhor, forte e poderoso, o Senhor vitorioso nas batalhas ... Quem é este rei glorioso? É o Senhor, Deus do universo! É ele o rei glorioso". Salmos 24: 7-8, 10.

[Trad. 32] Cf. supra Trad. 28.

[Trad. 33] "Salmo da colecção de David. O mundo pertence ao Senhor, com tudo o que nele existe; a terra e todos os que nela vivem são dele". Salmos 24: 1.

[Trad. 34] *Vay por diante S. Paulo...*: Vieira continua a expor o passo citado supra do capítulo 15 da primeira epístola aos Coríntios. Cf. Trad. 28.

[Trad. 35] "Salmo da colecção de David. Deus disse ao rei, meu senhor: "Senta-te à minha direita, e eu farei dos teus inimigos um estrado para os teus pés". Salmos 110: 1.

[Trad. 36] Cf. supra Trad. 28.

[Trad. 37] Cf. supra Trad. 28.

[Trad. 38] O "verso de David" é do salmo 8: "Deste-lhe autoridade sobre as tuas obras, colocaste tudo sob o seu poder". Salmos 8: 7.

[Trad. 39] “...deste-lhe poder sobre todas as coisas”. Hebreus 2: 8.

[Trad. 40] Cf. supra Trad. 28.

5 [Trad. 41] “E eu, quando for levantado da terra, hei-de atrair todos a mim”. João 12: 32.

[Trad. 42] “Tequel” — Peso: Vossa Majestade foi pesado na balança e era leve demais”. Daniel 5: 27.

10 [Trad. 43] “Um povo numeroso faz a glória dum rei; a falta de súbditos é a ruína do soberano”. Provérbios 14: 28.

[Trad. 44] “...venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Mateus 6: 10. Cf. também Lucas 11: 2.

15

[Trad. 45] “De tal modo realizas em ti todos os mistérios que, tal como *um* é o sacrificio por todas as vítimas, assim *um* é o reino de todos”. S Leão, *Breviário*, “Lição do dia do triunfo da cruz”.

5

ANEXO 15

(fl. 147r)...neste mesmo sentido e com a mesma propriedade, disse David, no salmo 71¹: Replebitur maiestate eius omnis terra [Trad. 1], sendo cousa evidente que, se no mesmo tempo houver na terra outra majestade ou majestades não sujeitas à de Cristo (*como hoje há-as² de tantos Reis e Emperadores gentios que o não conhecem nem adoram, antes o impugnam e perseguem), que não estará³ toda a terra chea de sua majestade⁴, pois grande parte e grandes partes da terra estão cheas de outras majestades que as dominam. E o mesmo se pode dizer dos falsos Deuses que, nas ditas partes da terra, são venerados e adorados, respondendo à divina e humana majestade de Cristo outras duas majestades: ùa humana, que é a dos Reis, e outra divina, que é a dos Deuses, que verdadeiramente dominam e ocupam hoje grandes partes da terra, a qual não pode estar chea toda⁵ da majestade de Cristo enquanto estas falsas e abomináveis majestades não forem totalmente lançadas delas e só a de Cristo reinar e dominar⁶ tão inteira⁷ e unicamente no mundo que se possa dizer delas o que David⁸ disse, na mesma visão, das quatro⁹ majestades dos outros impérios: et locus non inventus est¹⁰ [Trad. 2]...

NOTAS

25

[Trad. 1] “Bendito seja para sempre o seu nome glorioso e que toda a terra se encha da sua glória! Amen! Amen!” Salmos 72: 19

30

[Trad. 2] “Como consequência, não só o ferro e o barro, mas também o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pó; e como o pó da eira, no Verão, o vento espalhou-o de tal maneira que não ficou nenhum vestígio. Porém a pedra cresceu até se transformar numa montanha, que cobriu toda a terra”. Daniel 2: 35.

¹ 71] [*sublinhado no original.*]

² há-as] [*-as entrel.*]

³ estará] [*segue-se uma palavra ilegível.*]

⁴ majestade] [*encontra-se aqui uma marca de acresento, que efectivamente foi feito na marg., mas deveria substituir alguma parte de texto risc. antes da anulação de todo o parágrafo, pelo que, sobrepondo-se os riscados, não é possível identificar com segurança qual a parte que deveria ser substituída pelo acresento, que assim não faz sentido: E pois David, no mesmo lugar, disse que das]*

⁵ toda] [*entrel.*]

⁶ dominar] [*segue-se uma extensão de cerca de uma linha de texto risc. ilegível, cujo cancelamento parece ser anterior ao da totalidade do parágrafo.*]

⁷ inteira] [*-m risc.*]

⁸ David] [*É erro de Vieira, por Daniel.*]

⁹ quatro] [*segue-se um traço vertical correspondente ao que se pode ver no início do texto cancelado, o que parece indicar uma primeira intenção de terminar aqui o texto anulado, tendo o autor posteriormente cancelado ainda mais cerca de uma linha.*]

¹⁰ est] [*seguem-se duas ou três letras risc. ilegíveis.*]

5

ANEXO 15a

(fl. 147v/148r) Desta herança de Cristo diz S. Paulo, no capítulo da Epistola ad¹: quem constituit haeredem universorum [Trad. 1], e se² a herença é de tudo e de todos e a posse há-de ser igual à herença, necessariamente há-de haver algum tempo em que o Reino de Cristo domine todos e tudo. Se a Filipe quarto, herdeiro de Filipe terceiro, quando lhe deram ... (fl. 148r) ... o Reino de Castela lhe tiraram o de Portugal, e quando lhe deram o de Aragão lhe tiraram o de Castela, e quando lhe deram o de Granada lhe tiraram o de Aragão, e assi dos mais reinos de Espanha, não se podia afirmar com verdade que fora metido de posse da inteira herança de seu pai, porque, ainda que sucessivamente lhe deram as partes de que ela se compõe, nunca lha deram toda nem ele a possuúu toda. O mesmo vêm a dizer os que querem que a universalidade do Reino e Império de Cristo seja sucessiva, porque dizem que basta para ela que o Eterno Padre, divididamente e em diversos tempos, haja de dar a seu filho todas as gentes e reinos do mundo, tirando-lhe, porém, [permissivamente]³ uns quando lhe⁴ der os outros, pois ele é o que dá e tira os reinos, assi aos Cristãos como aos Gentios.

25 NOTAS

[Trad. 1] “Mas agora, que o fim está perto, falou-nos por meio do seu Filho. Foi por meio dele que Deus criou o mundo e a ele deu o poder sobre todas as coisas”. Hebreus 1: 2.

¹ no capítulo da Epistola ad] [*encontram-se em branco os espaços destinados à identificação da epístola e do respectivo capítulo.*]

² se] [*segue-se é risc.*]

³ permissivamente] [*na marg.*]

⁴ lhe] [*no original com -s risc.*]

5

Questão 10

10

Respondo que, no dito estado do Imperio de Christo & augmento & perfeição consumada de sua Igreja, todo o mundo universalmente ha de ser christão...

15

...na questão 8ª, onde mostramos...

20

...provado na questão 6ª.), bem se infere...

...ha de ser **christão**.

Provase, 2º.,
com o texto da 2ª. visão de **Daniel: Regnum autem...**

25

30

...na *Questão 4ª*, & provamos...

35

...he **em sua** universalidade & extensão..

40

45

5

Questão 16^a

Se, nesta extensão universal e permanente do império consumado de Cristo, há-de ser todo o mundo cristão?

10

² **Esta questão é ùa das principais e mais importantes de todo este discurso, a que satisfarei por duas conclusões, ùa das quais será explicação da outra.**

15

Em 1º lugar, digo que, no estado perfeito da Igreja e império consuma³do de Cristo, todo o mundo universalmente há-de ser cristão, em tal forma *que em todo ele se não professe outra fé nem outra lei, senão a de Cristo, e ele só seja adorado e reconhecido como verdadeiro Deus. Esta conclusão está suficientemente provada na questão 12⁴, onde mostramos que todas as terras, gentes e Reis do mundo hão-de servir, obedecer e ser sujeitos ao Império de Cristo, e como esta sujeição ou suponha ou consista na fé⁵, conhecimento e adoração do mesmo Senhor, o qual então reina sobre os homens quando é conhecido e adorado deles (como também deixámos provado 5^a), bem se infere que, se há-de reinar sobre todo o mundo, também há-de ser conhecido e adorado de todo o mundo, e que, se todo o mundo há-de conhecer e adorar a Cristo, todo o mundo há-de ser cristão.

20

25

⁶ **Traga-se à memória o que dissemos na dita questão 5^a, e ver-se-á como esta consequência não é nossa (posto que bastava que o fosse, sendo tão formal), mas que é suposição certa e assentada e linguagem comum e corrente de todas as Escrituras⁷, vindo, pois, a prova da nossa conclusão, em que dissemos que, no império consumado de Cristo, todo o mundo universalmente há-de ser cristão.**

30

⁸ **Prova-se 1º, com o texto da 2ª visão de Daniel, capítulo 7º: Regnum autem et potestas et magnitudo regni quae est subter omne caelum detur populo sanctorum altissimi [Trad. 1]. Já dissemos, na questão 2ª, e provámos com muitos textos da Escritura, que a palavra *sanctorum* significa⁹ propriamente cristãos. E se a grandeza do reino dos cristãos há-de ser tão universal, estendida e dilatada que compreenda¹⁰ e abrace tudo o que cobre o céu, como diz este texto, bem claramente está provado nele que todo o mundo, quão grande é em toda sua universalidade e extensão, há-de crer e adorar a Cristo, e que todo o mesmo mundo, pela união deste nome e desta fé, há-de**

35

¹ 16^a] [o 6 foi desenhado sobre um 4. Ao lado pode ler-se: no dito papel 10^a]

² [75 em BN. § 139 na ed. de HC.]

³ [fl. 151r.]

⁴ 12] [sublinhado no original. Antes do número pode ver-se uma letra risc.]

⁵ fé] [segue-se no mesmo risc.]

⁶ [Não há espaço de parágrafo, mas sim uma marca que poderá indicar parágrafo, à semelhança do que acontece em outros casos, ou indicar o início do texto anulado.]

⁷ Escrituras] [seguem-se cerca de oito linhas de texto risc.]

⁸ [76 em BN. § 140 na ed. de HC. Na margem de fora pode ler-se: na ordem das provas desta conclusão se guardará a dos números que vão na margem de dentro. Efectivamente, na margem de dentro lê-se 2º e é essa numeração que encontramos em TT.]

⁹ significa] [seguem-se duas letras risc.]

¹⁰ compreenda] [no original compreenda ,certamente por lapso.]

...Provase, 4º.,

5

...que a de suas proprias palavras.

10

...os fins da terra: *et a flumine usque ad terminos orbis terrarum?* Ao que se responde...

15

...diz **David & o Ecclesiastico** que o **dominio & herança** universal...

...*orbis terrarum.*

20

Em confirmação deste bautismo universal do Mundo, o compara o mesmo Profeta com bem discreta propriedade ao diluvio de que já acima fizemos menção: Dominus...

25

30

35

40

45

constituir um só povo que seja o Povo Cristão ou dos Cristãos:¹¹ Populo sanctorum altissimi.¹²

13 **Se prova**¹⁴ **2º**¹⁵, que¹⁶ todo o mundo há-de ser cristão porque todo há-de ser bautizado. No salmo 71¹⁷, diz David: dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum [Trad. 2]; e o Eclesiástico, no capítulo 44, pelos mesmos termos: Haereditare illos a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum [Trad. 2]. E ambos os textos falam a letra de Cristo, como é comum de todos os Doutores, assi nestes como nos demais que refiro, os quais, por serem tão expressos, não necessitam de mais alegação que **a das** suas próprias palavras. Nas presentes¹⁸, só¹⁹ pode fazer dúvida que rio seja este do qual há-de começar²⁰ o domínio de Cristo²¹ e estender-se dali até **os fins da terra**. Ao que se responde, com S. Basílio Magno e outros muitos Padres e Doutores, que é o rio Jordão, onde se bautizou Cristo, porque deste rio e deste sacramento começa o seu reino e império, no qual nenhum homem pode entrar, senão por esta porta : Nisi quis renatus fuerit ex aqua et spiritu sancto non potest introire in regnum dei [Trad. 3]; a qual porta²² se há-de dilatar tanto que entre por ela todo o mundo, quando todo ele se lavar nestas sagradas águas do Jordão, isto é, quando todos seus habitantes se bautizarem e forem cristãos. Por isso diz **David neste salmo** que o **domínio** universal de Cristo, começando no Jordão²³, se estenderá a todos os fins do mundo: et a flumine usque ad terminos orbis **terrarum**.

20 ²⁴ **E por isso, no salmo 28**²⁵, **compara**, com bem discreta propriedade, **o bautismo do mesmo mundo ao dilúvio**: dominus diluvium inhabitare facit et sedebit dominus rex in eternum [Trad. 4]. O bautismo em que se bautizam poucos e sucessivamente chama-se fonte, como lhe chama, em seus sagrados ritos, a Igreja, mas o bautismo em que juntamente se há-de baptizar todo o mundo não se devia chamar fonte nem rio nem mar, senão dilúvio, mas não dilúvio como o de Noé, que para matar os pecados afogou os homens, senão dilúvio verdadeiramente de Cristo, em que só os pecados ficam afogados e mortos, porém os homens vivos. Esta é a nova energia com que o Profeta lhe chamou dilúvio habitado: diluvium inhabitare facit, porque o²⁶ dilúvio de Noé foi dilúvio que desabitou e despovoou o mundo, e este dilúvio de Cristo há-de ser um dilúvio que o há-de habitar e povoar de novo com homens regenerados e renacidos em Cristo e introduzidos por esta porta da fé à participação de seu reino²⁷: Nisi quis renatus fuerit ex

¹¹ ou dos Cristãos:] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

¹² altissimi.] [seguem-se cerca de 17 linhas de texto risc. As quatro últimas linhas estão ilegíveis devendo ter sido anuladas antes da anulação total do parágrafo. Cf. anexo 16.]

¹³ [77 em BN. § 145 na ed. de HC. Os parágrafos 141 a 144, correspondentes à 3ª prova, em TT, constituem a 5ª prova desta questão em BN, isto é, Vieira procedeu aqui a uma reordenação do texto.]

¹⁴ Se prova] [segue-se -se risc.]

¹⁵ 2º] [na marg. interior pode ler-se: 3º No entanto, o 2º em BN passa a 4º, e não a 3º, em TT.]

¹⁶ que] [no original Porque, com a primeira sílaba da palavra risc.]

¹⁷ 71] [sublinhado no original.]

¹⁸ presentes] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

¹⁹ só] [segue-se -mente risc.]

²⁰ [fl. 151v.]

²¹ Cristo] [seguem-se várias palavras risc.]

²² Nisi quis...A qual porta] [na marg. a substituir a qual risc. na linha.]

²³ Jordão] [seguem-se duas palavras risc.]

²⁴ [§ 146 na ed. de HC. Em BN não há espaço, mas sim marca de parágrafo.]

²⁵ 28] [sublinhado no original.]

²⁶ o] [segue-se outro risc.]

²⁷ reino] [segue-se o início de uma palavra risc.]

5 ...*facit, et sedebit...*

...nos ha de **acabar de confirmar...**

...que he o *Ecclesiastico*, no **capitulo 39** onde diz: *Benedictio...*

10 ...*aridam inebriabit sic ira...*

...saindo de Madre **allega**¹ tudo...

15 ...**adorassem os idolos & lhe não dessem a elle a devida reverencia, dally por diante...**

20 ...todo o mundo **reconhecerá & adorará...** Provase, 5º.,

25 ...**virão buscar a Christo...**

30 ...**Deos & Senhor: *quoniam omnes gentes venient et adorabunt in conspectu tuo.* E a esta grande mudança...**

¹ *allega*] [*leitura errada da lição de TT allaga.*].

aqua²⁸ non potest introire in regnum Dei, que é, finalmente, a razão e consequência, também dita com admirável propriedade, porque David acrescentou que, depois deste dilúvio, então reinaria o Senhor, porque então verdadeiramente reinará, consumando-se por meio deste dilúvio o seu império: Dominus diluuium inhabitare facit **sedebit** dominus Rex in aeternum.

²⁹ Tudo o dito nos há-de **confirmar** *um autor de tão canónica autoridade como o mesmo David, que é o Eclesiástico, **não em um só, senão em dous lugares, no capítulo 39**³⁰: Benedictio illius quasi fluvii inundabit, et quomodo cataclismus aridam **inebriavit** sic ira ipsius gentes quae non exquisierunt eum haereditabit³¹ [Trad. 5]. Será a benção e misericórdia de Deus como a inundação de³² um rio, que saindo de madre **alaga** tudo (³³ diz o Eclesiástico), mas reparando que era desigual³⁴ a comparação ao que pretendia prometer e anunciar, prossegue: e assi como o dilúvio cobriu e alagou todo o mundo, assi a ira de Deus herdará e possuirá todas as gentes dele. A palavra *haereditabit*, que é a última deste texto, e a palavra *Benedictio illius*, que é a primeira, bem mostram qual é ou pode ser o sentido em que se deve tomar a palavra *ira*. Não quer dizer resolução de castigo, senão de misericórdia, e um novo ímpeto de affecto com que Deus, que até àquele tempo sofreu que as gentes **adorassem os ídolos**, dali por diante o não sofrerá mais, afogando no dilúvio de um bautismo universal a idolatria e infidelidade de todas as gentes e fazendo-as todas cristãs.³⁵

³⁶ Prova-se **3**³⁷, que todo o mundo será cristão porque todo o mundo **conhecerá** e adorará a Cristo por Deus. Assi o diz expressamente S. João, no capítulo 15³⁸ do seu Apocalipse, não com palavras suas, senão dos coros angélicos e do céu, aos quais ouviu que cantavam ao Cordeiro, isto é, a Cristo, esta prosa: Magna et mirabilia sunt opera tua domine Deus omnipotens, iustae et rectae sunt viae tuae Rex saeculorum, quis non timebit te domine; et³⁹ magnificabit nomen tuum quia solus pius es: quoniam omnes gentes venient, et adorabunt in conspectu tuo, quoniam iudicia tua manifesta sunt [Trad. 6]. Todo o assunto destes louvores, que se dão no céu a Deus, é porque virá tempo em que todas as gentes e nações do mundo, saindo da cegueira de seus erros, **virão a buscar** a Cristo por meio⁴⁰ da fé, e o adorarão por seu verdadeiro **Deus e Senhor; e que** esta grande mudança que haverá no mundo chamam os músicos do céu obra grande e⁴¹ admirável da omnipotência: Magna et mirabilia opera tua domine Deus omnipotens, para que entendamos que esta conversão universal e consumada do mundo não há⁴² de ser

²⁸ aqua] [seguem-se várias palavras risc.]

²⁹ [§ 147 na ed. de HC. Em BN apenas marca de parágrafo.]

³⁰ 39] [sublinhado no original.]

³¹ Benedictio..haereditabit.] [Na edição da Vulgata que usamos ...fluvius inundavit. Cf. também ed. de HC., vol. I, p. 308, nota(1): Na edição que uso ocorre inundavit e inebriavit em vez das formas do futuro do texto de Vieira.]

³² a inundação de] [na marg.]

³³ tudo: (] [seguem-se várias palavras risc.]

³⁴ desigual] [no original o parêntese fecha-se aqui. Trata-se, no entanto, de um lapso evidente.]

³⁵ afogando no dilúvio...todas cristãs.] [na marg. a substituir cerca de 9 linhas de texto risc. Cf. anexo 16a.]

³⁶[78 em BN. § 148 na ed. de HC.]

³⁷ 3º] [na margem de dentro pode ler-se: 4º. No entanto, o 3º em BN passa a 5º, e não a 4º, em TT.]

³⁸ 15] [sublinhado no original.]

³⁹ et] [seguem-se duas letras entrel. risc.]

⁴⁰ por meio] [entrel.]

⁴¹ grande e] [na marg.]

⁴² [fl. 152r.]

...nem as **cousas** que Deos...

5 ...lhe chamão nomeadamente **Rey dos seculos & dos tempos: justae et rectae sunt viae tuae, Rex saeculorum;** conhecendo...

...fazendo que **os seculos & os tempos sejam huns muy diversos dos outros,**...

...então (**dizem**) serão manifestos...

10

...quam grande & **extraordinaria**...

15

...a obra de Deos Redentor com a **obra de Deos criador**...

20

25

Provase 6º.,

...Zacharias no já citado capº. 14...

30 ...hum só nome **_nomen ejus unum_** que he o nome do mesmo Christo chamando-se todo Christão.

35

40

45

como as que até agora se têm visto nele, por mui copiosas que tenham sido. E para que não queiramos julgar os tempos futuros pelos passados, nem as **acções** que Deus há-de fazer pelas que tem feito, admirando e louvando de novo os caminhos de sua Providência, lhe chamam nomeadamente: **Rex**⁴³ **saeculorum**, **Rei dos séculos e dos**
5 **tempos**, conhecendo e querendo que conheçamos que, como Rei e Senhor deles, as pode ordenar e governar como for servido, fazendo que **uns sejam** mui diversos dos outros e concedendo aos futuros as felicidades que, por seus ocultos juízos, negou aos passados, os quais ocultos juízos, então, **dizem que** serão manifestos, posto que agora o
10 mundo promete David no salmo 85⁴⁶, louvando também a Deus por esta obra como por ũa das mais admiráveis e milagrosas, e própria só de sua onnipotência: Omnes gentes quascumque fecisti venient et adorebunt coram te domine, quoniam magnus es tu et faciens mirabilia tu es Deus solus [Trad. 7]. Note-se bem e pondere-se o encarecimento destas palavras, e ver-se-á quão grande, **extraordinária** e protentosa cousa é a que
15 significam, posto que, para este conhecimento, não é necessário discurso, e basta só a **fé**⁴⁷ simples daqueles termos tão universais e tão apertados:⁴⁸ omnes gentes quascumque fecisti venient, de maneira que se há-de igualar a obra de Deus Redentor com a **de** Deus Criador, e tanto há-de converter quanto criou, tanto há-de reformar quanto fez. Assi o promete também pelo Profeta Isaías, no capítulo 45⁴⁹. E porque via que a incredulidade ou desconfiança de muitos se não havia de persuadir a esperar nem entender ũa tão
20 universal conversão e tão nunca vista no mundo, não só a promete o mesmo Deus, mas a confirma com juramento: Convertimini ad me et salvi eritis omnes fines terrae. In memetipsus iuravi, egredietur de ore meo iustitiae verbum, et non revertetur: quia mihi curvabitur omne genu, et iurabit omnis lingua [Trad. 8]. E se Deus o promete e o jura, porque o hão-de duvidar os homens?
25 ⁵⁰ Prova-se 4^o⁵¹, que todo o mundo há-de ser cristão porque em todo ele não haverá nem se ouvirá outro nome⁵² senão o de Cristo: Et erit dominus Rex super omnem terram, in die illa erit dominus unus⁵³ et nomen eius unum⁵⁴ [Trad. 9], diz o Profeta Zacarias **no capítulo 14**⁵⁵, falando de Cristo. E assi como⁵⁶ o mundo todo naquele tempo há-de ter um só Rei e um só Senhor, que é Cristo, assi há-de ter também **um só nome, que é o do mesmo**⁵⁷ **Cristo, chamando-se cristão**. Até o tempo presente, como o mundo esteve dividido em diversas crenças e diversas seitas, tiveram também, e têm, os homens diversos nomes: *uns se chamam Gentios, outros Judeus, outros Maometanos, outros Hereges; e destes uns se chamaram Arianos, outros Pelagianos,

⁴³ Rex] [o x foi desenhado sobre um Y, isto é, passou-se de Rey para Rex.]

⁴⁴ [§ 149 na ed. de HC.]

⁴⁵ A mesma] [segue-se Deus risc. As marcas de feminino foram desenhadas sobre as de masculino.]

⁴⁶ 85] [sublinhado no original.]

⁴⁷ fé] [segue-se da- risc.]

⁴⁸ termos tão universais e tão apertados:] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁴⁹ 45] [sublinhado no original.]

⁵⁰ [79 em BN. § 150 na ed. de HC.]

⁵¹ 4^o] [na margem de dentro pode ler-se: 5^o No entanto, o 4^o em BN passa a 6^o, e não a 5^o, em TT.]

⁵² [muda para fls. 215v em TT.]

⁵³ unus] [o s foi desenhado sobre um m.]

⁵⁴ unum,] [seguem-se várias palavras risc.]

⁵⁵ 14] [sublinhado no original.]

⁵⁶ como] [entrel.]

⁵⁷ o do mesmo] [entrel. a substituir várias palavras risc. na linha.]

5

...*Judicium meuut*² congregem...

10

15

...**dividido** em diversas partes da terra.

20

Provase 3º.,

25 ...**fee de Christo**. He texto...

...***Epistola ad Ephesios:***

30

35

40

45

² *meuut*] [*leitura errada da lição de TT meum.*].

5 outros Donatistas, como, hoje Calvinistas, Luteranos, Tuinglianos, Anabaptistas e os demais, com que sempre os sectários se distinguiram, mas naquele tempo, em que todos, com ùa mesma fé universal e católica, hão-de crer só em Cristo, com a diversidade das seitas há-de acabar também a dos nomes, e não há-de haver nem se há-de invocar no mundo outro nome mais que aquele do qual diz S. Pedro: non est aliud nomen in quo nos oporteat salvos fieri⁵⁸ [Trad. 10]. Deste mesmo nome de Cristo fala o Profeta Sofonias, no capítulo 3, onde, depois de dizer⁵⁹, ou Deus por ele, que há-de unir e ajuntar todas as gentes e todos os reinos: Iudicium **meum** ut congregem gentes et colligam regna [Trad. 11], acrescenta que, no mesmo tempo, não se nomeará nem será invocado entre os homens mais que um só nome, nem se conhecerá ou guardará mais que ùa só lei, com a qual todos, unida e conformemente, servirão ao Senhor: quia tunc reddam populis labium electum ut in vocent omnes in nomine domini, et serviant ei humero uno [Trad. 11]. Com este nome será chamado e invocado no mundo só o redentor dele, Cristo, sendo juntamente só ele conhecido⁶⁰ por Deus e Senhor do mesmo mundo, como expressamente afirma Isaías no capítulo 54⁶¹: Redemptor tuus sanctus Israel Deus omnis terrae vocabitur [Trad. 12]. Antigamente, e ainda hoje, anda⁶² o nome da divindade **dividido e repartido** em diversas partes da terra⁶³. *O Deus do Egipto chamava-se Bosiris, o da Assíria chamava-se Bel, o da Grécia e de Roma chamava-se Júpiter, assi como⁶⁴ os da China e Japão se chamam Xaca e Amida, e nas outras gentilidades outros. Mas naquele tempo, diz Isaías, cessarão todos estes nomes de falsa religião e divindade, e em toda a terra não haverá mais que um nome de Deus, e este será o do Redentor Santo de Israel, que é Cristo: Redemptor tuus sanctus Israel Deus omnis terrae vocabitur.⁶⁵

25 ⁶⁶ Prova-se 5^o⁶⁷, que todo o mundo há-de ser cristão porque todo⁶⁸ se há-de unir na profissão de ùa só **fé⁶⁹ de Cristo e conhecimento de sua divindade**. É texto expresso e admiravel do Apóstolo S. Paulo, no capítulo 4^o da **Epístola aos Efésios**: Ipse dedit quosdam quidem Apostolos quosdam autem prophetas alios vero Evangelistas alios autem Pastores et Doctores ad consummationem sanctorum in opus ministerii in aedificationem corporis Christi donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis filii Dei in virum perfectum in mensuram aetatis plenitudinis Christi, ut iam non simus parvuli fluctuantes, et circumferamur omni vento doctrinae in nequitia hominum in astutia ad circumventionem erroris [Trad. 13]. Quer dizer que instituíu Deus no mundo e

⁵⁸ [§ 151 na ed. de HC.]

⁵⁹ dizer] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶⁰ conhecido] [segue-se e adorado risc.]

⁶¹ 54] [sublinhado no original.]

⁶² anda] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶³ e repartido em diversas partes da terra.] [na marg. também, mas por baixo do primeiro acrescento.]

⁶⁴ como] [segue-se uma palavra risc.]

⁶⁵ Antigamente...vocabitur.] [na marg. a substituir cerca de oito linhas de texto risc.]

⁶⁶ [80 em BN. § 141 na ed. de HC.]

⁶⁷ 5^o] [na margem de dentro pode ler-se: 2^o No entanto, 5^o em BN passa a 3^o em TT, e não a 2^o. Estas notas de Vieira, relativas à numeração das provas, e o confronto com TT parecem mostrar duas alterações de numeração: uma primeira sob a forma de notas em BN, posteriores à sua redacção, e uma segunda na passagem para TT, a qual parece resultar de um lapso de Vieira aquando da passagem para TT, uma vez que se omite o ordinal 1^o e se começa na prova 2^o, tendo este facto como consequência a aparente existência em TT de mais uma prova.]

⁶⁸ todo] [segue-se uma palavra risc. Fl. 152v.]

⁶⁹ fé] [segue-se que é a risc.]

...Apostolos **ou**³ **Profetas**...

5

10

...os que **não sabem conhecer** nem evitar.⁴

15

20

25

30

35

40

45

³ ou] [*leitura errada da lição de TT os.*].

⁴ ...os que não sabem conhecer nem evitar.] [*leitura errada da lição de TT ...os que os não sabem conhecer nem evitar.*].

na sua Igreja *tanta diversidade de ministros⁷⁰ como são os Apóstolos, os **Profetas**, os Evangelistas, os Pastores⁷¹, os Doutores e os demais, para, por meo deles, continuar e promover⁷² o edifício da mesma⁷³ Igreja, da qual se compõe o corpo místico de Cristo, até que o estado dela e de toda a Cristandade fique consumado e perfeito,⁷⁴ e que esta

5 perfeição ou consumação será quando todos os homens se ajuntarem e concordarem na unidade de ùa só fé e conhecimento do filho de Deus, mostrando, neste mesmo conhecimento, que já chegaram à idade de juízo maduro e inteiro, qual é a de varão perfeito, e quando⁷⁵ não andarem como mininos (que não têm uso de razão nem se governam por ela), flutuando e variando⁷⁶, sem firmeza nem constância, para onde os

10 leva o vento de diversas seitas e doutrinas, inventadas pela malícia e astúcia humana para enredar em seus erros os que **os não sabem conhecer** nem evitar.⁷⁷ Até aqui as palavras do texto, nas quais se devem notar três cousas: 1^a, que todos os homens se hão-de unir na mesma fé⁷⁸ e conhecimento do filho de Deus: donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionem filii Dei. E diz⁷⁹ propriissimamente *occurramus*, que é quando se

15 encontram os que vêm de partes diversas e opostas, porque assi será nesta universal união da fé, na qual se virão encontrar e⁸⁰ unir⁸¹ os homens de todas as partes do mundo, os do Oriente com os do Ocidente, e os do Setentrião⁸² com os do Meio Dia, e os que ainda têm maior oposição e contrariedade, *que são os Católicos, os Hereges, os Judeus, os Pagãos e os Gentios, todos na mesma fé e conhecimento de Cristo, sendo a fé como o

20 centro, o mundo como a circunferência e as diversas nações e seitas como as linhas, que sendo, na circunferência, divididas e distantes, no centro se unem todas em um só ponto.⁸³ A 2^a cousa que diz S. Paulo⁸⁴ em consequência desta é que, dali por diante, não andarão os homens como mininos, sem uso de razão, flutuando e variando de ùa seita em outra seita e de um erro em outro erro, deixando-se levar de todo o vento de doutrina: ut iam non simus parvuli fluctuantes et circum⁸⁵feramur omni vento doctrinae in nequitia hominum in astutia ad circumventionem erroris, que é afirmar e confirmar clara e distintamente, sem metáfora nem rodeo, que naquele tempo não há-de haver variedade nem erro na fé, nem seita algüa diversa ou doutrina contrária à doutrina do Evangelho, da qual todos hão-de fazer inteiro juízo, como homens capazes de razão, e depois de

25 entendida e recebida, hão-de perseverar nela, firmes e sem mudança.⁸⁶ Daqui se seguirá e conseguirá a terceira cousa que diz S. Paulo, e é que então ficará⁸⁷ acabado e aperfeiçoado o edifício da Igreja, e que este será o estado consumado dela e da

30

⁷⁰ ministros] [segue-se uma palavra risc.]

⁷¹ Pastores] [segue-se e risc.]

⁷² e promover] [na marg.]

⁷³ mesma] [entrel. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁷⁴ perfeito,] [seguem-se várias palavras risc.]

⁷⁵ quando] [na marg.]

⁷⁶ variando] [segue-se uma palavra risc.]

⁷⁷ [§ 142 na ed. de HC.]

⁷⁸ fé] [segue-se uma palavra apagada, da qual se conhece apenas a primeira letra: f.]

⁷⁹ diz] [segue-se pp risc.]

⁸⁰ virão encontrar e] [na marg.]

⁸¹ unir] [no original unirão, com a última sílaba risc.]

⁸² Setentrião] [no original Sententrião certamente por lapso.]

⁸³ [§ 143 na ed. de HC.]

⁸⁴ S. Paulo] [segue-se é risc.]

⁸⁵ [muda para fls. 214v em TT.]

⁸⁶ [§ 144 na ed. de HC.]

⁸⁷ ficará] [seguem-se várias palavras risc.]

...quando não ouvera **outros** nas Escrituras..

5 **Dos quaes textos & fundamentos todos**, consta em geral...

...porque as **dependencias** desta gloriosa...

10

...especies de **infelicidade**⁵ que **se oppoem & repugnam** à mesma fee;

...se duvida ou **pode** duvidar.

15

⁵ infelicidade] [*leitura errada da lição de TT inf[id]elidade*].

Cristandade, ou, como dizem as palavras formais do texto, que esta será a consumação dos Cristãos: in consummationem sanctorum. Só este lugar de S. Paulo, quando não houvera **tantos** nas Escrituras, bastava para prova da nossa conclusão, pois não se pode exprimir o assunto dela com termos de maior asseveração e formalidade.

5 ⁸⁸ **Deste texto e de todos os outros** consta em geral que⁸⁹ há-de haver tempo em que todo o mundo seja cristão, unido todo em ùa só fé, em um só bautismo, em ùa só adoração e em um só nome da divindade de Cristo, e constituído e formado de todo ele um só povo, que é o católico⁹⁰, o qual hoje é incompleto e naquele felicíssimo estado da Igreja será consumado. ⁹¹Mas porque ***as dependências (quando não sejam**
10 **repugnâncias)** desta gloriosa verdade ou esperança⁹² podem ser tantas quantas são as espécies de **infidelidade** que **se opõem** à mesma fé, depois de provada em geral a nossa conclusão, será bem que a provemos⁹³ também em particular, mostrando a certeza ou probabilidade⁹⁴ dela em todos os estados e divisões⁹⁵ que antigamente⁹⁶ teve e hoje tem a fé⁹⁷, de cuja conversão e união⁹⁸ se duvida ou **poderá** duvidar⁹⁹.

15

20

25

30

⁸⁸ [81 em BN. § 152 na ed. de HC. Na margem de dentro pode ler-se: 6º Esta espécie de conclusão, que no texto não vem numerada e constiui o final da 5ª e última prova, passaria, de acordo com esta nota, a constituir um parágrafo independente com o número 6. Esta alteração não é, no entanto, introduzida aquando da passagem para TT.]

⁸⁹ que] [segue-se todo risc.]

⁹⁰ católico] [na marg. a substituir dos Cristãos risc. na linha.]

⁹¹ [§ 153 na ed. de HC.]

⁹² ou esperança] [na marg.]

⁹³ provemos] [segue-se o início de uma palavra risc.]

⁹⁴ ou probabilidade] [na marg.]

⁹⁵ e divisões] [entrel.]

⁹⁶ antigamente] [segue-se e ho risc.]

⁹⁷ fé] [a palavra foi reescrita sobre outra tendo as últimas letras sido riscadas e as restantes adaptadas.]

⁹⁸ conversão e união] [na marg.]

⁹⁹ duvidar] [segue-se cerca de uma linha e meia de texto risc. no final do fólio: ...que se reduzam, sujeitem e concordem todos nesta universal união da fé e adoração de Cristo. fl. 153r.]

NOTAS

- 5 [Trad. 1] “E assim a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos da terra serão entregues ao povo dos santos do Deus altíssimo. Esse poder real será efectivo para sempre e todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão”. Daniel 7: 27.
- 10 [Trad. 2] Note-se, neste passo e no passo correspondente do Eclesiástico (ou Ben Sira), a descoincidência quanto à identificação do rio referido, não identificado na Vulgata nem na versão portuguesa da edição da Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos). Vieira, baseado noutros autores, crê tratar-se do Jordão, mas, na versão da *Bíblia Sagrada Interconfessional*, “flumine” surge traduzido por “rio Eufrates”:
- 15 “Que ele domine dum mar ao outro, do rio Eufrates ao extremo da terra”. Salmos 72: 8;
- 20 “Por isso Deus jurou que por meio dos seus descendentes os povos seriam abençoados, que os seus descendentes seriam tantos como o pó da terra e que eles teriam uma posição tão alta como as estrelas do céu. Deus prometeu que lhes daria uma terra que iria de um mar ao outro e desde o rio Eufrates até aos confins da terra”. Ben Sira (Eclesiástico na Vulgata) 44: 21.
- 25 Como as três versões pretendem basear-se na versão grega do original hebraico, não é possível avaliar a origem da designação, na *Bíblia Interconfessional*, do rio onde há-de começar o império de Cristo.
- 30 [Trad. 3] “Jesus respondeu: “Fica sabendo que só quem nascer da água e do Espírito é que pode entrar no Reino de Deus”. João 3: 5.
- [Trad. 4] “O Senhor é rei desde antes do dilúvio; o Senhor governa como rei perpetuamente!”. Salmos 29: 10.
- 35 [Trad. 5] “Tudo isso é bom para os que se dedicam a Deus, mas para para os pecadores tudo isso faz mal. “Há ventos que foram criados para castigar as pessoas; eles sopram com violência e causam muita destruição. Na hora do castigo eles sopram com força e assim acalmam a ira daquele que os criou”. Ben Sira 39: 27-28.
- 40 [Trad. 6] “E entoavam o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro: “Senhor Deus todo-poderoso, grandes e admiráveis são as tuas obras! Os teus caminhos são justos e verdadeiros, ó rei das nações! Quem não te respeitará, Senhor? Quem não honrará o teu nome? Só tu és santo! Todas as nações hão-de vir ajoelhar-se diante de ti, pois as tuas sentenças justas estão à vista de todos”. Apocalipse 15: 3-4.
- 45 [Trad. 7] “Ó Senhor, tu formaste todas as nações, e elas apresentam-se diante de ti para prestar homenagem ao teu nome. Porque só tu és Deus! És grande e operas maravilhas!”. Salmos 86: 9-10.

[Trad. 8] “Voltem-se para mim e sereis salvos, os que habitais nos confins da terra, pois eu sou Deus e não há nenhum outro. Juro por mim mesmo e o que digo é verdadeiro, pois a minha palavra não muda! Toda a gente, de joelhos, me fará um juramento de fidelidade e dirão...”. Isaías 45: 22-23.

5

[Trad. 9] “O Senhor reinará sobre toda a terra. Todos o adorarão como único Deus e só a ele reconhecerão como Deus”. Zacarias 14: 9.

[Trad. 10] “Só por meio dele se consegue a salvação. Em todo o mundo não há mais ninguém, dado por Deus à humanidade, que nos possa salvar”. Actos dos Apóstolos 4: 12.

[Trad. 11] “Pois bem, esperem que eu apareça no dia em que me levantar para vos acusar! Palavra do Senhor! Decidi juntar os povos e reunir os reinos para derramar sobre eles o meu furor, todo o ardor da minha ira. Toda a terra será devorada pelo fogo da minha indignação. Então purificarei os lábios dos povos, para que me possam invocar, a mim, o Senhor, e me possam servir de comum acordo”. Sofonias 3: 8-9.

[Trad. 12] “Vais ter por esposo aquele que te criou, cujo nome é o Senhor do universo. O Santo de Israel, o Deus de toda a terra é aquele que te defende e acolhe”. Isaías 54: 5.

[Trad. 13] “É ele que faz com que uns sejam apóstolos, outros, profetas, outros, pregadores da Boa Nova, outros, pastores e mestres. Desta maneira, vai preparando os crentes para servirem uns aos outros e formarem o verdadeiro corpo de Cristo. Assim, poderemos viver todos unidos pela fé e pelo conhecimento do Filho de Deus. Seremos pessoas adultas, conseguindo aquela medida de perfeição que Cristo nos apresenta. Já não nos comportaremos então como crianças que andam ao sabor do vento e das ondas. Não nos deixaremos enganar pelas artimanhas inventadas pela esperteza daqueles que se armam em mestres”. Efésios 4: 11-14.

30

5

ANEXO 16

(fl. 151r) Deste universal povo que havia de encher toda a terra falou David com a mesma expressão no salmo 21¹, que é todo da paixão de Cristo e dos efeitos que ela havia de causar no mundo. E depois de dizer: *in conspectu eius cadent omnes qui descendunt in terram* [Trad. 1], que todos os habitantes da terra, postrados nela, adorarão a Cristo, acrescenta, com admirável propriedade e energia, que estes habitantes da terra que todos universalmente o hão-de adorar serão ùa geração de gente futura, e um povo que há-de nacer de novo, feito pelo mesmo Senhor²: *annunciabitur domino generatio ventura et annunciaverit caeli iustitiam eius populo qui nascetur quem fecit Dominus* [Trad. 2]. Tal³ é o povo cristão, que foi gerado na cruz e nacido do peito de Cristo, da qual geração e nascimento disse o mesmo Cristo a Nicodemus: *oportet vos nasci de nuo* [Trad. 3], e declarando o modo deste nascimento e geração, que o letrado da Lei não entendia, lhe ensinou que era o baptismo, primeiro sacramento da Igreja e primeira porta por onde *os homens entram a ser cristãos. Daqui⁴...

NOTAS

25

[Trad. 1] “Adorem-no os que já desceram à sepultura; todos os mortais se curvem na sua presença, pois ele é quem dá a vida”. Salmos 22: 30.

30

[Trad. 2] “...irão contar aos vindouros aquilo que o Senhor fez, para salvar o seu povo”. Salmos 22: 32.

35

[Trad. 3] “Não te admires por eu te dizer que todos devem nascer novamente”. João 3: 7.

¹ 21] [*sublinhado no original.*]

² feito pelo mesmo Senhor] [*na marg. a substituir por Deus risc. na linha*]

³ Tal] [*no original E tal com E risc.*]

⁴ Daqui] [*na marg., razão pela qual não terá sido riscado como as quatro linhas de texto ilegível que inicia.*]

5

ANEXO 16a

(fl. 151v) E no capítulo 24, falando em pessoa de Deus, diz que regará o seu jardim, que é a Igreja, com ùa corrente de água imensa; porque¹ imensa será necessário
10 que seja a água quando as medidas do jardim hão-de ser as do mesmo mundo: Ego, quasi trames aquae imensae de fluvio exivi de paradiso, dixi: Rigabo hortum meum plantationum et [inebria] prati mei fructum [Trad. 1]. E para que se não duvide que o mundo todo é o que se há-de regar e frutificar com a imensidade destas águas, conclui: Penetrabo omnes inferiores partes terrae, et inspiciam omnes dormientes, et illuminabo
15 omnes sperantes in domino [Trad. 2], efeitos próprios da água do bautismo, que juntamente é fonte e luz, como a que viu Mardoqueu, no capítulo 10² de Ester.

20 NOTAS

As traduções apresentadas divergem substancialmente do texto da Vulgata usado por Vieira verificando-se que o segundo passo citado, Eclesiástico 24: 45, não tem
25 correspondência nas versões portuguesas utilizadas, pelo que apresentamos neste caso uma tradução literal, não oficial:

[Trad. 1] “Os seus pensamentos são maiores do que o imenso mar, os seus conselhos são mais profundos do que o grande abismo. E eu sou como o canal de um rio que leva água
30 até um jardim. Eu pensei: "Vou regar o meu jardim; vou levar água até aos meus canteiros." Então o meu canal tornou-se um rio, e o rio tornou-se um mar”. Ben Sira 24: 29-31.

[Trad. 2] “Penetrarei em todas as partes inferiores da terra, e observarei todos os que
35 estão a dormir, e iluminarei todos os que esperam o Senhor”.

¹ porque] [*seguem-se duas letras risc.*]

² 10] [*sublinhado no original*]

5

Questão 11ª.

10

...humano (desde o tempo em que Deos escolheo para sy a Abraham & seus descendentes) se dividio...

15

20

25 **...do nome do Povo gentilico...**

...se ha de compor & formar...

...o gentilico & o judaico...

30

Este he aquelle novo povo que avia de nascer & Deos avia de fazer no mundo, como profetizou David on *Psalmo 21*, que todo he da Paxão de Christo & dos effeitos della: *Annuntiabitur Domino generatio ventura; populo qui nascetur, quem facit Dominus.*

Concebeo Rebecca os dous gemios...

35

40

45

5

Questão 17^{a1}

Se os dous povos, Gentílico e Judaico, se hão-de unir
universalmente na fé de Cristo?

10

² Segundo os termos de falar das Escrituras, não só do Velho, mas também do Novo Testamento, todo o mundo, ou todo o género humano, **desde o tempo em que Deus escolheu para si a Abraão³ e seus descendentes**, se dividiu em dous povos: um povo geralmente chamado povo de Deus, que eram os doze Tribos de Israel,⁴ por outro nome Povo Judaico, e outro povo, que compreendia e abraçava todo⁵ o resto do mundo e

15

nações dele, e com a mesma generalidade se chamava Povo Gentílico: Dominus duas sortes esse praecepit (diz o texto sagrado, no capítulo 10⁶ de Ester) unam populi Dei et alteram⁷ cunctarum gentium [Trad. 1]. Isto posto,

20

⁸ em consequência da conclusão passada e em resposta da questão presente, digo que destes dous povos capitais em que se distingue e divide todo o género humano, se há-de unir, compor e formar um só povo, mediante a fé e lei de Cristo, que será o Povo Cristão, em seu último e perfeito estado. Esta é a propriedade e energia do texto de Daniel, na 2^a visão do capítulo 7, em dizer que o reino e potestade universal se daria, não aos povos, senão ao Povo dos Cristãos: Magnitudo autem Regni quae est subter omne caelum detur populo sanctorum [Trad. 2]. Porque, ainda que⁹ o Povo Judaico e o

25

Gentílico sejam dous povos, e debaixo do **nome de Povo Gentílico** se compreendam tantos e tão diversos quantas são as línguas¹⁰ do mundo, de todos estes povos¹¹, pela união da fé, ***se há compor** e formar um só povo, de¹² que serão¹³ as duas partes totais e principais¹⁴ o Gentílico e Judaico¹⁵, não já Judaico nem Gentílico, senão ambos (ou um só) Cristãos.

30

¹⁶ **Antes de provar directamente esta¹⁷ conclusão, para que se veja quão maravilhosa obra será da omnipotência e misericórdia divina a¹⁸ união do Povo**

¹ 17^o] [O 7 foi desenhado sobre um 5. Ao lado pode ler-se: no papel questão 11.]

² [82 em BN. § 154 na ed. de HC.]

³ a Abraão] [na marg.]

⁴ Israel,] [segue-se chamado risc.]

⁵ todo] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶ 10] [sublinhado no original.]

⁷ [muda para fls. 216r em TT.]

⁸ [83 em BN. § 155 na ed. de HC.]

⁹ ainda que] [segue-se ainda que risc.]

¹⁰ línguas] [seguem-se várias palavras risc.]

¹¹ povos] [entrel.]

¹² de] [intercalado em TT. Cf. ed. de HC. ,vol. I, p.312, nota (1).]

¹³ serão] [palavra emendada sobre sejam.]

¹⁴ principais] [seguem-se várias palavras risc.]

¹⁵ e Judaico] [na marg.]

¹⁶ [84 em BN. § 156 na ed. de HC.]

¹⁷ a] [entrel. a substituir esta risc. na linha.]

¹⁸ a] [claramente inserido a substituir esta risc.]

5

...diversos & **que** avião de ter...

10

15

20 ...à união della. **Assy se vio por grandes casos & experiencias que lemos nos *Actos dos Apostolos*, principalmente nos caps. 10, 11 & 24.**

Mas assy como o odio & aversão de Esau...

25

30

35

40

45

Judaico e Gentílico na mesma fé, mostrarei brevissimamente a dificuldade dela. Concebeu Rebeca os dous gémeos que depois se chamaram Jacob e Esaú, e diz o texto, no capítulo 25¹⁹ dos Génesis: *collidebantur in utero eius parvuli* [Trad. 3]. E consultando a mãe o divino oráculo, foi-lhe respondido que se não admirasse de que lutassem e peijassem dentro no mesmo ventre os dous filhos que nele trazia, porque eram ou significavam duas gentes e dous povos diversos **que**²⁰ haviam de ter grande aversão entre si, dos quais um venceria ao outro e o maior serviria ao menor:²¹ *duae gentes sunt in utero tuo et duo populi ex ventre tuo dividuntur, populusque populum superabit, et maior serviet minori* [Trad. 3]. Estes dous povos são o Povo Judaico e Gentílico, dos quais este segundo, **que**²² é o menor, por haver nacido ao lume da fé depois do Povo Judaico,²³ teve tanta graça com Deus (como nota S. Paulo na Epistola ad Romanos) que foi escolhido por ele, sendo o outro reprovado, e o venceu e lhe levou o morgado, como Jacob a Esaú. Viu-se a propriedade desta figura e contrariedade destes dous povos, e a aversão e ódio que o Judaico tinha ao Gentílico, quando ambos igualmente foram concebidos na Igreja de Cristo nos tempos primitivos dela, sendo cousa certa, e muito digna de se saber, que ùa das principais ocasiões ou motivos porque os Judeus geralmente repugnaram a fé de Cristo foi não levar em paciência aquele povo que esta graça, que ele queria só para si, se estendesse também ao Povo Gentílico, querendo antes perde-la²⁴ totalmente que admiti-lo à união dela. **Esta foi aquela grande controvérsia pela qual *se fez na Igreja o primeiro Concílio, querendo os Judeus que nenhum do Povo Gentílico fosse cristão e se bautizasse**²⁵, **senão depois de primeiro se circuncidar, para que, sendo Judeu, se habilitasse a participar o património de Cristo. Esta também foi a razão porque *S. Paulo mandou circuncidar**²⁶ **a Timóteo, que era filho de Gentio, para que os Judeus admitissem sua pregação e doutrina.**²⁷ Mas o que mais encarece o extremo desta repugnância são os dous casos dos dous Príncipes dos Apóstolos. Teve S. Pedro ²⁸ **aquela visão famosa, que se refere no capítulo 10**²⁹ **dos Actos dos Apóstolos, em que Deus lhe mandou que matasse e comesse todo o género de animal imundo e proibido na Lei, querendo significar debaxo desta metáfora que admitisse à união da fé e do bautismo também aos do Povo Gentílico. E fazendo-o assi S. Pedro depois que viu que o Espírito Santo decia sobre Cornélio Centurião e outros Gentios convertidos de *Cesarea, foi esta acção muito mal tomada de todos os cristãos, que até então eram só os convertidos do Judaísmo. Dos que estavam presentes quando o Espírito Santo deceu sobre os Gentios, diz o texto: Et obstupuerunt ex circuncisionem fideles qui venerant cum Petro, quia et in nationes gratia spiritus sancti**³⁰ **effusa est** [Trad. 4], porque cuidavam que a graça do Espírito Santo era só para o seu povo, e que sempre se havia de dizer dele com singularidade: *notus in Iudaea Deus* [Trad. 5]. E

¹⁹ 25] [*sublinhado no original.*]

²⁰ que] [*segue-se não risc.*]

²¹ dos quais...ao menor.] [*na marg.*]

²² que] [*palavra intercalada em TT. CF. na ed. de HC, vol. I, p.313, nota (1).*]

²³ Judaico] [*seguem-se várias palavras risc.*]

²⁴ perde-la] [*segue-se que risc.*]

²⁵ bautizasse] [*segue-se e risc.*]

²⁶ circuncidar] [*-cun- entrel.*]

²⁷ doutrina.] [*segue-se E depois risc.*]

²⁸ S. Pedro] [*segue-se ùa visão risc.*]

²⁹ 109] [*sublinhado no original.*]

³⁰] [*segue-se uma palavra risc. fl. 153v.*]

5

10

15

20

25

30

35

40

45

tanto que em Judea e Jerusalém se soube isto que tinha feito S. Pedro em *Joppe, diz o mesmo texto, no capítulo 11: Disceptabant adversus illum qui erant ex circumcissione dicentes: Quaere introisti ad viros praeputium habentes, etc.? [Trad. 6]. E foi necessário a S. Pedro contar a visão e os sinais visíveis com que o Espírito Santo decera sobre aqueles convertidos da gentilidade, e, finalmente, dizer: Si ergo eandem gratiam dedit illis Deus, sicut et nobis, qui credidimus in Dominum Iesum Christum, ego quis eram qui possem prohibere Deum? [Trad. 7]. Mas, quanto mais se começou a continuar esta prática³¹ de serem admitidos ao baptismo os do Povo Gentílico, tanto mais creceu a repugnância e aversão dos Judeus, cuja feríssima perseguição caiu principalmente sobre S. Paulo, por ser o pregador das gentes. Indo S. Paulo a Jerusalém, onde estava acusado por esta causa, diz a História Sagrada, no capítulo 21³² dos³³ Actos, que, dentro no mesmo templo, se lançaram todos a o prender, bradando a grandes vozes: Viri Israelitae, adiuvate: iste est homo qui adversus populum, et legem, et locum hunc, omnes ubique docens, insuper et gentiles inducit in templum;³⁴ [Trad. 8] e se não acudira um Tribuno Romano, diz o texto que ali havia³⁵ de matar o povo a Paulo, o qual, pedindo audiência para dar razão de si, começou a fazer ùa larga prática, em língua Hebraea, com a narração de sua conversão e história, e chegando àquele ponto em que Cristo lhe disse que o tinha escolhido para pregador do Povo Gentílico: Vade quoniam ego in nationes longe mittam te, diz imediatamente o texto as palavras seguintes: Audiebant autem eum usque ad hoc verbum, et levaverunt vocem suam dicentes: Tolle de terra huiusmodi, non enim fas est eum vivere [Trad. 9]. E logo ali fora morto se o presidio Romano não acudira ao tumulto, mandando o Sumo Sacerdote Ananias que lhe tapassem e pisassem a boca, padecendo, pela mesma causa, tudo o mais que se refere no capítulo 24³⁶. De sorte que era tal a aversão, *aborrecimento e ódio que os Judeus tinham a que o Povo Gentílico fosse admitido à fé de Cristo que, sendo tão inimigos e perseguidores do mesmo Cristo estes Judeus³⁷ de Jerusalém, e sofrendo que S. Paulo dissesse que Cristo decera do céu e lhe aparecera com raios de luz, e que repetidamente, ùa e outra vez, lhe chamasse o Senhor, tanto que lhe ouviram dizer que o mandara pregar aos Gentios, aqui se rematou a ira, o ódio, o furor, e não só³⁸ o julgaram por digno de morte, mas que seria ùa grande maldade permitir-se que tal homem vivesse, mandando-o particularmente ferir na boca, como se tivera dito ùa grande blasfêmia em pronunciar que o Povo Gentílico havia de ser admitido à união da mesma fé e culto divino, como o Judaico. Finalmente, esta mesma aversão e ódio, conhecido e antevisto por Cristo, foi ùa das principais razões porque o mesmo Mestre Divino não quis logo, em sua vida, que o Evangelho se pregasse aos Gentios, senão somente³⁹ aos Judeus, dizendo de si: non sum missus nisi ad oves quae perierunt domus Israel [Trad. 10]; e aos discípulos: in viam gentium ne abieritis [Trad. 11], para que a nova lei que vinha introduzir

³¹ prática] [segue-se abrev. de que risc.]

³² 21] [sublinhado no original.]

³³ dos] [segue-se uma palavra risc.]

³⁴ templum;] [segue-se cerca de meia linha de texto risc.]

³⁵ havia] [no original com marca de plural risc.]

³⁶ 24] [sublinhado no original.]

³⁷ mesmo Cristo estes Judeus] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

³⁸ não só] [na marg.]

³⁹ somente] [segue-se dos risc.]

5

...contra Jacob **continuando** também...
... por muitos annos, **se veo alfim** a terminar...

10

15

20

25

...o buscar, & rogar (**que tanta he a sua misericordia**) & será no tempo em que¹ tem disposto & ordenado sua Providencia.

...da nossa conclusão, **a qual**, alem da figura de Jacob & Esau...

...explicação neste sentido, & dos outros textos referidos, se

30

Prova & confirma²

por outros muitos textos da *Escritura*.

...Esta pedra, **como explicou Christo no cap. 21 de S. Mateus**, he o mesmo Christo;...

35

40

45

¹ ...no tempo em que...] [*leitura errada da lição de TT* ...no tempo que...].

² ...*Prova & confirma*...] [*leitura errada da lição de TT* ...Prova e confirma 1º...].

universalmente no mundo não padecesse, antes de promulgada, ùa tão estranha
 contradição. Assi que este ódio, esta enveja, e esta soberba aversão do Povo
 Judaico em não querer que o Gentílico tivesse tanto lugar como ele com Deus, o fez
 perder ao mesmo Deus e retirar-se de sua casa, que é a Igreja, por ver introduzido
 5 nela ao que tinha por tão inferior e indigno,⁴⁰ cegueira e contumácia em que,
 depois de tantos anos, ainda perseveram.

41 Mas, assi como o ódio e aversão de Esaú contra Jacob, **continuado** também por
 muitos anos, ***al fim se veo** a terminar naquele tão amigo, tão verdadeiro e tão estreito
 abraço que refere a Escritura no capítulo 33⁴² dos Génesis: currens itaque Esau obviam
 10 fratri suo amplexatus est eum, stringensque collum eius et osculans flevit [Trad. 12], assi
 virá também tempo em que o Povo Judaico, chorando muitas lágrimas de
 arrependimento, se abraça com o Gentílico, em verdadeira união de fé e amor,
 conhecendo, adorando e servindo, concordemente e sem distinção algũa, a Cristo, e
 vivendo, como filho maior, na casa do mesmo Pai. É pontualmente a Parábola do
 15 Pródigo e seu irmão, que refere S. Lucas no capítulo 15⁴³. Vendo o mais velho que o
 pródigo, tendo andado fora da casa do pai tantos anos, vivendo tão estragadamente⁴⁴,
 fora recebido nela com tanta festa, diz o texto: indignatus est et nolebat introire [Trad.
 13]. Assi também o Povo Judaico, filho mais velho de Deus, por ser o primogénito da fé,
 vendo introduzido na casa de seu pai o Povo Gen⁴⁵tílico, mais moço na idade e
 20 verdadeiramente pródigo na vida, indignou-se de tal maneira que não quis entrar⁴⁶ na
 mesma casa, isto é, no grémio da Igreja, e se deixou ficar fora, que é o estado em que de
 presente está, e posto que falam com ele os criados do pai⁴⁷, que são os ministros de
 Deus, nem por isso se rende a querer entrar. Mas assi como, finalmente, entrou o irmão
 do pródigo⁴⁸ depois que o mesmo pai saiu fora e lhe rogou que entrasse: Pater ergo illius
 25 egressus coepit rogare illum [Trad. 13], assi também entrará o Povo Judaico na Igreja
 quando Deus o buscar e rogar, **que tanta é a sua misericórdia**, e será no tempo **que**
 tem disposto e ordenado sua providência. Então se unirão os dous povos entre si e em
 Cristo, que é o assunto da nossa conclusão, **o qual**, além da figura de Jacob e Esaú e da
 Parábola dos dous irmãos, que muitos Padres explicam neste sentido, **se prova:**

30 49 **1º, por muitos textos** da Escritura. David, no salmo 117⁵⁰, diz: Lapidem quem
 reprobaverunt aedificantes hic factus est in caput anguli [Trad. 14], que a pedra que
 dantes foi reprovada e enjeitada pelos edificadores, no cabo veo a ser pedra angular ou⁵¹
 cunhal, em que se ajuntam com firmeza e fermosura as paredes. Esta pedra (**como**
explicou Cristo, no capítulo 21 de S. Mateus) é o mesmo Cristo; os edificadores que a
 35 reprovaram são principalmente os Judeus, e também os Gentios: Reprobatum ab
 hominibus [Trad. 15], diz S. Pedro; e S. Paulo: Iudaeis quidem scandalum gentibus
 autem stultitiam [Trad. 16]. Mas esses mesmos edificadores, isto é, o Povo Gentílico e

⁴⁰ indigno,] [*segue-se cerca de meia linha de texto risc.*]

⁴¹ [85 em BN. § 157 na ed. de HC.]

⁴² 33] [*sublinhado no original.*]

⁴³ 15] [*sublinhado no original.*]

⁴⁴ vivendo tão estragadamente] [*na marg.*]

⁴⁵ [fl. 154r.]

⁴⁶ entrar] [*seguem-se duas palavras risc.*]

⁴⁷ [muda para fls. 216v em TT.]

⁴⁸ o irmão do Pródigo] [*na marg.*]

⁴⁹ [86 em BN. § 158 na ed. de HC.]

⁵⁰ 117] [*sublinhado no original.*]

⁵¹ pedra angular ou] [*na marg.*]

...ficarão entre sy unidos **pella união...**

5

...accrecenta imediatamente **no³ verso** referido:...

10

15 ...estiverem **dominados & sogeitos a Christo**, então estarão também unidos...

20 ...qual será esta **congração (sic)**.

25 ...não he cabeça, **neste sentido**, senão depois de ella...

30

35

40

45

³ no] [*leitura errada da lição de TT ao.*].

Judaico, ainda que as suas paredes sejam até agora tão encontradas, no cabo⁵² hão-de vir a uni-las ambas nesta mesma pedra angular, e assi como as paredes unidas ao mesmo cunhal ficam também unidas entre si, assi os dous povos unidos a Cristo ficarão entre si unidos, e **pela união** ou unidade da fé constituídos em um só povo. E porque esta união, que já está começada em parte, será ùa cousa prodigiosa, quando se vir consumada e perfeita, por isso David acrescenta imediatamente **ao verso** referido: a Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris [Trad. 17]. Será tal obra que, fazendo-a Deus por si mesmo (como fez o pai do pródigo a reconciliação do filho mais velho, não por outrem, senão por sua própria pessoa)⁵³, ainda assi a havemos de ter por admiravel, porque obrará Deus nela por meios extraordinários, e não imaginados ou não cridos. ⁵⁴ O mesmo David, no salmo 58⁵⁵: Et scient quia Deus dominabitur Iacob et finium terrae [Trad. 18], nas quais palavras ajunta debaixo do mesmo domínio⁵⁶ de Deus a Jacob, que são os filhos de Israel, isto é, o Povo Judaico, e os fins da terra ou resto do mundo, que são todas as outras nações, isto é, o Povo Gentílico. E quando assi estiverem **dominados**, então estarão também unidos, porque de todos se comporá um só Povo Cristão, ùa só Igreja, ùa só congregação dos fiéis, termos por que também fala o mesmo David⁵⁷ no salmo 46⁵⁸: Principes populorum congregati sunt cum Deo Abraham [Trad. 19]. Abraão foi o Príncipe e o princípio do Povo Judaico, e se com este se ajuntarem na fé do mesmo Deus os Príncipes de todos os outros povos, que é o Povo Gentílico, bem se vê qual será esta **congregação**.⁵⁹ Finalmente, no salmo⁶⁰ (como também se refere no 2º Livro dos Reis, capítulo 22⁶¹), falando David em nome de Cristo, diz: Eripiet me a contradictionibus populi constitues me in caput gentium [Trad. 20], texto verdadeiramente grande e de admiravel propriedade, porque, em dizer Cristo que será constituído por cabeça de todas as gentes, assegura a conversão da gentilidade, da qual Cristo não é cabeça (**neste sentido**)⁶² senão depois de ela se incorporar no corpo místico do mesmo Cristo, que é a Igreja, como diz S. Paulo no 1º capítulo da Epistola ad Ephesios: et ipsum dedit caput supra omnem Ecclesiam quam est corpus ipsius et plenitudo eius [Trad. 21]. E em dizer o mesmo Cristo que seu Padre o livrará das contradições do povo, também assegura a conversão do Povo Judaico, que propriamente se chama *o Povo*, e do qual tem Cristo padecido e padece tão grande contradição como Simeão lhe profetizou no templo pela⁶³ mesma palavra, dizendo que seria alvo de contradição para os filhos de Israel, assi como aumento para uns e ruína para outros: Ecce hic positus est⁶⁴ in ruina et in resurrectionem multorum in Israel et in signum cui contradicetur [Trad. 22].

⁵² cabo] [segue-se se risc.]

⁵³ sua própria pessoa] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁵⁴ [§ 159 na ed. de HC.]

⁵⁵ 58] [sublinhado no original. Antes do número sublinhado pode ler-se 28 risc.]

⁵⁶ Domínio] [segue-se Deus risc.]

⁵⁷ David] [seguem-se várias palavras risc.]

⁵⁸ 46] [sublinhado no original.]

⁵⁹ Abraão foi o Príncipe...congregação.] [na marg. § 160 na ed. de HC.]

⁶⁰ salmo] [segue-se um espaço em branco. Em TT também não figura o número do salmo, que é o 17 (18): 44.]

⁶¹ 22] [sublinhado no original.]

⁶² (neste sentido)] [na marg.]

⁶³ pela] [no original pelas com a marca de plural risc.]

⁶⁴ [muda para fls. 217r em TT.]

5

10

...venite et ambulemus in lumine Domini, denotando a união...

... & conformidade que ha de aver entre **hum & outro Povo alumiados com a mesma fee.**

15

E que nestas palavras de Isaias...

20

25

...omnibus populis _entra tambem o Povo Judaico...

30

...o opprobrio & a **affronta** do seu Povo;...

35

...conversão universal (**em que constará...ao mesmo mundo, que todos estão verdadeiramente convertidos a Christo**) acabarse ha este opprobrio...

40

45

65 O Profeta Isaías, no capítulo 2^o, falando da última e maior exaltação da Igreja, significada no* Monte Sion, diz:⁶⁶ *et erit in novissimus diebus praeparatus mons domus domini in vertice montium et elevabitur super colles, et fluent ad eum omnes gentes et ibunt populi multi et dicent venite et ascendamus ad montem domini et ad domum Dei*
 5 *Iacob, et docebit nos vias suas, et ambulabimus in semitis eius, quia de Sion exhibit lex et verbum domini de Ierusalem [Trad. 23].* Nas quais palavras está claramente descrita a conversão universal⁶⁷ do Povo Gentílico, ao qual chama *omnes gentes* e⁶⁸ *populi multi*, a diferença do Povo Judaico, que é ùa só gente e um só povo. E logo acrescenta também a conversão do mesmo Povo Judaico, dizendo: *Domus Iacob venite, et ambulemus in*
 10 *lumine domini [Trad. 24].* Chama-lhe casa de Jacob porque *dos doze filhos de Jacob se fizeram os doze tribos de que se compunha o Povo de Israel; e dizem-lhe os Gentios convertidos *venite et ambulemus*, denotando a união e conformidade que há-de haver entre um e outro povo, e acrescentam *in lumine domini* para significar a luz da fé e a **cegueira do Povo Judaico.**

15 ⁶⁹ E que nestas palavras⁷⁰ de Isaías estejam profetizadas estas duas conversões universais, e união dos dous povos, consta do capítulo 4^o⁷¹ do Profeta Miqueas, o qual profetizou duzentos anos depois de Isaías, e depois de descrever pelas palavras do mesmo Profeta⁷² a conversão dos Gentios, ajunta logo a dos Judeus, por outras mais expressas que as suas⁷³, dizendo que no mesmo tempo os converterá⁷⁴ e unirá Deus à
 20 mesma congregação: *In illa die dicit dominus congregabo claudicantem et eam quam eieceram colligam et quam affixeram, et ponam claudicantem in reliquias, etc. [Trad. 25].* A razão porque o Povo Judaico se chama *claudicante* já fica notada acima, por isso a não repito.

25 ⁷⁵ O mesmo Isaías, falando outra vez da Igreja debaxo da mesma metáfora de Monte Sion, diz, no capítulo 24^o⁷⁶: *faciet dominus exercitum omnibus populis in monte hoc convivium pinguium vindemiae defecatae etc. [Trad. 26],* pelo qual convite, que Deus há-de fazer na sua Igreja a todos os povos, se entende a conversão e união⁷⁷ universal de todas as nações do mundo. E para que se não duvidasse que no número destes povos todos, *omnibus populis*, **entrava** também o Povo Judaico, acrescenta logo com bem notavel propriedade: *et opprobrium populi sui auferet de universa terra [Trad. 27],* que
 30 **naquele tempo tirará Deus de toda a terra o opróbrio e afronta** do seu povo, porque, sendo o Povo Judaico hoje tão afrontado por sua obstinação e cegueira em todo o mundo, e sendo tão grande opróbrio e afronta chamarem a um homem Judeu, depois desta conversão universal, **em que constará ao mesmo mundo que todos estão**
 35 **verdadeiramente convertidos a Cristo, acabar-se-á⁷⁸ este opróbrio e esta afronta.**

⁶⁵ [§ 161 na ed. de HC.]

⁶⁶ diz:] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶⁷ universal] [segue-se da risc. Fl. 154v.]

⁶⁸ e] [segue-se uma letra risc.]

⁶⁹ [§ 162 na ed. de HC. Em BN não há espaço, mas sim marca de parágrafo.]

⁷⁰ palavras] [segue-se signifique risc.]

⁷¹ 4^o] [sublinhado no original.]

⁷² do mesmo Profeta] [na marg. a substituir mesmas risc. antes do nome.]

⁷³ suas] [entrel. a substituir de Isaías risc. na linha.]

⁷⁴ converterá] [na marg.]

⁷⁵ [§ 163 na ed. de HC. Em BN. há um traço horizontal, que, apesar de diferente dos que normalmente assinalam parágrafo, consideramos como tal.]

⁷⁶ 24] [sublinhado no original.]

⁷⁷ e união] [na marg.]

⁷⁸ acabar-se-á] [seguem-se duas letras risc.]

5

10

...autem mea Israel.

Provase & confirmase, 2º.,
esta conversão & união universal...

15

20 ...Homem era **união**⁴ destes dous Povos...

...a hum & a outro povo...

25

30 ...que a causa humana **exterior**⁵ deste desterro, foy a perseguição de **Herodes**, o motivo interior...

...na **questão 13^a.**

35

40

45

⁴ ...era união...] [*leitura errada da lição de TT ...era a união...*].

⁵ ...a causa humana exterior...] [*leitura errada da lição de TT ...a causa humana e exterior...*].

79 No capítulo 43, depois de profetizar o mesmo Isafas a conversão dos Judeus, junta logo também a conversão e união dos Gentios, por palavras tão breves e tão expressas como as seguintes: omnes gentes congregatae sunt simul et collectae sunt tribus [Trad. 28]. Os *tribus* são os⁸⁰ Judeus, as *gentes* são os Gentios, e⁸¹ todos diz o Profeta que se hão-de congregar e ajuntar. E, no capítulo 19⁸², amplifica esta mesma união, sinalando nomeadamente as nações mais inimigas e contrárias, assi do Povo Judaico como entre si, as quais diz que todas serão amigas, unidas e conformes, e que todas serão benditas e *abendiçoadas de Deus: In die illa erit via de Aegipto in Assirios, et intrabit Assirius in Aegiptum et Aegiptus in Assirios, et servient Aegiptii Assur. In die illa erit Israel tertius Aegipto et Assirio. Benedictio in medio terrae cui benedixit dominus exercituum dicens. Benedictus populus meus Aegipti, et opus manus mearum Assirius, haereditas autem mea Israel [Trad. 29].

83 **Prova-se** 2º, esta conversão e união universal de ambos os povos na fé de Cristo, com os mistérios da geração, nascimento, vida e morte do mesmo⁸⁴ Cristo, os quais todos, se bem se reparar, foram ordenados e encaminhados a esta universal conversão e união, e significativos dela. Na geração de Cristo, descrita no 1º capítulo de S. Mateus⁸⁵, está expressamente nomeada *Rute, que era Moabita, e Raab, que era Cananea, ambas do Povo Gentílico⁸⁶, e notam os Padres e expositores que quis Cristo nacer, não só de Abraão e David e dos outros Patriarcas do Povo Israelítico, senão também de alguns Gentios, porque o fim de sua geração humana e de se fazer homem era a **união** destes dous Povos, Gentílico e Judaico, no mesmo Cristo. Tanto que Cristo naceu, com o mesmo mistério mandou logo embaxadores a um e **outro** povo: a estrela aos Reis, que eram Gentios, e o Anjo aos Pastores, que eram Judeus, para que um e outro desde logo o viesse reconhecer e adorar, e para que⁸⁷a fé e adoração destes poucos fossem⁸⁸ as primícias da⁸⁹ universal de todos. Quando foi apresentado no templo o mesmo Senhor, tendo-o Simeão nos braços, disse que⁹⁰ aquele minino era o salvador de Deus, mandado por ele ao mundo para saúde de⁹¹ todos os povos, e nomeadamente para luz do Povo Gentílico e glória do Povo Judaico: Viderunt oculi mei⁹² salutare tuum quod parasti ante faciem omnium populorum, lumen ad revellationem gentium et gloriam plebis tuae Israel [Trad. 30]. Daqui *partiu Cristo desterrado a Egipto. E posto que a causa humana e **exterior** deste desterro foi a perseguição de **Herodias**, o motivo interior e mistério divino era mostrar o mesmo Senhor que não viera só para os Judeus, senão também para os Gentios, e que, alumiado o Povo Gentílico, também se havia de alumiar o Judaico, como bem notou S. Jerónimo, e nós dizemos na **questão 17**⁹³

35

⁷⁹ [§ 164 na ed. de HC. Em BN encontra-se um traço horizontal a marcar o parágrafo.]

⁸⁰ os] [segue-se dos risc.]

⁸¹ e] [segue-se de risc.]

⁸² 19] [sublinhado no original.]

⁸³ [87 em BN. § 165 na ed. de HC.]

⁸⁴ mesmo] [seguem-se três letras risc.]

⁸⁵ [muda para fls. 217v em TT.]

⁸⁶ Gentílico] [no original seguem-se dois pontos com vírgula, estando esta última risc.]

⁸⁷ para que] [na marg. a substituir uma palavra risc. na linha.]

⁸⁸ fossem] [entrel.]

⁸⁹ da] [segue-se uma letra risc.]

⁹⁰ que] [segue-se viera risc.]

⁹¹ de] [entrel.]

⁹² [fl. 155r.]

⁹³ 17] [sublinhado no original.]

5

...porque **em ordem** à fee...

10

Ambos estavam atados: *asinam alligatam et pullum cum ea*: porque ambos estavam presos...

15

...ha de ter inteiramente **sogeito**⁶ e debaxo...

20

Que por isso **o mesmo Christo disse aos dous discipulos**...

25

30 ...por meyo de Christo, **reconciliação & união**...⁷

35

40

45

⁶ sogeito] [*leitura errada da lição de TT* sogeitos.].

⁷ ...por meyo de Christo, reconciliação & união...] [*leitura errada da lição de TT* ...por meyo de Christo a reconciliação & união...].

94 Mas entre todas as acções e mistérios de Cristo, o que mais propriamente e com maiores circunstâncias representou esta união e sujeição dos dous Povos ao mesmo Cristo, foi a sua entrada triunfando em Jerusalém. Para esta entrada, diz o Evangelista S. Mateus, no capítulo 21⁹⁵, que⁹⁶ disse Cristo a dous discípulos: ite in Castellum quod
 5 contra vos est, et statim invenietis asinam alligatam et pullum cum ea solvite et adducite mihi, et si quis vobis aliquid dixerit dicite quia dominus his opus habet et⁹⁷ confestim dimittet eos [Trad. 31]. A jumenta e jumentinho, seu filho, como é comum exposição dos Padres, significam os dous Povos, a mãe⁹⁸ o Judaico e o filho o Gentílico, porque **por ordem** à fé o Judaico é mais⁹⁹ antigo, e dele nasceu a mesma fé, segundo o que pouco antes referimos de Isaías: quia de Sion exhibit lex et verbum domini de Ierusalem [Trad. 32]. Ambos **estavam atados** porque ambos estavam presos e cativos do Demónio e do pecado, e foram os discípulos de Cristo a desata-los porque só eles têm poder de desatar, por meio¹⁰⁰ das chaves de S. Pedro e graça dos sacramentos, e quis Cristo triunfar, não só em um destes animais, senão em ambos,¹⁰¹ como tinha profetizado Zacarias, no
 10 capítulo 9^{o102}, porque no fim da vitória que Cristo há-de alcançar deste mundo (que é o tempo em que os vencedores triunfam) há-de ter inteiramente **sujeitos** e debaixo de si ambos os Povos, Judaico e Gentílico, fazendo de ambos, não dous, senão um só triunfo, porque de ambos há-de fazer também um só povo.

103 E se a alguém, por ventura, lhe parecer cousa muito grande esta, e dificultosa de crer, repare que as de Deus não são pequenas, e que há-de¹⁰⁴ obrar Cristo nela com a plena potestade de seu domínio,¹⁰⁵ ao qual nenhũa cousa resiste, que por isso **Cristo disse aos discípulos:** et si quis vobis aliquid dixerit,¹⁰⁶ dicite quia dominus his opus habet, et confestim dimittet eos [Trad. 33]; e assi foi, como refere com maior expressão S. Marcos, porque quando Deus quer obrar suas maravilhas, e quando é chegado o
 25 tempo delas, ninguém lhe resiste, e se agora e até agora se têm experimentado tantas resistências é porque ainda não chegou o tempo. ¹⁰⁷Finalmente, no dia da paixão de Cristo, foi a mesma paixão causa de que *Pilatos e Herodes, que dantes eram inimigos, se fizessem amigos, como diz S. Lucas¹⁰⁸ no capítulo 23¹⁰⁹: Et facti sunt amici in illa die Pilatus et Herodes nam antea inimici erant [Trad. 34], sendo o mistério desta
 30 reconciliação de Pilatos e Herodes por meio de Cristo a **reconciliação**¹¹⁰ e união, também por meio de Cristo e no mesmo Cristo, dos dous povos que tão inimigos eram

⁹⁴ [§ 166 na ed. de HC. Em BN encontra-se um traço horizontal a marcar o parágrafo.]

⁹⁵ 21] [sublinhado no original.]

⁹⁶ que] [segue-se uma palavra risc.]

⁹⁷ et] [segue-se uma letra risc.]

⁹⁸ mãe] [no original mai, certamente por lapso.]

⁹⁹ o Gentílico...o Judaico é mais] [sublinhado no original.]

¹⁰⁰ meio] [seguem-se várias palavras risc.]

¹⁰¹ ambos,] [segue-se porque risc.]

¹⁰² 9^o] [sublinhado no original.]

¹⁰³ [§ 167 na ed. de HC. Em BN encontra-se um traço horizontal a marcar o parágrafo.]

¹⁰⁴ há-de] [-de entrel. a substituir obrar risc. na linha.]

¹⁰⁵ domínio,] [no original domininio, com a primeira das sílabas repetidas risc. Segue-se a q- risc.]

¹⁰⁶ dixerit] [segue-se dixi risc.]

¹⁰⁷ [§ 168 na ed. de HC.]

¹⁰⁸ S. Lucas] [no original João risc. O nome risc. não foi, em BN, substituído. O preenchimento desta lacuna é feito com base em TT. Já na marg. pode ler-se que, sem qualquer sinal de anulação, mas que não se enquadra no contexto.]

¹⁰⁹ 23] [sublinhado no original.]

¹¹⁰ reconciliação] [no original reconciliam, certamente por lapso. Cf. TT.]

5

*...utraque unum et medium...*⁸
*...materiae dissolvem*⁹ [...] *ut duos...*
*...faciens pacem, et*¹⁰ *reconciliet...*

10

15

20

25

30

⁸ *...utraque unum et medium...* [leitura errada da lição de TT *...utraque unum, medium...*].

⁹ *dissolvem* [leitura errada da lição de TT *dissolvens.*].

¹⁰ *et* [leitura errada da lição de TT *ut.*].

de antes, o Gentílico e o Judaico, o Gentílico representado em Pilatos, que era Gentio, e o Judaico significado em Herodes, que era Judeu. ¹¹¹E porque os pactos e amizades antigamente se firmavam com sangue, este diz S. Paulo que foi o mistério do sangue de Cristo na cruz, como escreve aos *Efésios, que eram Gentios, pelas palavras seguintes, que são do capítulo 2º: Nunc autem in Cristo Ieso vos¹¹² qui aliquando eratis longe facti estis prope in sanguine Christi. Ipse enim est pax nostra qui fecit utraque unum **medium** parietem materiae **dissolvens**. Ut duos condat in semetipso in unum novum hominem faciens pacem **ut** reconciliet ambos in uno corpore Deo per crucem interficiens inimicitias in semetipso¹¹³ [Trad. 35]. Até aqui S. Paulo, em cujas palavras há tantas confirmações do que temos dito quantas são as cláusulas, em que sempre, por diversos termos, repete e inculca a mesma união dos dous povos entre si e em Cristo. E sendo este o fim¹¹⁴ e a significação de todos os mistérios de sua vida e morte, desde a encarnação até à cruz, que muito que nos persuadam tantos textos do Novo e Velho Testamento a que creamos que o há-de fazer e aperfeiçoar assi o mesmo Cristo, pois quis e pode?

20

25

30

35

40

¹¹¹ [§ 169. na ed. de HC. Em BN o parágrafo encontra-se assinalado com um traço horizontal.]

¹¹² [muda para fls. 218r em TT.]

¹¹³ in semetipso] [na nossa ed. in carne sua. Cf. também na ed. de HC. vol. I, p. 321, nota (1): Na minha ed.: in carne sua.]

¹¹⁴ fim] [segue-se de todo risc.]

NOTAS

5

[Trad. 1] Vieira cita aqui o apêndice deuteroacanónico ao Livro de Ester: "Pois ele preparou duas sortes, uma para o seu povo e a outra para os pagãos". Ester (Grego) 10: 7 (na Vulgata Ester 10: 10).

10

[Trad. 2] "E assim a soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos da terra serão entregues ao povo dos santos do Deus altíssimo. Esse poder real será efectivo para sempre e todos os governantes da terra o hão-de servir e lhe obedecerão". Daniel 7: 27.

15

[Trad. 3] "Dois gémeos lutavam um contra o outro no seu ventre e ela exclamou: "Foi realmente para isto que eu fiquei grávida?" Foi então consultar o Senhor e ele respondeu-lhe: "Trazes dentro de ti dois povos; duas nações hão-de sair do teu ventre. Cada um deles tentará ser o mais forte, mas o mais velho é que terá de submeter-se ao mais novo". Génesis 25: 22-23.

20

[Trad. 4] "Os crentes judeus, que tinham ido com Pedro, ficaram muito admirados por verem que Deus tinha dado o Espírito Santo também aos que não eram judeus". Actos dos Apóstolos, 10: 45.

25

[Trad. 5] "Deus é conhecido em Judá; o seu nome é famoso em Israel". Salmos 76: 2.

[Trad. 6] "Por isso, quando Pedro chegou a Jerusalém, foi criticado pelos que eram adeptos da circuncisão. Eles diziam: "Entraste em casa de pessoas não circuncidadas e até comeste com elas!". Actos dos Apóstolos 11: 2-3.

30

[Trad. 7] "De facto, Deus usou para com eles da mesma bondade que usou para conosco, que acreditámos no Senhor Jesus Cristo. Quem era eu então, para poder resistir à vontade de Deus?". Actos dos Apóstolos 11: 17.

35

[Trad. 8] "...e gritavam: "Israelitas, acudam! Este é o que anda por toda a parte a pregar a toda a gente contra o povo de Israel, contra a Lei de Moisés e contra este templo. Além disso, trouxe agora para o templo homens que não são judeus, manchando assim este santo lugar!". Actos dos Apóstolos 21: 28.

40

[Trad. 9] "Mas o Senhor disse-me: "Vai, que eu vou enviar-te para muito longe, para o meio de povos que não são judeus." O povo ouviu Paulo até este ponto. A partir daí começaram a gritar: "Morte a este homem! Ele não pode continuar a viver!". Actos dos Apóstolos 22: 21-22.

45

[Trad. 10] "Jesus então disse: "Eu só fui enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel". Mateus 15: 25.

[Trad. 11] "Jesus enviou estes doze com as seguintes instruções: "Não se desviem para o caminho dos pagãos, nem entrem em qualquer cidade dos samaritanos". Mateus 10: 5.

[Trad. 12] “Esaú correu ao seu encontro e, atirando-se-lhe ao pescoço, abraçou-o e beijou-o e ambos choravam de alegria”. Génesis 33: 4.

5 [Trad. 13] “Ao ouvir isto, ficou zangado e nem queria entrar. O pai saiu para o convencer”. Lucas 15: 28.

[Trad. 14] “A pedra que os construtores rejeitaram veio a tornar-se a pedra principal”. Salmos 118: 22.

10

[Trad. 15] “Aproximem-se do Senhor, que é pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e de muito valor aos olhos de Deus”. I Pedro 2: 4.

15 [Trad. 16] “Mas nós anunciamos Cristo que morreu na cruz. Isto causa horror aos judeus e parece uma loucura para os não-judeus”. I Coríntios 1: 23.

[Trad. 17] “Isto foi feito pelo Senhor; é uma maravilha que nós podemos ver!”. Salmos 118: 23.

20 [Trad. 18] “Extermina-os, consome-os na tua ira, de modo que deixem de existir! Que se saiba que Deus reina em Israel e que o seu reino abrange toda a terra!”. Salmos 59: 14.

[Trad. 19] “Os governantes dos povos reúnem-se com o povo do Deus de Abraão. Pois dependem de Deus os soberanos do mundo; ele está acima de tudo!”. Salmos 47: 10.

25

[Trad. 20] “Livraste-me das contendas dum povo e fizeste-me governante de nações; povos desconhecidos me servirão”. Salmos 18: 44.

30 [Trad. 21] “Submeteu todas as coisas à autoridade de Cristo e fez dele chefe e cabeça da igreja”. Efésios 1: 22.

[Trad. 22] “Simeão abençoou-os e disse a Maria sua mãe: “Este menino é para muitos em Israel motivo de ruína ou salvação. Ele é sinal de divisão entre os homens...”. Lucas 2: 34.

35

[Trad. 23] “Dias virão em que a montanha sobre a qual está o templo do Senhor ficará acima de todas as montanhas mais alta do que qualquer outro monte; e acorrerão a ela os povos de todas as nações, em enorme multidão, exclamando: “Venham! Subamos à montanha do Senhor, ao templo do Deus de Israel! Ele nos ensinará o que devemos fazer, para podermos cumprir a sua vontade.” Do monte de Sião, em Jerusalém, é que o Senhor nos ensina com a sua palavra”. Isaías 2: 2-3.

40

[Trad. 24] “Vamos, povo de Jacob! Caminhemos guiados pela luz do Senhor!”. Isaías 2: 5.

45

[Trad. 25] “Virá o dia em que vou reunir aqueles que castiguei duramente aqueles que estão feridos e sofreram o exílio. Palavra do Senhor! Estão coxos e longe da pátria, mas eu farei deles uma nação poderosa. Reinarei sobre eles, no monte de Sião, desde agora e

para sempre”. Miqueias 4: 6-7.

5 [Trad. 26] A indicação de Vieira encontra-se errada; os passos citados são do capítulo 25 de Isaías e não do capítulo 24. “No monte Sião, o Senhor do universo vai oferecer a todos os povos um banquete de carnes gordas, acompanhadas de vinhos finos, carnes gordas e bem defumadas, vinhos finos e bem tratados”. Isaías 25: 6.

10 [Trad. 27] “O Senhor Deus aniquilará a morte para sempre, enxugará as lágrimas em todas as faces, e tirará da nação inteira a afronta que o seu povo tem suportado. Foi o Senhor quem o prometeu!”. Isaías 25: 8.

15 [Trad. 28] “Juntem-se todas as nações, e reúnam-se os povos. Qual dos seus deuses anunciou estas coisas e nos predisse o que aconteceu? Que apresentem testemunhas para se justificarem, e, ouvindo-as, se possa dizer: “É verdade!”. Isaías 43: 9.

20 [Trad. 29] “Naquele dia, uma estrada ligará o Egípto à Assíria. Os assírios irão ao Egípto e os egípcios à Assíria e tanto os egípcios como os assírios servirão o Senhor. Nesse dia, ao lado do Egípto e da Assíria, aparecerá Israel como mediador e será uma bênção de Deus no meio do mundo. O Senhor do universo dará a seguinte bênção: “Eu abençoo o Egípto, meu povo, a Assíria, que criei com as minhas mãos, e Israel, a minha herança”. Isaías 19: 23-25.

25 [Trad. 30] “Já vi com os meus olhos o Salvador que enviaste para todos os povos. Ele é luz que iluminará os pagãos e glória de Israel, teu povo”. Lucas 2: 30-32.

30 [Trad. 31] “...com este recado: “Vão àquela povoação ali em frente. Logo que lá entrarem, não-de encontrar uma jumenta presa e um jumentinho com ela. Soltem-nos e tragam-mos. Se alguém vos disser alguma coisa, respondam que o Senhor precisa deles. E ele em breve os manda entregar”. Mateus 21: 2-3.

[Trad. 32] Cf. supra Trad. 23.

[Trad. 33] Sf. Supra Trad. 31.

35 [Trad. 34] “Nesse mesmo dia Pilatos e Herodes ficaram amigos, pois antes disso andavam de relações cortadas”. Lucas 23: 12.

40 [Trad. 35] “Mas, se antes estavam longe, agora, por meio da morte de Cristo, estão perto dele. Cristo é a nossa paz: de dois povos separados fez um só povo. Com a sua morte ele destruiu o muro que os separava e os tornava inimigos um do outro. Aboliu a lei judaica com os seus preceitos e tradições para que, unidos nele, judeus e não-judeus pudessem formar uma humanidade nova, vivendo em paz. Pela sua morte na cruz, Cristo destruiu o ódio que os dividia e fez deles um só corpo, reconciliando-os com Deus”. Efésios 2: 13-16.

45

5

Questão 12ª

10

...fallando Christo *de sy & dos homens* em metáfora de pastor **& de** ovelhas...

15

..de que Christo **falla**, significado na palavra...

...que diz tem **& que** não são deste rebanho...

20

...de humas **& outras ovelhas** se fará...

25

30

...aquelle texto de **S. Mattheos**: *statuet oves*...

35

40

45

5

Questão 18^a

Se é este o sentido daquelas palavras de Cristo: fiet unum ovile et unus pastor [Trad. 1]; e se nelas se significa a união total de ambos os povos na mesma fé e conversão universal do mundo?

10

² No capítulo 10³ de S. João, falando Cristo **dos Judeus** em metáfora de⁴ pastor **com nome de** ovelhas, depois de dizer que havia de dar a vida por elas, ajuntou as palavras tão sabidas e celebradas : Et alias oves habeo quae non sunt ex hoc ovili, et illas oportet me adducere et vocem meam audient et fiet unum ovile et unus pastore⁵ [Trad. 2]. O rebanho ou curral de que Cristo **falava**, significado na palavra *ex hoc ovili*, é o Povo Judaico, que foi, desde Abraão, pai de todos os crentes, o primeiro rebanho ou curral em que Deus, supremo pastor das almas, teve ovelhas, nas quais pôs a marca da circuncisão para que fossem conhecidas por suas. As outras ovelhas que diz tem, **que**⁶ não são deste rebanho nem deste curral, são todas as nações dos Gentios, as quais, posto que sejam de Deus pelo título da criação, não pertencem contudo ao seu rebanho e curral, porque nem têm a marca especial de suas, nem seguem a voz de sua Lei, nem se sustentam do pasto de sua doutrina; e estas diz Cristo que lhe importa também trazer e unir ao seu rebanho, e que ouvirão sua voz, e que de **úas e outras** se fará um só curral, debaixo de um só pastor. Até aqui o texto, sobre o qual pergunta agora a nossa questão se promete Cristo nele a conversão universal de todo o mundo, de sorte que assi o Povo Judaico como o Gentílico se haja de unir todo na mesma fé⁷ e professar a mesma Lei de Cristo, recolhendo-se um e outro, como ovelhas suas⁸, todas ao mesmo curral, que é a Igreja, e todas debaixo do mesmo pastor, que é o Sumo Pontífice?

25

⁹ Respondo que sobre o entendimento deste texto há três opiniões e três exposições principais. A primeira é de muitos Padres antigos, os quais tiveram para si que Cristo falava somente dos Predestinados, e que assi dos Predestinados do Povo Judaico como dos Predestinados do Povo Gentílico se havia de compor este rebanho de ovelhas de Cristo, as quais ele, no Dia do Juízo, havia de pôr todas à mão direita, conforme aquele texto de **S. Mateus no capítulo**¹⁰: statuet oves a dextris haedos autem a sinistris [Trad. 3]. Mas esta opinião está hoje antiquada, e menos recebida, porque a palavra¹¹ *ovili*, em sentença comum de todos, significa a Igreja, e a palavra *pastor*, assi mesmo, significa o Sumo Pastor, Vigário de Cristo, e é certo que dentro da Igreja e debaixo do Sumo Pastor

35

¹ 18^a [O 8 foi desenhado sobre um 6. Ao lado pode ler-se: no dito papel 12^a.]

² [88 em BN. § 170 na ed. de HC. O parágrafo começa com várias palavras risc.]

³ 10] [sublinhado no original.]

⁴ [fl. 155v.]

⁵ pastore] [seguem-se várias palavras risc.]

⁶ que] [no original escrito sobre as quais, com anulação das letras desnecessárias.]

⁷ fé] [seguem-se várias palavras risc.]

⁸ como ovelhas suas] [na marg.]

⁹ [89 em BN. § 171 na ed. de HC. O parágrafo começa com uma palavra risc.]

¹⁰ capítulo] [a indicação do número do capítulo em questão não figura nem em BN, nem em TT. Trata-se, no entanto, de Mateus, 25: 33.]

¹¹ palavra] [palavra intercalada em TT. Cf. na ed. de HC, vol. I, p. 322, nota (2).]

5

10 ...assy Gentios como **Judeos** avião de ser admitidos...

15

...hum & outro Povo, **de** humas & outras ovelhas...¹

20

...a que agora *referimos*². & a que *seguimos*.

... com a **2ª. opinião**, no demais...

25

... desfazer a parede entremea (**como diz S. Paulo**) & a **distinção & diferença que dividia os dous Povos Gentilico & Judaico**, mas significar...

...a dita **parede & divisão**, viria e virá tempo...

30

35

40

45

¹ ...hum & outro Povo, de humas & outras ovelhas...] [*leitura errada da lição de TT ...hum e outro Povo, e de huas e outras ovelhas...*].

² *referimos*] [*leitura errada da lição de TT referiremos.*].

não estão só os Predestinados, senão todos aqueles que, pela marca do baptismo, se fizeram do número das ovelhas de Cristo, ou sejam predestinados ou não predestinados, pois a mesma Igreja é semelhante àquela grande rede, de cuja pescaria se diz: elegerunt bonos in vasa malos autem foras miserunt¹² [Trad. 4], e com *a mesma alâmpada da fé, mais ou menos provida de óleo da caridade, se acham nela, como diz S. Gregório, virgens nescias e prudentes, ùas que entram no céu, que são os Predestinados, e outras a quem se fecha a porta, que são os Réprobos.

¹³ A segunda exposição e opinião é também de muitos autores, principalmente modernos, os quais¹⁴ dizem que o intento de Cristo no dito texto não foi mais que dizer que assi Gentios como **Cristãos**¹⁵ haviam de ser admitidos à mesma fé e à mesma Igreja, e que entre o Povo Judaico e Gentílico não havia de haver a distinção e diferença que até àquele tempo tinha havido, conforme o que escreve S. Paulo no capítulo 3º da Epístola aos¹⁶ *Gálatas, e o repete também no 3º capítulo da Epístola aos *Colossenses: induentes novum hominem qui renovatur in agnitionem secundum imaginem eius qui creavit illum, ubi non est gentilis et Iudeus circuncisio et praeputium [Trad. 5]; mas que, nas ditas palavras, de nenhum modo quis Cristo significar que em algum tempo houvesse de ser tão universal e total esta união de um e outro povo e de ùas e outras ovelhas na mesma fé que nem os Gentios¹⁷ nem os Judeus seguissem, como até agora, outra seita, e obedecessem, fora da Igreja, a outros pastores. Esta exposição, quanto à primeira parte, é certa e se pode confirmar de tudo o que deixamos dito na questão passada; quanto à segunda, tem contra si os fundamentos da 3ª opinião, que é a que agora **referiremos**, e a que seguimos¹⁸.

¹⁹ A 3ª exposição, concordando, na primeira parte, com a **segunda**, no demais concede e resolve o que ela nega, e diz que o intento de²⁰ Cristo no dito texto, não só foi tirar e desfazer a parede entremea **que dividia os dous Povos, Gentílico e Judaico (como dizia, pouco há, S. Paulo aos Efésios)**, mas significar também que, tirada e desfeita a dita **parede**²¹, viria e virá tempo em que, convertidos e reduzidos inteiramente ambos os povos²² à união da verdadeira fé, não haja em todo o mundo mais que um só rebanho, que será o de Cristo, e um só curral, que será a Igreja, e um só pastor, que será o seu Vigário. A esta exposição, comentando as sobreditas palavras, chama Maldonado *exposição do vulgo*, ao qual acrescenta o elogio de *pessimo semper scripturarum interprete* [Trad. 6]. E posto que eu venere este grande autor quanto ele merece, *estimara muito achar-me em lugar onde, com a cópia necessária de livros, lhe mostrara bem quão douto e quão autorizado é o vulgo a que ele perfilha esta exposição.²³ Mas ainda que neste lugar, e com tão desigual partido, apontarei²⁴ a Maldonado e aos que o

¹² [o texto é de Mateus, 13: 48.]

¹³ [90 em BN. § 172 na ed. de HC.]

¹⁴ quais] [segue-se qua risc.]

¹⁵ Cristãos] [lapso de Vieira, por Judeus, corrigido em TT.]

¹⁶ aos] [no original ao, certamente por lapso. Cf. TT.]

¹⁷ [muda para fls. 218v. HC indica erradamente o fl. 208.]

¹⁸ seguimos] [palavra intercalada em TT. Cf. ed. de HC, vol. I, p.323, nota (1).]

¹⁹ [91 em BN. § 173 na ed. de HC.]

²⁰ de] [segue-se Crist- risc.]

²¹ parede] [seguem-se duas linhas de texto risc.]

²² [fl. 156r. No início do fólio encontram-se duas letras risc.]

²³ exposição.] [segue-se uma maiúscula risc.]

²⁴ apontarei] [seguem-se três letras risc.]

5

10

...na 2^a. *Isagoge dos Canticos*;...

15

...Salazar sobre os *Canticos*; de Victoria, in *Relectione de Judie*³...

20

25 ...ajudandose para isso (**como dizem em seus breves**) do Conselho...

...& **exprimindo** a dita exposição...

...no Hymno **da festa de todos os Santos**.

30

...que **significa** a Igreja;...

35

40

45

³ relectione de Judie] [*leitura errada as lição de TT* relatione de Indis].

seguem²⁵ os autores que bastem, não só para defender e estabelecer, mas para acreditar e honrar muito a dita exposição e opinião. ²⁶Primeiramente, diz Nicolau de Lira que esta opinião e exposição é comum e universal de toda a Cristandade, e bem pudera dizer que antes da Cristandade era já autorizada e recebida, porque assi está expressa nos

5 antiquíssimos oráculos da Sibila Eritrea, em um livro inteiro seu, que estampou em Veneza o já alegado²⁷ Rusticano. *É de Origines, sobre os Números, alegorizando a lepra de Maria, irmã de Moisés; é de S. Agostinho, contra Donatistas; é do veneravel Beda, sobre S. Lucas; é de S. Pascatio, no livro *De Predictionibus*; é de Orosio, na sua *Historia ab Origine Mundi*, aprovada, como já dissemos, por S. Agostinho; é de S. Leão

10 Papa; de S. Gaudêncio; de S. Ireneu²⁸; de Lactâncio Firmiano, *De Institutionibus Divinis*; de Ubertino, sobre o Apocalipse; de S. Metódio; de Joaquim Abade, sobre Jeremias; de Hortulano, na 2^a *Isage* dos Cânticos; de Serafino de Fermo; de Arias Montano, sobre o Profeta Zacarias; de Caelio Panonio e Pedro Belingero, sobre o Apocalipse; de Sanchez, nos Comentários de Jeremias; de Cornélio a Lápide, nos do

15 Apocalipse, posto que no Evangelho de S. João (*de more suo) siga a Maldonado; de Salazar, sobre os **Provérbios**; de Vitoria, ***in relatione De Indis**; de Fero, sobre S. Mateus; de²⁹ Genebrardo, na sua *Cronologia*; e é, que assi se pode dizer³⁰, de todos os Padres do Concílio Tridentino, porque assi está expressa no fim da oração gratulatória do mesmo Concílio, sendo certo que nem o doutíssimo Bispo, autor daquela oração, se atrevera a supor e seguir a dita exposição na presença de todo aquele sagrado congresso, nem ele a aprovara e permitira estampar naquele divino livro, se a não tivera, quando menos, por provavel e muito segura. Finalmente, é da mesma Igreja³¹, aprovada e celebrada publicamente e cantada em todas as do mundo, e ultimamente tornada a aprovar por Pio Quinto, Clemente Oitavo e Urbano Oitavo, que tão exactamente

25 trataram da reformação e pureza do Breviário Romano, ajudando-se para isso, **como dizem em seus Breves**, do conselho de varões pios, eruditos e doutos, os quais todos, seguindo e **exprimindo mais** a dita exposição, acharam que eram vozes dignas da Igreja Católica as que se lêem no Hino **de todos os Santos**: Auferte gentem perfidam credentium de finibus ut unus omnes unicum ovile nos pastor regat [Trad. 7]. ³²Aquela

30 mulher do vulgo³³, de quem diz S. Lucas: extollens vocem quaedam mulier de turba,³⁴ [Trad. 8] dizem os Padres que **significava** a Igreja, e esta mulher do vulgo é a que segue a exposição que Maldonado chama *do vulgo*, e este vulgo são os Padres do Concílio Tridentino, e tantos outros da Igreja, e gravíssimos autores de todas as idades dela, além de outros muitos que achará, com pouca diligência, quem o puder e quizer fazer. Agora

35 mostraremos como esta é a mente do texto, e isto o que Cristo quis dizer nele.

³⁵ Toda a dúvida de sua verdadeira inteligência consiste na pala³⁶vra *unum e unus*;

²⁵ seguem] [segue-se uma abreviatura de que ou quantos risc.]

²⁶ [§ 174 em BN.]

²⁷ alegado] [segue-se o início de uma palavra risc.]

²⁸ Ireneu] [no original Hireneo, com o H risc.]

²⁹ de] [seguem-se duas ou três letras risc.]

³⁰ dizer] [segue-se uma marca de fechamento de parêntese que não tem correspondente.]

³¹ Igreja] [palavra intercalada em TT. Cf. ed. de HC, vol. I, p. 325, nota (1).]

³² [§ 175 na ed. de HC.]

³³ do vulgo] [na marg.]

³⁴ turba,] [no original com dois pontos que substituem uma vírgula risc.]

³⁵ [92 em BN. § 176 na ed. de HC.]

³⁶ [muda para fls. 219r em TT. HC continua a indicar erradamente o fl. 209.]

5

10

...os Judeos que o⁴ **seguem**...

15

20

...**obedeção a hum só Pastor.**

25

...*nos Pastor reget*⁵. Onde...

...pois a palavra ***unum & unus***, naquella sentença...

30 ...tem a mesma **significação & suposição**. Mas para mayor...

...**hum só senhor & hum só pastor**...

35

40

45

⁴o] [*leitura errada da lição de TT a.*].

⁵ reget] [*leitura errada da lição de TT regat.*].

porque, se a palavra *unum*, quando Cristo³⁷ diz³⁸: unum ovile, quer dizer simplesmente³⁹ *um*, não exclui que haja outros currais; e se a palavra *unus*, quando Cristo diz: unus pastor, quer também dizer simplesmente *um*, não exclui que haja outros pastores. Mas a força de *ũa* e outra palavra neste texto não quer dizer simplesmente *um*, senão *um só* ou

5 *único*, conforme aquilo do Profeta⁴⁰: Unus est et secundum non habet, e o do Poeta: unus ego in Pallanta ferar⁴¹ [Trad. 9], que é⁴² significação ordinária e corrente da palavra *unus* e *unum*, assi nos⁴³ escritores sagrados como nos profanos. E dizendo Cristo que há-de haver um só⁴⁴ e único curral e um só e único pastor, segue-se claramente o sentido da nossa conclusão, porque havendo outros pastores não pode Cristo ser único pastor, e

10 havendo outros currais não pode o de⁴⁵ Cristo ser único curral, assi como se vê hoje no mundo. Moisés é um pastor (depois de abrogada a Lei de que ele foi ministro), e os Judeus, que a⁴⁶ seguem, são o seu rebanho⁴⁷ e o seu curral; Mafoma é outro pastor, e os Mouros e Turcos o rebanho e curral de Mafoma; Lutero e Calvino são outros pastores, e os Luteranos e Calvinistas os rebanhos e currais destes heresiarcas; e entre os Gentios,

15 segundo suas diversas seitas, há a mesma variedade de pastores, de rebanhos e de currais; e por isso as ovelhas⁴⁸ de Cristo hoje não são único rebanho, nem a sua Igreja único curral, nem o seu⁴⁹ Vigário único pastor. Logo, se há-de ser, em algum tempo, um só e único pastor, um só e único curral, um só e único rebanho, necessariamente há-de haver tempo em que todos os outros rebanhos, currais e pastores deixem de seguir os

20 erros que seguem e de fazer a distinção e separação que fazem, e que, reduzidos todos à união da mesma fé, assi unidos formem um só curral, e assi unidos⁵⁰ **obedeçam** um só pastor.

51 E que a palavra *unum* e *unus* signifique neste texto um só e único prova-se em ambas as cláusulas dele. Na cláusula *unum ovile* prova-se pela autoridade da Igreja, pouco antes alegada: Ut unus omnes Unicum Ovile nos Pastor **regat** [Trad. 10], onde, em lugar de *unum ovile*, tresladou e pôs *unicum ovile*, não mudando ou variando o texto de Cristo, mas declarando e exprimindo mais o verdadeiro sentido dele, e mostrando que a palavra *unum*, naquele lugar, não quer dizer simplesmente *um*, senão *um só* e *único*. Na cláusula *Unus Pastor* não era necessária nova prova, pois a palavra *Unus* e *Unum*, naquela sentença de Cristo, tem a mesma **suposição e significação**, mas, para maior confirmação dela, quero combinar um texto de Isaías com outro de Zacarias, dos quais ambos se colhe e convence que um e outro povo, e todo o género humano, naquele

30 tempo⁵² terá **um** senhor e **um** pastor, que é Cristo, e que este pastor e senhor não

³⁷ Cristo] [entrel.]

³⁸ diz] [no original dizemos, com a última parte da palavra risc.]

³⁹ simplesmente] [na marg. a substituir somente risc. na linha.]

⁴⁰ do Profeta] [na marg.]

⁴¹ e o do Poeta..ferar] [na marg.]

⁴² é] [segue-se ex- risc.]

⁴³ nos] [segue-se uma letra risc.]

⁴⁴ só] [seguem-se várias palavras risc.]

⁴⁵ [fl. 156v.]

⁴⁶ a] [no original as com a marca de plural risc.]

⁴⁷ rebanho] [segue-se os risc.]

⁴⁸ as ovelhas] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

⁴⁹ seu] [segue-se Pastor risc.]

⁵⁰ unidos] [seguem-se duas letras risc.]

⁵¹ [§ 177 na ed. de HC.]

⁵² tempo] [segue-se uma palavra risc.]

*...erit dominus et elevabitur Dominus solus...*⁶

5

10 He **excelente** prova deste sentido...
...1º. Capº. dos **Canticos**, onde...
...**apascentava** suas ovelhas...

15

...**apascentes o teu gado**. Até aqui...

20

25

...**nem escuridade de erros, em tal tempo...**⁷

30

35

40

45

⁶ *...erit dominus et elevabitur Dominus solus...* [*leitura errada da lição de TT ...erit dominus unus, et nomen eius unum: E Isaias no cap. 45. diz que será sô: et elevabitur dominus solus...*].

⁷ *...nem escuridade de erros, em tal tempo...* [*leitura errada da lição de TT ...nem escuridade de erros: e em tal tempo...*].

somente será um, senão um só⁵³ e único. A significação da palavra *Unicus* é *unus et solus*, e ambas as cousas disseram os dous Profetas, falando de Cristo naquele tempo: Zacarias, no capítulo 14⁵⁴, diz que será um: In die illa erit **dominus unus et nomen eius unum** [Trad. 11]; e Isaías, no capítulo 45⁵⁵, diz que será só: et elevabitur dominus solus in illa die, et idola penitus conterentur [Trad. 12]. De sorte que o pastor e o senhor há-de ser único, e o rebanho e o curral também único, em forma que em todo o mundo não haja outros pastores, senão só este pastor, nem outro rebanho e ovelhas, senão só este rebanho⁵⁶; e isto é o que promete Cristo quando diz: fiet unum ovile et unus pastor [Trad. 13].

10 ⁵⁷ É **admirável** prova deste sentido, e consonância deste texto, outro, do 1º capítulo dos **Cantares**, onde a esposa é a Igreja e o esposo Cristo, ambos em metáfora pastoril. Pediu a esposa ao esposo que lhe dissesse onde **apascentava a suas ovelhas** ao meio dia: Indica mihi quem diligit anima mea ubi pascas ubi cubes in meredie, para que lhe não acontecesse⁵⁸ andar errada pelos campos e ir encontrar os rebanhos de outros pastores: 15 ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum. A resposta do esposo a esta pergunta foi: Si ignoras te o pulcherrima inter mulieres egredere et abi post vestigia gregum tuorum et pasce haedos tuos iuxta tabernacula pastorum [Trad. 14]. Se te não conheces, ó fermosíssima entre todas as mulheres, sai e vai seguindo as pisadas do teu rebanho, e verás se encontras cabanas de outros pastores junto das quais apascentes **os teus cabritos**. Até aqui o famoso texto, e deixadas algúas circunstâncias dele para outro lugar, agora só nos serve notar, com S. Agostinho, a coerência da resposta com a pergunta⁵⁹. Se a Igreja pergunta a Cristo⁶⁰ onde apascenta ao meio dia:⁶¹ Ubi pascas in meredie? que coerência tem⁶² responder-lhe Cristo⁶³ que se não conhece, e chamar-lhe na mesma ocasião fermosíssima⁶⁴: Si ignoras te o pulcherrima? A coerência⁶⁵, e 20 admiravel coerência, é⁶⁶ porque o tempo do Meio Dia de Cristo e do mundo é este tempo futuro em que falamos, no qual a luz da fé há-de ser a maior e mais intensa, sem sombra nem escuridade de erros, e **em tal tempo** e tal estado, perguntar a Cristo onde apascenta é ignorância, porque então⁶⁷ há-de apascentar Cristo⁶⁸ em todo o mundo universalmente, sem ter lugar ou *ubi* particular (digamo-lo assi) onde se haja⁶⁹ de buscar

⁵³ só] [entrel.]

⁵⁴ 14] [sublinhado no original.]

⁵⁵ 45] [sublinhado no original.]

⁵⁶ rebanho] [no original há uma letra risc. no meio da palavra.]

⁵⁷ [93 em BN. § 178 na ed. de HC.]

⁵⁸ acontecesse] [seguem-se várias palavras risc.]

⁵⁹ pergunta] [segue-se se risc.]

⁶⁰ Se a Igreja pergunta a Cristo] [no original a frase apresenta uma outra ordem, que depois foi alterada através do uso de números, no original entrel., que indicam a nova ordem dos constituintes: /2Pergunta/1 a(se entrel. e não anulado, provavelmente por esquecimento.) Igreja/3 a(entrel. a substituir se risc. na linha) Cristo.]

⁶¹ dia:] [segue-se e vos risc.]

⁶² que coerência tem] [na marg. a substituir cerca de meia linha de texto risc.]

⁶³ Cristo] [entrel.]

⁶⁴ e chamar-lhe, na mesma ocasião, fermosíssima] [na marg. a substituir um ponto de interrogação risc. na linha.]

⁶⁵ A coerência] [muda para fls. 219v em TT.]

⁶⁶ A coerência, e admiravel coerência, é] [na marg. a substituir o início de uma palavra risc. na linha.]

⁶⁷ então] [entrel.]

⁶⁸ Cristo] [entrel.]

⁶⁹ se haja] [entrel. a substituir seja risc. na linha.]

5

10 ...senão huma só **cabana**.
Agora ponderemos huma por huma...

15

20

25 ...& expressamente **David no *Psalmo 85***.

30

35

40

45

este único pastor, ou seus pastos, ou suas ovelhas, porque as ovelhas, os pastos e o pastor hão-se⁷⁰ de achar em todo o mundo, e em qualquer parte dele. Por isso diz Cristo à Igreja que se não conhece: si ignoras te, porque⁷¹ fazer a Igreja⁷² aquela pergunta é não conhecer quão estendida e universal será, naquele tempo, sua grandeza, e por isso
 5 também lhe chama nesta ocasião formosíssima, *pulcherrima*, porque a Igreja, que em todo o tempo é fermosa, naquele tempo e naquele estado o será em grau superlativo. E em prova de tudo, e confirmação de que não poderá encontrar⁷³ cabanas de outros pastores, como temia, lhe diz que saia pelas pegadas do seu rebanho, a ver se as⁷⁴ encontra, porque então não há-de haver outros pastores, senão um só pastor, nem outras
 10 cabanas, senão ùa só **cabana**.

Essa foi também a ignorância de Pedro em querer fazer três cabanas (que é o tabernaculum pastorum) quando viu a Cristo, resplandecente como o sol, não advertindo que, naquele Meio Dia de sua glória⁷⁵, nem Moisés nem Elias hão-de ter cabana, e que a de Cristo (como ali era) há-de ser o mundo.

15 Agora ponderemos ùa por ùa as palavras do texto de Cristo⁷⁶, e ficará manifesto em cada ùa, e provado de novo em todas, ser este o sentido delas.

77 *Et alias oves habeo quae non sunt ex hoc ovili* [Trad. 15]. As outras ovelhas, que não são, ou não eram, do rebanho de Cristo, são todos os infieis, que o não reconhecem nem adoram, e diz que são suas, ou que as possui, ou que as tem: *et alias oves habeo*,
 20 porque, ainda que não sejam suas pela obediência da fé, são suas pelo título da criação, como dezíamos, e daqui se infere que há-de haver tempo em que todos os ditos infieis entrem no curral de Cristo e no número do seu rebanho, porque a palavra *habeo* e o título da criação estende-se a todos universalmente⁷⁸, de qualquer seita e de qualquer nação que sejam. Assi o disse, pontual e expressamente, **no salmo 85⁷⁹**: *omnes gentes quascumque fecisti venient, et adorabunt coram te domine* [Trad. 16]. Virão (diz) todas
 25 as gentes a adorar o Senhor, e por que se não duvidasse quantas e quais, explicou⁸⁰ o termo universal *omnes gentes* com outro igualmente universal, *quascumque fecisti*, porque todas as gentes e nações que Deus fez e criou neste mundo, e são já suas pelo título da criação, o serão também pelo da fé, obediência e adoração: *omnes gentes quascumque fecisti venient et adorabunt coram te*.
 30

81 *Et illas oportet me adducere*. Todas estas ovelhas que Cristo tem, enquanto Criador, diz que lhe importa traze-las ao seu rebanho, enquanto Redentor. E é cousa rija que diga o Onnipotente que lhe importa traze-las à sua sujeição, e que duvidemos nós que o haja de fazer. Mas porque se duvida da *inteligência da promessa, ajuntemos a ela
 35 o testemunho de S. Paulo, não por diferente palavra, senão pela mesma, *oportet*: *Oportet autem illum regnare donec ponat omnes inimicos suos sub pedibus eius* [Trad. 17]. Diz o

70 [fl. 157r.]

71 porque] [segue-se não risc.]

72 a Igreja] [entrel.]

73 encontrar] [segue-se as risc.]

74 as] [no original as/ as ,por duplicação evidente.]

75 resplandecente...glória] [na marg. a substituir cerca de duas linhas de texto risc.]

76 de Cristo] [na marg.]

77 [94 em BN. § 179 na ed. de HC. Aqui, a frase latina faz ainda parte do parágrafo anterior.]

78 universalmente] [na marg.]

79 85] [a indicação de número não figura em BN, onde existe um espaço em branco. O preenchimento desta lacuna é feito a partir de TT.]

80 explicou] [seguem-se duas palavras risc.]

81 [95 em BN. § 180 na ed. de HC.]

5

10

...por meyo **da sua voz.**

15

20

...por estas **grandes** palavras:...

25

...qualquer lingua **& seita** que seja...

30

E de **todas assy chamadas & convertidas, & feitas**⁸ ovelhas do mesmo Christo...

35

40

45

⁸ ...tidas assy chamadas & convertidas, & feitas...] [*leitura errada da lição de TT ...todos assy chamados e convertidos e feitos ovelhas...*].

Apóstolo, no capítulo 15⁸² da Epístola aos Coríntios, que lhe importa a Cristo estender, amplificar e inteirar o seu reino até sujeitar e pôr debaixo dos⁸³ pés todos seus inimigos, os quais inimigos são todo o género de infieis, que não crêem nem adoram a Cristo, antes, por diversos modos, o negam, impugnam e perseguem, fazendo guerra a seu reino e a sua Igreja; e estes todos diz S. Paulo que há-de pôr Cristo a seus pés, fazendo que o conheçam, obedeçam⁸⁴ e adorem, e que assi importa à⁸⁵ grandeza e majestade de seu reino, que é o mesmo que Cristo⁸⁶ significa dizendo: et illas oportet me adducere, senão que S. Paulo fala em metáfora militar e Cristo em metáfora pastoril: S. Paulo chama-lhe inimigos pelo que são, e Cristo chama-lhe ovelhas pelo que hão-de ser.

⁸⁷ *Et vocem meam audient.* Depois de Cristo dizer que lhe importa trazer ao seu rebanho estas ovelhas que tem fora dele, sinala o modo com que as há-de trazer, que é por meio de sua voz. E porque nem todos os chamados acodem à vocação⁸⁸ da voz de Deus, assegura também o Senhor que a vocação há-de ser eficaz, e que a sua voz há-de ser ouvida e obedecida, que isso quer dizer *et vocem meam audient.* Donde se deve muito advertir e ponderar que, assi como⁸⁹ a cláusula *et alias oves habeo quas non sunt ex hoc ovili* se entende de todos os infieis, assi também esta *et vocem meam audient* se entende de todos. Expressamente o afirma assi Isaías, ou o mesmo Cristo por ele⁹⁰, falando desta mesma voz e desta⁹¹ mesma conversão universal, no⁹² capítulo 45⁹³, por estas admiráveis palavras: Convertimini ad me et salvi eritis omnes fines terrae, quia ego Deus⁹⁴ et non est alius. In memetipso iuravi. Egredietur de ore meo iustitiae ver⁹⁵ bum, et non revertetur, quia mihi curvabitur omne genu et iurabit omnis lingua [Trad. 18]. De maneira que, falando Cristo da conversão universal de todo o mundo: convertimini ad me omnes fines terrae, diz, afirma e jura que esta vocação⁹⁶ e esta voz com que há-de chamar a todos será eficaz e efficacíssima (que isso quer dizer em frasi propria da Escritura: Egredietur de ore meo verbum et non revertetur) e em prova e demonstração desta eficácia, acrescenta que todo o joelho se há-de dobrar deante dele, e que toda a língua o há-de confessar, isto é, que não há-de haver gente ou⁹⁷ nação, de qualquer língua ou seita que seja, que não acuda à voz de Cristo, e se converta e o adore. E de todos, assi chamados e convertidos, e feitos ovelhas do mesmo Cristo, se fará o seu rebanho e o seu curral.

⁹⁸ *Et fiet.* Esta palavra, com ser ùa só, significa a certeza, e juntamente a dilação, desta grande obra que Cristo promete, a qual diz que se fará, porque sem dúvida se há-de fazer, e diz também que se fará porque será necessário muito tempo e muito trabalho

⁸² 15] [sublinhado no original.]

⁸³ dos] [segue-se seus risc.]

⁸⁴ obedeçam] [no original obeçam, por lapso evidente.]

⁸⁵ à] [no original à à, por duplicação evidente, motivada pela mudança de linha.]

⁸⁶ Cristo] [seguem-se duas letras risc.]

⁸⁷ [96 em BN. § 181 na ed. de HC.]

⁸⁸ vocação] [aparentemente voccação, com o primeiro c risc.]

⁸⁹ como] [segue-se a palavra risc.]

⁹⁰ por ele] [na marg.]

⁹¹ desta] [muda para fls 220r em TT.]

⁹² no] [segue-se capítulo risc.]

⁹³ 45] [sublinhado no original.]

⁹⁴ Deus] [seguem-se duas letras risc.]

⁹⁵ [fl. 157v.]

⁹⁶ vocação] [segue-se uma palavra risc.]

⁹⁷ ou] [no original vê-se apenas uma letra risc. e um l. A reconstituição é feita a partir de TT.]

⁹⁸ [97 em BN. § 182 na ed. de HC.]

5

...porque **se**⁹ **a** **dilação** & tardança...

10

...**que** depois de David acabar...

15

...o ultimo & **consumadissimo** fim de...

20

25 ...& ponderar **outras** vezes...

30 ...na união **a**¹⁰ **unidade** da mesma fee...

...ratificar o **mesma**¹¹ que tinha dito...

35 ...& **de que** todos viverão...

40

45

⁹ se] [*leitura errada da lição de TT ve.*].

¹⁰ a] [*leitura errada da lição de TT e.*].

¹¹ mesma] [*leitura errada da lição de TT mesmo.*].

para se fazer. E bem se vê, pois, havendo mil e seiscentos anos que trabalham nela todos os ministros do Evangelho, ainda não está feita. Tudo notou admiravelmente David no salmo 71: notou a certeza do *fiet*⁹⁹, dizendo: Dominabitur a mari usque ad mare et a flumine usque ad terminos orbis terrarum; adorabunt eum omnes reges terra omnes gentes servient ei [Trad. 19]; e notou também a dilação do mesmo *fiet*, acabando o salmo com estas palavras: Replebitur magestate eius omnis terra. Fiat, fiat [Trad. 20]. Diz duas vezes, *fiat, fiat*, porque **vê a dilação** e tardança que há-de haver em se fazer, e porque, consistindo a perfeição da obra na fé e união dos dous povos, para a conversão do Povo Gentílico é necessário um *fiat* de Deus, e para a conversão do Povo Judaico é necessário outro *fiat*; onde se deve ponderar, como cousa sem exemplo semelhante em toda a Escritura, **que é:** depois de David acabar o salmo com as ditas palavras *fiat, fiat*, acrescentou por baxo: defecerunt laudes David [Trad. 21], aqui se acabaram os louvores de David, porque, como este há-de ser o **non plus ultra* das obras de Deus e o último e **consumado** fim de suas misericórdias, assi não podem passar daqui os louvores dos¹⁰⁰ Profetas, nem David, depois de dizer isto, tem mais que dizer.¹⁰¹

¹⁰² *Unum ovile.* O que diz Cristo que se há-de fazer é um só rebanho e um só curral, no qual se recolham, em união da mesma fé e em obediência de Cristo, ambos os povos, e neles todos os do mundo. Assi estava já escrito no salmo 101¹⁰³: In conveniendo populos in unum et reges ut serviant ei [Trad. 22]. Falando Cristo da união dos dous povos em um, não se podia profetizar o mesmo com maior propriedade de palavras que dizer: in conveniendo populos in unum. Mas, ainda S. Paulo comentou mais expressamente o texto de Cristo, porque declarou em que há-de consistir esta união universal, que é na unidade da fé. Assi o diz, no capítulo 4^o¹⁰⁴ da Epístola aos Efésios, com aquele grande texto já referido, e que necessariamente se há-de repetir e ponderar **muitas** vezes: Donec occurramus omnes in unitatem fidei et agnitionis filii Dei,¹⁰⁵ ut iam non simus parvuli fluctuantes et circumferamur omni vento doctrinae in nequitia hominum in astutia ad circumventionem erroris [Trad. 23]. Nas quais palavras, diz S. Paulo por termos afirmativos¹⁰⁶ ùa cousa, e por termos negativos outra, com que mais se confirma a primeira: por termos afirmativos diz que todos os homens¹⁰⁷ se hão-de unir, concordar e ajuntar na união e **unidade** da mesma fé e conhecimento do filho de Deus, e por termos negativos diz que neste tempo não haverá erro¹⁰⁸ nem variedade na mesma fé, nem os homens seguirão outras doutrinas diversas, senão a que ela ensina, que é novo e mais apertado modo de exprimir e ratificar o **mesmo** que tinha dito, e¹⁰⁹ nova confirmação de não haver naquele tempo seita, escola ou congregação de gente que ensine e professe o contrário da Lei de Cristo, e **que** todos viverão dentro do seu curral

⁹⁹ do *fiet*] [na marg. a substituir várias palavras risc. na linha.]

¹⁰⁰ dos] [segue-se homens risc.]

¹⁰¹ Onde se deve...mais que dizer.] [na marg.]

¹⁰² [98 em BN. § 183 na ed. de HC.]

¹⁰³ 101] [sublinhado no original.]

¹⁰⁴ 4^o] [sublinhado no original.]

¹⁰⁵ Dei.] [segue-se cerca de uma linha de texto risc.]

¹⁰⁶ afirmativos] [a palavra foi desenhada sobre outra, encontrando-se as últimas letras riscadas e substituídas por -vos, entrel.]

¹⁰⁷ homens] [seguem-se uma ou duas letras risc.]

¹⁰⁸ erro] [segue-se na mesma risc.]

¹⁰⁹ novo e mais...tinha dito e] [na marg.]

5

10

15

20

...in mense uno. Quer dizer...

25

...& a outro Atadura:...

...O mysterio da¹² serem dous...

30

...in mense uno. Estes três pastores...

...o Judaismo & o Gentilismo...

35

...as três species de infidelidade... ...à Ley & verdadeira fee de Christo...

40

45

¹² da] [*leitura errada da lição de TT de.*].

e¹¹⁰ pertencerão ao seu rebanho, e de que este¹¹¹ será um só e único: Unum ovile.

112 *Et unus pastor.* Também nesta última cláusula temos comentador sagrado e canónico, que é o Profeta Ezequiel, no capítulo 37¹¹³, onde diz, falando de Cristo debaixo do nome de David: et servus¹¹⁴ meus David Rex super eos et pastor unus erit omnium eorum [Trad. 24], isto é, de um e outro povo unido, como entendem comumente os expositores, só com diferença de que uns têm este sentido, naquele lugar, por literal, outros por alegórico. E nota sinaladamente o Profeta que não será pastor¹¹⁵ de parte, senão¹¹⁶ de todos: omnium eorum, para verdadeiramente ser pastor um e único: Pastor unus erit. ¹¹⁷No capítulo 11¹¹⁸ do Profeta Zacarias, está, ainda mais largamente e com mais circunstâncias, comentado ou historiado este futuro estado da Igreja, em que Cristo há-de acabar de ser único pastor de todo o mun¹¹⁹do, lançando e extinguindo dele todos os outros falsos pastores, que, com especie de sustentarem e guiarem as ovelhas, as destruíam, matavam e perdiam. A primeira cousa que ouviu o Profeta foi o pranto e alarido dos mesmos pastores¹²⁰: Vox ululatus pastorum, e dando a causa, acrescenta:¹²¹ quia vastata est magnificentia eorum [Trad. 25], porque então verdadeiramente se acabará o séquito, o aplauso, o nome e a veneração e estimação que tinham os falsos pastores na opinião das gentes cegas que os seguiam, e a magnificência de seus ministros, templos, sacerdotes, etc. E logo, falando o Profeta em nome de Cristo, diz: Pascam pecus occisionis propter hoc o pauperes gregis, et assumpsi mihi duas virgas unam vocavi decorem et alteram vocavi funiculum et pavi gregem, et succidi tres pastores in mense **uno, et contracta est anima mea in eis siquidem et anima eorum variavit in me** [Trad. 25]. Quer dizer que, compadecendo-se Cristo da miséria das pobres ovelhas e da crueldade e tirania com que eram mortas e destruídas, se resolveu ele a ser o que as apascentasse, como seu verdadeiro pastor, e que para isso fez dous cajados, a um dos quais chamou *fermosura*, e ao outro *atadura*: unam vocavi decorem, alteram vocavi funiculum. O **mistério de serem dous os cajados é serem também dous os rebanhos e dous os povos que Cristo havia de ajuntar, e por isso mesmo deu a um nome de fermosura e ao outro de atadura, porque então havia de ficar o seu rebanho formoso quando todo ficasse unido.**¹²² Desta maneira, diz o Senhor que apascentou todo o rebanho: et pasci gregem; e porque nem ele o podia apascentar todo nem ser no mundo único pastor sem serem lançados e extinguidos dele todos os outros pastores, acrescenta que em um mês matou três: et succidi tres pastores in mense **uno, havendo-se endurecido a minha alma contra eles (diz o Senhor) porque a sua havia variado contra mim.**¹²³ Estes três pastores são o Judaísmo, o **Gentilismo** e a Heresia, que são as três **espécies várias**¹²⁴ de infidelidade, ou os três géneros dela, contrários à lei e fé de

¹¹⁰ e] [segue-se que risc.]

¹¹¹ e de que este] [na marg. a substituir e que risc. na linha.]

¹¹² [99 em BN. § 184 na ed. de HC.]

¹¹³ 37] [sublinhado no original.]

¹¹⁴ [muda para fls. 220v em TT.]

¹¹⁵ pastor] [entrel.]

¹¹⁶ senão] [entrel.]

¹¹⁷ [§ 185 na ed. de HC.]

¹¹⁸ 11] [sublinhado no original.]

¹¹⁹ [fl. 158r.]

¹²⁰ o pranto...pastores] [na marg.]

¹²¹ e dando a causa, acrescenta:] [na marg.]

¹²² unido.] [segue-se e porque risc.]

¹²³ havendo-se...mim] [na marg.]

¹²⁴ várias] [na marg.]

...aquelles que não **seguem a fee catholica**;...

5

...natural & **germano** sentido...

...Christo **disse** naquellas palavras **o que avia &** determinava fazer...

10 ...& decreto he o que **está revellado nos Profetas, como acabamos de mostrar & pellos textos que allegaremos** nas questoens seguintes contará com mayor clareza.

Questão 13ª.

15

Cristo, debaixo de cada um dos quais há outros tantos rebanhos, em que são compreendidos todos aqueles que não têm a verdadeira fé católica¹²⁵; e extinguidos e lançados do mundo estes três pastores, logo se segue e consegue ficar Cristo sendo o único pastor de todo ele: et unus Pastor.

5 ¹²⁶ Assi que, combinadas as palavras do texto de Cristo com as dos Profetas da Lei escrita e da graça (que só podem ser intérpretes com evidência nas matérias que pertencem ao futuro), da consonância de ùas e outras se colhe e conclui,¹²⁷ ao que parece, que o verdadeiro, próprio, natural e genuíno sentido do texto de Cristo é o que seguimos na nossa conclusão, porque Cristo não devia¹²⁸ dizer naquelas palavras senão
10 o que determinava fazer, e esta determinação e decreto é o que acabamos de mostrar que está revelado nos Profetas, e por muitos outros textos de todos eles que já temos referido e ainda alegaremos nas questões seguintes, constará com maior clareza.¹²⁹

15 Só resta responder a ùa autoridade de S. Paulo, que Maldonado alega ou alude, que em tudo o mais a firmeza da sua opinião vai sobre sua palavra.

¹³⁰ A autoridade de S. Paulo é a que¹³¹ referimos no último lugar da questão precedente, tirada do segundo capítulo da Epistola ad Ephesios, onde diz S. Paulo que reconciliou Cristo, por meio do seu sangue e da sua cruz, o Povo Gentílico com o Judaico, e que, tirando a parede e divisão que havia entre um e outro, fez de
20 ambos um só, unindo-os entre si e com o mesmo Cristo: Nunc autem in Cristo Ieso vos qui aliquando eratis longe facti estis prope in sanguine Christi, ipse enim est pax nostra, qui fecit utraque unum medium parietem materiae solvens [Trad. 26]. Mas deste texto de S. Paulo só se colhe a verdade da primeira parte da opinião de Maldonado, em que afirma isto mesmo e em que nós concordamos com ele, mas
25 não a segunda, em que nega ser o sentido das palavras de Cristo o que nós acabamos de explicar e comentar. E pois por um texto de S. Paulo lhe concedemos a primeira parte da sua conclusão, rezão será que por tantos de tantos Profetas, e do mesmo S. Paulo, nos não negue a segunda da nossa. Cristo desfez ùa cousa e diz que há-de fazer outra, e ambas confessamos: a que desfez é a parede e divisão que
30 havia entre o Povo Gentílico e Judaico: medium parietem solvens, e a que há-de fazer é que no mundo haja¹³² um só curral e um só pastor: fiet¹³³ unum ovile et unus pastor. Nem faz contra este futuro aquele pretérito de S. Paulo: qui fecit utraque unum, porque a união que então começou a fazer Cristo entre os dous povos, *ainda que, *meritorie et legaliter*, foi logo perfeita, efectiva *et exercitem*, não
35 foi mais que incoada, e se foi depois e vai continuando hoje, e irá sempre até que seja completa e consumada. E assi lemos no mesmo texto de S. Paulo que, depois de ter dito de pretérito: qui fecit utraque unum, diz logo imediatamente de futuro: ut reconciliet ambos in uno corpore. E quando ambos os povos assi estiverem

¹²⁵ católica] [segue-se os risc.]

¹²⁶ [100 em BN. § 186 na ed. de HC.]

¹²⁷ conclui,] [segue-se uma palavra risc.]

¹²⁸ devia] [segue-se de risc.]

¹²⁹ clareza.] [segue-se uma marca:], que poderá significar abertura de parágrafo ou anulação, uma vez que o conteúdo do resto deste fólio não figura em TT.]

¹³⁰ [101 em BN.]

¹³¹ a que] [na marg.]

¹³² haja] [segue-se uma palavra risc.]

¹³³ fiet] [na marg.]

completamente reconciliados e unidos entre si e em Cristo, então serão eles *unum ovile* e Cristo *unus Pastor*.

5

10

15

20

25

30

35

40

NOTAS

5

[Trad. 1] “...e haverá um só rebanho e um só pastor”. Cf. Trad. 2.

10

[Trad. 2] “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste curral. Preciso de as conduzir também. Elas hão-de ouvir a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor”. João 10: 16.

[Trad. 3] “Porá as ovelhas à sua direita e as cabras à sua esquerda”. Mateus 25: 33.

15

[Trad. 4] “Quando já está cheia, os pescadores puxam-na para a praia e sentam-se a escolher o peixe: o que é bom deitam-no em cestos, e atiram fora o que não presta”. Mateus 13: 48.

20

[Trad. 5] “Vocês agora são diferentes, renovados de acordo com a imagem do próprio Deus e criados por ele para o conhecerem. Assim, não se irá pôr mais a questão de ser ou não ser judeu, de estar circuncidado ou não, de ser ou não civilizado, estrangeiro, escravo ou livre, pois Cristo é tudo e está em todos”. Colossenses 3: 10-11.

[Trad. 6] “[ser] sempre o pior intérprete da Escrituras”.

25

[Trad. 7] “Retirai a gente pérfida de entre os crentes, de forma a que um pastor nos reja a todos num único rebanho”. “Hino de Todos os Santos”.

30

[Trad. 8] “Quando Jesus acabou de dizer estas coisas, uma mulher da multidão levantou a voz e disse: “Feliz a mulher que te deu à luz e te amamentou”. Lucas 11: 27.

35

[Trad. 9] Vieira atribui as expressões a um Profeta e a um Poeta, respectivamente, não identificados. Embora não possamos identificá-los com segurança, o contexto permite avançar as seguintes traduções, respectivamente: “...é um só e não existe outro”; “Eu sou o único que conduzo as ovelhas para o curral”.

40

[Trad. 11] “O Senhor reinará sobre toda a terra. Todos o adorarão como único Deus e só a ele reconhecerão como Deus”. Zacarias 14: 9.

45

[Trad. 12] A indicação de Vieira encontra-se errada. O passo citado é do capítulo 2 e não do capítulo 45. “O orgulho das pessoas será humilhado e a sua altivez será esmagada. Naquele dia, só o Senhor será vitorioso. E todos os ídolos desaparecerão”. Isaías 2: 17-18.

[Trad. 13] Cf. supra Trad. 2.

[Trad. 14] “Diz-me, amor da minha vida! Onde apascentas o teu rebanho? Onde o recolhes ao meio-dia? Para eu não andar vagueando, atrás dos rebanhos dos teus

colegas. Se o não sabes, ó formosa entre as formosas, segue as pisadas do rebanho e vai apascentar os teus cabritos junto das cabanas dos pastores”. Cântico dos Cânticos 1: 7-8.

[Trad. 15] Cf. supra Trad. 2, nesta e nas restantes cláusulas comentadas.

5

[Trad. 16] “Ó Senhor, tu formaste todas as nações, e elas apresentam-se diante de ti para prestar homenagem ao teu nome”. Salmos 86: 9.

10

[Trad. 17] “Pois é preciso que Cristo tome conta do Reino até Deus sujeitar todos os inimigos ao seu domínio”. I Coríntios 15: 25.

15

[Trad. 18] “Voltem-se para mim e sereis salvos, os que habitais nos confins da terra, pois eu sou Deus e não há nenhum outro. Juro por mim mesmo e o que digo é verdadeiro, pois a minha palavra não muda! Toda a gente, de joelhos, me fará um juramento de fidelidade e dirão...”. Isaías 45: 22-23.

20

[Trad. 19] “Que ele domine dum mar ao outro, do rio Eufrates ao extremo da terra... Todos os reis se curvarão diante dele; todas as nações o servirão!”. Salmos 72: 8, 11.

[Trad. 20] “Bendito seja para sempre o seu nome glorioso e que toda a terra se encha da sua glória! Ámen! Ámen!” Salmos 72: 19.

25

[Trad. 21] “Aqui terminam as orações da colecção de David, filho de Jessé”. Salmos 72: 20.

[Trad. 22] “...quando os povos de todas as nações se reunirem para adorar o Senhor”. Salmos 102: 23.

30

[Trad. 23] “Assim, poderemos viver todos unidos pela fé e pelo conhecimento do Filho de Deus. Seremos pessoas adultas, conseguindo aquela medida de perfeição que Cristo nos apresenta. Já não nos comportaremos então como crianças que andam ao sabor do vento e das ondas. Não nos deixaremos enganar pelas artimanhas inventadas pela esperteza daqueles que se armam em mestres”. Efésios 4: 13-14.

35

[Trad. 24] “Um rei semelhante ao meu servo David será o seu rei, como único pastor de todos eles; e eles hão-de obedecer às minhas leis com fidelidade”. Ezequiel 37: 24.

40

[Trad. 25] A citação de Vieira não é linear: começa pelo versículo 3 e, mais abaixo, retoma o versículo 4, que liga, sem qualquer indicação, aos versículos 7 e 8:

“Ouve-se o lamento dos pastores, porque foi destruída a riqueza dos seus pastos. Sente-se o rugir dos leões, porque desapareceu a riqueza à beira do Jordão! O Senhor, meu Deus, disse-me: “Cuida das ovelhas destinadas ao matadouro”. Zacarias 11: 3-4.

45

“Pus-me então a cuidar das ovelhas que os seus compradores destinam ao matadouro. Usei dois cajados de pastor. Chamei a um “Benevolência”, ao outro “União” e apascentei o rebanho. Num só mês mandei embora os seus três pastores. Desgostei-me com as minhas ovelhas e elas também se desgostaram comigo”. Zacarias 11: 7-8.

- 5 [Trad. 26] “Mas, se antes estavam longe, agora, por meio da morte de Cristo, estão perto dele. Cristo é a nossa paz: de dois povos separados fez um só povo. Com a sua morte ele destruiu o muro que os separava e os tornava inimigos um do outro. Aboliu a lei judaica com os seus preceitos e tradições para que, unidos nele, judeus e não-judeus pudessem formar uma humanidade nova, vivendo em paz. Pela sua morte na cruz, Cristo destruiu o ódio que os dividia e fez deles um só corpo, reconciliando-os com Deus”. Efésios 2: 13-16.

